

|

UM HABITANTE
DE
DOIS PLANETAS

PHYLOS

(Assinatura de Phylos, em caracteres atlantes)



PHYLOS, O TIBETANO

(Também chamado Yol Gorro, autor deste livro)

UM HABITANTE
DE DOIS
PLANETAS

ou
A Divisão do
Caminho

Phylos o Tibetano

,11 ,11

COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO
Charles Vega Parucker
Grande Mestre

BIBLIOTECA ROSACRUZ

**ORDEM ROSACRUZ, AMORC
GRANDE LOJA DA JURISDIÇÃO
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Título do original: A Dweller on Two Planets

1. Edição em Português, 1994

ISBN -85-317-0144-9

**Direitos autorais em 1952, por
Borden Publishing Co.**

Proibida a reprodução em parte ou no todo

Traduzido, composto, revisado e impresso na
Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa
Rua Nicarágua, 2.620 — Bacacheri
Caixa Postal 307 - Tel.: (041) 356-3553
8001-970 - Curitiba - PR

*Isso é antes da vinda de um novo
Céu e de uma nova Terra, onde
reinará o Príncipe da Paz para todo
o sempre, quando o Antigo tiver
passado, pois eis que na Terra nada
há de mais grandioso que o homem;
e no homem nada há de mais
grandioso que a mente. . .*

ÍNDICE

LIVRO 1

CAPÍTULO I	29
Atlântida, Rainha do mar e do mundo. A peregrinação de Zailm ao topo do Pitach Rhok para adorar a Divindade. Ele encontra ouro. A erupção vulcânica. Ele é quase alcançado pelo rio de lava, mas escapa.	
CAPÍTULO II	45
Caiphul, Capital da Atlântida; seu povo, sua forma de governo; a política e as maravilhosas invenções mecânicas. Excertos de leis trabalhistas. Sistema de trânsito eletródico.	
CAPÍTULO III	61
Zailm determina seu curso de estudos, conforme acredita ser o que Incal comandou.	
CAPÍTULO IV	65
A ciência física como é compreendida pelos poseidianos, e seus princípios básicos. "Incal Malixetho", isto é, "Deus é imanente na Natureza", foi o primeiro. A isto acrescentou-se "Axté Incal Axtuce Mun", significando "Conhecer Deus é conhecer todos os mundos". Eles afirmavam que uma Única Substância existia e só Uma Energia - Incal externalizado e Sua Vida em ação em Seu Corpo. Aplicando este princípio ao trabalho científico obtiveram a navegação aérea sem combustível nem velas, fazendo a volta ao globo em um dia, a transmissão de som com a imagem do emissor, a condução de calor sem energia a qualquer distância sem ligação material, a obtenção de metais transmutados por ação elétrica, água tirada da atmosfera, latas e muitas outras técnicas eram comumente usadas (algumas delas já estão sendo redescobertas, mas o leitor deve lembrar que este livro foi terminado em 1886, quando o mundo moderno não as conhecia. O Raio Catódico só foi descoberto em 1896).	
CAPÍTULO V	71
A vida de Zailm em Caiphul. O Rai das Leis do Maxin. Encontro com o profeta. Visita ao Palácio e uma entrevista com o Imperador.	
CAPÍTULO VI	87
Nenhum bem pode perecer. Sinopse da origem dos poseidianos.	
CAPÍTULO VII	91
Religião dos poseidianos. "Não fecheis as Extremidades de Minha Cruz" (ilustração).	

CAPÍTULO VIII.....	95
Uma Grave profecia sobre o futuro de Zailm.	
CAPÍTULO IX	101
A cura do crime. Zailm convocado à corte de justiça como testemunha.	
Tratamento dos criminosos.	
CAPÍTULO X	107
Zailm é convidado a ser Secretário dos Registros, colocando-se em íntimo contato com o Rai e todos os Príncipes. Ele aceita. Recebe a incumbência de fazer uma visita de cortesia a Suern, nação mais avançada no conhecimento místico do que Poseid.	
CAPÍTULO XI	117
Narração da Princesa Lolix sobre uma demonstração de poder Mágico.	
CAPÍTULO XII.....	129
O inesperado acontece. O Príncipe Menax revela sua afeição por Zailm e pede que ele se torne seu filho.	
CAPÍTULO XIII	135
A linguagem da Alma.	
CAPÍTULO XIV	137
Adoção de Zailm. Descrição do Incalithon ou Grande Templo -O Incalix Mainin. O Rai do Maxin. Estabelecimento do Maxin ou Fogo Perene de Incal no Livro da Lei. Rai Gwauxln e Incalix Mainin, "Filhos da Soütude".	
CAPÍTULO XV	145
A mãe de Zailm o abandona e volta às montanhas. Febre cerebral. O vaso de vidro maleável para Ernon, Rei de Suern, com uma inscrição em poseidano.	
CAPÍTULO XVI	153
A viagem aérea para Suern. Despedida a duas milhas acima da terra firme. A tempestade. Horizontes de trezentas e cinqüenta milhas. Esperando o fim da tormenta. Amigos em casa aparecem no espelho do Naim. Os Suernis, povo estranho e irascível, rebelando-se contra o governo dos Filhos da Solitude, que tentaram elevá-los. Morte do Rai Ernon. Seu corpo, por ordem do Rai Gwauxln, levado a Caiphul para passar pelo Fogo Perene.	
CAPÍTULO XVII	171
Impressionante funeral do Rai Ernon, com a presença dos Filhos da Solitude.	
CAPÍTULO XVIII	173
O Rai Gwauxln confere a suzerania sobre a Terra de Suern a Zailm. Este hesita, pois ainda não se formou no Xioquithlon, mas o Imperador lhe promete que o Governador que Zailm nomeasse para os Suernis executaria suas funções até que Zailm pudesse assumir legalmente seu cargo; Zailm aceita a honra quase imperial,	

sendo dispensado para completar a viagem de recreio interrompida pela morte de Ernon. Eles visitam as colônias poseidianas de Umaur (na América de hoje). Descrição do passeio. O Grande Canyon do Colorado não é meramente o produto gradual da ação do tempo, <la água e das intempéries, mas de uma formação repentina por causa de uma erupção vulcânica. "A mão de Plutão foi seu principal artesão". 12.000 anos atrás ele *viu* um mar cobrir aquela região, e "fugir para o Golfo da Califórnia". Visita ao edifício no alto do maior dos três picos Tetons em Idaho, redescobertos pelo Professor Hayden numa expedição que mostrou ao mundo a famosa região de Yellowstone. O prof. Hayden fora um poseidano. Visita às minas de cobre. Incalia, no Oeste da cadeia de montanhas hoje conhecida como as Montanhas Rochosas. A caminho de casa pelo Leste, depois pelo Sul. Deixando o reino do ar pelo oceano a uma milha por minuto (ilustração). Censurado pelo pai, através do Nailm, por sua imprudência.

CAPÍTULO XIX 185

De volta ao lar. O problema de instruir os Suernis. Esse povo, tendo perdido seu aparente poder mágico, requer instrução nas artes da vida. Zailm e seus vice-regentes realizam esse plano. Os últimos registros desse povo podem ser encontrados na história da raça judaica. Morte do pai de Lolix; sua indiferença ao ouvir a notícia. A consciência começa a adormecer.

CAPÍTULO XX 191

Duplicidade. Formatura no Xioquithlon. Festividades em honra dos formandos. Tristeza do Imperador pelos erros do sobrinho.

CAPÍTULO XXI 195

O erro de toda uma vida. A exigência do carma. Remir não é desfazer. Cristo remiu -nós devemos desfazer. Reencarnação é expiação.

CAPÍTULO XXII 199

Zailm pede Anzimee em casamento. Ela confia a feliz notícia a Lolix, que desmaia mas não trai o segredo de Zailm e dela. Num encontro, ela abre mão dele para o seu outro amor, mas o choque desequilibra sua mente e de noite aparece diante da assembleia reunida no Grande Templo, onde ocorre uma cena surpreendente que termina com a morte dramática de Lolix pelas artes mágicas do Grão-Sacerdote.

CAPÍTULO XXIII 211

Testemunha de acusação. Remorso de Zailm. Fugindo em seu vailx, fica vagando três meses com a alma em agonia, o que o faz separar-se do corpo. Encontrando Lolix, ele chora por ela e pelo filho de ambos. Então uma gloriosa radiância ilumina a cena, e *Aquele* que ele vira antes está junto dos dois e lhes dá repouso. (Ilustração.) Finalmente ele volta para casa e fica sabendo que o pai morreu de dor, imaginando-o morto. O choque de seu inesperado regresso

quase causa a morte de Anzimee. Confissão a Anzimee, que o perdoa. Partida para as minas de Umaur do Sul. Geração elétrica de água. Perda do vibrador do naim, impedindo as comunicações com o mundo. Encontro da casa na caverna. Zailm fica preso na casa. Visita astral de Mainin, o Alto Sacerdote. Este promete enviar ajuda, mas volta mais tarde para zombar de Zailm, blasfemando contra a Divindade. Surge um glorioso visitante, que exila Mainin para as trevas exteriores. Ele concede a Zailm "Paz e o Sono" (a Morte).

CAPÍTULO XXIV 231

Acordando no astral, ele volta ao acampamento. Conseguindo fazer seus homens compreenderem que devem retornar a Caiphul, volta para lá através da vontade para ser saudado pelo Imperador, que é o único a podervê-lo e que exclama: "O que! Zailm morto! Morto!" Entrada no Devachan e na "vida" deste. Referências a vidas terrenas anteriores. Completa o Devachan e reencarnação na terra.

LIVRO 2

INTERLÚDIO 251
Sete Cenas do Monte Shasta.

CAPÍTULO I 259

Com a personalidade de Walter Pierson, cidadão americano que ficou órfão na infância, trabalhou como marinheiro e foi soldado na Guerra da Secesão. Depois, mineiro na Califórnia. Companheirismo de Quong, o chinês, e excursões nas montanhas. Conversas filosóficas. Encontro com o urso cinzento e testemunho de sua obediência às ordens de Quong.

CAPÍTULO II 269

A Irmandade Lotiniana. Chamamento de alguém que está no caminho errado. A nota mística. Oferta de compra da sua mina. Motivo: o desejo de ir para "casa". O puma e a corça. Visita ao Sagum do Monte Shasta. Descrição do local.

CAPÍTULO III 287

Uma fala pentecostal do Mestre Mendocus. Cerimônias de invocação. Um visitante de Pertoz, Mol Lang, "vindo para induzir um dos irmãos, Quong, a ir para a "terra dos que partiram" e Walter Pierson, ou Phylos, a ir para casa com ele.

CAPÍTULO IV 305

Visita a uma pessoa que goza das recompensas da vida astral. "O que o homem semeia deve colher". Visita a uma casa devachânica. Retorno temporário à Terra. Diferenças entre conceitos devachânicos. *Quem* era a filha?

CAPÍTULO V 325

O lar de Mol Lang em Hesper. "É bom estar de novo em casa". Encontro com Phyris, seu *alter ego*.

CAPITULO VI	331
Os ensinamentos de Sohma. Os melhores métodos. A chave de ioda a sabedoria. As criações mentais de Phyris. A biblioteca. Livros irtransportados da Terra para Hesper (Vênus). Lentes mágicas. Cultivo mágico de frutos pelo poder do símbolo.	
CAPÍTULO VII	347
A pintura mágica de Phyris, que era uma profecia. Ensinamentos de Mol Lang. Porque é mais errado tirar a vida de um animal que das plantas. "Não podes compensar o animal por suas oportunidades perdidas, mas podes compensar as plantas". Adeus a Mol Lang.	
<)utros habitantes de Hesper. Herdeiro de muitas vidas. A fé substituída pelo conhecimento. Desses é o reino dos céus. Phyris lhe fala de vidas anteriores, mas diz que ele as esquecerá "até que volte". Ela ensina sobre a Crise da Transfiguração. Partindo por algum tempo.	
<.....	APÍ
TULO VIII	361
Acordando no Sagum. Retomando a vida na Terra. "Faze aos outros o que queres que te façam". Venda da mina. Viagem. Encontro com lizzie. Volta para Washington. O casamento.	
(CAPÍTULO IX	369
1 Ima breve retrospectiva. Encontro com o cheia no Hindustão. Mensagem de Mendocus. Lembranças confusas de Hesper. Lembrança <W- uma visita ao Sol com Sohma. As correntes do Navaz. Descontentamento com a vida. Morte das filhas. Viagem por mar cora Elizabeth. Tempestade e naufrágio Morte. De volta a Pertoz. <i>Em casa</i> . A Terra e seus males ficam para trás para sempre, pois o carma foi cumprido.	
CAPÍTULO X	387
retorno depois de longo tempo. Phyris, sua tutora e guia. Criação, um corpo para ser usado em Hesperus. Ensinamento pela Voz <U> Espírito. "Vai ao Recinto Sagrado" (Ilustração).	
CAPÍTULO XI.....	395
"Ser ou não ser, eis a questão!" A grande provação-a tentação enfrentada e vencida.	

LIVRO 3

CAPÍTULO I	407
"Colherás o que semeaste". A percepção.	
«CAPÍTULO II	409
Vitória e Louvor. A <i>Vida</i> terminada. O <i>Ser</i> se inicia.	
CAPÍTULO III	411
Ketrospecção: Phyris e Phylos examinam suas vidas atlantes. Lolix c Elizabeth.	

CAPÍTULO IV	413
O declínio da Atlântida durante vários milhares de anos. Decadência da ciéncia. Navegações aérea e muitos instrumentos científicos esquecidos. Depravação e ruína nacional. Sacrícios de sangue na religião. Introdução do sacrifício humano. O desaparecimento do Livro do Maxin e da Luz Perene. Terremoto e dilúvio, afundamento da Atlântida. Breve exame do tempo de Zailm no continente da Lemúria, eras antes da Atlântida. Cativos imolados aos deuses. Um sacrifício por amor. (Ilustração).	
CAPÍTULO V	427
Falando de carma: "A desumanidade do homem para com o homem".	
CAPÍTULO VI	429
Por que a Atlântida pereceu.	
CAPÍTULO VII	431
A Transfiguração.	
NOTA DO AUTOR.....	433
O PODEROSO CLÍMAX	433

GLOSSÁRIO

NOTA: Os leitores de "Um Habitante de Dois Planetas" devem ter em mente que, na língua atlante ou poseid, a desinência das palavras indicava número e gênero gramaticais. Assim, o singular era indicado pelo equivalente a "a", o plural por "i", o feminino por "u", e a ausência desta desinência indicava masculinidade.

AFAISIMO: equivalente a mesmerismo, mas não o hipnotismo.

ASTIKA: um princípio.

HAZLX: nome de uma das semanas do ano.

CARMA: consequências decorrentes das ações do indivíduo numa vida anterior.

DEVACHAN: a vida após a morte.

FNE: desinência que significa estudo ou estudante.

HSPEID: Éden, edênico.

INCAL: o Sol, também o Deus Supremo.

INCALIZ ou INCAL1X:

INCLUT: primeiro, ou domingo (também Incalon).

INITHLON: colégio dedicado ao ensino religioso.

ITHLON: qualquer construção, como uma casa.

INCALITHLON: o grande Templo.

LEMURINUS, LEMURIA ou LEMORUS: um continente de que a Austrália é o maior remanescente.

MAXIN:	a Luz Perene (não-alimentada) Mo -a ti.
MURUS:	Bóreas (o vento norte, o deus que personificava esse vento).
NAIM:	telefone e televisão combinados.
NAVAZ:	a noite; também a Deusa da Noite; e ainda as forças secretas da Natureza.
NAVAZZIMIN:	o mundo das almas que partiram.
NI:	para.
NAVAMAXA.	fornos de cremação para cadáveres.
NOSSES:	a Lua.
NOSSINITMLON:	asilo de loucos; (lit., casa de pessoas lunáticas).
NOSSURA:	uma ave que imita outras aves.
PITACH:	o cume de uma montanha.
RAI.	Imperador ou monarca, como Rai Gwauxln, que se pronuncia Wallun.
RAINAS:	uma terra governada; como Raina de Gwauxin - Poseid.
RAINU (também) (Astiku):	uma princesa.
SU:	ele foi embora.
SATTAMUN:	deserto, ou terra inculta.
SUERNOTA:	o continente asiático.
SURADA: TEKA,	cantar, ou eu canto.
ou TEKI:	moeda de ouro de Poseid, com valor aproximado de 2.67 dólares.

VAILX:	uma nave aérea.
VHN:	unidade linear de cerca de uma milha.
XANATITHLON:	estufa para flores.
XiO, ou XIOQ:	ciência.
XIORAIN:	a junta de autogoverno de Xioqua.
XIOQUENE:	estudante de ciência.
YSTRANAVU:	a estrela da tarde-, também, quando usada astrológicamente, Phyristunar.
/O:	pronome pessoal, possessivo <i>meu</i> .

APRESENTAÇÃO DA EDITORA

"O propósito desta história é relatar o que conheci pela experiência, e não me cabe expor idéias teóricas. Se levares alguns pequenos pontos deixados sem explicação para o santuário interior de tua alma, e ali meditares neles, verás que se tornarão claros para ti, como a água que mitiga a tua sede. . . "

Este é o espírito com que o autor propõe que seja lido este livro. E chama de *história* o relato que faz de *sua experiência*. Que é história?... Ao leitor a decisão. Que é experiência? Dois componentes: o conjunto das sensações que compõem uma dada situação e a percepção pessoal ou "tradução" individual desse conjunto de sensações. Você já examinou uma pintura feita por uma criança, ou certas pinturas não figurativas feitas por adultos, ou por um psicótico? Se perguntou "que é isso?", ante a resposta, que sentiu? Concordância? Discordância?

Verdade... que é?

Que este livro seja lido pelo fascínio da narrativa, como "lenha atirada à sua fogueira pessoal", alimento para *o seu "fogo"*! Jogue a lenha na sua fogueira e deixe queimar. Os produtos dessa queima -calor e luz- ativarão ou reativarão um processo interno de pensar e sentir em você mesmo, um processo de *ser*, no cadiño da vida.

Conhecer... verdade... quem pode decidir?

PREFACIO DO AMANUENSE

Com a permissão do Autor, cuja carta a mim endereçada segue-se a este prefácio, e para responder as perguntas e satisfazer, na medida em que meu testemunho pessoal o torne possível, todas as mentes inquiridoras, humildemente me apresento para descrever os principais fatos relativos a este livro, que até para mim é notável.

Sou filho único do Dr. Oliver e sua mulher, tendo ambos residido por muitos anos no Estado da Califórnia.

Nasci em Washington, D.C., em 1866, e fui trazido a este Estado por meus pais dois anos depois. Antes de começar a escrever este livro, em 1884, minha educação tinha sido relativamente limitada, abrangendo um conhecimento superficial dos assuntos tratados no mesmo.

Meu pai, médico bastante conhecido, faleceu há alguns anos. Ele e minha mãe foram testemunhas diárias da maioria das circunstâncias e dos fatos ligados à tarefa de escrever esta obra. Mas, a não ser por estas informações, não julgo que deva incluir minha família neste assunto, nem a mim mesmo, a não ser quanto a apresentar-me e esclarecer meu papel de amanuense ou copista.

Sinto que mental e espiritualmente, não passo de uma figura ao lado do Autor das questões grandiosas, profundas, de grande alcance e transcendentais, apresentadas nas páginas que se seguem; leio e as estudo com tanto interesse e proveito quanto qualquer outro leitor. Ao mesmo tempo sinto, sem nenhum sentimento do orgulho natural do Autor de um livro como este, que se trata de uma obra de generoso amor, que ajudará no aprimoramento de um mundo que se esforça para se elevar, sempre em busca de mais luz, e que alimentará os que têm fome de conhecer o grande mistério da vida e da alma em constante evolução, através daquele que disse: "EU SOU O CAMINHO; SEGUE-ME".

Nestes dias marcados pela dúvida, pelo materialismo e até pelo absoluto ateísmo, necessito de toda a minha coragem para afirmar, em termos claros e inequívocos, que o livro "UM HABI-

"TANTE DE DOIS PLANETAS" é uma absoluta revelação; que não creio ser seu Autor, mas que uma dessas pessoas misteriosas, um adepto do arcano e do oculto no universo, se meus leitores assim preferirem chamá-lo, é seu verdadeiro Autor. Isto é um fato. O livro foi revelado a mim, um menino; um menino, sim, cujos pais eram tão liberais que o deixavam lazer o que desejasse, na maioria das vezes. Sem que me faltasse inclinação para o estudo, mas, por faltar-me força de vontade, continuidade e energia, obtive muito pouco no campo dos triunfos acadêmicos, sendo ásperamente criticado por meu professor como "lânguido e até preguiçoso". Por consequência, quando "Phylos, o Esoterista" me tomou ativamente aos seus cuidados, escolhendo-me para ser seu instrumento neste mundo, esse profundo adepto demonstrou o , que parece uma fé rara, pois eu era desprovido de uma educação sólida segundo os moldes usuais e não tinha tendência religiosa especial, tendo para recomendar-me apenas o desejo e o amor pelo insólito e uma mente razoável.

Durante um ano, meu preceptor oculto me educou através de "conversas mentais", e a tal ponto minha mente ficou ocupada i com os muitos pensamentos novos com que ele me inspirava que ; eu não mais prestava atenção ao meu ambiente e trabalhava automaticamente, se é que trabalhava; estudava sem ler, mal ouvindo quem se dirigisse aos meus sentidos exteriores. Foi então que meu pai decidiu dar um fim à minha "imminente imbecilidade", como ele a chamava; isto porque eu evitava dar explicações e nada dizia a respeito dos diálogos com meu preceptor místico, que eu mesmo só havia visto umas poucas vezes. Cedi à pressão e contei a meus pais o que para mim era um segredo divino. Para meu alívio, não recebi seu desprezo, mas, após ouvirem meu longo relato, meus pais expressaram o desejo de ouvir o misterioso estrangeiro. Este não consentiu, mas permitiu-me citar suas palavras, preleções e discursos, e acabei me tornando tão proficiente que conseguia repetir suas palavras quase tão rapidamente quanto ele as pronunciava. Formou-se um círculo em minha casa, que primeiramente consistiu em meus pais, W. S. Mallory (ora em Cleve-land, Ohio) e eu, como ouvintes, e Phylos como instrutor. Mais tarde as Sras. S. M. Pritchard e Julia P. Churchill passaram a estar presentes. Isso foi em Yreka, Distrito de Siskiyou, Califórnia, no início da década de oitenta, onde este manuscrito foi iniciado em 1883-4 d.C, tendo sido finalizado em 1886, em Santa Bárbara, Califórnia, onde sempre permaneceu, às ordens do Autor.

Será de grande interesse para os muitos que amam, ou que tiveram seu interesse despertado pela Califórnia, saber que, dian-

te da vista do Monte Shasta, um de seus picos mais elevados, este livro foi iniciado e quase completado, sob a inspiração do espírito da natureza que sempre fala com aqueles que o ouvem e compreendem.

Quanto àquilo em que o Autor difere de nós, mortais comuns, e a como por seus métodos ocultos ele tem o poder de ditar ou "revelar", como o fez e continua a fazer, poderá ser melhor esclarecido pela leitura dos surpreendentes registros apresentados neste livro e que são a sua história pessoal.

Em 1883-4, diante da visão inspiradora do Monte Shasta, o Autor passou a indicar-me que deveria escrever o que ele me relatasse e, curiosamente, ditou o capítulo inicial do "Livro Segundo" em primeiro lugar. Outros capítulos, tanto anteriores como posteriores a esse, foram dados a intervalos de semanas e até meses, algumas vezes preenchendo uma ou duas folhas, e em outras oportunidades até oitenta páginas eram cobertas em poucas horas. Às vezes eu era despertado no meio da noite por meu mentor e escrevia à luz do lampião, e por vezes até no escuro. Em 1886, a parte principal da obra, segundo o meu entendimento, ficou pronta. Então ele me fez revisá-la, sob a sua supervisão, sendo esse trabalho tão irregular em termos de horário quanto o anterior. Na verdade, era como se ele já tivesse o manuscrito preparado quando começou a ditá-lo, não lhe importando quais partes tivessem sido escritas em primeiro lugar, desde que tudo estivesse registrado. Tivesse eu sido um médium, no sentido dado a este termo pelos que crêem no espiritismo, pelo que entendo a escrita teria sido automática e eu não teria sido forçado a verter suas palavras para minha própria língua, além de que nenhuma revisão teria sido necessária. O fato é que sempre estive consciente do lugar onde me encontrava, e me sentia parecido com qualquer estenografia, mas com menos qualidades como amanuense, pois ainda não tinha me tornado um repórter condecorado de estenografia. Percebendo o quanto essa arte me seria útil para anotar os ensinamentos de meu instrutor, aprendi a escrever estenograficamente, embora nunca me tornasse um perito nisso.

O trabalho foi revisado duas vezes-, duas vezes ele me fez repassar esse manuscrito feito tão desorganizadamente que, conforme eu já disse, foi escrito praticamente de trás para a frente. Foi ditado de modo tão estranho que eu quase não tinha idéia do que fosse nem do que tratava. Em certa ocasião, quando eu já tinha escrito mais de duzentas páginas, na maior parte do fim para o

começo -isto é, as últimas frases vinham em primeiro lugar, tão rápidas e misturadas que eu não comprehendia seu sentido - ele me fez queimá-las sem sequer lê-las. Obedeci, e até hoje tenho pouco conhecimento do que aquelas páginas continham nem por que tive de destruí-las; não recebi qualquer explicação. O livro foi terminado em 1886, embora o manuscrito tivesse sido examinado para fins de publicação por um perito, a fim de que quaisquer erros atribuíveis à minha própria limitação e enganos de secretário - amanuense pudessem ser eliminados.

j

Em 1894, o manuscrito completado em 1886 foi datilografado em duas vias pela Sra. E. M. Moore de Louisville, Kentucky, estando ela de posse de uma dessas vias desde meados de 1899- A cópia Moore não teve sequer uma letra mudada desde então, e a prova disso foi judiciosamente preservada. Os direitos sobre o manuscrito me foram concedidos em 1894 e, devido a um acréscimo ao título, novamente neste ano de 1899.

No decorrer desse tempo não tive permissão nem condições para publicá-lo. Nesse ínterim, muitas das coisas comentadas a respeito de redescobertas científicas e mecânicas, *citadas na obra*, aconteceram. As grandes conquistas dos atlantes, perdidas por milhares de anos em virtude do naufrágio de seu grande continente, foram e estão sendo rapidamente trazidas à luz e utilizadas, confirmando a predição do Autor.

Note-se a recente descoberta do "Raio X" ou Roentgen, sequer sonhada em 1886; no livro você poderá encontrar um longo tratado sobre "Cátodos" e os espantosos poderes do "Lado Obscuro da Natureza", de uso tão prático e tão bem compreendido pelo povo daquela era maravilhosa. Note-se igualmente o telégrafo sem fio; também este faz parte do livro, em várias passagens, impedindo a possibilidade de interpolação. Lembro também a existência de "Uma Só Energia" e "Uma Só Substância", que ora encontram defensores capazes e aceitação científica generalizada, deixando de ser uma quimera relativa à hipótese elementar há tanto tempo formulada pelos químicos. Também isto é parte integral do livro, embora há pouco mais de dois anos tenha aparecido um artigo no Harper's Magazine divulgando essa crença de fim de século como uma novidade. Estes são apenas exemplos mais marcantes do que foi introduzido em "O HABITANTE DE DOIS PLANETAS" em 1886, juntamente com muitas predições sobre o surgimento imediato do que o Autor denomina redescoberta dos segredos enterrados com a Atlântida; o livro também prometeu

que nós, como atlantes redivivos, estamos caminhando para além de sua grandeza perdida e que, através de passos lentos, sintéticos, estamos a caminho inclusive de ultrapassar aquelas maravilhosas descobertas, pois a mente e a alma do homem, em constante crescimento e expansão, sobem cada vez mais alto pelas espirais da evolução.

Quanto aos mais denodados mas talvez céticos buscadores, posso dizer que as provas de que este livro foi terminado em 1886, antes que as mais recentes descobertas tivessem vindo à luz, existem em abundância e podem ser claramente demonstradas, para afastar as dúvidas que de outra forma poderiam alojar-se em sua mente e impedi-los de aceitar esta obra pelo que seu Autor afirma que é, ou seja, a verdade.

Da capacidade dos leitores para aceitarem este livro como história e não ficção depende em muito a iluminação da Senda de sua alma. Tenho uma grande expectativa quanto a outra obra, mas não sei se será recebida por mim ou por algum outro amanuense. Se essa obra me for transmitida conforme prometido, será mais um objetivo para os olhos interiores dos que tirarem proveito deste livro e estiverem em busca de mais subsídios que os coloquem firmemente na "Trilha Estreita da Consecução".

Enquanto escrevo como seu secretário, estou sempre consciente da presença que se autodenomina Phylos toda vez que decide vir à minha presença, e às vezes o ouço e falo com ele, embora raramente o veja. A clarividência e a clariaudiência explicariam isto. Escuto, falo ou escrevo como me é ordenado. Muitas vezes me é mostrada a imagem mental e fico livre para expressá-la em meu próprio estilo. Nessas ocasiões fico consciente de meu ambiente como em qualquer outra oportunidade, embora me sinta elevado como na presença de um Mestre, e executo com prazer a função de mim requerida. Se a amorosa atenção que pessoalmente recebi de meu sábio amigo tivesse sido fiel e persistentemente lembrada e seguida, em vez de ter sido negligenciada ou esquecida a ponto de quase desaparecer de minha memória durante suas ausências, certamente eu teria sido um exemplo melhor do que imagino ser quanto às lições que ele expõe neste livro.

Nunca me apresentei a qualquer pessoa ou ao público como alguém que possui qualidades mediúnicas ou de outra espécie, nem usei isso a pedido de qualquer pessoa, fosse por afeição ou por dinheiro. Sejam quais forem meus talentos ou qualidades nes-

se campo, só foram usados como um dom sagrado. Dadas às influências que me envolveram *neste* empreendimento, posso agradecida e sinceramente dizer que nunca fui tentado a agir de outra forma, mesmo que pudesse, e nunca recebi maior recompensa do que sinto que meu trabalho me trouxe.

E agora surge a pergunta: acredito neste Livro? Sim, sem hesitação. Talvez existam pontos que só possa aceitar pela fé, como qualquer outro leitor, sentindo que chegará o dia em que, caso permaneça fiel, serei instruído pelo Espírito de que ele é testemunho. Certamente haverá críticas de alguns sobre o método usado para escrever este manuscrito e sobre a verdade de algumas afirmações nele contidas, como freqüentemente ocorre no caso dos que preferem acreditar que afirmações dessa espécie não passam de ficção. Vim a conhecer pessoalmente a veracidade de algumas das informações mencionadas neste livro, no decurso dos quinze anos em que estive ligado ao mesmo. Tive muitas experiências, mentalmente confirmatórias, pelo menos, de declarações diretamente feitas pelo autor, ou tendentes a reforçar a absoluta confiança que tenho naquele que tão profundamente reverencio. Caí muitas vezes, tal como "Christian" no "Pilgrim's Progress". Mas a Senda continua presente. Acaso o Sol deixa de brilhar porque o *nevoeiro* o obscurece? Não devemos então seguir a Senda, esquecendo as pessoas, olhando apenas para o espírito, enquanto lemos o Livro de Phylos?

F. S. OLIVER

CARTA DE PHYLOS, AUTOR DESTA HISTÓRIA

Janeiro de 1886

Hoje, meu irmão, as massas de humanidade deste planeta despertaram para o fato de que seu conhecimento sobre a vida, o Maior Mistério, é insuficiente para as necessidades da alma. Por isso uma escola avançada de pensamento surgiu, cujos membros, ignorando a misteriosa verdade, não obstante reconhecem essa ignorância e pedem luz. Não tenho pretensões quando digo que eu, estudante teo-cristão e Adepto Oculto, pertenço a uma classe de homens que *conhecem* e podem explicar esses mistérios. Eu e outros Adeptos Cristãos, inspirados pela capacidade de exercer, com *nossa* mente mais poderosa e treinada, o controle de mentes que o são muito menos, influenciamos escritores e oradores inspirados. Assim, quando o povo clama por pão, nossos mediadores o *dão* a ele. Quem são esses nossos mediadores? São ho-

mes e mulheres, pertencentes ou não a igrejas, que testemunham a Paternidade de Deus, o Homem como Seu Filho e a Fraternidade de Jesus com todas as almas, a despeito de credos e formas eclesiásticas. Porque esses, nossos escritores e oradores, labutam pelo bem humano e atraem o bem, como um alimento provindo das águas. É apropriado que os líderes da vanguarda mental recebam uma generosa remuneração. E recebem. Mas nesse l'onto interpõe-se uma nova fase. Observando o grito por mais luz, mais verdade, vendo também como é grande a recompensa, eis que se levanta o imitador, que não tem a luz da inspiração nem o conceito da verdade real de nenhuma lei do Eterno. Que faz ele? Observa! Com uma pena de imitação, cuja ponta não tem o ouro do fato, pois é feita com o metal perecível da ambição egoísta, essa pessoa escreve. Mergulha a pena na tinta do sensacionalismo mais ou menos emocionante, turvada pela sujeira da Imoralidade e da torpeza, e traça um quadro de palavras ilustrado com as tintas da sensualidade e da corrupção. Não há em seu trabalho um propósito elevado para inspirar seus leitores; ele lida com os aspectos inferiores da vida e, ignorando a inexorável penalidade para o pecado, não exige expiação para suas personagens. Embora sinta-se um tanto encantado pelo brilhante quadro pintado com palavras, o leitor vai até o fim, mas tem consciência de que o clamor de sua alma pelo pão do infinito não foi ao menos respondido com uma pedra, mas com um punhado de lama! Nenhum bom propósito foi servido; nada foi ensinado sobre as leis e filosofias reais da vida; essa leitura atrai para baixo, nunca eleva. Mas sobre aqueles que assim agem recairá a retribuição, e eles serão seus próprios juizes e executores no mar aberto da alma, onde seu próprio espírito não terá misericórdia para com as más ações da alma. Podemos encontrar outros imitadores que, inflamados por um genuíno desejo de fazer o bem, parodiam afirmações intuitivas e, por pobre que seja seu trabalho, se o ímpulo for bom, o Alto poderá julgar que o que é feito pelo bem não pode ser mau. Mas que se guardem aqueles que, por dinheiro ou vantagem pessoal, são tentados a oferecer pedras ou lama!

E agora, meu irmão, tenho outro assunto para tratar. Certos leitores de meu livro, "Dois Planetas", podem estranhar as passagens relativas ao pecado da Princesa Lolix e de Zailm, sobrinho por lei do Imperador Gwauxln. Podem eles alegar que a menção desse fato, embora passível de ocorrer como uma das variadas experiências da vida, está fora do contexto em um livro cujo objetivo é altamente moral. Mas pergunto aos que conhecem meu trabalho: é mesmo assim? Será indesculpável falar desses crimes

se campo, só foram usados como um dom sagrado. Dadas às influências que me envolveram neste empreendimento, posso agradecida e sinceramente dizer que nunca fui tentado a agir de outra forma, mesmo que pudesse, e nunca recebi maior recompensa do que sinto que meu trabalho me trouxe.

E agora surge a pergunta-, acredito neste Livro? Sim, sem hesitação. Talvez existam pontos que só possa aceitar pela fé, como qualquer outro leitor, sentindo que chegará o dia em que, caso permaneça fiel, serei instruído pelo Espírito de que ele é testemunho. Certamente haverá críticas de alguns sobre o método usado para escrever este manuscrito e sobre a verdade de algumas afirmações nele contidas, como freqüentemente ocorre no caso dos que preferem acreditar que afirmações dessa espécie não passam de ficção. Vim a conhecer pessoalmente a veracidade de algumas das informações mencionadas neste livro, no decurso dos quinze anos em que estive ligado ao mesmo. Tive muitas experiências, mentalmente confirmatórias, pelo menos, de declarações diretamente feitas pelo autor, ou tendentes a reforçar a absoluta confiança que tenho naquele que tão profundamente reverencio. Caí muitas vezes, tal como "Christian" no "Pilgrim's Progress". Mas a Senda continua presente. Acaso o Sol deixa de brilhar porque o nevoeiro o obscurece? Não devemos então seguir a Senda, esquecendo as pessoas, olhando apenas para o espírito, enquanto lemos o Livro de Phylos?

F. S. OLIVER

CARTA DE PHYLOS, AUTOR DESTA HISTÓRIA

Janeiro de 1886

Hoje, meu irmão, as massas de humanidade deste planeta despertaram para o fato de que seu conhecimento sobre a vida, o Maior Mistério, é insuficiente para as necessidades da alma. Por isso uma escola avançada de pensamento surgiu, cujos membros, ignorando a misteriosa verdade, não obstante reconhecem essa ignorância e pedem luz. Não tenho pretensões quando digo que eu, estudante teo-cristão e Adepto Oculto, pertenço a uma classe de homens que *conhecem* e podem explicar esses mistérios. Eu e outros Adeptos Cristãos, inspirados pela capacidade de exercer, com nossa mente mais poderosa e treinada, o controle de mentes que o são muito menos, influenciamos escritores e oradores inspirados. Assim, quando o povo clama por pão, nossos mediadores o dão a ele. Quem são esses nossos mediadores? São ho-

mens e mulheres, pertencentes ou não a igrejas, que testemunham a Paternidade de Deus, o Homem como Seu Filho e a Fraternidade de Jesus com todas as almas, a despeito de credos e fóruns eclesiásticas. Porque esses, nossos escritores e oradores, labutam pelo bem humano e atraem o bem, como um alimento provindo das águas. É apropriado que os líderes da vanguarda mental recebam uma generosa remuneração. E recebem. Mas nesse ponto interpõe-se uma nova fase. Observando o grito por mais verdade, vendo também como é grande a recompensa, eis que se levanta o imitador, que não tem a luz da inspiração nem o conceito da verdade real de nenhuma lei do Eterno. Que faz ele? Observa! Com uma pena de imitação, cuja ponta não tem o ouro do fato, pois é feita com o metal perecível da ambição egoística, essa pessoa escreve. Mergulha a pena na tinta do sensacionalismo mais ou menos emocionante, turvada pela sujeira da imoralidade e da torpeza, e traça um quadro de palavras ilustrado com as tintas da sensualidade e da corrupção. Não há em seu trabalho um propósito elevado para inspirar seus leitores; ele lida com os aspectos inferiores da vida e, ignorando a inexorável penalidade para o pecado, não exige expiação para suas personagens. Embora sinta-se um tanto encantado pelo brilhante quadro pintado com palavras, o leitor vai até o fim, mas tem consciência de que o clamor de sua alma pelo pão do infinito não foi ao menos respondido com uma pedra, mas com um punhado de lama¹. Nenhum bom propósito foi servido, nada foi ensinado sobre as leis e filosofias reais da vida, essa leitura atrai para baixo, nunca eleva. Mas sobre aqueles que assim agem recairá a retribuição, e eles serão seus próprios juizes e executores no mar aberto da alma, onde seu próprio espírito não terá misericórdia para com as más ações da alma. Podemos encontrar outros imitadores que, inflamados por um genuíno desejo de fazer o bem, parodiam afirmações intuitivas e, por pobre que seja seu trabalho, se o impulso for bom, o Alto poderá julgar que o que é feito pelo bem não pode ser mau. Mas que se guardem aqueles que, por dinheiro ou vantagem pessoal, são tentados a oferecer pedras ou lama!

E agora, meu irmão, tenho outro assunto para tratar. Certos leitores de meu livro, "Dois Planetas", podem estranhar as passagens relativas ao pecado da Princesa Lolix e de Zailm, sobrinho por lei do Imperador Gwauxln. Podem eles alegar que a menção desse fato, embora passível de ocorrer como uma das variadas experiências da vida, está fora do contexto em um livro cujo objetivo é altamente moral. Mas pergunto aos que conhecem meu trabalho-, é mesmo assim? Será indesculpável falar desses crimes

graves mas comuns, se o autor puder tratá-los como exemplos de violação da lei e colocar a operação dessa lei com tanta clareza diante do insensato mundo que homens e mulheres tenham medo de ir contra ela, por temerem a punição de que é impossível se evadirem? Julgo injustificável guardar silêncio nessas circunstâncias. Longe de exagerar na estimativa da penalidade para esse crime, não descrevi o quadro expiatório em sua totalidade. Sei do que falo, pois esta, meu irmão, é a história de minha própria vida e as palavras não têm o poder de descrever a profunda desgraça que essa punição me causou! Se uma única alma for salva de semelhante horror e de um pecado igual ou parecido, ou de um erro dessa espécie, isto já me bastará. Procurei explicar o grande mistério da vida, ilustrando-o com uma parte da minha história pessoal, com excertos que cobrem milhares de anos; e o maior de todos os Livros foi o meu guia. A ele nada acrescento nem tiro, mas explico.* A paz esteja contigo.

PHYLOS

Adendo: sinto-me em grande débito para com muitos grandes escritores e autores brilhantes por numerosas citações que usei sem me referir à autoria; seria impossível dar esse crédito citando os nomes de todos e por isso devo fazê-lo concretamente, assim como o mundo se vê forçado a expressar sua gratidão coletiva, não com palavras de louvor mas moldando sua vida em conformidade com os nobres preceitos da poesia e da prosa, dadas à humanidade como o legado de todas as eras. Assim como o mundo é auxiliado, também minha obra o foi; espero ter retribuído auxílio por auxílio.

Atenciosamente
PHYLOS

UMA PREDIÇÃO MARAVILHOSA

Neste prefácio, que me foi concedido pelo Autor, posso escrever o que desejar.

Há um assunto que não foi especificamente tratado por Phylos em seu livro, mas que não me foi proibido citar e que sinto ser um dever transmitir ao público, especialmente porque me foi relatado por ele em Reno, Nevada, onde eu passava o verão do ano de 1866. Na época eu o incorporei num pequeno conto, que datei e li para uma jovem amiga, Miss S. Ela pode testemunhar es-

* Apocalipse 22:18,19 e também I Tim. 6:3,12.

se feto, pois o conto foi parcialmente escrito na presença dela, submetido à sua crítica e à de sua mãe e sua irmã, além de um ponto importante que foi o de que o escrevi em papel comprado na papelaria e livraria do pai dela.

Na ocasião, Phylos me disse que dentro de cinqüenta anos, mais ou menos, segundo ele pensava, cientistas mundanos descobririam e aplicariam a energia elétrica ao telescópio astronômico. De que forma, ele não revelou, embora tivesse dado amplos detalhes, de modo que alguém que conhecesse esses assuntos poderia usar a idéia e levá-la a um resultado bem-sucedido. Ele disse que as correntes elétricas "*não influenciadas por vibrações como as que produzem som, calor e luz, até sofrerem resistência, seriam sobrepostas às vibrações de luz que constituem a imagem vista através do telescópio*". Isto seria feito por meio de elementos químicos bem conhecidos, cujos poderes maiores até então não reconhecidos estavam por ser descobertos.

O resultado disso me foi descrito como mais espantoso e maravilhoso do que um sonho. Ele falou que sóis e corpos estelares, tão distantes que centenas deles (mesmo neste ano de 1899) aparecem como pontos esmaecidos quando vistos pelos mais poderosos telescópios modernos, nesse aparelho eletro-estelar, com amplificação apropriada das ondas eletro-luminosas, ficariam tão claros à visão terrena que objetos não visíveis aos olhos terrenos seriam facilmente perceptíveis no mais distante corpo estelar, por mais remoto que este fosse.

Além disso, Phylos disse que não havia incluído este assunto em seu livro porque a Atlântida não o conhecera, a despeito de suas maravilhosas conquistas científicas. Por consequência, não se trataria de uma "redescoberta", mas de um avanço distinto de tudo que a Terra já conheceu - o próprio Salomão finalmente superado, pelo menos no que se refere a seu milenar provérbio sobre o nosso planeta.

Respeitosamente
O AMANUENSE, FREDERICK S. OLIVER
Los Angeles, 11 de outubro de 1899-

"Nunca pronuncies estas palavras: "isto eu desconheço, portanto é falso". Devemos estudar para conhecer; conhecer para compreender; compreender para julgar".

-Aforismo de Narada.

"Há muito mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que imagina tua vã filosofia".

-Hamlet.

LIVRO PRIMEIRO

CAPÍTULO I

ATLÂNTIDA, A RAINHA DAS ONDAS

"Por que não?" - perguntei a mim mesmo, parando no meio da neve da montanha, lá tão alto sobre o mar que o Rei da Tempestade imperava supremo, embora o verão reinasse lá embaixo. "Por acaso não sou um atlante, um poseidano, e não é este nome sinônimo de liberdade, honra e poder? Não é esta, minha terra natal, a mais gloriosa sob o Sol? Sob Incal?" Novamente me inquiri: "por que não? Por que não tentar tornar-me um dentre os maiores de minha orgulhosa pátria?"

"Firme está a Rainha do Mar, sim, rainha do mundo, pois todas as nações nos pagam tributos de honra e comércio, todas nos emulam. Governar Poseid, então, não significa governar toda a terra? Pois tentarei conquistar esse prêmio, e o conseguirei! E tu, Ó pálida e gélida Lua, sê testemunha de minha resolução" -gritei em voz alta, levantando as mãos para o céu -"e também vós, rútilos diamantes do firmamento".

Se é verdade que o esforço resoluto assegura o êxito, o fato é que eu sempre conseguia o que me determinasse a alcançar. Ali então, naquela grande altitude, acima do oceano e do planalto que se estendia para oeste por duas mil milhas até Caiphul, a Cidade Real, fiz meus votos. Tão elevado era o local que abaixo de mim havia picos e cadeias de montanhas gigantescas, mas que se apequenavam diante do ápice onde eu me encontrava.

À minha volta estendia-se a neve eterna, mas eu não me importava. Tão cheia de resolução estava minha mente, do desejo de tornar-me poderoso na minha terra natal, que nem sentia o frio. Na verdade, eu mal me dava conta de que o ar estava frio, gelado como as vastidões árticas do remoto Norte.

Muitos obstáculos teriam de ser superados no cumprimento do meu desígnio, pois quem era eu naquele instante? Apenas o filho de um montanhês, pobre, sem pai, mas graças sejam dadas aos Fados! - não sem mãe! Pensar em minha mãe - a muitas milhas de distância, lá onde as florestas perenes ondulam, onde raramente cai a neve, sozinha com a noite e com o pensamento em mim - isso bastou para me trazer lágrimas aos olhos, pois eu não passava de um menino que muitas vezes ficava triste quando as dificuldades que ela suportava vinham à sua lembrança. Essas reflexões eram incentivos que se acrescentavam à minha ambição de ser e agir.

De novo meus pensamentos se voltaram para as dificuldades que eu teria de enfrentar em minha luta pelo sucesso, pela fama e pelo poder.

Atlântida, ou Poseid, era um império cujos súditos gozavam da liberdade concedida por um poder monárquico limitado. A lei geral de sucessão oficial oferecia a todos os cidadãos do sexo masculino a oportunidade de escolha para o cargo. O próprio imperador tinha uma posição eletiva, assim como os seus ministros, o Conselho dos Noventa ou Príncipes do Reino, cargos análogos aos do Governo da República Americana, que é seu legítimo sucessor. Se a morte chamasse o ocupante do trono ou um de seus conselheiros, era acionado o sistema eletivo, mas não em outros casos, a não ser demissão por má conduta no cargo, penalidade de que nem o próprio imperador estava isento, caso incorresse nessa grave falta.

Duas grandes divisões sociais, abrangendo todas as classes de pessoas de ambos os性os, estavam investidas no poder eletivo. O grande princípio subjacente à organização política de Poseid poderia ser descrito como "um sistema de avaliação educacional de cada votante, mas o sexo do dono do voto não era da conta de ninguém".

Os dois principais ramos sociais eram conhecidos pelos respectivos nomes de "Incala" e "Xioqua", ou seja, os sacerdotes e os cientistas.

Perguntariam os leitores onde estaria a oportunidade que cada súdito comum teria num sistema que excluía os artesãos, os comerciantes e os militares que não fizessem parte das classes com direitos políticos? Qualquer pessoa tinha a opção de entrar no Colégio das Ciências, no do Incal, ou em ambos. Não havia consideração de raça, cor ou sexo; o único pré-requisito era que

candidato a admissão tivesse dezesseis anos de idade e uma boa educação, obtida nas escolas comuns ou em cursos de colégios menos importantes como o Xioquithlon na capital de alguns dos estados Poseidianos, por exemplo Numea, Terna, Idosa, Corosa e mesmo o colégio menor de Marzeus, que era o principal centro de arte manufatureira da Atlântida. A duração do curso no Grande Xioquithlon era de sete anos, dez meses a cada ano, divididos em dois períodos de cinco meses dedicados ao trabalho ativo, com um mês de férias ao final de cada período. Qualquer estudante podia competir nos exercícios relativos aos exames anuais, realizados no fim do ano ou nas vésperas do equinócio de inverno. O nosso reconhecimento da lei natural da limitação mental fica óbvio ante o fato de que o curso de estudos era puramente opcional, ficando o estudante à vontade para escolher os tópicos, muitos ou poucos, que lhe fossem mais agradáveis, com a seguinte e necessária prescrição: somente os que possuíssem diplomas de primeira classe poderiam se candidatar a cargos oficiais, por mais modestos que fossem. Esses certificados comprovavam um grau de aprendizado que abrangia uma variedade de conhecimentos grande demais para ser mencionada, a não ser por inferência, com o prosseguimento da narrativa. O diploma de segunda classe não

< onferia prestígio político, a não ser pelo fato de que era acompanhado do privilégio do voto e, embora ocorresse de uma pessoa não desejar um cargo público nem votar, o direito à instrução em qualquer ramo do conhecimento continuava a ser um privilégio gratuito. Mas aqueles, entretanto, que só aspiravam a uma educação limitada, com o propósito de exercer com mais êxito determinada profissão comercial -como instrução em mineralogia por um pretendente a mineiro, em agricultura por um fazendeiro, ou em botânica por um jardineiro mais ambicioso - não tinham voz no governo. Embora o número dos pouco ambiciosos não fosse pequeno, o estímulo da obtenção de prestígio político era tão grande que um em cada doze habitantes possuía pelo menos um diploma de segunda classe, enquanto um terço do total obtinha diplomas de primeira classe. Devido a isso, os eleitores não sofriam por falta de pessoal para preencher todos os cargos eletivos do governo.

Possivelmente ainda resta alguma dúvida na mente do leitor sobre qual seria a diferença entre os eleitores ou sufragistas sacerdo-lais e científicos. Pois bem, a única diferença essencial era que o currículo no Incalithlon, ou Colégio dos Sacerdotes, além de todas as matérias adiantadas ministradas no Xioquithlon, incluía o estudo de um grande número de fenômenos ocultos e temas an-

tropológicos e sociológicos, para que os formados nessas ciências tivessem oportunidade de se prepararem para atender qualquer necessidade que homens de menos erudição e menos compreensão das grandes leis subjacentes da vida pudessem vivenciar em qualquer fase ou condição. O Incalithlon era, na realidade, a mais elevada e completa instituição de ensino que o mundo de então conheceu ou - perdoe o leitor pelo que parece mas não é presunção atlante -que poderá conhecer nos próximos séculos. Em uma instituição acadêmica tão superior, seus estudantes deveriam forçosamente estar imbuídos de extraordinário zelo e determinada vontade para tentar e conseguir certificados de formatura de sua junta examinadora. Na verdade, bem poucos tiveram um tempo de vida suficientemente longo para adquirir esse diploma; possivelmente, nem um em cada quinhentos dos que saíram honrosamente do Xioquithlon, que, por seu mérito, não ficava atrás da moderna Universidade de Cornell.

Enquanto eu assim ponderava, parado ali entre as neves da montanha, decidi não visar muito alto, mas me determinei a ser um Xioqua, se houvesse a menor possibilidade. Embora dificilmente pudesse esperar alcançar a eminência conferida pelo título de Incala, prometi a mim mesmo que criaria a oportunidade de competir pelo outro título, se não se apresentasse outra diferente. Obter aquela elevada distinção exigiria, além do árduo estudo, a posse de amplos meios pecuniários para cobrir as despesas de manutenção de minhas necessidades usuais e de um inabalável propósito. Onde eu poderia obter isso? Acreditava-se que os deuses auxiliavam os necessitados. Se eu, um rapazinho que ainda não completara dezessete verões, que tinha uma mãe que dependia de mim para as necessidades da vida, com nada que pudesse me ajudar a alcançar minhas aspirações a não ser minha própria energia e vontade, não pudesse ser incluído naquela categoria, então quem seria necessitado? Pareceu-me que não podia haver maior prova de dependência e que era claramente apropriado que os deuses me dispensassem seu favor.

Tomado por reflexões como esta, subi ainda mais, para o topo do pico que apontava para o céu, perto da altura onde até então me encontrara, pois a aurora não estava distante e eu precisava estar na mais alta rocha para saudar o grande Incal (o Sol) quando conquistasse Navaz, para que Ele, senhor de todos os signos manifestos do grande e único verdadeiro Deus, cujo nome usava, cujo escudo Ele era, pudesse ouvir minha prece favoravelmente.

Sim, Ele devia ver que o jovem suplicante não poupava esforços para prestar-Lhe homenagem, pois fora aquele o único propósito para que eu ali tinha subido sozinho, em meio àquela solitu-de, seguindo para o alto pela neve sem trilhas, sob o domo estrelado do Armamento.

Perguntei a mim mesmo: "existe outra crença mais gloriosa do que esta que é a do meu povo? Não são todos os Poseidianos adoradores do Grande Deus, a única e verdadeira Divindade, representada pelo brilhante Sol? Não pode haver nada mais santo e sagrado". Assim falou o jovem cuja mente em amadurecimento havia absorvido a religião exotérica e realmente inspiradora, mas que não conhecia nenhuma outra mais profunda e sublime, nem iria conhecer nos dias da Atlântida.

Quando o primeiro lampejo de luz de trás de Seu escudo irrompeu através do negro abismo da noite, atirei-me de bruços na neve do cume, onde deveria permanecer até que o Deus de Luz se (ornasse totalmente vitorioso contra Navaz. Afinal o triunfo! Então me levantei e, fazendo uma profunda reverência final, voltei sobre os meus passos pelo temível declive de gelo, neve e rocha nua, esta última negra e cruelmente pontiaguda, com suas saliências sobressaindo da capa branca e gelada, mostrando o dorso da montanha que se elevava a treze mil pés acima do nível do mar, formando um dos mais incomparáveis picos do globo.

Durante dois dias eu envidara ingentes esforços para alcançar o frígido pico e prostrar-me, qual oferenda viva, em seu grandioso altar, para honrar meu Deus. Indaguei-me sobre se Ele teria me ouvido e notado minha presença. Em caso afirmativo, teria Hle se importado? Teria se importado o suficiente para ordenar ao Seu vice-regente, o Deus da montanha, que me ajudasse? Sem saber por que, olhei para este último, esperando com o que pode parecer uma cega fatuidade, que me revelasse alguma espécie de tesouro ou . . .

Mas o que é esse brilho metálico na rocha, cujo coração meu bordão de alpinista com ponta de ferro havia desnudado para ser tocado pelos raios do Sol matinal? Ouro! Ó Incal! É mesmo ouro! Amarelo e precioso ouro!

"Ó Incal!" - gritei, repetindo Seu nome - "louvado sejas por responderes tão depressa a Teu humilde petionário!"

Ajoelhei-me ali mesmo na neve, descobrindo a cabeça em gratidão ao Deus de Todos os Seres, o Altíssimo, cujo escudo, o Sol derramava seus gloriosos raios. Então novamente olhei para o tesouro. Ah, que grande riqueza ali se encontrava!

Partindo em pedaços o quartzo com minhas pancadas excitadas, vi que o precioso metal o mantinha coeso, tão forte era o seu veio. As pontas agudas da pedra frágil cortaram minhas mãos, fazendo o sangue escorrer de vários lugares e, quando agarrei o quartzo que havia me ferido, minhas mãos que sangravam congelaram-se sobre ela, formando uma união de sangue e riqueza! Não importa! Separei a mão da pedra com força, indiferente à dor, tão excitado me sentia.

"Ó Incal" -exclamei -"és bondoso para com Teu filho, conce-dendo-lhe com tanta liberalidade o tesouro que lhe permitirá realizar seu desejo antes que seu coração tenha tempo para esmorecer de tanto esperar!"

Enchi meus grandes bolsos com tudo que podia carregar, escolhendo as peças de quartzo aurífero mais ricas e valiosas. Como marcar o local para encontrá-lo em outra oportunidade? Para alguém nascido na montanha isso não era difícil e logo estava feito. Então segui para baixo, para a frente, para casa, com passo alegre, com o coração leve, embora levasse uma carga pesada. Por essas montanhas, na verdade a menos de duas milhas do meu "pico do tesouro", serpenteava a estrada do imperador na direção do grande oceano, a centenas de milhas, do outro lado da planície de Caiphalia. Uma vez alcançada essa estrada, a parte mais fatigante da viagem teria sido realizada, embora apenas uma quinta parte da distância total tivesse sido percorrida.

Para dar uma idéia das dificuldades encontradas na escalada e descida da gigantesca montanha, devo observar que os últimos cinco mil pés da ascensão só" podiam ser galgados por uma única e tortuosa rota. Um estreito desfiladeiro, uma simples fissura vulcânica, oferecia um apoio muito precário para os pés, sendo todas as outras escarpas intransponíveis. Esse apoio mínimo existia nos primeiros mil pés. Acima desse ponto a fissura desaparecia. Quase na sua extremidade superior existia uma pequena caverna, da altura de um homem e com espaço para talvez vinte pessoas. No outro extremo desse recinto rochoso havia uma abertura,

uma fenda mais larga no sentido horizontal que no vertical. Ao insinuar-se nessa fenda, arrastando-se como uma serpente, o explorador aventuroso veria que por várias centenas de passos teria de descer um declive acentuado, se bem que a fenda se alargasse aos primeiros doze passos, permitindo uma posição mais ou menos vertical. Do fim de seu curso descendente, ela fazia uma curva e novamente se alargava formando um túnel, subindo em voltas tortuosas, com a parede oferecendo suficiente apoio para (ornar a subida segura, embora fazendo um ângulo de cerca de quarenta graus, enquanto em algumas partes um grau ainda maior ile perpendicularidade marcassem a passagem. Dessa forma, uma subida de cerca de trezentos pés era realizada, com as sinuosidades do caminho aumentando a distância que seria percorrida no sentido vertical. Esse, leitor, era o único meio de alcançar o pico da mais alta montanha de Poseid, ou Atlântida, que é como chamam o continente-ilha.

Por mais árdua que fosse sua passagem, havia lugar mais que suficiente na velha e seca chaminé, ou curso de água, fosse o que fosse. Com certeza tinha sido originalmente uma chaminé de vulcão, embora tivesse sido tão desgastada pela água a ponto de tornar a idéia de sua formação ígnea mera conjectura. Em determinado ponto, essa longa cavidade se alargava formando uma vasta caverna. Esta se distanciava da chaminé em ângulo reto para baixo, cada vez mais para baixo, até que nas entradas da montanha, a milhares de pés, pareceria na medonha escuridão, a quem se aventurasse tão longe, estar na beira de um vasto abismo cujo único lado visível seria aquele onde se encontrasse; além desse ponto, qualquer progresso era impossível a não ser para entes dotados de asas, como os morcegos, mas destes não havia nenhum naquela terrível profundezas.

Nenhum som jamais ecoou nesse assustador abismo, e nenhum brilho de archote já revelou seu outro lado; nada havia senão um mar de eterna escuridão. Contudo, ele nunca me trouxe terrores; antes, provocou minha fascinação. Embora outros possam ter conhecido esse lugar, nunca encontrei um companheiro com suficiente temeridade para enfrentar o desconhecido e ficar ao meu lado em sua horrível beira, onde me encontrei não uma e sim várias vezes no passado. Por três vezes eu estivera ali, impelido pela curiosidade. Na terceira vez eu me curvara por sobre a saliência de pedra, para tentar encontrar um possível meio de descer mais, quando o enorme bloco de basalto se soltou, caiu, e esca-

pei por pouco de morrer. A pedra tombou e por vários minutos os ecos de sua queda me alcançaram; minha tocha caíra também e nas profundezas suas faíscas brilharam como vagalumes toda vez que bateram em projeções rochosas, até finalmente desaparecer. Fiquei em completa escuridão, trêmulo de susto, para fazer o caminho de volta para cima e para fora - se pudesse. Se não conseguisse, então era cair e morrer. Mas tive êxito. De então em diante, perdi a curiosidade de explorar o desconhecido inferno. Eu tinha passado muitas vezes através da chaminé que conduzia para a extremidade superior da abismal caverna, entre a parte superior da fissura externa no penhasco e a lateral do pico, quinhentos ou seiscentos metros abaixo do topo da montanha-, muitas vezes tinha passado pelo ponto onde a pancada incidental com meu bordão revelou o tesouro, mas nunca havia encontrado o precioso veio até ter feito aquele pedido a Incal, impelido pelo peso premente de minhas necessidades. Poderia alguém achar estranho eu sentir uma fé absoluta na crença religiosa de meu povo?

|

Eu estava no interior da escura chaminé por onde tinha de passar depois de deixar o pico nevado, saindo da luz do Sol e do ar fresco para as densas trevas e a atmosfera ligeiramente sulfurosa-, mas se deixei a luz matutina, também deixei o terrível frio do ar exterior, pois dentro do túnel, embora escuro, havia calor.

Finalmente cheguei ao pequeno recinto no alto da fissura, a mil pés, que me levaria aos degraus mais suaves das partes média e inferior da montanha. AH fiz uma pausa. Deveria voltar e trazer mais uma carga da rocha aurífera? Ou deveria tomar diretamente o caminho de casa? Finalmente voltei sobre meus passos. Ao meio-dia estava outra vez ao lado do meu tesouro. Logo desci de novo com minha segunda carga até o fatigante trabalho estar quase no fim, pois eu estava de pé na entrada da grande caverna, a quatrocentos pés do pequeno recinto no alto da fissura exterior -eram quatrocentos pés de subida bastante difícil. Após uma pausa retomei a curta mas escarpada subida, e logo me encontrei na pequena caverna, com apenas algumas dezenas de pés, no máximo, entre eu e o ar livre. Tomado como um todo, o longo túnel era sinuoso, mas tinha algumas passagens tão retas como se tivessem sido cortadas com prumo e régua. Os quatrocentos pés, aproximadamente, que separavam o recinto onde parei um pouco, na entrada, eram um trecho tão reto e talvez por isso tão difícil de atravessar quanto qualquer outra parte de todo o túnel. Seria

mesmo impossível a não ser por suas laterais ásperas que ofereciam algum apoio. Se o local fosse claro, ao invés de tão escuro, eu seria capaz de olhar diretamente para a caverna do local onde estava parado. O ar aquecido me convidou a sentar, ou melhor, a me deitar, embora estivesse escuro. Resolvi descansar, portanto; comi um punhado de tâmaras e bebi um pouco de neve derretida do meu cantil de couro. Então me estendi no solo e adormeci no ar tépido.

Não sei por quanto tempo fiquei dormindo, mas ao desper-*<*ar -ah, o terror que senti! Lufadas explosivas de ar, quentes a ponto de quase queimarem a pele, carregadas de gases sufocantes, seguidas de um rouco murmurúrio, afluíam velozmente passagem acima até o pico. Ruídos como uivos e gemidos subiam com o bafo ardente do abismo, misturados com o som de explosões tremendas e ensurdecedoras. Maior que todas as outras causas de terror era um baço brilho vermelho refletido das paredes da caverna, para dentro da qual descobri que podia olhar livremente e em cujas profundezas explodiam raios de luz verde, vermelha, azul e de todas as outras cores e matizes; eram (ijases em combustão. Por algum tempo o pavor me petrificou; sem poder mover-me continuei a fixar o terrível inferno dos elementos em fogo. Eu sabia que a luz e o calor, ambos aumentando a cada momento, e os vapores sufocantes, o barulho e o tremor da montanha, prenunciavam uma só coisa: uma erupção vulcânica ativa! finalmente o encantamento que havia me paralisado foi quebrado quando vi um jato de lava derretida subir até a passagem em frente, projetado até ali por uma explosão dentro da caverna. Então me levantei e fui, correndo pelo chão do pequeno recinto, arrastando-me com insana energia pela entrada horizontal, que nunca me parecera tão baixa até aquele instante! Eu esquecera que tinha ouro nos bolsos, e só me lembrei disso quando senti o peso das preciosas rochas que me retardavam a fuga. Mas, com o esforço de fugir, veio-me uma relativa calma, e a mente que voltava a funcionar me impediu de tirar fora o tesouro. A reflexão me convenceu de que o perigo, embora iminente, provavelmente não era imediato. Resolvi arrastar-me novamente para dentro da pequena caverna e, pegando um saco que ali havia deixado, coloquei dentro dele todas as rochas auríferas que podia carregar. Tirei um cordão de couro da cintura e, enrolando uma extremidade numa ponta de pedra no lado superior da fissura, baixei o saco até a outra extremidade da corda e desci atrás. Sacudindo o laço fróxido da rocha acima, repeti a mesma coisa várias vezes

enquanto descia. Dessa forma cheguei ao fundo da fissura com a maior parte das duas cargas de minério de ouro. Desse ponto em diante, meu caminho seguia ao longo da crista de uma saliência de pedra, não muito larga mas suficiente para formar uma trilha fácil de seguir.

Nem bem tinha começado a andar por essa trilha quando olhei para trás, para o caminho que tinha acabado de percorrer. Naquele momento, houve um tremor de terra que quase me derrubou ao chão, e da pequena caverna onde eu tinha dormido jorrou fumaça seguida de um brilho avermelhado: lava. Ela fluiu para baixo, uma cascata de fogo e uma visão gloriosa na escuridão que se adensava, pois o Sol ainda não tinha se posto de todo. Toda a montanha ficara a oeste da saliência onde eu estava e, como se fazia quase noite, eu me encontrava na obscuridade.

Corri pela rocha, deixando meu saco de ouro e grande parte do que tinha nos bolsos no lugar mais seguro que pude encontrar, bem acima do fundo da ravina pela qual a lava fatalmente escorreria. Quando estava a uma distância segura, parei para descansar e perscrutei a torrente em ebulação saltando pela ravina, a alguma distância à minha direita mas bem visível. "Pelo menos", pensei, "ainda tenho nos bolsos suficiente minério aurífero -mais metal do que ouro pelo que parece -que tenho condição de carregar, agora que minha força, nascida do medo, desapareceu. Mesmo que eu não possa reaver o que deixei para trás, ainda tenho uma grande riqueza. Portanto, Incal, honra a Ti!" O quanto as vinte libras de quartzo aurífero, aproximadamente, eram inadequadas para pagar as despesas de sete anos de colégio, o colégio na capital da nação, onde o custo era mais elevado que em qualquer outra parte, minha inexperiência não podia me dizer. Mas que aquele era o maior tesouro que eu já tinha possuído na vida, ou mesmo visto, era um fato inegável; portanto, eu estava contente.

A crença numa Providência poderosa é necessária para a maioria dos homens, melhor dizendo, para todos os homens, sendo a única diferença a de que as pessoas de mais amplo conhecimento requerem uma Divindade de poder mais próximo do infinito do que as de menor experiência; assim, os que apreendem a infinita amplitude da vida reconhecem um Deus cujo conceito se projeta quase à onipotência, em comparação com o conceito que sa-

INÍCIO. a mente humana comum. Pouco importa, portanto, que a divindade cultuada seja uma pedra ou um ídolo de madeira, uma imagem inanimada qualquer, ou um Espírito Supremo de natureza androgina. Os Seres que ordenam o curso dos acontecimentos,

< x << utando a lei cárnicia do Eterno Deus, enxergam a fé no 11 tração dos mortais e não impõem que aquela lei siga seu curso

< i >u» uma severidade destituída de misericórdia. Se a fé no ídolo, no "deus" animado, ou no Espírito Supremo de Deus, fosse extinção |>or causa das destruidoras forças da dor e do desespero, então a bondade humana estremeceria em temor por sua segurança e I<>r sua continuidade. Uma catástrofe dessa espécie não se harmonizaria com Deus, pois, de acordo com a lei, nunca poderia ser I<-i mitida.

Daí minha crença em Incal, uma crença compartilhada por iiu-us compatriotas. Incal era um conceito puramente espiritual <•, afora a Causa Eterna, da qual nenhuma mente de qualquer era do mundo poderia em sã consciência duvidar, só existia na menor << de seus devotos. E essa era uma fé nobre, que tendia para a mais alta moralidade, nutrindo a fé, a esperança e a caridade. Que importância teria então que o Incal-pessoa, simbolizado pelo escudo rutilante do Sol, só existisse na mente dos homens? Nossa conceito poseidano representava o Espírito da Vida, o Pai <U- todos, o que bastava para assegurar a observância dos princípios que supostamente mais O agradavam.

Certamente os anjos do Altíssimo Deus Incriado, ministrando tanto como agora aos filhos do Pai, viram minha crença, engastada em meu coração e no coração de meus irmãos e irmãs de nação, e disseram enquanto ministram, "que recebas de acordo com tua fé". Os anjos, contemplando minha esperança interior de tornar-me excelente entre os homens, haviam me disciplinado pelo medo quando fugia da montanha em fogo, mas nenhum desastre havia me acontecido.

Continuei correndo tão depressa quanto me permitia a natureza do terreno. Eu tinha a vida e ouro, e por isso louvava Incal enquanto corria. E o Espírito da Vida foi misericordioso, pois eu não saberia o quanto o meu tesouro era insuficiente para minhas necessidades até a ferroada do desapontamento ser removida por eu ter encontrado uma provisão mais abundante. Meu caminho se estendia por várias milhas ao longo da crista de pedra, afiada como uma faca. Em muitos lugares abismos terríveis se abriam ao lado da trilha de pedra, tão próximos que me via obrigado a

engatinhar. Por vezes os penhascos se estendiam nos dois lados da trilha, fazendo dela uma passarela estreita. Eu me sentia grato pelas pequenas bênçãos que recebia e agradecia a Incal porque o deus da montanha não havia demonstrado sua agitação com um terremoto enquanto eu me encontrava naquela perigosa situação.

A uma distância de três milhas a contar do seu início, a trilha alcançava a beira de um precipício aterrador, e acima dela erguia-se a parede de um segundo penhasco. Só a luz da montanha incandescente agora iluminava meus passos. Foi naquele ponto que, no momento em que eu descia cautelosamente na direção da pedra basáltica que formava a beira do abismo, um grande choque me atirou de joelhos no chão e eu quase caí no vazio. Um instante depois, uma explosão abafada encheu o ar com uma insistente intensidade de som, e olhei para trás, assustado. Uma grande pluma de fumaça avermelhada pelo fogo estava se levantando na direção do céu, misturada com pedras tão grandes que podiam ser vistas de onde eu me encontrava. Abaixo de onde eu estava, ouviam-se terríveis ruídos; a terra tremia convulsivamente e choques repetidos me obrigaram a me agarrar nas rochas, com um medo desesperado de ser jogado para baixo. Na frente, o desfila-deiro que estava aos meus pés havia ladeado outros penhascos e contrafortes. Até poucos instantes antes os penhascos e contrafortes tinham existido - mas não existiam mais! Contemplei aquela cena de confusa e terrível desordem, iluminada pelo brilho vulcânico apenas o suficiente para ser perceptível. As sólidas rochas e colinas pareciam mover-se, instáveis como as vagas marinhas, subindo e descendo de um modo assustador, rangendo e rugindo num verdadeiro pandemônio. Por sobre tudo isso desciam cinzas vulcânicas numa chuva densa e incessante, enquanto vapores e poeira enchiam o ar e pendiam como uma mortalha por sobre um mundo aparentemente agonizante.

Finalmente o louco barulho e o nauseante movimento cessaram; só o brilho constante da lava que continuava a correr e um espasmo ocasional de tremor de terra continuavam sua narrativa plutônica. Permaneci no meu lugar, sentindo-me fraco e abalado. Gradualmente, a lava parou de correr e ficou tudo escuro; os choques só aconteciam a longos intervalos e uma paz como a da morte desceu sobre a região, enquanto a cinza silenciosa caía, cobrindo a terra ferida. A escuridão passou a reinar. Acho que fiquei inconsciente por algum tempo, pois quando voltei a mim senti uma dor aguda na cabeça; passando a mão por ela senti uma úmida-

«|_c quente escorrendo de um ponto que doía ao toque. Tateando t minha volta, encontrei uma pedra áspera e cheia de pontas „„■ tinha caído de algum lugar e me atingido. Fazendo outros movimentos, concluí que o ferimento não era sério e sentei. A madrugada já se anunciava e eu, fraco de dor, fome e frio, voltei ,i me estender na pedra, para aguardar o novo dia.

(lue paisagem diferente os raios de Incal encontraram no lugar <b que ali existira na manhã anterior! Quando olhei para o ma-)f sioso pico, a luz vermelha do Sol me mostrou que metade de-l< havia sido arrancada e engolira-se numa misteriosa caverna. Sim, é verdade, "as montanhas elevam para o céu seus penhas-.«>s nus e enegrecidos e curvam suas enormes cabeças para a pla-iiit ie".

l'crtº dali, onde tinham existido outros contrafortes e onde tinha ocorrido o terrível retorcimento dos penhascos, bem a meus l«-s, não havia mais pontas de pedra, nem pico, nem penhasco! Im lugar de tudo isso havia um grande lago de água fervente, 4 «ijas margens estavam veladas pelas cinzas que ainda pousavam < 4 >m suavidade e pelas nuvens de vapor condensadas em fina ga-.4 .a pelo ar frio, lágrimas do globo abatido por sua recente agonía! 'lodo ruído havia se dispersado e o férvido fluxo da lava também unha cessado.

A parte da saliência onde eu tinha caído tinha escapado da des-m lição geral, em sua maior parte, embora também tivesse sido .Hingida, tanto que a trilha em frente, que eu me acostumara a usar em minhas excursões ao pico, tinha sumido; um enorme blo-4 4> de pedra, que provavelmente pesaria milhares de toneladas, unha escorregado para o abismo embaixo, destruindo o caminho 4 iii sua passagem. Procurei uma saída e, escalando as pedras na luz mortiça, cheguei a uma parte da saliência que se dirigia para 4 > caminho oposto ao do Sol e que não passava de duas estreitas |x-dras salientes sobre o lago de água fervente, intransponível na parte de cima, quando de repente um pálido raio de luz brilhou cm diagonal no meu caminho! Procurando sua fonte, vi que a luz j4>rrava por uma larga fenda no penhasco, acima de mim. A parte inferior da fenda ficava pouco abaixo de onde eu estava e, ao invés de se estreitar, alargava-se formando um soalho tão amplo 4uanto qualquer parte da fissura, como se acima daquele ponto (ivesse sido empurrada para um lado -sem dúvida a única explicação. Baixei o corpo até esse soalho e, verificando que a fissura era suficientemente larga, pisei nela, sem ligar para a possibilida-

de de que a qualquer momento novas convulsões do vulcão pudessem fechar a abertura e esmagar-me. Pensei nessa possibilidade, mas à maneira poseidana, deixei o medo de parte refletindo que devia confiar em Incal, que faria o que fosse melhor para mim.

O penhasco ruído mostrava, aqui e ali, veios de quartzo com faixas de pórfiro, formando saliências que corriam ao longo de massas de granito. Perto do topo, a estreita fenda se estendia e, embora tivesse realmente dois ou três pés de largura, sua altura a fazia parecer muito estreita. Quando me detive, deleitado com a idéia de que nos dois lados meus olhos contemplavam rocha virgem que jamais estivera exposta ao olhar de qualquer homem desde o nascimento da Terra, notei algo que fez meu pulso se acelerar de louca alegria. Bem perto de mim, mas um pouco à frente, estava um veio de rocha amarela, de aparência ocre, na qual vi muitas manchas de rocha branca e mais dura, cuja aparência se devia a núcleos de quartzo partidos pelo mesmo choque que havia formado a fenda. Essas manchas estavam fartamente pontilhadas de pepitas de ouro nativo e de minério de prata. A ductilidade dos preciosos metais se exibia em curiosos efeitos, com o ouro e a prata saindo da superfície fraturada em cordões que em alguns casos mediam várias polegadas. Novamente a fraqueza da fome me abandonou e a dor do ferimento na cabeça foi momentaneamente esquecida, enquanto eu cantava um hino de gratidão ao meu Deus. O majestoso pico havia sido obliterado; destruído fora o único acesso ao elevado topo; mas ali, após terminada a batalha dos fogos subterrâneos, estava um tesouro ainda maior, mais próximo de casa, mais fácil de ser explorado. A excitação do júbilo foi excessiva para os meus nervos já tão enfraquecidos e desmaiei! Entretanto, a juventude é elástica e a saúde dos que não têm vícios, maravilhosa. Logo recobrei a consciência e tive a sabedoria de tomar o caminho de casa sem parar mais e desgasitar mais minha força, sabendo que meu instinto de alpinista seria um guia infalível num retorno subsequente.

Aconselhado por minha mãe, senti que sua crença de que eu não poderia explorar a mina sozinho era baseada na realidade. Mas em quem poderia confiar para me ajudar e receber uma justa parte da riqueza assim obtida como recompensa?

Não bastaria que eu encontrasse a ajuda de que precisava? Certos amigos professos entraram numa sociedade comigo e, pelo privilégio de ficarem com o restante dos lucros, deram-me um terço do apurado, concordando em fazê-lo sem que eu tivesse de tra-

balhar na mineração e, com certa indecisão, concordando também com que nenhuma parte do veio pertenceria a quem quer que fosse além de mim. Fiz com que assinassem um documento contendo essas regras, lacrando-o com o mais inviolável sinal existente em Poseid, a saber, a assinatura deles com o próprio sangue. Nós três assim fizemos. Insisti em todas essas formalidades porque não consegui reprimir a suspeita de que eles pudessem alegar que eram os descobridores do tesouro e de que, por consequência, eu não tivesse então nenhum direito ao mesmo. Hoje sei que foi bem esse o caso. Sei que a cláusula do contrato declarando que toda a mina que eles, meus sócios, exploraram naquele ano era propriedade inalienável de Zailm Numinos, foi o que impedi o roubo que eles tencionavam levar a cabo. Essa estipulação não fazia referência ao descobridor da mina, mas declarava em termos inegáveis que o título de propriedade pertencia ao possuidor daquele nome. No caso de uma disputa entre nós eu não teria necessidade de provar como me tornara dono da mina, nenhuma afirmação de que outra pessoa além de mim fosse o descobridor serviria aos defraudadores em potencial, pois fosse quem fosse o primeiro a encontrar o veio, permaneceria o fato de ser eu o proprietário, caso em que todas as vantagens da lei estariam do meu lado. Pelo menos, assim acrediitei em minha ignorância. Meus associados não eram tão ignorantes quanto eu. Sabiam que o contrário não tinha valor por ter sido executado em violação à lei. Um dia vim a saber de tudo. Soube posteriormente que as leis de Poseid tornam cada mina pagadora de dízimo ao império e que qualquer mina explorada sem o reconhecimento desse laço legal estava sujeita a confisco. Também era aparente que, se meus sócios não se tivessem deixado levar pela avareza, mantendo em segredo o nosso acordo que os tornava partícipes numa infração da lei, teriam se tornado proprietários legais simplesmente pelo fornecimento de informações sobre meus atos ao agente do governo mais próximo. Mas eu não sabia dessas coisas na época e os outros dois julgaram melhor guardar silêncio, pela única razão de que nada sabiam a não ser que estavam violando ordens aparentemente sem importância. E assim o segredo foi guardado para uma revelação posterior.

Tendo conseguido os meios necessários, o passo seguinte foi minha mudança do campo para a cidade de Rai. Nosso adeus ao antigo lar nas montanhas e nossa instalação na nova residência em Caiphul ficará em branco nestas reminiscências.

A A A

[43]



4

i"

•*. V

'0»

CAPITULO n

CAIPHUL

O povo atlante vivia sob um governo que tinha o caráter de uma monarquia limitada. Seu sistema oficial reconhecia um imperador (cuja função era eletiva e de modo algum hereditária) e seus ministros, conhecidos por um nome que significava "Príncipes do Reino". Todos esses ministros eram vitalícios, a não ser em casos de má conduta, um termo rigorosamente definido com prescrições impostas com severidade-, e a operação da lei a isso relativa era tal que nenhum cargo, por mais exaltado que fosse, era suficiente para isentar os ofensores. Nenhum cargo governamental era eleito, com exceção de uma função eclesiástica, ao passo que cargos menores do serviço público eram objeto de nomeação em todos os casos e os nomeados tinham de prestar contas estritas ao poder que os indicava para a função, fosse esse poder o imperador ou um príncipe, que, para usufruir do poder, era responsável perante o povo pela conduta dos que havia nomeado. Entretanto, não é a finalidade deste capítulo discutir o sistema político de Poseid, mas descrever os palácios ministeriais e monárquicos fornecidos pela nação a cada funcionário eleito, sendo um para cada príncipe e três para o imperador. No geral, a descrição de uma dessas edificações, interior e exteriormente, tipifica todas as outras, assim como nos Estados Unidos da América e outros países modernos um edifício governamental é facilmente reconhecido como tal por suas características gerais de arquitetura. A descrição de um palácio, por conseguinte, servirá a um duplo propósito: o de dar uma idéia da mais notável residência do grande império atlante, visto que tenciono descrever o principal palácio do imperador; o segundo propósito é o de ilustrar o estilo que prevalecia na arquitetura do período em que residi em Poseid. Imagine, se assim lhe aprouver, uma elevação de aproximadamente quinze pés, dez vezes essa medida em largura, e cinqüenta vezes em comprimento. Externamente às dimensões planas, em cada um dos quatro lados da plataforma feita de pórfiro talhado, vários degraus em aclive suave elevavam-se do gramado até o topo da elevação. Nos lados, esses degraus eram divididos em quinze seções, ao passo que nas extremidades as divisões eram apenas três, cada uma dividida em extensões de quinze pés. En-

tre as duas seções mais próximas dos cantos, cada divisão consistia em um profundo recesso quadrangular, com a escadaria descendo e passando em volta dele em ininterrupta continuidade. A seção seguinte, a terceira, era separada das outras duas, de cada lado por uma serpente esculpida, de enorme tamanho, feita de arenito e tão fiel à realidade quanto a arte o permitisse. As cabeças dessas serpentes imóveis descansavam no gramado verde em frente à escada, enquanto o corpo ficava em relevo sobre a escadaria, indo até o topo da plataforma, enrolado em torno das imensas colunas que suportavam os frontões das varandas do superes-truturado palácio erigido sobre a plataforma já descrita; as colunas formavam um mui imponente peristilo entre as amplas varandas e os degraus. A divisão seguinte era um quadrângulo inserido nos degraus e, a outra, mais uma serpente, e assim sucessivamente, em torno de todo o edifício. Espero que esta descrição seja suficientemente detalhada para dar uma idéia daquele tremendo paralelograma, rodeado de escadarias, guardado por formas ornamentais, e também úteis, de serpentes monstruosas, emblemas religiosos significando não só a sabedoria mas também o aparecimento de uma serpente de fogo nos céus da antiga Terra, iniciando o evento da separação do Homem de Deus. Alternados com essas formas ficavam os recessos, suavizando formas que de outro modo seriam severamente retas e monótonas. Coroando tudo isso havia o primeiro andar do palácio propriamente dito, com seu peristilo envolto em serpentes elevando o grande teto das varandas sobre as quais descansavam enormes vasos cheios de terra a nutrir todos os tipos de plantas tropicais, arbustos e muitas variedades de pequenas árvores, e um luxuriante jardim que perfumava o ar já refrescado por numerosas fontes ali colocadas. Acima do primeiro andar, com seus pórticos cheios de flores, erguia-se mais um nível com aposentos, cercado de galerias abertas, cujo piso era formado pelo teto que cobria o andar inferior. O terceiro e mais elevado nível de aposentos não tinha varandas, embora tivesse passarelas em todos os lados, formadas pelo teto do pórtico inferior. A mesma variada exuberância de flores e folhagens tornava todos os andares igualmente atraentes. Em todos eles, aves canoras e de plumagem eram hóspedes bem-vindos, sem gaiolas mas mansas por nunca terem sido maltratadas. Servidores armados de zagaia que projetavam flechas silenciosas, destruíam discretamente todas as espécies predatórias e também aquelas que, sendo desprovidas do poder de cantar, de plumagem de vividas cores ou de hábitos insetívoros para recomendá-las, eram por isso indesejáveis. Graciosas torres redondas ou afiladas erguiam-se acima do telhado principal do palácio, enquanto que os muitos

:i|x>sentos com projeções, ângulos e arcos abobadados, contrafor(es) elegantes, cornijas e outros efeitos arquitetônicos, impediam que o conjunto parecesse pesado ou sólido demais. Em torno da maior das torres subia uma escada em espiral, conduzindo ao espaço protegido por um corrimão, no alto, cem pés acima das chapas de alumínio que formavam o telhado do palácio. O palácio de Agacoe era único por causa de sua torre, que o tornava diferente dos outros edifícios ministeriais. Deve ser explicado que a torre tinha sido erigida em memória de uma bela princesa que partira dos amorosos cuidados de seu imperial esposo para Navazzamin, a sombria terra das almas dos mortos havia muitos séculos. Assim era o palácio de Agacoe. Seu andar superior era um grande museu governamental; o do meio abrigava os gabinetes dos principais funcionários do governo, enquanto que o primeiro estava magnificamente decorado para servir como residência particular do imperador. Por não ser um lato desprovido de interesse, anotamos que as bocas escancaradas das serpentes de pedra recentemente descritas serviam como portais de entrada (do tamanho usual) para certos aposentos do subsolo, fato que serve para dar uma idéia clara do enorme tamanho daqueles sáurios líti-cos. Os monstros haviam sido feitos levando em conta a proporção artística; seus corpos eram de arenito cinzento, vermelho ou amarelo, os olhos de cornalina, jaspe, sárdio ou outra pedra de silício colorido, enquanto as presas em suas bocas enormes eram de quartzo brilhante, uma em cada lado do portal.

Tantas pedras cortadas e alisadas forçam a mente moderna a indagar se os atlantes obtinham o produto acabado por meio do incansável labor de escravos -e nesse caso teríamos sido um povo bárbaro, cuja autonomia política estaria sempre ameaçada pelas forças do vulcão social que a escravatura sempre cria - ou se possuímos máquinas para o corte de pedras, de peculiar eficiência. Esta última é a resposta correta, pois nossas máquinas especiais para isso, assim como uma quase infinita variedade de outros implementos para todos os tipos de trabalho, eram um motivo de orgulho para a nossa nação e nos distinguiam das demais. Permite-me fazer uma afirmação, não como argumentação mas para que ela possa ser compreendida à luz dos capítulos subsequentes: se nós, atlantes, não tivéssemos possuído esse grande número de invenções mecânicas nem o talento inventivo que nos conduziu a esses triunfos, então vós, habitantes modernos da Terra, também não teríeis essa capacidade criativa nem os resultados dela. É possível que tu, leitor, não comprehendas a ligação que existe entre as duas eras e raças ao ler esta afirmação, mas ao chega-

res mais perto do final desta história tua mente para ela se voltará com plena compreensão.

Na esperança de que meu esforço em descrever com palavras a aparência dos edifícios governamentais da Atlântida tenha tido êxito, tentemos agora adquirir uma idéia do promontório no qual estava entronizada Caiphul, a Cidade Real, a maior daqueles antigos tempos, na qual vivia uma população de dois milhões de almas, e que não tinha muralhas fortificadas. Na verdade, nenhuma cidade ou capital daquele tempo era cercada por muros, e neste respeito diferiam das cidades conhecidas em épocas históricas posteriores. Chamar meus registros de Poseid de história não é exagero, pois o que relato nestas páginas é a história derivada dos registros da luz astral. Não obstante, ela precede as narrativas históricas transmitidas por manuscritos, papiros e inscrições em pedras por tantos séculos, visto que Poseid já não era mais conhecida na Terra quando as primeiras páginas da história foram registradas em papiros pelos primeiros historiadores, e nem mesmo antes, quando os escultores dos obeliscos egípcios e os artistas encarregados de gravar as pedras dos templos imprimiram histórias pictóricas no duro granito. Poseid estava esquecida, pois hoje faz quase nove mil anos que as águas do oceano engolfaram nossa bela terra sem deixar sinal, como o que sobrou das duas cidades ocultas sob lava e cinzas e que durante dezesseis séculos da era cristã permaneceram completamente desconhecidas. Escavadores trouxeram à luz os restos de Pompéia, mas homem algum pode afastar o Atlântico e revelar o que já não mais existe, pois ainda que cada dia fosse um século, teriam passado quase três meses desses longos dias desde o terrível fiat de DEUS:

"Que a terra seja coberta, para que o Sol que tudo vê não a distinga mais em seu curso."

E assim se fez.

Em páginas anteriores, o promontório de Caiphul foi descrito como se estendendo pelo oceano a partir da planície caiphaliana, sendo visível de grande distância à noite por causa da luz irradiada pela capital. A península se projetava por trezentas milhas, na direção oeste a partir de Numéia, medindo cinqüenta milhas de largura quase até o extremo, e erguendo-se como os penhascos de talco da Inglaterra a quase cem pés, até alcançar uma planície sem elevações, quase tão plana quanto o soalho de uma casa. Na extremidade dessa grande península ficava Caiphul ou "Atlân-

tida, Rainha do Mar". Linda, pacífica, com seus amplos jardins encantadoramente tropicais:

"Onde as folhas jamais esmaecem nos floridos e mansos galhos,

"E as abelhas se fartam com as flores o ano inteiro."

Suas largas avenidas sombreadas por enormes árvores, suas colinas artificiais, cortadas por avenidas que se irradiavam do centro da cidade como os raios de uma roda. Cinquenta delas corriam numa direção, enquanto que, formando ângulos retos com elas, atravessando a largura da península, com quarenta milhas de comprimento, situavam-se as avenidas menores. Assim era a mais poderosa cidade de mundo antigo, como se fosse um esplêndido sonho.

Em nenhum ponto Caiphul se encontrava a menos de cinco milhas do oceano. Embora não tivesse muralhas, em torno de toda a cidade estendia-se um imenso canal, com três quartos de milha de largura por aproximadamente sessenta pés de profundidade, alimentado pelas águas do Atlântico. No lado norte, um canal maior adentrava esse fosso circular - um canal no qual as águas profusas de um grande rio, o Nomis, criavam uma correnteza de considerável força. Conseqüentemente, formava-se uma corrente em todo o círculo do fosso, e a água do mar entrava pelo lado sul. Dessa maneira, efluía para o mar todo o sistema de drenagem da ilha circular artificial onde ficava a cidade. Imensas bombas a motor forçavam a água fresca do oceano a passar por toda a cidade por meio de grandes canos e condutos de pedra, fazendo a limpeza dos drenos e fornecendo força motriz para todas as finalidades, iluminação elétrica e serviços de eletricidade muito variados. . . mas, um momento! Serviços de eletricidade? Sim, na verdade tínhamos um grande conhecimento sobre a força motriz do universo: nós a utilizávamos em incontáveis formas que ainda estão por ser descobertas neste mundo moderno, além de formas que a cada dia estão voltando em grande número à memória de homens e mulheres do passado, reencarnados nesta época.

Não é estranha a tua incredulidade, meu amigo, quando falo dessas invenções que consideras uma propriedade típica de hoje? O fato é que falo com o conhecimento nascido da experiência, posto que vivi naquele tempo, e também neste de agora. Vivi não só na Poseid de doze mil anos atrás, mas também nos Estados Unidos da América antes, durante e depois da Guerra de Secessão.

Tirávamos nossa energia elétrica das ondas do mar que se abatiam sobre as praias; das torrentes das montanhas e de produtos químicos, mas principalmente do que poderia ser adequadamente chamado de "Lado Noturno da Natureza". Explosivos de alto poder eram conhecidos por nós, mas o emprego que deles fazíamos era muito mais amplo que o de hoje. Se pudesses feizer essas substâncias entregarem gradualmente sua enorme força aprisionada sem temer uma explosão, imaginas que tuas máquinas seriam movidas por motores elétricos ou a vapor, tão desajeitados por causa de seu peso? Se um grande navio a vapor pudesse dispensar suas caldeiras e fornalhas e em seu lugar usar dinamite num recipiente perfeitamente seguro, possível de ser carregado numa bolsa, transmitindo poder suficiente para levar o navio da Inglaterra até a América, ou impelir um trem por seis mil milhas, por quanto tempo ainda usarias teus motores a vapor? Contudo, essa energia foi conhecida por nós - por ti talvez, por mim com certeza - na vida atlante. Certamente ressurgirá, pois Nossa Raça está novamente voltando da vida após a morte para a terra.

Esse não era o único recurso energético que tínhamos. As forças do Lado Noturno da Natureza eram para nós o que o vapor é para teus motores. E o que são elas? Neste ponto só responderei fazendo uma contra-pergunta: a força da Natureza, da gravidade, do Sol, da luz, de onde vem? Se me responde-ress "vem de Deus", então explicarei que, da mesma forma, o Homem é Herdeiro do Pai, e tudo que é Dele também pertence ao Filho. Se Incal é impelido por Deus, o Filho descobrirá como o Pai o faz e chegará a fazê-lo também, como o Homem fez em Poseid, no passado. Mas podemos fazer coisas ainda maiores: és hoje, foste ontem. És Poseid que retorna, num plano mais elevado!

O propósito original para o qual havia sido construído o grande fosso ou canal que envolvia a capital tinha sido cumprido havia muitos séculos. Esse propósito fora puramente marítimo, ligado aos dias em que navios eram usados como transporte, antes do uso posterior de aeronaves, e havia cumprido sua finalidade tão bem que dera a Caiphul o título de "Soberana dos Mares", um título que continuou a existir mesmo depois que os usos originais do fosso já tinham se tornado coisa do passado. Quando melhores meios de transporte suplantaram os antigos, os navios que por dez séculos tinham visitado todos os mares e rios navegáveis do globo foram abandonados ou convertidos para outros

usos. Só algumas embarcações singravam as águas e eram barcos de recreio pertencentes a pessoas amantes de novidades e que dessa forma satisfaziam seu gosto pelo esporte.

Essa mudança radical, entretanto, não fez com que as docas de alvenaria do fosso, medindo cento e quarenta milhas aproximadamente, fossem abandonadas à destruição. Isto teria causado a perda de valiosas propriedades pela invasão das águas, assim como a deterioração do sistema sanitário da cidade, além de que tal desgraça teria destruído a beleza do canal e suas proximidades. Por conseguinte, nos sete séculos decorridos desde que deixamos de usar o transporte marítimo, não foi permitido que o menor sinal de fraqueza ameaçasse aquela grande extensão de alvenaria.

Uma característica marcante de Caiphul era a grande variedade e rara beleza de suas árvores e arbustos tropicais, ladeando as avenidas, cobrindo as muitas colinas coroadas por palácios, muitos dos quais tinham sido construídos de forma a se elevarem a duzentos e até trezentos pés acima do nível da planície. Arvores, folhagens, arbustos, trepadeiras e flores, anuais e perenes, enchiam os desfiladeiros, gargantas e terraços artificiais que os poseida-nos, amantes da arte, haviam criado. As plantas cobriam os declives, envolviam os penhascos em miniatura, as paredes dos prédios e até, em grande parte, os degraus que levavam das margens até a beira do grande canal, como se vestissem tudo com uma gloriosa roupagem verde.

Talvez o leitor esteja se perguntando onde vivia a população. A pergunta vem bem a tempo e a resposta, segundo creio, será interessante.

No trabalho de alteração da configuração da superfície do grande promontório, fazendo da planície uma bela variação de colinas e vales, o plano seguido tinha sido o de lazer uso de grandes suportes de rochas, de enorme resistência, na forma de terraços, deixando passagens em arco onde as avenidas faziam interseções com essas elevações, e preenchendo os vazios remanescentes com concreto feito com argila, pedrisco e cimento, cuidadosamente misturados e socados. O exterior era então coberto com terra fértil para ali se plantar vida vegetal de todas as espécies. Essas elevações cobriam muitas milhas quadradas do espaço antes existente, deixando poucas áreas planas a não ser as avenidas; mas nem todas, pois muitas ruas ascendiam as colinas ou seguiam o declive ascendente de algumas gargantas até alcançarem o topo. Então

atingiam a divisa e passavam para o outro lado por um viaduto em arco, do qual tubos de cristal a vácuo transmitiam uma luz contínua fornecida pelas forças do "Lado Noturno". As faces verticais e as inclinações dos terraços, assim como os lados das gargantas, serviam para a construção de aposentos de variado e amplo tamanho. As portas e janelas dessas construções eram disfarçadas por saliências artificiais de rocha, cobertas de hera e outras plantas que crescem em pedras, dessa forma escondendo das vistas a deselegância das armações metálicas existentes por baixo. Esses apartamentos formavam conjuntos artísticos para acomodar as famílias. A forração de metal evitava a umidade no interior, enquanto que sua localização no interior assegurava uma temperança constante em todas as estações do ano. Como essas residências eram projetadas e construídas pelo governo, e eram de propriedade do mesmo, os moradores as alugavam no Ministério de Obras Públicas. O aluguel era módico, suficiente apenas para manter a propriedade em boas condições, pagar as despesas de iluminação e aquecimento, o fornecimento de água e os salários dos funcionários que se ocupavam em cumprir esses deveres. Tudo isso custava não mais que dez ou quinze por cento do salário de um mecânico especializado. A menção de tantos detalhes deverá ser perdoada, pois se eu os omitisse, só uma concepção vaga e insatisfatória seria obtida pelo leitor.

O grande atrativo dessas residências era sua localização retirada, evitando a triste aparência de grandes números de casas angulares, um efeito extremamente desagradável muito visto em nossos dias de hoje mas raramente, ou nunca, nas cidades atlantes. O resultado desse planejamento era que, para quem olhasse de qualquer elevação, a cidade pareceria muito agradável em comparação com nossas modernas aberrações feitas de pedra, tijolos ou madeira, especialmente pela falta de arranha-céus separados por túneis estreitos e sem árvores, em muitos casos imundos, indevidamente chamados de ruas. O visitante veria uma colina e depois outra e mais outra, até incluir todas em sua visão -eram cento e dezenove no total; aqui um lago, ou um penhasco ao lado de um lago, ou um parque coberto de árvores; minigargantas com ar grandioso, pequenas florestas, tão regularmente irregulares. . . Cascatas e torrentes, alimentadas pelo inesgotável suprimento de água fresca da cidade, as margens e prainhas cobertas com árvores, arbustos e folhagens que amam a contiguidade da água. Estas, caro amigo, teriam sido as cenas apresentadas aos teus olhos, se pudesses ter contemplado Caiphul comigo. Talvez o fizeste, quem sabe? Mas Caiphul possuía também casas cons-

i ruídas à maneira moderna, pois a autorização da cidade para a construção de algumas casas belas, em locais e estilos calculados para aumentar a beleza do cenário, era um privilégio que pessoas abastadas podiam obter oficialmente. Muitas a haviam obtido. Museus de arte, teatros e outras estruturas não destinadas a moradia também existiam em razoável n^oj_{me}ro.

Passeando pela cidade, descobri que as avenidas, em certos casos, pareciam interromper-se bruscamente diante de uma gruta, cujo interior geralmente estava enfeitado por estalactites pendentes do teto. Por vezes um leve desvio do curso acontecia, impedindo a visão do interior da gruta. Nesses locais, lâmpadas cilíndricas de alta tensão, a vácuo e sem quebra-luz, enviavam um brilho suave ao interior, criando um efeito de luar muito agradável para quem entrasse, vindo do exterior brilhantemente iluminado pelo Sol.

Embora os habitantes fossem excelentes cavaleiros, em sua maioria, esse tipo de transporte não era usado a não ser como meio de cultura e graça físicas, urria vez que havia o transporte elétrico fornecido pelo governo. Certamente os reformadores deste século dezenove da era cristã se sentiriam na terra ideal se fossem caifalianos, isto porque o governo exercia o princípio paternalista, tão sistematicamente quanto o feria se fosse o dono da terra, de todos os meios de transporte e comunicações públicas, fábricas, enfim, todas as propriedades. O sistema era de natureza muito benéfica, e nenhum poseidano desejava que fosse interrompido ou suplementado por algum outro. Se um cidadão desejava um vailx (aeronave) para qualquer finalidade, dirigia-se aos funcionários próprios que sempre estavam de plantão nos depósitos de vailx em todo o reino. Se quisesse cultivar a terra, contatava o Departamento de Solos e Agricultura. Talvez desejasse fabricar um produto; as máquinas estavam à disposição por um aluguel módico necessário para cobrir as despesas de operação e os salários das pessoas encarregadas daquela parte da propriedade pública. Creio que estes exemplos são o suficiente. Cabe dizer que não existe harmonia política como a que provinha do paternalismo de nossos oficiais eleitos. O paternalismo governamental é encarado com desconfiança e um certo alarme pelas repúblicas modernas. É que hoje sua qualidade difere da que existia então. O nosso era um paternalismo observado de perto e devidamente contido pelos eleitores da nação, e sua existência era essencialmente um expoente de princípios verdadeiramente socialistas.

Até aqui não entrei em detalhes precisos a respeito dos muitos acordos peculiares mantidos entre os pais políticos (governo) e seus filhos, ou entre trabalho e capital. Não creio que deva fazê-lo nestas páginas com propriedade, pois não é o caso de uma petição de readoção, nesta época do mundo, dos métodos seguidos naquele remoto período. Creio que será suficiente dizer, o que não deverá ser inadequado nesta conjuntura, que Poseid não era incomodada no meu tempo pelo problema moderno e ao mesmo tempo muito antigo das greves, que bloqueiam o capital e a empresa, fazem morrer de fome o artesão e causam mais sofrimento aos pobres do que aos ricos. O segredo dessa imunidade às greves não precisa ser buscado muito longe numa nação cujo governo era a voz de um povo com suficiente educação para conceder o poder sem consideração de sexo, porque estava indelevelmente marcado em nossa vida nacional o seguinte princípio: "uma base de educação a cada eleitor; o sexo do eleitor não tem importância". Numa nação assim, seria muito estranho que desarmo-nias industriais pudesssem perturbar a política social por muito tempo. O amplo princípio da igualdade entre empregador e empregado reinava em Poseid; não importava o que uma pessoa fizesse para a outra, toda a equação se firmava nesta pergunta: algum serviço foi prestado por uma pessoa a outra? Em caso afirmativo, o fato desse serviço ter sido prestado ou não através de um esforço físico não contava. Um serviço devia ser compensado, fosse físico ou intelectual, e também não era importante saber se o empregador representava um ou mais indivíduos, ou o empregado uma ou mais pessoas.

Nossas leis locais relativas à questão da igualdade industrial eram completas e bastante volumosas. Embora não pretenda dar uma versão completa do que se poderia chamar de leis trabalhistas, algumas partes merecem atenção. Será melhor prefaciá-las com uma breve história dessas regras para mostrar como, naquele tempo remoto, problemas trabalhistas muito semelhantes, e tão ameaçadores para a paz e a ordem quanto qualquer revolta industrial moderna, foram final e equanimemente resolvidos.

Na "Pedra Maxin", a cujo código legal será feita referência no devido tempo, encontramos esta semente vital de resolução de uma terrível ameaça envolvendo trabalho e capital, a saber:

"Quando aqueles que trabalham por um salário estiverem oprimidos e se levantarem em fúria para destruir seu opressor, que sejam impedidos e que Me obedeçam. A eles eu digo: não causes

(Ia no à pessoa ou à propriedade de qualquer homem, mesmo que •«-jas oprimido por ele. Pois não sois todos irmãos e irmãs? Não sois todos filhos de um só Pai, o inominado Criador? Mas isto eu ordeno: que eles destruam a opressão. Pois poderão coisas que são menos que o homem dominar e oprimir seus senhores? Bus-ra com diligência o significado de minhas palavras."

O estudante de ética interpretava esse comando com o signifi-tado de que as classes trabalhadoras oprimidas não deveriam prejudicar o capitalista opressor nem sua propriedade. As classes privilegiadas talvez fossem tão vítimas das circunstâncias quanto as mais pobres; o remédio estava, não na anarquia cega, mas na erradicação das condições errôneas. Isso seria fácil, desde que adequadamente tratado. Os oprimidos eram na proporção de milhares para um, em relação ao opressor. A maioria deles tinha o poder do voto e foi determinado que, sendo o governo servidor do povo, o método correto era lidar com a questão por meio de eleições e não pelo uso da violência contra os ricos. Portanto, fez-se a convocação para que o povo em peso votasse pela adoção de um código de regulamentos trabalhistas e o submetesse respeitosamente ao Rei. Dos muitos artigos e seções citarei apenas aqueles que são pertinentes aos tempos e problemas modernos, de modo que, se minha seleção não contém artigos e seções de maneira seqüencial, a razão é óbvia.

EXCERTOS DAS LEIS TRABALHISTAS DE POSEID

"Nenhum empregador exigirá de qualquer empregado a prestação de serviços além dos horários legais de trabalho sem remuneração extra."

"Seção 4. Essas horas não serão menos nem mais que nove horas de labor físico em cada período de vinte e quatro horas; não serão mais nem menos que oito horas de trabalho sedentário requerendo principalmente o esforço intelectual."

Este estatuto permitiu que as duas partes de um contrato de trabalho decidissem quando o horário de trabalho começaria ou terminaria, com relação à primeira hora do dia, isto é, a hora moderna do meio-dia. Quanto ao caso dos salários, a lei era muito clara, explicando que, como o homem é egoísta por natureza -quer dizer, em sua natureza inferior - aplicaria com base no au-to-engrandecimento a moderna doutrina do autogoverno. Assim, se ele não fosse movido pelo senso do dever para com seu seme-

lhante a tratá-lo com justiça, não sendo a justiça ditada pela força, então caberia à lei compeli-lo a ser justo. É neste ponto que o moderno mundo anglo-saxão, que é o mundo de Poseid (e Suern) ressurgindo, mostra um sinal do lento mas seguro progresso gerado pelo tempo-, prova que embora o homem, como tudo o mais, dotado ou não de inteligência, se movimente em um círculo, esse círculo é como a rosca de um parafuso, sempre progredindo para o alto, a cada volta para um plano mais elevado. Poseid deve ser compelida por suas mentes avançadas a fazer o que é justo pelos fracos. A América e a Europa estão se tornando mais propensas a agir corretamente e com justiça, porque isso é parte do dever. Vemos então empregadores modernos oferecendo de livre vontade o que os antigos poseidianos faziam por força da lei: partilhar lucros com os empregados.

Tendo a lei sido entregue aos juristas, os eletores decretaram que o governo deveria estabelecer um Departamento de Intendência, cuja incumbência seria a de coletar todos os dados estatísticos referentes a produtos alimentícios comerciáveis, todos os têxteis necessários ao vestuário e, em suma, todos os artigos necessários para a manutenção social adequada dos cidadãos. Com base nesses relatórios estatísticos, seria feita uma estimativa do custo desses bens, entre os quais estavam os livros, reconhecidos como alimento mental. Foi calculado o custo anual desses itens e, os salários, com base no resultado da divisão do custo anual pelo número de dias. Essa tabela era atualizada a cada noventa dias, por causa da verificação de que certos itens principais flutuavam, não sendo o cálculo totalmente estável, e os salários de um trimestre poderiam diferir dos salários do trimestre anterior.

Permit-me fazer uma citação:

"Seção VII, Art. V. Os empregadores dividirão os lucros brutos das operações comerciais da seguinte forma: O salário, ganhos ou emolumentos de cada empregado serão pagos com base na soma trimestral estimada do custo de vida determinado pelo Departamento de Intendência. Do restante, seis partes de cada cento do capital investido serão reservadas. Este incremento será e representará os lucros líquidos do empregador. Da receita restante serão deduzidas as despesas normais e, de qualquer soma remanescente, metade será investida para prover anuidades aos doentes ou incapacitados, ou como seguro aos dependentes de empregados falecidos. A metade restante será periodicamente distribuída entre os empregados com base em suas diferentes compensações."

"Seção VIU, Art. V. Um conjunto de empregados é apenas equivalente ao seu Superintendente. Este equivale a todos os seus subordinados. Portanto, os empregadores, se não forem eles mesmos os administradores do seu negócio, pagarão aos gerentes um salário igual à soma dos salários dos subordinados."

Essas e outras leis trabalhistas realmente têm um sabor de modernidade. Mas a civilização de todas as eras, em todas as nações, onde a expressar-se de maneiras tais que, se usarmos a linguagem moderna para exprimi-las, parecerão quase idênticas. Tanto é assim que na antiga Atlântida e na moderna América o termo "greve" pode ser apropriadamente empregado para designar uma revolta de trabalhadores; o mesmo princípio caracteriza todas as outras fases-, de uma era para outra, o mundo progride com lentidão, e hoje ainda não está tão avançado nem tão civilizado, em seu atual subciclo, quanto estava no tempo de Poseid. Estas podem ser palavras duras, mas logo serão compreendidas.

Essas eram as principais características do mundo industrial de Poseid. As antigas greves e tumultos que deram nascimento a essas leis desapareceram e a paz tomou o seu lugar. A mudança foi benéfica, mas os fortes sempre procuravam descobrir um meio de burlar a lei e, embora não tivessem tido êxito suficiente para causar grandes danos, seu desejo foi adicionado à soma do Carma. Assim, quando o mundo moderno da época cris-(ã chegou aos séculos dezoito e dezenove, especialmente este último, começou a reencarnação daquele período de Poseid e, por algum tempo, a opressão novamente predominou. Contra essa tendência, hoje surge timidamente o desejo de agir com jus-i içá pela justiça em si, o que, aplicado a assuntos industriais, manifestou-se em anos muito, muito recentes -um sinal do brilho derradeiro no crepúsculo do dia quase chegado à hora final, lembrando uma era acabada. Refiro-me particularmente ao desejo mais presente do homem de tratar corretamente os outros sem ser forçado a isso por decretos legais. É verdade que isso é feito-10 ainda porque o homem descobriu que é conveniente; mas essa descoberta nunca teria sido feita se o desejo reencarna-do do bem não tivesse induzido experimentos de participação nos lucros, na esperança de exterminar-se a iniqüidade das greves e com a idéia de harmonizar a sociedade e levá-la a agir como gostaria que agissem com ela. Finalmente, por mais estranho e paradoxal que pareça, essa melhoria é resultado direto de antigos direitos conseguidos à força em Poseid, hoje filhos reencarnados da opressão reencarnada, assim como na Atlântida a opres-



são surgiu como reencarnação de eras ainda mais antigas, anteriores ao espantoso memorial de Gizé. Mas ir além de uma simples menção disso seria invadir a seara entregue a outrem pelo Messias; portanto, só um indício poderei dar agora e transmitirei outros mais tarde. Basta dizer, então, que aqueles foram tempos em que os homens lutavam contra nossa ancestralidade caída com uni movimento ascendente que era praticamente imperceptível, (Ilória seja dada ao Pai, pois Seus filhos, segura embora lentamente, estão por meios tortuosos ascendendo a Suas alturas; muitas são suas quedas, mas eles se levantarão de novo, não permitindo que o inimigo triunfe.

Pode parecer uma intrusão inoportuna, mas devo introduzir neste ponto uma breve descrição do sistema de transporte eletro-ódico de Caiphul e das outras cidades, grandes e pequenas, espalhadas pelo império e suas colônias. Farei somete a descrição dos veículos de transporte local. Em cada lado das amplas avenidas havia uma larga calçada de mosaico para os pedestres. Uma linha de enormes e pesados vasos de pedra, sem fundo e onde cresciam arbustos ornamentais e folhagens, estavam no meio-fio, e de cada lado deles havia um trilho de metal, a uma altura de uns nove pés, apoiados em suportes semelhantes aos que serviam para amarrar navios. A distâncias regulares, outros trilhos cruzavam as vias principais, podendo ser levantados ou abaixados para formar um desvio

como os dos trens de hoje, com uma simples alavanca efetuando esse processo. O espaço abaixo dos trilhos servia como cruzamento de ruas, havendo raramente uma rua pavimentada por baixo, a não ser nas avenidas maiores. Nos mapas do Departamento Municipal de Trânsito, esses trilhos principais e secundários formavam uma espécie de teia de aranha. Para cada distrito havia grande número de veículos com mecanismo autódico, que permitia o transporte de seus passageiros a tremendas velocidades. Não ocorriam colisões, porque o sistema era formado por trilhos duplos.

A A A

CAPÍTULO II

A FÉ TAMBÉM É CONHECIMENTO E KEMOVE MONTANHAS

Existe um ditado cuja origem se perde na obscuridade do tempo e que diz "Conhecimento é poder". Dentro de limites bem definidos, isto é uma verdade. Se por trás do conhecimento está a energia necessária para efetivar seus benefícios, então e só então esse ditado é uma verdade.

Para o exercício do controle da natureza e suas forças, o operador em potencial deve ter perfeita compreensão das leis naturais pertinentes. É o grau de consecução inserido nesse conhecimento que marca a maior ou menor capacidade desse operador, e aqueles que adquiriram a compreensão mais profunda da Lei (Lex Magnum) são mestres cujos poderes parecem maravilhosos a ponto de parecerem mágicos. As mentes não-iniciadas ficam absolutamente alarmadas por suas incompreensíveis manifestações. Em todos os pontos para onde eu olhasse quando me vi em minha morada citadina ao chegar de meu lar nas montanhas, via inexplicáveis maravilhas, mas a dignidade natural evitou que eu parecesse um ignorante. Pouco a pouco eu iria me familiarizar com meu ambiente e com isso adquirir o conhecimento das coisas a que me referi quando mencionei pela primeira vez a troca da vida no interior pela cidade. Mas essas consequências relativas a uma conforta-dora autoridade sobre a natureza exigiam um curso especial. Esse curso de estudo ainda não tinha sido determinado por mim an-les de minha entrada na cidade, pois parecia-me que seria uma atitude inteligente concentrar minhas energias em especializações, sem dispersar forças com generalidades. Com base nessa idéia, resolvi passar um período mais ou menos extenso sem solicitar admissão ao Xioquithlon, período esse que seria aplicado à observação. Eu tinha sido um ávido leitor de livros obtidos na biblioteca pública do distrito onde ficava minha casa nas montanhas. Com essas leituras havia adquirido uma compreensão nada desprezível da organização do governo. O rato de haver apenas noventa e um cargos eletivos para o povo, enquanto havia quase trezentos milhões de Poseidianos na Atlântida e suas colônias e, segundo um censo recente que eu tinha visto, quase trinta e oito milhões de eleitores detentores de diplomas de Primeira Classe, indu-

ziu-me a achar extremamente improvável que tão elevado privilégio me fosse concedido. Ora, como eu dificilmente poderia esperar ter um cargo ministerial, então seria possível, caso eu me candidatasse a um diploma Superior, obter um elevado nível político e um cargo nomeado, entre os quais vários eram quase tão honrosos quanto os de conselheiro. Em quais matérias especiais deveria eu me concentrar? A pesquisa geológica me agradava muito e seus inúmeros ramos ofereciam amplos e atraentes campos de oportunidades. Mas a filologia era dotada de uma atração quase igual e minha capacidade de aprender idiomas estrangeiros não era pequena, como eu tinha constatado estudando um pequeno volume descritivo de uma terra conhecida pelo nome de Suernis, um país estranho de cuja língua muitos exemplos ali apareciam. Esses exemplos aprendi sem esforço e perfeitamente com uma só leitura.

Vários meses de residência na cidade finalmente me encontraram decidido a adquirir todo o conhecimento geológico que pudesse, pois eu acreditava que esse era um estudo que Incal me havia indicado, junto com o conhecimento de minas e mineralo-gia. Como matérias concomitantes resolvi me educar seriamente em literatura sintética e analítica, não só com relação a Poseid mas também às línguas dos Suerni e Necropânicos. Eis que acabo de dar os nomes das três maiores nações dos tempos pré-Noachios (pré-Nepthianos). Uma dessas nações foi varrida da face da Terra mas as outras duas conseguiram sobreviver apesar de terríveis vicissitudes. Destas falarei mais adiante.

Os motivos que me levaram a escolher o currículo que mencionei foram os de que, como geólogo e cientista, eu esperava fazer novas descobertas de valor e colocá-las diante do mundo em forma de livro, ou pelo menos diante do povo de Poseid que se considerava o melhor do mundo. Esse desejo difficilmente poderia ser realizado sem esses estudos de que falei. A influência que eu esperava conquistar através de minhas publicações poderia me conduzir ao cargo de Superintendente Geral de Minas, um cargo político não inferior a qualquer outro cargo nomeado. Certamente outros estudos seriam necessários, caso eu entrasse na disputa por um diploma superior, mas os que citei eram os mais agradáveis e constituiriam minha aspiração principal. De passagem eu poderia observar que os estudos que escolhi naquela oportunidade, e que depois dominei perfeitamente, fizeram minha natureza assumir uma tendência que me levou, não faz muitos anos, a tornar-me dono de minas no Estado da Califórnia; bem-sucedido, devo

dizer. Também fixou muito mais firmemente minhas inclinações lingüísticas, tanto que, enquanto era cidadão dos Estados Unidos (i. América, dominei não só minha língua nativa mas igualmente usei outras línguas modernas como francês, alemão, espanhol,

< hinês, vários dialetos do hindustani, e sânscrito, como uma espé-
< ir de relaxação mental. Não tomes estas palavras como auto-en-
giandecimento, pois não é este o caso. Só as formulei para te mostrar, amigo, que teus próprios poderes não são apenas uma questão de herança genética, mas de memórias de uma ou quem sabe de todas as tuas vidas passadas; também tive a intenção de lazer uma alusão proveitosa, qual seja a de que os estudos empreendidos hoje, não importa quanto próximo estejas do ocaso de nus dias, certamente darão frutos, não só nesta tua vida terrena mas em encarnações subsequentes. Vemos com a visão de tudo que vimos antes, agimos com base em tudo que já fizemos antes, pensamos através de tudo que já pensamos no passado. *Verbum sul Sapienti.*

No próximo capítulo pretendo dedicar algumas páginas a considerações sobre a ciência física, tal como era entendida pelos pose -idanos. Referir-me-ei mais especialmente aos princípios superiores em que essa ciência se baseava, visto que negligenciar essas explicações requereria muitas declarações *ex cathedra* posteriores que de outra forma poderiam ser clara e imediatamente compreendidas.

A A A

CAPITULO IV

"AXTE INCAL, AXTUCE MUN"

Considerando as leis naturais, os filósofos de Poseid tinham i-|icgado à hipótese final e à teoria prática de que o universo material não era uma entidade complexa mas, ao contrário, primordialmente muito simples. A gloriosa verdade ("Incal malixetho") era elara para eles, ou seja, que "Incal (Deus) é imanente na Natureza". A isso apuseram que "Axté Incal, axtuce mun" -"conhecer I)eus é conhecer todos os mundos". Após séculos de experimentarão, registros de fenômenos, deduções, análise e síntese, aqueles estudiosos haviam chegado à proposição final de que o universo < om todos os seus variados fenômenos -sem contar seu extraordinário conhecimento de astronomia -tinha sido criado e mantido em operação por duas forças -princípios primais. Falando resumidamente, esses fatores básicos eram que a matéria e a ener-RÍU dinâmica (que eram Incal manifesto), poderiam facilmente explicar todas as outras coisas. Essa concepção partia do princípio de que só existia Uma Substância e Uma Energia, sendo uma In-i ;<1 externalizado e a outra Sua Vida em ação em Seu Corpo.* Essa Substância Única assumia muitas formas pela ação de graus variáveis de força dinâmica. O fato de que esse era o princípio básico de todos os fenômenos naturais e psíquicos, mas não espiri-i nais, permite-me transmitir aqui um postulado que muitos de meus amigos reconhecerão ao menos parcialmente, ou quem sa-Ix; na íntegra. Começando com a energia dinâmica tal como primeiro se manifesta de forma sensível no exemplo dado pela vibra-ção simples, a posição poseidana pode ser esboçada da seguinte forma: uma freqüência muito baixa de vibração pode ser sentida; um aumento de freqüência pode ser ouvido. Por exemplo, sentimos primeiro o pulsar da corda da harpa e depois, se a freqüên-

* Nota - *Como, em seu impulso de emanação, o Criado sempre se afasta do criador, ele olha para sua origem e nota seus marcos de progresso, ou seja, as multiplicadas percepções de sua crescente separação da Fonte. Quanto maior essa separação, maior é o campo (Máteria) em que esses pontos aparecem, porque o elemento do Criado que se distancia notou mais pontos ou, em outras palavras, mais coisas, mais objetos materiais entre ele e sua Fonte. Só quando olhamos para trás, para essas coisas que sentimos, para essas for-mas-mentais de Deus, percebemos a matéria, pois, quando olhamos para a frente, para a reunião com Ele, a matéria desaparece e dá lugar ao Espírito.*

cia da vibração aumenta, ouvimos seu som. Mas substâncias de outras espécies, capazes de suportar impulsos vibratórios maiores, manifestam-se por uma ação mais intensa, seguindo-se ao som o calor, e depois a luz. Pois bem, a luz varia de cor. A primeira cor produzida é o vermelho e, a partir daí, aumentando-se constantemente a energia vibrátil, o alaranjado, o amarelo, o verde, o azul, o índigo, o violeta, cada faixa do espectro devendo-se a um aumento exato e definido no número de vibrações. Sucedendo-se ao violeta, o aumento de freqüência nos dá o branco puro, depois o cinza; além desse ponto a luz se extingue e dá lugar à electricidade, e assim por diante, através de uma voltagem crescente, até que se alcance o reino da força psíquica ou força vital. Podemos verdadeiramente considerar isso como uma interiorização a partir das manifestações da natureza, de Incal ou Deus, ou do Criador, que são externas; como um movimento para o interno, a partir do externo. Um breve estudo mostrará que as leis do mundo físico seguem para dentro em busca de sua fonte espiritual; que elas verdadeiramente são prolongamentos uma da outra. Mas, entrando no reino da vibração, cujo guardião do umbral é o som, vemos que a Substância Única vibra em grau dinâmico variante mas definido, e que disso resultam todos os diversos tipos de matéria; em suma, a diferença entre determinadas substâncias, como ouro e prata, ferro e chumbo, açúcar e areia, não é uma diferença de substância mas de grau dinâmico. Estarei te entediano-do, meu amigo? Tem paciência um pouco mais, pois este é um ponto importante. Nessa tendência dinâmica, a graduação não é mais uma limitação vaga, pois se a freqüência vibratória variar ligeiramente, tornando-se mais elevada ou menor em qualquer material especial que possa estar sendo observado, a variação será diferente em aparência e em sua natureza química-, assim, específicas mas poderosas vibrações por segundo podem ser conferidas a entidades substanciais apropriadas e a substância resultante (pois a luz é substancial) é, digamos, vermelha*; mas, se a vibra-

* Nota - Diz-se que a luz vermelha ocorre a 395 trilhões de vibrações do "éter" que Phylos chama de a última forma de matéria abaixo da qual a matéria deixa de existir e a mente começa. E a mais alta vibração de luz visível é situada a 790 trilhões. E o que diz a ciência. Mas Phylos diz: "Muitíssimo mais alto do que a elevada faixa púrpura em que a luz deixa de ser ordinariamente visível, a Substância Una vibra novamente de modo visível. Assim como uma corda síncrona de harpa que responde a um Dó grave, por exemplo, tocado numa outra harpa, responde também a todas as notas Dó da escala total, sejam graves, médias ou agudas, assim a Substância Una responde a 831 trilhões e novamente na oitava seguinte, depois na seguinte, tomando-se então visível como a fatal Luz Não-nutrida, chamada em Atla "Maxin" e em Tchin "Vis Mortuus".

i.ão for um oitavo maior, ela será laranja e, se for mais ou menos elevada, então a substância resultante será inevitavelmente um laranja avermelhado ou amarelado, respectivamente. Ao que pare-• e, portanto, há certas gradações definidas, tão claras quanto mar-<os de quilometragem, e essas gradações são absolutas. Em outras palavras, a Substância Una não é mantida entre essas defini-i,t>es maiores e sim sobre elas, fato que explica a tendência dos compostos, ou propriedades intermediárias, de se decompor em elementos definidos ou simples-, os compostos químicos não N;IO tão estáveis quanto as substâncias químicas básicas ou primárias. A moderna "teoria das ondas" segundo a qual som, calor, luz e correlatos são apenas formas de força, está só 50% correta, |x>is eles são isso, é verdade, mas também são algo mais. Em suma, são tendências da Substância Una por graus específicos da Knergia Una, e a não ser pelo fato de que a freqüência dessa propriedade é muito maior no caso da electricidade do que no chum-IK) OU no ouro, não há diferença entre essas coisas de aparências lao diversas. Essa é a energia que os rosacruzes denominavam "Fogo" e que permite a entrada naquele misterioso reino da natureza só penetrado pelo taumaturgo, pelo mago adepto. Podes chamar esses estudantes a cuja vontade a natureza se curva obediente- pelo nome que mais te agrade, mas tem em mente que o verdadeiro Mago nunca fala do Eu ou de sua obra, nem seus amigos e conhecidos sabem o que ele é, a não ser que o segredo seja revelado por acidente. A essa sociedade pertenceu Aquele cujo comando fez parar o vento e as ondas na tempestuosa Galiléia. Mas Ele não falava de Si Mesmo. Falarei daquela sublime fraternidade em breve. Não é necessário melhor prova de que todas as manifestações variantes são simplesmente variantes da força ódica, o "Fogo" rosacruz, do que esta: ofereça-se resistência a uma corrente elétrica, dessa forma reduzindo-a ou desviando-a contra uma força contrária, e se fará a luz; oponha-se a esta luz (arco) uma obstrução inflamável, e disso resultará uma chama. Assim poderá chegar em breve a descoberta a ser feita pelo mundo científico de que a luz, qualquer luz, do Sol ou de outra fonte, pode ser leva-tla a produzir som-, nessa descoberta repousam algumas das mais espantosas invenções que tua era poderá sonhar em suas visões. Mas a descoberta básica e primai desse maravilhoso elo, o primeiro da seqüência, será a maior de todas e como tal anunciada. Isto será correto, pois o fato de ser apenas um desenvolvimento tecnológico reencarnado não diminuirá sua importância para a humanidade nem o crédito de seu descobridor. Ou seja, as verdades do Reino do Pai são eternas; sempre existiram e existirão, e só os descobridores serão algo novo em relação aos fatos, que não

serão novos em si, nem novos inclusive para o mundo, mas inéditos apenas para esta época. Poseid sabia que a luz gera o som quando a ela se opõe uma resistência adequada. Sabia que o magnetismo gera a eletricidade da mesma maneira e pela mesma razão. Assim, a magnetita tem magnetismo; girando-a no campo de um dínamo, cortando a corrente e empilhando-a sobre si mesma, por assim dizer, eis que se desenvolve a eletricidade. Portanto: oponha-se resistência a isso e a luz surge; resista-se mais e vem o calor; e com mais resistência adequada, surge o som, e a energia seguinte aparece como movimento pulsante. No entanto, esses vários processos podem ser objeto de um "curto-circuito" e então todos os fenômenos intermediários serão eliminados.

Terei sido cansativo com este discurso? Se o fui, como desconfio, a recompensa está próxima. Os poseidianos descobriram que no reino além do magnetismo existiam outras forças, superiores e mais intensas em pulsação, forças operadas pela mente. A Mente é do Pai, é a fonte que constantemente cria todas as coisas. Se a perpétua *vis a tergo* da divina criação parasse por um só instante, nesse mesmo instante o Universo deixaria de existir. Eis que agora verás a sublime beleza do postulado atlante que não faz muito tempo expressei: "Incal malixetho, Axté Incal, axtuce mun". Pois de Suas alturas, marcando a descida com "cascatas de força" como o rio marca as declividades de seu leito com cataratas, provém esse supremo poder; oh! ele vem por uma longa distância, em seu curso descendente até as cascatas do magnetismo, da eletricidade, da luz, do calor, do som, do movimento -e muito além, onde o leito de Sua divina torrente se torna quase plano -e mostra as pequeninas ondas de diferenciação material que chamas de elementos químicos, insistindo em que existem sessenta e três, quando há apenas Um. Desse conhecimento vieram todos os maravilhosos triunfos daquela prisca era, e um por um estão emergindo após um longo esquecimento, e no amanhã acordarão em grande número, pedindo para serem descobertos primeiro em número de três ou quatro, e depois em pelotões e companhias e legiões, até que todos os tesouros de Poseid estejam de volta na terra, no ar e no mar. O radioso amanhã do tempo e tu, afortunado, que abrirás teus olhos para contemplá-los com todas as suas maravilhas! E não obstante seres tão afortunado, descobrirás que é bem melhor temperar todas as coisas com o espírito e não permitir que a marcha da descoberta física sobrepouse o progresso da alma. Ah, triste será o dia em que o homem se aproxime do arcano tesouro de seu Pai só com seu cego olho físico, pois se

mm isso ele ganhar o mundo inteiro, de que lhe servirá se perder sua alma?

Tendo obtido essa percepção de um novo reino, se é que o reino que descrevi é novo para ti, permite-me perguntar e pedir tua resposta: como explicas estes dois fenômenos, luz e calor? Eles são difíceis de explicar, pois frio e trevas não são apenas a ausência de luz e calor.

Tendo dado a base disso, exponho agora uma nova filosofia:

Eu disse que os atlantes reconheciam a Natureza em sua totalidade como a Divindade externalizada. A filosofia atlante afirmava que a força se movia, não em linha reta mas em círculos, para sempre voltar para ela mesma. Se a dinâmica que opera o universo atua em progressão circular, segue-se que um aumento infinito na vibração possível para a Substância Una seria um conceito insustentável. Deve haver um ponto no círculo onde os extremos se tocam e novamente percorrem o mesmo circuito, o que confirmamos existir entre a catodicidade e o magnetismo. Assim como a vibração trouxe a substância até o campo da luz, assim também deve levá-la de volta. É o que ela faz. E a leva para o que os poseidanos denominaram "Navaz, o Lado-Noite da Natureza", onde a dualidade se torna manifesta, com o frio se opondo ao calor, a obscuridade à luz, e onde a polaridade positiva se contrapõe à negativa, e todas as coisas são antípodas. O frio é uma entidade substancial como é o calor, as trevas como é a luz. Existe um prisma de sete cores em cada raio de luz branca; também há um prisma sétuplo de entidades negras na mais negra escuridão -a noite é tão prolífica quanto o dia.

O pesquisador poseidano tornou-se, pois, conhecedor de espantosas forças da natureza que ele poderia adaptar aos usos da humanidade. O segredo tinha sido revelado, sendo a grande desco-lierta a de que a atração da gravidade, a lei do peso, era contra-ixjsta pela "repulsão pela levitação"; que a primeira pertencia ao Lado-Luz da Natureza, e a segunda a Navaz, o Lado-Noite; que a vibração regia a obscuridade e o frio. Assim Poseid, como o antigo Jó, conhecia o caminho para a morada das trevas e para os tesouros do granizo (frio). Por meio dessa sabedoria a Atlântida aprendeu que era possível ajustar o peso (condição positiva) à ausência de peso (condição negativa) com tanto equilíbrio que não se manifestava qualquer repulsão. Essa conquista significou muito. Ela tornou viável a navegação aérea sem asas e sem pesos

reservatórios de combustível, pelo uso da repulsão pela levitação opondo-se poderosamente à atração da gravidade. Que a vibração da Substância Una regia e compunha todos os reinos, foi uma descoberta que resolveu o problema da transmissão de imagens de luz, formas e também som e calor, como o telefone que, como sabes, transmite imagens de som; só que em Poseid não se requeriam cabos, fios ou outra ligação material para esse uso, por maior que fosse a distância, nem aparelhos telefônicos, ou dispositivos para a transmissão de imagens ou condução de calor.

Para fazer uma digressão, eu gostaria de dizer que graças ao emprego dessas e outras forças do Lado-Noite os feitos aparentemente mágicos e ocultos dos adeptos, do Homem de Nazaré ao último dos yogues, foram e são realizados.

E agora, encerro este capítulo dizendo que quando a ciência moderna tiver encontrado o caminho para a aceitação do conhecimento de Poseid que aqui foi esboçado, a natureza física não mais terá recessos ocultos nem mistérios para o pesquisador científico. A terra, o ar, a profundidade dos mares e os espaços inte-restelares não mais terão segredos para o homem que os confronte pelo lado de Deus, como o faziam os poseidianos. Não afirmo que os atlantes sabiam tudo; sabiam muito mais do que foi descoberto até hoje, mas não tudo. A busca por eles iniciada naqueles tempos deverá ser continuada por teu povo, pois tu, América, fos-te atlante. De uma nação e de outra posso cantar, "Meu país, isso é teu".

A A A

CAPÍTULO V

A VIDA EM CAIPHUL

Minha nova vida trouxe inúmeras novidades para minha mãe «■ eu, recém-chegados das montanhas a um centro urbano. Após ler aprendido mais algumas coisas sobre suas conveniências, logo me harmonizei com a nova situação. Adaptei meu modo de vestir ao estilo citadino-, sendo minha atitude natural reservada, pude dar a impressão de estar à vontade, algo que foi apoiado cada vez mais pelo grau crescente de segurança que fui adquirindo.

A vida de um estudante no ambiente da escola, como aprendi após matricular-me no Xioquithlon, mostrou ser tão enervante para alguém acostumado à total liberdade que me vi obrigado a criar um esquema que me permitisse fazer o necessário exercício físico.

Depois de pensar por algum tempo, e tendo conseguido algumas informações fortuitas, procurei o Superintendente Distrital de Solos e Agricultura e solicitei que ele me indicasse um pedaço de terra que eu pudesse cultivar, não necessariamente com lins lucrativos mas pela prática contando-lhe que era um estudante.

O Superintendente, com oficial indiferença, abriu um mapa das lerras adjacentes a Caiphul. Ao falar de distâncias, consultei a provável conveniência de meus leitores e usei pés, jardas, milhas e assim por diante, como medidas nominais. Usarei o mesmo método nesta oportunidade, lembrando que nosso sistema de medição era fundamentado em um princípio similar ao moderno sistema gálico ou métrico. Sua unidade, entretanto, não era a décima milionésima parte do quadrante terrestre. Originava-se, ao invés, no grande Rai das Leis Maxin. Como foi observado anteriormente, esse monarca havia introduzido todas as reformas concebíveis, entre outras a de substituir por um sistema uniforme de mensuração o método anterior desajeitado, embora não totalmente anti-orientífico. A circunferência da Terra no equador, tal como fora determinada pelos astrônomos, tinha servido de base, assim como o moderno sistema métrico que usa uma fração da quadratura da divisão polar norte e sul da Terra. Esse padrão, entretanto,

não era considerado totalmente confiável; temia-se que algum erro tivesse se insinuado no cálculo original; mesmo que fosse o caso, o bastão de ouro usado como referência teria servido a todas as finalidades, uma vez que era imutável, mas o desejo humano de ser tão perfeito quanto possível era tal que, como eu disse, o medo do erro destruía a confiança. Todo homem que quisesse podia instituir um padrão particular, baseado em qualquer esquema que lhe servisse, um estado de coisas que levou a fraudes deploráveis em todo o império.

O Rai Maxin instituiu um sistema tão admirável que foi imediatamente aceito como autoridade absoluta, especialmente porque ninguém duvidou que tivesse vindo do próprio Incal. O Rai mandou construir um recipiente com um material que sofria a menor expansão ou contração conhecida sob a influência do calor ou do frio. Esse recipiente era, interiormente, um cubo oco perfeito, do tamanho exato da Pedra-Maxin. Um tubo maciço foi feito da mesma substância, com cerca de quatro polegadas de diâmetro interno. No recipiente cúbico foi despejada água destilada na quantidade exatamente suficiente para preenchê-lo, a uma temperatura de 398° Farenheit, de modo a não deixar nenhuma bolha de ar no interior do cubo. Essa água foi então colocada no tubo, e a mesma temperatura baixa foi cuidadosamente mantida. A altura exata da água era então gravada num bastão feito com o mesmo metal dos dois recipientes (cúbico e tubular). O passo seguinte era aquecer a água a 211,95° Farenheit, sendo este processo e o anterior executados ao nível do mar num dia típico de verão. Com o calor, a água se expandia a um grau apropriado, e o ponto de quase-ebulição era marcado como no passo anterior; a diferença marcada no bastão entre as duas linhas gravadas passou a ser a unidade de medição linear, da qual todas as outras medidas derivaram, sendo a medida do peso calcada no peso do cubo oco cheio de água a 398° F. Uso a escala termométrica Farenheit porque a escala de Poseid não faria sentido para ti.

Perdoa-me a digressão, já que a mesma revela outra fase da vida naquela era há tanto tempo decorrida.

Voltando ao gabinete do Superintendente: tendo aberto um mapa de áreas não arrendadas à minha frente (lembra-te que não havia donos de terras, pois estas pertenciam ao governo) ele voltou a atenção para outras tarefas, deixando-me ali para estudar o assunto com calma. Passando os olhos pelas descrições ali impressas, descobri que um terreno de uns cinco acres, onde havia

«mi antigo pomar com várias espécies de árvores frutíferas, estava disponível e ficava a uma distância aproximada de oito "vens" (quase o mesmo número de milhas) da cidade, mas adentrando ti península. Seu antigo arrendatário tinha contratado os direitos |x>r cinqüenta anos, mas por motivo de sua morte a propriedade linha ficado abandonada e livre para ser ocupada.

O fato de que os estudantes freqüentemente tinham pouco dinheiro para suas despesas gerais era levado em conta pelo governo, que em todas as suas negociações com essa classe oferecia condições melhores do que para qualquer outra categoria social.

A propriedade em questão me atraiu por sua descrição: "uma írea de aproximadamente oito ven-nines (cinco acres), com uma casa de quatro cômodos, água de fonte canalizada para a casa; um ven-nine plantado com flores ornamentais, seis destinados a árvores frutíferas com quinze anos de idade. Condições (com todas as benfeitorias) para estudantes: metade da colheita de frutas t- todas as flores próprias para perfume que forem cultivadas entregues ao Agente do Departamento de Solos e Agricultura. Para < mtrs que não sejam estudantes, quatro tekas por mês (dez dólares e vinte e três cents). Prazo mínimo de arrendamento, um ano.

Resolvi arrendar o terreno, após verificar que "todas as conveniências" significava transporte por vailx, serviço telefótico (naim) e um instrumento de condução de calor que economizaria combustível; a energia para ser convertida em calor para cozinhar e outras finalidades seria transmitida pelo "Navaza", um conjunto de forças materiais que em teus modernos dias se chamam "correntes telúricas", mas que no caso incluíam também as do éter superior, algo que ainda descobrirei e utilizarei como o fez a Atiântida, pois sois poseidanos renascidos. Eu o digo. Já viveste e viveis agora. Usastes todas essas forças naquela tempo e dentro de pouco tempo as usareis de novo.

Tendo decidido ficar com a propriedade que me fora mostrada, transmiti minha decisão ao funcionário, que imediatamente me deu um contrato e me ajudou a preenchê-lo corretamente. Apenas como um relance daquela época há muito passada, ofereço o teor do contrato de arrendamento:

"Eu,....., idade..... anos, do sexo.....,
ocupação....., faço com o Departamento de Solos
um contrato de arrendamento do terreno.....

no distrito de....., com as seguintes características:
.....Concordo em arrendá-lo pelo prazo de.....anos, com a aprovação do altíssimo Incal."

Arrendei o terreno por oito anos, uma vez que esperava residir em Caiphul pelo menos por esse período de tempo como aluno do Xioquithlon.

Não me pareceu nada desprezível ter a facilidade de me transportar por vailx dali até o Xioquithlon, podendo assim ter o prazer de uma viagem aérea diária. O vailx, como os táxis de hoje, podia ser pedido por telefone e chegava logo depois da chamada.

Era costume que todos os recém-chegados à cidade visitassem o palácio Agacoe e seus jardins tão logo fosse conveniente. Todas as semanas o Rai (imperador) ficava sentado no salão de audiências por duas horas. Nesse período os visitantes apinhavam-se nos corredores e passavam diante do trono em fila dupla. Depois dessa cerimônia, os que quisessem tinham liberdade de passear à vontade pelos jardins, observar o zoológico onde todas as espécies conhecidas de animais eram mantidas, ou entrar no grande museu e na biblioteca real. Para muitos, era um costume agradável passar com freqüência o dia em Agacoe; nessas ocasiões os visitantes traziam seu almoço e faziam um piquenique tranqüilo sob as grandes árvores ao lado do chafariz, do lago ou da catarata.

Devo agora voltar ao tempo em que minha mãe e eu ainda estávamos completamente desacostumados ao comportamento citadi-no, para que o leitor possa nos acompanhar em nossas descobertas. Iniciemos pela visita ao Agacoe.

Um homem que conhecemos por acaso nos guiou até o palácio, numa viatura que partilhamos os três. Carros ainda eram uma novidade para mim e a maneira de dirigi-los tornou-se mais um assunto sobre o qual quis ser informado.

Nosso amigo tirou uma moeda da bolsa e inseriu-a na abertura existente numa caixa de vidro em uma extremidade do carro. A moeda tinha de cair de forma a chegar ao fundo de um cilindro de vidro, bem pouco maior em diâmetro do que a moeda. Duas pontas de metal que se projetavam na extremidade inferior do cilindro, mas não se aproximavam uma da outra mais do que um quarto de polegada, encontravam-se no fundo. Quando a moeda caiu nessas projeções, uma pequena campainha soou; meu ami-

go então mexeu numa alavanca com uma barra de trava até a camisinha soar. Quando a moeda fechou o circuito ao cair, essa trava automaticamente se deslocou, ao mesmo tempo fazendo soar .1 campainha como observei acima e destravando a alavanca. Quan-<lo esta foi erguida o carro se moveu súbita mas suavemente e Naiu da sua estação. O veículo estava preso ao trilho suspenso, e NÓ as periferias de suas grandes rodas suspensas eram visíveis, |K)is, juntamente com seus eixos, elas estavam em sua maior parti • ocultas por uma cobertura de metal que se estendia de uma roda a outra; dentro dessa cobertura podia-se ouvir um zumbido baixo e cantante, produzido pelo mecanismo do motor. A idéia < le fazer o passageiro servir como engenheiro e condutor era muito boa, já que os processos requeriam tão pouco conhecimento ou trabalho. Quando deixamos o carro no abrigo abaixo do terraço de Agacoe, nosso amigo recolocou a alavanca no lugar, a sine-ta tocou de novo, a moeda caiu em uma caixa reforçada em baixo, e o veículo estava pronto para outros passageiros. Na grande entrada, um portal que era uma maravilha arquitetônica, nosso amigo se despediu e logo desapareceu a grande velocidade, dirigindo-se para algum local mais distante do que o que havíamos alcançado. Olhando para a lista colocada acima daquela linha particular, vi que ali estava escrito em caracteres poseidanos: "Aagak mnoiinc sus", ou seja, "Frente da Cidade e Grande Canal", isso <m tradução livre. Desejando me informar sobre nosso amigável guia, perguntei quem era ele a alguém que tinha observado nossa chegada com interesse. A resposta que recebi foi:

"Um grande pregador, que prevê a destruição deste continente e conclama todos para que vivam de forma a não temer enfrentar o Uno que, segundo ele, é o Filho de Incal, que virá para a Terra em um dia que não tardará muito. Ele diz que esse Filho de Deus será o Salvador da humanidade, mas que muitos não O reconhecerão até que tenha sido morto. Doze o conhacerão, mas um deles O negará na hora de Seu derradeiro perigo. Na verdade, o assunto é extremamente interessante, apesar de eu não compreendê-lo muito bem; mas como Rai Gwauxln -que Incal o proteja! - trata esse pregador com favorecimento e diz a seu respeito, "ele fala verdades" é recebido com atenção por todos."

Leitor, mesmo naquela época tão remota, a verdade estava surgindo no mundo. Na manhã do novo ciclo já aparecera um raio do brilhante Sol do cristianismo, que ainda não havia iluminado o céu com a plenitude de sua glória. Naquele dia eu havia viajado no carro junto com o primeiro profeta a anunciar a vinda de

Nosso Senhor Jesus Cristo, exortando os que o ouviam a viverem de modo que suas almas se tornassem um solo virgem para permitir o surgimento do Sol da Verdade, tornando-se preparadas para receber o Mestre quando, após a morte do corpo físico que então possuíam, tivessem voltado de Devachan à terra como almas reencamadas. A semente estava sendo plantada! Essa idéia me ocorreu quando, num período posterior, ouvi o profeta falar com apaixonada eloquência para a assembléia especial de Xioquithli (estudantes) especialmente reunida. Sei que a semente caiu em solo sem cultivo, quando comparo minha vida de agora com as vidas passadas; por muito tempo a semente permaneceu dormente e, enquanto assim ficou, as amargas experiências do pecado e do erro se impuseram e arrasaram minha vida com uma onda de fogo ardente que precisou de outra encarnação para curar as feridas por ela causadas.

Enquanto ficamos parados sob o pórtico da grande entrada de Agacoe, nós -montanheses sem sofisticação que éramos! -não podíamos saber, quando um guia uniformizado *nos* abordou, que o imperador, sentado em seu trono a meia milha de distância, estava naquele mesmo momento perfeitamente informado de nossa aparência e também sabia que palavras usávamos e o tom com que as pronunciávamos.

O soldado me perguntou:

"E tu de onde vens e qual é o teu nome?"

"Chamo-me Zailm Numinos e venho de Querdno Aru."

"Esta visita é a primeira ou estiveste aqui antes?"

"Nunca estive aqui, nem minha mãe que está aqui ao meu lado."

"Pois se assim é, providenciarei um acompanhante para ambos. Ele se encontra naquele portão. Mais uma pergunta, por favor.- qual a tua missão em Caiphul?"

"Vim para estudar xioq no Inithlon; minha mãe para cuidar de nossa casa."

"Está bem. Podeis ir."

Esse colóquio ocorreu no grande portal que dava entrada para o terraço acima. A sentinela estava postada atrás de um portão

de bronze e ouro ricamente trabalhado, muito delicado mas sufi-«leme para impedir a entrada de alguém indesejável. Atrás do soldado havia um grande espelho, no pesado a>xco do portal. Esse iHlrto r estava suspenso por duas hastas de c^bre polido de modo a impedir que tocasse os lados do nicho ^n qualquer ponto. S<* eu tivesse podido olhar atrás dele, teria visto o conjunto de cordas metálicas, bastante parecido com o d^ piano, junto com oI uras peças de um mecanismo que naquela ocasião nada diriam i minha mente ainda deseducada. Como poderia eu sequer sus-|H-iar que aquela chapa de brilhante metal Polido no qual se re-lciiia todo o interior daquela arcada, como se fosse num lago tranqüilo, era um engenhoso mensageiro autonxático? Que aqueles Inúmeros fios de metal vibravam em sintonia, com toda inflexão (K)ssível de voz ou outros sons, e que quando folei todos os sons que emiti foram levados velozmente ao longo de correntes-terra uaiurais, próprias do Lado-Noite da Natureza e que reagiam ao < ontrole do homem, sendo todas as palavras e sons ouvidos pelo Rai em seu trono? Nem podia eu sonhar que, simultaneamente, o reflexo de nossa imagem era igualmente transmitido à mesma augusta presença. Mas esses eram os fetos. . .

Uns poucos passos nos levaram até um portão interno feito de chapas de ferro fenestrado que com o sirt^pi,s apertar de um lk)tão se erguia para permitir a passagem po, baixo. Nesse pon-10 encontramos o guia que o guarda havia providenciado. Julguei que seu silêncio era uma indicação de grosseria, pois não sabia que ele tinha recebido ordens, antes de nos aproximarmos, para nos conduzir até a presença real, o que tornava inútil que expressássemos o nosso desejo. Sua observação e*i* voz baixa "Com-preendo", quando comecei a dizer o que queria, impediu que eu continuasse, pois senti-me ofendido em meu orgulho por sua reserva, tão diferente da liberdade com que meus associados niontanheses se comunicavam. E havia tantas pessoas assim arrogantes na cidade! Resolvi dar-lhe uma lição e ponderei a melhor lorma de lhe dizer que eu considerava seus modos totalmente fora de propósito em alguém de sua posição. Eu não podia imaginar que ele já tivesse todas as informações necessárias sobre nós, pois embora a distância entre seu posto e o grande portal não fosse grande, era obviamente longe demais para que nossas palavras ditas em voz baixa pudessem ter si<Jo ouvidas. O insus-peitado espelho havia feito o seu trabalho, embora não soubéssemos disso.

"Vem", disse o emprado guia, "conduzirei a ti e à tua mãe."

"Mãe" -pensei. "Como ele sabe que alguém tão bonita e de aparência tão jovem é minha mãe? Ela poderia ser minha irmã ou minha esposa, entretanto ele a chamou de minha mãe". A suposta presunção do rapaz me irritou, pois eu tinha orgulho não só da aparência juvenil dela, como também do meu jeito maduro, de que eu gostava; muitas vezes tinham me dito que eu parecia sete ou oito anos mais velho do que realmente era. Se me tivessem chamado a atenção para a tolice desse orgulho por minha aparência, em vez de sentir aquele vago ressentimento eu teria rido achando-o absurdo, deixando-o de lado por ser indigno de alguém como eu, com ambições tão grandiosas. Naquele caso, isso resultou numa certa rigidez de postura, como reação àquela imaginária arrogância e, em grande parte para meu prejuízo, deixei de prestar total atenção nas vistas e detalhes que eu deveria ter observado. Embora eu não risse naquela oportunidade por causa da visão obtusa causada por minha ignorância, ri muitas vezes ao rever os registros do passado. Tantos milhares de anos decorridos desde então podem fazer parecer que o riso de que falo é tardio demais, mas "antes tarde do que nunca" se aplica muito bem a esse lato!

Conforme nos foi indicado, sentamo-nos num carro mais leve do que o utilizado nas avenidas públicas e com forma também diferente. Só depois que já estávamos em movimento foi que percebi o quanto era diferente em construção e método de propul-são. Embora eu desejasse parecer bem acostumado a essas novidades, fiz um movimento brusco de espanto, que foi bastante revelador, quando o condutor tocou numa alavanca e o veículo ergueu-se no ar como uma bolha de sabão, endireitou-se e depois subiu seguindo o aclive na direção da parte plana onde se encontrava o palácio. Ali deixamos o veículo em forma de charuto e entramos em outro carro, este se movendo sobre trilhos. Fizemos um meio-circuito do edifício e depois nos dirigimos em alta velocidade atravessando o platô até chegarmos à boca escancarada de uma das grandes serpentes de pedra. Em vez de subir no mesmo ângulo do corpo da serpente, nosso carro se moveu num plano horizontal. Quando entramos, uma luz se acendeu repentinamente, afastando em um segundo a obscuridade do interior. Após essa agradável surpresa, minha atenção foi atraída para o brilho das paredes que pareciam arder com um fogo vermelho, azul, verde, amarelo e de todas as outras cores, tanto que não consigo encontrar uma comparação mais adequada do que a do Sol batendo nas gotas de orvalho presas a miríades de teias de aranha, nas primeiras horas da manhã. Esqueci minha irritação e perguntei o

que causava aquele deslumbrante efeito; o guia respondeu que os pedreiros tinham feito o acabamento das paredes com um re-lx)co ao qual tinham sido incorporados grãos de vidro colorido.

Enquanto nossa admiração ainda nos envolia, paramos e vi que estávamos no fundo de uma espécie de poço; em volta des-w, os trilhos subiam em espiral até aparentemente terminar sob um teto vagamente visível graças à luz que o carro irradiava para cima enquanto subíamos. Quando chegamos perto, um sino to-nm agradavelmente duas vezes e imediatamente o teto se abriu silenciosamente para um lado, permitindo a passagem do veículo. Atrás de nós o poço voltou a se fechar automaticamente e nos vimos num esplêndido aposento, cujas dimensões eram difi-*c*is de calcular devido a muitos biombos suspensos de seda carmim, a cor real, e folhagens que formavam paisagens de selva <-m miniatura. As flores e as aves canoras, os repuxos e o ar perfumado, mais a sombra fresca após o calor lá de fora, pois não havíamos ficado tempo suficiente no poçp-elevador para nos refrescarmos, fizeram o lugar parecer um paraíso. Só se viam partes <lo teto do grande salão, pois o mesmo estava quase todo cober-10 de trepadeiras de ramos pendentes. Em meio a toda essa harmonia visual, tremulando no ar, acima, abaixo, em toda parte, soavam encantadoras cadências musicais a que os pássaros, como que inspirados por elas, respondiam em coro. Nessa cena edênica de cor, som e perfume, passando por belas estátuas e graciosas fontes, nosso carro se movia silenciosamente, de um modo que nos dava a ilusão de estarmos parados e de que a visão de todas aquelas delícias é que passava por nós, posicionados no cen-iro. Era a união perfeita de arte e ciência, da qual era gerado aquele lindo sonho, um triunfo da capacidade e do conhecimento humano!

Carros se moviam em todas as direções, vindo, indo, parando, com pessoas vestidas como se fosse para uma recepção de gala, cora as diferentes cores de seus turbantes mostrando sua categoria social. Poseid, como outras nações daquele e de outros tem-|X)s, tinha suas castas, como a governamental, dos literatos, eclesiásticos, artesãos, militares que serviam como polícia e brigada sanitária, e assim por diante. As vestimentas de todas as classes seguiam um estilo geral, a não ser pelos turbantes que todos os habitantes usavam e que diferia na cor conforme a casta. O turbante do Soberano, por exemplo, era de seda pura carmim; o dos conselheiros, vermelho-vinho; o dos oficiais menores, rosa pálido. Os turbantes dos militares eram laranja forte para os soldados e cor de limão para os oficiais. O branco puro era próprio

do sacerdócio, o cinza das classes científica, literária e artística. O azul distingua os artesãos, mecânicos e operários, enquanto o verde distingua todos os que, por qualquer razão - imaturidade ou falta de educação - não gozavam do direito de voto. Apesar de que o sistema de castas era estritamente obedecido, resultava num bem e não num mal, pois não havia rivalidade de classes, porque a dignidade do trabalho era um sentimento tão forte que uma classe não invejava a outra. Somente os que usavam verde eram discriminados. Os que usavam essa cor por ainda não serem maiores de idade deixariam de usá-la mais tarde, enquanto que os que não tinham estudos suficientes para obter o direito de usar outra cor, sentiam que o estigma que os acompanhava era uma motivação para alcançarem uma posição mais honrosa na vida.

Enquanto eu observava esses vários detalhes que seriam alimento para minha mente, nosso carro foi eficientemente manobrado para evitar uma colisão com o de uma dama que vinha em frente, aparentemente distraída enquanto arrumava uma ponta solta de seu turbante cinza, mostrando, ao fazê-lo, o brilho de um rubi, gema que só a realeza podia usar. Nossa carro chegou a um ponto onde havia grande quantidade de carros e nos conduziu até um segundo aposento. Quanto à jovem real usando turbante cinza e o rubi. . . meus pensamentos continuavam com ela! Como era radiosa sua beleza! Foi aquela a primeira vez que vi a Princesa Anzimee. . . mas não devo me adiantar!

O recinto onde entramos era menor do que o que tínhamos acabado de deixar, mas ainda assim estava longe de ser pequeno. Tudo ali tinha a cor carmim, brilhante e cintilante, a não ser por uma elevação no centro. Esta tinha degraus ou pequenos terraços de mármore negro, e a parte superior, que media uns doze pés de lado, sustentava uma espécie de trono de madeira escura, coberto de veludo negro.

Devo observar neste ponto que o preto era uma cor representativa, incluindo o simbolismo de todas as cores, mostrando, no caso do trono, que aquele que o ocupava pertencia a todas as classes. Isso era um fato, porque o Rai Gwauxln não só era soberano e chefe do exército, mas era também um sumo sacerdote, literato, cientista, artista e músico, tendo bom conhecimento ainda das tarefas dos artesãos e maquinistas.

Em frente ao corrimão de prata que existia em torno do trono, nosso veículo parou ao lado da fila em movimento, obedecendo

IKII gesto do imperador. O guia nos fez descer e, abrindo um pequeno portão, indicou que devíamos galgar os degraus e chegar nos pés do Rai. Meu coração bateu forte enquanto eu seguia as Instruções, e embora tivesse ficado pálido de emoção, tive auto-«controle suficiente para oferecer o braço à minha mãe, para apoiá-la. Acho que nunca andei mais orgulhosamente ereto em toda a minha vida. No alto dos degraus nos ajoelhamos e aguardamos a ordem de nos levantarmos, o que não tardou a acontecer.

Quando estávamos novamente de pé, o Rai Gauxln disse suavemente:

"Zailm, és muito jovem para um estudante tão ambicioso quanto sei que és."

"Se te agrada que eu seja assim, fico contente" -respondi.

"Já aprendeste o que as escolas primárias têm a ensinar aos jovens?"
Pois isso é necessário para que possas obter admissão ao Inithlon".

"Já o fiz, Zo Rai."

"Seria agradável para ti, Zailm, contar-me quais estudos são a tua maior preferência?"

"Sim, Zo Rai, considero uma elevada honra te dizer. Não escolhi meus estudos com base em minhas preferências, mas não tenho dúvida de que o próprio Incal ordenou qual seria minha escolha, indicando a geologia acima de qualquer outra. Também Ele me concedeu uma disposição natural que aponta para o estudo das línguas e literatura. Não tomei a decisão final, mas tenho uma boa opinião a respeito desses ramos de Xioq. A geologia foi por Mie indicada através de uma experiência incomum."

"Tu me interessas, jovem. Entretanto, esta é uma hora de cumprimento de deveres de estado e não devo negligenciar meu povo que vem prestar homenagem ao seu monarca. Toma este passe e na quarta hora retorna ao portal pelo qual entraste em Agacoe. Serás bem-vindo."

Tomei o passe que o Rai me oferecera e, ao descer os degraus de mármore, vi que trazia a inscrição: "Presença do Rai. Portador de permissão".

Tínhamos trazido um pacote de tâmaras e por isso não precisávamos deixar os jardins para almoçar. Nosso guia voltou a se ocupar de nós e, depois de ser informado de que queríamos ficar no perímetro do palácio, dirigiu nosso carro pelo labirinto de construções mais uma vez, fazendo-nos descer do veículo ao lado de um dos pilares do peristilo. Daquele ponto em que nos separamos do guia, olhei em torno para me certificar de onde ficava a entrada principal; verificando que ficava a oeste, escoltei minha mãe até um banco à sombra de um deodar gigante, que em séculos posteriores foi chamado "Cedro do Líbano". Num dos seus iramos estava um pássaro imitador que nós chamávamos de "nos-suri", significando "cantor do luar" por causa do hábito desses encantadores pássaros cor de cinza de trinar sua maravilhosa melodia no ar calmo das noites de luar. Não que eles não cantem de dia; na verdade, a ave estava cantando, mas o fato de chamá-los "nossuri", de "nosses" (a Lua) e "surada" (eu canto) era um termo ornitológico distintamente poseidano.

Na hora aprazada fomos até o local designado e, apresentando o passe, fomos conduzidos a um carro e depois de novamente ascendermos, o guia nos levou a um pequeno aposento luxuosamente decorado. *Junto* a uma mesa quase oculta por livros estava o Rai, ouvindo uma voz bem modulada que contava as últimas novidades do dia, cujo dono não podia ser visto. O Rai voltou-se para nós quando fomos anunciados, dispensou o servidor, e nos cumprimentou amavelmente. Então voltou-se para uma caixa parecida de certa forma com o agradável instrumento que chamamos rádio e virou uma chave com um leve ruído. No mesmo instante a voz se calou no meio de uma palavra e fiquei sabendo, ao obedecermos o convite do Rai para nos sentarmos, que eu tinha visto pela primeira vez uma gravação de notícias sobre a qual tinha lido muitas vezes.

Na hora que se seguiu relatei a história de minha vida, suas esperanças, tristezas, triunfos e ambições, respondendo as perguntas daquele homem cordial, aparentemente pouco velho, a quem qualquer pessoa viva podia render homenagem sem perda de dignidade, pois sua nobre cortesia mostrava como pode um rei ser um homem e como pode um homem ser um soberano.

Contei como cada acontecimento tinha aumentado meu apetite por um conhecimento cada vez maior. Depois contei as experiências vividas em minha viagem ao pico do Rhok, narrativa que foi interrompida quando mencionei o nome da montanha. "Rhok!"

t»it l.i mou meu imperial ouvinte. "Estás me dizendo que ascen-*l imu~*
ilquela terrível altura, à noite, sozinho, uma montanha que i* d li iN«s
nossos mapas afirmam ser inacessível a não ser por vailx?"

* Provavelmente, Zo Rai, a única rota só é conhecida por uns |'M •»!<
os montanheses; li que a montanha era considerada inacessível, mas. . ." -Hesitei, e o Rai disse rapidamente:

"Sim, fala! Foi para julgar-te que ouvi tua narrativa, pois sei limito bem
de tudo que me relataste. Eu poderia ter dito tudo o tju~- dissesse, e contar
tudo que dirás; desejei ouvir-te para julgar; »tmlicço tua história desde que
te vi pela primeira vez. Sou um l'llho da Solitude" -acrescentou. Fiquei em
silêncio, pois me contundia a idéia de que ele já sabia de tudo. Percebendo
isso, o Rai Hilou: "Continua, filho. Conta-me tudo; desejo conhecer os
fatos |MM teus lábios, pois estou interessado em tua pessoa".

Então retomei a história interrompida e descrevi minhas homenagens a
Incal e a petição por seu auxílio-, sua rápida resposta à minha prece; a
erupção do vulcão e o perigo que isso representais para mim. Sobre isto
disse o Rai: "Então testemunhaste ocular-uunte aquela explosão das forças
terrestres? Fui informado de que ela provocou grandes mudanças locais e
que agora há um ex-«iiso lago onde não havia lago algum, ao pé do Rhok.
Ele mede nove vens".

Eu ainda era pouco sofisticado para me sentir curioso em sa-IXT se o
Rai havia visto a erupção, pois eu não compreendia o significado de ele ser
Filho da Solitude e conhecer todas as minhas -t venturas, e embora não
duvidasse que isso fosse um fato, atribuí esse conhecimento a um agudo
julgamento de possibilidades; para aumentar minha falta de sofisticação
perguntei ao Rai se ele i inha visto aquelas coisas.

"Jovem inexperiente!" -disse o Monarca sorrindo -"poucas vezes
encontro alguém tão franco! És mesmo um filho das montanhas! Mas
temo que não o serás por muito tempo, no ambiente em que ora te
encontras! Responderei tua pergunta. Nenhuma grande convulsão da
natureza pode ocorrer que não seja automaticamente registrada quanto à
sua extensão aproximada e à sua localização; uma prova fótica de cada
parte da localidade afetada é mostrada a cada instante. No caso em
questão, tudo que tive a fazer foi ir até o gabinete apropriado, que fica
neste edifício, e toda a cena se desenrolou diante de mim tão vividamente
quan-

to deve ter se mostrado para ti, pois pude ver a explosão, e até ouvi-la, por melo do naim. E verdade que ao que vi faltava um elemento que o tornou um pouco mais vivido para ti do que para mim, que foi o do perigo físico; mas como para mim esse perigo não existe -um dia saberás por que -a cena para mim esteve completa e não faltou nenhum elemento que minha presença real tivesse podido acrescentar".

Fiquei profundamente maravilhado com as instrumentalidades descritas pelo Rai Gwauxln e ponderei com deleite na possibilidade de algum dia conhecê-las pessoalmente e ter acesso a elas. O Rai continuou:

"Disseste que encontraste um tesouro de ouro nativo em dois, locais separados. Procuraste reaver o que obtiveste antes da erupção? Não? Isso importa pouco. Zilm, é fato conhecido que a ignorância da lei não é uma desculpa válida para desobedecê-la."

O rosto do Rai tinha se tornado muito grave e senti uma impressão nada agradável.

"Contudo, estou convencido de que nada sabias sobre a violação dos estatutos quando deixaste de comunicar o achado. Por isso não te punirei". Aqui o imperador fez uma pausa, perdendo-se em pensamentos, enquanto eu, que até então havia ignorado que tivesse feito algo que violasse a lei, empalideci tanto que Gwauxln sorriu de leve e disse-.

"Mas aqueles que agora exploraram essa mina e os que recebem o pó de ouro e o mineral ali produzido não escaparão. No caso deles é um crime consciente, agravado pelo fato de que eles não desconhecem a lei e ainda por cima te defraudam. De ti exigirei apenas a expiação que possa existir em denunciar seus nomes."

Obedeci essa ordem, embora pensasse com tristeza nas esposas e filhos daqueles ladrões, que eram inocentes. Deveriam sofrer da mesma forma que os transgressores? O Rai pareceu conhecer meu pensamento. Se não o conheceu, falou como se concordasse comigo, dizendo:

"Esses homens têm esposa, família?"

"Sim, é verdade!" -repliquei com tanto ardor que o monarca novamente sorriu e eu, encorajado, supliquei que fosse clemente por causa dos inocentes.

"Nada sabes sobre nosso sistema de punição, Zailm?"

"Muito pouco, Zo Rai; ouvi dizer que nenhum malfeitor sai das mãos da justiça sem ter se tornado alguém melhor, mas imagino que o tratamento seja bastante severo".

"Quanto a severidade, a resposta é não. Quanto ao outro ponto, se os homens são reformados após terem errado, para que não incorram novamente em erro, não redundaria isso em vantagem para as esposas e filhos dos criminosos? Mandarei que esses homens sejam trazidos ao tribunal competente e tu testemunha-rás o processo de reforma. Julgo que depois disso desejaras aprender anatomia e a ciência da punição reformatória, em acréscimo aos teus outros estudos em Xio. Além disso, asseguro-te que em caso algum sofrerás o confisco daquela mina, que será tua propriedade-, se a doares ao tesouro nacional, enquanto fores estudante não te faltarão dinheiro. Mais tarde, quando os anos de estudo tiverem passado, se tiveres êxito como aluno, ah!, então te nomearei superintendente da mina. E se te mostrares fiel quanto a isso, farei de ti um senhor de muitas coisas. Tenho dito".

Rai Gauxln tocou num botão e imediatamente um serviçal entrou. A ele o Rai incumbiu de nos acompanhar, dizendo: "Que a paz de Incal esteja com ambos".

Assim terminou a audiência que influenciou o curso dos anos e modelou a grande árvore da vida, fazendo-me sentir orgulhosamente um depositário da confiança de um amigo reverenciado. Esse estado de consciência sempre se mostrou muito potente neste mundo de provas e tentações.

A A A

CAPITULO VI

NENHUM BEM PODE PERECER

Chamo a atenção para um período de tempo abrangendo qua-11 <) mil trezentos e quarenta anos, anterior ao reinado de Gwauxln, período esse que inclui os principais acontecimentos da história

< Ir Poseid. Esse intervalo de tempo, não obstante sua longa duração, foi singularmente isento de guerras destrutivas e, embora não tenha sido totalmente livre de eventos marciais, foi com certeza mais pacífico do que qualquer época mundial de igual extensão que tenha ocorrido nos cento e vinte séculos que abrangem

< >s incidentes desta história.

Ao iniciar-se o período em questão, os poseidianos, uma numerosa e poderosa raça de montanheses, no máximo semicivilizada mas de físico esplêndido, tinham se precipitado "como lobos" e, <in muitos embates sanguinários, finalmente subjugado o povo pastoril das planícies, os atlântidas. A guerra foi longa e feroz, consumindo muitos anos. A admirável bravura das tribos das montanhas encontrou uma reação de quase idêntica força na desesperada coragem de seus primitivos inimigos; um corpo de combatentes lutou por sua vida e, como os sabinos, pela preservação de suas mulheres da captura por tribos que queriam obter companheiras, enquanto a outra parte lutava com o desejo da conquista, como os romanos, para conseguir esposas. Foi a estratégia superior que finalmente deu a vitória às hostes poseidianas.

Com o passar do tempo, a miscigenação de raças obliterou todas as diferenças e essa união resultou na formação da mais grandiosa nação da Terra. Guerras civis inconsequentes por várias vezes produziram mudanças na organização política, de forma que l'oseid se viu governada por autocratas absolutistas, por oUgarcas <• leocratas, por dirigentes masculinos e femininos, e afinal por um sistema monárquico republicano, do qual Rai Gwauxln era a cabeça, quando vivi na Atlântida como Zailm.

Gwauxln provinha de uma longa linha de honrados ancestrais e sua casa por várias vezes havia fornecido candidatos valiosos co-l< >cados no trono pelo povo, nos sete séculos do atual sistema polílico.

Esta é a sinopse da história de Poseid que encontrei num volume retirado da biblioteca de Agacoe. Eu poderia relatar outros fetos, outras características daquele longo período histórico, e mostrar como Poseid fundou grandes colônias nas Américas do Norte e do Sul, e nos três grandes remanescentes da Lemúria, da qual a Austrália representa um terço do que sobrou *no* mundo após o cataclismo que afundou a Atlântida; também poderia falar sobre como a Atlântida fundou certas colônias na Europa, numa época em que a Europa ocidental não existia, bem como em partes da Ásia e da África. Mas não o farei, muito embora faça referências em certos pontos a nossas possessões Umauranas, quando essas referências sejam relevantes para o tema desta história.

Fatigado de ficar até tarde lendo a absorvente história, levantei e saí para a tranquila rua em aclive onde ficava minha casa, e meus olhos cansados contemplaram um cenário que, à gloriosa luz da Lua, tinha a beleza dos contos de iadas.

Na parte baixa da rua, bem perto, havia um lago em miniatura, que embora tivesse a aparência de lago era na realidade um tanque de bom tamanho. Pequeninas praias, seguidas por margens abruptas, cobertas de flores; o canto do nossuri e as vozes de várias outras aves e animais noturnos misturavam-se ao som macio de água caindo, a voz da cascata que alimentava o pequeno lago, belo como uma jóia. De algum lugar vinha o som de flautas, harpas e violas tocando em harmonia, elevando-se em poderosa cadência ou suavizando-se com sonhadora languidez, conforme a brisa soprava com maior ou menor intensidade. Por sobre isso tudo brilhavam os raios prateados de Nosses, redonda como um escudo em sua suave radiosidade, bela, oh! Tão bela! Depois de algum tempo voltei as costas ao lago e olhei para o declive onde algumas pessoas ainda estavam caminhando apesar da hora tardia, a décima quarta desde o início do dia no meridiano. Aqui e ali eu podia ver os raios brancos e luminosos das lâmpadas acesas nas casas dos vizinhos, brilhando e revelando a presença de singulares portas e janelas. Mas não olhei para essas luzes por muito tempo. Era impossível, com o grande Maxt, a maior torre já construída pelo homem no mundo, elevando-se em perspectiva. Ela parecia subir da própria boca da rua, que formava uma garganta, e nada havia entre ela e eu para atrapalhar a visão. Embora aparentemente estivesse bem próxima, ficava a uma milha de distância de minha morada.

Neste ano de 1886 d.C, os químicos consideram caro o processo de produção do metal alumínio. Naquele tempo, as forças do

lado-Noite tornavam barata a produção de qualquer metal encontrado na natureza, puro ou misturado com outros minerais. Tal como poderia ser feito hoje, se apenas tua ciência soubesse o método -e não está longe o dia em que ela descobrirá esse conhecimento -naquele tempo transmutávamos a argila, primeiro elevando sua velocidade atômica para que se transformasse em luz branca palidamente luminosa e depois reduzindo-a, por assim dizer, ao "marco inicial" do alumínio, a um custo que não alcançava o que exige nestes dias modernos a obtenção do ferro de minerais Terrosos. As minas de metais brutos como ouro, prata, cobre e tantos outros eram valiosas naquele tempo como o são agora, e não requeriam outro processamento além do derretimento. Mas um metal que podia ser encontrado em qualquer camada de ardósia ou leito de argila era tão barato que se tornou o metal básico para uso geral.

A gigantesca torre de Maxt fora construída de alumínio. De onde eu estava podia ver sua base, um enorme cubo de alvenaria, depois o corpo redondo com superestrutura de metal sólido que formava a torre propriamente dita, uma coluna de cor branca opaca, afilada em cima, e que eu via iluminada pelos raios lunares. Meu olhar a examinou da base para o alto até descansar no topo, um ápice com quase três mil pés de altura. Fascinado por essa triunfal torre que dominava o cenário, olhei para a ponta que parecia perfurar o céu, sentinelha guardando a cidade-jardim, desviando os raios quando o senhor das tempestades estava à solta. Meu pensamento se voltou completamente para sua grandiosidade e majestosa beleza.

"Quantas, quantas vezes, Em dias
que já se foram. . . "

Fiquei parado, embevecido com alguma coisa bela da paisagem, ou com algo sublime, obra de Deus ou do homem -Deus no homem! Sempre que assim contemplei, minha alma cantou em louvor e meu hálito foi o sopro da inspiração. Nesse tipo de experiência sempre a alma, do homem ou da fera, dá um passo para a frente. Por mais que uma alma esteja embebida em pecado ou desalento, duas palavras sinônimas, uma inspiração a envolve e afasta um pouco de sua sordidez, de sua dor, de sua febre.

Portanto as glórias e maravilhas da Atlântida não foram em vão. Tu e eu, leitor, as vivenciamos então e antes, no tempo. As glórias daqueles séculos há muito mortos, vistas por nós, encastela-

ram-se em nossa alma e fizeram-nos em grande parte o que somos, influenciaram nossos atos, afagaram-nos com sua beleza. Que importa, pois, que as formas do obscuro e misterioso passado tenham sido apagadas e só existam no registro do grande livro da vida, a alma? Sua influência vive perenemente. Não devemos então nos esforçar para que nossos labores sejam nobres, vivendo em alma e espírito, e para que possam ser vistos por nós e por outros assim como eu agora olho para o registro do meu passado morto e no entanto cheio de vida? É uma grande alegria ter alcançado as eminências do espírito que me permitem ver a história das vidas das quais saí pelo portal da tumba; vidas que agora examino com os olhos de uma personalidade diferente, a personalidade maior de todas, engastada na longa corrente da vida como pérola num fio, ensinando-me que EU SOU EU! Algumas dessas pérolas são sem lustro, outras são negras, brancas, rosadas, algumas até são vermelhas! Se as lágrimas pudessem ser adicionadas ao seu número, eu teria mais, tantas mais! . . . pois as brancas são tão poucas, enquanto as cinzentas, negras e vermelhas são tantas. . . Mas minha pérola de maior preço é minha última vida. É branca e meu Mestre lapidou-a para que fosse cruciforme. Quando Ele a entregou a mim, disse: "Está feito". Verdadeiramente assim é! Ela marca a junção do finito com o infinito. E assim seu período ficou marcado para sempre, a menos que eu faça outra escolha.

A A A

CAPÍTULO vn

DOMINA A TT MESMO

Foi no período do intervalo anual dos estudos que cheguei à *I pitai Os Xioqua e os Incala* participavam dessas férias-, a maio-i i t procurava primeiro seus lares, por uma temporada, mas em uéi-al logo voltavam à Capital para usufruir dos programas espe-I .ais de lazer. Alguns, entretanto, dirigiam-se por mar para Umaur ou para Incalia, ou seja, sul ou norte da América, respectivamen-<- outros se limitavam a visitar as províncias mais distantes da própria Altântida.

Até agora, leitor, tiveste de tentar adivinhar que tipo de religião ria o culto a Incal; podes inclusive ter inferido que os poseida-nos eram politeístas, por causa das referências que fiz a vários • Uuses deste ou daquele nome, classe ou grau. Na verdade eu disse que acreditávamos em Incal e o simbolizávamos na forma do IHus-Sol. Mas o Sol propriamente dito era apenas um emblema. Afirmar que nós, a despeito de nosso esclarecimento, adorávamos o orbe do dia, seria tão absurdo quanto dizer que os cristãos adorassem a cruz do Calvário pelo que ela é como objeto. Em ambos os casos foi o significado a eles atribuído que fez o Sol e a cruz nceberem alguma espécie de consideração.

Os atlantes tinham a tendência de personificar os princípios da natureza e os objetos da terra, do mar e do ar. Isso era resultado do puro amor nacional pela poesia e poderia ser facilmente lido ao favorecimento com que o gosto popular sempre tratara uma história épico-cronológica de Poseid, na qual os principais homens e mulheres figuravam como heróis e heroínas. Os pode-res da natureza como o vento, a chuva, o raio, o calor, o frio e fenômenos afins eram deuses de variados graus, enquanto que o princípio germinativo da vida, o princípio destrutivo da morte e outros grandes mistérios eram caracterizados por deuses maiores. Pntrightanto, todos e cada um desses deuses eram uma extensão do altíssimo Incal. Essa história épica foi contada em versos e rimas constituindo um poema em que todas as linhas denotavam o toque magistral do gênio. Supostamente foi seu autor um Filho da Solitude. Havia um adendo abrangendo acontecimentos e épocas posteriores, que era claramente um trabalho inferior, ao qual se atribuía menos valor que à parte principal do poema.

Temos como fato que o culto a Incal jamais abrangeu outra coisa além da adoração de Deus como entidade espiritual, e os "deuses" não eram incluídos nos serviços religiosos realizados nos dois domingos de cada semana, ou seja, o primeiro e décimo primeiro dia, pois a semana poseidana tinha onze dias, o mês compreendia três semanas, um ano onze meses, com um ou mais dias acrescentados ao final (como no nosso "ano bissexto") conforme as exigências do calendário solar, sendo que esses dias a mais eram feriados, como o nosso Dia de Ano Novo atual. O feto de tantos deuses e deusas terem sido aparentemente venerados foi devido à influência nacional da história épica de que falei acima, sendo apenas um hábito mental falar a respeito deles.

Em nosso monoteísmo, diferíamos pouco da religião que domina a civilização hebraica; não reconhecíamos a Trindade divina, nem o espírito crístico, nem qualquer Salvador; só reconhecíamos a necessidade de agirmos da melhor maneira que nos fosse possível perante Incal. Considerávamos toda a raça humana filha de Deus, não apenas uma pessoa misteriosamente concebida como Seu único filho. Milagres eram uma coisa impossível, pois considerávamos todas as coisas racionalmente passíveis de serem referidas a uma lei inegável. Mas os poseidianos acreditavam que Incal certa vez vivera em forma humana na Terra e depois lançara fora o grosso corpo mundano para assumir a forma de espírito livre. Naquele tempo ele havia criado a humanidade e, como os poseidianos eram evolucionistas, a palavra "humanidade" também abrangia os animais inferiores. Com o decorrer do tempo, evoluiu o gênero homo na forma de um homem e uma mulher, quando então Incal colocou a mulher espiritualmente acima do homem, posição que ela perdeu pela tentativa de se deleitar com um fruto que crescia na árvore da Vida, no Jardim do Céu. Segundo a lenda, ao agir dessa forma ela desobedeceu a Incal, que havia dito que Seus filhos mais superiores e avançados não deveriam provar daquele fruto, pois quem o fizesse certamente morreria, já que nenhum ser poderia ter a vida imortal e ao mesmo tempo reproduzir sua espécie. A lenda diz: "Eu disse a minhas criaturas, alcançai a perfeição e estudai-a sempre, e tereis a vida eterna. Mas aqueles que comerem dos frutos desta árvore não poderão conter o Eu".

A punição que foi aplicada teve uma forma racionalista, já que a finalidade da mulher foi obter prazeres proibidos, o que ela, por não ser instruída, desconhecia. A mão com que ela pegou no fruto não firmou seu aperto e este se abriu, de modo que sua

semente caiu na terra e se transformou em pedras de sílex, e o Iruto ainda aderido à árvore tornou-se igual a uma serpente de fo-.(;(>, cujo hábito queimou as mãos da culpada. Sentindo grande «lor, ela largou a Árvore da Vida e caiu no chão, jamais se recuperando totalmente dos seus ferimentos. E o homem se tornou superior pelo desenvolvimento de sua natureza, por causa da necessidade que sentiu de preservar a companheira e ele mesmo do frio e de condições semelhantes, trazidas pelas pedras de sílex (A última Era Glacial). Tendo caído nessas condições materiais, a reprodução das espécies voltou a ser uma necessidade e a lei da continência, supostamente ordenada por Incal, foi violada. Então a morte voltou a ser parte do conhecimento humano e, até que a Palavra, o Verbo, fosse observado, nenhum ser humano conheceria a condição da não-morte. DOMINA A TI MESMO! Disto de-liende todo o conhecimento; nenhuma lei oculta é tão grandiosa quanto esta. Usa todas as coisas deste mundo sem abusar de nenhuma. (I. Cora. vii., 31).

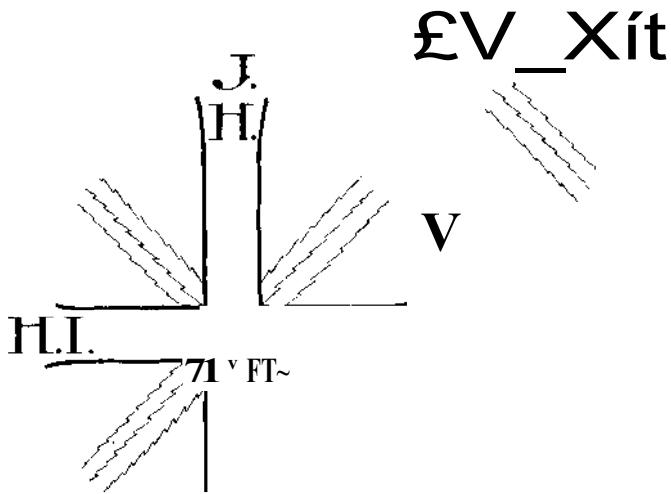
Esta era a crença popular sobre a criação da humanidade por Incal. Os sumos sacerdotes seguiam uma religião que era virtualmente a essência, embora por razões óbvias o vulgo desconhecesse esse fato. A data dessa ocorrência mítica era teologicamente explicada como tendo acontecido pelo menos mil séculos antes, e algumas autoridades a remontavam a um passado ainda mais distante.

Não se supunha que Incal, o Pai da Vida, punisse Seus filhos, mas que apenas havia feito leis de natureza auto-executora, que eram fruto de Sua vontade imanente, e se alguém transgredisse essas leis seria inexoravelmente punido pela natureza, sendo im-ixssível colocar uma causa em movimento sem o conseqüente efeito. Se a causa fosse boa, bom também seria o seu efeito. Nisso eles estavam absolutamente corretos. Nenhum mediador pode evitar que sofram os resultados de nossas más ações.* A nação poseidana acreditava na existência de um céu de bons efeitos para os que pusessem boas causas em movimento, e que havia uma região cheia de maus efeitos para os maus; os dois locais eram adjacentes, e os que não fossem nem bons nem maus, supostamente viveriam num território intermediário, por assim dizer. Entretanto, ambas essas condições do pós-vida estavam inseridas na Terra das Sombras, pois poderíamos traduzir literalmen-le o termo "Navazzamin" como "O país das almas que partiram".

* NOTA -Não confundir "compensar" com "remir". Cristo remiu, nós devemos fazer compensação. (Ver também nota à página 245.)

Embora a religião de Incal fosse baseada em causa e efeito, havia uma leve incoerência na crença mais ou menos prevalecente de que Ele supostamente recompensaria os muito bons.

Hoje, amigo, estás no umbral de um novo desabrochar. A religião de hoje ainda está tingida por esse conceito de um Criador onipotente mas antropomórfico, o que é legado de uma antigüidade já morta. Tu vives nos anos derradeiros de um antigo Ciclo Humano, o Sexto. Embora seja minha decisão não explicar o que isso significa, desejo-te a paz de Deus. Mas direi que o novo conceito da Causa Eterna dessa humanidade será mais elevado, sublime, puro e amplo, uma maior aproximação do ilimitado, do que qualquer outro que eras há muito passadas já sonharam. Cristo efetivamente vive e está entre os Seus, que em breve o conhecereão como nenhum homem exotérico já o fez. Conhecendo-o, terão ciência das coisas do Pai e as farão, porque está escrito: "Faço a vontade de meu Pai".



GLORIA IN
EXCELSIS!

Em breve a fé será conhecimento. A crença será irmã gêmea da ciência e o Verbo arderá como um Sol de novo significado, pois a verdadeira religião significa "Eu faço a união".

RESURGAM CHRISTOS

A Igreja Exotérica fechou as extremidades de Sua Cruz. Por isso *ela* é exotérica e nunca será esotérica até que abra os braços do Caminho de Quatro Vias. Abri os olhos e os ouvidos!

"Não fecheis os braços de Minha Cruz"

A A

CAPITULO VUI

UMA GRAVE PROFECIA

Era a primeira hora do primeiro dia do quinto mês após eu ter começado a freqüentar o Xioquithlon; era Bazix, consequentemente, a trigésima semana do ano, cujo fim se aproximava, restando 4 penas três semanas para terminar o ano 11.160 a.C.

Como o leitor já verificou, o dia para os poseidianos começava no meridiano e, portanto, a primeira hora do dia era contada do meio-dia à uma da tarde. A contar dessa hora, no último dia de cada semana até o final da vigésima quarta hora do dia seguinte, o primeiro da semana subsequente, todos os negócios ficavam suspensos e o tempo era voltado para o culto religioso, uma observância que era imposta pela mais rígida de todas as leis, o cos-uime. Hoje, em 1886 d.C., existem os que argumentam que se um homem se empenha a semana inteira num trabalho sedentário, deve no domingo buscar a recreação natural, dedicando-se plenamente a esportes atléticos ou fetigantes passeios. Mas eu digo que assim como o corpo é a externalidade da alma, assim como é a alma também será o corpo. Portanto, se a alma é de Deus, então voltar ao Pai com a freqüência possível é ser recriado, é obter repouso, renovação. Talvez não precise ser entre quatro paredes; melhor entre Suas obras, mas sempre com o pensamento natural, sem artificialidade, voltado principalmente para Ele. Por isso hoje continuo a favorecer a observância do Sabath, seja ele o sétimo ou qualquer outro dia da semana que atualmente tem sete dias, ou o décimo primeiro e o primeiro, como era na Atlântida. Contudo, não farei de minhas preferências um argumento, apenas fazendo uma reassessação da bem conhecida lei psicológica segundo a qual um dia periódico de descanso é necessário para a saúde, a felicidade e a espiritualidade. Na Atlântida, toda pessoa era livre para usar as horas da manhã, mesmo no décimo primeiro dia, da maneira que lhe fosse mais agradável, trabalhando ou se divertindo. Mas na primeira hora, um sino enorme e de bela sonoridade badalava com um som intenso e reverberante duas vezes, fazia uma pausa, e depois soava mais quatro vezes. Nesse momento cessavam todas as ocupações e se iniciava o culto religioso. No dia seguinte, o grande sino tocava novamente; outros sinos soavam em sincronia em toda a extensão do grande continente.



u: O mesmo acontecia nas populosas colônias de Umaur e Incailia, com a diferença de tempo cuidadosamente calculada. Havia um homem no grande templo de Incal em Caiphul que cumpria esse dever docemente solene. Então o tempo de culto terminava <- o resto do Inclut (primeiro dia) era dedicado a recreações de ioda sorte. Não deve minha descrição levar-te a pensar que esse culto fosse de natureza tristonha ou severa; não o era, nem avançava pela noite adentro, mas só até o momento em que todas as luzes permitidas naquela oportunidade se tornassem da cor vermelho-carmim pela fusão da velocidade atômica da força ódica, formando uma combinação dos elementos da luz e do estrôncio, realizada nas estações ódicas.

Por volta da terceira hora após ter terminado o Dia-Solar, um acontecimento peculiar ocorreu em minha vida em Poseid. Caminhando vagarosamente para casa e não tendo ainda chamado um vailx, preferindo andar, tomado da sonhadora calma produzida por influência da música ouvida num concerto público realizado nos jardins de Agacoe, encontrei um homem velho de nobre | K) rte, também a pé. Eu o havia visto muitas vezes em ocasiões anteriores e sabia ser um príncipe por causa do turbante cor de vinho. Ao vê-lo, na oportunidade de que falo, a direção de meu pensamento foi alterada e resolvi não ir diretamente para casa e | x-rmanecer na cidade por mais algum tempo, talvez toda a noite. No momento em que tomei essa decisão, o homem sorriu, mas continuou a caminhar. Notei então que, embora parecesse mesmo

o princípio que eu tinha em mente, não se tratava da mesma pessoa; eu me iludira com certeza, pois seu turbante era branco puro, e não cor de vinho. Senti que ele tinha desejado falar comido mas por alguma razão não o fizera. Se eu estivesse por ali em uma hora mais tardia, poderia novamente encontrá-lo e descobrir i > que ele tinha para me dizer.

Ponderando nisso entrei num café localizado num dos túneis em forma de caverna, onde uma avenida transpunha uma colina; pedi o almoço e fiquei esperando ser servido. Nesse meio tempo entrou no local um xioquene, ou estudante, com quem eu havia leito amizade, para fazer o mesmo que eu. Almoçamos juntos e icrminada a refeição fomos até o canal, onde tomamos um barco que era alugado por um homem pobre que ganhava a vida alugando esses barcos para quem gostasse dessa distração raramente utilizada por ser o vailx o transporte comum. Havia uma brisa fresca e navegamos na direção do oceano pela saída formada pelo Nomis, o grande rio que fazia um circuito completo da cidade,

atravessando o fosso, ou canal, e depois desembocando no mar. Por causa desse demorado passeio não consegui voltar à avenida a não ser depois da caída da noite. Quando cheguei perto do ponto onde havia acontecido meu encontro com o desconhecido de turbante branco, desta vez de carro, vi sua imponente figura imóvel à luz brilhante da lua tropical. Eu tinha desejado bastante re-vê-lo, e desta vez inclinei a cabeça numa saudação cortês. Diante disso o estranho disse-

"Um momento! Eu gostaria de falar contigo, jovem, em particular."

Quase mecanicamente fiz o carro parar, obedecendo *seu* gesto indicando que eu descesse e, posicionando a alavanca para que o veículo se movesse à mesma velocidade de uma caminhada lenta, deixei que continuasse a se mover, sabendo que se ninguém o utilizasse logo chegaria a uma estação de parada onde se deteria automaticamente. Quando me vi diante do sacerdote, que é o que eu pensava que fosse, ele disse:

"Teu nome, pelo que julgo, é Zailm Numinos?"

"Sim, é esse o meu nome."

"Eu te vi muitas vezes e estou informado a teu respeito. Tens uma louvável vontade de te aprimorares e alcançares elevadas honras entre os homens. Ainda és um menino, mas a bom caminho de teres êxito como homem, no sentido comum dado ao termo "êxito". Um menino consciente entretanto, olhado com simpatia pelo soberano. Serás bem-sucedido e chegarás a posições de elevada honra e abundância, e terás a consideração de todos os teus semelhantes. Contudo, não viverás o período completo concedido ao homem na Terra. Em tua breve vida conhecerás o amor. Vivenciarás a mais pura afeição que o homem é capaz de sentir por uma mulher. Mas não obstante tudo isso, esse não será um amor plenamente realizado neste período de existência. E amarás novamente e derramaras lágrimas por causa disso. Farás algum bem ao mundo mas, ah, bastante mal também. E por causa de um destino sombrio, muitas tristezas te advirão. Por tua causa, alguém sofrerá profunda infelicidade e angústia; terás de pagar caro por isso e não estarás livre até que o tenhas feito. Entretanto, eis que nesta vida não te será exigido muito. Quando menos pensares em pecado, tropeçarás nele e cometerás uma grave ofensa que representará uma sina perseguidora e inexorável. Mesmo agora, nos teus dias de inocência, já palmilhas o caminho do

K-U destino. Ah, assim é. Certa vez chegaste perto de compreender tua morte, que é apenas a menor parte do que te acontecerá; mas acordaste e fugiste das cavernas da montanha ardente para a segurança. Não obstante, pássaras finalmente para Navazzamin,

< > inundando das almas que daqui partem e -atenta! -eu te digo que IK-recerás numa caverna. E eu serei o último ser vivo em quem K-U olhar de poseidano pousará. Não terei então a aparência que lenho agora e não saberás que sou aquele que dará fim ao malfeitic que te terá atraído insidiosamente para a tua destruição. Te nho dito. Que a paz esteja contigo."

Muito me espantei ao ouvir essas palavras, julgando a princípio quem as pronunciara tivesse fugido do Nossinithlon (literalmente a "Casa dos Lunáticos" ou pessoas loucas), isso a despeio das circunstâncias em que nos havíamos encontrado. Mas à medida que ele falava eu me convencia de que tinha feito um julgamento falso. Finalmente, confuso, olhei para o chão, não sabendo o que pensar, tomado por um indefinível temor. Quando ele se calou e me desejou paz, levantei os olhos para fitá-lo de frente e, para meu espanto, não vi viva alma, pois eu estava sozinho na grande praça com uma fonte no centro, cujo jato parecia praia líquida à luz da Lua. Olhei para todos os lados. Teria sonhado?

< Certamente não. Seriam as palavras do misterioso estranho verda deiras ou falsas? O tempo satisfará tua curiosidade, amigo, como satisfez a minha.

A A A

CAPITULO LX

A CURA DO CRIME

Nos quatro anos que se seguiram ao meu estranho encontro com o homem alto e ereto, de cabelos brancos, que havia profetizado acontecimentos a mim ligados, estes se sucederam em harmonia com sua predição. Nunca mais nos havíamos visto, a não ser uma vez, antes de minha morte.

Antes de continuar, devo lembrar e em seguida tirar de cena meus sócios na mina de ouro e o homem que comprou o ouro sabendo que esse ato era ilegal.

Vários meses tinham se passado desde minha entrevista com Rai Gwauxln em seus aposentos particulares, quando um jovem usando um turbante de cor laranja com um alfinete de ouro e uma granada nele engastada, o que o distinguiu como um guarda do serviço imperial, entrou na sala de geologia do Xioquithlon, dirigindo-se ao instrutor-chefe, falou com ele em voz baixa. Ba-u-ndo na mesa para chamar a atenção dos noventa ou mais alunos que assistiam à aula sobre minerais, o chefe perguntou se um Xioquene de nome Zailm Numinos estava presente.

Levantei em resposta à pergunta, apresentando-me.

"Vem até aqui."

Os outros Xioquene observaram com interesse quando me dirigi à frente da sala, não sem alguma agitação pois eu sabia muito bem qual serviço era representado pelo mensageiro, e o instrutor Lilara num tom severo nada agradável.

"Este mensageiro deseja que o acompanhes à presença do Rai, [x]is este assim ordenou. Ele está nas Tribunas da Corte Criminal e precisa de ti como testemunha."

Lembrando o que o Rai havia dito, fiquei mais confiante pela importância das palavras a mim dirigidas e, já não estando tão ipreensivo, fiz o que pediam. Chegando à Corte dos Tribunos, vi

meus sócios ali, sob custódia, junto com o comprador do ouro que também havia sido indiciado. O juiz estava sentado no divã judicial em sua plataforma elevada e ao seu lado estava sentado, com simples dignidade, o Rai Gwauxln, Rai da maior nação da Terra-, apesar de sua posição, ele observava respeitosamente o feito de que o juiz tinha a precedência enquanto na corte. Vários espectadores estavam sentados nos assentos providenciados para o público no auditório.

Só podia ser dado um veredito relativo aos contraventores -"Culpados". Esta decisão foi tomada rapidamente e os réus admitiram esse fato. Imediatamente um dos funcionários judiciais levou os prisioneiros a outra parte do edifício onde havia um aposento bem iluminado, aparelhado com vários instrumentos portáteis e fixos. Ele foi acompanhado por todos os presentes.

Uma cadeira com encosto para a cabeça, com presilhas, e outros encostos com presilhas e tiras de couro para prender os membros e o corpo do ocupante estava no centro da sala. Um guarda fez sentar um dos prisioneiros e prendeu-o firmemente na cadeira. Tendo sido tomada essa medida preliminar, um Xioqa se aproximou, trazendo nas mãos um pequeno instrumento que percebi ser de natureza magnética, por sua aparência. Ele colocou os dois pólos do mesmo nas mãos do homem condenado e, após uma breve manipulação, ouviu-se um som leve e ronronante. No mesmo instante os olhos do prisioneiro se fecharam e sua aparência denotou um profundo estupor. Na realidade, ele fora magneticamente anestesiado. Então o operador apalpou cuidadosamente todo o crânio do homem inconsciente; concluído o exame, ordenou ao seu atendente que raspasse todo o cabelo. Quando essa ordem tinha sido cumprida, ele fez uma marca azul na superfície raspada, na frente e acima das orelhas. Continuando a apalpar, escreveu o numeral poseidano 2, acima e um pouco atrás de cada orelha. Feito isso, voltou a atenção para os espectadores mas, ouvindo as palavras do Rai Gwauxln, fez uma pausa antes do discurso que se propusera fazer aos presentes e me chamou para o seu lado, para onde me dirigi, deixando o local onde estava, além da grade. Então ele falou:

"Neste prisioneiro, verifiquei que as faculdades dominantes e mais positivas são as que marquei um e dois; o número um é um ambicioso desejo de ter propriedades, e sua disposição é fazer todas as coisas secretamente, como se pode ver pela proemi-nênciia excessiva dos órgãos do sigilo. Como o crânio não se alon-

II;i muito para cima, mas é bastante largo entre as orelhas, no número dois, concluo que temos aqui um indivíduo muito ganancio-s<>, a quem faltam consciência e espiritualidade e, por consequência, a natureza moral, quase que totalmente. Como ele também possui um temperamento muito destrutivo, temos aqui uma pessoa muito perigosa e me surpreende que ainda não tenha vindo a este lugar para ser corrigido. Por que alguém hesitaria em se submeter a um tratamento corretivo voluntário, causa-me estranheza. Suponho que seja algo explicável pela teoria de que alguém que esteja no baixo plano moral deste pobre homem é incapaz de perceber a vantagem de se encontrar num plano superior, mas é capaz de ver as vantagens imediatas de seguir métodos exequíveis. Em resumo, trata-se de um homem que não hesitaria em cometer um assassinato se isso lhe desse um ganho imediato, sem ler idéia das consequências futuras. Isto é verdade, Zo Rai?"

"Sim", respondeu o Rai.

"Tendo meu diagnóstico deste caso", continuou o Xioqa, "sido confirmado por tão alta autoridade, farei a aplicação da cura".

Ele chamou um atendente, que se aproximou com outro aparelho magnético sobre rodas, contido numa pesada caixa de metal, lendo colocado o mesmo em atividade de forma satisfatória. O Xioqa aplicou seu pólo positivo no ponto marcado pelo número um na cabeça do prisioneiro e o outro pólo na nuca. Então pôs seu marcador de tempo e colocou-o sobre a caixa de metal do instrumento, perto de um dial cujo ponteiro ele ajustou. Houve silêncio geral, a não ser por conversas em voz muito baixa em várias partes da sala, durante a meia hora seguinte. Ao fim desse intervalo o Xioqa se levantou de sua cadeira e mudou o pólo positivo para o lado oposto da cabeça do réu, onde estava a duplicata do número um. Houve outra meia hora de espera silenciosa, só interrompida pela saída de alguns espectadores e entrada de outros. Quando a segunda meia hora passou, o operador passou o pólo para o local marcado "dois". Desta vez só meia hora foi dada para os dois lados da cabeça. O imperador tinha me ordenado que ficasse na sala. Ele só havia ficado alguns instantes após o início da operação que não tinha novidades para ele. Ao final da sessão com o primeiro homem, este foi tirado da anestesia pela influência do aparelho magnético, cuja operação foi invertida numa segunda aplicação. O Xioqa fez uma preleção sobre o tema da operação enquanto o primeiro paciente era removido do local. Ele disse o seguinte ao grupo de espectadores que tinha aumentado bastante:

"Vistes o tratamento das qualidades mentais que tendiam, por sua proeminência, a distorcer sua natureza moral apenas parcialmente desenvolvida. O processo consistiu em atrofiar parcialmente os canais vasculares que irrigam a parte do cérebro onde se localizam os órgãos da ganância e da destruição. Mas dito isso, deveis observar que a alma é superior ao cérebro físico e é na alma, na natureza do homem, que residem essas tendências criminosas (sendo o cérebro e outros órgãos a sede da expressão psíquica) -o escritório administrativo, por assim dizer. Portanto, a mera hip-notização desse homem não cumpriria nosso propósito. No estado hipnótico há uma atração para dentro, e os vasos sanguíneos do cérebro se contraem e ficam parcialmente sem sangue; podem, inclusive, tornar-se fatalmente esvaziados. Esta arte é verdadeiramente muito perigosa. Mas o efeito oposto é produzido no afais-mo (o equivalente poseidano de "mesmerismo"). O cérebro fica cheio de sangue e a reversão do instrumento inicia o processo afai-co. Nesse momento a mente do operador pode assumir o controle da mente do paciente e sugerir à alma pecadora uma permanente cessação do pecado. Este homem foi tratado dessa forma, duplamente, porque o suprimento de sangue foi parcialmente interrompido para os órgãos que sediam sua fraqueza, mas também, através de minha vontade, comuniquei à alma que deixasse de errar e incumbi-a de executar um trabalho que terá uma ação contrária. Ele poderá se sentir adoentado por alguns dias, mas suas tendências pecaminosas terão desaparecido. É preciso uma mente superior, que tenha cometido erros de diferentes espécies, para termos um malfeitor bem-sucedido, e onde estiver a natureza mais baixa, principalmente uma natureza sexual pervertida, estará o criminoso. Na Atlântida ele não tem saída, pois, se uma pessoa denota essa disposição, o Estado a toma pela mão e age sobre os órgãos pertinentes. Mas creio que não é necessário que eu me alongue mais sobre este assunto."

Tendo o primeiro homem sido levado para receber cuidados, o segundo dos meus sócios foi colocado na cadeira. O exame do desenvolvimento cerebral revelou que ele era mais um fraco que um malvado: prevaricador habitual e com tendências libertinas; tinha um crânio que estava colocado principalmente para trás e para cima das orelhas. Não acho necessário descrever meu tratamento, que seguiu as mesmas linhas do anterior; a sugestão mes-mérica foi o principal método de cura.

Ao voltar para casa aquela tarde, decidi acrescentar a ciência da frenologia profilática ao meu currículo. E assim fiz. Pela práti-

...!< conhecimento que assim adquiri interferi no carma de não
...> LonneLunca H comprovaram os resultados, em
.....|^Z eTsa Serfnacia foi dLinha; por isso não tenho

•»■"»"" caso e" r auai_aue|r injúria desse jaez. Por vezes de-
'T^Z^u^^T^Z^o nas mãos do Estado,

"V cria^lo menos evitado o cometimento de erros que me

K^T^M^Z^O XSS e r_m, nE só col^A no
outras pessoas por m^a interm^e-

, U aue n^reino de nosso Pai tudo que acontece é para o bem

l ,S^nbém porque ninguém P^~~~~TnSes

,,-,,,<.-,-, rüratpr nelo carma de todas as encarnações

;!:Í^SST^TMÍSS^ ao <<<<<<o teria sido uma eva-

, necSárias provações, uma espécie de tentativa covarde se-

í' mteTdò auto-assassino que procura evitar problemas na

^_m^eto ^suicídio e acaba não fugindo de coisa alguma,

in^umT^tra ou artigo da lei de Deus. Pelo contrário, acumula-

', afirlas e penal iíades em *TM^TMf ^^gJZ

m-ústia através do inexorável carma e de outras encarnações na

rr^s mTcom os que morrem por autodestruiçao _po* os

,: moírem por causas inevitáveis, involuntariamente, nao sofrem

- K semido dentes do dragão em meu caminho. As punições, !
V^rvl bTm, não se referem áqueles que sabem e, sabendo, fc-,-,n a
vontade de Deus.

CAPITULO X

REALIZAÇÃO

O governo estava acostumado a fiscalizar sistematicamente os mais proeminentes Xioqueni a quem concedia bolsas de estudo, mas a supervisão não era ostensiva; na verdade mal era percebida pelos que estavam sob sua paternal vigilância. Aqueles que ulém de serem inteligentes e estudiosos, aproximavam-se do final

< I > sep-termo colegial, eram admitidos às sessões do Conselho dos Noventa que não fossem de caráter executivo ou secreto. Havia alguns favoritos especiais que, mediante votos estritos, não riam excluídos de qualquer reunião dos conselheiros. Nenhum <los muitos milhares de estudantes deixava de dar valor ao menor <cesses privilégios, pois além da honra que eles conferiam, as lições sobre a arte de governar que eles aprendiam representavam uma incalculável vantagem.

Na segunda metade de meu quarto ano de freqüência à escola, procurou-me um certo Príncipe Menax que desejava saber se eu aceitaria o cargo de Secretário dos Registros, o qual me daria a <portunidade de me familiarizar com todos os detalhes do governo de Poseid. Ele assim falou:

"Este é um privilégio verdadeiramente importante, que estou lili em te oferecer porque tens capacidade de desempenhá-lo de modo a satisfazer o conselho. Esse cargo te colocará em estreito contato com o Rai e todos os príncipes, e também te dará cer-io grau de autoridade. Que me respondes?"

"Príncipe Menax, estou ciente de que esta é uma grande honra. Mas permite-me perguntar por que ofereces tão grande oportunidade a alguém que se considera um quase completo estranho para ti?"

"Porque, Zailm Numinos, decidi que és digno e agora te dou ocasião para provar isso. Não és desconhecido para mim, embora eu o seja para ti; tenho confiança em ti; não queres me provar que essa confiança está bem fundamentada?"

"Certamente."

"Pois então ergue tua mão direita para o fulgurante Incal e por esse símbolo sublime declara que em caso algum revelarás coisa alguma que se passe nas sessões secretas, nenhum dos atos acontecidos no Salão Nobre das Leis."

Fiz o voto e, ao fazê-lo, fiquei obrigado por um juramento inviolável aos olhos de todos os poseidianos. Dessa forma tornei-me um dos sete secretários não eleitos e não oficiais, que eram incumbidos de escrever os relatórios especiais e cuidar de muitos documentos de estado importantes. Certamente não era pequena essa distinção conferida a um dentre nove mil Xioqueni, um homem ainda sem direito a voto numa nação de trezentos milhões de habitantes. Se por algum motivo eu pudesse atribuir esse fato ao meu mérito, nem por isso me consideraria melhor que cem dos meus colegas. O oferecimento se deveu em grande parte à minha popularidade pessoal junto aos poderosos, uma popularidade, entretanto, que eu não teria se não tivesse demonstrado em todos os campos a mesma sólida determinação que havia regido minhas ações no solitário pico do Rhok, a grande montanha.

O Príncipe Menax continuou, dizendo:

"Gostaria de ver-te esta noite no meu palácio, se te for conveniente, pois tenho algumas coisas para te dizer. Agradar-me-ia provar teu erro em acreditar que me és desconhecido, apenas porque és um entre os muitos estudantes Xioqueni, cada um deles perseguido igualmente o conhecimento. Partiu de mim e não do teu Xioql (preceptor-chefe), como imaginaste, o convite para assistires às sessões do conselho ordinário. Os Astiki (príncipes de estado) estão sempre muito interessados nos Xioqueni de maior mérito; por isso tantos pequenos deveres te foram dados a cumprir. Mas nada mais direi agora, para não atrapalhar tuas aulas. Lembra-te da hora marcada, a oitava."

Menax exercia o mais alto cargo ministerial de todos os Astiki, pois era o primeiro-ministro e, como tal, principal consultor do Rai. Minha auto-estima aumentou quando percebi que era contemplado com tão elevado favorecimento, mas isso me encheu de gratidão e não de convencimento. Tratava-se realmente de auto-estima, não de vaidade.

Embora aquela não fosse minha primeira visita ao palácio desse príncipe, de forma alguma eu poderia dizer que estava familiarizado com o interior de seu astikithlon. Enrolando meu melhor

mrbante verde em volta da cabeça e fechando-o com um alfinete que trazia uma pedra de quartzo cinzento com veios verdes como azinhavre nele engastada, o que denotava minha categoria so-t ial, entrei no naim e chamei um vailx citadino, como chamadas um taxi. O veículo logo chegou; embora pequeno, era amplo o bastante para acomodar dois, três e até quatro passageiros. Dan-<lo boa noite à minha mãe, logo me pus a caminho. O condutor me deixou sossegado e eu fiquei ouvindo a furiosa arremetida das lorrentes de chuva que faziam a noite inclemente ao extremo.

O palácio de Menax não ficava distante do cais interior do canal, no ponto mais próximo entre este e minha casa suburbana. A distância era de dez milhas e por isto a viagem aérea de lá até o canal durou o mesmo tempo que durou para o vailx encostar no amplo piso de mármore da estação, arrastando um pouco o fundo, anunciando assim a sua chegada.

Um sentinela se aproximou para saber o que eu queria e, ten-
< lc > sido atendido, chamou um servidor para me escoltar até Menax.

Vários funcionários categorizados do séquito do príncipe estavam no grande aposento, laboriosamente ocupados em fazer nada em particular, ocupação na qual estavam sendo auxiliados por várias damas que residiam no palácio. O Príncipe Menax estava deitado num diva colocado na frente de uma grade cheia de Indaços de alguma substância refratária aquecida pela força universal.

No tempo que levou para o atendente me conduzir à presença do príncipe e anunciar minha chegada, tive oportunidade de notar um grupo de funcionários e senhoras reunidos em volta • Io uma mulher de tão grande graça e beleza que nem sua eviden-te tristeza e aflição nem a distância entre a entrada e o canto on-
< i > Io ela estava sentada conseguiram ocultá-la completamente. Suas roupas, suas feições e sua tez mostravam que ela não era filha do Poseid, pois não tinha os olhos e cabelos escuros, e a pele clara mas distintamente acobreada. Aquela mulher triste e aflita era i > contrário disso, pelo que minha rápida vista de olhos pôde discernir na distância que nos separava.

Menax disse, saudando-me:

"Sê bem-vindo. Senta-te. A noite está tempestuosa mas eu te conheço bem. Como prometeste vir, vieste."

Ele ficou em silêncio por algum tempo, olhando fixamente para a grelha que ardia, e então perguntou: "Zailm, participarás na competição em Xio nos nove dias reservados para o exame anual dos Xioqueni?"

"Tenho essa intenção, meu Astika."

"Tens o direito de adiar o exame até o último ano do sep-termo."

"É assim para todos os Xioqueni?"

"Aprovo enfaticamente tua determinação. Eu mesmo agi assim, quando estudante. Espero que sejas aprovado, para que te alegres com teu êxito, embora isso não diminua o número de teus anos de estudo. Mas o que acontecerá após o exame? Terás um mês para fazer o que tiveres vontade. Quisera eu ter trinta e três dias de descanso dos meus deveres!" Menax fez uma pausa meditativa e continuou:

"Zailm, tens algum plano especial para estas férias?"

"Nenhum, meu príncipe."

"Nenhum. . . Muito bem. Agradar-te-ia me prestar um serviço, indo para um país distante para fazer-me esta gentileza? Após completares esse rápido dever, poderás ficar lá pelo tempo que quiseres, ou ir para onde a fantasia te chame."

Não vi razão para me negar a fazer o que ele queria, e como o serviço solicitado me levou a uma terra até aqui só de passagem mencionada, considero justificado prefaciar meu relato sobre aquela longínqua viagem com uma descrição de Suernis, hoje chamada Hindustão, e de Necropan ou Egito, as mais civilizadas nações que não estavam sob a supremacia de Poseid.

Quando as nações tentam tornar a religião absolutamente dominante em seus assuntos, o resultado não pode deixar de ser marcado pelo desastre. A política teocrática dos israelitas é uma ilustração disso e, como o leitor deve ter percebido há muito, Suernis e Necropan foram exemplos ainda mais antigos na história do mundo. A razão disso não é a de que a religião seja um fracasso; a força deste registro de minha vida deve transmitir a verdade de que julgo nada haver de melhor do que a religião pura, sem máculas. Não, a razão por que uma teocracia bem-sucedida não

l>ode durar é que a atenção de seus dirigentes deve ser dada às c < >isas espirituais para que o espiritual tenha êxito, e as coisas 11< > Reino de Deus nunca podem ser as coisas da terra. Pelo menos não até que o homem esteja totalmente desenvolvido em seu wxio ou sétimo princípio e tenha se purificado de toda mancha <le animalidade, pelo fogo do Espírito.

Suernis e Necropan tinham uma civilização que hoje percebo ier sido tão adiantada quanto a nossa, embora diferente. Mas, porque não tinha quase nenhum ponto em comum com a de roseid, o povo deste país a considerava com certo desprezo quan-<lo a ela se referia entre seus iguais. Entretanto, os poseidianos ciam muito respeitosos em seus contatos com aqueles povos, por i / ões que ficarão claras no decorrer da narrativa.

As diferenças entre essas duas civilizações contemporâneas se encontravam no fato de que Poseid tendia para o cultivo das artes mecânicas, para as ciências ligadas às coisas materiais, e se < < mtentava em aceitar sem questionamento a religião de seus an- < estrais, enquanto que os suernis e necropanos davam grande importância a tudo que fosse oculto e tivesse significação religiosa -princípios verdadeiramente práticos, pois as leis ocultas têm in-lluênciia sobre a materialidade -mas descuidavam-se dos assuntos materiais, salvo quanto à adequada manutenção da existência. Sua regra de vida estava resumida no princípio de não tomar gran-ile conhecimento da existência presente e preocupar-se com o fu-mro. O princípio vital de Poseid era estender seu domínio sobre iudas as coisas naturais. Havia os que filosofavam a respeito do espírito; eram os teóricos poseidianos, que desenhavam o quadro do destino da Atlântida. Eles apontavam para o fato de que nossos esplêndidos triunfos materiais, nossas artes, ciências e progresso, dependiam absolutamente da utilização do poder oculto extraído do Lado-Noite. Este fato era comparado com a verdade de que os misteriosos poderes dos suernis e necropanos deviam sua existência ao mesmo reino oculto, concluindo que com o tempo também dariámos menos importância ao progresso material e empregaríamos nossa energia em estudos ocultos. Seus presságios, l*>r conseguinte, eram extremamente sombrios; mas, embora o povo os ouvisse com respeito, a incapacidade desses profetas paia sugerir uma solução os tornava objeto de um secreto desprezo, a algum grau. Qualquer um que encontre defeitos no estado de coisas existente e se mostre obviamente incapaz de oferecer um substitutivo superior, não pode deixar de ser publicamente ridicularizado.

Nós, poseidanos, sabíamos que as duas misteriosas nações de além-mar possuíam capacidades que virtualmente superava de lon[«] ge nossas consecuções, como o nosso poder de navegar pelo es[»] paço e nas profundezas das águas, nossos velozes carros, nossas ! embarcações submarinas. Não, eles não se jactavam de tais conve-['] niências, pois não precisavam delas para levar adiante sua existêⁿ cia, não tendo o desejo, como supúnhamos, de tais aparelhos, i Talvez nosso desprezo fosse mais uma afetação que uma realida-de, pois em nossos momentos de pensar mais sobriamente reco-nhecíamos sua supremacia com grande admiração.

Mas com quem falaríamos, quem veríamos e ouviríamos, sendo vistos e ouvidos, no desejo de nos comunicarmos a qualquer distância e *sem* fios, por meio das correntes magnéticas do globo? Verdadeiramente, nunca conhecemos a dor da separação de nossos amigos; podíamos atender as demandas do comércio e transportar nossos exércitos em tempo de guerra em um dia para qualquer lugar do mundo, tudo isso enquanto nossos dispositivos mecânicos e elétricos estivessem disponíveis. Mas de que valia toda essa esplêndida capacidade? Se um dos mais competentes Xioqueni fosse encerrado numa masmorra, todo o seu conhecimento seria nulo; privado de todos os implementos e meios costumeiros, ele não poderia ter a esperança de ver, ouvir ou escapar sem ajuda externa. Suas maravilhosas capacidades dependiam das criações de sua inteligência. Não era assim no caso dos suernis e necropanos. Nenhum poseidano saberia a maneira de aprisionar qualquer desses cidadãos. Se um suerni ou necropano fosse encerrado numa masmorra, simplesmente se levantaria e iria embora como Paulo de Tarso; podia ver e ouvir a qualquer distância, sem o naim; andar entre inimigos sem ser visto. De que valiam então nossos triunfos tecnológicos diante desses suernis e necro-panos? Que utilidade teriam nossos instrumentos de guerra contra esse tipo de povo, se um só de seus homens, olhando com olhos em que queimava a terrível luz do poder da vontade e usando contra nós as forças invisíveis do Lado-Noite, poderia nos destruir como o faz o hálito ardente do fogo com as folhas verdes num campo incendiado? Nossos mísseis teriam alguma utilidade nesse caso? Se a pessoa contra quem fossem atirados poderia impedir seu trajeto rápido como um raio, fazendo-os cair a seus pés como a lanugem do cardo? E os explosivos mais poderosos que a nitroglicerina, atirados do céu de vailxes planando várias milhas acima no domo azul do Armamento? Seriam inúteis, pois o inimigo, com seu presciente olhar e perfeito controle de forças do Lado-Noite que desconhecíamos, poderia deter o petardo em sua

. |ui da e, ao invés de sofrer danos, poderia aniquilar a aeronave t iixlaa sua tripulação. A criança que já se queimou teme o fogo, «' i m tempos passados tínhamos tentado conquistar aquelas na-i.octs, com desastroso fracasso. Eles só se preocuparam em repelir IK isso ataque, e tendo sido vitoriosos, deixaram-nos partir em paz.

(x>m os anos se transformando em séculos, nossa atitude tam-IK''III se tornou apenas defensiva, deixando de ser ofensiva e, por « n usa dessa mudança por parte de Poseid, desenvolveram-se rela-i,i K-s amigáveis entre as três nações.

A Atlântida tinha finalmente aprendido uma boa parte do segre- do uso de forças magnéticas para destruir inimigos, dispensando mísseis, projéteis e explosivos como meios de defesa. Ainda iiifism, o conhecimento de Suerni continuava a ser superior. Supe-11< >r porque nossas armas magnéticas só espalhavam a morte nu-III.I área restrita, próxima ao operador; as deles atingiam qualquer ponto desejado, por mais longínquo que fosse. Nossas armas destruíam indiscriminadamente todas as coisas existentes no ulvo -inanimadas e animadas -todas as pessoas, amigas ou inimi-H.is; animais e árvores, tudo ficava condenado. O poder das armas deles era controlado, atingindo o âmago da força oponente, e não destruía vidas desnecessariamente; aliás, não causava danos ao inimigo em geral, só aos generais e dirigentes do lado contrário.

Eu havia tomado conhecimento desses fatos relativos aos suer-nis muito tempo antes. O Príncipe Menax tinha me pedido para i iimprimir uma missão junto àquele povo. Eu nunca tinha visitado Suerni e, como tinha o desejo de fazê-lo, fiquei satisfeito porque esse desejo seria gratificado. Após consentir em atender o pedido, perguntei ao príncipe qual seria a missão com as seguintes palavras: "Se 2o Astika disser a este filho o que deseja, satisfará sua crescente curiosidade".

"Eu o farei", respondeu o príncipe. "Quero mandar um presen-(e ao Rai de Suerni como retribuição de certas dádivas enviadas |H)r ele ao Rai Gwauxln. Embora tenhamos poucas dúvidas de que essas dádivas foram enviadas para nos induzir a aceitar cen-io e quarenta mulheres, prisioneiras do Rai Ernon de Suern, não podemos aceitar que eles de certa forma nos imponham uma es-|xf-cie de suborno; embora as mulheres possam receber permissão para ficar ou ir para onde quiserem a não ser para onde os suer-nis proibam, decidimos considerar as jóias e o ouro que eles nos deram como um presente, e retribuí-lo adequadamente. Assim

resolveu o conselho em assembleia. Parece que essas mulheres são membros de certas poderosas forças de imprudentes invasores cujo país se encontra a oeste de Suern. Esses grupos insensatamente guerrearam contra a terrível Suern. Eles nunca tinham experimentado, nem visto outros experimentarem, a ira com que In-cal reveste Seus filhos de Suern, uma ira que devasta os inimigos como a foice sega o trigo. Ora, Ernon tem um país fértil, e esses selvagens ignorantes ambicionavam possuí-lo, e por isso declararam guerra a Ernon. A isso Ernon respondeu que não aceitava; que aqueles que o atacassem com arcos e viessem vestidos de couraças seriam enfrentados por ele e muito se arrependiam, visto que Jeovah, como os Suerni preferiam chamar Aquele que denominamos Incal, o protegeria e ao povo de Suern, sem luta e sem derramamento de sangue. Diante disso os bárbaros responderam com linguagem arrogante, declarando que invadiriam aquela terra e destruiriam seu povo pela espada. Então reuniram um grande exército, de muitos milhares de combatentes e acompanhantes, os quais, liderados por um destemido Astiki, arremeteram para o leste vindos pelo sul, para devastar o reino de Suern. Mas espera -há alguém nesta sala que sem dúvida poderá te dizer mais e melhor do que eu. Mailzis!" -disse ele ao seu criado particular -"traz à minha presença aquela estrangeira de pele clara".

Mailzis obedeceu e a estrangeira que eu tinha visto ao entrar no salão do príncipe levantou-se com uma atitude leve e graciosa que despertou minha admiração. Alisando a roupa calmamente, sem absolutamente se comportar como alguém que obedece a ordem de um superior, aproximou-se de Menax. Levantando-se com deferência, o príncipe disse: "Senhora, farias a gentileza de repetir o que narraste ao meu soberano? Sei que tua história é muitíssimo interessante".

Enquanto ouvia essas observações a estrangeira não olhou para o príncipe e sim para mim. Seus olhos tinham se fixado em meu rosto, não ousadamente mas com profunda atenção, embora sem ter consciência da fixidez de seu olhar. Seja como for, havia nele um tão grande poder magnético que tive de desviar os olhos, estranhamente intimidado, sentindo que continuava a ser observado a despeito disso. Ocorreu-me que ter respondido na língua poseidana indicava que ela possuía uma boa educação.

"Se te for agradável, Astika, que eu o laça, então será agradável para mim também", disse ela. "Terei prazer em repetir a história para o jovem a quem tratas com favor. Entretanto preferiria

que tua jovem filha não permanecesse aqui" -disse ela a meia-voz, com um olhar de antagonismo para Anzimee que estava sentada perto de nós, aparentemente ocupada em ler um livro, mas sem fazê-lo realmente, em minha opinião. O laivo de ciúme na voz da estrangeira não foi percebido por Menax, mas o foi por Anzimee, que se levantou e deixou o salão. Desgostou-me esse mo e me ressentí do que o causara, o que a Saldú percebeu de imediato, mordendo o lábio, vexada.

"Não deve ser agradável ficar de pé; senta-te aqui à minha direita e tu, Zailm, muda de lugar e senta à minha esquerda", disse Menax, voltando a se acomodar no diva.

Quando todos estavam devidamente sentados, mostramo-nos prontos para ouvir a narrativa. Nesse momento Mailzis, o criado, aproximou-se respeitosamente e, quando perguntado sobre o que desejava, disse:

"É da vontade de teus oficiais e das senhoras do astikithlon também ouvir o relato."

"Concedido; podes também conduzir o naim até aqui, perto de nós, para que o escriba dos Registros anote tudo."

Tendo recebido permissão, os petionários logo estavam acomodados à nossa volta, alguns em assentos baixos e os mais altos oficiais que tinham mais familiaridade com o príncipe se estenderam de lado, apoiando-se no cotovelo, nos ricos tapetes de veludo que cobriam o chão, na frente de Menax.

A A A

CAPITULO XI

O RELATO

"Mailzis", disse o príncipe, "serve-nos vinho com especiarias"-

Enquanto apreciávamos a refrescante bebida, que não era fermentada, passamos a ouvir a emocionante narrativa que se segue:

"Creio que tendes conhecimento de meu país natal, visto que fazeis comércio com a nação Sald. Deveis igualmente ter sido informados a respeito do grande exército enviado por nosso governante contra a terrível Suern. Ah! Como sabíamos pouco sobre aquele povo!" -exclamou a mulher, apertando as pequenas e delicadas mãos numa agonia de aterrorizada retrospecção.

"Cento e sessenta mil guerreiros tinha meu pai sob seu comando. Metade desse número era formado por acompanhantes. Nossa cavalaria era o nosso orgulho, com seus veteranos experim^{entais} dos e tão sedentos de sangue! Eram esplêndidas as nossas annas cintilantes espadas e lanças. . . Oh, era um maravilhoso conjun-10 de bravos homens!"

Diante dessa eulogia a armas tão primitivas os ouvintes não conseguiram reprimir um sorriso. Por um momento isto pareceu desconcertar a princesa, mas não por muito tempo, pois ela continuou:

"Dessa poderosa e esplêndida maneira -ah, como amo o poder! -avançamos saqueando, pelo caminho que nos levava à cidade de Suern. Quando chegamos perto, depois de muitos dias, não pudemos vê-la, pois se encontrava numa parte baixa da região. Não obstante, estávamos seguros de obter uma vitória fácil, pois alguns prisioneiros que havíamos feito nos informaram que Suern não tinha muralhas nem defesas semelhantes, e que nenhum exército se reunira para nos combater. Efetivamente, em parte alguma tínhamos visto cidades muradas no país de Suern, nem havíamos encontrado resistência; por isso não derramáramos sangue, tontentando-nos em torturar os cativos para nos divertirmos, libertando-os em seguida."

"Que horror!" -murmurou Menax entre dentes. "Bárbaros sem coração!"

"Que disseste, meu senhor?" -perguntou imediatamente a jovem.

"Nada, senhora, nada! Apenas pensei alto na esplêndida marcha da hoste de Sald."

Embora parecesse duvidar um pouco da exatidão dessas palavras, a Saldú continuou seu relato.

"Tendo chegado, como eu estava dizendo, detivemos nossa marcha à beira de um desfiladeiro pouco profundo mas bastante largo, onde o Rai, pouco sábio e pouco belicoso, tinha construído sua capital, e mandamos um mensageiro oferecendo-lhe condições de guerra favoráveis. Como resposta, veio até nós um velho desarmado e sozinho, acompanhando nosso mensageiro. Ele era alto, ereto e tinha um porte tão cheio de dignidade que dava prazer contemplá-lo. Em verdade, ele pareceria o poder encarnado! Eu deveria odiá-lo, mas não pude deixar de amá-lo! Se fosse mais jovem, eu o cortejaria para fazer dele meu companheiro."

Diante dessa inesperada observação olhamos com espanto e outras emoções para a narradora, e ouvimos Menax perguntar:

"Astiku, estou ouvindo bem? Cortejar um homem? É costume de teu povo permitir que a mulher tome a iniciativa? Pensei ser versado nos costumes de todas as nações antigas e modernas, mas desconhecia este fato. Entretanto, é de se esperar coisas estranhas de... bem, de uma raça que só tem números para ser reconhecida por um povo como o de Poseid."

"Por que não ser franco, Zo Astika? Por que não dizer o que pensas, que nações civilizadas como a tua consideram uma raça como a Saldú inferior a ponto de seus costumes serem desconhecidos para ti?"

O Príncipe Menax corou fortemente com envergonhado embaraço, pois não estava acostumado a prevaricações, e replicou:

"Admito que a franqueza é melhor, mas não queria ferir teus sentimentos, Astika."

Com uma risada musical, divertida, a Astiki disse.-

"/.o Astika, permite-me dizer que em Sald ambos os sexos têm lil>< idade para cortejar seu escolhido ou escolhida. Por que não? I. ilgo sensato, penso. Seguirei nosso costume nesse sentido quan->l< i (iver oportunidade. Meu escolhido deverá agradar a vista e ter »i i < migem do leão do deserto-, sim, do deserto de onde veio o grande k-ão, no continente de Suernota. Sim, eu o farei se a oportuni-ll.Klí- surgir"-reiterou a jovem com um pequeno suspiro.

Minai ela retomou o fio da história, com voz desanimada e triste.-

"O Astika meu pai, chefe de nossos exércitos, disse ao garbo-'i velho:

"Que diz teu governante?"

"Ele diz: "Que o estrangeiro parta antes que minha ira desper-<< , pois -atenta! -eu o destruirei se não me obedecer! Terrível é i minha ira".

"O que dizes! E seu exército? Não vi sinal dele" - disse meu l>.ii com o sorriso de um veterano a quem oferecem uma resistên-<< w desprezível.

"Chefe" -disse o enviado em tom baixo e sério -"será melhor que partas. Eu sou esse Rai e também o seu exército. Abandona csia terra agora mesmo, pois em breve isto será impossível. Vai, tu te imploro!"

"Tu és o Rai? Homem imprudente! Digo que quando o Sol tiver alcançado o próximo signo tua coragem não te salvará, a menos que retornes agora mesmo e reúnas teu exército. Ou então mandarei tua cabeça para o teu povo. Só te dou esta opção. Após o prazo dado, atacarei e saquearei a cidade. Não precisas temer)K>r tua segurança pessoal neste momento. Eu não posso ferir um inimigo desarmado! Vai em paz. De manhã atacarei teu exército. Devo ter um oponente digno."

"Tens em mim um oponente à altura. Nunca ouviste falar de Suerni? Sim? E não acreditaste! Oh, é verdade! Vai, eu te peço, enquanto podes fazê-lo com segurança!"

"Homem seu juízo! -disse o chefe. "Este é o teu ultimato? Que seja! Afasta-te! Não irei embora; avançarei". Então o chefe chamou os capitães das legiões e comandou:

"Para a frente, marchem e conquistem!"

"Reconsidera tua ordem por um instante. Desejo lazer uma pergunta" - disse o Rai.

"Respeitando esse pedido, nossos homens, que haviam se enfi-leirado e apresentado armas, detiveram-se em posição de descanso. À frente das fileiras do exército de Sald, postada na pequena colina de onde se via a capital suerna, estava a fina flor de nossa hoste. Eram veteranos leais e experientes, homens de gigantesca estatura, em número de dois mil, líderes dos homens menos experimentados. Jamais esquecerei seu garbo, jamais. Tão fortes; eram a própria juba do nosso poderoso leão, cada homem capaz de carregar um boi nas costas. O Sol batia em suas lanças criando uma gloriosa fogueira de luz. Olhando para esses homens o Suern disse:

"Astika, não são estes os teus melhores homens?"

"Sim."

"São estes de quem me disseram que torturaram meu povo por mero divertimento? E chamaram as vítimas de covardes, dizendo que homens que não resistem devem morrer e efetivamente mataram alguns de meus súditos?"

"Não o nego" -disse meu pai.

"Acaso pensas, Astika, que isso estava em teu direito? Não são dignos da morte homens que se vangloriam por derramar sangue?"

"Possivelmente, mas que importa isso? Por acaso *pensas* em punir-me por esses atos?" -disse meu pai, com desprezo.

"Sim, Astika. E depois partirás?"

"Ora se o farei! Que boa brincadeira! Só que não estou com disposição para bravatas!"

"Então te recusas a fazer a retirada, embora eu diga que permanecer é morrer?"

"Acaba com tuas tolices! Elas estão me cansando."

"Astika, sinto muito. Que seja como queres. Foste avisado de que devias partir. Ouviste falar do poder de Suern e não acreditas-te. Pois agora prova dele!"

"Com estas palavras o Rai fez um gesto amplo, apontando o 11<-do indicador para onde se encontrava o nosso maior orgulho -queles maravilhosos dois mil guerreiros. Seus lábios se moveram e mal consegui ouvir as palavras que ele murmurou-.

"Jeovah, fortalece minha fraqueza. Assim morre o culpado reni-unte."

"O que aconteceu então encheu todos os espectadores de tamanho horror, atingiu tanto sua superstição, que por cinco minutos não se ouviu qualquer som. De todos aqueles guerreiros veteranos, nenhum estava vivo. Ao gesto do Suerni suas cabeças penderam para a frente, as mãos soltaram as lanças e eles caíram no solo como bêbados. Nenhum som, a não ser o de sua queda; nenhuma reação; a morte chegara para eles como acontece com <uem morre do coração. Ah, que assustador poder tens, Suernis!"

*"E o Anjo da Morte estendeu suas asas sobre o mal
E soprou fogo na face do inimigo ao passar."*

Senaqueribe era desconhecido naquele tempo; a princesa salda nunca ouvira o poema, mas nós o conhecemos, meu leitor, tu e eu, e isso é o bastante.

Ao descrever a ação do Rai de Suern, a princesa tinha ficado de pé, simulando ao mesmo tempo o gesto fatal de Ernon de Suern. Sua mímica foi tão convincente que o grupo de ouvintes ■X nossa esquerda se encolheu involuntariamente quando o braço dela passou por sobre suas cabeças. A Saldu percebeu isso e seus lábios se crisparam com desprezo.

"Covardes!" -murmurou ela. Um poseidano ouviu e seu rosto ilorou quando ele disse:

"Não, Astiku, não somos covardes! Considera nosso involuntário encolhimento um cumprimento aos teus poderes de comunicação."

Ela sorriu e disse: "Talvez seja assim". Em seguida, abatida pela lembrança da aterradora força de Jeovah invocada por Ernon, força que até a orgulhosa Atlântida temia, sentou-se molemente na cadeira, chorando.

Um pouco de vinho refez-lhe as forças e a narração foi retomada.

"Depois do ominoso silêncio que se abateu sobre os que haviam testemunhado a horrível visão, as mulheres, viúvas e filhas dos mais altos oficiais, começaram a gritar aflitivamente. Muitos de nossos homens, assim que conseguiram compreender que as histórias que tinham ouvido e desacreditado não eram boatos inconseqüentes, caíram por terra numa agonia de intenso terror. Ah! Naqueles momentos poderíeis ter ouvido súplicas a todos os deuses grandes e pequenos, os deuses em quem nosso povo confiava. Ha, ha!" -riu a princesa, amarga e desdenhosamente -"apelando para deuses de madeira e metal, pedindo proteção contra aquele imenso poder! Bah! Como não posso viver em Suern por ter sido banida, também não viveria outra vez em minha terra natal! Não quero mais saber de um povo que idolatra objetos insensíveis e os desafia. Não, Astika" -disse ela em resposta a uma pergunta de Menax -"nunca adorei ídolos; a maioria dos meus concidadãos o faz, mas nem todos. Não sou apóstata, mas reverencio o poder. Eu deveria odiar Ernon de Suern, mas não o odeio. Na verdade, se me fosse permitido, viveria em sua presença e idolatraria sua maravilhosa força que leva a morte aos seus inimigos. Como não me é permitido isso, prefiro permanecer entre teu povo que é uma grande raça-, embora não se iguale à de Suern, é melhor e mais poderosa que a minha; oh, muito, muito mais!"

"Meu pai era inteligente demais para imaginar que aquilo fosse um truque tramado por um povo astuto e comprehendeu, por aquela amarga lição, que a reputação atribuída a Suern pelos viajantes não era invenção de desocupados. Mas não se acovardou diante do Rai, pois tinha o espírito altaneiro demais para isso. Enquanto olhávamos estarrecidos para aquela terrível cena de morte, outra coisa não menos apavorante aconteceu. Nós, os sobreviventes, toda a hoste menos os dois mil, estávamos colocados entre os mortos e o rio a oeste da cidade. O Rai Ernon baixou a cabeça e orou -que profundo temor esse ato causou em nosso povo! Ouvi-o dizer:

"Senhor, eu te suplico, concede o que meu servo pede!"

"Então, vi as vítimas se levantarem uma por uma, tomado cada uma sua lança, escudo e elmo. Em seguida, em esquadras irregulares marcharam em nossa direção, em minha direção. Oh, meu Deus! Passaram por nós na direção do rio. Percebi que seus olhos estavam semicerrados e opacos; o movimento de seus membros era mecânico; eles caminhavam como se estivessem presos por fios e suas armaduras ressoavam fazendo um barulho fantasmagó-

| 1 X



.-vüMpâ^R

A Princesa Lolix imita o gesto fatal de Emon de Suem

rico. Os esquadrões chegaram ao rio e, um a um, os soldados marcharam para a água, cada vez mais fundo, até que desapareceu ram para sempre, mero alimento dos crocodilos que já grunhiaflj e se agitavam na correnteza do Gunja. Ninguém para liderá-los* ninguém para carregar seus corpos; cada um deles entrando nfl rio como se estivesse vivo, embora morto; aquela soturna procl* são, a mil passos de distância, completou a horrível sensação dl medo e desesperado terror que se apossou do grande exército,! que então debandou, deixando tudo para trás. Em breve só urft, punhado de soldados fiéis havia restado. Eles haviam ficado com' seu comandante e estado-maior, prontos a partilhar com eles a morte a que estavam certos de que seriam submetidos. Também permaneceram ali algumas mulheres. O Rai Ernon então falou:

"Não te disse que devias partir ou eu te puniria? Estás pronto I para partir agora? Olha teu exército em fuga! Essa debandada não terá bom termo; milhares nunca mais verão Sald porque perece» ■ rão no caminho, contudo uma boa parte chegará ao seu lar. Mas tu nunca mais irás para casa, nem tu nem tuas mulheres. Contu- j do, elas não ficarão em minha terra, nem na terra delas, mas num • país estranho."

"Aquele antes altivo e agora humilhado soldado, meu pai, colocou um joelho em terra diante do Rai, e disse:

"Poderoso Rai, o que farias com essas inocentes mulheres? Dis-seste que meus guerreiros eram culpados; eu o admito e não me isento de culpa. Mas estas minhas mulheres não feriram homem algum. Tuas palavras me fizeram acreditar que a justiça é o teu princípio guia; teus atos dizem outra coisa, pois quando podias abater todos nós, fizeste um exemplo de uns poucos culpados. Imploro-te, portanto, que tenhas misericórdia das mulheres e talvez dos meus oficiais."

"Terei clemênciapor teus oficiais, que te são fiéis, embora só esperem a morte como recompensa. Ordena-lhes que partam com o que sobre de teu exército. Eles não estão acostumados a cuidar das necessidades do corpo; portanto, com toda certeza perecerão, a menos que eu os salve. Tendo o poder, eu o usarei com misericórdia. Nenhum morrerá no caminho; nenhum passará fome e sede, nem sofrerá de qualquer doença. Ó Jeovah! No caminho para casa nenhum se perderá, embora nenhum precise comer. Em volta deles as feras se agitarão e, ainda que estejam desarmados, nenhum animal lhes fará mal, pois o espírito de Jeovah irá com

« Us, será seu abrigo e salvaguarda. Sim, Ele fará muito mais, pois ri x rara em suas almas para que esses que agora são guerreiros «c lornem Seus profetas, e elevarão seu povo e farão com que o Senhor seja conhecido em todas as eras; serão uma raça de homens educados, de astrólogos, falando de Deus por suas obras < elestiais. Mas ainda assim chegará um dia daqui a seis mil anos I-III que os homens da Caldéia tentarão mais uma vez prevalecer M >bre o meu povo e novamente falharão como aconteceu agora; mas tu estarás há longo tempo com teus pais, adormecido após unia segunda vida, seguro no Nome Oeovah ou Yeovah) através (I< > qual eu obro. Chamas inocentes as mulheres que voluntariamente vieram, envoltas na insolência de um suposto poder e invencibilidade, para assassinar meu povo? Inocentes! Elas que vieram testemunhar a rapina de minhas cidades e se deleitar com <>s sofrimentos de meus súditos? Inocentes! Não, não é assim! Poria nito, ficarás retido aqui com tuas mulheres e moças. Atenta! Eu disse que não sairás daqui; as mulheres ficarão retidas por algum unipo, mas tu jamais sairás destas terras. Irás para uma prisão que não tem grades nem paredes; contudo, não há esperança de <|uc possas fugir dela."

"Queres dizer que vamos todos morrer, Zo Rai?" -perguntou meu pai com voz baixa e triste.

"Não será assim. Zo Astika, pensas que posso condenar o assas-sírio e eu mesmo cometê-lo desnecessariamente? Não. Eu disse que não podes sair de Suern e que isso não será possível no futuro, apesar de que não estarás impedido por grades, nem vigiado |x>r qualquer homem."

"Foi uma coisa trágica assistir à despedida entre os que tinham de ir e os que deviam ficar. Mas afinal, assim são as sinas da guerra e os fracos devem obedecer aos fortes. Eu havia me rejubilado eom nosso imaginado poderio e não me importava quem havia sido derrotado. Poder, ah, o poder! Penso que senti uma sombria satisfação em te contemplar, Poder, meu ídolo, causando uma destruição tão rápida!"

A princesa disse as últimas palavras pensativamente, aparentemente alheia ao ambiente, sentada com as mãos apertadas, com a admiração estampada no belo rosto, os olhos distantes, mas tão eruel afinal de contas! De porte real, personalidade dominadora, bela, maravilhosamente bela -diria o mundo de hoje como o de então. Ela tinha a aparência espantosamente parecida com a das

mulheres americanas louras de hoje. Só que estas com certeza, não são como ela que se inclinava sempre para o poder triunfar j te, como as leoas. A verdadeira mulher americana, compassiva, autêntica, graciosa como um pássaro, doce como uma rosa recém desabrochada, é como Lolix nesses traços, cessando aí qualquer paralelo, pois essa mulher de hoje se apega ao pai, ao irmão, ao amado, chova ou laça Sol, no triunfo e na derrota, fiel até a morte. Tais mulheres sempre recebem sua recompensa.

Houve um dia em que Lolix foi alterada para se tornar como as modernas jovens de hoje, mas isso foi anos depois. Existem alguns tipos de rosa que parecem cheias de espinhos enquanto estão em botão, mas que maravilhas de beleza são elas quando finalmente abrem o coração para o Sol e para o orvalho!

Ao que parece, o Príncipe Menax ainda não tinha ouvido Lolix lalar tanto tempo, tendo esperado aquela ocasião, para que eu também pudesse ouvi-la. Conseqüentemente, foi uma revelação para ele ouvir alguém tão bela e doce demonstrar uma natureza tão sem coração com seu relato, que tinha sido também uma re-trospecção meditativa para ela. Após alguns momentos, Menax disse:

"Astiku, contaste que sua Majestade de Suern não agiu contigo e tuas companheiras conforme tinhas antecipado, pois era o costume nacional de teu povo usar as prisioneiras mulheres para satisfazer o desejo lúbrico dos homens e suas paixões mais grosseiras."

"Astika Menax, não me julgarás desrespeitosa se te chamar amigo daqui por diante? Confesso que fiquei muito surpresa quando o Rai Ernon não agiu dessa forma. Eu não teria reclamado, pois assim são as vicissitudes da guerra. Mas ele, em vez disso, declarou que nem ele nem o povo de Suern precisavam de nós e mandou-nos para uma terra estrangeira. Será essa a nossa sorte aqui?"

"Não! De forma alguma!" -replicou Menax, os lábios se apertando de desgosto diante dessa crua insinuação. "Aqui tereis o apoio do governo até que cidadãos de Poseid escolham algumas de vós como esposas, se assim desejarem. Nossa povo às vezes revela preferências bem estranhas!"

"És sarcástico, Astika!"

A não ser por um leve erguer de sobrancelhas, ele não se dignou responder a essa observação; mesmo esse gesto foi tão discre-

io que eu não o teria percebido se não estivesse perto, olhando para o seu rosto. Depois de um silêncio um tanto prolongado, Menax disse que elas estavam proibidas para sempre de voltar pa-»a Sald porque. . .

"Não é mais o meu lar!" -interrompeu apressadamente a mulher.

"Mas é a terra de teu nascimento!" -disse Menax com certa as-l«-reza, para voltar a ficar calado.

Lolix se levantou e, entrelaçando as mãos, exclamou com veemência :

"Não desejo rever minha terra natal, nunca mais! Daqui por <liante escolho lançar minha sorte em Poseid -chamá-la meu lar!"

"Como quiseres" -disse Menax. "Sem dúvida és uma mulher muito estranha. Por amor ao poder abandonaste teus deuses, teu lar e tua pátria. E as outras, tuas amigas cativas -não, espera! Talvez não sejam tuas amigas, uma vez que caíram em desgraça! -(ias se esqueceram de seu país como tu?"

Inclinando a encantadora cabeça, a princesa fixou os gloriosos olhos azuis no rosto do seu crítico. Duas lágrimas caíram de suas espessas pestanas, seus lábios tremeram e ela juntou as pequeninas mãos enquanto dizia:

"Ah, Astika, és cruel!" -voltando-se e andando em pranto para o lugar onde eu a vira ao entrar.

Dessa forma, o botão de rosa não desabrochado foi confundido com a flor do espinheiro.

Quanto a mim, uma estranha mistura de sentimentos tomou conta de mim, uma mistura de dúvida e aprovação. Tentei saber que tipo de natureza era aquela que podia ser tão desapiedada e ler tanta sede de poder a ponto de romper todo laço natural para ir atrás dele e, ao mesmo tempo, ser tão essencialmente feminina a ponto de se magoar tão profundamente diante da expressão de uma reprovação natural de sua conduta. Tive pena dela por ser tão ingênua e tão sinceramente honesta em sua falta de alma, contando tão simplesmente sua história mais recente, obviamente esperando aprovação e ficando tão magoada pelo efeito contrário que havia obtido. Finalmente a aprovação dividiu minhas emo-

ções, porque o príncipe tinha feito uma censura bem merecida que, embora tivesse doído, não podia deixar de ter um efeito salutar. Minhas reflexões foram interrompidas nesse ponto por Menax, que disse:

"Zailm, vamos ao Xanatithlon (construção própria para flores) onde tudo é silencioso e bonito entre as flores. Estaremos a sós lá. Eu poderia dispensar as pessoas do palácio, mas prefiro não perturbar mais essa jovem saldéia."

A A A

CAPITULO X

O ACONTECIMENTO INESPERADO

Alguns passos nos fizeram alcançar a grande estufa ou Xana-(ithlon, onde cresciam todas as espécies de flores. Em seu centro havia uma fonte cujos graciosos jatos de água se erguiam até o ;irco do grande domo e, durante o dia, cintilavam à luz do Sol que se filtrava por milhares de vitrais coloridos. Mas naquele momento, em que o ruído monótono da chuva se misturava ao doce murmúrio da fonte, aquele monumento à beleza brilhava sob os raios de numerosas fontes elétricas que imitavam o Deus do Dia.

Misturadas às miríades de flores naturais havia centenas de outras, esculpidas em vidro com tanta perfeição que só pelo toque seria possível dizer quais eram produzidas pela Flora e quais pelo artista. Esses dispositivos de iluminação estavam em harmonia com as flores naturais dos arbustos, árvores e trepadeiras onde estavam colocados. Eram em pequeno número nos arbustos, mais numerosos nas árvores, havendo grande quantidade deles nas trepadeiras que cobriam arcos e pilares ou pendiam do alto, iluminando aquele paraíso floral com um brilho suave e constante, ex-nemamente agradável.

Nesse deleitoso ambiente nos sentamos no que, à primeira vis-la, parecia ser um conjunto de pedras cobertas de musgo, contendo convidativas depressões, mas que na realidade eram confortáveis assentos. O musgo tinha sido fabricado pelos bichos-da-seda. . .

"Senta-te aqui perto de mim, filho" -disse o benigno príncipe, indicando uma depressão ao lado da que ele havia escolhido paia sentar.

"Zaim" -começou ele -"nem sei por que te chamei aqui esta noite, por que não esperei para fazê-lo mais tarde. Mas ao mesmo tempo eu sei, pois tinha uma missão a ser confiada a uma pessoa apropriada. Embora existam outros com mais experiência, decidi confiá-la a ti. Já sabes do que se trata".

Para mim estava claro que não fora essa a razão que levara o

Astika a me escolher e que ele não tinha me convidado para visitar o conservatório por causa disso. O príncipe ficou em silêncio por algum tempo e depois me perguntou:

"Já te contaram que minha esposa me deu um filho e que ambos foram arrebatados pela morte? Aí, tive um filho e uma filha. Incal seja louvado, ainda tenho uma filha! Mas meu filho, o orgulho de minha vida, foi para o Navazzamin, o destino de todos os mortais. Meu filho, ah, meu filho!"

Quando sua emoção arrefeceu um pouco, ele continuou:

"Zailm, quando te vi, durante tua primeira conversa com o Rai faz quatro anos, se não me engano, fiquei espantado com a semelhança que tens com meu filho perdido, e te amei. Muitas vezes fui ao Xioquithlon para te observar em tuas atividades de estudante. Todas as vezes que foste convocado a vir a este astikithlon foi porque eu queria te ver! Sim, olhar para ti, menino!" -murmurou ele, alagando meus cabelos por alguns momentos.

"Poucos foram os dias em que não te vi, pessoalmente ou através do naim; sim, muitas vezes saí à noite e fiquei parado diante de tua janela para alegrar meu coração com o som de tua voz, quando lias para tua mãe. Tenho te observado e me orgulhado de ti, Zailm, pois em tudo pareces ser um filho meu; teus triunfos nos estudos têm alegrado meus dias, como também a capacidade com que tens cumprido teus serviços governamentais, pois ages como meu filho agia! Por tudo isso, meu rapaz, vem viver aqui, pois quero ver-te ao meu lado nestes meus anos de velhice. Juntos navegaremos pelo rio da vida, tu e eu! Provavelmente serei o primeiro a cruzar o grande oceano da eternidade e ficarei esperando por ti na terra dos sonhos onde não há despedidas, dor ou tristeza. Vem, Zailm, vem!"

A esse terno apelo, respondi da seguinte forma:

"Menax, nestes anos em que vivi em Caiphul, muitas vezes me perguntei o que significavam os favores que me concedias. Sempre foste mais bondoso comigo que com qualquer outro, contudo permanecias reservado e distante, mais que outros que certamente não se importariam com o que pudesse me acontecer. Agora tudo ficou claro. Tenho te considerado com afeto e reverência, valorizando tuas atenções e agindo de acordo com as palavras de aconselhamento que me dirigiste algumas vezes. Sim, Menax,

«remos juntos, de braços dados, caminhar para a sombria terra • Ias almas, e tu me aguardarás ou eu esperarei por ti, conforme qual de nós a Grande Ceifadora decida levar primeiro."

Ficamos de pé e nos abraçamos com ternura. Quando nos separamos, vi a filha única do príncipe, rodeada de trepadeiras que emolduravam sua encantadora figura. Ao vê-la, lembrei de outra jovem, a Saldú cuja história tinha ouvido pouco antes. Quase da mesma idade, ambas um ano mais novas do que eu, mas muito diferentes entre si como tipos de beleza. É difícil descrever uma pessoa em quem focalizamos o interesse mais profundo do nosso coração; e quanto maior esse sentimento, mais difícil é pintar o seu retrato com palavras. Pelo menos, assim era para mim.

Já te informei, leitor, a respeito da aparência da jovem provin-da da distante Sald, com seus cabelos castanhos dourados, seus olhos azuis e seu porte elegante; podes imaginar quanto era delicada sua pele clara; sensível e atenta sua natureza, que a despei-10 disso era muito cruel. Mas como posso descrever aquela que <-u amava, com quem um encontro por acaso, mesmo de longe, representava grande parte do prazer que me dava ir ao palácio de Menax? Aquela por quem eu tinha me apaixonado e que eu tinha entronizado em meu coração quase que desde meus primeiros dias de residência em Caiphul - como posso descrever seus encantos?

A Princesa Lolix estava no limiar de sua condição de mulher fei-la, a linda Princesa Anzimee também. Esguia, delicada, feminina, derradeira flor de uma antiga linhagem de nobres ancestrais, ela estava acima de mim nos estudos do Xioquithlon, embora fosse mais nova que eu. Eu a amava, mas escondia cuidadosamente es-ic fato. Todos os meus amigos que leiam estas palavras saberão como eu me sinto quando declaro minha hesitação em descrever Anzimee, pedindo a cada um que coloque nesta moldura poseida-na a imagem de sua própria amada.

*"Cada coração lembrou um diferente nome,
Mas todos cantaram a mesma melodia."*

O Príncipe Menax viu a filha quase no mesmo instante que eu e um ar de surpresa espalhou-se por seu rosto, pois supunha que o Xanatithlon estivesse deserto. Ao perceber sua expressão, a Rai-nu adiantou-se, beijou-o e disse:

"Meu pai, estou atrapalhando? Ouvi quando tu e . . . este jovem entraram, mas como não sabia que desejasas estar em privacidade, continuei minha leitura."

"Minha querida, não precisas te desculpar. Na verdade estou feliz por estares aqui. Posso saber o que estavas lendo? Não deves estudar demais e creio que foi isto que quiseste dizer com a palavra "leitura"."

Com um sorriso a passear por seu rosto e a iluminar seus olhos azul-cinza, ela replicou: "Darias um ótimo leitor de pensamentos ocultos! Eu estava mesmo estudando, mas o meu objetivo justifica isso. Quem adquirir um profundo conhecimento da ciência médica terá condições de aliviar até pessoas que estão à mercê da mais dolorosa agonia, e curar as menos gravemente enfermas. Não é esse um serviço a Incal e Seus filhos? E não é verdade que o bem feito a qualquer um deles é feito também a Incal?"

Duas jovens -Lolix de Sald e Anzimee de Poseid! Um vasto continente separava os dois países e uma distância ainda maior separava essas duas filhas dessas diferentes terras. Lolix, sem compaixão pelos sofredores, sem tristeza pelos agonizantes; Anzimee, no pólo oposto desses traços de caráter.

Houve um longo silêncio, enquanto Menax olhava para a graciosa menina de coração tão nobre. Então, pegando minha mão com sua mão direita e a de Anzimee com a esquerda, uniu-as e disse:

"Filha minha, dou-te um irmão, este que julgo digno. Zailm, dou-te uma irmã mais preciosa que os rubis! E a ti, Incal, meu Deus, a melodia do louvor que enche meu peito pelas bênçãos que me concedes!" Nesse ponto ele soltou as mãos que tinham se tocado pela primeira vez e levantou as suas para o alto.

Como o toque daquela mãozinha me emocionou! Seria eu digno de tanto amor? Nenhum pecado tinha até então manchado minha boa fama e naquele momento eu me sentia totalmente merecedor. Se algum pecado viria manchar o livro de minha vida, isso ainda não havia acontecido; mas pensei com inquietação na estranha profecia ouvida naquela noite já distante. Por um momento essa sensação tomou conta de mim e depois desapareceu.

Eu tinha o hábito de analisar os homens e suas motivações. Era uma espécie de segunda natureza considerar os possíveis as-

pectos de uma questão. Mesmo naquele instante eu me perguntei qual seria o significado daquela nova experiência. Eu sabia que por Menax, que tão afetuosamente me havia pedido para ser seu

11

filho, eu tinha o mais profundo respeito e afeição. Minha vida não me pareceria um preço alto demais para pagar se com isso eu pu-

I

desse beneficiá-lo. Contudo eu amava a vida. Nada havia de mórbido em minha natureza, a menos que a excessiva amizade que tinha por meus amigos fosse sinal de morbidez. Meditei por algum tempo no que minha adoção significava do ponto de vista social

<

e político. Não preciso explicar que vinha ao encontro de minhas ambições ser colocado em um lugar tão elevado como o que dali por diante ocuparia como filho legal de um alto conselheiro, irmão do Rai por afinidade. Enquanto decorria aquela cena, eu re-

{

servava para mais tarde, como uma sensação especial, o prazer de analisar que tipo de amor eu sentia pela jovem que se tornaria minha irmã, é verdade que por adoção apenas, mas que, favorita dos círculos mais fechados, adorada pelo povo de Caiphul, apareceria diante do mundo como minha irmã, a partir do momento em que o Rai Gwauxln aprovasse oficialmente a decisão de seu

III

irmão.

Deveria eu sentir prazer ou aflição? Olhei para aquela com quem eu sonhara casar se Incal em sua bondade me permitisse chegar a uma elevada posição. Poderia eu ter esperança de realizar meu sonho depois daquela inesperada virada da fortuna? Se eu tivesse conquistado uma exaltada posição por outros meios, poderia ter a esperança de obter a mão de Anzimee em casamento. Mas agora! Minha grande sorte me pareceu a maçã de Sodoma, provocando um travo amargo em minha boca, pois eu me tornara legalmente seu irmão, mesmo que não o fosse por laços de sangue. Havia uma chance de que as coisas não fossem tão sombrias quanto pareciam, já que tais adoções eram freqüentes e não representavam um obstáculo ao casamento. Com esse pensamento o Sol saiu de trás das nuvens e voltou a brilhar em meu céu pessoal.

A característica mais marcante da aparência da jovem era a simplicidade de seu vestuário. Naquela noite, seus gloriosos cabelos castanhos estavam presos atrás com uma simples fivela de ouro e caíam soltos pelas costas. Uma longa veste de tecido macio vestia sua esguia forma de menina-moça. Nenhuma roupa poderia ser mais artisticamente simples nem mais elegante que aquele panô diáfano e sem cor definida, de um tom azul tão claro que parecia branco-pérola. O vestido tinha alças de puro carmim, indicando a realeza de quem o vestia. Um broche de ouro, onde brilha-

vam grandes rubis agrupados em volta de um centro de pérolas e esmeraldas, drapeava o vestido no decote, e o conjunto dessas gemas realçava a cor das faces de Anzimee, fazendo seu rosto parecer uma encantadora rosa. Tão rica quanto discreta, sua roupa não escondia a doce e digna beleza da jovem. As pérolas, emblema de sua classe como Xioqeni; as esmeraldas, a marca de quem ainda não tinha voz política; os rubis, pedras da realeza, usadas exclusivamente pelo Rai e seus parentes mais próximos. A irmã do próprio Gwauxln era a mãe de Anzimee e esposa de Menax.

Poseid fundamentava sua glória na superioridade de sua educação; uma riqueza que não escolhia sexo. Mas se a Atlântida devia tudo ao conhecimento, não era menos verdade que a capacidade de seu povo não seria o que era não fosse pelas esposas, irmãs e filhas e, em especial, pelas mães de nossa altiva terra. Nossa grandioso sistema social tinha sua base nos esforços dos filhos e filhas que por séculos tinham respeitado as lições que lhes tinham sido inculcadas por suas patrióticas, amorosas e leais mães. As homenagens feitas ao Criador só eram secundadas pela reverência que os poseidianos tinham pela mulher. Amávamos nosso Rai e os Astíki; tínhamos por eles o maior respeito já votado a chefes de estado, mas honrávamos ainda mais nossas mulheres, tanto que Rais e príncipes, soberanos e súditos, orgulhavam-se em reconhecer a sagrada influência que tornava nossa terra gloriosa um grande lar. América, és amada por mim como Poseid o era. Primeira entre as nações, só o és por causa da mulher e de Cristo. Continuarás poderosa por causa dela e eclipsarás o mundo quando chegar o feliz dia cármino em que a mulher não estará abaixo, nem acima, mas ao lado do homem, sobre a rocha da educação cristã esotérica, no granito do conhecimento e da fé que resiste aos ventos e tormentos da ignorância. Construída sobre essas fundações, a Casa Nacional não cairá, mas se for construída em outras bases, grande será sua queda. Eis a sabedoria: no homem estão miríades de serpentes. Guardai-vos delas. Hoje sois escravos. Sede senhores! Mas, triste verdade, esse Caminho é estreito e poucos o encontrarão.

A A A

CAPÍTULO xm

A LINGUAGEM DA ALMA

"Zailm, meu filho, ouviste a narrativa da Saldú, Lolix. Como sabes, é por causa de coisas oriundas das ocorrências que ela relatou que vais em missão a Suem. Não é uma tarefa difícil, constando apenas de confirmar o recebimento dos presentes enviados e negar nossa intenção de manter como prisioneiras as pessoas que liai Ernon para cá enviou. Dar-lhes-emos asilo, mas Rai Ernon não deve pensar que permitimos sua presença aqui para fazer-lhe um favor. Além disso, Rai Gauxln deseja que vás a Agacoe amanhã para falar sobre um outro assunto. Mas não queres passar a noite aqui?"

"Meu pai, teria prazer em ficar, mas não achas que é meu dever estar com minha mãe para tranqüilizá-la? Ela sofre de uma enfermidade nervosa que não lhe permite suportar bem minha ausência à noite."

"Tens razão, Zailm. Logo mandarei providenciar para que tua mãe seja acomodada em uma parte bem agradável deste astikithlon, e assim poderás passar as noites sob o teto de teu pai."

Despedi-me do príncipe e da doce menina que tinha permanecido em nossa companhia uma parte do tempo, e saí. A chuva tinha cessado e as nuvens, movendo-se pelo céu, negras e ameaçadoras, só mostravam uma abertura na grande massa sombria. Ali brilhava uma única estrela que às vezes mostrava-se avermelhada. Olhei para ela, que estava próxima *do* horizonte, parecendo ter surgido naquele preciso instante das águas fosforescentes do oceano, podendo ser vista do palácio de Menax. Pensei no passado, pois aquela mesma estrela havia brilhado vivamente enquanto eu esperava o nascer do Sol no Pitach Rhok. Pareciam ter passado tantos anos desde aquela manhã! Hoje essa estrela é chamada "Sirius", mas nós a conhecíamos pelo nome "Coristos". Enquanto a fitava, senti que era um auspicioso augúrio de sucesso presente e futuro, como o fora no passado. Levantando os braços para ela, murmurei.

"Phyris, Phyrisooa Pertos!", que significa: "Estrela, ó estrela de minha vida!"

Parece um tanto singular que a linguagem que traduzi dessa forma tenha tonalidade e importância semelhantes à da linguagem usada hoje pelo povo de meu planeta natal. Naquele longínquo dia elevei as mãos para o alto e exclamei: "Estrela, ó estrela de minha vida!" Hoje contenho-me um pouco para não precipitar minha história em palavras astrais; voltõ-me para meu Alter Ego e digo: "Phyris, Phyrisa". É este seu nome amado e significa "Estrela de minha alma". Não é peculiar que doze mil anos tenham se passado e eu, membro de outra raça de seres humanos, em outra mansão, veja tão pouca mudança na linguagem da alma?

A A A

CAPÍTULO XIV

A ADOÇÃO DE ZAIIM

Quando, obedecendo ao chamado, cheguei ao palácio Agacoe na manhã seguinte, dirigi-me diretamente ao gabinete^icular ocupado pelo Príncipe Menax, esperando encontrar meupa i^ nho Mas nisso fiquei desapontado, pois o Ra. Gwauxln estava com ele. Os dois estavam conversando quando entrei e nao interromperam o diálogo, obviamente porque não me consideraram um intruso. Finalmente ouvi o Rai perguntar:

"Não deveríamos nos dirigir para o Incalithlon agora?"

"Se for de teu agrado. E tu, Zailm, acompanha-nos."

Um carro do palácio foi chamado pelo Rai e veio à nossa presença sem ninguém a dirigi-lo e entrou pela porta do gabinete, que se abriu exatamente como se um pajem ali estivesse para fazê-lo. Deslizou silenciosamente até nós e parou a nossa frente. Tudo isso aconteceu como se alguém o estivesse guiando, embora não houvesse ali nenhuma mão visível. Aquela foi a primeva vez que vi uma exibição de poder oculto por parte de Gwauxln. Aliás, nunca cheguei a ver muitos exemplos desse poder embora ele fosse um alto adepto. Como todos os verdadeiros adeptos ele desprezava profundamente esse tipo de demonstração, evitando mostrar seu conhecimento diante de quem nao possuísse suficien-ic bom senso para saber que atos dessa espécie eram pequenas amostras do controle da natureza através da compreensão de leis maiores do que a mente comum possa perceber em seu ambien-,e natural. Entretanto, eu não era daqueles que viam mdagres no oculto; mesmo que não comprehendesse o processo, sabia que dependia da operação de uma lei. Por essa razão Gwauxln nao se importava que eu testemunhasse o seu poder, vez por outra.

O carro nos conduziu até o local de pouso dos vailx, no exterior, onde encontramos um vailx de pequeno porte. Cortesmen-u- Gwauxln ajudou Menax a entrar primeiro, depois eu, entrando ele por último. Foi um espetáculo digno de nota ver o dmgen-u- de tão poderosa nação, desacompanhado de qualquer séquito,

sem um único atendente, mostrando-se tão respeitoso para com pessoas de posição inferior. E verdade que, como Xio-Incali, Gwauxln tinha um conhecimento de mecânica muito mais completo que o de toda uma tripulação reunida.

Tal pai, tal filho. Gwauxln, um pai para o seu povo, era imitado por todos em seu comportamento. Seus súditos eram igualmente simples em seus hábitos e, embora fossem ricos e vivessem cercados de luxo em muitos casos, não tinham ostentação, seguindo o exemplo do Rai.

O grande templo de Incal estava localizado a várias milhas dali, mas em poucos minutos pousamos em frente à sua imensa estrutura. Por fora, o Incalithlon tinha a forma da pirâmide egípcia de Quéops, menos alta mas ocupando o dobro de sua área. Não havia janelas em suas laterais, e a luz do Sol ou do dia nunca penetrava em seu interior. Além de certo número de pequenas câmaras, o edifício continha um vasto salão para vários milhares de fiéis. O hábito poseidano de copiar a natureza estava presente no santuário com extraordinária fidelidade. Em vez de paredes retas, alcovas e a decoração habitual, o enorme recinto parecia-se exatamente com uma caverna de stalactites e stalagmites. Na colocação de toda essa calcita, a idéia utilitarista havia sido consultada com relação às stalagmites, para que não ocupassem muito espaço do piso. Mas as stalactites pendentes do teto de mármore tinham sido colocadas em profusão, e delas havia tantas quanto permitira o espaço disponível. Reluziam como estrelas à luz das lâmpadas incandescentes colocadas a meio caminho entre elas e o piso. As lâmpadas ficavam ocultas de quem as olhasse do chão por quebra-luzes côncavos, para que sua luz ficasse invisível, sendo seus raios dirigidos para cima e refletidos por milhares de agulhas brancas e brilhantes, enchendo o templo com uma luminosidade constante e suave e ao mesmo tempo poderosa, que parecia não provir de qualquer ponto definido e sim do próprio ar. Era uma iluminação perfeitamente apropriada para a meditação religiosa.

Saímos do vailx e passamos pelo amplo e singelo portal, atravessamos o vestíbulo e nos dirigimos para o Ponto Sagrado nos fundos do santuário. Ali encontramos Mainin, o Incaliz ou sumo sacerdote, homem de inigualado e maravilhoso conhecimento. Nós o saudámos com respeito e, então, o príncipe Menax disse:

"Mui santo Incaliz, com tua grande sabedoria, conheces o motivo por que teus filhos vieram à tua presença. Poderias atender nossa prece concedendo-nos tua bênção?"

o Incaliz se pôs de pé e nos convidou a acompanhá-lo até o triângulo de Maxin ou Divina Luz, em frente ao Ponto Sagrado. Ai liando o relato de nossa ação subsequente, descreverei essa parle especialmente sagrada do templo. Era uma plataforma triangular de granito vermelho, elevando-se várias polegadas acima do w>Io, medindo trinta e sete pés entre suas pontas. Exatamente n< > centro havia um grande bloco de cristal de quartzo que formava um cubo perfeito, do qual se erguia o Maxin. Este parecia estai em chamas; sua forma era a de uma gigantesca ponta de lan-i,a, emitindo uma luz de intenso poder sobre todas as coisas ao HVW redor; não obstante, era possível fitar seu brilho branco e firme sem sentir necessidade de proteger os olhos. Tinha uma altu-i a equivalente a três homens de boa estatura, essa misteriosa ma-nilestação de Incal, como todos a consideravam. Na realidade, era uma luz ódica oculta que estava ali havia séculos. Tinha testemunhado o grande desenvolvimento de Poseid e sua capital, tinha visto o templo original de Incal (uma pequena estrutura arquitetô-mea, indigna de um grande povo) ser demolido e o atual Incali-ihlon construído. A luz não irradiava calor, nem sequer aquecia i > pedestal de quartzo, mas mostrava-se letal a qualquer ser vivo que a tocasse. Não era alimentada com óleo ou outro combustível, nem por corrente elétrica, e dispensava qualquer manutenção. Sua história era peculiar e não pode deixar de interessar-te, amigo.

Muitas centenas de anos antes reinara em Poseid, durante qua-nocentos e trinta dias, um governante possuidor de maravilhoso < onhecimento. Sua sabedoria era como a de Ernon de Suern. Ninguém sabia de onde ele viera-, muitos tinham vontade de questio-ná-lo e todos tinham dúvidas sobre estar ele sendo figurativo ou literal quando dizia:

"Vim de Incal. Sim, sou um filho do Sol e vim reformar a religião e a vida deste povo. Atentai! Incal é o Pai e eu sou o Filho, e Ele está em mim e eu Nele."

Pediram-lhe que provasse o que dizia, quando então ele pôs a mão sobre um homem cego e este recobrou a visão e viu, junto eom os que haviam duvidado, essa personalidade curvar-se para (> pavimento da plataforma triangular e desenhar com o indicador um quadrado de cinco pés e meio de lado. Então ele se afastou tias linhas desenhadas e imediatamente surgiu ali o grande bloco de quartzo, um cubo perfeito, fixo no local. Então ele colocou o dedo sobre a rocha e soprou sobre ela. Quando retirou o dedo, o Maxin se elevou e assim permaneceram o cubo e o Fogo Perene naquele ponto desde então, ao longo dos séculos.

Inútil dizer que a prova foi satisfatória. Depois disso, o misterioso estrangeiro revisou as leis e baixou o código que passou a governar a terra. Ele disse que qualquer um que acrescentasse ou subtraísse alguma coisa de suas leis não entraria no reino de In-cal até que

"Eu volte à terra para o julgamento final."

Nunca ninguém desejou desobedecer, ao que se sabe; pelo menos nunca foi feita qualquer mudança. As leis que aquele Rai havia dado tinham sido escritas com o dedo na Pedra-Maxin e nunca o trabalho de um escultor foi feito com maior perfeição. Também tinham sido escritas em um livro de pergaminho, por ele colocado sob o Fogo Perene que passou a emanar da superfície do Livro colocado ali para sempre; sem queimar, sem sequer ficar chamuscado. Seu autor o tinha colocado às vistas de todos os que entrassem no novo Templo, construído no lugar do antigo. Ao fazê-lo, ele disse:

"Escutai. Esta é minha lei, que também está escrita na Pedra-Maxin. Nenhum homem a removerá, pois morrerá se tentar fazê-lo. Contudo, após fluírem muitos séculos -atentai! -o livro desaparecerá diante de uma multidão e ninguém saberá onde se encontra. Então a Luz Perene se apagará e ninguém conseguirá reacendê-la. E quanto essas coisas passarem, oh!, não estará longe o dia em que esta terra não mais existirá. Perecerá por sua indignidade e as águas de Atl rolarão por sobre ela! Estas são minhas palavras."

Certa vez, na história de Poseid, um Rai duvidara que um homem morreria se tentasse retirar o Livro da Luz Perene. Concebeu a idéia de que, visto que o Maxin emanava da superfície do Livro e não dos lados, a remoção seria possível. Ele forçou um malfeitor a fazer a tentativa, pois como seguia uma política tirânica não lhe importava que o homem vivesse ou morresse. Aquele foi um período de grande escuridão e maldade, quando os homens de certa forma haviam se esquecido do Grande Rai Filho de Incal. O infeliz malfeitor foi obrigado a pegar o Livro e tentar retirá-lo. Viu que tocara o Livro e não fora destruído pelo Maxin. Ficou mais ousado e, encorajado pelo Rai, puxou com mais vigor. Sentiu então a mão perder a força e passar através do Maxin. Esse membro foi imediatamente destruído, desaparecendo; uma chama saltou do Maxin até o monarca, parado a vários pés de distância, pois tivera medo de se aproximar; o Rai desapareceu para nunca mais ser visto!

lisse único exemplo foi mais que suficiente! Os erros de comporta-tnt-nto dos maus tornaram-se aparentes e a administração das leis voltou a obedecer o espírito e a letra das mesmas. O dia da "Ter-i ivt-1 Profecia" tinha sido aguardado por séculos, mas seu tempo iiinda não tinha chegado; embora muitos alarmistas tivessem definido datas para o grave acontecimento, nada aconteceu e a Luz l'rene continuou a brilhar. De acordo com a Lei, os corpos de iotas as pessoas que haviam partido para o Navazzimin eram cremados. Essa regra incluía também alguns animais. Os que morriam longe de Caiphul eram incinerados em um dos muitos Navamaxa << rematórios especiais) que o governo fornecia para todas as províncias; se o corpo incinerado era de um ser humano, as cinzas eram mandadas para Caiphul e atiradas no Maxin em ato ceremonial. Os que faleciam em Caiphul tinham o corpo levado para o Incalithlon, elevado até o alto do cubo e atirado com o rosto para baixo na Luz Perene. Fosse o ato realizado com as cinzas ou com o cadáver, o resultado era sempre o mesmo. Não subiam chamas, nem fumaça-, o Maxin nem sequer tremulava, mas o instantâneo desaparecimento do corpo acontecia no exato segundo em que o mesmo entrava em contato com o misterioso Fogo.

Essa chama foi cantada pelo poeta como o "Portal" para o país que cada alma deve descobrir por si mesma. Morrer sem passar pelo Maxin, fosse em *corpus personae* ou na forma de cinzas produzidas pela cretnação, era considerado a mais temível calamidade por grande número de pessoas.

Pode parecer que um povo de tão elevada erudição científica não devesse ser tão infantil nos seus conceitos religiosos. Mas realmente não se tratava de um costume infantil e sim de um desejo de total destruição do envoltório terreno da alma, para assegurar a total libertação da pessoa real de qualquer restrição terrena quando entrasse no Navazzimin.

Não que muitas pessoas compreendessem o significado esotérico do ritual; elas entendiam o suficiente do significado real que Incali havia lhes transmitido pela comparação da alma que se despedia com a semente que, ao germinar, deixa para trás todos os fragmentos da casca.

Mas voltemos ao Incalithlon e à cerimônia de minha adoção pelo Príncipe Menax.

Estávamos de pé ao lado da Pedra-Mixin. Gwauxln me fez ajoelhar e então, colocando a mão em minha cabeça, falou:

"Em harmonia com as nossas leis, previstas para este caso, Asti-ka Menax, Conselheiro da terra de Poseid, deseja adotar-te, Zailm Numinos, como filho, em lugar daquele que partiu para o Navaz-zimin. Por conseguinte, eu, Gwauxln, Rai de Poseid, como teu Soberano e dele, declaro que seja como Astika Menax deseja."

O Incaliz completou a cerimônia colocando a mão direita em minha cabeça e a esquerda na de Menax, que também se ajoelhou diante dele, e invocou a bênção de Incal para ambos. Ao remover as mãos, ele dirigiu-se a mim com as seguintes palavras:

"Mantém-te digno diante de Incal, para que homem algum te acuse indevidamente. Assim teus dias serão longos. Se agires mal, teu tempo será abreviado. Que a paz de Incal esteja contigo."

Nenhum dos três ouvinte entendeu que suas palavras significassem que meus dias seriam breves porque eu falharia em minha retidão, mas como uma advertência. Eu só soube mais tarde, tarde demais, que a presciencia havia guiado Mainin ao dizer aquelas palavras. Eu o soube quando um influxo de tristes memórias me fez lembrar o quanto eu tinha sido falso para com minha grande decisão de ser bem-sucedido, tomada no Pitach Rhok, de seguir fielmente minha personalidade divina e temente a Deus. Mas tudo isso aconteceu tarde demais. Veio demasiado tarde, quando eu jazia numa masmorra esperando a morte da qual nenhum mortal poderia me salvar, e sonhava que minha alma estava numa praia deserta olhando para um infinito oceano, lamentando-se: "Ai! Onde está a esperança do meu coração?" Amarga e ardente era a agonia do remorso, mas meu nome ainda estava então no Livro da Vida, ainda não fora apagado como eu temia. O car-ma é inexorável e severo, meu irmão, minha irmã, mas nosso Salvador disse: "Segue-me". "Aquele que tem ouvidos, que ouça". "Sede ativos com a palavra e não apenas ouvintes".

Quando nos voltamos para sair, um Incala ali presente começou a tocar o grande órgão do Templo, e os silêncios do vasto recinto responderam como nenhuma voz humana poderia fazê-lo.

"A profunda voz dos sinos cresce, trazida pelo vento. . . "

Os ecos se repetiram muitas vezes enquanto as vozes poderosas do grande órgão se elevaram, emocionando a alma com sua majestosa harmonia. Raios luminosos de muitas cores, alguns brilhantes, outros suaves como os do luar, dançavam saindo dos tu-

bos de ar e quando as cores mudavam também mudavam as notas musicais, pois cada raio de luz, seja qual for sua fonte, é uma nota musical pulsante, se for devidamente manipulado. É assim que as estrelas cantam. . .

O Rai não saiu com Menax e eu quando terminou nossa missão, permanecendo com o Incaliz Mainin. O Rai Gwauxln o conhecia muito bem e sua amizade por ele era mais íntima que com qualquer outro ser humano. O motivo disso era que ambos eram Filhos da Solitude e tinham passado a juventude juntos, antes que o favor público tivesse indicado um deles para ser liai e o outro para ser Incaliz, ambos cargos eletivos, sendo o ofício de Sumo Sacerdote o único cargo eclesiástico preenchido por votação popular. Esta exceção ocorria porque se considerava justo permitir ao povo que consultasse seus próprios desejos quanto à escolha de alguém que os cidadãos acreditassesem ser um perfeito exemplo de vida moral para orientá-los espiritualmente.

Enquanto jovens, nenhum dos dois parecera esperar a preferência que os anos futuros lhes reservavam e, após o longo curso requerido pelo Xio Incali no Xioquithlon, tinham se despedido do mundo dos homens e partido para a solidão das vastas montanhas onde só os Filhos de Incal, e nenhum outro homem, podiam morar. Esses Filhos de Incal eram os Adeptos Teocrósticos ou Ocultos daquela época, os Yog-Vidya de seu tempo. Eram ciosos de sua sabedoria naquele tempo como o são agora, mas a transmitiram sem hesitação a Gwauxln e Mainin. Não tinham família naquele tempo e ainda hoje esses estudiosos de Deus e da Natureza não se desviam de seus princípios de celibato. Ninguém que espere alcançar um profundo conhecimento deverá se casar (I Cor. VII, 3, 4, 5, 7, 8, 9-29, 31, 32).

Depois que muitos anos se passaram, tantos que os homens quase os tinham esquecido, Gwauxln e Mainin fizeram o que poucos tinham feito, ao que se sabia: voltaram para o convívio da humanidade comum. Meu pai, Menax, era um mero bebê quando Gwauxln partira e a irmã mais nova deste nem sequer era nascida. Mas quando Gwauxln regressou, os fios de prata da maturidade já brilhavam nos cabelos do Príncipe Menax, enquanto o futuro Rai tinha a aparência mais madura embora pouco diferente de seus dias de juventude. Nesse ínterim, a irmã de Gwauxln viera ao mundo, tornara-se adulta e casara com Menax; depois de dar

à luz seu filho Soris e sua filha Anzimee, partira para o país do desconhecido, cruzando o portal do Maxin. Mainin também man-tivera uma aparência jovem.

CAPITULO XV

O ABANDONO MATERNO

Antes de sair de nossa casa de campo naquela manhã, eu tinha relatado todos os acontecimentos à minha mãe, avisando-a de que alguém viria buscá-la e levá-la até o palácio, onde, de acordo com as instruções de Menax, eu esperava que ela fosse morar, em virtude da recente reviravolta em minha sorte.

Que situação anômala era aquela! Ali estava eu, transformado em filho adotivo de um dos Príncipes Imperiais, o que me fizera ser reconhecido como irmão de sua filha Anzimee e portanto sobrinho do tio dessa minha irmã, Rai Gwauxln. Minha mãe, por outro lado, não tinha parentesco com nenhuma dessas personalidades e nunca as tinha visto, exceto o Rai, o suficiente para poder reconhecê-las caso as encontrasse. De qualquer forma, eu me sentia feliz ao pensar nas oportunidades que ela teria de estabelecer um relacionamento mais íntimo com todas elas.

Tendo mandado um emissário ir buscá-la, conforme o combinado, qual não foi minha surpresa quando fui informado por meu pai de que ela não viera, mandando em seu lugar uma mensagem por escrito. Nervosamente rompi o lacre e li a simples ordem que ela escrevera em sua elegante escrita poseidana:

"Zailm vem me ver."
PREZZA NUMINOS

Obedeci com uma sensação gelada na alma, com um pressentimento angustioso. Quando cheguei em casa, minha mãe, que me pareceu bastante pálida, disse:

"Meu filho, não posso ir morar no palácio, nem o desejo. Estou contente com teu bom êxito: deves usufruir de tua alta posição. Mas não posso ir contigo. Estás à vontade entre os nobres, mas eu não o conseguiria. Talvez penses em dizer que renuncia-rás ao palácio e continuarás morando aqui comigo, mas não deves fazê-lo. Para que não tenhas essa idéia, é melhor que sofras a dor de uma nova realidade agora e não mais tarde. Ouve: cuidei

de ti em tua infância e adolescência, até alcançares a idade adulta. Não precisas mais de meus cuidados. Pretendo voltar para nossa casa nas montanhas."

"Não podes falar dessa forma, mamãe!"

"Ouve o que tenho a dizer, Zailm! Voltarei para a casa das montanhas com meu marido, alguém que não conheces; é um bom homem que foi meu namorado antes de eu desposar teu pai. Ca-samo-nos esta manhã e a notícia certamente já é de domínio público. Um Incala que passou por nós no momento oportuno realizou a cerimônia, que foi muito simples. Eu não amava meu primeiro marido, teu pai; na verdade o detestava, pois aquele foi um casamento arranjado por meus pais contra a minha vontade, embora com o meu consentimento, tola que fui em dá-lo! És o fruto de uma união que não desejei. Eu detestava, até odiava teu pai, mas ao morrer ele te deixou como uma herança, não do meu desgosto, pois isso seria injusto, mas de minha indiferença. Não fui uma mãe relapsa porque, por uma questão de orgulho, ocultei meus sentimentos. De certa forma te amo como amo meus amigos e não de uma forma profunda. Devo, pois, despedir-me de ti, tendo dito o que precisava dizer para. . ."

Não ouvi mais nada, pois tinha desfalecido e caído ao chão. Era aquela a mãe que eu havia idolatrado? Por quem tinha eu lutado quando pequeno e depois em Caiphul, antes que uma nova motivação surgesse e aumentasse minha determinação na forma de um duplo ideal, o amor filial e o amor por Anzimee? Ó meu Deus! Ó meu Deus!

Finalmente, sem recobrar a consciência, passei do horrível sonho em que mergulhara para o pesadelo de uma febre cerebral.

"Mamãe!"

Quando pronunciei o amado nome, Astika Menax, que estava sentado ao lado de meu leito, virou o rosto, com os olhos marejados de lágrimas.

"Não, Zailm, não te atormentes! Estiveste muito doente com febre cerebral nas últimas duas semanas e quase morreste. Amanhã talvez te conte tudo. Chegaste muito perto de ires me esperar na Terra das Sombras. Não terias de esperar muito, minha luz, pois eu logo iria juntar-me a ti, meu filho!"

A história não é longa. Minha mãe, informada de que receberia ioda a ajuda necessária para cuidar de mim, respondera que não ficaria para me tratar, pois não duvidava de que os cuidados especializados do médico particular de Menax seriam tão bons ou melhores que os dela. Então partira com o marido para seu lar nas montanhas. Desde o instante em que Menax me relatou esses fatos, à custa de muito sofrimento calei sobre o assunto e nunca mais toquei nele para quem quer que fosse.

Certa vez, ao passar perto do lugar onde tinha nascido, mandei um mensageiro perguntar se eu seria recebido; o pajem voltou até meu vailx e disse que um homem o atendera. A mensagem tinha sido transmitida a ele, que respondera: "Diz a teu amo que minha esposa o receberá". Fui até lá e logo percebi que ela preferia que eu não o tivesse feito. Minha mãe me estendeu a mão mas não mostrou o desejo de beijar-me, como as mães costumam fazer. Sua atitude... Mas poupa-me da lembrança daquele encontro com minha mãe poseidana, daquela última vez em que a vi. Ela tinha agido sabiamente não se mudando para o palácio, sendo como era. Mas este é um assunto doloroso e prefiro não

continuar

Logo que minha saúde permitiu que eu fosse P-J^V missão, o que só ocorreu no ^FFF™ Todo um período quithlon, que eu fora proibido de f^re^*r ^r binete par- do acadêmico, o Príncipe Menax me chamou ao seu g- ticular.

"O Xiorain decidiu com sabedoria -d*se^j ele "Ah! Essas men- tes jovens cheias de promessas P^<^&J^xettJi_nam; é melhor do que esse em que °» <"*"f^f educativas, inclusive a palavra deles é lei em todas as q^{ue*} «*f^f educativos forno a ue se refere ao uso e distribuição dos fundos eau neXs pelo governo e à escolha dos instrutores

Sobre a mesa de Menax hav* TM }ff%ff%ff em cujo interior, mediante um d-positivo deauvaç rados pós de ouro, prata e ^"^^o vários graus de substâncias químicas que em P^>ZsZIT suas várias propriedades translúcidez que iam do opaco ^^T^ndo em diferentes priedades afetavam os metais e o vidro, »í<^f seu eleva- partes do mesmo objeto. Sua beleza^<^o ^^ J_{al} u a segundo preço. Menax apontou para o grande vaso, no 4 te inscrição feita com rubis:

"Para Ernon, Rai de Suern, de Gwauxln, Rai de Poseid, como sinal de amizade dos poseidianos."

Se tiveste vontade de ver um íacsímile das palavras originais escritas em quirografia poseidana, eis tua vontade satisfeita:

Desviando os olhos do belo objeto, perguntei:

"Quando devo partir para cumprir esta missão, meu pai?"

"Assim que tua saúde e as conveniências permitirem, Zailm."

"Então que seja depois de amanhã."

"Está bem. Podes levar os acompanhantes que desejas. Nenhum aluno deixará de obter uma licença do Xiorain, creio, caso queiras levar colegas teus como acompanhantes; a dispensa será de um mês no máximo, mas não acredito que queiras te ausentar por mais que trinta e três dias. Leva este anel com meu sinete, pelo qual te nomeio meu representante, pois sei que o usarás com discrição. Ele te dá poderes de Ministro dos Negócios Estrangeiros. Leva também uma comitiva de cortesãos."

Respondi que não levaria tal comitiva, pois tendo ouvido a história de Lolix, concluirá que o Rai Ernon olharia com desdém para tão supérflua escolta. Isto agradou Menax, que disse, cheio de orgulho:

"Zailm, tuas palavras me alegram! Vejo que és sabiamente diplomático e consideras com inteligência as idiossincrasias daqueles com quem deves tratar."

Enquanto eu estivera enfermo, Anzimee tinha se mostrado muito solícita e, pelo que me contaram as enfermeiras regulares, não tinha deixado ninguém cuidar de mim a não ser quando estava excessivamente fatigada, o que nunca durava muito tempo. No decorrer de minha convalescença ela passou a me visitar apenas uma vez por outra. Tirei proveito de uma dessas visitas para lhe dizer que sabia do desvelo com que me tratara em meu delírio. Ela enrubesceu e disse:

"Sabes que estou estudando a ciência da terapia. Que melhor oportunidade de treinamento teria uma aluna interessada na cura do que a que me proporcionaste?"

"Sim, é verdade" - respondi, sentindo que havia uma razão mais profunda do que um simples desejo de aprender e que sua atitude com relação a isso tinha sido extremamente, amorosamente solícita!

Esbociei para Anzimee o plano que tinha traçado para tirar o máximo prazer de minha viagem, depois que o negócio de estado em Ganje, capital de Suern, tivesse sido finalizado. Já fazia três anos que eu não me afastava de Caiphul a não ser para ir até minha casa de campo em Marzeus. Mostrei o roteiro que pretendia seguir, juntos analisamos o mapa. Mostrei que, partindo de Caiphul pelo extremo oeste do cabo de Poseid, o curso me levaria para o leste, atravessando o norte do continente, o oceano além, e de lá para outras terras. Em seguida, eu atravessaria Ne-cropan, hoje Egito, a Abissínia, etc, abrangendo todo o continente da África, com um governo similar ao de Suern e um povo com poderes semelhantes, embora não tão avançados.

A África de então não tinha mais que a metade de suas atuais dimensões, enquanto Suern, que também abrangia a Ásia, era bem diferente do que é hoje; o nome Suern distingua principalmente a península do Hindustão. Deixando Necropan, minha rota iria pelo mar até a Índia ou, em nosso modo de falar, pelas "Águas da Luz" (devido à sua fosforescência) até Suern. De Ganje, sua capital, o curso continuaria para o leste pelo Oceano Pacífico, como hoje é chamado, até alcançar nossas colônias na América, chamada "Incalia" porque naquela terra antípoda o Sol (Incal) tinha o seu leito, segundo a fábula épica já citada anteriormente como a base do folclore atlante.

Da Incalia do Sul (hoje Sonora) eu pretendia ir para o norte e visitar as desoladas geleiras das regiões árticas. O que hoje se chama Idaho, Montana, Dakota, Minnesota e o Domínio do Canadá, era uma região com vastas geleiras, a retaguarda da era glacial que estava se retrairando muito lentamente por um atraso geológico, como que relutando em encerrar seu frígido reinado. A viagem poderia, com esse itinerário, oferecer novos e satisfatórios contrastes de paisagens: tropical, sub-tropical, temperada e fria.

"Achas que nosso pai faria objeção a que eu também fosse, Zailm?" -perguntou Anzimee ansiosamente. "Faz cinco anos que não saio de Caiphul".

"Claro que não, minha menina. Ele me deu liberdade de convidar quem me agradasse e não sei de outra pessoa que mais me agradaria levar do que tu. Já convidei um bom grupo de amigos comuns nossos."

Anzimee, pois, viajou conosco. Quando tudo estava organizado, nossa comitiva consistia de quase dez jovens que se entendiam muito bem, dois oficiais do pessoal de Menax, mais os serviços, somados às conveniências para um mês de ausência. Nosso vailx era do tipo médio. Essas naves eram construídas em quatro tamanhos padrão: número um, com cerca de vinte e cinco pés; número dois, com oitenta pés; número três, com perto de cento e cinqüenta e cinco pés, e o maior com duzentos pés a mais do que o número três. Essas longas naves eram, na realidade, agulhas ocas de alumínio, formadas por um casco exterior e outro interior, entre os quais havia milhares de suportes em T, um sistema que produzia grande rigidez e resistência. Todas as repartições formavam outros suportes que aumentavam ainda mais a resistência da nave. A partir da parte mediana, elas se afilavam para as extremidades, formando pontas aguçadas. A maioria dos vailx eram dotados de um dispositivo que permitia a abertura para uma espécie de convés em uma das extremidades. Janelas de cristal de enorme resistência se perfilavam como escotilhas nos lados e havia algumas na parte superior e no piso, o que permitia ver em todas as direções. Devo também mencionar que o vailx que escolhi para aquela viagem tinha quinze pés e sete polegadas de diâmetro em sua parte mais larga.

Na hora aprazada (a primeira hora do terceiro dia, conforme combinado com Menax) meus convidados se reuniram no palácio, de cujo teto iríamos decolar. Como cerquei de cuidados minha encantadora irmã e como me sentia orgulhoso de sua beleza!

A princesa Lolix, que tínhamos tratado sempre como hóspede do Menaxithlon, veio até a plataforma onde estava estacionada a nave, curiosa para ver nossos preparativos de viagem. Para ela, parecia novidade ver uma nave aérea deixar a terra firme; não que ela demonstrasse espanto - para Lolix era uma questão de orgulho não demonstrar surpresa por coisa alguma, por mais nova, maravilhosa ou desconhecida que fosse. Seu temperamento,

na verdade, era calmo e equilibrado, difícil de se perturbar. Nas cinco ou seis semanas decorridas desde que eu ouvira sua história, não a vi demonstrar qualquer emoção como a daquela noite em que minhas atenções para com Anzimee a deixaram nervosa, conforme eu notara; eu sabia que essa emoção devia ter sido profunda visto que ela não tinha conseguido ocultá-la totalmente. Considerando que nosso destino era Suern, Lolix não fora convidada para ir conosco, como o teria sido em outras circunstâncias. Mas não esqueci de oferecer-lhe minhas cordiais e respeitosas despedidas.

A corrente foi ligada e, no momento em que o vailx estremeceu de leve antes de decolar, Menax correu para o convés, o que me causou grande espanto, pois eu não tinha idéia de que ele pretendia nos acompanhar. Na verdade não era esse o seu plano, mas ele respondeu minhas perguntas com um sorriso e com o silêncio.

Embora nossa agulha prateada fosse bastante longa, em pouco tempo tínhamos subido tanto que parecíamos ser apenas um pontinho para as pessoas que tinham ficado em terra. Voamos por meia hora a uma velocidade moderada, quando uma jovem chamou atenção para outro vailx que se aproximava por trás do nosso. O Príncipe Menax, sentado ao meu lado numa cadeira no convés, olhou para baixo pela amurada, para a terra que já estava mais de duas milhas abaixo; envolveu-se melhor com sua capa de pele, olhou para trás contemplando as duzentas milhas que já tínhamos percorrido na última meia hora e observou o outro vailx que estava nos alcançando rapidamente.

"Devo dar ordens ao piloto para aumentar a velocidade para fazermos uma corrida?" - perguntei aos meus companheiros que, vestidos com roupas quentes, passavam o tempo observando a paisagem.

"Não, não é o caso, meu filho", disse Menax.

Calei-me, pois naquele momento comprehendi que o vailx que nos perseguia estava cumprindo ordens do príncipe.

Menax se levantou, despediu-se de meus companheiros e, como Anzimee tinha se colocado de pé, colocou um braço em seu ombro e aproximou-se de mim, abraçando-me também; assim ficamos os três unidos por alguns momentos. Soltando-nos, ele ordenou a dois serviçais que lançassem as amarras para a outra nave,

que já tinha encostado na nossa. No momento seguinte Menax passou para o outro vailx e deu ordem de partir. Assim nos separamos, duas milhas acima da terra; ele para voltar, nós para continuarmos nossa jornada.

CAPITULO XVI

A VIAGEM A SUERN

Diante de nós estendia-se uma viagem de recreio que nos levaria por muitos milhares de milhas. Diminuímos a velocidade quando a nave estava acima da base da imensa Pitach Rhok, a poderosa montanha, e subimos um pouco para ficarmos na altura de seu mais elevado pico. Chegando lá, todos quiseram parar no topo. Assim, afundamos os pés na neve do pitach, o que foi feito principalmente para agradar Anzimee, que achava o local muito interessante por causa do que tinha acontecido comigo ali.

Logo embarcamos de novo no vailx, descendo daquela grande altitude para termos uma visão melhor da região montanhosa e densamente povoada entre Pitach Rhok e Poseid ocidental.

Quando se aproximava o pôr-do-Sol, um ruído abafado invadiu nossos ouvidos - logo vimos a longa praia branca do velho oceano, brilhando lá embaixo por um momento antes de ficar para trás; depois disso, à luz que se apagava aos poucos, só víamos a água cor de chumbo abaixou, atrás, na frente e dos lados, sem nenhuma terra à vista, pois esta ficava a mais de mil milhas a leste, no país de Necropan. Sem utilizarmos a velocidade máxima, só chegáramos lá depois de duas ou três horas. Como estaria escuro quando chegássemos, resolvemos diminuir a velocidade para cento e cinqüenta milhas por hora, fechamos o convés e nos reunimos no salão, iluminado por lâmpadas incandescentes.

Qualquer viagem de vailx era menos monótona que nos mais rápidos transatlânticos de hoje. A variedade das paisagens, a amplidão da vista que variava segundo a altitude que escolhíamos, o frio exterior esquecido pelos passageiros bem acomodados no salão aquecido por meios provindos de Navaz, e arejados com ar de densidade apropriada pelas mesmas forças do Lado-Noite, tudo isso tendia a evitar o tédio. O deslocamento rápido mudava as coisas da superfície com tanta celeridade que se alguém olhasse para trás só veria uma paisagem se dissolvendo. As correntes do Lado-Noite também permitiam a mesma velocidade da rotação diurna da Terra, ou seja, supondo que estivéssemos a uma alti-

tude de dez milhas, na hora do meridiano, poderíamos permanecer indefinidamente parados, enquanto a Terra girava lá embaixo a mais ou menos dezessete milhas por minuto. Os controles podiam ser revertidos e nosso vailx podia se deslocar daquela posição no meridiano em relação à superfície embaixo com a mesma assustadora velocidade, assustadora para quem não estivesse acostumado a ela, como é o caso de meu leitor; um dia, como espero, o vailx será redescoberto. Aliás, esse dia não tardará muito a chegar.

Embora tivéssemos esses recursos contra o tédio, não nos faltavam outros meios mais usuais de diversão. Tínhamos nosso naim, em cujos espelhos e vibradores nossos amigos, por mais distantes que estivessem, podiam aparecer com sua imagem de tamanho natural e volume normal de voz. O salão do grande vailx de passageiros tinha uma biblioteca, instrumentos musicais e plantas em vasos entre as quais aves parecidas com o moderno canário doméstico voejavam.

Mais ou menos na décima hora foi reportado que voávamos sobre Necropan e, diante dessa informação, surpreendente porque a velocidade que eu havia determinado deveria nos fazer chegar umas seis horas mais tarde naquele país, perguntei ao piloto a razão de ter voado a uma velocidade maior, contrariando minhas ordens. Não me foi dada uma resposta convincente e por isso repreendi severamente o piloto, ordenando que aterrissasse, a fim de que pudéssemos viajar de dia para a Terra Estéril, como pode ser traduzido o nosso termo Sattamund, referente ao Sahara de hoje. Alguns passageiros nunca tinham visto aquele deserto e, para que tivessem esse privilégio, resolvemos passar a noite numa elevação que nos protegeria das influências maláricas, pois estávamos próximos de onde se encontra hoje a Libéria.

*"A nobre ave -o condor dos Andes Que pode navegar na
insondável imensidão do céu, Ou enfrentar a fúria do
furacão filho do Norte, E banha sua plumagem na casa
do Trovão, Abre as poderosas asas à luz do ocaso e
mergulha Para o repouso em seu rochedo na
montanha."*

Embora a chamássemos Sattamund ou Terra Estéril, não era uma região tão árida quanto é agora. A água não era tão abundante como em Poseid, mas havia dela o suficiente para permitir o crescimento de muitas árvores tropicais das mais resistentes e

para esconder a nudez dos morros e colinas daquele antigo leito oceânico. Havia inclusive alguns lagos salgados por ali, amplos e azuis, ao redor dos quais se concentrava a população. Mas a mesma terrível catástrofe que destruiu Poseid mais tarde também se abateu sobre Necropan - a beleza de suas matas desapareceu porque as mudanças geológicas afastaram toda a água da superfície, escondendo-a tão bem que só os poços artesianos conseguiram alcançá-la. A mesma desgraça fendeu as rochas muitas e muitas vezes na Incalia do Sul, e hoje existem naquelas áridas partes os mais fantásticos cenários, tão extraordinários que está além do poder de minha pena descrevê-los. Lá corre o Rio Gila, o Colorado e o Colorado Chiquita. Pretendo deixar de reserva essa descrição, que será feita com a linguagem de um outro; e tu e eu, meu amigo, teremos o prazer de apreciar juntos um maravilhoso quadro pintado com palavras.

Em Poseid e Suern, e onde quer que a civilização estendesse seu domínio, havia uma lei universal segundo a qual era uma alegria para a humanidade obedecer o mandato celeste que a harmonia geral com o espírito da vida solar nos ensinara: o de plantar, ao invés de descuidosamente atirar fora, as sementes de belas flores e bons frutos, para criar sombra, beleza e utilidade em todo ponto favorável que se oferecesse à vista, em locais povoados ou em ermos nunca vistos antes por olhos humanos. Tanto é que, em viagens como a que meu grupo estava fazendo, era uma coisa religiosa levar uma boa quantidade de sementes e jogá-las do vailx ao anoitecer como oferenda a Incal, no momento em que Seu símbolo sublime se punha no Oeste, e porque o orvalho da noite propiciaria a germinação; essa cerimônia também era considerada um reconhecimento à deusa do Crescimento, Zania. Dessa forma, os ermos floriram como rosas e hoje o mundo é herdeiro do produto daquelas sementes -os cereais silvestres, o trigo para cuja origem engenhosas mas insuficientes teorias foram apresentadas e a variedade de palmeiras que tornam os trópicos famosos pela dádiva de suas tâmaras e cocos, e outros gêneros de Cha-maerops. Isso tudo aconteceu porque homens, mulheres e crianças se deleitavam, naqueles antigos tempos, em "plantar sementes à beira do caminho". Ide e fazei a mesma coisa, para que os locais desertos se tornem para sempre reinos de beleza e sejam uma alegria para os olhos. Loas aos Dias da Arvore, que cumprem a injunção de Cristo: certamente eles voltarão e serão muitos. Uma pequena bolsa pode conter muitas sementes e, embora a sorte de todas elas não possa ser conhecida por nós, o Pai disse: "Elas darão frutos conforme sua espécie".

A TEMPESTADE

A manhã seguinte surgiu clara e sem nuvens, tão deliciosa que fizemos pouco progresso, movendo-nos lentamente para que o convés pudesse permanecer descoberto e todos usufruissem do ar fresco e da revigorante luz do Sol.

Com nossas poderosas lunetas, vimos lá embaixo, a umas duas milhas, várias formas de vida humana, vegetal e animal; sons chegavam até os nossos ouvidos num tom monocórdio e sonolento, acompanhando o vôo do vailx. A tardinha o vento começou a soprar, tornando desagradável permanecer em baixa altitude. Os controles apropriados foram acionados e logo estávamos tão alto que nos vimos envolvidos por cirros, nuvens de granizo mantidas lá em cima pela força do vento, que seria perigoso caso nossa nave fosse movida por hélices, asas ou algum tipo de combustível. Entretanto, como sua energia de propulsão, repulsão e levitação provinha do Lado-Noite ou, na maneira de falar dos poseidianos, de Navaz, nossas longilíneas naves não temiam qualquer tempestade por mais violenta que fosse.

Como as janelas tinham ficado cobertas de gelo e impediam a visão do exterior, voltamo-nos para os livros, para a música e a conversa entre nós e também com os nossos amigos da distante Poseid, através do naim. Murus (o Vento Norte) não tinha poder sobre as correntes de Navaz. A noite ainda não estava muito avançada quando alguém sugeriu que a tempestade deveria estar mais violenta e o vento mais enlouquecido perto da terra; os repulso-res foram ajustados num determinado grau, fazendo uma aproximação maior do que seria desejável, simulando uma ocorrência acidental. Poderíamos, se a maioria concordasse, tirar partido do nosso privilégio e gozar a sensação de penetrar no meio da tempestade, em segurança e na velocidade máxima.

"E enfrentar a fúria do furacão do Norte."

A relativa novidade poderia nos ajudar a dormir melhor quando nos recolhêssemos às nossas cabines. Aprovei o plano, ordenando ao piloto que descesse para dois mil e quinhentos pés. Mergulhamos. As luzes foram diminuídas para produzir uma obscuridão parcial, a fim de apreciarmos melhor a fúria da tempestade. Sentamo-nos perto das janelas, de onde podíamos ouvi-la, pois nossos olhos não podiam ver o que ocorria lá fora onde a escuridão era total; aos nossos ouvidos, as violentas bátegas de

chuva contra o metal se faziam clara e excitantemente presentes. O vento uivava e gritava como um exército de demônios nas agudas pontas da proa e da popa. Em certos momentos, quando o vailx era golpeado de lado por uma rajada, estremecia um pouco mas não perdia a rota, parecendo estar dotado da determinação de uma coisa viva. Embora não fosse totalmente inédita, a experiência foi excitante, por nos lembrar do poder do homem sobre a matéria e por nos mostrar o poder de Deus - Incal para nós, mestre de todas as coisas e seres -e lembrar que por Seu intermédio tínhamos autoridade sobre os elementos.

Quando a sensação se tornou monótona, a iluminação foi normalizada e voltamos aos livros, aos jogos, à música, depois de retornarmos às regiões superiores da atmosfera, que estavam bem mais calmas do que lá embaixo.

Anzimee e uma amiga estavam separadas dos demais, numa al-cova formada por trepadeiras floridas, num canto do grande salão. Algum tempo depois ela veio até onde eu estava e, tocando meu ombro, disse com ar pensativo:

"Zaim, sabes cantar; dar-me-ia prazer se pegasses tua flauta e viesses até onde Thirtil e eu estamos, e cantasses para nós."

Ela se curvou para mim, enrubescedo um pouco, com um ar tão encantador que simplesmente fiquei olhando em silêncio para ela, embevecido com sua beleza.

"E então, Zaim, farás minha vontade?"

Pus-me de pé imediatamente quando percebi uma sombra de desapontamento passar por seu rosto, pois ela tinha interpretado meu silêncio como falta de vontade em atendê-la, e disse:

"Decerto, Anzimee, Gcarei feliz em te fazer a vontade, mas como poderia eu mover-me?"

Sem de nada suspeitar, ela perguntou:

"Mover-te? E o que te impede?"

"Já viste alguma vez um brilhante colibri que, pousado numa llor perto de ti, te fizeste ficar imóvel, prendendo a respiração, temendo que ele fugisse? Pois é assim que temo me mexer, com medo que. . . "

"Vamos, vamos! Se eu não estivesse acostumada a ler as emoções dos outros em seus olhos, diria que és um lisongeador pouco imaginativo. Vem."

"E o que devo cantar, doce amiga?" -perguntei a Thirthil, uma discreta e amável jovem, de temperamento entre sério e frívolo.

"Qualquer coisa, qualquer coisa" - respondeu ela com um olhar malicioso para Anzimee -"que venha do teu coração!"

Anzimee corou mas não deu qualquer outro sinal de confusão, baixando os longos cílios quando olhei para ela dizendo: "Verdade? Pois então cantarei esta música (que por sinal estava muito em voga):

*"Quando o coração conhece seu gêmeo,
Quando as dúvidas da vida se vão,
O amor se eleva em nossas almas
Até as alturas das praias do céu.
Sim, e vão buscar o amor
Em outro lugar que não esse;
O verdadeiro amor sempre é triste
Quando nos afastamos da pureza.
Que possamos estar longe da dor
E com belos versos entronizar
A bênção de Incal em nossa vida;
Com Sua paz o amor sempre une,
E a canção é música divina
Quando nasce na alma;
Unamos nossas almas em doce noivado,
Pelos séculos que virão.
Agora, nossos corações são jovens e felizes
Buscando mais belos ramos
onde florirá a cada dia
Toda a beleza das flores.
E uma, única entre todas,
Só desabrocha para mim.
Vem do solo profundo de meu peito,
Onde suas raízes encontram
Seu lar e seu conforto.
Devo colhê-la em plena floração,
pronta que está para a mão do jardineiro?
Posso eu levar sempre comigo
O que para mim não é um sonho?
Sim, amada, nos deleitaremos
Com sua bênção para sempre,
Ouvindo a doce voz
Que unidos adoramos."*

Era assim no vailx, música e alegria; lá fora rugia a tempestade, como se tentasse nos engolir. Nas garras da furiosa tormenta estava mergulhada nossa longilínea nave, sem dar qualquer sinal para o exterior (se ali houvesse alguém para ver) da luz, do calor, do riso e da música das pessoas e aves abrigadas em seu bojo, entre as flores que formavam uma pequena ilha tropical, a salvo da ira do vento. Não, nenhum sinal além do brilho avermelhado das luzes na frente e na cauda.

Quando todos se recolheram, permaneci no salão vazio até ouvir o aviso de que estávamos sobre Suern. Não podíamos aterrissar com a tempestade bramindo a oitenta milhas por hora, pois tal tentativa faria a nave em pedaços no instante em que tocasse o solo.

Para ficarmos fora do alcance da influência do mau tempo, dei ordens para subirmos acima do nível de perturbação atmosférica, para uma região próxima que estivesse calma, e para que os controles fossem desligados, interrompendo nossa propulsão. Recebida a ordem, o piloto aumentou a força de repulsão por meio de suas alavancas graduadoras e subimos para as nuvens, acima do ímpeto do furacão, chegando a uma atmosfera clara e intensamente fria a quase treze milhas acima da superfície. Se tivéssemos uma visão desobstruída de nuvens, veríamos daquela altura um horizonte de trezentas e cinqüenta milhas. Logo depois de dar minhas instruções, fui para a cama. Com a chegada do dia, vi que a tempestade não se amainara-, ocasionais rajadas de vento acima de nós provaram que a área da tempestade, lá embaixo, devia ser muito extensa. O frio lá fora era tão intenso que não se podia pensar em abrir o convés por um instante que fosse; o céu estava quase negro, de tão profundo que era o seu azul; o Sol, destituído da maior parte de seu brilho, parecia estranhamente mortiço, deixando entrever as estrelas. O movimento constante dos dispensadores de ar, com suas engrenagens e pistões trabalhando para manter o ar interno numa pressão normal podia ser claramente percebido no ominoso silêncio, enquanto que os pequenos esca-pamentos de ar pelas pequeninas fendas em volta das janelas e da entrada do convés faziam tanto ruído que mandei apertar os parafusos e abrir os tubos de ventilação. Se o gelo não tivesse im-ixxiido a visão pelas janelas e, junto com as nuvens, não tivesse i ornado impossível ver a superfície da terra, algo peculiar teria st; apresentado aos nossos olhos. A visão do grande horizonte teria dado a ilusão de uma perfeita união entre terra e céu, quase ao nosso nível; diretamente abaixo, o globo sólido teria parecido não uma esfera mas uma imensa tigela com paisagens em seu

interior. Como nada podíamos ver, nossas cantigas, leituras e con-> versas continuaram, enquanto os tímidos raios de Incal, entravam do pelas vidraças cobertas de geada, suplementavam o calor e O ar que nosso conhecimento febricava para podermos desafiar o frio, a rarefação do ar e a gravidade -o conhecimento de Navaz.

Em Poseid não havia tempestade, embora Menax nos avisasse pelo naim que a meteorologia previra sua chegada para breve. Esse peramos até que o Sol se pusesse no oeste e voltasse a surgir no leste duas vezes.

Várias vezes a Saldu apareceu no salão por meio do naim; ela parecia tão real no espelho como se não houvesse entre nós uma distância que representava quase um terço do globo terrestre. Só uma vez ela falou comigo, num murmúrio, num momento em que eu estava sozinho perto do naim.

"Quando, meu senhor, voltarás para casa? Um mês? É muito, muito tempo!"

Um relatório sobre os mínimos acontecimentos em nossa nave era fornecido à agência de notícias e gravado em discos dos vo-calígrafos públicos e, muito antes de pousarmos no solo de Suem nossos compatriotas sabiam de nossa suspensão forçada entre a céu e a terra, enquanto aguardávamos a tempestade amainar. Falar em vocalígrafo me leva a observar que nossa superestrutura social em Poseid tinha por base leis eqüitativas baixadas pelo grande Rai do tempo do Maxin e moldadas pela igreja e pela escola, expressas por milhões de vocalígrafos que interligavam os lares que, agregados, formavam a nação.

Finalmente a grande tormenta afastou-se e chegou o momento de nossa aterrissagem. Descemos do céu em direção a Ganje, capital de Suern.

Já estiveste alguma vez na antiga e há muito deserta cidade de Petra de Seir, a peculiar povoação ao pé do Monte Hor, cavada na rocha viva? Provavelmente não, pois os seguidores de Maomé dificultavam muito as visitas a esse lugar. Mas se leste a seu respeito, então terás uma idéia sobre Ganje na antiga Suerna, construída nas margens escarpadas do rio.

Os detalhes de nossa recepção *são* demasiado triviais para merecerem a inclusão neste relato. Será suficiente dizer que foi ade-

({nada as relações internacionais amigáveis entre Suern e Poseid
0 à minha posição e importância como enviado especial. Rai
1 inon se mostrou menos interessado no vaso e nos outros presen-
icsde ouro e pedras preciosas do que nas Saldani cativas que ti-
ni iam relação com essas dádivas, particularmente Lolix e Rainu.
Hquei surpreso diante do íntimo conhecimento que o monarca
demonstrou possuir sobre o assunto e seus detalhes, sobre minha
doença e outros incidentes que não eram do conhecimento públ-
co; mas não traí essa surpresa que foi passageira e logo desapare-
» eu quando lembrei dos maravilhosos poderes ocultos de Ernon.

Falando das Saldui, especialmente Lolix, ele disse-.

"Não mandei as caldéias para Gwauxln como objetos de prazer, nem como uma forma de punição, para que no exílio elas pudessesem pagar a Suern pelos erros de seus pais, filhos, irmãos ou maridos contra os Suernis. Não, sem dúvida elas não podiam ser mais censuradas do que um tigre dotado de uma natureza igualmente destrutiva; mas, pelas leis de Yeovah, julgamos que a ignorância da lei não isenta do castigo quem fez o mal. A lei diz: "Não p(-carás". E a penalidade acompanha inexoravelmente a lei, que é aplicada sem exceções à desobediência. A lei, portanto, não me parece retributiva mas educativa. Tendo experimentado a punição, nenhum ser, homem ou animal, sente o desejo de repetir <« erro por curiosidade. A natureza não atenua qualquer punição, dizendo: "Quando tiveres aprendido, teu castigo será menos severo". Se um bebê caísse de uma escarpa morreria, embora sua inocência nada soubesse a respeito do pecado, e o mesmo aconteceria ao homem bem informado que escolhesse a mesma ação deli-beradamente. Quanto às mulheres caldéias, elas precisavam aprender que a conquista, o derramamento de sangue e o saque são i oisas pecaminosas. A nação caldémia também pedia uma lição e a recebeu, com a morte de seus melhores soldados. Mas esses exemplos requerem polimento. Um diamante bruto sem dúvida é um diamante, mas como a lapidação aumenta sua beleza e seu valor! Não libertar aquelas mulheres foi para a Caldémia o que a lapidarão é para uma pedra preciosa. Não concordas comigo?"

"Certamente, Rai" -respondi.

Permanecemos na capital por vários dias e, durante nossa estadia, fomos acompanhados pelo próprio Rai Ernon. Os Suernis eram um estranho povo. Os mais velhos pareciam nunca sorrir, não porque estivessem mergulhados nos estudos ocultos, mas |x>rque se encontravam tomados pela ira.

Em cada rosto parecia ter pousado a expressão de uma ira perpétua. Por que era assim? -perguntei a mim mesmo. Seria resultado das habilidades mágicas que eles possuíam? Por meios que para nós poseidianos pareciam um *mero fiat* da vontade, aquela gente parecia transcender os poderes humanos e anular os poderes da natureza, embora não se pudesse dizer que Incal não lhes tinha imposto limites, como o fizera com nossos químicos e físicos. Os Suernis nunca erguiam as mãos para fazer um trabalho comum. Sentavam à mesa do desjejum ou do almoço sem tê-la posto ou preparado uma refeição; baixavam a cabeça em atitude de pedido e depois, levantando os olhos, começavam a comer o que surgia misteriosamente diante deles - deliciosas viandas, nozes, todos os tipos de frutas, verduras e legumes succulentos e saborosos! Não comiam carne e bem poucas coisas que não viessem diretamente de sua fonte, contendo em si mesmas o germe da vida. Tê-los-ia Incal dispensado de Seu comando de Criador do mundo, segundo o qual todos os homens devem sofrer e "ganhar o pão com o suor de seu rosto?" Esse comando é com certeza menos oneroso para os que palmilham Seus caminhos, e até para os que só o palmilham parcialmente e cuja regra de vida é a continência. Os habitantes de Suern eram mais poderosos, possuindo poderes ocultos que nenhum comedor de carne pode ter a esperança de alcançar, mas concluí que não deviam estar totalmente isentos, devia ser de algum modo árduo realizar feitos mágicos como os que descrevi. Não se pode obter alguma coisa a troco de nada. Aqueles homens olhavam para os inimigos que vinham ameaçá-los em suas casas e os reduziam a nada!

*"Passou por sobre o campo de batalha
Onde espada, lança e escudo
Brilhavam à luz do meio-dia
E a força das cerradas hostes vacilou,
E o capim verdejante,
Nutrido pelo sangue do massacre,
Ondula por sobre desfeitos
E pulverizados ossos."*

Qual poseidano podia fazer tais coisas? O Rai Gwauxln, o Inca-liz Mainin e nenhum outro, pelo menos nenhum que fosse conhecido do público, ainda que só de nome. Nenhum atlante tinha testemunhado tantas provas do poder deles como eu. Nisso fui mais favorecido que todos.

Em nossas visitas dentro e fora da capital, uma coisa lançou uma sombra sobre mim: o povo não amava Ernon, embora o

respeitasse e temesse o seu poder. Pela conversa do Rai, ficou claro que ele sabia que eu percebera essa antipatia.

"Nosso povo é peculiar, príncipe" - disse-me ele. "Durante muitos anos, na verdade muitos séculos, seus governantes vieram do seio dos Filhos da Solitude. Todos eles se esforçaram para treinar seus súditos, preparando as futuras gerações para a iniciação ;ios mistérios do Lado-Noite da Natureza, com mais profundida-(le do que teu povo de Poseid poderia sonhar. Para esse propósito, insistiram em impor códigos morais como coadjuvantes da instrução em magia operativa. Mas esses esforços nunca produziram o resultado desejado: só uns poucos indivíduos cresceram e progrediram nesse campo e logo se afastaram do povo menos dedicado e fugiram para as solitudes, a fim de se tornarem os "Filhos" dos quais já ouviste falar; genericamente, chamamos "filhos" esses estudantes, mas deveríamos dizer "filhos" e "filhas", porque o sexo não é empecilho para o estudo do oculto".

Há muito tempo eu desejava aprender tudo que pudesse sobre esse grupo de estudantes da natureza ou Incalenes, como às vezes eram chamados. Incalene é uma palavra derivada de Incal (Deus) e "ene" (estudo). Milhares de anos mais tarde, no tempo de Jesus de Nazaré, eles foram chamados "Essênios". Entretanto a Atlântida, que possuía uma riquíssima literatura, não tinha livros sobre esse assunto, com uma única exceção: um volume escrito em idioma poseidano antigo, contendo poucos detalhes. Sua leitura, a despeito disso, tinha me interessado muito. Ao ouvir o Rai Ernon, meu interesse voltou a despertar e pensei que um dia (XDderia candidatar-me à admissão nessa ordem se... . Mas "se" abrangia muitas coisas. Por exemplo, se esse estudo tornava a alma dos estudantes tão colérica quanto parecia ser a alma dos Suer-nis, então eu não queria saber dele. Contudo, a semente tinha sido plantada e cresceu um pouco quando eu soube que aquela atitude de ira não era devida ao estudo oculto, a não ser no sentido de que a natureza inferior se rebela contra a pureza do estudo e revolve o lado da cólera, turvando as claras águas da alma. A semente cresceu um pouco mais quando o Rai observou, mais tarde, que "a jovem Anzimee poderá um dia ser uma Incalenu". O crescimento de que ialo, entretanto, não foi muito grande naquela distante época; ficou de reserva para uma vida futura. Dezenas de séculos se escoariam até chegar o momento presente!

O Rai continuou: "Vós, poseidianos, conhecéis um pouco do lado-Noite e eis que com isso dominais forças que abrem as pro-

fundidades do mar e da atmosfera e submeteis a terra. Isso está muito bem, mas requereis aparatos físicos sem os quais não tendes poder. Os verdadeiramente versados em sabedoria oculta não precisam disso, sendo esta a diferença entre Poseid e Suern. A mente humana é um elo entre a alma e o físico. Toda força superior controla as que lhe são inferiores. A mente opera através da força ódica, mais veloz que qualquer outra de natureza física; por isso controla toda a natureza e dispensa aparelhos".

"Pois bem, eu e meus irmãos, "Filhos da Solitude" que vieram antes de mim, tentamos ensinar aos Suernis as leis que regem a operação dessa energia. Por esse conhecimento Yeovah concede força a Seus filhos. Em conjunção com esse conhecimento existem atos físicos, poderes que vêm logo no início do estudo. Meu povo atingiu essa etapa mas não foi adiante."

"A moralidade traz serenidade à alma; por isso é vantajoso para o Incalene ser moral acima de tudo. Entretanto o homem é um animal em seu ser corpóreo e as paixões do corpo são agradáveis. O amor tem uma dupla natureza: o amor de Deus e do Espírito, puro e sem mácula, e o amor do sexo que também pode ser puro se o homem souber dominar o animal que há nele, pois do contrário se torna luxúria e leva o homem a pecar. Tenho tentado fazer com que os Suernis conheçam a lei para que sejam mestres e não criaturas da circunstância. Entretanto, pelo fato de saberem alguma coisa sobre magia, tendo sido auxiliados pelos "Filhos" que viviam entre eles, desprezaram maiores feitos e contentaram-se com esse pouco. E mais! Rebelam-se contra a punição própria da natureza luxuriosa que eles gratificam, e me amaldiçoam eloquientemente porque exijo obediência à lei e imponho penalidades quando a mesma é infringida. Vituperam contra meus irmãos "Filhos da Solitude" que me apoiam e, portanto, é exclusivamente deles a cólera que te causou espécie. Meu povo faz estranhas coisas em tua opinião, poseidano, mas não sabe o que fez e ao mesmo tempo pratica maravilhas, desobedecendo a Yeovah. Não passa de uma corja de feiticeiros e não pratica a magia branca que é benéfica, mas a magia negra que é feitiçaria. Eu desejaría, Ó Zaim de Poseid, ter ensinado ao meu povo a fé, o conhecimento e a caridade, que tornam pura a religião verdadeira. Não achas que ajo bem, meu irmão; que estou certo?"

Rai Ernon estava sentado no salão do vailx e nesse momento se dirigia a Gwauxln de Poseid através do naim.

"Verdadeiramente é assim, meu irmão" -respondeu Gwauxln.

Por alguns instantes, o nobre monarca ficou em silêncio e pude ver lágrimas escorrendo de seus olhos fechados. Quando abriu os olhos iniciou uma peroração a seu povo que, de certa forma, era uma acusação:

"Ó Suernis, Suernis! Dei minha vida por vós! Tenho lutado para levá-los ao espeid (Éden) e ensinar-vos suas belezas, mas não quisestes! Tentei inclusive fazer de vós a vanguarda de todas as nações, de vosso nome um sinônimo de justiça, misericórdia e amor por Deus; e como respondestes? Eu desejaria ser como um pai para vós e me amaldiçoastes em vosso coração! Mais aguçada que o fio do punhal é a ingratidão! Eu vos teria liderado até as alturas da glória, mas preferistes chafurdar na lama da ignorância como porcos, contentando-vos em fazer o que para outros povos são maravilhas, mas cuja importância ignorais. Sois uma raça de infíeis ingratos, que não crêem em Yeovah, contentes em viver com o pouco que sabeis, ociosos demais para aprender, mais ingratos a Yeovah que ao vosso Rai. O Suernis! Suernis! Destes-me o desprezo e fizestes meu coração sangrar! Partirei, portanto. Os "filhos" também se afastarão de vosso meio, pois são homens amargamente decepcionados. E sereis poucos onde agora sois muitos; sereis objeto de chacota dos homens e presa fácil dos cal-deus; sim, diminuireis vosso número e esperareis até que os séculos -noventa deles -tenham se escoado para a eternidade. Sofreis até o tempo daquele que se chamará Moisés. E de vós se dirá, "Eles são a semente de Abraão". Ouvi! Tão certo quanto agora o Espírito de Deus está sobre a terra, imanente nos Filhos da Solitude, de quem zombais, num dia distante Seu espírito se manifestará e encarnará como o Cristo e será a luz humana perfeita irmanada ao Espírito, e se tornará o primeiro dos Filhos de Deus. Mesmo então não O conhecer eis e o crucificareis, e vosso castigo vos acompanhará por longo tempo, até que aquele Espírito retorne mais uma vez ao coração dos que O seguem e vos encontre espalhados aos quatro ventos! Eis como sereis punidos! De agora em diante ganhareis vosso pão com o vosso trabalho. Não mais tereis poderes de defesa, para que não os useis como arma. Não vos restringirei mais. Meu povo, ó meu povo! Ingratos! Eu vos perdôo, pois não sabeis o quanto vos amo! Partirei, Suernis, Suernis, Suernis!"

Com estas últimas palavras a voz do nobre rei se transformou num murmúrio e ele enterrou o rosto lacrimoso nas mãos, ficando dolorosamente curvado em silêncio, quebrado apenas por suspiros de desalento. Vários Suernis tinham ouvido suas palavras e saíram discretamente do vailx, dirigindo-se para a cidade.

"Rai ni Incal."

Voltei-me para o naim ao ouvir essas palavras e notei que uma grande sombra de tristeza cobria o rosto de meu Rai Gwauxln, que contemplava Ernon, um Filho Adepto como ele.

"Rai ni Incal, mo navazzimindi su", que se traduz por "A Incal o Rai: foi para o país dos espíritos que partiram!"

Surpreso, olhei para o Rai Suerni que continuava na mesma posição, envolto pelo mesmo silêncio. Falei com ele mas não obtive resposta. Curvei-me e olhei por entre seus dedos para os belos olhos cinzentos. Estavam fixos, o sopro da vida tinha se extinguido. Sim, verdadeiramente ele partira, tal como prometera havia poucos instantes.

"Vem até aqui, Zailm" -ordenou Gwauxln.

Fui até o naim e aguardei.

"Todos os teus amigos estão no vailx?"

"Sim, todos."

"Pois então chama teus guardas e vai até o palácio do Rai Ernon. Convoca os ministros para que venham à tua presença e anuncia a morte de Ernon. Dize-lhes que assumirás a guarda do corpo e traze-o a Poseid. Entre os ministros estão dois homens já idosos que *são* Filhos. Pertencem ao decepcionado grupo de homens de Suern de que falou Ernon. Esses dois saberão que dizes a verdade ao afirmares que Ernon deixou seu Raina (governo) em minhas mãos para que eu decida como melhor me pareça. Mas os outros não saberão e os Filhos deixarão a teu cargo a transmissão dos fetos. Grande será a cólera dos que não são Filhos, de modo que tentarão destruir-te com seu terrível poder, pois não lhes agradará ouvir que foram depostos de sua autoridade. Não obstante, podes agir sem medo; mantém o ânimo, pois como pode a serpente morder se perdeu as presas?"

Quando a corte estava reunida diante de mim, de acordo com as instruções de meu Rai, falei o que fora incumbido de falar. A notícia foi recebida com um sorriso cortês pelos dois que reconheci serem Filhos da Solitude, mas os outros demonstraram grande cólera.

"O quê? Como ousas, poseidano, nos lançar tal injúria? Nosso Rai está morto? Isso nos alegra! Mas nós, e não tu, procederemos aos ritos fúnebres. Quanto ao que dizes sobre o novo governo de Suern, rimos disso com desprezo! Somos nossos próprios senhores. Deixa nosso governante conosco e quanto a ti, cão, abandona este país!"

Como resposta, repeti com ênfase a asserção de minha autoridade. Confesso que senti medo interiormente quando o rosto de um daqueles homens que jamais sorriam se nublou com intensa raiva e ele me apontou o dedo, dizendo:

"Pois então morrerás!"

Não demonstrei covardia, embora temesse perecer no mesmo instante. Não senti o tremor que antecede a morte, embora a fatal ameaça estivesse diante de mim. Gradualmente, a fúria do ministro foi sendo substituída pela surpresa e ele baixou a mão. Mandei meus guardas o levarem preso e amarrado para o vailx. Em seguida falei:

"Suern, teu poder te abandonou. Assim falou Ernon. Ele disse que daqui por diante deveras ganhar o pão com o suor do teu rosto. Poseid reinará sobre este país. Eu, Enviado Especial de Gwauxln VII, Rai de Poseid, vos exonoro de vossas funções, com exceção dos dois que nos trataram com cortesia e não com desdém. Estes permanecerão aqui, mas não por muito tempo. Nomeio-os regentes de Suern. Estas são minhas palavras."

Eu havia falado, em grande parte sem autorização. Fiquei tomado pela agonia da dúvida, temendo que Rai Gwauxln me censurasse, mas não deixei transparecer minha fraqueza diante daqueles ingratos. Ao contrário, tomei um rolo de pergaminho e escrevi de memória a fórmula de nomeação de governantes usada na Atlântida, nomeando um dos Incalen para o cargo. Assinei o documento como enviado extraordinário, após o nome de Gwauxln, usando para isso a tinta vermelha que mandei um mensageiro pedir a Anzimee, no vailx. Meu motivo para indicar um dos Filhos como Regente foi o de que só um deles ficaria em Suern. O outro tinha pedido passagem para Caiphul em meu vailx. Entregando ao novo Regente sua nomeação, documento que ele recebeu com a observação, "é um homem agora, e não mais um menino", palavras que, embora cheias de boa intenção, passaram despercebidas por mim naquela ocasião, pois eu estava muito preocupado

temendo ter cometido uma exagerada indiscrição. Já de volta ao vailx, chamei o Rai Gwauxln e informei o que tinha feito. Ele me pareceu muito sério e só disse estas poucas palavras:

"Volta para casa."

Não é difícil imaginar meu mal-estar. Não fora repreendido nem elogiado, tendo apenas recebido a ordem de voltar, sem maiores explicações. Foi então que procurei Anzimee. Encontrando-a em sua cabina, contei-lhe toda a história. Nossa Rai era conhecido por sua capacidade de impor severas punições, na forma de descrédito público ou exoneração por abuso de confiança. Anzimee ficou muito pálida mas suas palavras foram de encorajamento:

"Zailm, não vejo nada de errado no que fizeste; só não sei por que nosso tio se mostrou tão reticente. Deixa-me oferecer-te uma poção; deita aqui no diva e bebe."

Ela colocou algumas gotas de uma droga amarga num pouco de água e me passou o copo. Dez minutos depois eu estava dormindo. Ela saiu da cabina e, como fiquei sabendo mais tarde, chamou seu real tio pelo naim e expôs meu dilema. Ele ficou preocupado com o efeito que suas palavras tinham me causado pois *não* fora essa sua intenção, segundo disse, acrescentando que o feto nunca teria acontecido se naquele momento não estivesse ocupado resolvendo o complicado problema político surgido com a nova situação causada pela morte do Rai Ernon. Suas outras palavras foram: "Não te preocipes, chamei Zailm de volta, não para puni-lo, mas por uma razão muito diferente".

Dormi muitas horas e, quando finalmente acordei, Anzimee estava sentada ao meu lado e me contou o que Gwauxln tinha dito. Como já estava quase anoitecendo, resolvi voltar para o meu próprio quarto e me preparar para o jantar. No caminho encontrei o Filho que ia para Caiphul conosco. Para ele parecia ser uma grande novidade viajar daquela forma, embora fizesse poucos comentários a respeito.

Refletindo sobre isso, concluí que deveria ser mesmo uma novidade estar varando o ar a dezessete milhas por minuto e a uma milha de altitude. Tentei imaginar como se sentia meu passageiro nessa situação, mas após cinco anos de familiaridade com esse meio de transporte foi difícil ter uma idéia de suas reações a tal experiência.

Viajávamos na direção oeste e o Sol pareceu ficar na mesma posição de quando saíramos de Ganje, pois sua velocidade, ou a <la Terra, era a mesma que a nossa. Estávamos voando fazia cinco horas e tínhamos coberto mais da metade da distância, que era de mais ou menos sete mil milhas. As duas mil milhas que faltavam levariam mais umas três horas para serem percorridas; um (empo que meu impaciente desejo íazia parecer longo demais e por isso andei de um lado para outro do salão com grande nervosismo. Depois de meus dias de Poseid, conheci um tempo em que um progresso bem mais lento do que aquele teria parecido rápido, mas o passado estava obscurecido por um véu, de modo que não havia nenhum termo de comparação -

"O homem nunca é, mas está sempre para ser abençoado."

A A A

CAPITULO XVH

RAI NI INCAL -AS CINZAS ÀS CINZAS RETORNAM

Num esquife em frente ao Ponto Sagrado, na face oriental da 1'edra-Maxin no Incalithlon, jazia o que restara da forma terrena de Ernon de Suern. No triângulo estavam reunidas umas poucas testemunhas convidadas pelo Rai Gwauxln e sobre todos se irradiava a misteriosa luz que não requeria ser alimentada nem manada por qualquer ser humano. Bem acima estava o teto branco de estalactites, refletindo de suas muitas pontas a radiância das luzes que não podiam ser vistas do piso.

"Fecha seus olhos, seu dever foi cumprido."

Ao lado da forma imóvel estava Mainin o Incaliz, com a mão no ombro do rei falecido. Depois que o grandioso órgão fez soar um lutooso réquiem, Mainin fez a oração fúnebre, dizendo:

"Uma vez mais, uma nobre alma conheceu a terra. Como tratou ela esse que deu a vida para servir seus filhos? Em verdade, Suerna, cometeste uma ação que vos vestirá de juta e cinzas para sempre! Ernon, meu irmão, Filho da Solitude, nós te damos adeus com grande tristeza em nossa alma; tristeza não por ti, pois estás em repouso, mas por nós que ficamos para trás. Muitos anos se passarão antes que encarnes outra vez. Quanto ao pobre barro que é teu corpo, junto a ele diremos nossas palavras finais, pois ele já fez seu trabalho e o Navazzimin o aguarda. Ernon, irmão, que a paz esteja sempre contigo."

Novamente o órgão soou com solene tristeza e, quando os aten-dentes ergueram o catafalco por sobre o cubo do Maxin, o Incaliz levantou os braços para o céu e disse:

"Para Incal vai esta alma e para a terra este barro."

O corpo, preso por faixas finas ao esquife, foi colocado em posição vertical, tremeu um pouco e caiu no Maxin. Não subiu nenhuma chama, nenhuma fumaça e nem sequer cinzas sobraram após o instantâneo desaparecimento do corpo e do esquife.

O funeral estava terminado. Quando nós, cidadãos de Caiphul, nos preparamos para partir, vimos o que nenhum homem viven-te daquele tempo havia visto no Incalithlon. Atrás de nós, no auditório, estavam grupos de pessoas de hábito cinzento, encapuzadas como os monges de Roma. Havia muitas delas, reunidas em grupos de sete ou oito entre as stalagmites que suportavam o teto. Enquanto olhávamos, foram desaparecendo lentamente, até as oitenta testemunhas de Caiphul ali presentes passarem a parecer um exíguo número naquele vasto salão onde até pouco antes houvera centenas de Incaleni, Filhos da Solitude, em forma astral, reunidos para o funeral de seu irmão. Sim, os Filhos tinham realmente vindo testemunhar a impressionante cerimônia onde a parte mortal de seu companheiro morto fora devolvida à guarda dos elementos da natureza.

*"Mas homem algum conhece aquele sepulcro E
nenhum deles jamais o viu, Pois os anjos de
Deus cavaram o solo E ali puseram o homem
que morrera."*

A A A

CAPITULO XVRA

A GRANDE VIAGEM

Rai Gwauxln me convocou a ir ao Agacoe antes de retomar minha viagem de férias, embora tivesse confirmado antes do funeral < le Emon que minhas ações em Suern tinham sido aprovadas por ele.

Obedeci quase que imediatamente, pois estávamos todos prontos para recomeçar a viagem. Gwauxln, na presença de seus ministros de estado, nomeou-me Suzerano da terra de Suern, o que me deixou enormemente surpreso, embora eu sentisse que poderia aceitar o cargo e prestar bons serviços na condução dos assuntos daquele país; mas o fato de eu ainda não ter me formado no Xioquithlon me fez hesitar, e respondi:

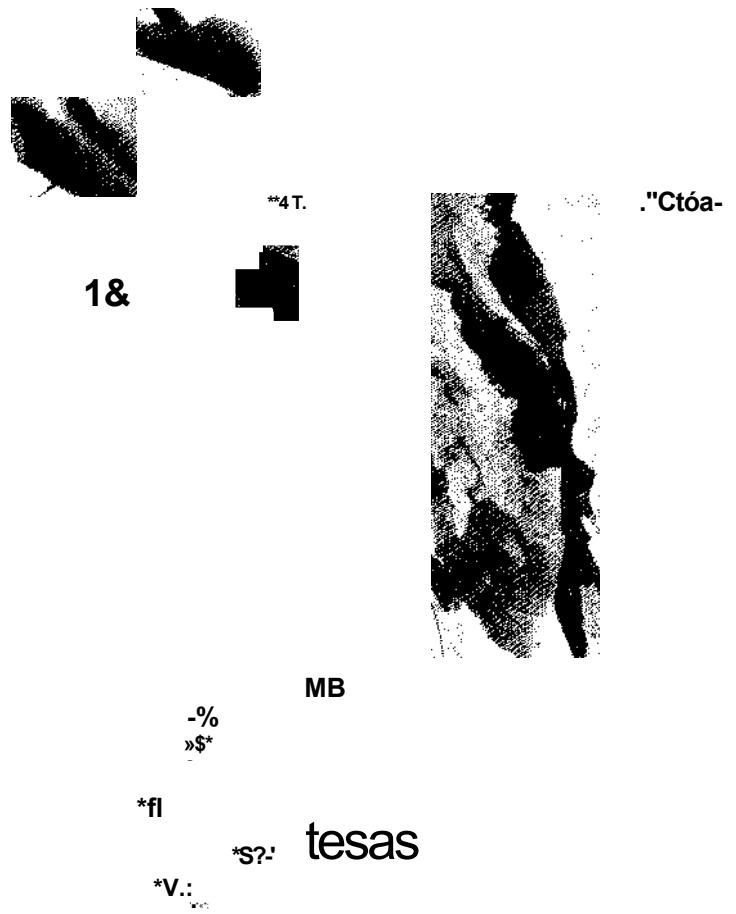
"Zo Rai, estou feliz por conferires tão grande honra a este teu servidor. Não obstante, meu soberano, sentindo que ainda não adquiri todo o conhecimento que desejo, pois sou ainda um simples xioqene, peço tua permissão para recusar."

Gwauxln sorriu e disse.

"Pois bem. O governador que indicaste cumprirá tua função nos três anos que te faltam - os quatro anos, eu diria, já que não voltarás aos estudos neste período. Depois disso assumirás legalmente esses deveres. Tenho um objetivo ao te nomear, que está além da mera forma; acredito que o homem que tem um propósito direto em vista tem mais possibilidade de sucesso do que outro que não tem propósito. É uma boa motivação. Portanto eu te nomeio Suzerano dos Suernis e te libero para fazeres a viagem de recreação com teus amigos, assim que assinares este documento. Está muito bem escrito, embora tua mão trema um pouco devido ao nervosismo. Acalma-te!" Estas últimas palavras foram ditas enquanto eu assinava tremulamente o documento de nomeação.

Mais uma vez estávamos viajando. Anzimee, o elfo, persistia em me chamar "meu senhor Zailm" desde que ouvira a história de minha transformação em Suzerano.

Nosso curso novamente nos levou para o leste, mas com um desvio para o sul, pois não pretendíamos visitar Suern desta vez, e sim nossas colônias americanas, obedecendo o itinerário original que tínhamos planejado para depois da momentosa visita a Suern.



6*.

.a

WH

Voamos por sobre Necropan (África) equatorial, depois o Oceano Índico e as atuais índias Ocidentais, que na época eram colônias suernis chamadas Uz, para em seguida voarmos por sobre o vasto Pacífico, sempre na direção leste.

"Umaur", a costa de Umaur!" -foi a exclamação que atraiu todos para as janelas, a fim de olharem para uma linha denteada e escura que surgira no horizonte oriental. Era a distante Cordilheira dos Andes, que aparecera quase ao nível do vailx, pois se elevava duas milhas acima do oceano. Abaixo, estava o imenso espelho azul do Pacífico, aparentemente sem ondas devido à distância.

Umaur, terra dos incas num distante futuro. Umaur, onde depois de oito séculos encontrariam refúgio os que teriam a felicidade de escapar de Poseid antes que a "Rainha do Mundo" afundasse nas águas do Atlântico. Oito séculos que viram os orgulhosos atlantes se tornarem corruptos a tal ponto que sua alma não mais refletia a sabedoria do Lado-Noite, pois, com o desaparecimento da moralidade, a chave para o segredo da natureza tinha se perdido e com ela o domínio atlante sobre o ar e as profundezas do mar. Oh, pobre Atlântida!

Umaur estava à nossa frente e nós, ignorando a futura insensatez de nossos descendentes atlantes, ficamos olhando para a cosia de que nos aproximávamos rapidamente, fazendo comentários sobre as majestosas cordilheiras que observávamos pelos telescópios. * Ali vimos uma terra onde milhares de anos depois chegariam

* Nota - Quando tua ciência abordar a natureza por seu lado divino, como o fizeram os poseidianos; quando, ao invés de ascenderes até a força-chave de toda a Natureza, a energia ódica, pela síntese dos fenômenos ambientais, aprenderes a olhar a partir da Odicidade para o rio da Energia, então terás tudo que Poseid teve (pois é Poseid rediviva), inclusive seus vailx, naims e telescópios. Os telescópios atlantes não eram os grosseiros instrumentos que hoje possui tua ciência. Mesmo a mais remota estrela emitindo sua fraca luz das profundezas do espaço podia ser trazida para perto e, se houvesse um organismo diminuto como uma folha no "solo" daquela estrela, ficava visível aos nossos olhos. Não consegues acreditar? Ouvi esta proposição: a luz não é apenas um reflexo ou refração de força de uma substância, mas um prolongamento de toda forma substancial, pois embora só exista uma Substância com muitas variações dinâmicas, essas variações são confundidas por ti com substâncias diferentes. Só existe UMA SUBSTÂNCIA! A Luz de Arcturus, por exemplo, é o prolongamento da substância daquela estrela. A electricidade obtida por máquinas é, em comparação, uma força sem forma. É possível fazer com que uma reforce a outra e que o Sem Forma adquira a imagem do que é Forma. Entendes agora o princípio de nossos telescópios? Tua mente salta para a frente e te ouço perguntar: "Marte será habitado? E Júpiter? Saturno? Vênus?" Ah, meu amigo, não responderei sim nem não, pois quando a visão poseidana da natureza ressurgir na Terra, SABERÁS. Busca e encontrarás, mas busca corretamente. Caminha pela Via cru-ciforme.

os conquistadores castelhanos liderados por Pizarro e encontrariam uma raça liderada pelos Incas, um nome preservado por muitos séculos desde o tempo em que seus remotos ancestrais haviam fugido da obliterateda Poseid, e que se diziam "Filhos do Sol".

Umaur era a região das pedreiras e de muitas das ricas minas de Poseid. Havia também ali vastas plantações; a leste das montanhas havia bosques regulares de seringueiras, da genuína espécie *Siphonia Elástica* da tua botânica. Também existiam viçosas Cin-chonas e outras árvores nativas da América do Sul, mas originárias de Poseid. Antes de serem plantadas no estrangeiro pelos atlan-tes, esses tesouros vegetais nunca haviam crescido em outra parte a não ser em Poseid; as grandes selvas com peculiares árvores e arbustos sulamericanos são descendentes diretas das fazendas e bosques que estabeleccemos em Umaur. Naquele tempo o Rio Amazonas corria por dentro de diques e atravessava o continente, e as cerradas selvas do Brasil eram áreas drenadas e cultivadas, assim como o território adjacente ao Mississippi o é atualmente. Um dia, esse rio, o "Pai das águas" no Norte, correrá sem resistência e sem diques por essas terras. Assim será, porque tais coisas com certeza farão parte das mutações que ocorrerão nos próximos séculos, e também porque a história se repete. Não imagineis que sereis herdeiros das glórias reencarnadas da Atlântida sem as suas sombras. Todas as coisas se movem em círculos, mas o círculo é como o que vemos na rosca dos parafusos, sempre subindo para um plano mais elevado a cada volta que dá. Devo dizer entretanto que o tempo em que essas coisas ocorrerão, e que nenhum homem pode negar, ainda está muito longe, no horizonte do futuro; tão distante quanto está a recessão do Amazonas no horizonte do passado.

Seguimos nossa rota, começando nas grandes hortas, plantações e casas de Umaur, que ficavam no Norte daquele continente, e nos dirigimos para os selvagens ermos do Sul, onde uma grande dificuldade me assolaria no futuro; e de lá para o norte, ao longo das costas orientais, deixando os afazeres de nossos milhões de colonos à imaginação do leitor.

Sucessivamente, chegamos ao Istmo do Panamá, que naquela época tinha quatrocentas milhas de largura; ao México (Incalia do Sul) e às imensas planícies do Mississippi. Estas últimas formavam as grandes pastagens de onde Poseid recebia a maior parte de seus suprimentos de carne e onde, quando o homem moderno as descobriu, encontrou enormes rebanhos de bovídeos des-

tendentes de nosso gado, que ali vagavam livremente: búfalos, ursos, veados, alces e carneiros montanheses, todos representando a progenie de remotas eras. Angustia-mevê-los dizimados de forma tão insensata quanto agora -raças tão antigas deviam ser preservadas.

Séculos mais tarde, chegaram a esse largo vale e ao distante ist-mo ao norte onde agora só restam vestígios (as ilhas Aleutas) hordas invasoras em canoas e outros tipos de embarcações. Esses invasores vieram da Ásia, que em grande parte era o lar de semibár-baros, a não ser onde Suernis havia exercido uma influência civili-zadora através de tribos que, num período posterior, ocupariam um lugar tão importante na história, com o nome de raças semíti-cas. Mas os bárbaros que penetraram na Incalia, ocupando as planícies americanas e regiões dos lagos, esses no futuro desapareceriam da terra para sempre; mais tarde ainda, arqueólogos curiosos diriam ao analisarem certas escavações: "Aqui viveram os construtores de túmulos em forma de montes".

Mais adiante na direção norte, na atual "região dos lagos", havia grandes minas de cobre que nos forneciam a maior parte desse material, além de certa quantidade de prata e outros metais. Era uma região fria, muito mais do que é hoje, já que se encontrava próxima dos limites das forças de retração da era glacial, uma época que terminou muito mais recentemente do que os geólogos imaginaram -e ainda imaginam. . .

A oeste se encontravam as chamadas "grandes planícies" dos primeiros tempos da América. Nos dias de Poseid tinham uma aparência muito diferente da de hoje. Não eram tão áridas nem tão esparsamente habitadas, embora fossem muito mais frias no inverno devido à proximidade das vastas geleiras ao norte. Os lagos de Nevada não eram, então, meros leitos ressequidos de bórax e soda, nem o Grande Lago Salgado de Utah era a massa comparativamente pequena de água salobra e amarga que é hoje. Todos os lagos eram grandes massas de água fresca e o "Grande Lago Salgado" era uma ilha interior de água doce onde flutuavam ice-bergs vindos das geleiras existentes em sua margem norte. O Arizona, esse tesouro geológico, tinha o seu atual deserto coberto pelas águas do "Miti", como chamávamos o grande mar interior daquela região. Havia vegetação abundante nas centenas de milhas quadradas não cobertas pela água. Uma população considerável de colonos da Atlântida vivia nas margens do Miti e numa cidade de bom tamanho.

Leitor, lembra a promessa que te fiz em páginas anteriores ' de que te brindaria com uma descrição primorosa, dizendo que i provinha de outra pena que não a minha? Cumpro-a agora, pois existe um geólogo me perseguiendo por eu ter declarado que o Arizona já teve um lago ou mar interior tão vasto quanto o Miti, há apenas treze mil anos. Lembro que ele concluiu, pelas evidências da erosão e do desgaste das rochas naquela notável região, | que embora o deserto do Arizona tivesse realmente sido um lago , ou mar de pouca profundidade desde a era paleozóica, aquele lago era "mais antigo que o Pliocene, sendo provavelmente da época do cretáceo". Não, meu amigo. As estupendas gargantas e des-filadeiros não são meramente o produto do tempo, da água e do clima. Ao contrário, provieram de uma formação súbita, pelo rachar e rasgar de extratos numa escala semelhante, embora muito maior, à da explosão do vulcão em Pitach Rhok, descrita no primeiro capítulo deste relato. As maravilhas do Arizona e a formação do "Grande Canyon do Colorado" foram o resultado de uma terrível dança da crosta sólida do globo. Mesmo hoje os leitos de lava no retângulo entre os paralelos 32 e 34, latitude norte, e 107 graus longitude oeste de Greenwich, na região dos Montes Taylor e São Francisco, têm poucos paralelos na terra, em questão de tamanho. Nesse terrificante trabalho de destruição, depois que o mar Miti se escoou para o Ixal (Golfo da Califórnia), as chuvas e torrentes de treze mil invernos e os poderes pulverizantes e desse-cantes de muitos verões tórridos alisaram, esculpiram e cinzelaram as superfícies rompidas e recortadas, dando-lhes formas ainda mais fantásticas, e reclamaram para si a autoria da obra, negando a participação de Plutão como principal artista. O geólogo parece ter aceito essa reivindicação e admitiu a existência do lago num tempo muito anterior, para justificar o tempo necessário para a execução da descomunal obra. Mas não foi assim, pois vi o lago faz apenas doze mil anos. Mas vamos à dádiva literária prometida; foi extraída de um escrito bem moderno, mas que faz uma descrição tão fiel da aparência atual da região que desejo compartilhá-la com meu leitor. As palavras que se seguem são do Major J. W. Powell, do Exército dos Estados Unidos:

"As paredes do canyon têm grandes contrafortes nos quais há profundas cavidades; fendas rochosas coroam os penhascos e o rio corre lá embaixo. O Sol brilha com esplendor nas paredes avermelhadas e sombreia-se com tons verdes e cinzentos ao bater em rochas cobertas de líquens; o rio ocupa todo o canal de um paredão a outro e o canyon se abre como um lindo portal para a glória. Mas ao anoitecer, quando o Sol baixa e as sombras se

põem no canyon, os matizes avermelhados e róseos, misturados com pineladas de verde e cinza, lentamente mudam para o castanho em cima e se fazem sombras negras mais no fundo -e então o canyon parece o obscuro portal para uma região de trevas. Deitados, olhamos diretamente para cima pela fenda do canyon e só vimos uma nesga azul de céu -um crescente de Armamento quase azul-marinho, com duas ou três constelações nos espiando. Não consegui adormecer logo, pois a excitação do dia não tinha amainado ainda. Vi uma estrela brilhante que parecia descansar na beira do penhasco. Parecia flutuar lentamente e se dirigir de seu ponto de repouso nas rochas para o canyon. De início, pareceu uma pedra preciosa engastada na beira do despenhadeiro, mas ao deslocar-se me fez imaginar que logo despencaria. Na realidade, ela dava a impressão de estar descendo numa curva suave, como se o céu no qual as estrelas se encontravam estivesse esticado por cima do canyon, preso nos dois lados do mesmo, curvando-se para baixo sob seu próprio peso. A estrela parecia estar realmente no canyon, tão altas eram as escarpas. O Sol da manhã brilhou com esplendor em suas coloridas faces. Os ângulos salientes pareciam estar em fogo e os ângulos retraídos mergulhados na sombra-, as rochas, vermelhas e castanhas, brilhavam como um fogo vermelho, em contraste com seus engastes de trevas, embaixo. A luz lá de cima, que se fazia mais brilhante por causa das rochas de vivas cores, e as sombras lá embaixo, tornadas mais densas pelos tons obscuros intocados pelo Sol, aumentavam a profundidade aparente das portentosas gargantas, fazendo parecer muito longo o caminho para o mundo do Sol, lá no alto - o caminho mede, na realidade, uma milha!"

Nem as extensas águas do Miti, pontilhadas de elevados picos no passado, lindos como um sonho, eram mais impressionantes e gloriosas do que as esmagadoras gargantas que vieram tomar o seu lugar.

Da cidade de Tolta, nas praias do Miti, nosso vaibe subiu e voou para o norte, por sobre o lago Ui (Grande Salgado), para alcançar sua praia noroeste, a centenas de milhas de distância. Naquela praia tão distante erguiam-se três majestosos picos cobertos de neve, os Pitachi Ui, que davam seu nome ao lago. No mais elevado desses picos havia existido talvez por cinco séculos uma edificação de pesadas lajes de granito. Tinha sido inicialmente erigida com o duplo propósito de culto a Incal e cálculos de astronomia, mas no meu tempo era um mosteiro. Não havia trilhas que levassem ao pico e o único meio de acesso era o vailx.

Faz uns vinte anos, contados deste ano de 1886, um intrépido explorador americano descobriu a famosa região de Yellowstone, e no decorrer da mesma expedição chegou até Three Tetons, em Idaho. * Essa tripla montanha era o conjunto dos Pitachi Ui dos atlantes. O Professor Hayden, depois de chegar à base desses majestosos gigantes, conseguiu após ingentes esforços chegar ao topo do pico mais alto, fazendo a primeira escalada dos tempos modernos. Em seu topo encontrou a estrutura de granito, já sem telhado, dentro da qual, segundo ele, "os restos de granito formavam uma camada muito espessa, indicando que não tinham sido perturbados por onze mil anos". Sua inferência foi a de que esse período de tempo tinha decorrido desde a construção daquelas paredes de granito. O professor estava certo, como bem o sei. Ele encontrou uma estrutura construída por mãos poseidanas cento e vinte séculos e meio antes, e foi pelo fato de o Professor Hayden ter sido um poseidano com um cargo no governo atlante, o de adido governamental de cientistas destacados para estudar os Pitachi Ui, que ele foi carnicamente atraído ao local de seu antigo trabalho. Creio que o conhecimento desse fato emprestou maior ênfase ao interesse que ele sentiu pelos Three Tetons.

Nosso vailx desceu numa saliência de rocha diante do templo de Ui, ao cair da noite. Fazia muito frio, não só por causa da altitude, mas também porque estávamos bem ao norte. Quanto aos monges que viviam no sólido e bem construído edifício nunca passavam frio, pois eram adantes e tinham as forças do Lado-Noi-te à sua disposição. O principal motivo de nossa visita foi o desejo de prestar culto a Incal quando seu símbolo surgisse no céu, na manhã seguinte. Por toda a noite os brilhantes raios de luz de nossas lanternas de rubi emitiram o aviso de que uma nave real estava na região, para qualquer poseidano que por acaso nos visse. No dia seguinte, ao amanhecer, nossa nave decolou para o leste, para uma visita às minas de cobre localizadas na atual região do Lago Superior. Fomos conduzidos em troles elétricos pelos labirintos de galerias e túneis. Quando nos preparávamos para partir, o capataz oficial presenteou cada membro da comitiva com variados artigos de cobre temperado. Eu ganhei um instrumento parecido com o moderno canivete, que guardei comigo até o dia de minha morte, valorizando-o muito pela refinada tempera que

* Os Três Tetons estão situados na parte noroeste do Wyoming que, como território, não existia naquele tempo, tendo sido formado em 1868 com partes de Idaho, Dakota e Utah. Uma pequena parte do Parque de Yellowstone fica em Idaho. - Guia King dos Estados Unidos.

< lava ao instrumento um corte afiado que raramente requeria cuidados e inclusive permitia que eu me barbeasse com ele. Os pose idanos eram aficionados da hoje perdida arte da tempora do * obre. Em retribuição, dei ao capataz uma pepita de ouro em estado natural e ele me perguntou de onde provinha; ouvindo minha resposta, comentou:

"Qualquer amostra da famosa mina de Pitach Rhok será muito apreciada por um velho mineiro como eu, especialmente sendo um presente do próprio descobridor da mina."

Dessa forma, a mina por mim encontrada quando eu ainda era um joventinho obscuro, havia retribuído com seu tesouro o trabalho das pás e picaretas que a tinham tornado famosa em todo o mundo civilizado.

Após confabularmos, decidimos não penetrar mais no Norte, pois todos nós já tínhamos visto as geleiras árticas pelo menos uma vez e alguns de nós várias vezes. Resolvemos permanecer em Incalia mais uma semana, passando onze dias visitando com mais vagar o imenso território onde, embora obviamente o ignorássemos, os anglo-saxões um dia fundariam a gloriosa União Americana. Dizem que a história se repete e acredito que seja mesmo assim. É inegável que as raças seguem os passos de outras raças e, assim como a mais importante e populosa parte das colônias americanas de Poseid ficava a oeste da grande cordilheira hoje chamada Montanhas Rochosas, a grandeza da América moderna será levada ao auge pelos estados do oeste e sudoeste da União Americana.

O homem prefere viver em locais aprazíveis, nas terras onde a Mãe Natureza é amigável e dá abundantes colheitas. Aprecia viver numa terra que dê muitos frutos - e onde encontraria coisa melhor que o Oeste e Sudoeste da Incalia de outrora? Ao longo da costa oceânica até as montanhas da Sierra Nevada havia uma província que não ficava atrás, em beleza, da região dos lagos ao longo das praias do Miti. Essa terra manteve seu encanto, mas a beleza da outra cedeu lugar às areias móveis, cactos e mesquitas onde vivem lagartos, cascavéis e cães selvagens. Não é mais a

"União de lagos e união de tetras"

do longínquo passado.

Quando finalmente partimos da Incalia para retornarmos a Cai-phul, a última parte da colônia que avistamos foi a costa do Mai-ne, pois tomamos o rumo leste, dirigindo-nos mais tarde para o sul.

Para variarmos um pouco, trocamos os domínios do ar pelo das profundezas onde o tubarão é rei. Como todos os vailx da mesma classe, o nosso tinha sido construído para funcionar no ar e no mar, e as placas do convés deslizante e outras partes móveis da fuselagem se fechavam hermeticamente por meio de parafusos especiais e vedações de borracha.

Mergulhar diretamente no oceano seria muito parecido com um pouso em terra firme. Estávamos a uma altitude de duas milhas, mais ou menos, e o piloto recebeu ordem de reduzir a corrente de repulsão, diminuindo dessa forma nosso poder de flutuação, levando-nos a penetrar na água dez milhas após o ponto em que iniciássemos a inclinação para a descida. Ele também foi instruído para descer a uma velocidade bastante alta naquela espécie de manobra, embora fosse lenta para um vailx; ou seja, ele teria de cobrir dez milhas em poucos minutos.

Quando impactamos a água a essa velocidade, o choque sofrido pela agulha metálica foi grande o bastante para fazer os passageiros perderem o equilíbrio e as mulheres presentes soltarem exclamações de susto.

Logo que entramos na água a repulsão foi anulada e seu oposto, um grau de atração maior que o da água pelo centro terrestre da gravidade, foi acionado, permitindo-nos mergulhar a uma profundidade considerável, a despeito do ar contido na nave. As luzes exteriores às janelas foram acesas, nosso movimento ajustado ao novo elemento, e nos reunimos todos no salão perto das janelas, as luzes de dentro apagadas e as de fora acesas, e pudemos ver as curiosas tribos de Netuno que se aglomeravam em torno da iluminação que era estranha ao seu meio.

Ocupado nessa observação, ouvindo ao mesmo tempo as explicações entusiasmadas de um ictiólogo amador, ouvi uma voz familiar que reconheci como sendo a do meu pai Menax e me dirigi para o naim. Ele não podia me ver porque estava escuro no vailx, mas eu podiavê-lo no espelho, já que a casa dele estava iluminada - não só o via mas também o ambiente próximo a ele, da mesma forma que alguém do lado de fora de uma janela, à noite, vê as pessoas e coisas no interior, sem ser vista.

"Meu filho" -disse o príncipe -"não deveria permitir que teu amor pelas novidades te fizesse agir com tanta imprudência, mergulhando no oceano daquela forma, mesmo a uma velocidade pequena de um ven (milha) por minuto. Temo que tenhas uma tendência estouvada em tua natureza, que um dia poderá causar uma infelicidade. Incal pune os temerários permitindo que Suas leis, quando violadas, apliquem sua própria penalidade. Toma cuidado, Zailm, age com prudência!"

Quando as experiências submarinas se tornaram tediosas, o curso contrário, de aumento rápido mas gradual de repulsão, foi aplicado ao vailx - não foi um procedimento perigoso como o do mergulho - logo a nave saiu da água e subiu à altitude indicada pelo raz -mostrador de repulsão -altitude essa de algumas centenas de pés acima da superfície do mar. Aberto o convés, senta-mo-nos para tomar Sol e apreciar a agradável brisa marinha que soprava na mesma direção sul seguida pela aeronave. Como desejávamos chegar a Caiphul no dia seguinte, fechamos o convés quando a tarde caiu e começou a fazer frio e, elevando-nos bem alto no céu para diminuir a resistência atmosférica, aumentamos a velocidade. Devo observar que nosso curso era menos longo do que seria se tomássemos a direção leste ou oeste, quando então percorreríamos uma longitude a cada quatro minutos. Tomando a direção norte ou sul, cortávamos as correntes terrestres, enquanto que na mesma proporção a velocidade diminuiria, se o vailx desviasse a rota do leste para oeste, para depois virar para o sul ou o norte, o que daria uma média de apenas algumas centenas de milhas por hora.

Calculamos que, tomando a rota direta, só chegariamos a Caiphul dentro de dois dias; como nosso desejo era chegar na manhã seguinte, decidimo-nos pela rota em ângulo. Isto quer dizer que o vailx iria para sudeste na direção da costa de Necropan, de lá para sudoeste para Caiphul, e a velocidade maior dessa rota nos levaria ao destino a tempo de tomarmos o desjejum em casa.

*Bela Caiphul
Nenhuma é como tu;
Rainha da Atlântida
E Rainha do
mar."*

A A A

CAPITULO XIX

UM PROBLEMA BEM RESOLVIDO

Havia trabalho me esperando em Caiphul, deveres que eu poderia cumprir sem prejudicar minha saúde ainda delicada; na verdade uma atividade positiva para a sua recuperação, por oferecer um grau apropriado de estímulo mental, sem envolver a severa tensão dos estudos.

No dia em que cheguei em casa, Menax falou comigo de um modo que me deixou pensativo:

"Pelo que entendo o povo de Suern perdeu o poder que tinha de conseguir alimentos por meios aparentemente mágicos. Deve ser um problema terrível para eles satisfazer as exigências da fome."

Na ocasião não consegui saber se Menax dissera essas palavras com o propósito de despertar em mim uma tomada de consciência quanto aos meus deveres naquele país. De qualquer forma, ponderei a situação com grande empenho. Ocorreu-me que os Suernis tinham poucos campos cultivados como os nossos, se é que tinham algum; que provavelmente não tinham conhecimentos sobre a arte da agricultura, preparação do solo e coisas semelhantes e, finalmente, que seus músculos não eram treinados para suportar esse esforço. Em assuntos dessa natureza não passavam de crianças grandes. Quanto mais pensava no problema, mais complicada me parecia a condição deles. Vi que, pelo menos por um ano, seria necessário mandar-lhes provisões. Também teriam de ser instruídos sobre métodos de plantio, horticultura e criação de gado, ovelhas e outros animais domésticos úteis. Mais tarde, seria necessário ensinar-lhes outras artes como mineração, tecelagem e metalurgia. Na realidade, tratava-se de uma nação inteira, com oitenta e cinco milhões de habitantes, a quem eu deveria prover com escolas de instrução sobre a arte da sobrevivência. Quando percebi o significado disso, fiquei arrasado. Ai, pobre de mim! Caí de joelhos na grama do jardim e orei a Incal. Quando me levantei, vi Gwauxln me olhando de um jeito muito peculiar. Seu rosto estava muito sério, mas os esplêndidos olhos estavam cheios de riso.

"Sentes que estás à altura dessa tarefa?" -perguntou ele.

"Zo Rai" -respondi corajosamente -"teu filho está sobrecarre» gado. À altura? Sim, se Incal me conceder sua orientação".

"Bem respondido, Zailm. Ponho à tua disposição os recurso» de Poseid para o teu trabalho."

Para não ser prolixo, as escolas foram estabelecidas, os entrepostos de alimentos e vestuário foram estabelecidos nos distritos competentes e os habitantes de Suern, a grande península do moderno Hindustão, foram instruídos sobre os meios de obterem uma confortável autopreservação e de passarem a depender do próprio conhecimento. Obviamente, nem tudo isso foi feito sob minha supervisão, mas fui eu quem deu início ao plano; durante três anos e meio o trabalho prático nisso envolvido foi conduzido por mim e por meus vice-suzeranos. Talvez eu não tivesse sido suficientemente grato a Incal; talvez nunca tenha voltado a pensar, naqueles dias de prosperidade, na prece do jovem pobre e desconhecido no Pitach Rhok. Por outro lado, devo tê-lo feito. Penso que nem por um momento esqueci daquela manhã e dos votos que fiz. Contudo, há o estranho fato de que a natureza humana pode desviar-se daquilo que ela sabe ser a linha inamovível da correção; pode estar bem consciente de cada infração e continuar pensando que foi fiel a seus votos. Os lapsos morais são os mais freqüentes; os pecados que não são infrações diretas dos códigos comunitários. Estranho, também, é que a humanidade não costuma ser clemente com as vítimas, embora seja geralmente branda em suas censuras ao verdadeiro criminoso. Não poderá haver verdadeira justiça em qualquer assunto até que, em crimes dessa espécie, a mesma pena seja imposta, sem consideração de sexo. Minha proposição te parece surpreendente? Pois então considera: a justiça humana é *um* sistema; se for íalha num particular será falha em todas as coisas, pois justiça significa perfeição e o que tem uma mancha ou defeito não tem perfeição.

Na história da raça judaica podem ser encontrados os últimos registros da parte mais merecedora do povo de Suernis. Em verdade, meu povo, juntos tivemos a glória e o longo sofrimento. Estivemos juntos naquele longínquo período já passado! Minha semente do esforço denodado caiu em solo arado e se multiplicou cem vezes. O fim ainda não chegou; a colheita não foi recolhida e o Povo Eleito ainda não recebeu a recompensa pela Grande Tri-bulação havida desde que Ernon de Suern desistiu de lutar por

<-le. O caminho foi longo, mas eles finalmente sairão do deserto no qual entraram há tanto tempo, e Yeovah dará o descanso a Seus filhos!

Como havia dito Rai Ernon, o general Saldeu não conseguiu voltar à sua terra natal. Ele vagava pela cidade, sem quase ser notado pelo povo, e o lugar que mais visitava era o vailx de um cerco comissário poseidano, destacado com outros para permanecer em Ganje.

Um dia, tendo se tornado amigo desse último, o Saldeu pediu ao amigo que lhe proporcionasse o prazer de subir ao espaço, pois nunca tinha viajado de vailx e desejava fazê-lo. Na ocasião o comissário estava ocupado e prometeu satisfazer o pedido no dia seguinte. Cumprindo a promessa, após o almoço servido no convés do vailx, foi feita a ascensão. O general tinha bebido muito vinho e seus movimentos careciam de firmeza. Um dos passageiros era um Suerna, ex-conselheiro do Rai Ernon. O general foi tropegamente até a amurada do vailx para apreciar a paisagem. Perto dele estava o Suerna. Os dois não se gostavam e o Salda, também excitado pelo vinho, iniciou uma discussão. O Suerna, o mesmo, aliás, que tinha ficado tão espantado pela perda de seus poderes ocultos quando tentou me matar, deu um leve empurrão no general que caiu contra a amurada. Sendo pesado, curvou-se por falta de equilíbrio e caiu, agarrando-se à grade com as duas mãos com inesperada agilidade. E ali ficou, pedindo socorro aterrorizado, sem poder voltar para o convés. O capitão poseidano não era um homem mau, mas um tanto estúpido por causa de uma pancada na cabeça e, embora se saísse bem como comissário, nunca tinha podido subir de posição. Antes do acidente ele tinha sido um homem de talento, inclusive conhecido como inventor de razoável fama. Esse talento de pouco lhe servia, porque muitos outros o tinham superado nesse campo. Finalmente, tinha se tornado um lunático no campo das invenções, sempre tentando achar uma forma de utilizar força ou economizar força. Enquanto o capitão ficou ali parado com sua estúpida indecisão, o Suerna puxou-o para o lado, agarrando o aterrorizado Salda pelo braço. No momento seguinte o ex-conselheiro e o general Salda estavam balançando e girando, pendurados no ar a uma milha da terra. Então o poseidano viu-os cair; com a mente ocupada com sua mania predileta, exclamou-.

"Que desperdício de energia! Se ao menos pudesse cair em algum aparelho ajustado para levantar um peso!" Como o aci-

dente aconteceu o comissário nunca soube, segundo suas declarações. Por falta de testemunhas e levando em conta sua óbvia imbecilidade, o tribunal o absolveu.

Quando eu soube do caso foi através do governador por mim nomeado, o qual me informou ter dispensado o capitão do comando do vailx e do cargo de comissário, substituindo-o por outro poseidano. O Saldu era pai de Lolix e seria necessário dar a notícia a ela da maneira mais delicada possível. Como fiquei espantado quando ela me disse, após ouvir a triste notícia:

"Pergunto, o que tem isso a ver comigo?"

"Mas. . . teu pai. . ." -comecei, mas ela me interrompeu:

"Meu pai! Estou contente. Poderia eu, que amo a coragem, sentir algo além de desprazer diante da covardia em face da morte, que o levou a gritar aterrorizado como uma criança? Ora, nenhum covarde merece ser meu pai!"

Virei-me, completamente horrorizado, calado por não ter palavras que expressassem meus sentimentos. Percebendo isso, Lolix se aproximou e, pousando a pequena e branca mão em meu braço, fitou diretamente os meus olhos com suas gloriosas pupilas azuis.

"Meu Senhor Zailm, pareces ofendido! É esse o caso? Terei dito algo que te causou desgosto?"

"Pelos deuses!" -exclamei. Mas, lembrando uma avaliação anterior, de que a Saldu era apenas uma criança em certos respeitos, respondi:

"Ofendido ou desgostoso? Não, Astiku."

Então ela enfiou a mão sob meu braço e caminhou ao meu lado. Essa pequena experiência foi o início de uma outra bem mais longa que, embora fosse extremamente doce por algum tempo, culminou em angústia lá mesmo na Atlântida e, como a fênix, ergueu-se das cinzas dos séculos faz poucos anos. Em verdade, "o mal que os homens fazem a eles sobrevive".

Por ser tão óbvio que sua falta de coração se devia ao subdesenvolvimento, não fiquei desgostoso com Lolix. Reprorei-a, mas ao invés de voltar-me contra ela em fúria, procurei induzir nela a

percepção de que a enormidade de sua ofensa se devia à crueldade de seu coração.

Segundo o costume de seu povo, Lolix me pediu em casamento. Naturalmente eu não pude aceitar, embora fosse muito agradável ter aquela linda jovem fazendo o máximo para me conquistar. Eu não pude, porque amava Anzimee. Nunca falei a Lolix desse amor por minha doce e feminina irmãzinha, por não querer causar possíveis problemas. Fiz pior, contando-lhe uma inverdade, dizendo que a lei de Poseid proibia o casamento entre pessoas de nacionalidades diferentes.

"Não há exceções?" -perguntou ela.

"Nenhuma. O castigo é a morte."

Essa foi outra mentira, pois em Poseid a pena de morte nunca era aplicada, estando proibida pela lei contida no livro de Maxin.

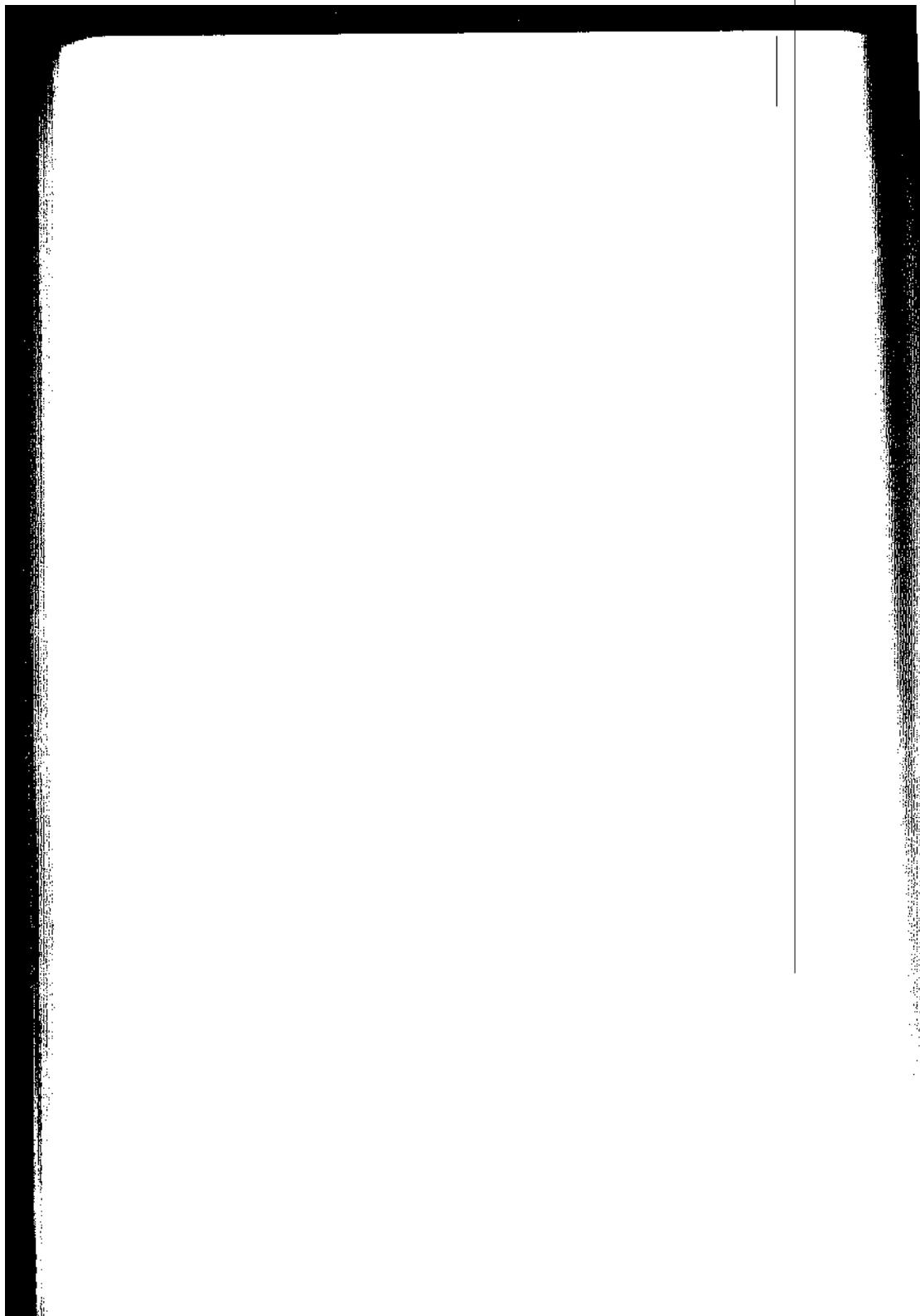
"Pois então não importa. És jovem e forte, tens coragem e és belo. Por tudo isso te amo. Se a lei proíbe, para mim tanto faz. Ninguém precisa saber além de nós."

A última barreira tinha caído. A consciência estava adormecida. Os pensamentos sobre Anzimee foram postos de lado, como se ignorasse um anjo acusador. Pensei no Pitach Rhok e em meus dias de pureza? Ou no misterioso estranho que eu ouvira com reverente respeito no início de minha vida em Caiphul? Sim, pensei nessas coisas. Pensei em Incal e murmuriei:

"Incal, meu Deus, se estou a ponto de pecar diante de Ti, ao desprezar as leis da sociedade e do casamento, fulmina-me antes que eu peque."

Mas Incal não me fulminou naquele instante e sim mais tarde, muito mais tarde. Não, ele não me fulminou naquele momento. A consciência adormeceu mais profundamente e a paixão despertou.

A A A



CAPITULO XX

DUPLICIDADE

O ano em que não pude estudar passou rapidamente e sem grandes mudanças, a não ser pelo fato de que se aprofundaram 1* complicações por causa de Lolix. Minha afeição por Menax tornou-se quase tão grande quanto o amor que ele tinha por mim, que era ilimitado. Mas não lhe falei daquilo que cada vez mais me oprimia com seu peso crescente, o caso secreto com Lolix. Tê-lo feito teria sido o certo, mas não ousei, pois isso me teria fei-<> perder o que eu mais prezava. Pelo menos era assim que eu me sentia então.

Com o passar do tempo, passei a questionar minha posição. Amava eu aquela bela moça? Não como

amava Anzimee. "Ó Incal, meu Deus, meu Deus!" -gemi com angústia na alma. A consciência continuava adormecida mas já se agitava, inquieta. O fato de Anzimee ser minha irmã adotiva não impedia que ela se tornasse minha mulher, pois a lei da consangüinidade não seria violada. Meus próprios atos eram a causa do impedimento.

Meu plano de levar Lolix para morar num palácio num local distante do Menaxithlon foi executado com êxito, sem levantar suspeitas e sem causar ciúmes em Lolix. Duplicidade, duplicidade!

Então passei a cortejar Anzimee sem o obstáculo da presença daquela que seria um fator de perigo se desconfiasse que a filha de Menax não era minha irmã de sangue. Mas meus dias começaram a ser perseguidos pelo medo, pois eu havia semeado dentes de dragão; o desfecho de assuntos que têm o mal por guia sempre é tristeza e amargura. Supondo que Lolix não se cansasse de mim -e eu não tinha vontade de fazer qualquer coisa que a levasse a isso -as leis da natureza tornariam provável a revelação de fatos letais para minhas esperanças; embora eu freqüentemente gritasse agoniadamente que era um desgraçado, a consciência continuava a dormir. . .

Mas meu caráter não era do tipo que se deixa intimidar pelo perigo. Se eu estava envolvido num jogo de inteligência, com O

Mal por oponente, usaria as melhores táticas que tivesse. Resolvi livrarme de Lolix; uma decisão tardia, porque o fruto de nosso pecado tinha chegado e um lar secreto providenciado, pois eu nunca chegaria ao ponto de impedi-lo de viver. Esses planos foram levados a cabo com sucesso, como eu pensava, sem que pessoa alguma tomasse conhecimento. Mas como ficar livre daquela mu-lher realmente encantadora -Lolix? Só faltava um ano para que eu fizesse o exame para obter o diploma no Xioquíthlon. Se eu fosse bem-sucedido, pretendia pedir a mão de Anzimee, que retribuía meu amor, eu bem o sabia, a fim de que fosse para mim tudo que o honroso título de esposa significava.

À tarde, ou à noitinha, nada dava mais prazer a Anzimee do que passear a sós com Menax ou comigo pelos jardins do palácio, sob as grandes palmeiras e festões de lindas trepadeiras em flor que enfeitavam todas as aléias, formando frescos túneis verdes, ornados com matizes mais radiantes da Flora. Pelos vãos existentes entre essas verdejantes paredes podíamos ver os lagos, colinas, escarpas e rios artificiais e, mais adiante, Caiphul com seus palácios; Caiphul enfeitada pelas heras e por suas quinhentas colinas, grandes e pequenas. Caminhar nesses lugares ao lado dela era um prazer tão caro para mim que não é de estranhar que minha alma ficasse aliviada de grande parte de seu peso de pecado e aflição.

Retardei por tanto tempo a resolução do caso de Lolix que passei a temer fazer alguma coisa além de deixar os acontecimentos se resolverem por si mesmos. Sim, perdi a confiança em minha capacidade de solucionar o perigoso problema, temendo tornar as coisas ainda piores. E os dias se escoaram e a provação do exame logo chegaria. Não negligenciei Lolix; não pude e nem tinha esse desejo. Freqüentemente ia ter com ela. Na verdade, com uma estranha cegueira quanto ao mal que fazia, dividia meu tempo livre entre Lolix e Anzimee. Às vezes sentia medo de que Mai-nin, Gwauxln ou talvez ambos soubessem de meu segredo. Eles o conheciam, sim, pois sua visão oculta era poderosa demais para que não conhecessem os fatos. Entretanto, nenhum dos dois deu qualquer sinal, nem mesmo Mainin, pois não importava para ele o mal que estivesse acontecendo, como veremos em breve. Nem Gwauxln, não porque não se importasse, mas porque era misericordioso e sabia que o carma me reservava uma punição mais terrível do que a que qualquer homem pudesse me infligir e, em sua clemênciа, absteve-se de aumentar meu castigo. E assim o câncer continuou oculto ao olhar público e eu não sabia que o nobre soberano era um espectador entristecido de meus mal-

li-i tos. Não me surpreendo ao lembrar a tristeza de suas feições i as ocasiões em que estivemos juntos no último ano de meus estudos.

Anzimee havia adiado seu próprio exame no Xio até o ano em < (ue eu devia me formar. Com isso, as festividades que sempre se seguiam ao exame, como marca de regozijo pelo êxito dos que tinham recebido diplomas, incluíam o nome dela em sua honrosa lista, principalmente porque tinha sido aprovada com mérito.

Foi oferecido um jantar pelo Rai aos felizes candidatos; essa fes-i vidade deu início a uma prolongada temporada de jantares, bailes, festas, concertos e peças teatrais, todos pelo mesmo motivo. Anzimee, vestida de seda acinzentada, com os pesados cabelos presos por uma linda rosa, trazendo no ombro um broche de safi-ras e rubis, foi apresentada pelo Rai no banquete real aos novos Xioqi como a "Ystranavu" ou "Estrela Vespertina". Tratava-se de uma distinção social semelhante à moderna "Rainha do Baile".

Sabendo que Rai Gwauxln conduziria a sobrinha à mesa e seria o seu par, levei Lolix, como era de meu direito, pois tinha me formado e quem possuísse um diploma podia escolher uma companhia que podia ou não ser formada pela Xioquithlon. Lolix, por minha causa, tinha estudado muito nos últimos três anos e estava no segundo ano do Xioquithlon, para onde tinha sido promovida pelas escolas inferiores. Eu estava começando a sentir orgulho dela; na verdade, eu seria muito desprezível se não reagisse dessa forma, depois do sacrifício que ela havia feito por mim. Várias vezes percebi Gwauxln olhando atentamente para mim e, uma das vezes, quando passou perto de mim, ouvi-o murmurar tristemente:

"Zailm, oh, Zailm."

Gomo é fácil imaginar, essas palavras não aumentaram nada minha paz de espírito. Apesar de tudo, a noite transcorreu, como tantas outras, sem maiores inquietações.

Caminhando com Lolix pelo grande salão de Agacoe, notei os muitos olhares de admiração causados por sua beleza, lançados pelos muitos cavalheiros que encontramos, nobres de elevado nome. Ela tinha de fato se transformado numa mulher de feições e porte encantadores e, melhor que isto, de caráter, pois seu temperamento não se mostrava mais cruel e sim gentil, desde a experiência com sua maternidade secreta e consequente perda das ale-

grias próprias desse estado, pois era impossível revelar que a criança era dela. Lolix tinha recebido propostas de casamento e recusado, mesmo sabendo que tais propostas eram uma prova de que eu mentira ao dizer que as leis de Poseid proibiam nosso casamento. Mas seu amor por mim, embora sofrido, era fiel e constante. Ela guardou bem o segredo, especialmente para me poupar, a mim que era tão indigno! Quando olhava para ela, sentia que a queria muito. Mas Anzimee me era ainda mais cara e assim a horrível tragédia continuou. Eu sabia que por amor a mim Lolix havia reprimido observações cruéis, depois tinha se interessado pelo alívio dos sofrimentos alheios espontaneamente, e assim passara de belo espinheiro a uma gloriosa rosa de feminino encanto, com bem poucos espinhos. Será que eu tinha uma consciência digna desse nome por não me apresentar aos olhos do mundo e tomar Lolix por esposa, vendo todo esse seu ilimitado amor por mim? Não, não em Poseid. A consciência não tinha adormecido -pois nunca tinha existido. Ainda estava para nascer e crescer num outro tempo. E assim, a nêmesis do julgamento continuou a manter seu golpe vingador em suspenso.

A A A

CAPITULO XXI

O ERRO DE TODA UMA VIDA

A comparação é um excelente exercício. Devo ao leitor e a mim mesmo, e também a Anzimee e Lolix, entregar-me à inclinação que sinto neste momento de fazer uma comparação analítica dessas duas mulheres.

O que fixou tão inalteravelmente meu desejo de desposar Anzimee e não Lolix? Ambas eram de condição nobre, a primeira por natureza, a segunda... sim, a segunda também por natureza. Entretanto, eu estava a ponto de atribuir a doce caridade de Lolix à percepção que ela tinha da infelicidade que sentia vendo-se colocada em igual situação com os que sofrem de fato. Mas a capacidade de ter essa percepção só poderia provir de sua natureza. Não, tratava-se da natureza dela, finalmente evoluída. Ambas as mulheres eram refinadas, inteligentes e belas, embora seus tipos físicos fossem tão diferentes quanto os de uma rosa vermelha e um lírio do vale. Anzimee era filha natural da Atlantida; Lolix era filha por adoção. Uma pequena diferença, admito, já que ambas tinham sensibilidade e se harmonizavam com o belo, o bom e o verdadeiro, e estavam imbuídas do polido refinamento da erudita Poseid. Verdadeiramente, as relações entre Lolix e eu estavam erradas, mas nem por isso ela era menos querida por mim-, nem minha opinião a respeito dela era menos terna e afetuosa. Seu companheirismo tinha se tornado parte de minha vida. Se eu estava triste ou desanimado, ela demonstrava compaixão e me alegrava. Minhas ansiedades eram as dela, minhas alegrias suas alegrias. Em tudo, menos no nome, ela era minha esposa. Então por que não reconheci esse fato diante da humanidade? Porque o carma ordenou que fosse de outra forma. Eu também amava Anzimee. Por esse amor, o carma operou para anular suas próprias tendências de desposar Lolix. E o modo dessa operação foi demonstrado pelo meu reconhecimento de Lolix como possuidora de todos os requisitos necessários para me fazer feliz, a não ser por sua feita de percepção psíquica da relação entre finito e infinito. Absurdo? Não. O fato de minha alma desejar tanto que ela tivesse essa capacidade e de descobrir que ela não a tinha, e de ter encontrado isso em Anzimee, evidenciava o crescimento da frágil semente de

interesse pela vida oculta dos Filhos da Solitude que, de alguma forma, tinha amadurecido através das palavras do Rai Ernon de Suern, anos antes. Dizes que se um interesse tão pequeno causou tanto erro, um outro mais profundo causaria a perda da alma e portanto não queres ouvir falar disto? Estás enganado. Não foi o fato de eu não ser verdadeiro para com o ideal, para com minha alma, que causou todo o mal; no mito da mulher de Lot, ela jamais teria se transformado numa estátua de sal se tivesse obedecido, não à curiosidade mas à injunção maior.

Lolix não tinha a mínima percepção desse elo psíquico entre as coisas da terra e do infinito. Eu a tinha e sabia que Anzimee também. Por isso planejei minha vida para incluir Anzimee e excluir Lolix, e com isso fiz uma grande injustiça a ambas, a mim mesmo e ao meu conceito de Deus (o que é uma expressão redundante, pois nenhum ser finito poderia ferir o infinito). Entretanto o carma estava à minha espera, pois o mal de minha vida exigia retribuição, que foi integralmente recebida; não há palavras que possam descrever o sofrimento da expiação, nem me proponho tentar fazê-lo; ficarei contente se a compreensão de uma parte dela impedir outros de pecar, pela certeza de que não existe expiação viçaria de um mal feito e não há como escapar de sua penalidade.

A lei do UNO diz: "A menos que o homem atinja o domínio, não herdará Minha Vida; não serei seu Deus nem ele será Meu Filho". Só há um caminho para essa superação: os repetidos mergulhos em encarnações materiais, até que os erros da vontade pessoal sejam expiados a contento da Vontade Divina. Não pode haver compensação viçaria * e logo mostrarei por que. Um outro não pode respirar em teu lugar. A reencarnação, o aprisionamento repetido da alma na carne é uma expiação e uma penalidade. Se em Seu Nome te libertas, se dessa forma alcanças a superação e em lugar de seres escravo do desejo tornas-te o seu senhor, então desfazes o pecado. E não haverá mais encarnação para ti nesta morte erroneamente chamada vida. Não há outro Caminho, o Grande Mestre não apontou nenhum outro.

Para expiar meu negro passado devo voltar ao mundo, teu mundo de pecado, tristeza, doença e sofrimento, e uma insatisfeita ânsia de paz que ultrapassa a humana compreensão. Não são meus doze mil e tantos anos vagando neste mundo, longe da casa de

* NOTA - Ver nota de rodapé à página 245.

meu Pai, alimentando-me com as cascas vazias da chamada alegria, sofrendo as febres, dores e decepções do mundo, uma expiação suficiente? Não, por mais um pouco deverei servi-Lo de boa vontade, impelido pelo amor. Algumas almas terão mais do que eu, se não se desviarem. Que diz a tua *vontade*? A vontade é o único Caminho para o conhecimento cristão oculto ou esotérico. Aquele que para isso dirige a *vontade*, terá a Vida Eterna. Mas a *vontade* de superar deve ser maior que a *vontade* do desejo, assim como o ar fresco substitui as exalações de nossos pulmões. Assim como a atmosfera está à nossa volta e se torna nossa respiração ao ser aspirada, assim também a Vontade do Espírito está à nossa volta e, entrando no coração determinado a subjugar e submeter a serpente, não nos deixa sofrer derrotas. Eu e Lolix recusamos esse Sopro e por falta de vontade voltamos-lhe as costas. Oh! O horror, a dor daquele tempo perdido, perdido junto com ela! Mas reencontrado por nós pela *superação*. Sinto ter de admitir que minha obliquíude moral deturpou o meu caráter faz doze mil anos! *A Vontade, o querer, é o único Caminho que leva a Cristo.*

Não é arrasador pensar que, tendo decidido livrar-me de Lolix e instalar Anzimee em seu lugar, desposando-a diante da humanidade, eu tenha sido capaz de usar o fato de conhecer bem Lolix e confiar em sua aquiescência em manter meu segredo por causa de seu generoso amor por mim? É monstruoso! Eu sabia que Lolix não fazia as coisas pela metade. Tendo se entregue a mim, nunca exporia minha iniqüidade, ainda que eu a rejeitasse por outra mulher. A sociedade não censura uma mulher traída.

Em prosseguimento ao meu plano, resolvi obter a confirmação do amor há muito confessado pelas atitudes de Anzimee. Depois disso, eu contaria os fatos a Lolix sem reserva, entregando-me à sua mercê. Depois de todos esses séculos -Deus seja louvado! -a reparação está completa, mas ainda olho para o registro dessa parte de minha existência como Zailm e me espanto por minha confissão não queimar o papel em que foi escrita. A torpeza moral é uma coisa terrível, pois embora eu tivesse consciência de que minha ação era pecaminosa, só tinha uma percepção muito vaga de quão monstruosamente negra ela era.

Leitor, poderás dissociar-te suficientemente do horror que sentes para te interessares pelo relato de minha declaração de amor a Anzimee, feita depois que consegui ocultar a meus próprios olhos o mal que trazia em meu íntimo? Essa ocultação pode ser quase inútil, contudo é possível afastar qualquer coisa de nossa vista, a algum grau pelo menos.

'Aquele pode sorrir e sorrir, e ainda assim ser um vilão.

Fica mais particularmente fácil sorrir quando o mal está tão longe, no passado; quando foi expiado e o vilão já deixou de ser vil. Perdoa-me por falar no Caminho da remissão. De todos os milhares de anos de minhas vidas a que só posso aludir de passagem nesta história, pude tirar uma lição ensinada por essa fatigante peregrinação, a qual desejo do fundo da alma que aprendas. Pois anseio por minha libertação, quando então poderei ir para os abençoados reinos que meus olhos viram e meus ouvidos ouviram e nos quais estive, com Ele que abre o que ninguém pode fechar e fecha o que homem algum pode abrir. Então ouve e aprende estas coisas, pois enquanto qualquer um que leia minhas palavras as despreze e se recuse a conhecer e palmilhar o Seu Caminho, continuarei impedido de receber minha parte da Grande Paz, até que Seu Espírito cesse de lutar contigo ou de entravar. Estou obrando e me sacrificando para que possas conhecer esse Caminho e palmilhá-lo. Entretanto, alguns que me lêem estarão entre aqueles que, negando-O, serão por Ele negados. Dentre todos os gloriosos sistemas do mundo, só a Terra nega, porque embora seus habitantes bradem "Senhor, Senhor!", odeiam uns aos outros em seu coração dominado pela serpente. Não julgues que uso uma figura de linguagem quando digo "serpente". Os microscópios sabem do que falo. "Aquele que semeia para a carne, dela colherá a corrupção; mas aquele que semeia para o Espírito, deste receberá a Vida Eterna". Os que estão vivos crucificaram a carne com suas afeições. Alguns fecharão os olhos e ouvidos à mensagem que Dele recebi. Com isso, a semente da Vida Eterna será eliminada de suas almas e eles morrerão. * Mas os que se voltarem para o Caminho não serão banidos. Ele conhece os que são verdadeiros. "Mantende vossas candeias acesas e sede virgens sábias e não insensatas".

A A A

** Com relação a isso, leia a última página deste livro, que encerra a história apresentada de uma vida redimida sobre Sua Cruz.*

[198]

CAPITULO XXN

ZAILM PROPÔE

Minha mente estava totalmente ocupada com uma questão primordial, a das palavras que iria usar para propor casamento a Anzimee. Esse tipo de preocupação é igual para todos os apaixonados de qualquer raça ou nação em que os casamentos não sejam arranjados pelos pais.

Tendo resolvido qual a hora em que faria a momentosa pergunta, procurei Anzimee. A informação de que ela estava no palácio Roxoi, um dos três reservados para uso do Rai, me perturbou bastante. Lolix residia em Roxoi desde que eu havia manobrado sua saída do Menaxithlon. Isso entretanto não me demoveu do intento de ver Anzimee. Enquanto viajava as quarenta milhas que me separavam de Roxoi, ponderei a nova situação. Eu sabia que as duas moças eram amigas, fato que poderia complicar as coisas.

Chegando em Roxoi, encontrei Anzimee no jardim, sentada perto de uma cascata que se despencava de uma escarpa artificial num pequenino lago. Ela estava sozinha. Quando percebeu minha presença perguntou, surpresa.

"Onde está Lolix?"

"Onde?" -repeti. "Não sei. Disseram-me que ela estava contigo".

"E estava. Mas ela saiu no meu vailx, dizendo que iria te buscar, para que nós três fôssemos passear juntos".

Pensei depressa. Eram quarenta milhas até o Menaxithlon voando para o sul. O vailx portanto levaria mais ou menos o mesmo número de minutos para chegar lá e mais quarenta para voltar. Oitenta minutos seriam suficientes.

Sentando-me ao lado de Anzimee, preendi sua mão na minha. Eu fizera isso muitas vezes e também costumava passar o braço por seu ombro, mas de uma maneira fraternal. Naquele momento entretanto o simples toque de seus dedos teve um efeito elé-



Anzimee em Roxoi; no fundo, a Torre de Maxt

:m

írico e ela detectou imediatamente a intensidade da emoção que me dominava. A elaborada linguagem que eu tinha planejado usar me fugiu e, ao invés de tentar recapturá-la, eu disse simplesmente:

"Anzimee, palavras especiais conseguiriam aumentar tua certeza do meu amor por ti? Não as encontro, mas assim mesmo te peço, minha menina, para seres minha esposa!"

Ela respondeu com uma frase igualmente breve:

"Que assim seja, Zailm!"

O que se passou em seguida o leitor pode imaginar; tua fantasia dirá melhor o que houve, pois certamente isso não é difícil de visualizar.

Quando Lolix voltou, eu me despedi sem parecer estar fugindo, pois ela tinha se atrasado, de modo que três horas tinham decorrido desde sua partida.

Eu sabia que nada era mais certo que Anzimee confiar sua alegria a Lolix, mas isso não me causou perturbação. Eu confiava completamente em que Lolix não trairia nosso segredo, por mais pesado que fosse o golpe que ela teria de suportar. Como calculei, Anzimee contou que a pedira em casamento e que ela havia concordado. Anzimee disse mais tarde que sua amiga tinha olhado para ela por algum tempo e em seguida caíra desfalecida no chão. Quando voltou a si, parecia tão calma que Anzimee não pensou em questionar a explicação de Lolix de que o nervosismo tinha causado o desmaio. Isso tudo aconteceu à tardinha. Anzimee, cheia de sentimentos felizes, ajudou Lolix a ir para a cama, dispensou os atendentes, acarinhou-a até que dormisse e voltou para casa. Eu só soube desses fatos no dia seguinte. Achei melhor falar com Lolix imediatamente, enfrentar sua dor e acabar com a angustiante situação. Pobre e iludido mortal!

Fui até Roxoi e entrei no Xanatithlon para esperar a chegada de Lolix a quem tinha mandado um recado de que queriavê-la ali. Ela chegou. Parecia que dez anos tinham se passado desde a última vez que eu a vira. Pálida e abatida, com grandes olheiras escuras sob os lindos olhos azuis que se encheram de lágrimas quando ela me viu. Pobre moça! Meu pensamento foi: o que se há de fazer? Só senti uma pequenina dor de consciência, pois as escamas do pecado eram espessas e abafavam a voz da alma.

Lolix foi a primeira a falar:

"Ó meu amor, meu amor! Por que fizeste isso? Pensas que posso continuar vivendo? Faz muito tempo que sei que não existe nenhuma lei impedindo nossa união e esperei que fizesses o que era certo; confiei em que logo chegaria o dia em que me pedirias para partilhar teu conceituado nome. Mas... Ó Incal! Meu Deus! Meu Deus!" -exclamou ela, caindo em pranto e logo se controlando. Então, com a voz mais calma, cheia de dor, Lolix continuou:

"Zailm, amo-te demais, mesmo agora, para te admoestar! Sou tua para fazeres de mim o que quiseres. Dei-te minha vida há muito tempo. Fui te dei um filho que colocaste numa casa onde ninguém pudesse suspeitar de quem fossem seus pais. Fiz mais ainda - houve um outro que... Ó Incal, perdoa-me! Eu o mandei para o Navazzimin para que ele não te acusasse, Zailm! E agora eu, a quem chamaste tantas vezes "tua amada de olhos azuis"; eu que te amo mais do que minha própria vida, sou deixada de lado! Ó Deus! Por que devo sofrer assim? Por que recebo tão duro golpe?"

Ela caiu num pranto desesperado e eu não tentei fazê-la parar, sabendo que às vezes uma crise de choro é um alívio divino. Então ela me amava a tal ponto? Tolo! Louco por não ter percebido isso por suas ações, que falavam mais alto que qualquer palavra. Naquele momento meu coração me doeu realmente e orei, orei a Deus pedindo perdão; e orei por ela. Tarde demais! A consciência finalmente se fez presente, despertando para me atingir, apresentando-se como Minerva, pronta e armada para o combate.

Quando Lolix recuperou a calma, disse num tom trágico que eu desconhecia nela:

"Zailm, eu te perdôo. Nem por esta ação te trairei, pois eu te amei, continuarei a amar-te até a morte e mesmo depois dela, se é verdade que o amor sobrevive à tumba. Se vieste dizer palavras de adeus, assim seja! Mas agora deixa-me, porque estou a ponto de enlouquecer! Lembra, meu amado, se tua nova vida não for feliz, embora eu ore a Incal para que seja, que existe um coração que bate por ti com mais calor, mais carinho e talvez com mais sinceridade que o de tua nova amada. Não viverei por muito tempo, como uma sombra em tua vida. Beija-me uma vez mais como se eu fosse tua legítima esposa diante do mundo, como eu o sou aos olhos de Incal; como se eu tivesse morrido e estivesses a ponto de confiar meu corpo à luz do Maxin."

Com essas palavras ela se calou, tendo se levantado e se aproximado de mim, colocando os braços em meu pescoço, num abraço convulsivo. Ficou um momento assim e então seus lábios, frios como alguém que tivesse a Morte por companhia, uniram-se aos meus num longo beijo entrecortado de soluços! Ela me soltou, deteve-se por um instante e partiu. Assim foi que ela me deixou. Por muito tempo fiquei sentado no meio das flores no grande conservatório em Roxoi.

*A flor se abriu com brilho — mas ocultava um verme, O luar
luziu tão belo - mas havia nódoas em seus raios; Docemente
murmurou a brisa -mas sussurrou infortúnios, E havia um
gosto de amargura no suave fluir do rio*

O CARMA DISPÕE

Naquela noite os proclamas de meu próximo casamento com Anzimee seriam anunciados pelo Incaliz Mainin no grande templo, pois em acontecimentos de alto nível social era costume emprestar uma formalidade maior ao caso. Se durante a cerimônia ocorresse uma morte no recinto do Incalithlon, o costume decretava que um ano inteiro deveria passar antes da consumação dos ritos do matrimônio. Em qualquer outra circunstância, um mês deveria transcorrer após os proclamas, que eram tornados públicos imediatamente após o noivado. Por razões pessoais, Mainin, o Incaliz, não desejava que Anzimee se casasse com quem quer que fosse; mas como não tinha autoridade sobre ela, a quem pouco conhecia, seu desejo foi mantido em segredo.

Na hora marcada, Anzimee e eu estávamos diante de Mainin, o Incaliz, no Ponto Sagrado. Ao nosso lado estavam Gwauxln e Menax, e nós cinco éramos o ponto focal da atenção das muitas pessoas presentes.

Com uma voz clara e pausada, o Incaliz começou uma invocação a Incal. No meio da oração uma mulher cruzou rapidamente o triângulo do Ponto Vital, no centro do qual estava o Maxin. Era Lolix. Estava muito bem vestida, como gostava de sempre estar. Além do brilho assustador de seus olhos nada vi de extraordinário em sua aparência. O ato de penetrar no Ponto Vital não era permitido e isso fez com que todos os olhares se voltassem para ela. Entrar ali significava um apelo à autoridade do Rai.

"Que queres?" -perguntou Gwauxln.

"Zo Rai, em Salda, minha terra natal, era costume que pessoas de qualquer sexo pedissem em casamento quem desejasse. Eu cortejei este homem, o Astika Zailm, ignorando que ele amava minha amiga. Como podia eu saber? E agora, te peço, contesta estes proclamas, como é de teu direito fazer."

"Mulher, sinto muito por ti! Mas os costumes de Salda não são os de Poseid. Não concedo o que me pedes."

Eu tinha sentido um receio paralisante de que meu crime fosse revelado. Mas o medo amainou quando a delicada e graciosa figura de Lolix se afastou e desapareceu no meio do público. Então os proclamas interrompidos tiveram prosseguimento. Quando Mainin perguntou a Anzimee:

"Declaras que é teu desejo desposar este homem?" ela respondeu:

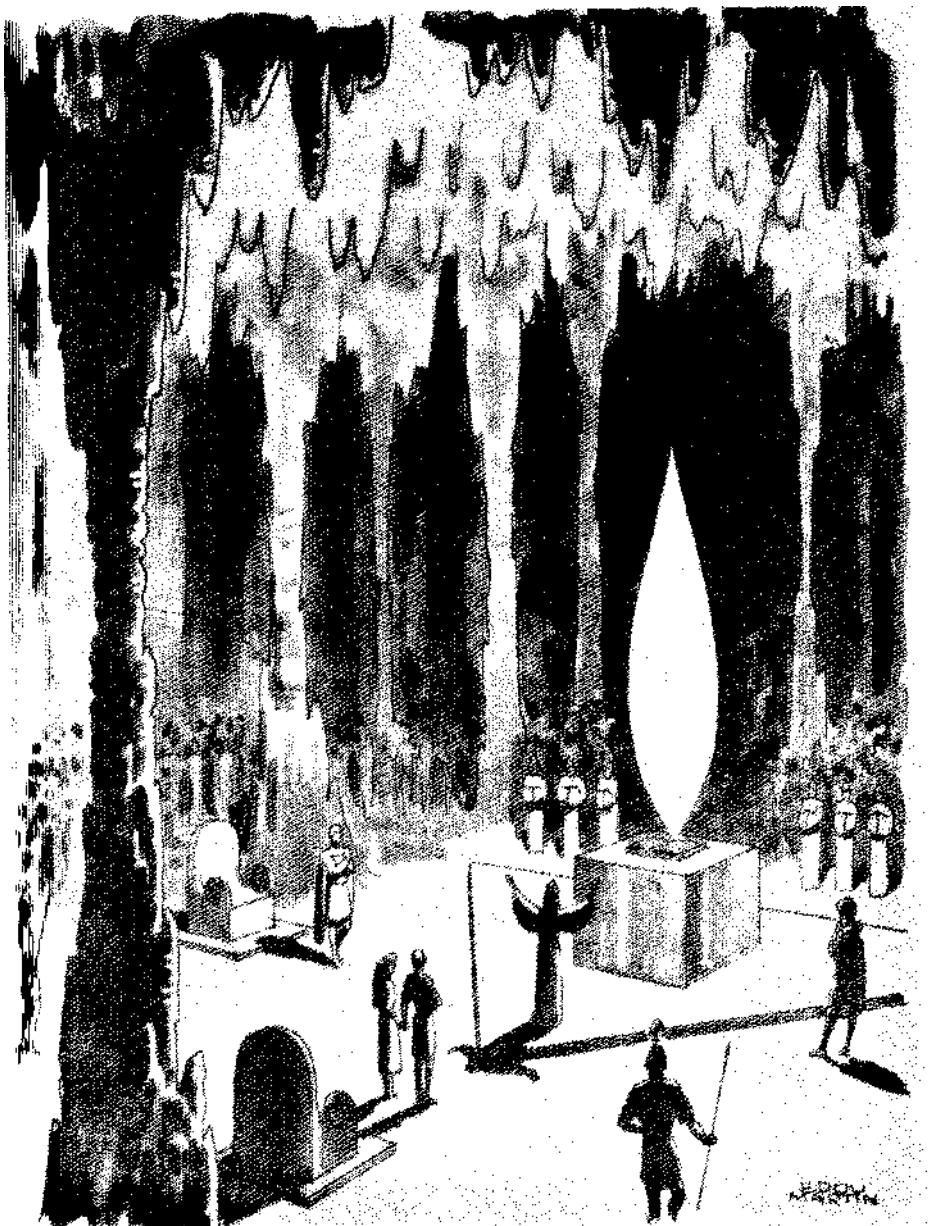
"Sim."

"E tu, declaras que é teu desejo desposar esta mulher?"

"Sim, se Incal aprovar". Quando pronunciei estas palavras, os procedimentos foram novamente interrompidos por Lolix que novamente penetrou no Ponto Vital, só que desta vez correndo, como se estivesse sendo perseguida. Diante da Luz Perene ela parou e disse:

"Incal o impedirá! Vê, venho desposar-te agora, Zailm, aqui mesmo! O Deus das almas desencarnadas será nosso Incaliz, esta adaga nossos proclamas!"

Eu deveria ter prefaciado a narração das perguntas feitas a Anzimee e a mim explicando que, após a invocação de Mainin, este, Anzimee, eu, o Rai e Menax, tínhamos deixado o Ponto Sagrado e nos dirigido para o Ponto Vital, de modo que naquele momento Lolix estava ao meu lado. Ao falar da adaga suas palavras eram calmas, embora ditas rapidamente - era a calma da insanidade! Enlouquecida pelo curso que eu havia tomado, Lolix viera até ali com seus gloriosos olhos iluminados pela insânia. Com as últimas palavras ainda nos lábios, ela atacou meu peito com a afiada arma. Desviei o golpe com o braço, que foi perfurado de lado a lado pela adaga. Quando ela a puxou com toda a força, o sangue jorrou e manchou o piso de granito. Ao ver o sangue ela soltou um terrível grito, dizendo em seguida:



A cerimônia de casamento no Incalithlon

"Louca! Louca! LOUCA!"

E com um salto chegou ao centro do Ponto Vital, onde ficou junto ao cubo do Maxin.

Anzimee desmaiou; Menax parecia petrificado, olhando para o meu sangue que escorria, enquanto G-wauxln, pálido mas controlado, disse a um guarda próximo:

"Prendam essa louca!"

A ordem do Rai atraiu a atenção de Lolix que disse ao soldado que se aproximava:

"Não, não me prenda. Perdi o controle por algum tempo, mas não sou louca. Quem me tocar será amaldiçoado por mim e morrerá no Maxin."

Sendo supersticioso, o soldado parou, pois não ousava tocar nela nem desobedecer o Rai. Em seu terror ele se voltou para o Rai e começou a se desculpar.

"Silêncio!" - ordenou Gwauxln com voz imperiosa. E então, com tom suave, disse a Lolix: "Mulher, aproxima-te de mim!"

"Não, Zo Rai! Neste lugar ao lado do Maxin ninguém pode lazer violência contra mim, segundo a lei. Portanto ficarei aqui!"

Dizendo essas palavras, Lolix arrumou o turbante que estava ligeiramente fora do lugar, cruzou os braços e, encostando-se no cubo Maxin, ficou olhando calmamente para o Rai. Este não se moveu, olhando primeiro para ela, depois para mim. Lolix, embora continuasse junto ao Maxin, havia assumido uma postura ere-ta e não estava em contato com o cubo.

O Incaliz Mainin tinha ficado impassível durante todo o episódio e só então falou:

"Pois bem, Astiku de Salda, ficarás aí; na verdade, por muito mais tempo do que imaginas!"

Ele falou com muita calma e suavidade, com os olhos na infeliz criatura. Quando se voltou para o Rai, viu a expressão de horror no rosto deste e, desviando apressadamente o olhar, terminou de

ler os proclamas. Eu mal pude ouvi-lo, parcialmente preocupado com o braço que sangrava e parcialmente com Anzimee, que embora tivesse se recuperado um pouco ainda estava semidesfaleci-da, apoiando-se em mim para não cair. Quando a cerimônia foi completada, Rai Gauxln, colocando as mãos em nossas cabeças, disse:

"Não é só um ano que deve passar antes de vosso casamento, mas muito mais tempo! Zailm, eu te perdôo por teus pecados tanto quanto tenho autoridade para te perdoar, no que tange às leis humanas que violaste. Quanto à tua cúmplice, não importa."

Virando-se então para Mainin, o Incaliz, disse com grande severidade:

"Por causa de teu ato maldito, tu e eu seremos estranhos para sempre! Agora sei o que realmente és, por Deus!"

Tendo falado nessa enigmática linguagem, Gauxln retirou-se do Incalithlon. Mainin também saiu. Menax, curioso quanto à causa do infeliz acontecimento, falou com a figura que estava junto à Luz Perene, mas ela não respondeu nem se moveu. Aproximei-me dela e chamei-a com suavidade:

"Lolix?"

Nenhuma resposta, nenhum movimento. Toquei a seda de seu vestido e recebi um choque que me sacudiu como se tivesse recebido uma pancada. Seu peito estava rígido como pedra. Toquei sua mão-, também estava dura e fria. O rosto, os ondulados cabelos castanhos, estavam rígidos. Não só estava morta como tinha se transformado em pedra! Como num sonho, chocado demais para sentir horror, mas ainda capaz de sentir uma estranha curiosidade, bati com os nós dos dedos nas dobras de sua roupa em vários lugares e ouvi um som metálico. Peguei um dedo e este se quebrou; avassalado afinal por um indescritível horror, deixei-o cair no chão de granito e ele se quebrou em pequenos fragmentos como qualquer pedra frágil. Mas ali estavam os cachos castanhos dourados com os quais eu brincara carinhosamente tantas vezes, com a mesma cor de sempre. Sua pele, os olhos azuis, tudo continuava igual como tinha sido em vida, mas seu corpo tinha virado pedra e a alma tinha fugido! O lindo pezinho, aparecendo sob a barra da veste, também virará pedra e estava firmemente preso ao pavimento. Finalmente comprehendi tudo. Aquele

feito horrendo fora obra de Mainin, no momento em que olhara para Lolix e falara com ela. Ele havia prostituído sua sabedoria oculta e por essa razão Gwauxln o amaldiçoara. A carne, o sangue e as roupas de Lolix tinham sido transmutados em pedra maciça. Isso era tudo que restava da pobre, traída e abandonada Lolix; uma perfeita estátua que, a menos que alguém a retirasse, poderia ficar ali por séculos, até que a pedra finalmente se esfarelasse.

O tenebroso significado de tudo aquilo finalmente me atingiu. Seria eu o principal responsável? Naquele momento eu soube que sim, que aquela morte estava gravada a fogo em minha alma e também na alma de Mainin, que jamais teria tido a oportunidade, se não fosse por mim.

Mesmo em sua insanidade temporária Lolix tinha sido fiel a mim. Não pronunciara uma palavra que me envolvesse. Gwauxln sabia e eu estava consciente de que sabia. Ele me perdoou livremente, no que concernia à lei humana. Isso porque a violação das leis de Incal não admitiam o perdão, transformando-se em carma; um karma que estendia diante de mim um grande deserto formado pelas areias do pecado, que queimariam meus pés durante a travessia que eu teria de fazer por ele, antes de poder palmilhar a estreita senda da consecução. Uma longa expiação me aguardava. Contemplei a forma muda da jovem que eu amara com tanto afeto e ainda amava, até que Menax, que havia finalmente se dado conta da terrível ocorrência enquanto eu ficara ali paralisado pela estupefação, puxou-me pelo braço, tomado por um único desejo, o de sair daquele lugar o mais depressa possível.

"Vem, Zailm; vamos para casa."

Com um último olhar cheio de remorsos, obedeci. Encantadora Lolix... Sua voz fora calada pela morte, causada por mim! Com o remorso me inundando, senti que, se pudesse, pediria a Anzimee que me liberasse, confessaria tudo a ela e, com seu consentimento, faria de Lolix minha honrada esposa. Mas era tarde demais para fazer essa reparação, pelo menos naquela vida. Nunca mais o terno olhar do amor pousaria naqueles estrelados olhos azuis! Nunca mais eu apoiaria a cabeça cansada em seu ombro, nem seu doce carinho afastaria meus obscuros pensamentos com sua dedicada e suave compaixão. Ah, deuses! O que eu tinha perdido? Minha vida que me parecera completa, uma esfera brilhante como a da lua cheia, havia se transformado num crescente indefinido, viajando incerto pelo céu da noite de minha existência.

Anzimee nada sabia da terrível realidade; tinha ficado chocada demais com o súbito ataque de insanidade da amiga. Ela devia continuar sem saber, se fosse possível, para não sofrer ainda mais. Fomos até nosso carro e voltamos para nossa casa: Menax solene, Anzimee em estado de choque, e eu tomado de selvagem remorso. Nossa casa? Nosso lar? Senti que a paz daquele lar não existia mais para mim! A vida tinha se tornado um deserto, habitado pelos fantasmas do desespero, da culpa e da tristeza; por sobre ele, um céu sem Lua; e cá embaixo uma indescritível paisagem de areia soprada para todos os lados por ventos indomáveis. Lolix partira para sempre, Anzimee nunca seria minha - isso eu sentia pelos murmúrios proféticos de minha alma. Diante de tudo isso, de cabeça baixa, sentei-me no meio do deserto de meus dias e deixei os fantasmas dançarem à minha volta, zombando de mim.

A A A

CAPITULO xxin

TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO

Estados mentais de emoção e intuição são as únicas coisas reais que existem. Jesus, embora Filho de Deus, e João e Paulo, foram Filhos da Solitude; Hegel, Berkeley, Sterling, Evans; todos os verdadeiros teosofistas e cristãos estão se tornando Filhos, e entram em harmonia com aqueles inimitáveis estudantes da natureza quando afirmam: "Só o Espírito é real; o resto é ilusão".

Se um homem se pensa doente, torna-se doente; se, por outro lado, mantém-se alegre nas mais adversas circunstâncias, não acha que o mundo está quase todo tomado pelas sombras -e isso é verdade. Tudo está em seu interior, pois o homem pode transformar o mundo num lugar de grande amargura para si mesmo, o mesmo mundo que é uma alegre canção para outros.

Por várias e dolorosas semanas vaguei sem rumo, com o peso da dor vergando minha alma; com uma sensação de entorpecido desespero que teria enlouquecido um temperamento menos equilibrado. Teria Lolix sentido assim, ainda que por pouco tempo? Eu sentia que ela tinha sentido pior, se é que tal coisa era possível e, nesse caso, que Deus tivesse piedade da bela e doce jovem que tanto sofrerá por minha causa! Pensei em suicídio, fui tentado a fugir pela porta dos fundos da vida; em muitas ocasiões acariciei o fio da faca que o superintendente de minas me havia dado em Incalia -quanto tempo atrás? Quatro anos. Quatro anos? Quatro séculos, diziam meus sentimentos. Eu ficava a tarde inteira parado ao lado do Maxin quando me via sozinho no templo. Ou eu só sonhava que o fazia? Sim, era um sonho que me vinha durante o sono torturado, pois ninguém podia entrar no Inca-lithlon (exceto o Incaliz) a não ser nos dias de culto ou quando haviam cerimônias especiais, ocasiões em que o templo ficava superlotado. Anzimee penetrava no meu deserto, às vezes, mas suas palavras, carícias e tentativas de me fazer sair da letargia eram inúteis. Todos os seus esforços eram como raios de luz incidindo nas águas escuras e sem lustro de certas poças às vezes encontradas na floresta. Deixado a sós com meu remorso, pois as tentativas inúteis de meus amigos pareciam produzir mais mal do que bem

e por isso eles tinham desistido, tomei meu vailx particular e, para cortar qualquer comunicação com o mundo, tirei o naim que nele havia. Sem avisar a pessoa alguma sobre minhas intenções, levantei vôo durante a noite. Andei a esmo pelos domínios do ar, subindo tão alto em certas ocasiões que me parecia estar em quase total escuridão, lá de onde podia ver o Anel Neftiano e onde nem mesmo os geradores de ar e os aparelhos de aquecimento conseguiam manter o ar suficientemente denso e quente para tornar suportável minha miserável vida. Ou então, sempre sozinho e igualmente buscando o escuro, fazia meu vailx mergulhar nas profundezas do mar onde peixes fosforescentes teriam confundido minha nave com um irmão maior, se eu tivesse me dado ao trabalho de acender as luzes. Mas minha alma estava em trevas, e de que valia iluminar o vailx se tendo olhos para ver eu não vira? Tão aguda e amarga era a horrível angústia de minha alma que finalmente o barro de meu corpo perdeu seu poder sobre mim e eu me elevei acima do tempo e da terra, permanecendo naquele estado por um período aparentemente interminável. Nenhuma luz parecia existir na terrível escuridão, nem qualquer calor; só as trevas da morte, o frio da tumba. Ninguém cruzando o meu caminho, nenhum som além de gemidos abafados e sem sentido. Mas afinal línguas de fogo passaram diante de meus olhos e depois se foram, deixando as trevas mais espessas do que antes. Silvos horríveis, como de serpentes gigantescas, assaltaram meus ouvidos e uma dor cruciante pareceu dissolver minha própria alma. Finalmente meus nervos não conseguiram mais reagir àquela torturante agonia e perdi toda sensação. A paralisia tomou conta de mim e exclamei: "É isto a morte?" Mas só o eco me respondeu. Os silvos tinham cessado e tudo estava silencioso. Finalmente fui tomado de um profundo medo daquela solidão, escura e fria, mas na qual, em algum lugar, eu podia distinguir uma pequenina luz, que parecia tornar a intensa escuridão ainda mais sufocante. Gritei alto, mas só ecos responderam. Gritei e gritei, tomando do mais intenso terror. Não ouvi o menor som de resposta naquele vasto negror, a não ser o de minha própria voz, refletida. A descoberta de que minha prisão era limitada surgiu depois que percebi que se passava um longo tempo entre meu grito e o seu retorno. Com isso senti que podia ir embora; levantei-me e saí daquele lugar como se tivesse asas, e voei mais rápido que o pensamento. Encontrei altas escarpas nas trevas e de vez em quando vislumbrava um pico à luz mortiça de uma cratera em chamas, mas não encontrei criatura alguma. Eu estava num universo de solidão. Sozinho, ah, tão sozinho! O horrendo desespero que então me engolfou me fez gritar de dor, uma dor mais que mortal.

Meus olhos estavam secos e a alma esmagada. O desespero foi tão insuportável que desejei muito perecer. Vão desejo! Foi então que lembrei que possuía um corpo terreno e que encontrá-lo, apenas vê-lo, seria um alívio. Voei como um raio até ele, para encontrá-lo frio e sem vida, a não ser por um pequenino ponto de luz magnética no plexo do coração e outro na *medulla oblongata*. Mas ao seu lado, O Incal! F. ncontrei Lolix chorando, rogando ao nosso Deus que. . . me revivesse. Ela parecia não notar minha presença, buscava-me naquele frio corpo de barro. Eu soube então que havia sido lembrado de meu Eu corpóreo por causa das súplicas da alma daquela mulher. Aquela súplica, aquela angústia, não pude mais suportar. Fui para o lado dela, toquei-a e ela me viu. Olhou longamente para mim, depois para o meu corpo. "Zailm, és tu? Meu amor, meu amor! Oh, abraça-me antes que eu caia!"

Ela se jogou contra meu peito e naquele instante meu corpo desapareceu junto com todas as outras coisas, menos o arenoso deserto onde tínhamos nos encontrado. . . Em seguida, diante de nosso olhar cheio de temeroso espanto surgiu um bebê, tão pequeno que parecia ter acabado de nascer. Contudo foi capaz de chegar até nós e podia chorar, e seu choro feriu nossos ouvidos como gritos de mortal agonia! Estava pingando sangue e seus olhos eram os de uma criança morta. Com um grito de angústia Lolix falou:

"Ó Incal, meu Deus, meu Deus! Já não sofri que chegue, para que meu bebê morto, assassinado, venha destruir minha alma! Zailm! Zailm! E nossa filhinha, a criança que matei antes de nascer, por tua causa!"

Meu coração pareceu parar e fiquei imobilizado, olhando para a criança que estendia as mãos cobertas com o sangue de seu nascimento frustrado e levantou os olhos vítreos para mim! Abaixei-me e tomei-a nos braços, abraçando-a, tentando aquecer seu pobre e gelado corpinho; e chorei, sim, finalmente derramei grandes lágrimas verdadeiras, porque eram derramadas por outrem. Com a voz embargada pela angústia eu disse: "Lolix, teu pecado recai em minha cabeça, porque pecaste por minha causa. Que Incal tenha misericórdia de mim!"

Naquele instante uma gloriosa radiância iluminou a cena e o Portador-da-Cruz surgiu ao nosso lado, vendo-nos abraçados, eu, Lolix e nossa criança. Aquele que eu tinha visto perto da fonte en-luarada, anos antes, ali estava. Em Seu peito brilhava uma Cruz de Fogo, um fogo que ondulava com viva Luz. Ele falou:

"Vejo que clamaste pelo Mais Elevado, pedindo misericórdia. Porque mostraste piedade pela criança, também a receberás. Vies-te a Mim e Eu te darei. . . descanso. Contudo, esse repouso que te dou não estará contigo até o dia em que a Grande Paz penetre em teu coração. Portanto, num dia distante, farás a triste colheita da desgraça e pagarás todo o teu débito. Quando novamente voltares, e ela contigo, e de novo estiverdes prontos para partir para o Navazzimin, então estareis para sempre livres da terra. Tendo recebido, portanto dareis. Aquele que leva outro a pecar, fez com que os passos desse outro e os seus próprios se desviem de Meu caminho. É necessário que o pecador me entregue seu coração e volte ao campo da dor, não num corpo de carne mas de espírito. Deverá encontrar suas vítimas e trabalhar com elas para que voltem do ponto em que as tenha colocado. Dessa forma, ele volta a colocar nas próprias costas o fardo que as fez colocar ali. Então carregará o fardo para elas até que, seguindo seus conselhos, suas almas tenham voltado para Mim. E eu tomarei esse seu fardo, essa sombra, e ela cessará, pois sou o Sol da Verdade. Pode a sombra existir à luz do Sol? Pode a sombra pousar sobre o Sol? Da mesma forma não há como pousar pecados sobre Mim nem me fezer carregar seu peso. A pequena alma levarei Comigo; tu a ofendeste e ela será uma pedra pendurada em teu pescoço, lançando-te no mar da dor terrena; entretanto escaparás, pois teu nome ainda está no Livro da Vida. Descansa agora! E tu, Minha filha, descansa também!"

Vi-me de volta ao meu corpo, incapaz de recordar o que se passara, mas muito fatigado. Adormeci. A natureza veio socorrer minha alma cansada e por vários dias tive febre que depois passou para o coma, do qual finalmente saí, fraco mas curado, embora continuasse a sonhar acordado. Sonhei que estava no Incalithlon de Caiphul.

"Oh, a agonia! Oh, o terrível preço do pecado!"

Mas finalmente voltei a Caiphul depois das muitas semanas em que estive perdido para meu povo; três meses, na verdade. Voltei para o meu lar. Quando cheguei ao palácio encontrei funcionários, senhoras e atendentes da corte, de quem tinha sido amigo e como tal fora por eles tratado. Mas agora me olhavam com o rosto sem expressão e não me cumprimentavam. Seria minha vida conhecida por todos? Não. Não era esse o motivo da indiferença das pessoas. Eu não estava sendo esperado, tinham me considerado morto. Durante os cem dias de minha ausência,

Menax e Anzimee tinham concluído que eu morrera, que talvez tivesse me suicidado. Seria melhor para mim se essa conclusão fosse a verdadeira em sua primeira parte.

Mas eu estava de volta, resolvido a ser franco e aberto em meu relacionamento com as pessoas que mais amava na terra. Eu confessaria minhas faltas e imploraria seu perdão. Mais uma vez era muito tarde! Menax, há muito sofrendo de um mal do coração, julgando-me morto por não ter voltado para Anzimee, não tinha suportado o choque que essa crença lhe causara. Disseram-me que tinha ido para Navazzimin fazia poucas semanas. Temi perguntar por Anzimee e ouvir alguma terrível notícia.

Em minha desgraça, vaguei pela cidade e logo me encontrei diante do grande templo. Uma pequena porta estava aberta e como não vi ninguém por ali, entrei, sem me importar com o fato de que só os Incali tinham permissão para entrar. Esperava encontrar um pouco de alívio no sagrado local. Parecia não haver ninguém lá dentro e continuei andando até chegar ao Ponto "Vital. Ali, esquecido de mim mesmo, olhei com reverência para a Luz Perene. Depois passei para o outro lado do cubo de quartzo e ali estava Lolix, parada e fria! Meu cérebro se agitou. Fui até ela e a encontrei tal como estava quando olhara pela última vez para seu querido corpo - pedra, só pedra! Quantos anos tinham se passado? Uma vida inteira cabe num dia, séculos se passam em poucas semanas. Lolix, Lolix, minha acusadora! Coloquei a mão em sua gélida forma e estremeci com o frio; curvei-me, olhei para os olhos que não podiam me ver e beijei os frios lábios que não podiam me retribuir.

"Contudo ela não falou, embora ele beijasse O silencioso rosto no costumeiro lugar"

Em sua mão estava um rolo de pergaminho vermelho! Tentei removê-lo e ler o que continha, se é que ali havia alguma coisa escrita. Havia, sim, e dizia o seguinte:

"Sendo esta estátua o registro de um desprezível crime, eu, Gwauxln, Rai de Poseid, proíbo sua remoção até segunda ordem. Que ela aqui permaneça, como silenciosa testemunha, diante do criminoso."

Com um estremecimento, recoloquei o pergaminho na pétreia mão e quase desmaiei ao ouvir o ruído seco que ele fez ao raspar

na pedra. Seria eu o criminoso? Não, não *aquele*, mas senti como se o fosse. Decidi voltar a Agacoe e pedir permissão ao Rai para retirar a estátua daquela que ele sabia que eu amara, mas não tivera a coragem de confessá-lo ao mundo. Sim, as circunstâncias a tinham tornado mais preciosa para Zailm do que a própria Anzi-mee. Quando me virei para sair dali e dirigir-me a Agacoe, espantei-me ao me ver diante do Rai Gwauxln, a me olhar pesarosamente. Espantei-me apenas, pois nada mais poderia aterrorizar-me. Antes que eu falasse, ele disse: "Sim, tens meu consentimento para removê-la".

Não me surpreendeu que ele lesse meu pensamento, embora me desse conta do fato. O que senti foi uma grande gratidão. Eu era forte e imediatamente me dispus a executar meu intento. Olhei longamente uma última vez para os olhos azuis, para o rosto dela, que quase pareceu sorrir quando dei um beijo soluçante em seus lábios. Então levantei-a do chão de granito. O pé que aparecia sob a barra de sua saia de pedra quebrou-se no tornozelo, logo acima das tiras da elegante sandália, quando ergui o corpo esguio que tinha se tornado tão pesado. Ergui-a mais e mais alto, até o topo do cubo do Maxin, e deixei que caísse na direção da Luz Perene.

"Beija-a e deixa-a; teu amor é barro."

Ao tocar a Luz-Maxin ela desapareceu instantaneamente, sem perturbar a luz mais do que a fuga das trevas quando o Sol da manhã ilumina os vales. Calma se manteve a Luz Perene, imutável como sempre. Ao virar as costas, vi o pequeno pé quebrado, onde brilhavam as safiras e diamantes que enfeitavam a sandália -um presente meu! Conseguí pegar aquele resto dela sem quebrá-lo ainda mais e, em vez de também entregá-lo ao Maxin, enrolei-o em meu manto, grato por ter aquela lembrança.

Não consegui reunir coragem suficiente para perguntar por An-zimee. Temia seu possível e merecido desdém. Eu a procuraria, descobriria se ela ainda estava viva ou se morrera como Menax. Se fosse este o caso, eu usaria a primeira oportunidade -o dia seguinte me favoreceria porque seria o início de um Incalon ou dia de culto geral -e voltaria ao templo onde banharia meu ser físico na imutável chama da Luz Perene.

Anzimee não morrera, nem fora informada de minha volta. Eu a encontrei e vi a sombra da dor em seus belos olhos cinzentos

que se arregalaram de espanto ao me verem. Então, com um grande soluço, ela caiu nos meus braços, perdendo a consciência. Pobre menina! Continuei abraçando-a, mantendo-a apertada contra meu coração e, enquanto beijava seus pálidos lábios, seus olhos enegrecidos por olheiras, suas laces abatidas, minhas lágrimas caíram em seu rosto como chuva, as primeiras lágrimas que meus olhos febris derramavam por força da grande agonia de minha alma. Finalmente ela voltou a si, mas só para cair doente, e sua enfermidade durou tão longo tempo que seu espírito puro quase abandonou a casca terrena. Só depois de várias semanas ela começou a melhorar. Quando já estava melhor, tendo voltado a agir com sua habitual discrição, mas já capaz de suportar o meu relato apesar de fraca, sentei-me no Xanatithlon, no mesmo lugar onde Menax e eu tínhamos sentado havia tanto tempo. Puxei a es-guia forma de Anzimee para o meu colo e, com meu braço à sua volta, contei-lhe a triste história de Lolix e da minha miserável fuga para escapar às tristes lembranças -inutilmente! Ninguém pode fugir de si mesmo. Fiz uma completa confissão e pedi o seu perdão. Por algum tempo ela nada disse, mas seu braço rodeou meu pescoço e ficamos estreitamente abraçados. Finalmente ela falou:

"Zailm, eu te perdôo, do fundo do coração! És apenas um mortal. Pecaste; não peques mais. Não me surpreende que tenhas amado aquela querida criatura."

Diante dessas palavras, peguei a lembrança de Lolix, que eu trouxera comigo apesar do peso, e entreguei-a a Anzimee sem nada dizer.

"Este é o pezinho dela? Ó Lolix! Eu também te amava! Zailm, quero guardar isto em memória de minha amiga."

Respondi: "Anzimee, minha esposa, pois serás minha mulher, tu me perdoaste, como teu tio, nosso Rai, me perdoou. Mas faltam alguns meses para que eu possa te desposar para sempre. Irei para Umaur, para uma parte desabitada, pois em Aixa com certeza há minerais e nos seus arenosos ermos encontrarei ouro. Não que eu precise de ouro, pois tenho milhões, tenho três milhões de teki e muitas outras riquezas; mas tudo que a terra ofereça será bom que Poseid tenha. Vou porque temo ficar em Caiphul e não conseguir sair do teu lado. Em Umaur poderei te ver, te ouvir, te amar, pois desta vez não removerei o naim, de modo que será como se eu estivesse aqui. Portanto beija-me, querida, pois após nossa carinhosa despedida partirei. Que Incal esteja contigo e Sua Paz te infunda!"

De Caiphul até a região da costa de Umaur mais próxima do local onde eu pretendia ir, eram duas mil milhas. A distância passou despercebida porque meus pensamentos estiveram com Anzimee até que chegássemos na parte onde os mapas de hoje colocam o grande deserto nitroso de Atacama. Era um deserto já naquele tempo. Examinando o subsolo próximo à base dos Andes, vimos que era suficientemente rico em ouro para justificar a instalação do gerador elétrico a água, o que eu e meus homens fizemos. O gerador era um instrumento contendo várias centenas de jardas quadradas de superfície metálica em placas, arranjadas em camadas dispostas como as guelras dos peixes, sendo o conjunto protegido por uma caixa de metal bem vedada. Uma corrente de ar entrava por um lado da caixa e tinha de atravessar cada polegada de ambos os lados das placas antes de tocar o outro lado. Como cada placa era mantida muito fria pelas forças de Navaz, o resultado era a rápida deposição de umidade da atmosfera. No caso o gerador era do tipo portátil e o fluxo de água condensada era de aproximadamente um litro por minuto, o bastante para permitir uma boa atividade de mineração, considerando-se a maneira econômica com que nossas máquinas usavam água.

Eu tinha trazido um cavalo de Poseid e, depois que as atividades de mineração foram organizadas e os homens começaram a trabalhar, mandei selar o animal e levando comigo uma maleta com localizadores de minerais - instrumentos leves operados por algo parecido com uma bateria (e portanto não pela energia do Lado-Noite) para determinar a localização de depósitos de minérios pelo princípio do electrômetro - saí para fazer a prospecção de minerais valiosos. Levei comigo um pequeno naim para manter a comunicação com o resto do mundo. Logo deixei o aparelho numa saliência protegida, com a intenção de pegá-lo de volta quando retornasse, pois não tinha ainda percorrido cinco milhas quando descobri que o instrumento estava inutilizado devido à perda de seu vibrador. Não sei onde poderia ter perdido essa peça essencial mas resolvi não voltar para procurá-la. Essa perda, embora me aborrecesse, representou um alívio para minha montaria, reduzindo o peso em várias libras, o que não era pouca coisa, considerando que eu estava levando também um rifle -diferente em princípio de qualquer arma moderna, pois sua energia propulsiva era a eletricidade - meus instrumentos de mineração, pacotes de nozes e tâmaras, o compasso polar, o aparelho fotográfico de bolso e um pequeno gerador, além dos apetrechos de dormir e o peso de meu próprio corpo.



%
H
a
pi
■
x
C
O
u

N
a
x)
o

té \hat{A}^{\wedge^X}

Percorri uma boa distância até a noite e ao entardecer do dia seguinte me encontrava a mais de cem milhas do acampamento. Quando o Sol começou a se pôr, eu estava cavalgando pelo leito de uma profunda ravina. A pouca distância dali vi o que me pareceu ser a entrada de uma pequena caverna que me serviria muito bem para passar a noite abrigado. Meu cavalo era bem treinado e ficaria por perto do lugar onde eu o deixasse, pronto para obedecer meu assobio quando eu o chamassem. Desmontei e entrei na caverna. Parecia um longo túnel; sem inspecioná-lo, voltei até minha montaria e retirei a sela e a comida. O cavalo se alimentaria com o abundante capim que por ali crescia. Também coloquei meus instrumentos embaixo da sela e, pegando meu rifle elétrico, estava a ponto de voltar à caverna para investigá-la quando meu cavalo reclamou por água. Como a ravina era um riacho seco, providenciei água para ele e para mim. A ravina era formada por um leito de rocha lisa como cimento, com numerosas depressões do tamanho de baldes. Ao lado de uma delas coloquei o gerador e logo a cavidade estava cheia de água fria e refrescante. Deixei o sedento animal beber, e eu mesmo matei a sede tomando o precioso líquido diretamente da saída do gerador. Como me pareceu gostoso! Deixei o gerador com a água ainda correndo ao lado da depressão, sem imaginar o quanto precisaria dele muito breve, sem poder usá-lo.

Verifiquei que o piso da caverna era da mesma pedra da ravina. Eu sabia que não era do tipo de rocha que contém minérios, mas fiquei curioso e resolvi ir até o fim do túnel. Trazia no bolso uma pequena lanterna que acendi para iluminar o caminho, que foi ficando escuro com a distância. Andei cerca de meia milha pelo túnel que ia se alargando e então parei, tomado de surpresa. Em toda aquela região não tinha visto um só sinal de presença humana, recente ou antiga, até aquele momento. Diante de mim, apenas parcialmente visível, estava uma casa de que eu via parte de duas paredes de basalto. Com a surpresa dei xe o lúmen cair; este se quebrou e a luz se extinguiu, mas não estava totalmente escuro, pois um pouco da luz do dia se filtrava de algum lugar.

Fiquei por um bom tempo naquela obscura caverna, contemplando a casa arruinada. De onde tinham vindo seus construtores e em qual esquecida era? Para onde tinham ido? Seria aquela uma construção solitária, ou haveria outras escondidas pelas areias da planície próxima? Minhas conjecturas foram variadas e curiosas, pois nos anais de Poseid, que cobriam dezenas de séculos com registros muito concisos, não havia qualquer menção a povos civi-

lizados ou selvagens que tivessem habitado aquela "Terra de Ninguém". A única conclusão razoável foi a de que eu estava vendo uma relíquia de um povo tão antigo que fora anterior aos anais de Poseid que abrangiam quarenta séculos. Finalmente me dirigi até a parte mais larga da caverna, para examinar melhor aquele remanescente do obscuro passado, esquecido até mesmo por Poseid. Do lado da construção mais próximo de mim havia uma entrada feita nos blocos de basalto finamente alisados que formavam a parede. Havia ali uma porta parcialmente aberta, aparentemente formada por uma única placa de basalto com umas seis polegadas de espessura. Impelido pela curiosidade, entrei no interior, o que foi fácil de fazer sem mexer na porta havia tanto tempo na mesma posição. Minha razão detestava admitir que mesmo uma estrutura de pedra pudesse ter resistido tão longamente aos efeitos do tempo; mas era a única explicação possível no momento e por isso deixei as conjecturas de lado.

Verifiquei que as três dimensões do interior eram aparentemente iguais, com uns dezesseis pés em cada direção. A única entrada era aquela pela qual eu tinha vindo. A não ser por duas aberturas paralelas no teto, formadas pela colocação de duas lajes menores em cada lado da abertura, não havia nenhuma outra interrupção na sólida construção. O piso, coberto por uma fina camada de areia, era de granito, com as juntas tão perfeitas quanto as da parede - nem uma folha de papel poderia ser inserida entre as lajes. Encostei-me na parede perto da porta a ponto de poder tocá-la sem mudar de lugar, pousando o olhar no teto com suas aberturas em forma de barras e me entreguei a uma reflexão. Como parecia triste e frio aquele recinto solitário, relíquia de um tempo remoto, esquecido até mesmo por uma raça tão antiga quanto a nossa! A solidez da construção, sua severa simplicidade, tudo isso me trouxe à mente as descrições das prisões da Poseid anterior ao Maxin. Seria aquele um exemplo solitário da capacidade de seus construtores, ou parte de uma cidade enterrada? Como que aquela edificação estava livre de areia em seu interior, era fácil de perceber. As águas pluviais tinham se filtrado pelo solo fino acima e corrido pela ravina que dava acesso à caverna. Uma parte do fluxo tinha escorrido para fora, expondo dois lados do canto da casa; o restante da água, correndo pelo teto plano, tinha entrado pelas aberturas e carregado a areia para fora, pela porta aberta.

Satisfeito com meu raciocínio, pensei em voltar para o ar livre e para o meu cavalo. Mas a curiosidade me levou a tentar mover

a pesada porta, se minha força permitisse. Esperando ter de usar bastante esforço, empurrei-a. No meu exame superficial da porta, não tinha visto nenhum tipo de fechadura, nem imaginei que houvesse. Na realidade, não havia necessidade de força, pois a porta se moveu tão depressa que perdi o equilíbrio e caí contra a parede batendo a cabeça e perdendo a consciência. Quando voltei a mim, a porta estava fechada e travada. Ao inspecioná-la sem grandes cuidados, não tinha visto que era feita de duas placas de pedra separadas por um segmento de uma terceira placa, formando um espaço vazio entre as duas superfícies. Naquele espaço estava oculto um conjunto de trincos e barras de ferro que funcionavam pelo princípio da gravidade e que soltavam os trincos quando a porta se fechava. As quatro travas se encaixavam nos recessos da parede e a porta ficava totalmente trancada.

Tendo uma disposição calma, graças ao meu conhecimento científico, a descoberta de que estava preso não me perturbou demais. Em vez disso, procurei uma maneira de retirar as travas, mas não encontrei a solução. E pensei desolado que não tinha nenhuma ferramenta que pudesse me ajudar a sair da escura prisão. Sentei no chão para pensar. Quanto mais ponderava, mais assustadora a situação me parecia. Primeiro, ninguém sabia onde eu estava. Como eu não tinha um naim, minha localização não podia ser determinada a não ser pela procura física; isto seria impossível, porque eu tinha seguido os leitos dos rios que eram principalmente de pedra nua. Não sentiriam minha falta a não ser dali a uns três dias, pois eu dissera que ficaria seis dias fora e já viajava fazia três. Não, não havia como escapar; e então comprehendi o quanto eram verdadeiras as palavras do Rai Ernon de Suern, ao dizer que a vida dos poseidanos dependia das criações de seu conhecimento da física natural.

A comida que eu tinha trazido estava tão fora de alcance quanto as estrelas. Possivelmente procurariam por mim e encontrariam meu cavalo. Mas não, ele não conseguiria permanecer sozinho naqueles ermos; talvez voltasse ao vaifx, sem deixar pistas sobre o local de minha prisão, visto que voltaria como viera, por caminhos de rocha. A fome me fez lembrar que eu não tinha nada para me alimentar, nem mesmo água para beber. Eu ainda tinha esperança, pois não era Incal meu Pai protetor? Como era vã aquela esperança! Deus, Incal, Brahma, chame-se como se quiser o Espírito Eterno - verdadeiramente Ele satisfaz as necessidades de Seus filhos, mas as necessidades que para esses filhos parecem imprescindíveis nem sempre são assim julgadas pelo Eterno. Ele

opera através de Seus filhos, sejam humanos ou anjos, tornando cada um dependente dos demais; e assim homens ou anjos podem se ajudar mutuamente, ou receber o auxílio de um irmão animal. Deus vê um marinheiro que se afoga, mas a menos que um seu irmão venha salvá-lo, ele pode perecer fisicamente. Deus ameniza o vento para a ovelha tosquiada, mas geralmente porque o interesse ou talvez uma emoção mais elevada, como a piedade, surge na mente do homem que contempla seu desconforto. Sim, é só pelo caráter, implantado por Nosso Pai nas almas de Seus filhos, que Ele auxilia ou salva. E isto é uma verdade quase completa: o corpo físico deve pedir com a ação muscular, se quer uma resposta em forma física; a mente deve pedir por processos mentais e a resposta será na forma de resultados mentais, enquanto o Espírito deve pedir através de sua natureza espiritual, para receber os valores que não são perceptíveis à mente natural. Mas se a mente pedir constantemente e o corpo não agir, os resultados não serão voltados para o corpo, a menos que um irmão ajude. E quando o Espírito ora, mas a mente não, o conhecimento não vem ao cérebro. Como deve a mente orar? Ficando em harmonia com o Espírito. E como obter essa harmonia? Pelo controle da vontade sobre o corpo animal, para que este não infrinja as leis da totalidade que é saúde.

Fiquei sentado na casa da caverna e orei a Incal com toda a minha mente mas, como não podia fazê-lo com os músculos, nenhum alívio podia ser dado ao meu corpo; nem alimento, nem água. No plano mental, eu poderia influenciar o Rai Gwauxln para que compreendesse minha dificuldade, o que seria clarividência; mas isso não seria possível, pois o inimigo que havia despertado minha curiosidade para me arruinar interceptaria todas essas mensagens; além disso eu ignorava o método apropriado. Só por mero acaso Gwauxln seria influenciado por minha tensão mental não dirigida por meu conhecimento. Não sabendo como utilizar esses poderes, afastei qualquer possibilidade de escapar dessa forma. Mas podia orar a Incal. Então me ajoelhei no chão cruelmente frio e me preparei para invocar Seu auxílio. Quando pronunciei Seu nome ouvi uma risada musical, embora zombeteira, um som que me atingiu com o terror que todo homem e mulher já conheceu quando, em seu tempo de criança ou mais tarde, sentiu arrepios gelados ao ouvir uma história de horror contada ao lado da lareira, enquanto o Rei das Borrascas sacudia as próprias fundações da casa onde se encontrava.

Voltando-me e ficando de pé, vi o Incaliz do Grande Templo de Caiphul.

"Por que estremeceste ao me ver, como se eu fosse um demônio?"

Só uma resposta poderia ser dada a essa pergunta, a de que o meu susto fora causado porvê-lo daquela forma, pois eu não estava acostumado a ver pessoas aparecerem como fantasmas, ainda que não parecessem vir do outro mundo.

Senti grande alegria com a presença dele, pois acreditei que In-cal tinha respondido minha petição antes que eu a expressasse, enviando Mainin em meu socorro. No entanto eu continuava tomado por aquele inexprimível temor, o mesmo medo que me tomara quando ele aparecera. Compreendi que o fato não proviera de seu método de entrar em minha prisão, pois eu sabia que, sendo Filho da Solitude, ele tinha o poder de se afastar do corpo grosseiro como alguém que despissem a capa, e de se projetar para onde desejasse. Eu sabia, olhando para ele, que seu eu físico estava em transe a muitos milhares de milhas de distância, em Poseid. Eu não tinha o poder de me projetar, senão teria sido fácil avisar Gwauxln do perigo em que me encontrava; pelo menos foi o que pensei, desconhecendo a interferência de Mainin. Mas, se Incal envira o Incaliz até minha presença, então estava tudo bem.

O sacerdote com certeza leu meus pensamentos, pois disse que tinha tomado consciência de minha desagradável situação por intermédio de Incal e tinha vindo me ajudar a sair dali. Entretanto, ele teria de me deixar por algum tempo até poder conseguir ajuda, despachando um vailx de Caiphul. Não ia demorar e eu devia manter o ânimo. Com isso ele desapareceu como viera e eu fiquei outra vez sozinho aguardando sua volta, com uma ansiedade febril impossível de traduzir com palavras. As horas se estenderam a dias, três dias, e ele não voltava, nem chegava qualquer socorro de Caiphul. As mordidas da fome, embora terríveis, nada eram em comparação com minha sede. Mais uma vez a luz do dia deixou de filtrar-se pela abertura do teto. Eu tinha escoriado os dedos tentando destravar o fecho da porta; tinha dado pancadas em cada polegada das paredes para descobrir se não havia uma mola secreta que movesse alguma coisa naquela prisão. O destino não tinha essa graça para me oferecer. Sete vezes a luz tinha ido embora, marcando sete noites desde a visita de Mainin.

Várias vezes a tortura da fome e da sede me fizeram delirar loucamente, com intervalos lúcidos. Num desses momentos de lucidez e relativa calma, eu estava deitado no chão de granito, suplicando fracamente pelo auxílio de Incal, quando ouvi a mesma

risada baixa que havia anunciado a primeira visita de Mainin. O som me deu um pouco de energia e consegui me sentar. Eu teria amaldiçoado o Incaliz pela demora que tinha significado muito sofrimento para mim, se não estivesse com medo de que ele ficasse irado e me abandonasse ali para morrer. Eu não sentia mais a reverência de antes, pois já me convencera de que ele não era o que os homens pensavam. E portanto eu o teria amaldiçoado por sentir interiormente que, por mais elevado que fosse seu conhecimento esotérico e ele fosse reconhecido como um Filho da Solitude, tinha o coração negro e era uma abominação aos olhos de In-cal, e por ele os Filhos da Solitude tinham sido iludidos. Se eu não o dissesse frente a frente, foi por causa da esperança cada vez mais fraca de que ele poderia ser induzido a me ajudar a sair dali.

Ele tinha voltado diferente. Quando falou, suas primeiras palavras foram de zombaria por meus apelos ao grande Pai da Vida.

"Ha! De muito te valerá clamar por Incal ou outro salvador. . . Deus! Não existe Deus (Salmos lxii.1). Bah! Como são cegos os homens para orar a ideais vazios como esse que chamam "Deus"! Os homens de Poseid dizem que Incal é Deus; os homens de Suer-nis dizem que é Yeovah, e os de Necropan que é Osíris. Que loucura insensata!"

Diante disso sentei-me mais ereto e olhei para ele por um momento, antes de perguntar se ele não tinha medo de blasfemar contra Incal e negar seu Criador.

"Pensas, Zailm, filho de Menax, que eu agiria como ajo se pensasse que Deus existe? Será novidade -será novidade para ti que eu deseje causar a ruína daquela que se chama Anzimee - que eu tenha vindo de uma vida anterior na terra - ah, de muitas vidas - cheio de ódio por ela que sempre me denunciou às leis dos homens? Agora ela não poderá fazê-lo, pois não encontrei isso escrito no Livro do Destino e portanto não está lá, ou perdi meu poder de ler o destino, o que não acho provável. Mas eu, através de ti, arrancarei seu coração, para que ela se contorça de angústia no fundo da alma! O que Anzimee me fez? Não como Anzimee mas como mulher poderosa e vidente que ela foi antes. Eu a per-sigo para me vingar. Para rasgar seu coração provoquei a morte de Menax, contra quem não tinha nenhuma querela pessoal; quase fiz o mesmo contigo, contudo nada tenho contra ti. Foi esse desejo de vingança que me fez despertar tua curiosidade para que aqui encontrasses a morte. Esperei evitar a confissão do teu pe-



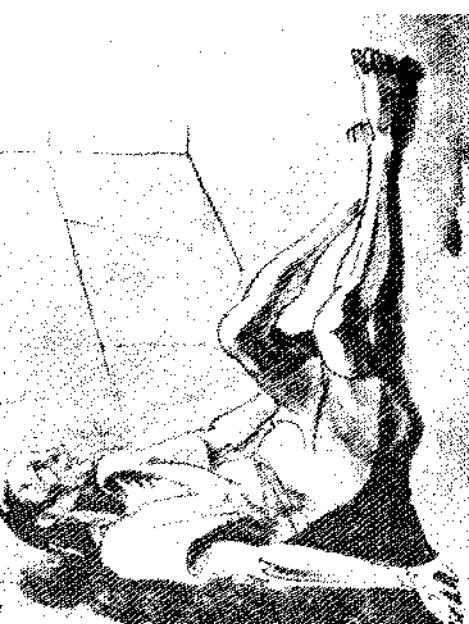
*gSf***- »v:"*

m.

'miam..

Vi
o
a
o
Vi

JQ
Λ



cado com Lolix a Anzimee. Depois que tivesses morrido e teu corpo fosse encontrado por mim, eu teria conseguido uma desgraça maior para ela denunciando publicamente a tua iniquidade, já que tinha todas as provas em meu poder. Mas não fiquei preocupado demais-, tua morte provocará uma tortura bem maior. Foi para esse propósito que também Lolix foi induzida a fazer o que fez, o que ambos fizestes, pois planejei com antecedência, há muito tempo, visto que tenho o dom de desvendar o futuro. Por meu plano o Rai será humilhado e, ao fim de tudo, aquela que é objeto de meu mais profundo ódio não mais distinguira o bem do mal, e seu nome será motivo de zombaria na boca do povo. E tão doce a vingança; tão doce, Zailm!"

Mesmo que um corpo real estivesse à minha frente para ser atacado, meu horror e minha fraqueza impediriam que eu fizesse outra coisa além de ficar sentado, olhando para Mainin em silencioso desamparo.

"Estás chocado com minha iniquidade? Estou velho demais para temer um fracasso e estou além do alcance das leis do homem, finalmente. Nenhum homem nem todos os homens da terra poderiam me privar de uma vida de liberdade. Há muito descobri o segredo que prolonga a vida para três vezes a sua duração normal; é um segredo do mais profundo Lado-Noite da Natureza. Chegará o dia em que todos os poseidianos conhecerão esses segredos. Mas será um dia triste, alegra-me dizer! Eu já era velho, muito velho, quando Gwauxln me considerava um menino como ele; o mesmo pensaram os Filhos da Solitude, pois eu tinha muita astúcia em me ocultar. Eles ainda pensam o mesmo. Eu . . sim, eu te direi, pois já és praticamente um morto. Trabalho há três séculos neste mesmo corpo. Não te disse que eu era velho? Fiz oposição ao bem feito por Ernon de Suern e por isso ele morreu, por causa do desespero de seu coração. Ajo para que, se possível, sequem todas as esperanças dos seres humanos, para desviá-los da senda do infinito para a do demônio, da morte e da destruição. Ernon lutou pela exaltação da humanidade, eu por sua queda; entramos em conflito e eu venci. E como ele não percebeu meu jogo? Porque sempre agi nas trevas, mantive a discrição e consegui o domínio das hostes do mal que não são humanas, nunca foram e nunca serão. E contra os obreiros das sombras nenhum Filho da Solitude pode prevalecer, pois ambos trabalham com a natureza animal do homem que, não tendo luz para guiá-la, aceita a primeira ajuda que lhe é oferecida, favorecendo assim os Obreiros das Trevas. Mas agora basta. Eu não te contaria essas coisas para

que não tivesses algum poder sobre mim -sobre MIM, compreenda -isso se estivesse vivo e não praticamente morto. Pensas ainda que eu posso crer num Deus? Bah! Se Deus existe, não o temo; Ele que me castigue!"*

Nesse momento uma gloriosa, maravilhosa e extraordinária visão apareceu. A noite tinha descido enquanto Mainin se confessava, vangloriando-se de seus ignóbeis crimes, desafiando Incal a puni-lo, se é que existia. Na total escuridão da prisão, que era física e não podia velar a forma de Mainin, apareceu a visão que instilou o terror em nossos corações; um terror diferente para cada um de nós dois. Uma forma humana mas que não era da terra, envolvida por uma cegante luz branca, estava diante de nós. Era esse Incal? Tinha Ele aceito o louco desafio do sa-cerdote criminoso? Em Suas feições havia uma expressão tranquila mas extremamente severa, embora não demonstrasse ira ou qualquer outra emoção humana. Por um instante os extraordinários olhos pousaram em mim e depois se voltaram para Mainin. E então ele falou com voz calma, melodiosa, e minha dor me abandonou, embora suas palavras estivessem carregadas de tremenda força:

*"Sentir A perfeita
calma sobre a agonia poustar"*

A voz era igual à minha concepção da voz de Incal quando disse:

"Ó Mainin, não enumerarei teus crimes pois os conheces todos. Foste companheiro dos Filhos que te ensinaram tudo o que sabiam, e de Mim aprendeste o que eles não podiam te ensinar, oh, faz muitos séculos. Eu sabia que tua inclinação era para o mal, porém não interferi, pois és meu próprio mestre, como todos os homens o são; mas poucos dentre eles são fiéis! Contudo, a altitude de tua sabedoria, prostituída ao egoísmo, ao pecado, ao crime, mais completamente do que qualquer outro homem teria ousado, será a tua destruição. Teu nome significa "Luz" e grande foi teu brilho; mas escolhestes ser uma luz flutuando sobre as águas, atraindo para a morte todos os que te seguissem, e esses têm sido miríades. Blasfemaste contra Deus e zombaste em tua alma, clamando "Que Ele me castigue!", mas teu dia ainda não era chegado. Isso te fez mais ousado e continuarias agindo da mesma forma, ainda agora. Mas eis que Anzimee não será ferida

* Nota: "E o tolo disse cm seu coração: Não há Deus algum."

por ti, pois é servidora do Cristo, é minha filha no serviço. Fizeste por merecer tua pena e, porque conscientemente me desafias-te, ela te será aplicada neste momento! Quisera que pudesse ser evitado. Mas o teu é um entre uma miríade de casos, mais horrendo porque és conheededor, não um ignorante. Entretanto és um ego, um raio de meu Pai que não emite mais luz, só trevas; por isso te banirei por um tempo, para não mais destruires minhas ovelhas e para que não fique sem expiação o mal que fizeste. Seria melhor para ti se deixasses de existir, mas isso não pode ser com um ego. Só posso te suspender como entidade humana e te lançar nas trevas exteriores para servir como um dos poderes da natureza. Afasta-te!

O Sumo Sacerdote estivera até então imóvel, a própria imagem do terror, postado além do pensamento de fuga, que seria impossível, pois o Juiz era o Homem, mais do que o Homem finito - era O HOMEM INFINITO, o próprio CRISTO.

Mas quando o Filho da Luz se calou, Mainin emitiu um uivo, misto de terror e desafio. Ao ouvir esse som o Cristo estendeu o braço e imediatamente Mainin foi envolvido por uma brilhante chama que, ao se apagar, revelou o desaparecimento do Sacerdote Demoníaco.

Mainin tinha pecado, pervertendo sua nobre sabedoria por usá-la para o mal e plantando as sementes do pecado no coração de seus ingênuos irmãos da humanidade. Ele havia semeado e Suern devia colher e, através de Suern, todo o mundo. Devido a essa se-meadura ele foi arrancado do Livro da Vida por uma maldição do Filho do Homem.

Mesmo os que só conhecem o aspecto material da natureza não devem ter dificuldade em compreender a destruição da vida de um homem cujo corpo físico estava na distante Caiphul, se considerarem que o envoltório terreno não é mais essencial ao homem real do que o casulo para a borboleta, embora em ambos os casos essas coisas sejam essenciais para vida física.

Aterrorizado pela inominável visão daquele fogo destruidor, prostrei-me no solo. Mas o Cristo me ordenou que levantasse e disse:

"É este o destino do homem integralmente egoísta. Não temas por tua própria segurança, pois não te destruirei com o fogo; e não cultues a mim, mas ao Pai que me enviou. Alcancei a per-

feição do Sétimo Princípio e sou o Homem, também Filho do Homem, contudo mais que qualquer homem, pois estou no Pai e o Pai está em mim. Mas todos os homens que queiram podem seguir-me e por mim entrar no Reino, Pois não somos todos filhos do Uno, nosso Pai? Eu sou Ele, o *Cristo*; aquilo que sou, o Espírito de todo homem é. A punição aplicada a Mainin não foi uma aniquilação, pois isto não é possível; também não foi a morte que é transição, e sim a morte de quem não vive mais como vida humana, mas é banido por um tempo para as trevas exteriores do reino do mal. Eis que falo e, tendo ouvidos, não ouves nem comprehendes. Mas teus ouvidos se abrirão e terás o conhecimento e liderarás meu povo. Eis que o liderarás num dia ainda remoto. No presente, não irás mais viver na Atlântida, nem verás Anzimee até que ela tenha partido duas vezes da Terra e voltado, e tenha o nome de Phyris. Eu disse que essas coisas aconteceriam, profetizei-as na cidade chamada Caiphul, porém me ouviste e não acre-ditaste. Mas agora acreditarás, pois digo grandes palavras de DEUS -e o mundo é Dele. Contudo o homem não me conhece ainda, mas num dia distante eu voltarei; sim, habitarei entre os homens como uma perfeita alma humana e farei daquele Homem o primeiro fruto dos que dormem o sono que é mudança, de modo que através de mim ele será exaltado acima da Morte. Mas os homens o acordarão e zombarão de mim, sendo descrentes, e me crucificarão; contudo eu, que terei me tornado Jesus o *Cristo*, não serei tocado, apenas minha casa terrena. E eles serão perdoados, pois não saberão o que estarão fazendo (São Mateus, XXI.23).

"Contigo deixo a minha paz. E agora, dorme!"

A A A

CAPITULO XXIV

DEVACHAN

Obediente ao comando, adormeci. Quando acordei ainda me encontrava na prisão, mas todo o sofrimento, todas as torturas da fome e da sede que eu havia suportado tinham desaparecido. Nada me parecia estranho, nem mesmo quando me levantei e vi atrás de mim, como uma concha vazia, meu pobre envoltório de barro, que tanto tinha penado nas garras da inanição. Tudo parecia natural como nos sonhos mais vividos. Pensei em Anzimee e me perguntei se ela também se sentia feliz como eu naquele momento. Desejei que assim fosse. Depois lembrei as palavras Daquele que Se chamara Filho do Homem e imaginei que espécie de homem seria. Em sua maior parte, suas palavras não tinham sido compreendidas por mim, mas depreendi delas que eu estava morto e que Anzimee não me veria mais, a não ser depois do que vagamente parecia uma eternidade; mas então ela não seria Anzimee nem eu me chamaria Zailm. Contudo, não senti tristeza por essa longa separação. E naquele tempo esse Filho do Homem teria retornado ao mundo e deixado uma obra a ser realizada por Seus irmãos, filhos do PAI, que assim fazendo O estariam seguindo e se tornariam como Ele, até serem libertos do tempo e da terra e possuírem todas as coisas, a vida e a morte. Compreendendo apenas de forma vaga estas coisas, eu não as assimilara perfeitamente, pois minha mente natural não era capaz de apreender seu significado espiritual.

Isso, então, era o Navazzimin e eu estava morto no entendimento dos homens. Era muito diferente dos conceitos que me tinham sido ensinados pelos sacerdotes de Incal, porque aparentemente não diferia muito da vida terrena, pelo que eu estava vivenciando. Talvez o fosse se eu passasse pela Luz do Maxin. Fazê-lo não seria suicídio, já que eu estava morto. Não, seria uma purgação da carnalidade que possivelmente tinha me impedido de encontrar o real Navazzimin, aquele que me tinha sido ensinado. Anzimee e os outros entes queridos viriam até ali um dia para nos revermos e reconhecermos? Oh! Seria assim! Teria de ser assim!

Mergulhado nessas reflexões, andei até a porta, esquecido de que as trancas tinham impedido minha saída anteriormente. Só quando se abriu ao meu toque foi que lembrei que ela tinha desafiado todos os meus esforços. Saí agilmente e andei pelo túnel até chegar ao ar livre e encontrar minha sela e -sim -meu cavalo, aquele fiel animal! Ele estava comendo capim, tendo evidentemente ficado por perto da água obtida pelo gerador. Deveria eu abandoná-lo? Não se houvesse um meio de evitar isso! Eu estava livre, enfim! Olhei em volta, para a paisagem árida sob o céu aberto, com seus monumentos de argila gasta pela erosão, cobertos de plumas de paina. Como faziam meneios graciosos ao vento, parecendo dizer: "Livre, livre!"

Fui até onde estava o cavalo, esquecendo que, estando morto, não precisaria daquele meio de transporte. Mas ele pareceu não me ver nem perceber minha presença. Eu estava acostumado a vencer dificuldades, mas não sabia como agir naquela circunstância. Sentei e fiquei observando o belo animal. Quanto mais eu olhava mais perplexo ficava. Finalmente fiquei de pé e, com certa exasperação, comecei a falar com ele. Nada! Claro que não! Quanto mais eu falava, mais contente o cavalo parecia ficar, como se sentisse que eu estava perto e isso o alegrasse. Finalmente me afastei, decidindo deixá-lo naquele lugar, já que não conseguia comunicar-me com ele. Isso causou um efeito imediato! Quanto mais eu me afastava mais nervoso ele ficava, até que levantou a cabeça e relinchou com força. Uma, duas, três vezes, e então veio galopando loucamente atrás de mim! Quando chegou perto se acalmou e quando voltei a caminhar rapidamente ele me seguiu. Ele podia sentir minha presença embora não pudesse me ver ou me ouvir. Minha mente estava totalmente ocupada em levar o fiel animal de volta ao acampamento. Não sentindo cansaço, nem fome, nem sede, nem qualquer sensação da vida física, adentrei o acampamento com o cavalo me seguindo todo contente! Quando chegamos lá, vi que o vailx estava pousado, mas só havia ali dois homens; os outros tinham saído à minha procura, visto que eu não regressara, por obra de Mainin. Esses dois homens, assim como o cavalo, não podiam me ver nem sentir minha proximidade. Todos os meus esforços foram em vão e, embora eu ficasse ali dois dias, até que a busca terminasse e os homens tivessem voltado ao vailx para pedir novas ordens a Caiphul, continuava sem poder comunicar os fatos. Um dos homens ainda estava fora e, quando voltou, falei com ele. Embora não pudesse me ver, minha presença o afetou profundamente. Falei muitas e muitas vezes, até que finalmente ele se sentou todo trêmulo ao lado de minha me-

sa no salão do vailx. Havia papel e pena ali e eu disse ao homem: "pegue a pena". Para minha não total surpresa ele a pegou e pareceu cair em sono profundo enquanto escrevia o seguinte: "pegue a pena". Uma idéia me ocorreu e pronunciei palavras sem nexo que ele escreveu no papel exatamente como eu as tinha enunciado. Isso me animou a ditar o que se segue: "sou eu, Zailm, quem diz estas coisas: estou morto. Volta para casa, para Cai-phul". Sobre meu corpo e o local onde se encontrava eu nada filiei, concluindo que o mesmo estava adequadamente enterrado. Mas o que ditei foi escrito; não que o médium ouvisse o que eu dizia mas porque naqueles momentos eu estava controlando a inteligência de seu corpo. Os outros viram a mensagem e a esconderam e, quando o homem saiu do transe, perguntaram o que ele tinha escrito. Ele negou que tivesse escrito alguma coisa. Isso pareceu satisfazê-los, já que o homem obviamente estava sendo honesto em sua negativa. Eles decidiram trazer o equipamento e os animais para o vailx e prepararam-se para partir. Isso me deixou satisfeito e não pensei mais neles, pois meu único desejo era voltar para casa. Refleti que tinha deixado o empecilho da carne na casa da caverna, de modo que deveria poder ir para onde quisesse, como fizera Mainin. Resolvi tentar e disse para mim mesmo: "quero ir para casa, para o Agacoe onde está o Rai, que poderá me ver e ser informado a respeito de todos os detalhes deste assunto".

Com esse pensamento, tudo mudou e me encontrei no palácio de Agacoe. Entretanto, nem Gwauxln nem Anzimee, que também se encontrava lá, pareciam notar minha presença. Acontecia o mesmo que com o homem do vailx. Que coisa era essa chamada morte, essa barreira? Seria ela realmente o umbral separando duas condições, tornando impossível a comunicação entre elas, sendo inútil tentar do lado onde eu estava como o seria do outro? Eu tinha pensado que Gwauxln seria capaz de atravessar essa barreira. Mas infelizmente eu me via tão impossibilitado de ser reconhecido por ele como o estivera com os outros. Eu sabia que ele podia ver as pessoas que se separavam de seus invólucros exteriores para poderem se transportar, como Mainin tinha feito, e que depois os retomavam à vontade; por que então Gwauxln não me via? Talvez a morte significasse algo mais do que deixar o corpo para trás. Por muito tempo permaneci naquele lugar, pensando nessa coisa chamada morte. Depois, estando eu ao lado de Gwauxln, já tendo desistido de tentar fazê-lo tomar conhecimento de minha presença, uma forma humana entrou no recinto. Forma? Parecia tão real quanto qualquer um dos cortesãos que estavam sentados junto ao arco do portal de entrada. Nenhum deles

pareceu perceber o recém-chegado; a não ser o Rai e eu, ninguém o viu. Os cortesãos continuaram a conversar sobre a morte súbita do Incaliz Mainin e sobre a extinção de seu corpo na Luz-Ma-xin na noite anterior. Fiquei estarrecido com a estranha semelhança que o recém-chegado tinha comigo, mas fiquei imensuravelmente surpreso quando o Rai exclamou:

"Que! Zailm morto? Morto!"

Um serviçal, ouvindo essa exclamação, embora só visse o soberano, acorreu pressurosamente e perguntou o que este desejava. Ao aproximar-se, atravessou a forma que Gwauxln chamara pelo meu nome! Nem aquela silhueta humana nem o serviçal pareceram notar a excepcional ocorrência, mas a Forma, sorrindo, disse em resposta:

"Sim, 2o Rai, eu sou Zailm, mas não estou morto, estou apenas livre das restrições terrenas."

Confuso, quase estupefato diante dos acontecimentos, joguei-me num diva próximo. Gwauxln podia ver o que parecia ser eu; era efetivamente uma imagem minha quanto às feições e lembranças de acontecimentos. Na verdade, era a contraparte psíquica de minha vida e meu Eu, mas a mim ele não podia ver. Mistério, oh mistério! Quantos mais a morte havia de me revelar? Eu havia deixado na prisão de Umaur uma imagem material de mim mesmo; seria possível que existisse também uma contraparte intermediária do meu corpo material e do meu Eu, que ainda retinha certas formas grosseiras da vida que eu perdera, as quais a tornavam visível enquanto eu permanecia invisível? Sendo Gwauxln um Filho da Solitude, por que era incapaz de perceber meu astral e eu? Na realidade ele não era incapaz, mas não me foi permitido saber disso naquele momento. A razão que depois se tornou clara para mim, mas que então eu desconhecia, era em resumo a seguinte: uma pessoa ao morrer é decomposta em elementos psíquicos que, para não me estender demais, são de três naturezas -terrena, psíquica e espiritual. Desses três elementos, o mais elevado é o Eu Sou, o ego. Os outros são os acima mencionados (com quem Gwauxln falou) e que foram deixados na prisão. Mas o ego busca um nível exaltado; o "invólucro" permanece nas condições terrenas até que o corpo, finalmente dissolvido, se transforme no "pó que volta ao pó". O estado exaltado ou egóico é um estado de isolamento. Como está escrito nos registros bíblicos (II Samuel, xii, 28) um médium pode chegar até ele, mas o ego, após um curto tempo, não pode retornar à terra nem co-

nhecer qualquer coisa terrena a não ser aqueles estados mentais-espirituais extremamente tensos dos indivíduos que buscam as coisas de Deus. E essas coisas não são terrenas. Esta é a verdadeira atuação mediúnica. O médium genuíno se eleva à altura necessária, mas o ego não pode descer à terra, não pode negar a lei do progresso, a não ser durante um período limitado após a transição chamada morte, quando então não se trata de uma retrogradação. Um médium é como um barômetro aneróide, que pode indicar o grau da pressão do ar acima do nível do mar, ou a ascensão do espírito. Mas ele precisa estar presente nesse nível, pois o nível não pode descer até ele. Assim é que aquele que morre é um viajante que se dirige para o ponto sem retorno. Não há regresso para os mortos, a não ser pelo renascimento físico e reencarnação. Deixo ao leitor depreender que isto não é transmigração de almas, pois esta postula o renascimento em formas animais inferiores como punição dos pecados. Isso não pode acontecer. A retrogressão é impossível e essa noção é uma falsa e corrompida concepção, fundada na mal entendida verdade da reencarnação, cujos renascimentos sucessivos são invariavelmente progressivos.

Mas voltemos ao Rai e sua determinação de não me ver. Gwauxln sabia que eu ainda não atingira o estado apropriado e temia interromper meu progresso. Por isso não permitiu que meu "invólucro" o influenciasse, tanto quanto pude concluir. Entretanto, tendo percebido o fato de minha morte pelo contato de sua natureza supersensitiva, ele buscou ir além e, embora suas ações negassem que me via, colocara em operação certas forças que propiciariam minha preparação para que ele viesse até mim e me contatasse. Isso não ocorreria enquanto minha vida mundana não se desfizesse, enquanto eu não partisse para o "país desconhecido" do Navazzimin. Quando isso ocorreu, ele veio e o encontro foi marcado pela alegria singela, pela graça natural; um encontro entre duas almas iguais perante Deus, não em condição de sabedoria adquirida, pois nisso Gwauxln estava imensamente acima de mim, mas iguais na fraternidade do espírito que hoje desejo que reine na terra. Isso há de ocorrer ainda, pois o Portador da Cruz disse: "Todos vós sois Filhos do mesmo Pai!". Eis que esta é a verdade!

Quando Gwauxln veio ao meu encontro, a esfera terrena de forma alguma foi trazida com ele. Trazer condições terrenas com ele teria me enviado de volta à terra, o que seria uma clara injustiça para comigo. Nenhum ego tem permissão, segundo as próprias leis do ser, de voltar à terra. O Eu de um iniciado pode projetar-se ao devachan (céu), mas o habitante do devachan não

pode voltar à terra, a não ser por um novo nascimento na mesma. Por que a alma deixa a terra após a morte? Porque no deva-chan ela assimila os frutos da vida terrena ativa. Eis a explicação da Palavra escrita de Deus: "Faze com presteza tudo quanto pode fazer a tua mão, porque na sepultura para onde te precipitas, não haverá nem obra, nem razão, nem sabedoria, nem ciência". (Ecl. ix, 10). É verdade que na sepultura nada pode ser feito. Nas páginas seguintes muitas coisas parecerão indicar meus "feitos" entre a sepultura e o berço, mas observa que a terra como um todo tinha se tornado perfeitamente obliterada para mim. A alma não pode retornar exceto para reencarnar-se pelo renascimento. Chamá-la de volta é causar perturbações nesse processo e a reas-sociação com o invólucro astral que o ego deixou para trás na morte do corpo. Essa reassociação revive o astral e então ocorre ação e reação entre este e o ego, para grande prejuízo deste último. Tudo que "vivenciei" foram exclusivamente os frutos do que eu tinha feito; eu não podia fazer nada de novo, nem pensar novos pensamentos, nem experimentar coisa alguma que não fosse, em si mesma, a expressão de algo cometido antes que eu passasse pela morte. Nessa reorganização ou novo arranjo e cristalização da minha vida terrena pregressa, o tempo não teve qualquer expressão. A realidade disso foi apenas a realidade de um sonho vivido; o tempo não interfere naquilo que já está feito.

Estava ao alcance do poder do Rai reconhecer-me, mas ele se recusou a fazê-lo, para que eu não sofresse qualquer dano. Também está ao alcance do poder de todas as naturezas mediúnicas poderosas que (geralmente) pertencem à seita chamada "Espírita" fazer o mesmo. Esses médiuns podem chamar de volta os mortos, mas a que terrível preço para o ego dos falecidos e com que pesada reação sobre o médium! Afirmo que nenhum processo da Natureza, ordenado pelo Pai Celestial, pode ser levianamente interrompido; cada ato dessa espécie é acompanhado por uma penalidade proporcional ao entendimento de quem o perpetra -essa penalidade nunca é leve e freqüentemente tem um peso aterrador. Caso eu tivesse ficado ali para ver, teria presenciado Gwauxln, Filho da Solitude, partir em sua própria forma astral, após deixar o corpo físico em sua câmara secreta a fim de que nenhum dano acontecesse ao mesmo enquanto ele estivesse ausente. E teria visto o Zailm-invólucro partir com ele para Incalithlon e o Rai fazê-lo passar para a Luz Incriada. Entretanto, dentre todos os homens da terra, só os olhos treinados dos Filhos da Solitude poderiam ter visto o que aconteceu. O "invólucro" nunca mais emergiria do Maxin. E por que era assim? Por que des-

truí-lo? Para que não andasse pela terra e não pudesse impressionar sensitivos como o homem do vailx que eu havia impressionado em Umaur e a quem meu "invólucro" poderia continuar impressionando. Isso poderia ter causado muitos problemas, pois aquele meu astral continuava a repetir fielmente minhas palavras finais antes que eu me separasse dele, as que eu dissera a Gauxln em Agacoe: "não estou morto". Naquela oportunidade era como todos os outros invólucros, cuja natureza composta dupla só se manteria íntegra pelo limitado período em que pudesse tirar o magnetismo para se sustentar de minha correspondência terrena recentemente encerrada.

Em alguns casos, esse sustento é suficiente para várias eras, em outros para séculos, anos, dias ou minutos, conforme as simpatias do morto se voltassem para a terra ou para o espírito. O astral é apenas força vivificada, portando a imagem do ego, o EU SOU, em todos os respeitos. As próprias profecias feitas por "espíritos retornados", profecias que se realizam depois de anos, talvez sejam apenas a pré-visão do ego impressa no momento da partida. Por um momento, ele divisa vastas profundezas do tempo futuro. Esse relance fica impresso no invólucro-astral. Isso é força psíquica. Se os fenômenos postos em movimento pelo homem são do tipo intensamente vital criado por Moisés, Buda, Zo-roastro, então enquanto um crente de qualquer dessas religiões continuar aderindo a elas, os invólucros desses profetas continuarão a ter essa existência derivada, mas só durante esse tempo e não mais. A força psíquica é o seu instrumento de controle. Essa mesma força mantém as estrelas e os átomos em suas respectivas órbitas. Ela é vital e dual, sendo positiva e negativa. Separar a força do "elemento fogo" dos antigos (antigos para ti, não para mim), era gerar o foco de um Fogo Incriado como o Maxin e, em eras posteriores, o poder da Arca da Aliança em Israel, semelhante ao Maxin, letal à vida. Esses pontos focais são portais para os quais todo o conjunto de forças menores da natureza é absorvido por contato. Esses focos também são a habitação exclusiva do tão procurado "solvente universal" dos alquimistas; escusado dizer que, como alguns desses alquimistas foram Filhos da Soltitude, obviamente tiveram o maravilhoso "solvente" ao seu serviço.

Igualmente aparente deve ser o motivo por que esse segredo permaneceu cuidadosamente oculto. Esses focos são os próprios aurículos do coração do Universo, de modo que qualquer espécie de força formada ali encontra seu Ômega. Conseqüentemente, quando Gauxln fez meu astral passar pelo Maxin, devolveu à

indivisa soma da força cósmica uma quantidade já sem uso para o mundo formado. Numa escala mínima, a *medulla oblongata* do cérebro humano é um desses focos, um ponto-maxin, onde o positivo e o negativo se encontram. Se assim não fosse, a vida seria impossível; basta destruir esse maxin do corpo, com uma simples picada de agulha e a vitalidade cessa instantaneamente. Mas basta, por ora. Gauxln veio a mim, já que eu não podia ir até ele. Os não-iniciados muitas vezes surgem em sonho para seus amigos, mas não conhecem o meio de fazê-lo voluntariamente.

Como um grande ponto deste meu trabalho é explicar esses mistérios, dedicarei um pouco mais de espaço para tornar claro e livre de qualquer engano como é que os que vivem na terra adquirem o poder de ir até seus amigos além da Fronteira, e por que estes jamais retornam à terra.

O barômetro, num dia calmo, registra ao nível do mar um grau definido de pressão atmosférica e, a uma milha acima desse nível, numa encosta de montanha, por exemplo, o mercúrio em seu tubo "cai" para um grau menor, embora definido. Em ambos os casos isso se deve à pressão do ar>. Ora, se alguém deseja conhecer a pressão existente a uma milha de altura, sobe até ela ou traz a altitude para perto de si? Em tempo tempestuoso, o barômetro também "cai", o ar é menos denso, pois ocorrem mudanças meteorológicas que efetivamente fazem descer as grandes altitudes do ar, isto é, as condições que prevalecem ali, até o nível inferior. Assim é criada a tempestade, forçada pelas condições superiores. Assim é que, pelo exercício de uma força superior, um médium numa "sessão espírita" pode trazer de volta, ou para baixo, uma alma que já passou pela transição; mas isso dará lugar a uma tempestade psíquica, um tipo de ocorrência excessivamente onerosa. A Feiticeira de Endor criou uma tempestade assim quando forçou Samuel a descer novamente à terra. Atentai, ó médiuns! Amigo, se és um "barômetro espiritual" humano, poderás elevar-te até os teus amigos, mas nunca, se estimas a paz de tua alma e a deles, tentarás fazê-los descer até teus "círculos".

Os que só buscam a parte excitante desta história farão bem em omitir a leitura da maior parte do Livro I, deixando-o para os leitores que buscam a razão e a instrução desta narrativa de minha vida e o modo pelo qual descrevo cenas que se passaram há mais de treze mil anos.

Por causa do crime de Mainln, o Incaliz, eu tinha sido forçado a buscar meu plano psíquico e porque eu era Eu, e sou Eu, esse

plano é de relativo isolamento. Isso quer dizer que era habitado pelos filhos de minha fantasia, por minhas experiências, esperanças, anelos, aspirações e meus conceitos sobre pessoas, lugares e coisas. Não há duas pessoas que vejam um mesmo mundo da mesma maneira. Para Anzimee, com o conhecimento que tinha, o mundo não poderia parecer igual ao de Lolix, que o via de um outro ponto de vista, em certos aspectos inferior, e para nenhuma das duas o mundo seria como o via o sábio ministro Menax; e para todos os três a visão da vida seria diferente da que tinha Gwauxln. Assim também o devachan, o céu de uma pessoa, está infundido por seus conceitos de vida, enquanto o de seus vizinhos está povoado por outras propriedades mentais peculiares. Quanto ao estado e o conhecimento da pessoa falecida, após a sepultura, suas aspirações e crenças da vida formam a condição da colheita, onde ninguém age, mas onde as recompensas das ações na vida precedente são pagas; é a terra de Lethe, onde não há dor, tristeza, doença ou agonia, pois essas condições começaram na terra e forçosamente devem ser terminadas na terra. Assim decreta o carma. O céu é passivo, não ativo, e os resultados do conhecimento são assimilados pela alma, isto é, as coisas são de tal forma que o novo nascimento é como a página seguinte de um livro contábil - que contém todas as antigas vidas e o acréscimo da mais recente delas. Espero não ter sido prolixo. Não o fui se consegui transmitir uma clara compreensão de qual é realmente a relação entre o céu e a terra, que é como a relação entre o tempo de descanso noturno e a atividade do dia. Que ninguém presuma que o devachan de alguém que tenha cometido erros ligados à terra e que deva encarnar novamente devido aos mesmos seja como aquela grande Vida com que são coroados os que foram fiéis até a morte da serpente em seu coração, os desejos animais. As palavras podem até descrever o mero devachan, mas são impotentes para descrever essa Vida. O finito jamais consegue abranger o Infinito. Portanto, deixa que o Infinito penetre em teu coração.

Enquanto eu ponderava essas coisas na presença de Gwauxln, Anzimee e os outros, que não podiam me ver ou preferiam não me ver, minhas forças terrenas me abandonavam. O poder que um momento antes me permitia ver pessoas, lugares e coisas do mundo parecia estar escapando rapidamente e, ao mesmo tempo, sons e visões gloriosas o substituíam, parecidos com o sonhar acordado da vida que eu acabara de deixar, com a diferença de que estes sonhos eram reais aos meus sentidos, tangíveis e mutuamente reativos. Pois muito bem, se aqueles que ficaram na primeira praia da morte não podiam me ver nem perceber minha

presença, e eu também não podia vê-los ou sentir sua presença, por que não deslizar de boa vontade para o gozo feliz da paz de novas vistas e coisas que vinham substituir as antigas? Sim, eu deveria aceitar a nova realidade. Adeus, vida antiga; saudações à nova!

Com a serenidade de um sonho, a visão do palácio e das coisas familiares foi se apagando e tive a impressão de entrar num lindo vale entre montanhas azuladas. Diante de mim encontrava-se um edifício cujo exterior era despretensioso. De linhas irregulares, parecia ter sido construído por partes, com novos aposentos acrescentados quando necessário. Que excelente idéia aquela, pensei. A edificação era formada por grandes lajes de pedra, não alisadas, permanecendo tal como eram antes de serem retiradas das rochas. Em algumas partes tinha três andares, em outras só dois, mas a maioria dos aposentos estava no térreo. Que tipo de gente morava ali? Com certeza seriam pessoas cujas tendências arquitetônicas combinavam muito bem com as minhas. Antes mesmo de vê-las, senti que eram de índole amigável. Concluí que não lhes faltava o amor pela beleza, pois, cobrindo a pitoresca e insólita construção, havia heras perenes e em volta estendiam-se bonitos jardins. Deveria eu me aventurar a introduzir ali minha presença? Enquanto eu pensava no caso, um homem abriu a porta mais próxima de mim e se adiantou. Tinha uma aparência familiar; onde eu o teria visto? Eu havia esquecido completamente a vida que havia vivido como Zailm, filho de Menax, como se ela nunca tivesse acontecido. Meus sentidos estavam dominados pelas sensações da infância, pelos pensamentos, idéias e conhecimentos simples do meu tempo de criança na casa das montanhas ao pé do Pitach Rhok. Quando chegou perto de mim, o estranho que me parecia conhecido disse:

"Conheces-me, o teu pai Merin Numinos?"

Isso acalmou a apreensão que havia surgido vagamente em minha consciência, a de que eu estava sozinho e invisível para as pessoas, e desfez a idéia que havia esmaecido rapidamente enquanto eu olhava para a casa de pedra, a idéia de que eu estava morto. Eu já não tinha mais noção daquela experiência e o conhecimento da morte tinha se apagado no que se aplicava ao meu próprio falecimento. Senti-me tomado de prazer com a pergunta do homem que ali estava e percebi então que ele era o pai idealizado de minha infância, mas não aquele que minha mãe sempre apresentara sob uma luz depreciadora. Como o leitor sabe, ela não gostava dele. Mas este pensamento não surgiu em minha

mente naquele momento; eu só sabia que estava olhando para o homem que eu reconhecia como sendo meu pai. Eu estava exultante por tê-lo encontrado e respondi: "certamente eu te conheço bem!" Então ele perguntou: "queres descansar?"

"Como estou fatigado, aceito, e sem dúvida isto será muito benéfico."

Merin Numinos me guiou para dentro da grande casa, conduzindo-me ao que devo chamar antro ou "cantinho especial", embora o primeiro nome possa parecer deselegante. Era um local desse tipo, limpo mas encantadora e deliciosamente confuso e sem ordem; livros e espécimes de rochas, e todas as coisas que os meninos apreciam estavam espalhados ali numa inex-tricável confusão, das que enchem de desespero qualquer dona de casa ordeira. Meu prazer não tinha limites, pois senti que eu era um menino, apenas um menino; não tinha ainda alcançado a maturidade e as desconhecidas possibilidades da idade adulta enchiam todo o meu ser com uma agradável antecipação do futuro; eu era um garoto de espírito exuberante à solta em seu próprio reino, e naquele quarto eu me sentia livre do medo da mão ordeira que sempre me restringira em outros locais. Numa cama, desajeitadamente arrumada num canto do quarto obscuro, estava um pacote de livros da biblioteca distrital, cada um deles com a marca "Pitach Rhok Distrito 5" em caracteres poseidianos. Os livros estavam no meu caminho, por isso coloquei-os cuidadosamente (pois os livros sempre foram objetos quase sagrados aos meus olhos) no chão, para poder deitar na cama. Então me acomodei para dormir no rústico leito que sempre parecera mais macio e confortável em minha memória do que qualquer almofada macia de minha vida em Caiphul. Não que eu soubesse disso quando me deitei; sabia apenas que estava vivendo-criando um estado de coisas que se ajustavam perfeitamente aos meus desejos. Eu não tinha uma idéia clara de qualquer acontecimento de minha antiga vida em Poseid, nenhuma lembrança da morte, nada. Tudo tinha se esvaidado como aqueles sonhos que tentamos em vão recordar na hora do café, no dia seguinte. Contudo, quando me encontrei diante de coisas de meu novo estado que eram semelhantes às que eu havia conhecido e amado no estado anterior; quando encontrei coisas iguais às que eu sonhara realizar um dia, então as novas realidades que, afinal de contas, não eram novas, pareceram inteiramente satisfatórias, acrescidas do encanto da consecução, apesar de eu não poder lembrar do passado.

*"A cena que saúda meus olhos De um
modo estranho eu reconheço Como
algo cujas partes místicas todas Sinto
prefiguradas em meu coração."*

Embora apresentasse algumas novidades, a natureza daquelas coisas não era tão diferente que suscitasse uma atenção especial.

Um dia eu me levantara e partira do local de minha vida de menino, descrito acima. A cortina subiu deixando-me entrever coisas provindas da vida passada após minha saída de Pitach Rhok para ir a Caiphul, onde me vi envolvido pelo pesado trabalho de obter o conhecimento relativo ao grau de um Xio-Incala, um grau mais alto que qualquer outro alcançado por qualquer cientista do mundo moderno. Mas essa fase do devachan logo passou porque, não tendo eu alcançado esse grau na terra, nem feito a tentativa de obtê-lo, não dispunha de uma base real para esboçar cenas devachânicas. Assim o tempo foi passando por mim, às vezes com egos reais de pessoas terrenas que haviam trabalhado intimamente comigo na terra e colhiam comigo os resultados de sua colaboração. Outras vezes eu me via sozinho com meus conceitos, que entretanto pareciam tão reais quanto pessoas verdadeiras, pois tudo me parecia absolutamente autêntico. Lolix ali estava sob seus melhores aspectos, mas o nosso pecado nos impedia de retornar à terra.

Nada me pareceu mais natural do que encontrar Anzimee uma noite quando eu vagava pela praia adjacente a um ermo artificial, onde todas as coisas estavam dispostas em harmonia com meu ideal de solidão, com o qual tinha sonhado em meio ao burburi-nho de Caiphul; um lugar para onde eu a levaria quando estivéssemos casados. Foi muito comovente ouvi-la dizer, quando nos encontramos, "meu esposo", e a paz subsequente à agitação foi tão deleitosa quanto eu imaginara que seria.

Mas minha pena se adianta, pressurosa. Voltemos ao pequeno quarto:

Sem tirar a roupa, pois o ar estava fresco, deitei e dormi. Quando acordei, desci, passando pela sala e indo até o jardim. Uma mudança havia ocorrido. Eu estava mais velho; a paisagem era diferente, as casas mais parecidas com o que minhas necessidades de rapaz tinham imaginado enquanto eu ainda vivia em Pitach Rhok. Não havia mais um rio na frente, mas um mar do qual eu

só conseguia ver a praia mais próxima. A mudança correspondia aos meus desejos de adolescente. Essas alterações, embora espantosas do ponto de vista terreno e físico, não me surpreendiam nem me pareciam notáveis. Que espécie de vida era aquela que permitia tais mudanças mas não me fazia pensar que eram extraordinárias? Nem mesmo a verdade deve ser contada de maneira prolixo, e tudo que posso responder agora é que era a vida após a morte, para usar uma frase um tanto paradoxal. Entretanto, não era a Grande Vida com Deus.

Teria sido consumido algum tempo para efetuar aquelas mudanças, ou era aquela uma terra da espécie criada pela lâmpada de Aladin, em que bastava esfregar uma lâmpada e outro conjunto de aparências surgia imediatamente? Nem sequer parei para considerar o caso, pois essa conjectura não me ocorreu. Para mim as coisas eram reais. É a terra real? O Espírito, Deus, é real, e a terra e o universo são fiats, idéias externalizadas de Deus. As coisas da terra são palavras do grande Verbo Divino a nos falar. Assim são, também, as coisas do devachan ou céu. Ambos são reais mas de maneira oposta, mas só são reais em nosso interior, não no exterior. Procurei meu pai, Merin Numinos, e perguntei: "quanto tempo eu dormi?" Não passava de um hábito do pensamento essa pergunta, pois eu não tinha nenhum motivo para fazê-la. O fato de que no processo da morte os hábitos da mente não são extinguidos, como não é a memória dos acontecimentos da vida, foi provado por minha ação quando ouvi a resposta de meu pai:

"Dormiste por vários anos."

"Anos!" -disseste? Para mim não foi nada surpreendente ouvir essa resposta sobre meu longo sono. Não, mas o hábito da mente que me fazia dar importância à boa apresentação de minhas vestes me fizeram olhar para meu traje para ver se não tinha se estragado com tão longo uso. A alusão aos vários anos de sono tinha atraído minha atenção e, tendo examinado minhas roupas e visto que estavam apresentáveis, continuei a olhar para elas, mas de forma distraída. Falei:

"Disseste vários anos e, também, "dormiste desde que chegas-te neste lugar". Então pergunto, estive em algum outro lugar?"

Não recebendo resposta, levantei os olhos, para encontrar no rosto de meu pai uma expressão igual à de uma estátua. Obviamente ele nada sabia de qualquer estado anterior nem eu sabia mais do que ele, pela pergunta que formulara.

A morte era uma coisa jamais mencionada, porque no instante em que as almas desencarnadas não conseguem mais expressar sua existência nas pessoas deixadas na terra, reconhecem que estão sofrendo a transformação chamada morte; algo que talvez as tornasse apreensivas em todos os seus dias na terra. Uma vez que a religião exotérica de então, como a de agora, só ensinava uma morte, o recém-chegado ao devachan não conhecia outra nem conjecturava sobre outra. Por consequência, para a alma desencarnada a morte era e continua sendo um conceito desconhecido. Bem, na realidade não existe morte. Nem dor ou tristeza. O devachan menor é como o devachan maior (Nirvana), um estado particularmente referido em Apocalipse xxi:4. Acontece, meu amigo, que não estou postulando um argumento; devo recusar-me a argumentar e, embora isso possa lembrar os métodos medievais, também devo recusar-me a discutir contigo. O propósito desta história é relatar o que conheci pela experiência, e não me cabe expor idéias teóricas. Se levares alguns pequenos pontos deixados sem explicação para o santuário interior de tua alma e ali meditares neles, verás que se tornam claros para ti, como a água que mitiga tua sede. Tens ouvidos para ouvir? Então segue este conselho. Dirijo-me apenas àqueles que seguem estas páginas com o propósito do aprendizado.

Como o recém-chegado ao devachan só se apercebe de uma mudança e de que é diferente do que foi ensinado a temer pela religião, muitas almas que entram no céu concebem no momento da morte que a morte não existe e que os ensinamentos recebidos dos sacerdotes na terra não passavam de ficções eclesiásticas. Não é que estejam muito enganados, pois não há outra morte a não ser a simples mudança do estado objetivo do ser para o subjetivo, exceto a segunda morte de que falo em minha última página. Para ser paradoxal, a morte é diferente por não ser diferente, tanto quanto as almas possam perceber, da rápida visão da vida recém-encerrada; uma visão que todas as almas têm, mesmo que brevíssima. Isso explica por que eu não tinha apreendido a ficção chamada morte quando perguntei ao meu pai se eu não tinha estado sempre ali.

A religião ensina hoje, como o fazia naquele remoto passado, que a morte faz cessar toda a tristeza terrena. Isto só é verdade por um tempo limitado pelo período em que a alma permanece no devachan. As brumas nascidas na terra não penetram ali pelo fato de que, sendo nascidas na terra, devem necessariamente ter seu lar na terra e só influenciar os que lá se encontram.

"O mal que os homens fazem a eles sobrevive."

Sim, essa é a verdade; e, sob forma de disposição cristalizada para errar, esse mal espera por seu retorno à vida terrena; é a erroneamente chamada tendência "Adâmica" para pecar e, embora o pecador esteja livre de seu poder no devachan, a semente, tal como o joio no trigo, está pronta a gerar uma colheita de tristeza junto com a vida em crescimento do recém-encarnado; e até que uma boa ação expie o mal feito, esse mal continuará a crescer. Felizmente o homem tem uma eternidade à sua frente para fazer a compensação* e, seguindo as leis de Deus e sendo fiel ao bem, seja qual for sua fonte, o joio será pouco a pouco arrancado. Uma boa ação apaga uma ação má, que é "freqüentemente enterrada com os ossos", dessa forma completando a filosofia de Hamlet.

Em toda parte à minha volta estavam meus entes queridos. Com a aparente passagem do tempo, fui me tornando consciente da presença de meus amigos. Anzimee, Menax, Gwauxln, Ernon, Lolix sem sua sombra, esses e milhares de outros cujo nome o leitor desconhece, estavam ali. Eles não vinham até mim; não, eles estavam comigo, tal como eu os concebia. Eles eram meus conceitos, pois eram subjetivos e não objetivos; eram meu ideais, não pessoas reais, e formavam o meu mundo. Não me ocorreu que eles não fossem reais. Já te passou pela mente, leitor, que o mundo dos teus sentidos é o único que tens? Que se não tivesses visão, olfato, audição, paladar ou tato, não terias um mundo mesmo que tua alma estivesse aprisionada num corpo morto, embora dotado de vida vegetativa? Assim como a alma de cada homem, mulher ou criança vivente é diferente das outras almas, assim também o mundo é diferente para cada pessoa, nunca havendo dois

* *Não confundir "compensação" com "remissão". Jesus faz uma remissão para nós, junto a Deus. Nós só poderemos começar a compensar quando, tendo obtido o perdão através de Jesus, tentarmos Vivenciá-Lo. Enquanto não nos consagrarmos a Cristo, não poderá haver reconhecimento de que somos Dele porque Ele nos tem. Quando reconhecermos isto, reconheceremos que Ele nos tem e nós O temos. Então, e só então, poderemos começar a compensar nosso carma. E se obedecermos a injunção "vai e não peques mais", ELE equalizará nosso débito com o carma e seremos liberados em Seu seio. O carma é encerrado para aquele que é remido dessa forma e inicia-se sua oportunidade de fazer reparação. Para este a encarnação não é mais necessária, pois não tem ele o FILHO? Isso é a Vida Eterna. O que quero dizer com ter o FILHO? E com ser consagrado a Cristo? É este apenas um postulado da Igreja? Não, é muito mais, amigo. O Divino é eterno, infinito. O Humano é finito. Quando o homem desperto conhece a si mesmo, escolhe o caminho que irá seguir. Essa escolha representa o CRUZAR DO UMBRAL do Divino pelo Humano; é passar a pertencer ao Filho, que está no interior.*

mundos iguais. É o registro da alma, feito de imperecível substância mental, que constitui grande parte da vida após a morte; o registro se funde numa realidade e tudo parece igualmente real, tão real como quando os sentidos combinados a percebiam antes; em verdade essa vida do além é uma vida terrena reconstituída e invertida, subjetiva em vez de objetiva. Meu suposto amigo pode ser um inimigo real, mas se eu morrer pensando nele ou nela como sendo um amigo, esse conceito será levado para a outra vida, e vice-versa.

Meus amigos todos estavam à minha volta. As coisas e lugares registrados pelos meus sentidos, eram as cenas nas quais todos esses amigos se moviam. E enquanto eu tinha esse meu mundo à minha volta, um conceito de mim existia no mundo-imagem de cada amigo que eu tivera no passado. Não que eu estivesse corri eles, mas o conceito deles sobre mim estava com eles. Assim era a realidade de todos os conceitos que não estivessem emaranhados e fossem simples e facilmente assimiláveis ao serem lembrados a partir do registro astral, ou, por assim dizer, fossem como filmes da memória da alma contendo cada incidente, grande e pequeno, simples ou complexo, cada impulso e até cada atividade cerebral inconsciente. Chamo tua atenção agora para um detalhe de vasto interesse, visto que afirma o que eu aparentemente neguei, ou seja, qualquer associação real da alma no devachan com outras almas individuais. O devachan seria um céu realmente tris-tonho se os amigos da vida mundana nunca passassem de "figuras de sonho". Sonhos eles seriam, se os incidentes criados por nossas esperanças na terra, e transformados no devachan em algo real na aparência, fossem um simples fato. Mas, ao contrário, se isso fosse tão complexo que para resolver a equação se tornassem necessários os esforços conjuntos de duas almas trabalhando em harmonia, então também no devachan os resultados dessa ação complexa afetariam ambas essas almas e, durante a assimilação de seus resultados, isto é, durante a cristalização desses resultados em traços do caráter, as duas almas estariam efetivamente tão juntas quanto teriam estado na terra. Se mais que duas pessoas tivessem um envolvimento na terra, então todas essas almas se congregariam no devachan. Quando o processo estivesse completo, viria a separação. Por isso aconteceu que num momento de experiência assimilativa todos os meus conceitos eram apenas fantasmas como as pessoas que vemos em sonhos; e no momento seguinte ficaram mais complexas, pois meus associados eram egos reais como eu. Para mim tudo isso era ignorado; tudo parecia real e talvez o fosse. Mas é agradável sentir que estamos

tratando com um filho, filha, mãe, esposa ou amigo; que as consequências de acontecimentos mais sérios de nossa vida diária na terra nos reunirão no céu de nossas esperanças; que a esposa que abrigaste em teu coração e a quem confiaste planos elevados para a felicidade de teus entes queridos, e que para serem realizados requerem que tu e ela trabalhem nobremente e com empenho, atravessarão o abismo da morte corporal e estarão contigo ou com ela no Navazzimin. Agradável é saber que tua mãe, teu pai ou outro amigo querido às vezes estarão em realidade contigo e que juntos lembrareis vossos múltiplos registros e vos delei-tareis numa realidade aparente, o que não foi na terra mais que uma esperança nunca materializada.

Ao encontrar Anzimee, que ainda vivia na terra, algumas vezes encontrei o meu conceito dela e, outras vezes, seu ser mais elevado. Como esta última possibilidade pôde ocorrer? Pelo lado de que ela tinha tantas saudades de mim que essa sua parte se desenvolveu e lhe deu condições de projetar sua alma pura ao meu plano. Isto não só foi benéfico e agradável a ela, dando-lhe a visão de coisas invisíveis de que fala o apóstolo Paulo, mas foi também uma sagrada alegria nos encontrarmos dessa forma-, ela podia vir até mim, mas eu não podia ir até ela. Não existe retrogressão.

Em comunhão com esse ideal recebi minha recompensa, pois nada aconteceu que fosse contrário ao meu desejo. Mas ao viver-ciá essa recompensa, também assimilei inconscientemente o valor de minha vida anterior na terra. Assim, minha ligação com a política de Poseid me fez entrar em contato com homens e métodos, e desses contatos nasceram esquemas nos quais eu deveria ter desempenhado um papel de liderança. Esses esquemas agora me eram trazidos ao estado subjetivo e, nessa forma, me pareceram estar em andamento. A partir dessas aparentes ações, minhas capacidades foram desenvolvidas e foram realizados testes sobre o valor de minhas concepções. Tudo isso resultou numa dedução concreta que tornou-se parte do meu ser mental, como consequência, numa nova encarnação eu viria à terra dotado com órgãos frenológicos com maior capacidade para lidar com questões sociais e políticas. Talvez esse poder não viesse a ser ativamente empregado, se outras tendências fossem mais fortes; não obstante, teria crescido em força e estaria pronto para ser usado em caso de necessidade. A mesma coisa se aplicaria a todas as almas realmente associadas a mim, anteriormente na terra e posteriormente no céu: os resultados, valores e conclusões de nosso devachan contemporâneo dar-lhes-iam novos traços ou tendências mentais;

ou aumentariam a força dos traços antigos, e a reencarnação nos reuniria como associados na terra uma outra vez. Isso efetivamente aconteceu, ou eu não teria escrito esta história para teu benefício, caro leitor. Minha educação como geólogo no Xioquithlon foi testada no mesmo céu subjetivo e disso resultou um acréscimo de minha capacidade geológica - em suma, um conhecimento intuitivo desse assunto e o desejo de estudá-lo após reencar-nar. Nessa oportunidade, os livros serviriam para trazer à tona a tendência para a geologia que eu poderia vir a manifestar. Eu poderia continuar dando outros exemplos desse processo de resumir e organizar vivenciado por aqueles que têm a sepultura e o berço entre eles e a terra. Mas será suficiente dar a entender ao leitor que em minhas palavras está a verdade que suaviza os

*"Pensamentos da última e amarga hora
De severa agonia, de mortalha e palio."*

Espero, meu amigo, que meu esforço em fazer a morte parecer menos aterrorizante, relatando minhas próprias experiências com ela, tenha tido bom êxito e que estas palavras te sustentem de tal maneira que possas

*"Aproximar-te do túmulo
Como alguém que se envolve com os lençóis de seu leito
E deita-se esperando deleitosos sonhos."*

Zerah Colburn, o maravilhoso menino matemático, não adquiriu seu conhecimento nas escolas desta moderna era, mas o trouxe consigo, na forma de um legado de séculos, de suas vidas passadas; seu poder latente foi apenas revelado nesta era. Não argumento contigo, meu leitor, quando dizes que, se tiveste uma vida anterior na terra, não poderias "tê-la esquecido, terias trazido suas memórias contigo". Não, não desejo discutir. Deixo à tua própria inteligência decidir se estou ou não certo, quando lembra-res que os hábitos da vida formam-se pelas ações repetidas desde a infância, cujos detalhes desaparecem da memória. Sabendo que assim é, poderás decidir se as ações de uma vida vivida muitos séculos antes podem ser lembradas, especialmente sabendo que o intervalo entre o passado e o presente ocorreu num plano diferente de existência, no qual nenhuma lembrança foi introduzida, nem o poderia ser segundo as leis de Deus. Eu sei do que falo, por experiência.

Finalmente chegou um tempo em que eu não me importava mais com a aparência da ação, nem com os conceitos de pessoas,

lugares ou coisas ligadas com a atividade aparente. Passei principalmente a me preocupar em permanecer num ponto tranqüilo e ouvir Anzimee, a real Anzimee e não o seu conceito, quando ela lia para mim ou falava comigo. Eu também dormia muito. Certa manhã não levantei, pois me faltou vontade. Não estava doente, pois nunca ninguém esteve doente no devachan. Contudo, tinha perdido todo o desejo de ver ou ouvir o que fosse. O que eu sentia era langor, não desânimo. Então virei-me novamente para a parede e voltei a adormecer. Essa foi a última ocorrência do último capítulo de um longo descanso da vida que, embora eu não o soubesse então, tinha durado doze mil anos contados pelas ações dos homens na terra. A morte nunca surgiu naquele lar da alma, pois meus conceitos não tinham morrido, apenas desapareceram das vistas de seu criador. Nem as almas reais dos homens e mulheres morreram. Mas quando voltaram, uma por uma, ao despertar retributivo do berço, suas vidas no céu continuaram associadas à minha, desde que não tivessem ido para algum outro lugar do devachan, como vizinhos se separam e ficam a um mundo de distância e depois desaparecem, como meus conceitos desapareceram após eu ter assimilado sua valia. Elas desapareceram porque todos os atos da vida anterior na terra tinham se cristalizado na forma de traços do caráter e estavam prontas para novamente encarnar. Só eu podia estar consciente de minha própria mudança; não podia estar consciente da mudança delas. Eu estava pronto para uma nova atividade. Dormi e nesse sono morri para aquela vida de passividade e acordei na terra, na forma de um recém-nascido em seu berço. Nasci para ver o meu Mestre nesta vida e penetrar no Grande Repouso com ele!

A A A

OBS.: Mas virá alguém depois de mim que te dirá muito mais sobre a Grande Profundez da Vida do que eu. Aguarda as palavras dele. O Autor.

[249]

SETE CENAS NO SHASTA

INTERLÚDIO Por Frederick
S. Oliver, Amanuense

I

Se existem "sermões nas pedras e livros nas corredeiras dos rios", então o íngreme "Tchastel" é uma nobre biblioteca, *in veri-tas*. Nele a vastidão, a grandiosidade e a solenidade da natureza estão expressas em números místicos, em páginas de granito eterno. Nessas páginas pétreas, estratificadas, os estudantes da Natureza podem ler os feitos dos gnomos, os tesoureiros da Mãe Terra. Em caracteres de lava, ali também está escrito o registro de Plutão. Sim! Este é realmente um livro da Natureza, contido entre capas de gelo e neve; servindo de marcador de seus tesouros há uma fita prateada cujas pontas saem do grande tomo, uma no lado norte, onde se chama Rio "McCloud", outra no lado sul, onde seu nome é Rio "Sacramento". Mas há mais dois marcadores menores nesse sublime épico, os rios "Pitt" e "Shasta". Um volume de poemas deve ter um título poético, e este bem o merece. Poderia alguém lhe atribuir um nome mais apropriado do que sua denominação indígena, "Ieka", nome que foi retido e usado pelos primeiros homens brancos que puseram os olhos nessa terra no extremo norte da Califórnia, uma terra de romance, sonho e aventura? Esse nome foi retido pelo reconhecimento intuitivo da prover-bial aptidão que pioneiros e caçadores sempre demonstraram ter pelas nomenclaturas já existentes. Por anos a nobre montanha preservou, entre brancos e indígenas igualmente, o nome que fora buscar na noite do tempo, assim como seu pico gêmeo mais para o norte, Mt. Rainier, reteve seu nome primitivo "Tacoma". Mas, ah, a presunção humana! Ah, o vão descontentamento do homem, que não consegue deixar as coisas em paz! Um caçador russo chegou a um monte nevado e, depois disso, o "Ieka" deixou de existir na língua dos homens, a não ser quando era murmurado pelo Modoc moreno e sua noiva selvagem. Ao outro monte chegou um inglês egotista. Sua excelência concluiu que "Tacoma" era um apelido horrivelmente selvagem e resolveu substituir o nome indígena por seu próprio patrocínio. Mas o tempo iguala todas as coisas e a "justiça sempre se faz". O americanismo

patriótico dos topografos da Estrada de Ferro do Pacífico Norte recolocou nos mapas da companhia o musical apelativo "Taco-ma", jogando no lixo o nome importado, reprovando a vaidade de um egótico. É problemático saber se o "Monte Shasta" passará por uma experiência semelhante; caso isso não aconteça, será bom, pois a gratidão americana de boa vontade concede o privilégio de nomear este orgulhoso pico aos seus amigos e, nos anos sessenta, ao defensor de nossa autonomia nacional - a Rússia. Mas isto é o bastante com relação a uma visão mental, passada e presente, desse rígido representante de montes e picos.

II

Na antiga trilha de carroças que aqui existiam antes que os trilhos da estrada de ferro unissem a maior cidade do Oregon à metrópole do Oeste Dourado, ainda resiste, após trinta anos, a poucas milhas da fronteira estadual, uma estação de diligências, "dirigida" por "Daddy Dollarhyde".

Lugar solitário, escondido entre altos pinheiros que servem de regias roupagens para a "Serra Siskiyou" da Cordilheira do Mar que se estende com sombria grandiosidade por centenas de milhas, a estação de diligências é para o coração do viajante o que um oásis no Saara é para a caravana prostrada de cansaço. "É uma estalagem que fica numa imensidão muito afastada e, no tempo deste segundo "Ato no Shasta" (1884 d.C), era o único sinal de civilização num raio de muitas milhas.

Saindo da estalagem Dollarhyde, a estrada se estendia tão reta quanto possível por um trecho de duas milhas, numa subida bastante íngreme. Nessa subida, numa hora antes do amanhecer em que um pouco de luz já se insinuava por sobre as serras, um jovem andava descalço e sozinho. Um andarilho? Temporariamente; lá embaixo, na estalagem, o resto do seu grupo ainda dormia. Ele continuou a subir e subir, parando quando o amor pela natureza o impelia a "comungar com as formas visíveis" e ouvir suas "várias línguas"; e fazia uma pausa para melhor usufruir a estimulante liberdade, a beleza dos declives cobertos de pinheiros, o silvo do galo selvagem, o alarido dos esquilos e tâmias. Num certo momento, encantado com a graça de um riacho cristalino que atravessava a estrada, deteve os passos e contemplou as sombras de um grande *canyon* que se perdia de vista "na primeira luz da aurora". Finalmente o topo! Mas nenhum Sol ainda brilhava no céu. Lá embaixo, tudo estava ainda repousando tranqüilamente sob o

feitiço de Morfeu. Ah, o que seria aquilo? Na distância, para o sul, uma massa obscura e imensa, de um cinza opaco embaixo mas que, onde o pico se aproxima do céu, tem um brilho róseo de grande beleza. Enquanto o jovem contempla, embevecido, o Velho Sol dispersa as sombras do vale, abre a cortina da noite e faz nascer o novo dia. Os matizes rosados se vão, e com eles os tons cinzentos; em seu lugar surge um gigantesco cone pontudo do mais puro branco, levemente marcado na base com linhas negras, cada uma delas uma impressionante garganta. Ele não se eleva acima de serras que rivalizam com ele em altura, como outros picos; não, ele se ergue solitário do elevado platô, apontando para o azul do céu, medindo da base ao topo onze mil pés, e do nível do mar até o ponto máximo três mil e quinhentos mais - é o Shasta, oh, o Monte Shasta!

m

E quanto ao jovem? Um ano mais tarde nós o encontramos sofrendo de febre violenta, a "febre do ouro" que ainda persiste naquela região de minas famosas no passado prossegue apesar de estarmos no ano de 1890. Na escarpa de uma montanha ele havia acampado, levando pá, picareta e peneira de mineração, pois naquele lugar sempre é possível encontrar um pouco de ouro. Ali a esperança murmura que ele pode encontrar um veio e, quem sabe, a fortuna...

Em toda aquela região, incêndios florestais arderam por muitas semanas; todos os vales estão ocultos pela fumaça. Mas o mineiro em sua montanha está acima disso tudo e enquanto trabalha pode ver a ondulante superfície do prateado e enfumaçado oceano, bem abaixo. Ele vê algo estranho. Nenhuma onda perturba esse mar que se estende até onde a vista não alcança e tem uma profundidade de quase uma milha. Duas ou três ilhas aparecem nessa imensidão; é só o que aparece dos imensos picos cujas bases agora estão ocultas. Talvez a expressão "enfumaçado oceano" pareça figurativa. Mas olha para o céu do fundo do vale; o Sol, parecendo um globo de sangue, não requer que uses vidro colorido para proteger teus olhos sensíveis. Agora olha para o mineiro na montanha, olhando para baixo mas sem ver Yreka (cidade). Acompanhando o olhar dele, contempla as "ilhas" - só uma delas não parece negra. É a maior de todas; com um pico esguio, branco, amortalhado por neves eternas, eleva-se o Monte Shasta, uma nobre ilha naquele turvo oceano, com nove mil pés.

IV

É noite, mas o cenário é o mesmo. Nossa mineiro está sentado diante de sua tenda, meditando sobre a nova dimensão de beleza da cena adiante e abaixo dele. Uma brisa vinda do norte empurrou o mar de fumaça para longe e dele não ficou sinal. Abaixo, estende-se um vasto abismo, escuro, silencioso, "a praia da noite plutônica". A fantasia de nosso mineiro a preenche com dourados fantasmas. Só as estrelas, "grandes candeias da noite", iluminam as trevas. Mas lá longe no leste, por sobre cadeias de montanhas menores, formas obscuras agachadas na escuridão, distante muitas milhas, formas sombrias e familiares de vasto e incerto tamanho parecem impedir a visão de alguma terrível conflagração. Olha! Algo cresce, se abrillanta, até que ante o olhar enfeitiçado explode uma súbita e intensa centelha, e depois uma grande chama nos lados de Yeka - é a lua cheia! E então as neves de Yeka brilham sob sua luz como prata líquida, o trevoso abismo diante da tenda se aclara, os fantasmas fogem, enquanto por sobre todas as coisas eleva-se a sublime, gloriosa e suprema imagem de prata do Shasta.

V

Viajando para o sul, já não mais um minerador, o jovem muda seu curso. Faz um ano os dourados fantasmas morreram, a mina desmoronou; e "homem algum conhece aquele sepulcro" nos ermos de Siskiyou. A umidade do inverno extinguiu as chamas e desfez o mar de fumo. Mas o verão seguinte viu tudo queimar outra vez, aceso que foi pelos raios do céu. Nosso viajante está na base do Ieka; ele e sua montaria se arrastam pelos de-clives e vales no fundo do oceano de fumaça, como o fazem os crustáceos no fundo dos mares de água. Um sopro de vento diminui a densidade das nuvens e acima de sua cabeça ele vê uma forma indistinta, fracamente iluminada pela lua velada pela fumaça; lua cheia como exatamente há um ano. Ela não parece bela naquela atmosfera turva; mas quando sabemos que aquela ponta vagamente vista lá em cima é a crista brilhante e livre de fumaça do Shasta, a quinze milhas de distância se a olhamos de sua base, sentimos uma indescritível reverência. E comparamos esse monte, com as florestas em fogo brilhando aos seus pés e sua própria forma elevando-se com obscura grandeza, com uma silenciosa sentinelas junto à sua fogueira, envolta em sua capa, meditando na guarda que manteve por todas essas eras, e mantém ainda e para sempre!

[254]

Ele retornou do longínquo sul e acampou na margem da floresta na falda do Tchastel, esperando o cair da noite e olhando por longas horas para a riqueza de um cenário que não está no poder das palavras descrever. Para o norte, a montanha "Goose Nest", com sua cratera sempre cheia de neve fofa, ergue-se a mil e cem pés. Lá longe, no vale que parece uma pedra preciosa, está a encantadora cidade de Sissons - lá embaixo para o nosso viajante, mas a sete mil pés se o contemplarmos do nível do mar. É noite. Mas ele não está diante de sua tenda. Não -no lombo de uma mula, ele e um companheiro mourem subida acima. Não há lua, nem vento, nem som, a não ser por alguns estranhos ruídos vindos das regiões próximas. Não há lua mas está claro, porque a neve parece ter luz própria e os objetos aparecem contra ela em bem definidas silhuetas. Como parecem negras as rochas e escarpas! E aqueles brilhos no seio da noite, o que são? Lâmpadas; lâmpadas acesas a muitas milhas de distância, milhares de pés abaixo, mas parecendo menos longínquas. Faz frio; oh! um frio terrível que amortece a mente! E uma quietude sepulcral. Nenhum som chega agora aos ouvidos; aqui é alto demais para qualquer coisa que não o silêncio. Faz tanto frio! Contudo, o calor do Sol do meio-dia se reflete da neve como de um espelho e então a temperatura é medonha de se sentir, mas ainda assim não derrete a neve. Aqui está uma fonte sulfurosa, a mil pés abaixo do pico. Aquece tuas mãos na lama quente, enxuga-as rapidamente para evitar que congelem e continua a escalada. Teus olhos, caso pudesses vê-los, congestionados como estão na atmosfera ra-refeita, te assustariam com sua cor vermelha escura. Tua respiração te opriime; os batimentos de teu coração parecem as pancadas de um bate-estacas; tua garganta está em fogo por causa da sede. Mas que importa -aqui está o topo! Duas horas da manhã, julho de 188-. Mas ainda não há luz, só a tênue claridade da aurora. Pouco depois, a alma é surpreendida por um fantasmagórico brilho que não clareia. Os que o vêem sentem-se tomados de uma estranha inquietação; vêem a luz crescente e, com temeroso espanto que é quase terror, contemplam o grande Sol, quase sem ser anunciado por causa da rarefação do ar, surgir abaixo do horizonte. Mas tudo lá embaixo está mergulhado na "mais obscura hora antes do amanhecer". Não se enxergam montanhas, nem colinas, nem vales, só "a profunda escuridão da noite". Parece-nos ter perdido o mundo e, temporariamente, estamos libertos do tempo! O planeta foi engolido, deixando a parte superior do pico parecer o único ponto visível do universo, com exceção do

esplendor espantoso de Hélios. Agora podes compreender as sensações do "último homem" de Campbell. O mundo desaparecido, e ele e um camarada sozinhos num ponto no espaço, onde o Sol quase destituído de raios envia lascas de estranho brilho. Olha para o norte. Na distância, na noite, estão quatro cones de luz, os montes Hood, Adams, Tacoma e a grande tocha do Santa Helena, todos pares de nosso leka. Com a caminhada do Rei do Dia para mais alto no céu, picos menores surgem, e em seguida, longas escarpas negras; depois, serras de grande extensão aparecem nas proximidades, para se perderem na distante escuridão.

E agora o abismo da noite se desvanece; surgem colinas, pontos e linhas prateadas quando a luz da manhã chega a lagos e rios e, finalmente, com a ausência de neblina, vê-se numa grande planície cinzenta, a setenta milhas a oeste, a enorme extensão do Pacífico. Para o sul, faixas interrompidas de prata mostram onde fluem os rios Pitt e Sacramento; e a mais de duzentas milhas adiante surgem os recortes da costa central da Califórnia, onde está a Golden Gate e a mundialmente famosa baía de São Francisco.

VII

Ao lado de uma furiosa e barulhenta torrente da montanha, caindo em múltiplas cascatas de espuma branca como a neve, intercalada por tanques de água tranqüila, azul, profunda e povoada de trutas, refletindo margens floridas e serras cobertas de pinheiros, espinhaços que são as "costelas de nosso planeta", fazemos uma pausa. O dia está quente, mas as águas desse afluente do rio McCloud são tão frias quanto as prístinas neves do Shasta de onde fluem; elas passam sob os nossos pés e continuam seu curso.

Reclinamo-nos à beira de um tanque de cristal azul, preguiçosamente atirando pedras nele, fazendo tremer a imagem de um alto penhasco de basalto que se reflete na superfície calma como um espelho.

Que segredos podem estar por ali? Não sabemos enquanto permanecemos deitados ali, descansando o corpo, com a alma cheia de paz; não saberemos, antes que muitos anos passem pela porta dos fundos do tempo, que aquela alta escarpa de basalto oculta uma passagem. Não suspeitamos disso, nem de que um longo túnel começa ali e vai para o interior do majestoso Shasta. Jamais nos passaria pela mente que no final do túnel encontram-se amplos apartamentos que são o lar de uma fraternidade mística

cujas artes ocultas cavaram o túnel e a misteriosa habitação: "Sach" é o seu nome. Ficas incrédulo ouvindo estas coisas? Vai até lá, ou deixa-te ser levado como eu o fui uma vez! Vê, como eu vi e não com a visão da matéria, as paredes escavadas por gigantes mas polidas como se o fosse por joalheiros; pisos acarpeta-dos com um tecido cinzento e lanoso que parece pele mas é um produto mineral; lajes cortadas pelos construtores, com seu poli-mento maravilhoso exibindo veios de ouro, prata, minérios de cobre e manchas de pedras preciosas. Verdadeiramente é um templo místico, afastado das multidões enlouquecidas, um refúgio sobre o qual os que "Vendo, não vêem" podem dizer:

"E homem algum conhece...
"Homem algum jamais viu."

Estive lá uma vez, amigo, jogando seixos na água profunda das poças do rio; mas estava oculto, pois bem poucos são privilegiados. Ao partir, aquele ponto foi esquecido e hoje não sei dizer qual era o lugar; tão incapaz de dizê-lo quanto qualquer um que me leia. A curiosidade nunca abrirá a porta daquele segredo. Existe ele realmente? Busca e encontrará; bate e te será aberto. Shasta é um fiel guardião e silencioso se mantém, não dando qualquer sinal do que se encontra em seu seio. Mas existe uma chave. Shasta não se negará àquele que primeiro conquistar o Eu.

Esta é a última cena. Viste o orgulhoso pico, tanto longe quanto perto; de dia e à noite; sob fumaça e o ar claro da montanha; viste o seu interior e de seu cume contemplaste-o, bem como o globo estendendo-se a teus pés. É uma visão da arte de Deus, sublime, tremenda, inesquecível; e assim como tua alma se encheu de admiração, nessa medida seja ela agora tomada da Sua Paz.

A A A

LIVRO SEGUNDO

CAPÍTULO I

*"Eu vos chamei amigos, pois todas as coisas
Que recebi do PAI tornei conhecidas de vós."*

Com o Capítulo Vinte e Quatro do Livro Primeiro encerrou-se a experiência devachânica de uma história de vida pessoal; história que transcorreu há cento e vinte séculos. Foi um período que teve suas fases boas e más. Sob a égide das regras e costumes sociais de um povo que o mundo moderno considerava um puro mito até as viagens do "Challenger" e do "Dolphin", existiu uma personalidade que os leitores que até agora acompanharam esta narrativa conhecem pelo nome de "Zailm"; um cognome atlante tão eufônico quanto interessante, pois seu significado é: "Vivo para amar".

De acordo com a narrativa, a juventude de Zailm foi a de um obscuro montanhês. Ele estava possuído por uma dominadora ambição de fazer seu nome brilhar entre os nobres da terra. Sua ambição foi realizada, pois seu nome, sua riqueza, sua posição social e política colocaram-se entre os mais elevados da aristocracia de um povo orgulhoso e, em múltiplas formas, maravilhoso. Se ele fracassou num particular, se sua vida moral se desviou da retidão, seus feitos em outros domínios foram bastante louváveis. Por essa única falha ele pagou bem caro e, se o leitor deu crédito às suas muitas apreensões, o pagamento não se completaria a não ser depois de transcorrido um tempo longo, muito longo, depois que tivesse permanecido

*"- Com os patriarcas do mundo infante —
Com reis, com os poderosos da terra - com as sábias, boas
e belas formas, e respeitáveis videntes de eras passadas."*

Tens uma idéia de quem foi Zailm, aquele tão obscuro adolescente, aquele homem tão celebrado numa terra sem paralelos até hoje, jamais igualada desde que o oceano abateu-se sobre ela e o Sol não mais a viu em seu orgulhoso curso.

Peço-te que passes da leitura daqueles registros para a história de outra personalidade, a de Walter Pierson, que sou eu. Se o

Poseidano Zailm tinha orgulho em declarar-se cidadão daquele país, também eu sinto o mesmo orgulho em dizer: "sou um cidadão americano!"

Embora eu fosse ainda muito pequeno para compreender as circunstâncias da morte de meus pais, a não ser a agonia de ficar sozinho no mundo, o fato é que me tornei órfão por força de uma epidemia. Em minha condição de criança, chorei e pedi para ver meu pai e minha mãe, mas não pude compreender o que me disseram em resposta: "eles estão mortos e foram embora."

Minha infância de órfão passou-se em circunstâncias tão contrastantes com os primeiros anos de minha vida, marcados pelo amor de meus pais, que minha tendência para andar pelo mundo tornou-se mais pronunciada e aos doze anos tornei-me um camaroteiro de navio, fugindo para cumprir minhas ambições. Nos anos seguintes, dei-me conta de que as dificuldades tinham sido uma parte imprevista do meu sonho de viajar e de ser marinheiro, mas os problemas e o trabalho árduo tiveram de ser suportados.

Minha capacidade, diligência e honestidade no serviço falaram tão bem a meu favor que aos dezoito anos tornei-me primeiro imediato de um esplêndido navio mercante inglês. Nessa posição vantajosa eu tinha horas de folga durante as quais podia estudar os livros que o capitão, um homem educado, tinha no navio; usei essa oportunidade com excelentes resultados, recitando minhas lições para o capitão, que se interessou por mim. Uma invenção, pela qual muitos homens do mar sentem grande gratidão e à qual muitos homens cuja vida tinha sido passada no mar deveram a continuação dessa vida, me fez ganhar uma bela soma, de forma que antes da maioridade eu tinha uma apreciável quantia que, através de investimentos inteligentes, garantiu a segurança de uma boa renda vitalícia. Não quis continuar na vida de marinheiro depois que meu dinheiro começou a se acumular, deixando as viagens por mar para usufruir de viagens por terra. Eu já tinha visto os principais portos de todas as terras e pretendia ver o interior de meu próprio país.

Nos campos de ouro da Califórnia, acrecentei enormes somas à minha fortuna nos anos 1865-66; fui para aquela região depois de dar baixa do Exército de Cumberland, tendo servido por dois anos naquela famosa unidade durante a Guerra de Secessão.

Orgulho-me de ter perdido dois dedos por causa de um fragmento de bala de canhão na batalha de Missionary Ridge. Será que algum leitor se lembra da manhã de 25 de novembro de 1863?

"Por toda a noite o fogo dos rifles havia brilhado em meio à neblina; e quando o dia amanheceu ainda não ficara determinado se o inimigo tinha ou não sido forçado a sair de sua posição quase inexpugnável na montanha. A manhã estava clara. Todos os olhos dos acampamentos da União estavam cravados no topo. Gradualmente o leste se tingiu com o púrpura da luz crescente e, assim que o Sol surgiu, um grupo de homens andou até a rocha que se projetava sobre o precipício. Então, à vista de dezenas de milhares de soldados, foi hasteada nossa gloriosa bandeira. Em meio a tronitruantes vivas, um exército de veteranos contemplava por entre lágrimas a bandeira de Estrelas e Listras que era o anúncio mudo de nossa vitória."

Terminada aquela triste guerra, em que pais combateram filhos, irmãos combateram irmãos, encontrei-me em minha cidade natal, Washington, D.C.

Dois meses depois eu estava na distante Califórnia, em uma de suas mais belas regiões montanhosas, transformado em membro de um grupo de mineradores de ouro. As recompensas de nosso labor foram tão generosas que logo começamos a achar o trabalho oneroso e empregamos homens para fazê-lo por nós. Entre esses, havia um provindo da China. Chamo-o de um homem da China porque, à primeira vista, ele não parecia ser alguém da classe pejorativamente chamada "coolies", mas um homem de verdade. Os "coolies" eram numerosos na cidade que ficava a duas ou três milhas da mina, mas Quong nada tinha em comum com eles nem se misturava a eles. Também não compartilhava com eles os hábitos da gula, do gin e do ópio. Sua roupa era do tipo que sempre distingue o chinês de outras nacionalidades, mas suas feições não o distinguiam da mesma forma. A testa alta e proeminente, a fronte bem desenvolvida, as sobrancelhas bem pronunciadas e o pescoço delicado o distinguiam como uma pessoa de elevado caráter e categoria espiritual, esplêndidas capacidades de percepção e temperamento nervoso. Seus olhos -que olhos! Calmos, claros, de cor cinza claro, com uma expressão de bondade; um olhar sem preconceito e sereno, caritativo, sem rancor, sempre consciente e crítico de si mesmo, mas pronto a ignorar as faltas alheias. Essa era a aparência daquela notável criatura. Sua fala era inteligível para qualquer pessoa a quem ele se diri-

gisso, mas sempre me pareceu que aquele inglês trôpego, um dialeto que misturava inglês e chinês, teria sido absolutamente ininteligível se falado por qualquer outro chinês. Não sou nenhum Dom Quixote e não pretendo negar que não seja um sério problema para o homem branco da América, da Austrália e das repúblicas hispano-americanas ser forçado a competir com operários chineses ou com os produtos comerciais daquela nação. Acho que é um grande mal e dou razão à raça caucasiana. Mas com toda a franqueza eu perguntaria se as hordas de pobres operários da Europa, não habilitados, sem educação e quase impossíveis de serem assimilados, não seriam uma ameaça ainda mais pesada? A imigração de ambas as espécies de trabalhadores contém grande perigo para as frágeis instituições, nas quais creio ao ponto de ter arriscado perder minha vida na ponta de uma baioneta para preser-. vá-las. Mas longe de mim encorajar o espírito da luta; antes, aconselho-te a seguir Aquele cuja vida significou "Paz na Terra" e a verdadeira fraternidade do homem.

Em deferência a um sentimento correto, daqui por diante estas páginas se referirão ao meu empregado como Quong (seu nome) e não como "o chinês".

Depois da mudança de atitude que transferiu o trabalho pesado a homens para isso contratados, meus sócios e eu passamos a morar na cidade, embora um ou dois de nós sempre estivessem na mina para supervisionar os trabalhos. Empregamos duas turmas de operários que trabalhavam em dias alternados, o que significava que cada turma só trabalhava metade do tempo, embora seus salários não fossem diminuídos por isso. Essas facilidades tornavam os operários duplamente fiéis, pois viam que nosso objetivo não era arrancar deles todo o trabalho que pudessem fazer sem nos preocuparmos com seu conforto e com o fato de que eram homens, não bestas de carga. Esse tipo de tratamento por parte do homem branco dará muito mais resultados do que o outro que faz os operários labutarem sem descanso todos os dias úteis; é isso o que demonstra minha experiência. Trata teu próximo como gostarias de ser tratado se estivesses em seu lugar.

Nenhum dos homens fazia qualquer objeção a Quong como colega de trabalho; a maioria estava pronta a admitir, inclusive, que ele não parecia um pagão. Eles tinham razão, Quong não o era. Seu comportamento para com todos era respeitoso e digno; bastante reticente e quieto, mas tão marcado por um ar de benevolência que conquistou o afeto de seus companheiros. Eles

sentiam que ele era um verdadeiro homem. Certa vez um novo empregado foi contratado pela companhia, o qual "não gostava de trancas". Em menos de uma semana ele caiu enfermo e, sem que lhe pedissem, o desprezado "coolie" não só trabalhou o dia inteiro, como também cuidou do doente enquanto durou a breve mas severa febre, passando a noite acordado e descansando apenas algumas horas no dia seguinte, que era seu dia de folga. Nenhuma palavra mais foi dita pelo homem que detestava "coolies", pois tinha sido conquistado pela bondade de Quong. Ele também mostrou que era um verdadeiro Homem quando o cancro da intolerância foi curado.

Em mais de uma oportunidade Quong e eu ficamos juntos em seus dias de folga. Às vezes íamos até a cidade, mas na maioria das vezes dirigíamos nossas montarias para a solidão das montanhas. Sem ele para me guiar eu teria me perdido por lá, entre as vastas gargantas, com a sombra de pinheiros gigantes se estendendo entre as quase intermináveis escarpas, as rígidas costelas do planeta. Quong nunca se perdia, nunca hesitava, mesmo que, em mais de uma ocasião, a noite caísse sobre nós com tal escuridão que eu não pudesse ver sequer minha mão diante do rosto; um fato que não consegui compreender na ocasião, embora agora isso seja claro para mim. Uma vez, numa oportunidade desse tipo, senti grande necessidade de luz; estávamos numa caverna que tínhamos descoberto. Ele disse: "Pode deixar, eu te darei uma luz". Ouvi que ele quebrava uma pedra tirada da parede da caverna; em seguida ele a colocou em minha mão, dizendo: "Cuidado agora, a luz não deve te tocar; é como o raio; mata". Como é fácil de se imaginar, peguei a pedra com muito cuidado, mas Quong me disse para segurá-la com mais força. Nesse momento saltou uma luz da ponta da pedra, iluminando toda a caverna como se fosse a luz do Sol! Se uma coisa tão espantosa tivesse acontecido alguns anos depois, eu teria concluído que era uma luz elétrica, mas se verificasse que ali não havia pilhas nem qualquer gerador, teria me sentado como o fiz na ocasião de que feio, contemplando a maravilhosa luz, esquecido de onde estava. Como Quong não deu qualquer explicação adicional, tive de me contentar; mas na verdade eu não estava satisfeito! Entretanto, seu poder de manter a direção certa em lugares onde não havia sequer pegadas de animais era suficientemente espantoso, e muitas vezes admirei o fato daquele homem não se perder entre as serras que se estendiam até onde os vastos e nevados picos definiam o horizonte e impiedam o céu de se confundir totalmente com o azul das montanhas.

Quando fazíamos aquele tipo de jornada, deixávamos a mina as cinco e meia da tarde. Os outros homens podiam estar fatiga-dos, mas Quong nunca parecia compartilhar daquele cansaço, apesar de nenhum dos operários negar que ele completava mais tarefas do que qualquer um deles.

Se havia luar, quando nós e nossos cavalos estávamos a sós com a natureza e a noite, parávamos num local remoto para aguardar a manhã, e dormíamos ou não conforme achássemos melhor. Quong sentava numa pedra ao lado de uma torrente cristalina e contemplava com silencioso deleite a solitária grandiosidade dos sombrios pinheiros e dos picos iluminados pelo luar. Eu o deixava ali e subia o riacho até que, olhando para trás, via que meu amigo tinha ficado fora de minhas vistas por causa de algum obstáculo de pedra ou uma volta do caminho. Eu continuava a vagar, apreciando a paisagem "desenhada com pedras, antiga como o Sol".

Não é possível a uma pessoa atenta às belezas naturais permanecer insensível aos pensamentos mais sérios, suscitados nos ermos intocados pelos métodos mais sórdidos dos homens. Gradualmente, meus pensamentos assumiam um tom de reflexão que, sem que eu o percebesse, se matizavam com a sombra negra e opaca do materialismo. Muitas vezes um profundo desespero me assaltava quando eu buscava a resposta filosófica às misteriosas perguntas da alma: "De onde? Para onde?" A fé cega, irracional, nunca tivera um lugar em minha natureza, que não obstante tinha uma disposição profundamente religiosa. "Raciocinar é perder-se", anunciava em altas vozes a igreja daqueles dias e que mesmo hoje continua a manter essa atitude sobre a razão aplicada à fé. As perguntas que assombravam outros me perseguiam, mas faltava-me o desejo de apresentar a pergunta que me enlouquecia a um mundo que indubitavelmente já tinha misérias suficientes, no meu entender. O desespero que emergia dos questionamentos ocultos não era menos intenso por estar oculto. Eu lia obras científicas com grande sede; estudava anatomia, fisiologia, mecânica, a estrutura das células e os ensaios de Darwin e Husley, e chegava às mesmas conclusões que há tantas eras angustiavam impiedosamente o mundo. A massa cinzenta do cérebro, a substância cerebral branca, a medulla oblongata, o magnetismo vital e o sangue - tudo torna-se gordura fosforizada, hematina e vibração magnética -essa mesma teoria de "cerebração inconsciente", aliás, que ainda perturba certos filósofos. Assim, alegria, tristeza e todas as outras emoções tornam-se uma forma de vibração, pare-

cida com as ondas sonoras, térmicas, luminosas e outras. Em suma, eu via minha alegria transformar-se no simples tremor vibratório de um tecido nervoso, semelhante (mas mais complexo) ao pulsar de uma corda de violino. Minha dor era igual a uma pulsação ou onda semelhante. Nem por isso qualquer uma das duas era menos vivida; se meu prazer era uma simples pulsação de feixes de fibras procedentes de uma célula ou núcleo, compostos principalmente de substância gordurosa fosfatada; se, ao acontecer, esse prazer provocava uma agitação magnética e uma quantidade diminuta de ácido fosfórico, enquanto que qualquer ação muscular ocasional produzia apenas quantidades relativamente pequenas de ácido carbônico e outras substâncias químicas excretivas, mesmo assim era uma alegria vivida. Quanto à minha dor pela morte de um amigo, se ela produzisse exatamente as mesmas substâncias químicas, com suas fórmulas reduzíveis aos símbolos PO_4 e CO_2 , etc, etc, seria essa emoção menos angustiante e dolorosa? Não obstante, quando todas essas perguntas tinham sido feitas, quando tudo tinha sido reduzido a suas derradeiras conclusões, sempre, constantemente, eu me via diante de uma parede nua, intransponível, e tudo cessava, menos Deus. Em meu desespero, eu clamava: "Não há Deus nem imortalidade, e o homem só é diferente da ostra porque tem uma organização mais complexa. Só porque eu, acreditando que assim é não me sinto incentivado ao crime, estou livre da luxúria, do assassinio? Que importa se eu matar um homem e não houver testemunhas desse crime? Quando eu morrer, o relógio da vida estará deteriorado ou quebrado; os dois casos são irreparáveis e não haverá resurreição ou punição, pois a morte nivele tudo, equaliza tudo. Talvez eu mesmo não passe de uma complexa vibração de átomos, não diádes mas arranjos multi-atômicos de matéria acionada - pelo quê? Força, força ondulatória, éter em movimento. Não passamos de marionetes, criaturas de circunstâncias incontroláveis. "Kismet" diz o árabe, é o que eu também devo dizer!"

Será que horríveis causas naturais de medo aproveitam esses momentos para perseguir o pobre e desesperado homem, quando ele já se tornou presa da desoladora opressão na própria vida de sua alma? Concluí que sim e mesmo no momento seguinte continuei a pensar assim; eu tinha a alma em perigo, e também o corpo, pois no meu caminho então surgiu o terror-um enorme urso cinzento, *Ursus horribilis*. "E mesmo horrível", pensei, vendo o animal erguer-se numa postura ameaçadora. Eu não tinha armas a não ser um canivete e, ao lembrar disso, a realidade do perigo se tornou mais pungente. Olhei nervosamente à minha

volta procurando uma árvore em que pudesse subir e ficar em segurança. Mas nas proximidades só havia pinheiros gigantes; rio abaixo, onde estava Quong, havia choupos, mas correr até lá colocaria em extremo perigo o meu amigo que ignorava a situação. Entretanto, a fera estava me forçando rapidamente a escolher um meio de fuga, ou ficar ali e ser devorado. Então voltei-me para sair correndo e - ali estava Quong! Calmo e controlado, fez-me um sinal para não ter medo.

Fiquei congelado, espantado ao vê-lo caminhar lentamente até o urso que, mudando o aspecto ameaçador para o de docilidade, apoiou-se nas quatro patas e ficou esperando a aproximação do homem. Estaria Quong insano? Eu tinha certeza de que logo seria feito em pedaços, mas o que ele fez foi colocar a mão na cabeça do animal e dizer:

"Deita!"

A ordem foi imediatamente obedecida; Quong sentou-se nas costas do animal prostrado e acariciou suas enormes e rígidas orelhas! Gentilmente o urso lambeu aquela mão humana, como se acariciassem seus próprios filhotes. Que poder oculto existia ali? Seria Quong um fazedor de milagres? Nunca qualquer ação dele tinha dado a entender tal coisa. E verdade que o exemplo da produção de luz na caverna fora uma demonstração de poder, mas isso não tinha me ocorrido na ocasião porque eu sabia o suficiente - e ao mesmo tempo não o suficiente - para entender que a produção de luz elétrica era possível, embora nenhum eletricista ou químico teria podido produzi-la da forma que Quong o fizera. Isso não era possível para a ciência comum; aliás, não é ainda. Eles poderiam chegar a isso se utilizassem o método oculto apropriado; esse é um dos primeiros e mais fáceis feitos aprendidos pelo noviço. Só que naquela época eu não era um noviço.

Após alguns momentos Quong se levantou e disse ao urso subjugado: "Vai!" Obedientemente o peludo animal foi caminhando lentamente pela trilha e logo se perdeu de vista entre as rochas e sombras da noite.

Os monolitos de granito continuaram a irradiar seu brilho prateado naquela gloriosa noite de verão; os escuros pinheiros balançavam tangidos pela brisa suave que, após brincar entre os ramos sussurrantes, veio soprar a espuma da torrente para cima das flores silvestres que pontilhavam as margens. Ao lado das rochas,

fendas e picos, da torrente e dos pinheiros, a luz brilhava sobre as figuras dos dois homens. Um estava imóvel em meditação; o outro, sem pensar em nada, simplesmente olhava para o primeiro com olhos onde o espanto ainda permanecia. Nenhum deles se moveu ou falou. Mas um deles, pelo menos, sentia, embora não pensasse. Eu senti quão pouca diferença existe entre homens que são pessoas dignas. Eu teria reconhecido Quong como meu igual diante do mundo, talvez até como superior a mim. Nas noites claras, às vezes surge uma neblina que obscurece a face das coisas. O mesmo acontece com a alma; em seus momentos mais claros ela conhece a Verdade, para instantes mais tarde esquecer como era aquela Verdade. E então a neblina se desfaz; às vezes isso ocorre em meio à escuridão. E o mesmo ocorre com a alma: a morte pode ou não estender sua obscuridade sobre ela antes que as nuvens do preconceito tenham se desvanecido.

Lá, sob o luar, o céu de minha alma estava claro, mas nenhum de nós dois se moveu ou pronunciou qualquer palavra.

A A A

CAPITULO II

UMA ALMA EM PERIGO

Durante muitos dias ponderei sobre aquela cena nas montanhas, maravilhando-me com o extraordinário poder de Quong sobre os animais selvagens. Sabia ele que exercia esse controle ou era essa apenas uma característica de sua natureza, suficientemente admirável mas incompreendida por ele? Em Bombaim eu tinha visto encantadores de serpentes exercerem o mesmo domínio, mas essa era uma capacidade herdada, inexplicável para o próprio operador. A quem lhes perguntasse a respeito, respondiam:

"Meu pai fazia isso antes de mim, e antes dele o pai e o avô de meu pai. Eu não sei, a não ser que ele obteve esta arte de Brahma."

Talvez Quong conhecesse a lei que regia o fenômeno; se assim fosse, se ele conhecesse uma lei oculta, não conheteria duas ou mais? Resolvi perguntar-lhe quando a oportunidade se apresentasse. Quando estive no Hindustão, ouvi dizer que havia certos homens lá, não faquires mas homens cultos que viviam nas solidões do Himalaia, e faziam coisas mágicas de grande variedade e poder. Teria Quong aprendido com eles? Seria um adepto do oculto como aqueles de quem eu ouvira falar? Pelo que eu soubera, eram chamados Raja-Yoguis e, para os curiosos que tentassem saber mais a respeito deles do que a simples declaração de que possuíam uma vasta sabedoria oculta ou teosófica, os nativos leigos mostravam-se tão inatingíveis quanto a Esfinge do Egito.

Logo tive oportunidade de fazer minha pergunta a Quong que se mostrou mais comunicativo do que o esperado, sabendo eu como ele era.

Fiquei muito feliz de saber que nem um entre cem mil chineses possuía qualquer sabedoria oculta; fiquei feliz porque se os degradados e bajuladores mongóis tivessem tal conhecimento, pelo fato de que o mesmo não conseguia elevar aquela raça ignorante, não poderia ele ter um caráter elevado. Mas por todo o Oriente, aqui e ali, havia magos; as razões de manterem segredo provinha do fato de que, antes de obter o conhecimento do qual eram

os guardiães, a alma do candidato tinha de alcançar a calma que mais facilmente se consegue vivendo-se na solidão da natureza. Isto pode parecer estranho, mas é uma calma que dificilmente pode ser obtida e mantida nas habitações dos que costumam comer carne ou dos que se entregam ao egoísmo da vida comum. Podes imaginar por que esses estudantes preferem se retirar para longe das perturbações; os homens que querem estudar se isolam, mesmo nas cidades. Mas com o ocultista é diferente, pois da ordem social e da vida comunitária emana uma aura ou atmosfera própria de perturbada confusão; uma aura fatal para a paz absoluta requerida pelo teósofo. Vejo-me compelido a observar neste ponto que o que se inclui no termo "teósofo" no mundo de hoje é uma coisa tão distante de seu genuíno sentido que esse nome foi deixado de lado pelo silencioso estudante da natureza que, agora como sempre, é um Filho da Solitude.

Mas voltemos a Quong e à pergunta que lhe fiz. Eis sua resposta literal:

"Sim, na terra da Bandeira Estrelada existem estudantes conhecidos como a "Fraternidade Lotiniana". Suas lojas, chamadas "Sa-ches", são habitadas em todo o hemisfério ocidental; existe um Sache perto daqui. Ninguém que não seja privilegiado pode ter a esperança de saber onde fica, nem quem são seus membros. Mas eu te induzi, Sr. Pierson, a fazer a pergunta; e como o fiz com o consentimento de meus irmãos, de quem és bem conhecido embora não conheças nenhum deles, a que atribuis minha ação?"

Eu só podia interpretar o caso de uma maneira: respondi a Quong que sem dúvida eles conheciam e aprovavam meu profundo desejo por uma confraria oculta; um desejo que estivera abafado até aquele momento: eu sentia minha Filiação mas não a conhecia.

"Assim é. Serás aceito como Filho Irmanado por uma classe de homens que raramente admite a confraternização com os novos afiliados, e jamais com outras pessoas. Mas que isso fique eternamente claro para ti: não existe em parte alguma uma ordem de estudantes místicos, nunca houve e nunca haverá. Os lotínios da América, os ioguis do Hindustão, não se congregam para o estudo da sabedoria oculta. Não é possível esse estudo. Aquele que alcança a consecução, cresce; não estuda como nos colégios. A sabedoria não está nos livros. Cada estudante de Deus é em si mesmo o plano em que habita, um centro irradiador da sabedoria de Deus. Os próprios votos requeridos dos iniciados são apenas

testes que determinam se aqueles que buscam a afiliação são o que devem ser. O teo-cristão vive com os demais em corpo, mas apenas porque os semelhantes se atraem. O Reino de Deus está dentro de ti, ou então é inexistente (para ti). Atenta para isto e o Cristo te permitirá saber e tornar-se maior, e crescer como os lírios do campo que não tecem nem fiam, sendo os pensamentos externalizados de Deus. "Eu sou o Caminho, A Verdade e a Vida", disse o Grande Ser. Walter Pierson, é membro do Sache, por direito de crescimento. Esse direito te foi dado porque tua vida é conhecida por eles há muitas eras."

"Minha o quê? Minha vida por muitas eras? Serei tão velho assim?" Perguntei, rindo da suposta piada.

"Aprenderás com o tempo, Sr. Pierson, com o tempo", disse Quong gravemente, em tom meditativo. "Não estou falando para fazer graça".

Como a razão dada para o interesse por mim não esclareceu minhas dúvidas, passei a pensar nessa questão.

"Não, não poderás adivinhar a resposta", disse Quong. "Olha para mim; pareço ter trinta anos de idade, mais ou menos. Sou muito mais velho. Multiplica esse número por três e adiciona sua metade, e estarás correto com a aproximação de um ano. Tenho te observado desde teu nascimento, usando meus poderes psíquicos para isso, pois até o ano passado nunca tinhas posto os olhos em mim. Nasceste com poderes que podes desenvolver a ponto de te tornares mais sábio do que eu. Se te agrada, podemos ir ao Sache esta noite. Estás surpreso de que eu, que até agora só ouviste falar em dialeto "pidgin", como é chamado, use agora uma linguagem tão fluente. Tenho meus motivos, acredita; talvez te pareçam óbvios".

À tardinha fui à cidade, tendo dito a Quong que o encontraria lá se o acesso ao Sache fosse tão conveniente de lá quanto da mina.

No caminho para a cidade encontrei um conhecido em cujo bar popular eu tinha bebido muitas vezes, julgando que isso não me fazia mal visto que eu bebia com moderação. Quando chegamos perto de seu estabelecimento na rua principal, ele insistiu em que eu amarrasse meu cavalo e entrasse para tomar alguma coisa com ele. A idéia de aceitar o convite me incomodou e senti que perturbava as calmas reflexões que haviam ocupado meus

pensamentos desde que me despediia de Quong. Este nunca ingeria álcool, não fumava, sendo muito controlado em seus hábitos. Mas entrei, resolvido a não beber nada que contivesse álcool. A cena era familiar: homens estúpidos, tolos ou excitados pela bebida, e mulheres públicas misturadas à multidão. Até uma semana atrás essas coisas eram vistas com indiferença, mas agora me pareciam revoltantes ao extremo. Vi um exemplo da satânica influência do álcool com uma emoção diferente da que teria em outro dia: uma jovem loura e bonita, bebedora moderada, que ainda não tocara o fundo do poço, mas contaminada a despeito de toda a sua educação, cultura e refinamento; sua vida tinha começado em meio às influências da escola, da igreja e do lar, no extremo oriental dos Estados Unidos, mas tinha caído sob o encanto das traiçoeiras palavras de um homem sem coração e sob o cruel julgamento da sociedade, igualmente sem coração -essa sociedade que é um sepulcro caiado de branco; exteriormente sem manchas, mas secretamente pior do que as vítimas que ela apedreja com suas impiedosas opiniões. Pior ainda é esse espírito farisaico que deixa em liberdade os perpetradores da traição.

"Aquele que não tiver pecado que atire a primeira pedra". Ela já estava passando seus dias no inferno. A causa original disso era a bebida. A bebida? Sim, eu conhecia sua história. Seus pais não viam mal algum no uso moderado do vinho e, com o despertar na natureza da jovem do gosto pelo vinho, veio o gosto pela sociedade "leviana", veio a ruína! Ela só tinha dezoito anos, mas seus pés já tinham pisado nas brasas do Hades. Estaria ela perdida, totalmente perdida? Não me parecia que estivesse. Eu acreditara em sua história, a de que o brilho do mau caminho, o vinho e a sociedade mundana tinham sido abraçados por ela, em sua cidade natal, porque seus pais não a tinham desencorajado. Ela me disse que não gostava daquela vida insensata, que só lhe dava desgosto. Senti que falava a verdade, pois lágrimas de real tristeza brilharam em seus olhos castanhos, e eu soube que a dona daqueles olhos tinha palmilhado a senda do pecado não por preferência, mas, como ela disse, "Por parecer que lá em casa ninguém se importava com o que eu fazia, até que aconteceu a desgraça, quando então me expulsaram de seu lar e de seu coração". Isso tudo me fora dito em sua casa, a mais elegante da cidade, conhecida como "Retiro". Naquele dia ela estava ocupada pintando, pois essa sua habilidade artística só era comparável à sua maestria de pianista. As paredes estavam cobertas de quadros executados por ela; tão belos, tão tristes e trágicos! Um era a representação de uma bonita donzela, com uma luz febril nos olhos e um ar

de desafio no rosto, sentada embaixo de uma grande árvore num gramado. Ao seu lado um homem jovem e diante deles uma criada com uma bandeja na qual havia quatro taças - duas cheias de leite, duas de vinho tinto. Com um sorriso malicioso, o rapaz tinha estendida a mão para uma taça de vinho e a jovem, com as faces ruborizadas e olhos desafiadores, tinha a mão estendida para a outra taça de vinho, embora fosse óbvio que ela preferia o leite. Atrás dela, sem ser vista pelos dois jovens, estava uma forma espectral; um homem cujo rosto denotava uma divina pureza, chorando por causa do erro cometido pela jovem. Atrás do rapaz via-se outra forma espectral; negra, de feições satânicas, a mão no ombro do rapaz e um sorriso de triunfo no rosto maldoso. O título do quadro era: "A Derrota da Pureza".

Depois de estudar longamente a pintura, voltei-me para ela e perguntei:

"Isto representa tua vida e sua ruína, não é verdade?"

Sua única resposta foi cair em pranto. Esperei até que o acesso de angústia passasse. Quando enxugou as lágrimas, respondeu:

"Sim, minha ruína. Ó Deus! Ter caído tão baixo; não ter mais esperanças! Se eu pudesse, deixaria este tipo de vida e começaria de novo onde ninguém me conhecesse, ninguém soubesse do meu passado. Mas não posso, não tenho meios de me sustentar."

"Podes sim, Lizzie" -sugeri cora suavidade.

"Sim, falas de minha arte; mas penso que não, porque não tenho os meios adequados para começar."

Eu tinha deixado a sala da jovem naquele dia em que, à noite, Quong e eu fomos para as montanhas e o episódio do urso cinzento aconteceu. Isso fora há uma semana; e agora eu estava no bar de Charles Prevost quando vi Lizzie conversando com o aten-dente, tomando uma taça de xerez.

O atendente foi servir outro freguês e eu fui até onde ela estava. Baixando a cabeça, falei ao seu ouvido, num murmurio:

"Não preferirias que esse xerez fosse leite?"

O olhar brilhante esmaeceu naquele lindo e triste rosto e uma lágrima apareceu no canto de cada olho, tremendo como uma gota de orvalho. Ela respondeu desanimada: "Sim".

"Pois então vem comigo; vamos até tua casa."

Saímos, seguidos por olhares curiosos refletindo um julgamento errôneo. Chegamos e entramos na sala. Ofereci-lhe uma cadeira e sentei na outra, e disse enquanto ela me olhava pensativamente:

"Lizzie -ou melhor dizendo, Elizabeth, pois este é um nome mais elegante, mais digno e te assenta melhor -disseste que prefe-rias tomar leite; eu sei o que isso quer dizer; que tua alma aspira às coisas melhores da vida, das quais falamos na segunda-feira passada. Pois bem, sou rico, ninguém aqui no Oeste sabe quanto. Para mim a perda ou a simples falta de vinte mil ou mais de vinte mil dólares nem seria sentida; os rendimentos de um ou dois meses preencheriam essa perda. Desde que conversamos na semana passada pensei muito em ti; hoje vim preparado para... bem, para vencer teu orgulho e te fazer aceitar este cheque do First National Bank de Washington. Queres, por favor, Elizabeth, aceitá-lo e ir para lá, fugir da tristeza de hoje e começar uma nova vida?"

"Mas... mas como poderei devolver o dinheiro, ou como sabes que não vou desperdiçá-lo e abusar de tua confiança?"

"Minha jovem, não quero que o devolvas de forma alguma para mim. Usa-o da maneira que te sugeri. Quanto a mim, o Salvador disse: "Aquele que der nem que seja um copo de água fresca, de maneira alguma perderá sua recompensa". Ele também disse: "Aquele que perder a vida por minha causa novamente a encontrará". Se assim é com relação à vida, Elizabeth, que dizer do dinheiro, que é tão menos que a vida? Confio em ti. Aceitas meu presente como um "copo de água fresca" que te salvará da perdição?"

"Sim, se me é dado desta forma, eu cumprirei a promessa com a ajuda de Deus!"

Como ela cumpriu sua promessa, caro leitor, saberás no devi do tempo. A Cidade de..... nunca mais a viu, nem seu destino foi do conhecimento de qualquer outra pessoa além de mim. Tudo que se soube foi que suas melhores pinturas foram encaixotadas e consignadas a uma galeria de arte de New York, via São Francisco e Horn. Isso foi um disfarce, pois embora se desse a impressão de que os quadros foram vendidos a consignatários, tal não foi o caso, pois nada poderia tê-la induzido a se separar deles a não ser a mais negra necessidade. As pinturas menos valiosas foram vendidas em leilão, junto com a casa e os móveis, o que

rendeu uma boa soma em dinheiro. O bilhete de passagem, como me contou um mês depois uma amiga comum -uma irmã de caridade católica, que Deus a abençoe! - que foi até São Francisco com ela, fora comprado para a cidade de Melbourne, Austrália. Essa informação foi uma surpresa para mim e concluí que os planos dela tinham sido profundamente elaborados. A freira católica entregou-me um pequeno quadro que Elizabeth tinha deixado para mim. Era do Capitólio de Washington e embaixo havia uma citação entre aspas: "Lar, doce lar". A irmã nunca tinha visitado Washington e não conhecia o tema do quadro; ninguém mais o tinha visto, de modo que exceto eu nenhuma pessoa soube, pelo recado no quadro ou de outra maneira, para onde tinha ido realmente a bela e frágil jovem, recém-nascida para um novo futuro.

Deixando de lado qualquer pensamento sobre aquela que eu considerava salva, comecei a refletir sobre minhas próximas ações. Ao pensar na visita ao Sache, senti como se fosse deixar o mundo; fazer parte daquela ordem era, segundo Quong, virtual e talvez factualmente o mesmo que deixar o mundo da humanidade comum. Andando pela rua depois de assinar o cheque de Lizzie, uma folha de papel soprada pelo vento caiu em meu braço e ficou presa ali até que a retirei. Eu estava a ponto de jogá-la fora quando meu próprio nome no papel me chamou a atenção e despertou minha curiosidade. Li a nota inteira e a repetirei palavra por palavra para tomara conhecimento do seu conteúdo:

"Não dês o resto de tua fortuna: até agora fizeste bem com tua doação, mas não te desfaças do resto insensatamente. Contudo, teus dias de minerador estão praticamente terminados, assim como tua vida nesta comunidade, portanto vende tua parte na mina. É boa e vale uma grande soma; não desanimes se não encontraras um interessado agora, apenas aguarda. Mas faz a oferta agora, pois o fator tempo é essencial.

M....."

De onde viera a mensagem? Eu não sabia e, ainda que estranho, minha costumeira e exagerada cautela não me sugeriu que aquilo fosse um esquema planejado para me defraudar. Como essa idéia esteve muito longe de me ocorrer, procurei meus sócios e perguntei quanto me dariam por meu terço da prosperidade. A resposta não foi imediata. Finalmente um deles me perguntou cautelosamente:

"Por que estás querendo vendê-la, Pierson? Temes que o veio esteja se esgotando?"

Respondi que não, que minhas razões eram de natureza particular. Além disso, eu queria voltar para casa. Eles não sabiam que a palavra "casa" era um termo figurativo; que eu não estava me referindo a Washington, a cidade de onde eles sabiam que eu viera, mas que ao invés disso eu falava de minha afiliação a uma fraternidade oculta. Eles prometeram me responder no dia seguinte. Concordei, mas o "dia seguinte" se estendeu por mais um mês. A resposta veio depois que ocorreu um "achado" em nossa mina, um filão que, na opinião da companhia, valia milhões de dólares. No "refugo" sobre o "leito" do local foi encontrado um veio de quartzo misturado com ouro que, de acordo com a estimativa, valia milhares de dólares por tonelada. Sem ter consciência da fortuna iminente, deixei meus sócios ocupados discutindo e saí para a rua. No local e na hora combinada, sete horas da noite, encontrei Quong. Nossa encontro tinha sido marcado fora dos limites da cidade e a noite tinha caído quando lá cheguei. Ele estava sentado embaixo de um grande pinheiro, mas não o vi a não ser depois de uns cinco minutos, pois não esperava que ele chegasse primeiro. Era noite de lua cheia e fiquei pensando, sentado numa pedra ao lado da estrada, ponderando sobre o mito de Morfeu que com seu pesado cetro conduz muitos ao obscuro mundo dos sonhos, o único alívio da miséria que muitos milhões de sofredores encontram na terra. Mas Quong não pretendia me conduzir a um sono tranqüilo; ele não vinha como Morfeu, pois ia introduzir-me num reino que, embora fosse novo para mim, era antigo na Terra, existindo desde que o primeiro vôo dos anos começara, num tempo já esquecido; um reino que existira desde o tempo da Criação, a distante e espiritual terra da alma, onde as fantasias da terra dos sonhos são suplantadas por verdades ainda mais estranhas. Eu estava para entrar na senda da Cabala, na qual viajam aqueles cujas pesquisas sobre a intimidade do oculto vêm de uma antigüidade de respeitáveis videntes de séculos já idos. Seria eu considerado digno? Foi então que Quong interrompeu meus pensamentos, dizendo:

"Vamos."

Por estranho que pareça, não me assustei com seu súbito aparecimento. Logo estávamos no meio dos morros reforçados por rochas; as florestas de pinheiro meneavam os galhos acima de nossas cabeças, à nossa volta e pelos declives sob os nossos pés.

Havia veados andando por ali apesar da relativa proximidade de habitações humanas; muitas flores de cor viva podiam ser entrevistas à luz da lua, espiando para nós; eram lírios silvestres, violetas, açucenas. Meus pensamentos se demoravam nessas belezas naturais que pareciam dizer: "como é adequado que aqueles que amam a natureza comunguem com suas formas visíveis e, após ouvir as línguas do visível, tomem nota das várias linguagens com que ela fala de coisas não vistas". Minha alma respondeu ao tremor do sentimento que perpassou meu ser durante essa meditação.

A essa altura já estávamos bem longe nas montanhas cobertas de vegetação e rodeadas pelo silêncio da natureza, e a noite ia bem adiantada. O escudo redondo da lua agora brilhava bem acima de nós, ou nos espiava por entre os galhos dos pinheiros. Quase nenhuma nuvem toldava o céu, o ar estava parado e quente, e toda a paisagem parecia uma introdução apropriada a belezas ainda maiores, que eu sentia que me seriam apresentadas.

Então vi Quong à minha frente com sua blusa chinesa, no ato de desmanchar a trança para refrescar a cabeça. Essa visão agiu sobre o meu preconceito profundamente arraigado contra a raça chinesa e, como uma brisa nervosa, perpassou minha alma até então plácida e obscureceu minha alegria, minha serenidade. Por um momento esqueci a superioridade da condição humana em Quong e surgiu em mim uma certa repugnância quanto a investigar, na companhia de um chinês, coisas que me pareciam sagradas. Minha vaidade sussurrou que, porque ele era chinês, era inferior a mim; mas eu nunca teria coragem de dizer uma só palavra a este respeito. Naquele momento, quase senti vontade de voltar para a cidade.

Quong interrompeu esses desagradáveis pensamentos e suas palavras transformaram-se num espelho, refletindo meu insuportável egoísmo tão fielmente que fiquei consternado e me perguntei como meu senso de justiça tinha permitido semelhante ascendência da torpeza. Finalmente foi varrido o último vestígio da noção de que a nacionalidade tem alguma importância quando se considera a real condição humana de um indivíduo. Substituindo essa estreiteza veio a convicção de que, embora uma raça possa ter exemplos mais numerosos de nobreza do que outra, ainda assim os indivíduos de qualquer raça podem vencer a mais alta barreira social e provar sua igualdade, pois é a alma, não o seu invólucro, que se eleva a Deus.

Tu me perguntas -"O que disse Quong?" -Isto:

"Ai, a vaidade humana! Ela é mais prolífica em males do que qualquer outra emoção; faz os homens fracos em vez de fortes; curva-se ao preconceito quando se defronta com a bravura, e planta a semente da Injustiça que produz a flor da Intolerância e o fruto da Iniquidade."

Voltando-se diretamente para mim, ele continuou:

"Irmão, deve a penalidade merecida pela depravação da raça chinesa voltar-se contra mim que não participo dessa iniquidade? Deve a pedra boa que está entre pedras ruins, rejeitadas pelos construtores da sociedade, ser jogada fora junto com as demais? Opressão e tirania é rejeição, porque nega os direitos do homem. Contempla ó pilar de força construído com as pedras rejeitadas das nações sobre a rocha da Declaração da Independência americana! Mas que não seja construído alto demais, e sempre com pedras escolhidas, qualquer que seja sua origem, para que não fique fora de proporção e não caia em ruínas!"

"Ora, veja! Eu não sabia que podias ler meus pensamentos tão facilmente, nem sabia o quanto eu me tornara antiliberal por causa de minha vaidade! Perdoa-me, amigo!"

"Não me peças perdão, não estou ofendido. Mas vi claramente que estavas sendo injusto contigo mesmo permitindo essa invasão do preconceito. Foi para te recolocar no bom caminho e não para te humilhar que falei."

De algum modo a beleza da cena foi realçada aos meus olhos. Como um raio de bem-estar eram as palavras de meu amigo e a atmosfera de minha alma clareou, fazendo todas as coisas parecerem mais belas.

Uma corça e seu filhote entraram na trilha à nossa frente. Seu primeiro impulso ao nos ver foi fugir, mas Quong levantou o braço e os chamou como se fossem animais de estimação. Eles pararam e vieram até nós. Quong os acariciou gentilmente e quando continuamos eles nos seguiram. Fiquei imaginando se Quong, em suas caminhadas solitárias pelas montanhas, teria domestica-do alguns animais como aquela corça e mesmo o urso, quando essa idéia foi afastada por outra ocorrência. Quando passamos por uma rocha saliente, um puma ou leão californiano (Felix in-

color) saltou para a trilha com a evidente intenção de fazer dos animais o seu jantar e, se a corça não fosse ágil, teria sido vitimada instantaneamente; ela e seu filhote se encostaram assustadas em Quong que, voltando-se para o felino, disse com voz calma, baixa, mas severa:

"Paz!"

E paz se fez, pois o carnívoro se abaixou por um instante, como um cão assustado, depois voltou à sua atitude normal e, ronronando, caminhou com passos leves para um lado da trilha, com a corça no outro lado perto do mediador humano, enquanto eu, perdido em meu espanto, ficava para trás. Verdadeiramente, a fábula do leão e do cordeiro estava sendo vivida na realidade.

"Podes ver, meu irmão, o que é conhecer a lei e vivenciá-la-, eu sou vegetariano e a paz perfeita que essa alimentação propicia acalma minha alma, de modo que posso ver a lei como num espelho. Vês a prova desta verdade por esta ocorrência!"

Quando se calou, paramos na frente de uma grande laje de ba-salto com algumas centenas de pés de altura. A laje estava quebrada e retorcida como por uma terrível convulsão. Em volta da base jaziam grandes fragmentos caídos daquela murcha. Encostada na mesma estava um gigantesco bloco com muitas toneladas de peso. Tocando-a, Quong disse:

"Aqui está nosso Sache, nosso Templo, por assim dizer; esta rocha guarda a entrada de um notável lugar, para dizer* o mínimo, de um ponto de vista ocidental."

Olhei em vão, procurando a entrada ou alguma fenda que pudesse levar a uma caverna. Quong pôs a mão no grande felino e ordenou: "Vai!"

E a fera, sem olhar para trás, correu aos saltos, pois tem uma coluna vertebral tão flexível que não consegue correr como outros animais. Logo estava fora de nossas vistas. Então Quong disse:

"Como ele não voltará mais aqui, esses dóceis veados deverão ficar; nenhum outro local é mais seguro para eles do que este. Adeus, meus amigos!"

Continuando, ele me perguntou: "Já encontraste a entrada? Não é de estranhar que falhes nisso, pois foi construída especialmente para confundir os curiosos".

Novamente ele tocou o enorme bloco quadrangular. Imediatamente ele se inclinou lateralmente na nossa direção, fazendo-me saltar aterrorizado, julgando que ia nos esmagar. "Não temas, irmão; olha, está sob o meu controle como se tivesse dobradiças". E então fez o bloco voltar à posição anterior com estupenda facilidade, mantendo uma das mãos firmemente apoiada nele. Ele respondeu minha admirada pergunta dizendo que a porta funcionava à sua vontade pelo magnetismo. Mas eu *não vi* nenhum ímã e comentei o fato.

"Tens razão! O magneto está em mim e não podes vê-lo. Já te ocorreu que os processos da vida são executados pelo que chamaremos magnetismo, nesta oportunidade? Assimilação de alimentos e líquidos, dejetos, excreções, todos os processos vitais? O magneto ou ímã está no cerebelo e na substância medular do *corporae striatum*, um verdadeiro magneto em espiral. A força que faz o coração trabalhar, os pulmões agirem, o corpo fabricar calor, e assim por diante, é enorme. Ela equivale a muitas centenas de milhares de libras/pés por dia. Quem conhece a lei oculta pode fazer a natureza igualar *esse magneto*, pois o próprio universo só se move por causa da corrente que flui do positivo para o negativo, de uma metade da matéria para a outra metade, continuamente. Aqui temos, pois, um segredo do oculto: faz um lugar de separação nisto - o Fogo da Vida - e onde os pólos entram em contato haverá força em ação. Este bloco de pedra, a porta, é a armadura de um campo de força natural. No solo está outro."

Recolocando a porta de pedra no seu lugar, Quong desenhou um círculo no chão com diâmetro de um pé. Dentro do círculo, desenhou uma cruz simples com dois traços, um na direção nor-te-sul, o outro na direção leste-oeste. Quando as quatro extremidades da cruz tocaram a linha do círculo, uma alta e firme chama subiu; seu cone em forma de ponta de lança tremulava, mas sem ser influenciada pelo vento que tinha começado a soprar em vigorosas rajadas. Disse ele então:

"Contempla a Vis Mortuus. Entre todos os homens, só um estudante do oculto poderia invocá-la e apagá-la, a não ser que ocorresse um acidente. Não a toques; seria fatal segundo o princípio de que a força maior contém as forças menores, e ela imedia-



Quong revela a entrada do Templo

tamente absorveria tua energia de vida, como também qualquer vento, onda ou projétil; ela só existe aqui em forma visível porque está sobre um símbolo taumatúrgico. Pensas que este símbolo poderia ter qualquer outra forma? Isso é o que pensam os que não compreendem. Observa aquela mariposa voando em torno da chama; ela entrará mas não será queimada; olha! Ela toca a chama e desaparece sem deixar sinal -contudo a chama não tem o mínimo calor. Vou extingui-la agora."

Passando da palavra à ação, Quong arranhou com uma varinha o desenho no círculo e a luz imediatamente se apagou. Em seguida, desenhou outro círculo, traçou uma única linha dentro dele na direção norte-sul e entrou no círculo, colocando um pé em cada metade. No mesmo instante sua figura foi envolvida por uma chama brilhante e pareceu estar pegando fogo. Fiquei extremamente aterrorizado.

"Não temas por mim! A outra chama era odicidade negativa e teria sido fatal a qualquer coisa que a tocasse, desintegrando-a; sim, uma pedra seria desintegrada e uma bala de canhão, disparada contra ela teria o mesmo destino. Mas esta é uma chama positiva da Vis Natura e preserva a vida. Eu poderia permanecer aqui por séculos e não sentiria cansaço nem fome, não me sentiria doente, não comeria nem beberia e continuaria vivo; pois ela

preserva intocadas pelo tempo todas as coisas, tal como estavam quando nela entraram. Continuas a pensar que não há diferença entre as figuras simbólicas? Em verdade a diferença é grande. Mas ficando aqui minha alma não progrediria, por isso prefiro não utilizá-la para suavizar a vida, a não ser quando estou fatigado e preciso de seu repouso; ou quando estou doente, para que ela me devolva a saúde."

Ele desmanchou o círculo com o pé, saiu e voltou a mover a porta de pedra, entrando no túnel oculto por trás dela.* A porta foi recolocada no lugar e vi que a passagem levava ao coração da montanha. Estava eu ainda pensando na lenda bíblica que fala da retirada da pedra da sepultura de Jesus Cristo, comparando-a com o que Quong fizera e compreendendo finalmente que em nenhum dos dois casos houvera milagre, mas apenas manifestações da lei natural superior, quando começamos a caminhar pelo túnel; eu seguindo bem de perto meu guia que eu podia ouvir

* NOTA -*A porta estava em um dos paredões dos vastos "canyons" que la-deiam o Monte Shasta, na Califórnia do Norte -o Autor,*

mas não ver, pois desde o fechamento da porta de pedra a escuridão tinha ficado assustadoramente densa. Sem confiar muito nessa cega liderança, aproximei-me da parede para poder tatear o caminho, quando repentinamente brilhou por toda parte uma maravilhosa luz branca. A luz não emanava de qualquer ponto definido; o ar é que estava luminoso, pois vi que não havia sombras nem embaixo, nem em cima, nem dos lados. Era a mesma maravilhosa luz que eu vira na caverna que tínhamos encontrado juntos. Depois de andarmos cerca de duzentos pés, chegamos a uma porta aparentemente de bronze, coberta com artísticas figuras entalhadas e camafeus, mostrando homens e animais em um triângulo duplo dentro de um círculo. A porta era a entrada para uma grande câmara circular com não menos de sessenta pés de diâmetro e um teto em forma de domo com dez a doze pés de altura no ponto em que se unia à parede, mas medindo mais de vinte pés no centro. A mesma maravilhosa iluminação estava presente no grande salão, como no vestíbulo exterior. Não fiz perguntas, concluindo que a observação atenta era o melhor caminho. Ali Quong me deixou temporariamente, dirigindo-se para outra sala por uma porta estreita, fechada por uma cortina. Usei o tempo para olhar em volta, examinando o ambiente. Verifiquei que a câmara, como o túnel e o vestíbulo, tinha sido cavada na rocha viva, com a diferença de que a primeira parte do vestíbulo era de basalto enquanto que o salão tinha uma formação diferente, de rocha do tipo que contém minerais. A parte central das paredes e do teto mostrava um grande veio de quartzo cinzento produtor de ouro, de textura dura. Esse veio, com uma largura de vinte e cinco pés, tinha uma camada de granito de um lado e do outro, pórfiro vermelho da variedade que é principalmente encontrada nas pedreiras do Egito superior. Adiante do granito havia outro veio de pedra metalífera, e nesse lado da câmara o corte não atingia outros veios. O pórfiro praticamente completava aquele lado do salão, mas não totalmente, pois um segundo corpo de quartzo produtor de ouro estava ali inserido, sem estar cortado. Imagina a extrema beleza dessas paredes polidas como vidro, com isso ressaltando os veios da rocha opaca; a brillante beleza do ouro e da prata, em estado nativo, além de vários outros metais e minerais.

Os arquitetos do maravilhoso salão tinham "construído como gigantes e feito o acabamento como palheiros". Mas como aquela portentosa tarefa tinha sido realizada e quando? Uma cidade com muitas centenas de pessoas encontrava-se a poucas milhas dali, mas seus habitantes jamais tinham ouvido falar daquilo.

Não me ocorreu que seus construtores fossem da Fraternidade Lotiniana e que tinhham formado seu templo com a força desinte-gradora da Vis Mortuus, na qual eu vira Quong atirar uma pedra, testemunhando seu instantâneo desaparecimento. Passou muito tempo até que eu, relendo as páginas da memória, atinasse com esta solução para o enigma da existência do Sach, ou Sagum. Quando o fiz, soube que essa era a verdade; soube que nem picaretas nem sondas, nem outras ferramentas humanas tinham sido usadas ali e que o que eu imaginara ser o resultado de anos de paciente labuta tinha sido feito em curto espaço de tempo. Amigo, essa é a verdade!

No chão vi um tapete do tipo oriental. O material era feito com longas fibras tecidas numa extremidade mas deixadas soltas como cabelos na outra. A cor era cinza neutro. Um passo dado sobre o tapete não fazia ruído algum, era como se fosse uma coberta de plumas. Em volta das paredes do Sagum estendia-se um largo diva contínuo, interrompido apenas pelas três entradas. Cobrindo o diva e pendendo até o chão havia o mesmo tecido sedoso que cobria o chão. O único artigo móvel à vista era um singular suporte de latão, no meio do cômodo. A parte superior indicava seu uso como braseiro ou incensário. Eu teria perguntado qual era sua real utilidade, mas me contive para não parecer curioso.

"Podes fazer as perguntas que desejas" - disse Quong que acabara de voltar. "Não temas parecer inquisitivo. Isto é um incensário, como supuseste; sua utilidade logo ficará clara para ti".

Novamente fiquei espantado com os poderes ocultos de meu amigo, pois sua resposta era uma prova clara de leitura de pensamentos. Comecei a sentir uma invencível sensação de fadiga e so-nolência e sem dizer uma palavra nem pedir permissão, como normalmente teria feito com toda a cortesia se não estivesse tão alterado pelo sono, sentei no diva e logo me deitei de comprido; essa ação pareceu me despertar um pouco, impedindo-me de adormecer. Tentei dormir com toda a determinação antes de admitir que isso parecia impossível.

"Então não consegues dormir? Vou ajudar-te."

Novamente Quong tinha adivinhado meu desejo, pois eu tinha esperado, como último recurso, que ele se oferecesse para me induzir o sono, tendo concluído que certamente tinha o poder para isso. Ele se inclinou para mim e tocou uma alavanca na pa-

rede; uma pequena porta se abriu, revelando várias prateleiras. Destas, Quong tirou uma peculiar flauta de junco. Colocando-a em posição, começou a tocar uma melodia que me pareceu bem conhecida. Como uma doce lembrança meio esquecida, que provoca uma deliciosa sensação de prazer e patética tristeza, aquelas doces notas trouxeram à minha mente uma esmaecida e indistinta lembrança de alegrias muito antigas. Tentei lembrar onde, quando, o que. . . e o sono tomou conta de meus sentidos.

Não sei por quanto tempo dormi, se foram horas ou minutos, mas acredito que devem ter sido horas.

A A A

CAPITULO m

POR TANTO NÃO CUIDES DO AMANHÃ

Quando acordei, ricos e delicados perfumes e o zumbido abafado de vozes baixas saudaram meus sentidos ainda embotados. Ao abrir os olhos, vi Quong ao meu lado; ou tinha ficado ali enquanto eu dormia, ou tinha voltado antes que eu despertasse. No centro da câmara, sentados no chão, vi cerca de doze pessoas vestidas com uma roupa cinza. Quong usava a mesma veste e, para minha surpresa, vi que eu também estava vestido da mesma forma. Um tibetano de elevada casta, dois pânditas hindus e um egípcio eram, além de Quong, os únicos irmãos estrangeiros; os demais eram americanos e ingleses. O egípcio era para os Saka-za o que o Grão-Mestre é para uma fraternidade maçônica. Ele não era um instrutor no sentido que se dá a um professor universitário. Antes, pertencia ao Caminho, à Verdade e à Vida de Deus mais que qualquer outra pessoa presente. Portanto, estando num plano mais elevado, postava-se diante dos outros como um pináculo que cada um deles podia estudar para se elevar até ele. Só esse homem estava de pé.

Percebendo que eu estava acordado, Quong disse:

"Vamos nos sentar no círculo, irmão, para que as cerimônias desta noite possam começar."

Quando nos sentamos, passamos a fazer parte de um círculo de dez pessoas, formando um anel no centro da câmara, com as mãos unidas. No centro estava o incensário e ao seu lado o Grande Mestre. Ele começou a falar em excelente inglês, fazendo uma declaração concisa e clara sobre a religião-sabedoria dos lotinias-nos. Afastou a idéia de que qualquer coisa que fosse realizada segundo a lei oculta fosse um milagre, porque os milagres podiam ser considerados uma contravenção da lei e o que era a violação da lei senão um mal? Sendo o milagre um mal, Jesus, o Cristo, seria o último a realizar milagres. Ele assegurou que nenhum homem ou mulher comprehende como essas leis operam, nem conhece sua natureza, a menos que seja estudante do oculto. O mundo da ciência é mais ignorante dessas misteriosas leis da Natu-

reza do que a própria seita chamada "espiritista", pois seus adeptos compreendem alguma coisa, mas não demais a ponto de expô-los a grandes perigos ao lidarem com forças tão terríveis quando usadas abusivamente, que a operação em seu campo deveria lazer pensar muito os mais esclarecidos que ali penetram. Não obstante, a ciência logo saberá, seguindo o Portador da Cruz.

Além de me permitir ouvir livremente o que estava sendo dito e feito, ninguém me ofereceu mais do que a mais simples cortesia; isto é, não fui investido com qualquer grau de membro; nenhum grau, aliás, pode ser concedido, pois cada um é o seu próprio grau representado. Mas o Adepto, como eu claramente pudera perceber, falara de um modo tão diretamente pessoal que tive certeza de que se dirigia a mim. Tive essa certeza quando ele disse:

"Neste sagrado lugar está alguém que fez estudos profundos; ele estudou pelo método segundo o qual o modernismo científico contempla a vida como um todo, e sempre esse estudo o encheu de melancolia e, sim, até de desesperança. Ele perguntou as estrelas, "Que sois?" E nenhuma resposta lhe foi dada além daquela que a astronomia oferece: "Mundos, sóis, orbes fulgurantes, com um poder que ultrapassa qualquer força que a mentalidade possa conceber". Perguntou à grama e a resposta foi: "Sou formada por células agregadas e vitalizadas pelo espírito da natureza". O animal respondeu, mas em termos darwinianos: "Sou uma forma evoluída e provenho do protoplasma". Ele viu o homem como o ápice da vida animal e por isso diz a seu próprio respeito: "Oh! De um lado só existe a célula simples; do outro, uma complexidade de células agregadas. Mas para mim o mundo e todas as suas formas fala de ação e de eternidade; sobre a imortalidade do homem, de uma alma ou de um espírito, não há nada, não existe uma só palavra! A morte é o fim de tudo!" Ó meu irmão! Essa alegria e essas tristezas tuas não te falam de mais nada além de vibração magnética? Estás cego à mensagem de Deus segundo a qual a alegria ou a tristeza "vibratória" pela qual alcanças um determinado conhecimento é apenas o método de tua vida? Não te diz o animal: "Sou uma alma e este corpo animal é uma ferramenta adequada para meus poderes anímicos, mas se estes crescem para além do poder dessa ferramenta, ela força-me (com o controle do ego) a deixá-lo de lado e procurar uma ferramenta melhor adaptada ao meu progresso". E nenhum homem te disse: "Ó meu irmão de ignorância, sou o ápice da vida animal, é verdade; em meu corpo físico admiravelmente adaptado existe uma ferramenta apropriada para realizar ao máximo todos e quaisquer

processos materiais. Ele me conduz até os muros de toda vida física e eis que me permite, ao meu ego, subir ao topo desses muros e descobrir que sou um espírito, não uma pedra vitalizada. E por causa de minha visão, deixarei a busca da materialidade pela da espiritualidade e irei até a casa de meu Pai onde há muitas moradas (condições) de espírito, onde a matéria não penetra para corromper ou roubar seus tesouros". Aquele que perguntou que me ouça. Estas foram as minhas palavras. A paz esteja contigo".

Pensei que meu amigo Quong estivesse falando por brincadeira quando me disse que o Adepto, cujo nome era Mendocus, não tinha sequer aberto os lábios nem usado seus órgãos da fala. Mas eu estava enganado. Quong leu meu pensamento e explicou:

"Não, meu irmão, não falei brincando! Cada um de nós ouviu Mendocus e pensou que ele falava sua língua natal. Para mim, o chinês; para ti e mais outros cinco, o anglo-saxão; para os pândi-tas hindus, sua própria linguagem. A razão deste aparente paradoxo é que Mendocus falou diretamente de alma para alma."

Pensei imediatamente em minha Bíblia, que era um tesouro acima dos demais livros, e na passagem ali escrita:

"Quando isso foi noticiado, a multidão se reuniu e ficou confundida, porque cada homem os ouviu falar em sua própria língua."

Em resposta a esse pensamento não expresso oralmente, Mendocus, o Adepto, voltou-se para mim e disse:

"Era verdade, eles falaram para as almas da multidão; não foi um milagre, foi a lei. A Bíblia é uma sólida doutrina oculta no que escapou dos revisores e, pior que dos revisores, dos Católicos Romanos que inseriram coisas e torceram suas verdades. Fazem bem em lê-la; eu fiz sua leitura completa oitenta e sete vezes."

Neste ponto, outro irmão participou com esta observação: "A relação entre os que ouviam e os que falavam era a mesma que entre um violino perfeitamente afinado e seu arco, com cada corda pronta para responder ao mais leve toque do músico".

Mendocus acrescentou:

"Eles ouviram os que falavam como tu me ouviste; não com os ouvidos, pois não é necessária a vibração do ar entre almas

que estão em sintonia. A consciência do que estava sendo dito existia como a percepção dos teus próprios pensamentos, que teus ouvidos podem transmitir à tua consciência. Teus ouvidos não servem para me ouvir, porque os pensamentos não se originaram em teu cérebro, mas no meu, e portanto eram exteriores à tua consciência interna, o que significa que supuseste ouvir-me com teus ouvidos, quando foi tua alma que ouviu, pois não usei minha voz."

Compreendi então, à luz do poder de leitura mental que aqueles estudantes tinham revelado, por que nenhuma pergunta me fora feita sobre minha vida, meus pensamentos ou minha vontade de afiliar-me a eles; eles sabiam as respostas sem perguntar, através dessa sua capacidade.

Mestre Mendocus pediu a atenção de todos os presentes, fez uma invocação a Deus e a todos os iniciados ocultos deste mundo e de todo o universo. Ao concluir sua petição, ele levantou lentamente a mão direita por meio minuto, depois deixou-a cair ao seu lado e baixou a cabeça. A maravilhosa luz começou a diminuir e, simultaneamente com o seu desaparecimento, um cegante raio de luz pareceu ser lançado do teto, atingindo o lado do incensário. Seguiu-se a densa escuridão que vem depois de um relâmpago que riscava o céu da meia-noite, mas ela não durou muito. Logo a profunda obscuridade mostrou um clarear perceptível que continuou a aumentar, até que todo o interior do Sagum ficou iluminado por um pálido brilho que tornou todos os objetos visíveis. Como a outra luz, esta não parecia emanar de qualquer ponto definido e fazia com que toda a atmosfera ficasse luminosa como o ferro em brasa. No instante seguinte vi que os rostos dos Lotinianos tinham assumido uma cor azulada fantasmagórica, fazendo-os parecer exangues como o rosto dos mortos. Essa palidez logo ficou explicada quando meus olhos se voltaram para o recipiente do incensário, no centro da sala. O olhar de cada irmão estava fixo com impassível intensidade num pequeno globo de fogo azul que ali se encontrava apoiado. Também notei que a luminosidade da atmosfera tinha desaparecido e que a luz emitida pelo globo azul lançava sombras. Embora não fosse maior que uma avelã, sua intensidade neutralizava a escuridão. Era bela ao extremo, mas não ofuscante. Pelo contrário, era fria e tranqüila e descansava os olhos. Obviamente sua luz era a mesma luz positiva da Vis Natura com a qual eu vira Quong se envolver. Tremulava como um globo de metal fervente.

Reinava ali um silêncio tão absoluto, não se ouvindo sequer o som de uma respiração, que me virei para olhar rapidamente meus amigos. A não ser pelo brilho de seus olhos refletindo a luz azul, cada um deles parecia ser apenas uma estátua perfeita mas não vitalizada de um ser humano. Meu olhar então se voltou novamente para o objeto que era o centro de todas as atenções. Ele estava aumentando de tamanho e, tendo alcançado umas doze polegadas, estava gloriosamente belo. Embora eu não tivesse visto nenhuma ação humana ligada à sua criação, senti que era produzida pelo conhecimento oculto do qual eu tinha presenciado tantas manifestações. A mente dominando a matéria. Isso era novo e maravilhoso para mim, mas eu sabia que não era um milagre, embora fosse mágico. "Que é magia?" - podes perguntar. Magia é a compreensão de leis que normalmente não podem ser apreendidas por meio da experimentação física, porque seus fenômenos geralmente se encontram num nível superior ao físico, um pouco abaixo das operações psíquicas ou mentais, fazendo parte destas últimas em boa proporção.

Fixando o globo azul, gradualmente entrei em sintonia com a condição mental dos Lotinianos presentes. Ao invés de ficar tentando saber quais seriam as dimensões finais e qual o propósito daquele globo brilhante, limitei-me a observá-lo, com a sensação de que tinha o perfeito conhecimento de sua dimensão e uso finais. Essa intuição não provocou em minha mente quaisquer conjeturas perturbadoras. Eu não pensei em nada, absolutamente em nada, não me preocupei mais com o amanhã ou com o momento seguinte. Meu inteligente amigo, tenta essa experiência um dia; tenta não pensar em nada, não ter qualquer pensamento, nem aquele que ainda não se formou. Duvido que tenhas êxito em conseguir esse estado mental; mas se tiveres essa felicidade, lembrarás até o fim de teus dias como foi grande a sensação de repouso, paz, e perfeita alegria sentida (não pensada) naquele momento. Se pudesses alcançar e manter esse estado mental por meia hora, tornar-te-ias clarividente e clariaudiente durante esse tempo, podendo ver e ouvir a quilômetros de distância; sim! Terias consciência do futuro, de modo que uma profecia feita por ti nesses momentos se cumpriria nos menores detalhes, ainda que abrangesse muitos anos ou séculos. Com isso podes perceber de que bela condição usufruem os Lotinianos: todo o presente, e cada caminho entre o presente e quase a eternidade, pode ser conhecido por eles. Esses estados mentais são prolongados, no caso deles; e na absoluta calma que sentem nessas oportunidades, eles entram em sintonia com o Arquiteto do universo e

conhecem Seus métodos. Então são como Jó: "Eis que meus olhos viram todas estas coisas e os meus ouvidos as ouviram, e as comprehendi todas (Jó xii, 5). Eles podem realizar algumas obras de Deus, muitas mais eles conseguem comprehender, traçando a linha das fundações da terra; penetrando nas fontes do mar, conhecendo a luz e suas obras, e o local das trevas e seus limites; sim, nesse período de silêncio de suas almas, Deus abre para eles inclusive as portas da morte, pela qual eles entram e depois retornam. Mas se eles conhecem essas coisas, como tu também poderás conhecer, amigo, é porque Deus lhes mostra o caminho para esses lugares; ele também os mostrará a ti se passares pela porta do oculto através da qual o Cristo foi para o Pai. Segue-O e poderás fazer coisas ainda maiores.

Mestre Mendocus, percebendo que o brilho mortiço da atmos-, fera tinha sido neutralizado pela luz da esfera azul que, com suas agora doze polegadas, encontrava-se imóvel e completa, com o glorioso e radiante centro formando um ponto de mágica beleza, levantou ligeiramente a mão como se desse uma ordem silenciosa. A esfera de luz subiu a uma altura de uns oito pés do chão, onde ficou parada sem qualquer meio visível de suporte. Novamente a mão gesticulou e a esfera moveu-se horizontalmente por sobre nossas cabeças até uns quinze pés de distância do centro da câmara. Ali teve permissão para ficar. Embora todos os presentes soubessem intuitivamente o que ia acontecer, descreverei cada detalhe para benefício de meus leitores. Seguindo-se à esfera azul, surgiu uma esfera de cor índigo intenso sobre o braseiro, re-petindo-se o processo anterior, e quando a esfera ficou completa foi enviado para uma posição a uns treze pés de distância da outra, à mesma altura. Depois foi a vez de uma esfera de cor violeta, de igualmente intenso brilho, diferindo só em cor, não em tamanho. Foi seguida de um globo de puro vermelho, depois de outro cor de laranja, mais outro amarelo e o último verde, sempre em tons gloriosos. Todas as esferas foram posicionadas à mesma altura do chão e mais ou menos eqüidistantes entre si. Qualquer tentativa de descrever a extraordinária beleza daquelas esferas com as cores do arco-íris seria vã.

Mais uma vez o Mestre deu uma ordem silenciosa e as esferas começaram a se mover horizontalmente em torno do centro comum a todas. Lentamente no início e aumentando gradualmente a velocidade, elas fizeram com que nossos olhos as vissem como um grande círculo de luz com noventa pés de circunferência; essa revolução orbital, entretanto, não misturou as cores forman-

do a luz branca. Uma nova feição de beleza foi acrescentada: com o anel girando, de cada um dos globos que o compunham foi projetado um raio de luz colorida, simultânea e horizontalmente até o centro, quando então da junção subiu uma coluna da mais pura luz branca; a extremidade inferior ia até o tapete (o incensário tinha sido removido do centro), a outra alcançava o grande cristal de quartzo do teto. Contemplamos, dessa forma, o espetáculo de uma enorme roda com eixo, raios e aro, girando à grande velocidade e formada por uma luz imponderável. Embora a coluna de luz tocassem o tapete não lhe causava qualquer dano, pois era o Fogo Vivo, positivo, não o Vis Mortuus, negativo. O budismo simboliza este último elemento como "Siva, o destruidor", o Fogo da Morte, o mesmo no qual eu vi a mariposa perecer e a pedra sumir. Existe o budismo esotérico e o exotérico ou religião das massas, e os nomes de Siva e Vishnu, que para o exotérico são nomes de deuses pessoais, respectivamente o Destruidor e o Preservador; para o esotérico são apenas termos que distinguem os aspectos anverso e reverso da Natureza, ou seja, crescimento e saciedade, mudança e destruição.

Poderia eu um dia possuir um poder como o dos lotinianos? Ponderei que se o Mestre Mendocus tinha alcançado tão alta sabedoria sendo apenas um homem, não poderia fazer mais do que eu - ambos éramos almas. O maravilhoso templo no coração da montanha; a luz iluminando a escuridão; a retirada da grande pedra da entrada; a Vis Viva e a Vis Mortuus; tudo que eu tinha visto, e o que ainda veria, era apenas o trabalho de homens que, no silêncio de sua alma e em sua pureza de corpo e coração, faziam essas coisas porque o Espírito Crístico, na pureza do coração, é perfeitamente humano e se estende até o Pai. Não poderia eu ter a esperança de obter o poder de fazer o mesmo? Perguntei a mim mesmo e soube que poderia, pois naquele momento estava mergulhado na paz da clarividência. Entretanto não vi tudo o que interviria nisso, os eventos do futuro próximo; eu nada via a não ser a perspectiva mais distante do destino de minha alma.

"Verdadeiramente" - disse Mendocus - "mas ainda não, não até que as provas tenham sido ultrapassadas. Para ti, como para outros estudantes do oculto, virão momentos da mais negra dúvida e tua alma chorará na agonia do desespero. Não, não duvida-rás da verdade da sabedoria hermética em tempo algum, só da tua capacidade de adquiri-la. Estuda portanto os princípios da verdade, não só os seus fenômenos. Ela deve ser mais desejável que suas obras, embora costume ser menos atraente para os neófitos.

Tuas dúvidas nascerão da concepção imperfeita de teu próprio Eu, de uma falta de percepção da simetria; atribuindo uma proporção indevida a certos latos e verificando que estes são menos importantes que teu conceito original deles, teu coração te trairá, pois em si mesmos eles são grandiosos e, se pela comparação os considerares pequenos, que poder apreenderá os maiores? Então sentirás que es apenas finito e que essas coisas são infinitas, e dirás para tua alma: "Minha fraqueza com relação a essas coisas se compara a um fio com que o leviatã deva ser amarrado". Mas nenhuma criatura é mais do que o Criador e tu és do Pai e co-cria-dor com Ele. O que prevalecerá? Só a fé, como a do Espírito que iluminou Jesus e todos os que triunfam sobre o tempo. Desgraçado de ti se desfaleceres enquanto estiveres em luta contra as vagas da dúvida. Miserável em verdade é o destino daquele que, afastado da sociedade dos Irmãos por causa de seu débil coração, possui contudo o conhecimento de algo mais puro, melhor e mais elevado do que as ambições ordinárias da humanidade. Depois de ter um vislumbre das possibilidades mais grandiosas de seu ser, ele as desdenha para retomar suas anteriores relações sensuais com o mundo. Não pode descer ao nível do mundo, nem elevar seu próximo até onde se encontra. E pelo resto de sua vida estará só. Meu amigo, não existe solidão mais terrível do que sente aquele que está no mundo mas não é do mundo. Desejas continuar, desafiando esse perigo? Neste ponto, tens ainda a oportunidade de retornar sem incorrer no perigo que existe num ponto mais adiantado. Não ponhas a mão no arado se não vais conseguir chegar até o fim do sulco, que é longo e difícil. O mundo, com todo o seu poder, não dispõe de uma tarefa tão árdua quanto esta. Dou-te o direito de escolher".

Mendocus ficou me observando enquanto eu ponderava a proposta. Senti que não poderia, de forma alguma, retomar a vida antiga; em mim a chama já estava acesa e a Espada do Senhor tinha separado o antigo do novo, e senti que me encontrava entre eu mesmo e o passado. Não; "Marcha, Soldado de Cristo", esta seria minha canção que me levaria à vitória. Decidi em minha mente, embora não tivesse falado. Não precisei vocalizar minha decisão embora estivesse a ponto de fazê-lo, pois Mendocus disse:

"Vejo que decidiste prosseguir. Estou triste por causa disso. Ainda que devas finalmente sair da prova como ouro temperado pelo fogo, as tribulações que te aguardam são pesadas. Mas não deixarei que caminhes sozinho, pois isso seria pouco sábio. Eu o farei de tal forma que o passo não seja irreparável e que não

aconteça o que eu talvez tema. Ó Irmão! Temo que teu sofrimento seja o meu!"

Depois dessa decisão, tive que fazer votos de sigilo, pelos quais fiquei comprometido a não revelar nada do que aprendesse, de nenhuma forma que pudesse permitir a quem me ouvisse fazer uso prático do que eu lhe dissesse. Posso dar uma idéia do que é possível ser feito, como uma indicação do caminho para a Voz Silenciosa onde se abre a Flor da Vida; mas além de uma indicação, amigo, nada posso acrescentar. Já fiz muitas revelações. E se eu descumprisse meu juramento e divulgasse segredos de valor prático imediato, não me agradecerias. Antes, me amaldiçoarias. Por quê? Suponhamos este exemplo: se eu revelasse o segredo da Vis Mortuus, tu me agradecerias? Deves lembrar que é a força que pode ser projetada com toda a sua fatal energia a qualquer distância e que é personificada no famoso poema "A Destruição de Senaqueribe", na linha que diz:

"O Anjo da Morte estendeu suas asas sobre a destruição."

Suponhamos que eu revelasse esse segredo. Quanto tempo levaria para que o mundo descobrisse que os inescrupulosos o estariam usando para cometer assassinatos impossíveis de detectar? Há muitos outros usos, pois este é o princípio da natureza que governa a transmutação, a desintegração, a dissolução, a destruição, a morte. Ele destrói mas não reconstrói -E Siva, o Destruidor. Usado corretamente é uma energia benéfica, pois sem ela não haveria progresso na natureza, já que não ocorreriam mudanças e haveria total estagnação. Seu símbolo é ® . Isto significa muito para mim, mas não passa de uma insinuação ligeira para ti. Estuda-o se quiseres e um dia te será revelado. E racional que não pergunes mais por que os assuntos ocultos são tão imperiosamente secretos, pois deve estar claro que esta bela terra seria transformada num inferno de miséria e crime pelos inescrupulosos, se o segredo não fosse bem guardado. Por algum tempo, os que escolhessem subverter o conhecimento dele pareceriam crescer e prosperar, mesmo que o mundo em volta sofresse. Mas a subversão da lei é uma violação e a penalidade, quando chega, é dez vezes maior para aqueles que se afastaram dela por cegueira e pecado. Isso faria com que amaldiçoassem quem lhes dera esse conhecimento. Nove entre dez pessoas deste mundo são incapazes de se governarem bem; não podem, em sã consciência, esperar partilhar o terrível conhecimento representado por Siva. Os homens e mulheres não podem dizer que estão seguindo o Cristo

enquanto cada parte de sua natureza não estiver ferreamente sujeita aos princípios superiores. Estuda, meu amigo, estuda. Cristia-niza o poder do dinheiro no mundo, para que o capital não prejudique os homens e só lhes faça bem, e desse bem nascerá um carma mundial que conduzirá à bondade do coração e à paz da alma; nessa calma seu estudo dará frutos e então não será mais uma aparente zombaria dizer-te "Estuda!". Alegram-me os obreiros cujo lema é: "Olha para cima, não para baixo; olha para fora, não para dentro; olha para a frente, não para trás; e presta auxílio". Só uma observação: o estudante oculto olha para dentro, não para fora! Mas esses obreiros não são esoteristas. Seus nomes serão grandes um dia no mundo e embora tu que desejas estudar e conhecer verdades ocultas possas não ver tuas esperanças frutificarem na presente encarnação, em vidas futuras compreenderás as verdades que ora te escapam. Segue-O".

Diante de mim, Mendocus, o Mestre, havia descortinado a visão de uma vida tão radicalmente diversa da existência anterior, cheia de inquietude, que meu coração se sentiu aquecido, a despeito de sua profecia de que uma grande amargura talvez me fosse imposta antes que eu pudesse chegar ao porto de meus desejos. O fato foi que minha natureza otimista me iludiu com a esperança de que de alguma forma eu conseguaria evitar a tristeza com que estava sendo ameaçado e, escapando dela, poderia prosseguir com alegria. Pobre de mim! Eu nada sabia sobre o karma e naquele dia também não tinha nenhum conhecimento sobre Zaim, de Poseid. Se eu tivesse esse conhecimento, teria estremecido ao ouvir o Mestre expressar seus temores a meu respeito. Vi diante de mim um imenso oceano de sabedoria, cintilando à luz da verdade, seu horizonte definido apenas pela incapacidade do viajante de ver mais adiante, sendo sua profundidade mensurável unicamente pela do Universo. Livre do dogmatismo de crenças limitadoras e de superstições, aquele oceano se estende pela eternidade que envolve tanto as estrelas como o pó com o mistério; aquele mistério que oculta com um véu o Criador de Sua criação, oculta-O do co-criador, o homem, enquanto sua alma tender mais para o criado que para o Criador, seu Pai. Oculta-o até que as eras sejam absorvidas pela eternidade - além das estrelas, da Terra, de Vênus e de Marte, quando o homem deixará de ser homem ao tornar-se mais do que homem, e a Vida se perderá no Nirvana, a soma de todas as partes. Repito, a soma de todas as partes, pois não é ele de forma alguma aquela horrível cessação do ser que os sábios sânscritos interpretaram. Eles não apreenderam corretamente os fatos; o Nirvana não é o fim da vida, apenas essa nova Vida,

tanto quanto a declaração de que "Deus é o nada" (isto é, não é uma coisa mas a soma de todas as coisas) não deve ser interpretada como uma negação do ser de Deus, o Eterno Pai da Vida.

Uma mudança havia ocorrido no Mestre. Até aquele momento sua atenção tinha estado voltada para o controle de um processo. A partir de um certo momento, parado junto ao incensário e de costas para o eixo da roda de luz, olhou para cima; seu olhar parecendo o de alguém que contempla uma vista agradável e ao mesmo tempo absorvente. Finalmente, baixou a cabeça e disse:

"Sê bem-vindo, Mol Lang, amigo e irmão!"

Não vi ninguém, mas comprehendi que a pessoa com quem ele falava não podia ser do grupo ali presente. Mendocus, o Mestre, voltou-se para o braseiro e nele bateu levemente com os dedos abertos, e o recipiente tornou-se rubro de calor. Ele pôs a mão numa pequena bolsa pendurada em sua cintura e retirou um punhado de pó branco que foi atirado no braseiro, produzindo uma densa fumaça branca. Encarei aquele ato como uma simples cerimônia de oferenda de incenso, o que me pareceu tingido de uma certa superstição, pois já tinha perdido meu poder de percepção intuitiva e só podia depender de minhas conjecturas. Esta idéia mal tinha se formado em minha mente quando teve de ser abandonada, pois a nuvem de fumaça rapidamente tomou forma humana, dentro da qual a figura sólida de uma personalidade genuína foi surgindo à medida que o incenso era consumido, até que sobre o braseiro incandescente vi um homem de poderosa presença.

Certos homens não parecem pertencer a uma nacionalidade determinada, sendo cidadãos do mundo ou, de maneira ainda mais ampla, parecem ser representantes da raça humana, fazendo-nos sentir que tanto podem ser deste como de qualquer outro mundo que sustenta a vida humana. Assim era aquele homem. Mendocus falou com ele, chamando-o Mol Lang, de Pertoz, e embora eu não conhecesse tal país, aceitei esse nome sem qualquer questionamento.

Os olhos fundos, encimados por grandes sobrancelhas, e a cabeça com contorno semelhante à do filósofo Sócrates; o cabelo longo e alvo como a neve, a barba branca e a postura ereta como a de um militar, faziam de Mol Lang, o Pertoziano, a própria personificação da sabedoria oculta, segundo meu ponto de vista que aliás não estava longe da verdade. Seu turbante azul com

estampas castanhas parecia assumir diferentes cores, conforme os raios coloridos da roda de luz passavam (não através dele, mas ele através dos raios). Ele estava vestido com uma comprida veste cinzenta, solta nos ombros e presa por um cinto nos quadris. Seus pés, de formato delicado e agradável, estavam calçados com sandálias.

O Pertoziano curvou-se e colocou a mão no ombro do Mestre, fazendo uma observação qualquer que não consegui entender, e então saltou para o chão com um movimento leve; foi com Men-docus até o diva, onde se sentaram e iniciaram uma conversa animada que não incluiu nenhum Irmão presente. Perguntas onde estava nossa capacidade de clariaudiência, de leitura mental, para que a conversação ficasse interditada a todos nós? A menos que aquele que sabe que há pessoas capazes de exercer a capacidade de ler a mente deseje partilhar seus pensamentos, isto será impossível. Ele preserva o hábito quase inconsciente de manter seus pensamentos impenetráveis e nenhum poder humano pode derrubar a barreira assim erguida por sua potente vontade.

Finalmente eles voltaram ao nosso círculo e Mendocus sentou-se conosco. O visitante então falou:

"Embora os homens de Lothus tenham encontrado outros Per-tozianos, poucos já me viram, aliás, nenhum a não ser o Mestre. Vim para enviar um de vós para a terra dos mortos e há outro que vou levar comigo. A vós, Lotinianos, não preciso dizer que o corpo é como uma capa que se coloca e se tira à vontade por aqueles que sabem como fazê-lo. Estou dizendo isto para aquele que o mundo conhece pelo nome de Walter Pierson, mas que para mim é Phylos. Algum dia o mundo ouvirá falar dele como Phylos, o Tibetano; contudo não residirá no Tibete, na Ásia, sendo assim chamado porque viverá por algum tempo no plano da alma dos Adeptos ocultos do Tibete. Digo-te, Phylos, que quando estiveres livre de teu corpo mundano, se desejas ir a qualquer esfera do céu, a Netuno ou qualquer outro planeta ou estrela, bastará que desejas essa transferência e ela será feita. Desejas ir comigo esta noite que já se transforma em manhã?"

Para onde estava eu sendo convidado a ir? Não sabia claramente se ele se referia ao reino da alma, nem para onde ele desejava ir. Mas minha fé era forte e respondi:

"Para onde fores irei também, pois confio em ti e sei que não me farás mal."

A fé que naquela hora senti, através da suave dignidade e benevolente amor que vi em seus profundos olhos cinzentos, nunca me deu motivo de arrependimento nos anos subsequentes; nem, pela ação que minha fé então inspirou-me a realizar, este meu coração deixou por um só momento de sentir uma suprema gratidão por ter esse sentimento sido implantado em minha alma pelo Espírito Crístico. Imagino que ouço um leitor intimidado pela idéia de experimentar o desconhecido, que talvez inclua nesse episódio minha morte física, dizendo-. "Como aconteceu que sen-tisses tanta certeza a respeito de Mol Lang? Não temeste que ele fosse um demônio?" Não, não temi, pois eu estava sob a proteção de homens elevados, em cujo meio nenhum demônio poderia entrar, assim como a noite não pode estar presente quando brilha o Sol do meio-dia. Pelo menos um de meus protetores (Mendo-cus) tinha alcançado tudo que o presente ciclo da terra pode ensinar; mas os ilimitados reinos do Pai têm muitas "mansões" além do universo da matéria e a casa da luz, ou da morada das trevas. Na mansão do universo material nada mais havia para Mendocus obter; ele só permanecia ali para dar. A morte não tinha poder sobre ele, que era supra-mundano, e enquanto ele assim decidisse, viveria; só a palavra do Deus verdadeiro (Logos) invocada por ele poderia "romper o cordão de prata". Se estivesses protegido por alguém assim, terias medo de influências demoníacas? Podes querer fazer outra pergunta própria das massas e eu responderei. Se perguntas como esses favorecidos de Deus podem ter certeza quanto à verdade de suas percepções intuitivas, eu te digo: o homem que vive em sua natureza espiritual não acredita, ele *sabe* que seu ser é uno com Deus, o Pai, o Grande Gerador. E seu espírito fala pela voz da intuição, informando num átimo de segundo o que de outra forma ele levaria anos para aprender pelos métodos exteriores de investigação-, isto se admitíssemos que a externa-lidade pudesse transmitir esse conhecimento. Seu espírito lhe transmite de sua própria fonte, o Pai, uma percepção simples e instantânea de fatos, princípios e coisas. Lembro das palavras que Mol Lang me disse a este respeito: "Phylos, algum dia compreenderás isto: a Terra é uma letra num alfabeto sétuplo; o universo estelar é apenas um livro-, suas páginas são miríades, seus capítulos legião; contudo, além desse livro, a biblioteca do Criador é ilimitada".

Ocorreu-me que nós é que devíamos agradecer nosso visitante, e não ele nos agradecer ao concluir seus comentários que me pareceram uma aula de maravilhoso poder. Poucos minutos mais tarde ele voltou-se para mim e disse-. "Phylos, estás pronto para partir comigo agora?"

Respondi afirmativamente, assim como Quong, a quem ele chamou Semla, quando a mesma pergunta lhe foi feita.

Gravemente, os Irmãos se levantaram e tomaram as mãos de Quong nas suas; e um por um lhe disseram, não como um adeus definitivo - "Semla, que a paz de Deus esteja sempre contigo; fa-ze boa viagem". Então Mendocus, o Mestre, disse - "Semla, eu te dou a minha paz".

Notei a diferença em sua despedida e em uma ocasião posterior perguntei a Mol Lang por que, recebendo a seguinte explicação: enquanto os Irmãos não podiam dar a sua paz, não tendo ainda perfeita posse da mesma, Mestre Mendocus podia dá-la porque já a havia conquistado; especialmente para alguém como Semla que estava tão próximo da consecução. A todos os presentes Semla disse suavemente:

"Desejo paz a todos."

Não me foram dispensadas as mesmas despedidas, pois eles me disseram.- "Nós voltaremos a te encontrar aqui". Para mim isso não foi agradável no estado mental em que me encontrava, mas ocultei meus sentimentos o melhor que pude e respondi com o mesmo grau de gentileza deles. Então Mol Lang disse: "Vem".

Ele se dirigiu para a porta do Sagum e eu teria seguido sem olhar para trás, se não sentisse alguém me tocar. Imaginando que um dos Irmãos queria falar comigo e desse modo me chamava a atenção, voltei-me e vi o que jamais se apagará dos registros de minha memória! Deitado *no* longo e macio tapete de seda havia uma forma humana. Olhando mais de perto vi que se tratava de minha própria forma física, em suma, meu corpo, minha materialidade. No ato de levantar o corpo de sua posição deitada estavam empenhados quatro dos irmãos, dois de cada lado. Outros estavam fazendo a mesma coisa com o envoltório físico de Semla. Minha consciência de que alguma coisa estava sendo feita ao meu corpo terreno tinha sido por mim imaginada como um toque. Eu não tinha reparado que fora despojado de meu envoltório mortal, tão fácil tinha sido minha desincorporação.

"Após a agonia da doença, para os que há muito estão enfermos, é uma experiência fácil e agradável" - disse Mol Lang, respondendo minha reflexão mental. "Se não tivesses que reentrar em teu corpo físico novamente, isto representaria tua morte" -acrescentou ele.

Eu estava tão imensamente aturdido por aquele mais recente fenômeno que fiquei parado sem nada dizer, observando os corpos serem removidos do recinto principal e deitados em divas num aposento menor. Mol Lang então comentou-,

"Essencialmente, assim é a morte. Contempla, pois, e vê que a morte física é apenas um deixar de lado as formas mais grosseiras de vida, que já serviram a seu propósito. Como deveras retornar, o que ocorreu não foi tua morte absoluta. Semla não voltará e portanto seu corpo está morto. Quando a morte real ocorre, o corpo grosseiro é abandonado e a espada do Senhor \$ o corta fora, e Siva ® toma posse dele e o distribui entre os elementos, a fim de que Vishnu 0 possa recebê-lo para que tenha novos usos para Brahma O , o Criador. Então a alma fica livre por um longo período de tempo, se comparado com o tempo dispen-dido na terra. Embora o envoltório astral possa ir aos círculos es-piritistas e se manifestar através de médiuns, o EU SOU não penetra em nenhuma condição terrena a não ser quando reencarna; isso sempre acontece num nível mais alto de progresso, nunca num nível inferior, mas continua a existir uma penalidade do pecado ou, o que vem a ser a mesma coisa, uma separação incompleta entre o Eu e os desejos por experiências terrenas. Preferirás a Terra à Vida?"

"Não iremos diretamente para minha casa, mas para o reino dos que morreram na terra e foram para o devachan, ou seja, o céu ou "Terra do Verão" dos espiritistas, ou a "Terra do Rio OBB", ou ainda "aquela fronteira de onde nenhum viajante regressa". Phylos, a seita conhecida como "Espírita" ou "Espirítista" está em erro quando fala da "comunicação com o espírito" e a encara da maneira como o fez, pois nenhum ego retorna do devachan, a não ser que seja forçado, o que é perigoso e enor-memen-te injusto para com o ego (Samuel xxviii, 14-15). A alma astral e o princípio animal podem voltar dessa forma, mas o EU SOU, esse nunca. Para este não existe estado terreno anterior; pois este EU SOU não tem consciência de qualquer coisa terrena ou acontecimento terreno. Podemos ir até ele, mas ele não pode vir até nós. Agora vamos".

A mente trabalha com rapidez e, antes que tivéssemos alcançado a porta de bronze, minha consciência tinha dominado a verdade segundo a qual a morte não é, em si mesma, sofrimento; ela não traz mudanças espantosas nem investe a alma nascida no além com qualquer maravilhoso poder de antevisão. De fato, só

acontece a liberdade de não se ter um corpo terreno, e uns poucos poderes concomitantemente são outorgados; nada notável, considerando-se que a terra não tem mais poder algum sobre a alma. Falo daqueles que na morte mundana buscam a libertação da terra, tendo pouco amor por suas condições, mas muito amor por suas criaturas. Seres assim têm trabalhado por seus irmãos e acumulado um elevado e bom carma que os alasta das condições aprisionadoras da terra.

Mol Lang interrompeu minhas reflexões neste ponto, dizendo:

"Mais uma coisa; vamos deixar teu segundo Eu, a parte de ti que percebe coisas terrenas e preserva lembranças mundanas. Isto para que não possam surgir comparações perturbadoras entre o estado para o qual te diriges e a terra que deixas para trás, da qual não verás mais do que vêem os que efetivamente morrem. Entretanto, preservarei entre ti e a terra um elo vital formado por teu segundo princípio natural, para que não seja causada a tua morte."

Em seguida ele disse: "Creio que não preciso mais desta forma transitória".

Se um observador não-iniciado estivesse presente veria diante de seus olhos o estarrecedor, para não dizer terrível, espetáculo de um homem se dissolvendo, pois Mol Lang liberou sua forma feita de fumaça, que flutuou para longe como nuvem se dispersando no ar.

Mol Lang colocou a mão em minha cabeça e quando a retirou, eu não me lembrava mais do mundo. Eu distinguia vagamente a porta de bronze do Sagum; sei que Mol Lang a abriu e que nós três saímos por ela, não para o grande salão do templo, mas para um vasto gramado, uma campina verde dourada pelo Sol. Não senti surpresa, visto que eu não lembrava nada das características especiais da vida na terra; eu só sabia quem eu era e que estava numa região agradável; era parecido com um sonho vivido; ninguém que veja uma paisagem em seu sonho está consciente de qualquer outra vista nas horas de vigília; os rostos nos sonhos são naturais, não são novos nem estranhos, e quando os vemos não os comparamos com os que conhecemos quando acordados, pois o conhecimento deste estado fica bloqueado durante o sono.

Mol Lang falou: "Passaste pelo portal. A natureza e as leis físicas não reinam aqui; elas reinam no mundo objetivo, mas não aqui, pois este é o mundo subjetivo; em nenhum sentido ele é físico ou existente, nem é perceptível aos sentidos que pertencem à matéria. No entanto é real, pois o espírito é real e os estados subjetivos, não menos que os objetivos, nascem do Espírito do Pai. Esta é mais uma das Mansões em Sua Casa. Fica mais longe da terra do que a mais longínqua estrela do céu, porque não tem qualquer natureza material. As coisas da terra para os habitantes deste mundo são apenas sonhos e vice-versa. Para ambos, o outro mundo parece irreal. Aqui onde estamos é o "Distante lar da alma".

Eu ouvia Mol Lang porque tinha ouvidos, de modo que compreendia. A Terra de que ele falava era vaga e o conhecimento dela era quase um sonho esquecido. A falta de precisão se devia ao fato de que o princípio de minha natureza terrena, que era a sede da sensação terrena e das lembranças de coisas percebidas, ficara com meu corpo. Esse princípio poderia visitar um médium espírita e seria chamado eu. Contudo, não seria eu mas meu envoltório, o elo de ligação entre meu espírito e meu corpo. Amigo, concordarás que um autor é refletido em sua autobiografia, mas o livro não será o autor. Como também não é aquilo que tem suas "ações, paixões, uso e finalidade" no corpo do HOMEM. No entanto, esse livro pode viver e guiar homens para a ação. O mesmo pode fazer a comunicação espírita. Não há retorno para o ego (o EU SOU) para esses círculos, nem contato a partir de seu plano com a terra, embora por vezes seja possível entre o plano terreno e o dele. Contudo persistes, amigo espírita, em dizer que estou errado. Dizes que o que chamo "envoltórios" não podem ser apenas isso porque falam de acontecimentos do além-vi-da. Sim, eles o fazem, admito. Isso acontece porque são apenas registros do ego que por breves momentos na morte torna-se altamente profético e pode ver qualquer detalhe adiante, freqüentemente até dos séculos vindouros. Também, a alma que partiu para o além percebe um vislumbre de seu próprio devachan auto-concebido e o registro disto é transmitido ao envoltório, que passa esses pontos de vista para o médium espírita. Lembro a descrição muitas vezes absurda dada sobre o caráter do "mundo dos espíritos" por médiums honestos. Eles nada dizem do CRISTO, a não ser quando dois ou três se reúnem em Seu nome.

A mediunidade é verdadeira; sua explicação corriqueira é falsa. O médium entra em transe, sua força vital é transferida para o "controle", que não passa de uma casca ou envoltório, não o

verdadeiro espírito ou ego. Então os ouvintes se deleitam com uma "comunicação". Como um leitor de um livro de registros é o médium; eventos do passado são recontados e profecias mais ou menos acuradas são feitas; a casca vive por breve tempo uma vida galvânica, assim como Poe vive de novo na pessoa de um declamador que recita "O Corvo" para uma platéia. Enquanto os "Comentários" influenciarem a humanidade, o "espírito" de César controlará médiuns; e enquanto o Livro de Mormon retiver sua influência sobre as iludidas massas de Utah, o "profeta Joseph Smith" influenciará sensitivos. Mas estou ficando prolixo. Vamos nos voltar para o mundo dos efeitos e ver o que se apresenta à nossa percepção psíquica. Queres vir conosco e ver o que nós três vimos quando atravessamos a planície que nos levara à porta do Sagum?

A A A

CAPITULO IV

PAGAMENTO DAS RECOMPENSAS DA VIDA

"Phylos" -disse Mol Lang -"logo verás um homem num mundo só dele. Ele não pode se aproximar de nós, mas nós iremos até ele e teremos a percepção das coisas que ele vê; e porque entraremos em sua percepção, seremos espíritos companheiros dele, não meras imagens de suas concepções. Então seu ambiente nos parecerá tão real quanto parece a ele; não obstante, seu mundo é (com exceção de visitantes como nós e aquelas poucas, ou quem sabe muitas almas, que estão em plano idêntico ao dele) apenas um mundo de sua concepção que não existe para um seu vizinho, que estará, como veremos, num plano psíquico diferente. Ambos estarão existindo na Mansão do Pai, que lhes oferece Seu amado repouso.

Penetremos no estado desse homem; é um inventor do mundo das causas e em volta dele encontraremos evidências de seus sonhos inventivos, que para ele parecem ser a realidade. Na terra, em imaginação, ele contemplaria multidões de pessoas usando suas adaptações de forças naturais e mecânicas. Ele teria estradas de ferro eletrificadas que seriam abertas ao público e ninguém que não desejasse pagar não seria obrigado a fazê-lo. E criaria moedas que a máquina de cunhagem (de sua propriedade e que ele desejava quando ainda na terra para corrigir abusos) fabricaria e cunharia de graça para uso do povo. O mesmo se aplicaria a todas as outras coisas que ele aspirara realizar na terra. Contudo, ele morreu sem isso e, chegando ao mundo dos efeitos, acha que tudo é factual (mas só o é para ele). Andaremos por este campo até o bosque em frente, que está a uma milha deste ponto".

Andamos em silêncio por algum tempo, cada um se contentando em observar a beleza do cenário. Riachos borbulhantes serpenteavam por campinas floridas, grupos de árvores pontilhavam a paisagem e bem longe no horizonte via-se uma linha de morros azulados. Quando chegamos ao bosque indicado por Mol Lang, vi que estávamos numa estação onde veículos de estranha aparência se encontravam numa rede de trilhos. Pessoas iam e vinham em todas as direções, partindo de um ponto central. Os veículos

ou vagões tinham imensas rodas com vários metros de raio. Uma pequena escada de metal levava ao alto de uma torre: a torre também tinha um elevador, de modo que enquanto algumas pessoas subiam a pé, outras eram levadas por ele até o topo de onde, a vários metros de altura, entravam nos tais carros; então um maquinista manipulava certos mecanismos dentro do veículo e as imensas rodas começavam a girar, cada vez mais rápido e mais rápido, até que o grande e leve veículo pjdia ser visto movendo-se a uma espantosa velocidade pelo campo, subindo e descendo morros e fazendo curvas com idêntica facilidade.

"Vamos dar uma volta" -falou Semla. Subimos por uma escada em espiral e lá em cima encontramos um homem simpático de uniforme, que perguntou se queríamos pagar ou não.

"Sim" -disse Mol Lang, "quero pagar, mas meus amigos não". Então ele mostrou uma moeda de ouro; enquanto o homem fazia um lançamento no seu livro de controle, Mol Lang me deu a moeda para que a examinasse e vi que tinha estampada a figura de um homem, e em volta a inscrição: "MERTON FOWLER, O AMIGO DO POVO".

"Que pretensioso!" -pensei e Mol Lang sorriu de leve, pegou a moeda de volta e deu-a ao homem de uniforme. Este perguntou aonde queríamos ir e Mol Lang respondeu: "Para as Cataratas". O homem não conhecia o lugar mas disse que nos colocaria num carro e o maquinista saberia. Ele nos conduziu a um carro do outro lado da plataforma e tão logo entramos já estávamos correndo velozes como uma flecha. Fizemos numerosas paradas e o maquinista explicou que era para obedecer a regra de Merton Fo-wler, segundo a qual todos os que viajassem em seu trem teriam de inspecionar suas muitas invenções. A variedade destas foi motivo de espanto para mim, e muitas delas pareciam estar em operação apenas para demonstrar princípios mecânicos peculiares, cuja descrição não farei para poupar espaço. Finalmente, depois de viajarmos por meio mundo (pelo que me pareceu), embora isso não levasse tempo demais e evitou que nos entediássemos, chegamos a um esplêndido grupo de construções. Foi então que o maquinista confessou que nada sabia sobre as Cataratas, a não ser que ouvira seu amo dizer que elas existiam. Deveríamos falar com ele. O carro então parou diante de um edifício que parecia comercial e lá nos deixou ao cargo de outra pessoa, com a incumbência de nos levar até Merton Fowler.

Encontramos o citado cavalheiro num ambiente palaciano, onde as coisas tinham grande beleza, mas onde tudo parecia ser dispositivos mecânicos que existiam para aquele grande princípio subjacente do inventor, a sistematização do seu conhecimento e sua colocação em aplicações mais ou menos utilitárias. Era um verdadeiro paraíso para qualquer mecânico, mas eu não o era e aquilo me fatigou. A quantidade de pessoas era surpreendente. Mol Lang disse que nem todas eram meros ideais da mente prolífica de Fowler, pelo contrário, muitas eram personificações reais, algumas das quais eram médiuns, mas a maioria eram "mortos", isto é, almas desencarnadas que estavam no mesmo plano de invenção e realização da mente real que exercia o controle, em suma, Fowler. Ele era o chefe ali, os outros eram apenas símiles. Perguntei onde ficavam as Cataratas e o inventor, Fowler, respondeu que um certo autor, seu conhecido, morava lá e se deleitava ouvindo um gigantesco órgão de tubos construído para ele pelo inventor, "Por mim! Todos os homens" -disse o egotista -"são meus beneficiários e me reconhecem como o maior chefe da humanidade, o maior de todos os homens atuais!"

Virei o rosto com desprezo por tão descomunal presunção e vaidade, e quando saímos Mol Lang disse:

"Esse homem está organizando os conceitos de uma vida não-cristã que ele adquiriu no passado. Quando tudo estiver assimilado, ele reencarnará na terra e desde pequeno a presunção e a au-to-admiração serão suas características marcantes. Em sua última vida na terra ele plantou as sementes da vida seguinte. Aqui, ele se delicia com o crescimento dessas sementes. Aqui também ele colherá seus frutos e, quando tiver terminado de colher e reunir tudo, levará esses frutos para replantá-los na terra. Poderíeis perguntar que bem pode advir da perpetuação dessa vaidade. Respondo: "Primeiro, é a lei de Deus. Segundo, do seu futuro egotismo surgirá a autoconfiança. Sua espiritualidade de temperamento é grande, suas qualidades animais bem equilibradas e fortes, e o bem de toda a sua presunção manifestar-se-á nesse futuro como governante de todas as forças que impelem o homem para a frente. Antes de morrer na terra, ele era um homem isolado, tímido, que não se sentia apreciado. Quando voltar para uma outra vida, será uma alma forte, um líder de homens em altos níveis da vida."

"Verdadeiramente" -disse eu -"todas as coisas trabalham juntas para o bem, nas mãos de Deus!"



Cataratas e pontes suspensas no reino do devachan

As Cataratas estavam no reino devachânico de um autor que, quando vivera na terra, fora um escritor agradável, embora extravagantemente esperançoso em suas incursões imaginativas e obras criativas. Esta, sem dúvida, seria a razão de sua popularidade como autor. Sua mente repousava no lado sublime da natureza, no bom, no verdadeiro e no belo. Ali, naquele céu, ele vivia entre livros e via à sua volta as personagens, emoções, delicadas imagens e sublime beleza que haviam feito suas páginas parecerem reais aos seus leitores, e sobre as quais lágrimas sentidas haviam sido derramadas por muitos deles. Também para ele essas coisas, essas invenções, ali se tornavam o que seu desejo sempre havia visualizado - realidades - e ele, que se deleitava com sua aparente atualidade, nem percebia que era um sonho como os que tivera na vida anterior quando dormia. "Qual a utilidade disso, se é apenas um sonho?" Posso responder: essas gloriosas criações da imaginação contribuem para a alta espiritualidade, para a funda compaixão da alma que em breve causará a Fraternidade Universal da humanidade. Ela surgirá na aurora de um novo século, sem credos, sem limite, nada pedindo de nenhum afiliado a não ser uma alta e inquebrantável aspiração e ação. E esse autor, que tem vivido em seu lar-alma por muitos séculos, será um de seus profetas, reencarnado.

Encontramos as Cataratas numa vasta garganta, tão profunda quanto a Royal Gorge do rio Arkansas. Ela ligava dois grandes lagos de raro encanto; nem os lagos da Escócia são mais belos. Pre-cipitando-se de um penhasco de meia milha de altura, em forma de ferradura dupla e cada uma com mais de uma milha de largura, estavam duas magníficas cataratas, separadas por uma ilha central onde as pontas das duas curvas se encontravam. Desse penhasco erguiam-se três altas agulhas cônicas que subiam ao céu, com mais de mil pés cada uma. Em volta de cada agulha havia uma escada em espiral talhada no duro granito e do topo de cada uma saía uma ponte suspensa. Da agulha que se encontrava exatamente sobre as cataratas saíam duas dessas oscilantes pontes presas por grandes cabos, com várias milhas de comprimento, e que alcançavam as duas margens do rio, seguindo uma direção diagonal. Tive certeza de que o inventor Merton Fowler não teria concebido aquelas pontes, porque seu conhecimento mecânico o teria informado que cabos tão longos sustentando pontes se partiriam sob o próprio peso. Mas o escritor, que não era engenheiro, desconhecia essa dificuldade e consequentemente a execução de seu projeto não encontrara barreiras em sua imaginação. Como não era objetiva, mas subjetiva, existia para ele, e como nós es-

távamos temporariamente no mesmo plano que ele, percebendo através de seus sentidos, também pudemos ver e acreditar que era real. Para todos os que estavam naquele mesmo plano as pontes eram reais, subjetivamente reais. Olhos terrenos, entretanto, não poderiam tê-las visto, pois só podem ver realidades objetivas. Ambos os estados são reais, mas apenas para os habitantes de seus respectivos planos. Se as coisas do plano espiritual são tolidas para o homem natural, também são sem sentido as coisas do mundo natural para os habitantes do devachan. Mas estou divagando. Miríades de pessoas, criações da mente do autor, usavam sua ponte; elas viviam numa Utopia por ele criada e o todo era um verdadeiro paraíso. Tudo aquilo nutria sua espiritualidade, sua reverência por Deus, seu sentido construtivo, assim como seu senso do sublime. Sua alma tinha quase assimilado todos os "passos que levam a Deus" e estava praticamente pronta para reencarnar como uma das almas profundamente artísticas, construtivas e reverentes da terra, um dos líderes da raça humana, de inspiradora nobreza e voltado para Deus. Não era ele um obreiro do Pai? "Por suas obras serão conhecidos". E por ser um líder e enquanto liderar, ele se aproximará de Deus a cada hora que passe; estará mais próximo do Nirvana, o glorioso período de repouso de todas as vidas, do qual o espírito do homem acordará para se ver mais do que Homem, um dos sublimes Espíritos do Mundo cujas cintilantes formas iluminam o céu da noite! Ou então será um servidor do Pai de alguma outra indizível forma.

Deve estar suficientemente claro que a vida entre a sepultura e o berço, a vida no mundo dos efeitos, é um tempo de assimilação de resultados provindos de causas colocadas em operação ainda na vida na terra, o mundo da causalidade. E o reino formador do caráter, onde os efeitos são organizados de tal forma que serão apresentados como causas na próxima vida terrena, não na forma de influências segregadas mas como traços de caráter, dando lugar a bem definidos procedimentos de vida por parte dos indivíduos. O semelhante atrai o semelhante e se, os pais têm certa influência governando suas vidas em momentos críticos, a alma no devachan, que está buscando o renascimento na terra, aproveitará a oportunidade de encontrar quem lhe seja semelhante; semelhante naquele momento, e talvez somente naquele, podendo não ter sido antes nem vir a sê-lo depois; basta que haja uma trindade concordante naquela oportunidade. Não existe acaso nem acidente no Universo; tudo é lei imutável, causa e efeito. Zerah Colburn, cuja precocidade nas matemáticas desde que era um menino espantou o mundo, não herdou seus poderes de

cálculo. Mozart não herdou o que seus pais não possuíam, embora seja verdade que a mente de sua mãe lhe forneceu uma atraente similaridade mental devido ao amor pela música, que ela já sentia antes dele nascer. Foi invocado o atavismo para explicar esses casos de precocidade infantil, em que era sabido que nem o pai nem a mãe tinham os traços que pareciam ter sido transmitidos ao filho. Mas o atavismo não é explicação suficiente. A questão da hereditariedade é muito profunda; os pais são movidos por influências especiais e os filhos gerados nesse período são almas atraídas do devachan para seus semelhantes mentais. Assim aconteceu com o jovem Zerah Colburn e com o prodígio infantil, Mozart. Zailm Numinos poderia ter revelado que Colburn fora um notável matemático atlante, se não tivesse negligenciado este ponto em sua história. Quanto a Mozart, foi Alcman, poeta e lírico de Esparta, na Grécia.

Pareceu-me que a noite estava descendo; o ar estava agradavelmente fresco e nós três nos encontramos, após um demorado passeio numa bela extensão de água, parados numa praia cujas areias e seixos eram de ágata. Havia bambus enfeitando a margem do lago e muitas casas graciosas, em tranqüilos recantos, pontilhavam a variada paisagem. O lugar tinha uma certa semelhança com a terra do Japão e confirmamos que estávamos num local concebido por um americano que tinha residido no Japão por muitos anos, antes de entrar no devachan.

Entramos na espaçosa varanda de uma casa de refinada aparência que, em estilo arquitetônico, era uma combinação de várias tendências e bastante confortável. Ao contrário dos costumes japoneses, haviam ali poltronas ao invés de tatames ou tapetes. Nas sentamos depois que Mol Lang nos disse que poderíamos fazê-lo sem problemas. Logo um serviçal usando roupas de estilo japonês apareceu e colocou uma mesa diante de nós, na qual arrumou talheres para cinco pessoas. Em seguida entrou um belo homem já idoso, com uma menina que, segundo julguei, seria sua filha, e nos saudou com os modos próprios de um verdadeiro cavalheiro. Como Mol Lang nos explicou mais tarde, aquele era o ego cuja imaginação povoara de coisas aquele lugar. O lago, a vegetação tropical, as pessoas japonesas remodeladas que encontramos, em suma, todos os efeitos ali estavam arranjados de acordo com os ideais daquele homem. Neles vi realizados seus sonhos de uma vida sem cuidados, hospitaleira, e porque ele os via nós também podíamos vê-los, pois Mol Lang inserira nossa percepção no plano da alma daquele indivíduo. Partilhamos com ele uma

abundante refeição. Não havia bebidas alcoólicas em sua mesa, nem em qualquer parte daquela terra imaginada, pois o homem era abstêmio. Naturalmente as pessoas que ele acreditava ver, e que para ele residiam na mesma região, também não bebiam álcool, pois eram conceitos de sua imaginação ou, caso fossem indivíduos reais, estavam em sintonia ou simpatia com a mente diretora, ou não estariam lá com ele. Entretanto ele não sabia a esse respeito mais do que alguém que sonha e não sabe que naquele sonho as vividas personagens e lugares só existem para o sonhador. Às vezes alguém que sonha realmente viaja com uma outra alma harmoniosa e nesse caso são duas almas numa jornada psíquica, o que não é sonho mas fato.

Aquele homem com toda a sua principesca extravagância, suas artisticamente belas construções, a riqueza das vestes das pessoas por ele concebidas, as estátuas, fontes, bosques; todas aquelas coisas eram apenas grandes produtos imaginários, totalmente inconscientes enquanto criações subjetivas. Tinham sido concebidas para um único propósito que compunha sua principal alegria, o de prover a felicidade de sua filha. Ela era o seu ídolo, seu júbilo, sua razão de ser - teria ele dito. Era uma jovem bonita mas não extremamente bela, eu diria. Era interessante, espirituosa, bem educada e com boas qualidades. Mas eu já tinha visto muitas como ela e para mim era como centenas de outras. Fomos convidados para ficar indefinidamente em sua casa e, seguindo a sugestão de Mol Lang, aceitamos. Os dias passavam rapidamente naquele paraíso, do qual a casa de nosso hospedeiro era a principal atração. Ele tinha grandes parques e oferecia esplêndidas diversões a dezenas de pessoas felizes. A casa era um verdadeiro palácio. As bibliotecas, a galeria de arte com milhares de refinadas pinturas, tudo isso e muito mais tornava a vida tão agradável que muitos meses se passaram antes que nos despedíssemos dele. Em tudo aquilo eu vi que aquela vida alegre era direcionada para sua filha e bem pouco para ele mesmo. A galeria de arte tinha sido acrescentada à casa por causa dela. As bibliotecas eram para os dois e, como dissera, ele tinha mais prazer nos livros do que ela; para ele os livros eram tesouros sagrados. Entretanto, era na música que sua alma encontrava seu mais elevado repouso. Eu jamais havia sonhado que existissem tão divinas melodias e refinadas técnicas como as que ele exibia em excelentes músicas que eu nunca antes ouvira. Era como uma fábula de Orfeu tornada realidade. Hora após hora ele tocava para mim, quando Semla saía com Mol Lang, e minha alma respondia com uma emoção que a arrebatava com sublime alegria, até meu ser se tornar uma sensação

harmônica, impessoal e soluçante, capaz de voar com o vento e fazer as almas humanas pulsar em uníssono! Eu sabia que nisso tudo aquele artista era meu companheiro. Éramos duas almas no mesmo plano, colhendo idênticas experiências.

Finalmente chegou o dia em que Mol Lang nos disse: "Meus amigos, vamos prosseguir a viagem, pois outras coisas requerem nossa atenção. As poucas horas que aqui passamos devem ser suficientes para nós. Iremos para onde a filha deste homem se encontra realmente".

Pensei que meu amigo tinha se referido aos meses em que estivéramos naquele paraíso em sentido figurado quando falou em "poucas horas". Mas eu estava enganado; tinham sido realmente algumas poucas horas contadas pelo tempo da terra o intervalo que ali passáramos. O tempo, afinal de contas, é apenas uma medida de coisas feitas por alguém que vivencie esse lapso; miríades de pessoas viveram um século em dez minutos na percepção temporal de outros indivíduos. A observação de Mol Lang de que estávamos prontos para ir aonde a filha realmente estava não foi compreendida por mim naquele momento, nem por muitos anos, pois meu astral tinha sido deixado na terra, no Sakaza; eu não tinha um meio de comparar idéias. O lugar onde eu estava era o único que existia para mim; isto é, aquele e a região do escritor, mais a do inventor Fowler. Eu tinha conhecimento desses locais e uma lembrança deles tinha sido formada em minha estadia. Eu não tinha consciência desse processo de criação; só tinha consciência das memórias que eram retidas por mim e que pareciam ser parte de meu ser. Mol Lang explicou que na verdade nosso hospedeiro não tinha a filha junto dele, sendo ela apenas o seu ideal de tê-la sempre ao seu lado.

Quando partimos, descemos até o lago e entramos num barco e, enquanto viajávamos, num dado momento me pareceu que, sem saber onde e quando, tínhamos deixado o bote e o lago, e nos encontramos num jardim, andando em meio a uma grande profusão de flores. Esse fato era inexplicável, mas não me surpreendeu particularmente nem ocupou minha mente por muito tempo. Ninguém se espanta com coisa alguma no reino psíquico.

Era um jardim citadino e da casa da proprietária, situada numa elevação, via-se uma grande cidade que se estendia em todas as direções. Evidentemente a casa pertencia a uma pessoa de grande refinamento, e embora os sinais de riqueza fossem numerosos,

pareciam ser apenas acessórios ao conforto e não uma ostentação de riqueza. Ninguém poderia permanecer em meio às influências daquela casa, na qual Mol Lang nos fez entrar, sem sentir que a proprietária acreditava ter uma grande e sagrada missão na vida.

"Esta é a filha" -disse Mol Lang. "A jovem que vimos na outra casa era a filha como o pai a imaginava quando faleceu, deixando-a naquela idade. Repara como é diferente esta mulher daquele conceito paterno. Eu te trouxe aqui para que visses a diferença que existe entre os conceitos devachânicos da alma e os objetos concebidos. É uma ilustração do ditado: "O céu é o que fazemos dele".

Naquele instante uma senhora entrou na sala, obviamente ata-refada; sua atitude denotava grande poder. Aparentemente ela não nos notou e depois de algum tempo tossi discretamente para chamar sua atenção. Mol Lang sorriu, divertido, e disse:

"Phylos, podes tossir quanto quiseres e ela não notará tua presença. Por quê? Porque estamos temporariamente na terra e eu te dei o poder de ver condições terrenas; isto é, enquanto estivermos na terra, pois ela poderia estar a toda nossa volta e, no entanto, se estivéssemos numa condição psíquica diferente, a terra não estaria próxima, e sim muito distante de nós. Esta senhora ainda não sofreu a mudança chamada morte. Ela luta para colocar a mulher numa orgulhosa base de independência; orgulhosa porque lhe cabe por direito. Mas a mulher não o conseguirá a não ser pelo esforço próprio; nada que seja ganho vale a pena ter, a não ser pelo auto-esforço. Quando ela o ganhar dessa forma, estará ao lado do homem, não acima dele, pois a mulher não lhe é superior; nem abaixo dele, pois ela não lhe é inferior; estará ao seu lado, pois o homem e a mulher são iguais em todas as coisas. Quando chegar, esse será um dia abençoado para a humanidade. Esta mulher e sua irmã estão atualmente guiando os habitantes da terra que não têm essa compreensão clara das necessidades dos tempos; e terão relativo sucesso no decorrer deste século, mas não será uma vitória brilhante, pois nenhuma grande reforma, nem outra coisa excelente, pode suceder em qualquer século, década ou ano dominado pelo número nove. Por consequência, as esperanças humanas crescerão e diminuirão; parecerão chegar perto da vitória, mas só encontrarão o fracasso até a chegada de um novo século. Trevosos serão os anos mais próximos do alvorecer. Esta corajosa líder que aqui vemos verá a Esperança brilhar no último ano do século como uma estrela no ocidente, e

então morrerá, desanimada, embora com a esperança de que, como disse o profético Mackay, "A verdade acaba sempre por prevalecer e a justiça por ser feita".

Por um tempo considerável ficamos em silêncio, pois Mol Lang raramente dizia alguma coisa sem um motivo definido e no caso era mais útil o silêncio. Mais tarde eu disse:

"Que bem pode haver, que bem pode ser alcançado com uma tão amarga decepção? Com tão grande dor no coração?"

"Aquilo que sempre advém de todas as coisas. "O homem nunca é, está sempre por ser abençoado", são palavras verdadeiras. Nossa devachan, ou céu, não é feito com as esperanças que conseguimos realizar na vida terrena, mas com as esperanças, anseios, aspirações e determinação que na vida são nossos mais caros desejos porque nunca pudemos satisfazê-los. O céu mais feliz é o das almas que voaram muito alto e tiveram que se contentar apenas com a visão de Canaã, descortinada do alto da montanha. Que nenhuma pobre e desapontada alma da terra se lamente por causa dos anseios da vida que não foram satisfeitos, pois não sabemos se hoje estamos ocupados ou ociosos. Em ocasiões quando pensamos estar ociosos, descobrimos depois que muito foi feito e iniciado em nós. Esses inícios são realmente frutíferos pois nos concedem aspirações há muito cultivadas "lá", ou poderíamos dizer, em Seu caminho".

Enquanto Mol Lang falava tive vislumbres do todo, do céu e da terra. Uma coisa que me causou um sentimento de peculiar angústia foi que aquela gentil alma que vivia para sua filha, na realidade, não a tinha junto dele, apenas uma imagem dela. Eu não tinha pensado no fato de que nem mesmo na terra temos os nossos amigos, apenas os conceitos que temos deles; que nosso suposto amigo pode ser um inimigo secreto e que se não sabemos disso continuamos felizes em nossa ignorância. Mol Lang notou meu sentimento e disse, aproximando-se e colocando o braço em meus ombros:

"Phylos, meu filho amado, não fica assim! Quando chegar o dia dessa senhora entrar na vida devachânica, sempre e em qualquer lugar em que ela tenha ideais e conceitos como os do pai ou dela, eles estarão realmente juntos, "duas almas com o mesmo pensamento". O mesmo ocorre na terra; só a identidade de pensamentos aproxima as almas. Na medida em que a grande marcha

das almas que seguem Cristo se aproxima mais de Deus, os planos onde todas as almas estão juntas em pensamento e conceito serão planos ocupados principalmente pela humanidade, até que no glorioso final nenhuma estará separada das outras ou do Pai".

A sala e sua ardorosa obreira tinham sumido. Encontramo-nos num edifício monástico numa alta montanha que se erguia ao lado de um lago. Tínhamos a perspectiva de nubladas vistas de água, praias arborizadas e ilhas sombrias e prateadas. Sobre a torre do mosteiro havia um crescente brilhante de luz púrpura. Perguntei onde estávamos. A resposta foi:

"No Templo Lunar - uma parte do devachan, que nada tem a ver com a lua. Aqui, muitos estudantes do oculto chegam depois de abandonar o corpo terreno e encontram um sagrado local de repouso. Aqui estão muitos adeptos e neófitos teosóficos; antes eles viam com os olhos do espírito e tinham, antes como agora, conceitos de vida muito semelhantes; o devachan não está para eles, por consequência, no mesmo plano que o de outros mortais, assim como sua vida objetiva também tinha um plano diferente. Aqui Semla se separará de nós e não voltará para a terra a não ser depois de cinqüenta séculos contados pelo tempo mundano. Então ele encarnará, não como Quong, mas como membro da nação americana daquele tempo futuro, porque sua vida foi passada principalmente naquele país em sua última vida. Agora ele entrará no merecido repouso; este é o seu devachan."

Sob a brilhante luz púrpura da torre, Semla se despediu, invocando a paz do Pai para nós.

Pela capacidade a mim conferida por Mol Lang, eu tinha visto a natureza da vida após a morte. Por alguns momentos minha alma conseguiu comparar o conhecimento recentemente adquirido com meus anteriores ideais e pensei: "Se tudo isto não passa de um sonho, o que é um sonho? Se isto que parece tão real não oé. . ."

"Não, meu filho" - interrompeu Mol Lang, percebendo-me a pensar sobre a natureza da matéria, "esta é a verdadeira matéria. O que pensas que é a matéria? É Uma Substancialidade, sem uma só qualidade que qualquer sentido humano possa conhecer. A energia é uma das criações do Pai e tem duas polaridades, positiva e negativa, *opostos* absolutos. Ora, o homem da terra tem certos sentidos, que são sete: visão, audição, tato, olfato, gosto,

intuição e o último sem nome. Estes últimos sentidos ainda não estão desenvolvidos, pois o tempo ainda não é chegado; o Quinto Dia chegou, mas não o Sexto e o Sétimo. Com esses sentidos que faltam, o homem tornar-se-á maior do que jamais o foi. Somente os que têm ouvidos solucionarão esta máxima. Cinco sentidos conhecem as afeições dinâmicas positivas da matéria como Força, e eis que o homem pode perceber a terra e alguns corpos estelares. Mas estes são positivos e portanto estão na Mansão da Causa (do Pai). Estes cinco sentidos são o que o Apóstolo Paulo chamou de "mente natural". Mas, "Na Casa de meu Pai há muitas Moradas". E esta, que é a mais breve das vidas após o túmulo, é Sua morada dos efeitos, resultado da matéria afetada pela força negativa. Aqui os cinco primeiros sentidos chamam todas as coisas do devachan "meros sonhos"; o próprio Hamlet, que era sábio, perguntou "Que sonhos podem advir?" Mas eu te digo que tanto a terra (causa) como o devachan (efeito) são materiais; ambos se devem à força em todos os seus fenômenos, mas cada estado só é cognoscível pelos sentidos especiais próprios de cada um deles. Em um, o Homem tem cinco sentidos especiais, que conhecem a terra e chamam o céu de sonho; no outro, o Homem tem sete sentidos especiais e conhece o devachan, chamando a terra de sonho. Contudo ambos os estados são realmente materiais e ao mesmo tempo são irreais, a não ser para o Pai. Assim, o Homem está constantemente morrendo em um estado e nascendo no outro, e só o estado em que se encontra é real para ele a qualquer tempo. Múltiplas vezes ele repete o processo, encarnando e desencarnando, e cada renascimento na terra o recebe num plano mais elevado, até que finalmente a condição concreta, a mal denominada vida, termine e o incondicional "longo devachan" (Nirvana) seja conquistado. O homem e seu Pai então ficam juntos e unificados. O homem proveio de Deus e para Ele deve retornar. Só uns poucos o fizeram até agora e, desses, Jesus Cristo de Belém é o único que pode em verdade dizer: "Eu e meu Pai somos um".

Mol Lang não desejava que eu continuamente retivesse as lembranças das experiências recentemente vividas; os fatos separados estavam para se tornar tão desconhecidos como se nunca tivessem sido observados. Tudo estava sendo feito com o propósito de cercar minha alma com influências calculadas para me forçar para a frente e para o alto, para fora da vida terrena ou do desejo por ela, até que afinal eu percebesse que tinha conhecido alguma coisa mais elevada e que devia voltar ao plano da natureza espiritual. Sim, o termo é DEVIA.

Depois de deixar Semla com a nova vida que se abria para ele, Mol Lang e eu fomos até o lago e, depois de nos sentarmos numa pequena praia arenosa, fiz perguntas sobre a aparência do esquema da criação vista com as percepções ocultas. Parecia-me que a vida deveria ter um significado bem mais amplo para ele que para mim.

"Sim, Phylos, tem. Grandiosa como possa parecer a vida para o homem comum, formada, por assim dizer, em seus poucos anos na terra, supostamente seguidos por uma eterna existência no céu, para mim é infinitamente mais sublime do que a mais majestosa visão terrena possa conceber! As idéias do homem estão cheias de erro; elas incluem a infantilidade de admitir que durante a vida na terra as multidões que "fazem de sua morada um lar transitório" estão, no curso de um tempo finito, capacitadas a colocar em movimento causas infinitas que criarião efeitos psíquicos eternamente. Só através do Grande Mestre alguns teriam essa capacidade.

"Decidi, meu filho, que as características desta visita ao deva-chan sejam tiradas de tua memória e que só lembres delas como *um* sonho vago e agradável, que terá influência sobre ti ao te guiar para os pináculos do Pai e às alturas da alma. É fácil apagar essas lembranças; basta que eu desassocie o corpo astral formado aqui por tuas experiências e no futuro só conhecerás este estado quando o astral te controlar como o seu médium. Vou levar-te à minha própria casa em Hesper e lá conhecerás meu filho cujo nome é Sohma e minha filha Phyris. Mas também esse conhecimento eu desassociarei depois de transmitido e esquecerás tudo; sim, esquecerás de mim também e só me conhecerás através da mesma mediunidade, porque teu karma ordena que vivas ainda muitos anos na terra; e a remissão de teus pecados por más obras que clamaram a Deus por vingança, ah, isso levará um século de séculos e até mais. Cristo disse: "Nem um ponto será descontado até que a lei esteja cumprida". A menos que te entregues a Ele.

"Mas fizeste uma pergunta, filho. Ouvi a resposta: Planto uma semente e ela cresce, floresce e dá frutos; embora quem a plantou seja esquecido, a planta não o será. Lembrarás para sempre minhas palavras, não as esquecerás por uma hora sequer, pois esta é minha vontade; contudo, não terás a menor lembrança de mim.

"Além do mundo celestial, há muitos outros que são imperceptíveis para o homem. Contudo, a matéria e a energia compõem

todos eles. Muitos são mundos de Causa, mas neles não há simples seres humanos, nem pode qualquer sentido terreno conhecê-los ou saber que existem. São mundos povoados por seres, alguns bons, outros maus; do ponto de vista da Causa Eterna, são relativamente bons ou maus. Aquilo que existe sob leis adversas ao homem é o mal para ele, embora não seja mau em si mesmo. Mas essas "mansões" são afastadas umas das outras para que não haja interferência. Existe a que está fora do caminho, mas em si mesma não é má, pois em toda a criação não há mal eterno, uma vez que Deus é perfeito.

"Os mundos que abrigam vida humana são sete, dos quais quatro são invisíveis, não podem ser conhecidos pelos sentidos humanos; não porque estejam muito remotos, mas por causa da força-afeição da matéria que os constitui. A humanidade só ocupa um planeta de cada vez pois, como no caso de sua atual morada (a Terra), a raça humana é apenas uma letra na Divina Biblioteca do Ser. Para ser exato, as almas mais adiantadas e ocultas habitam Vênus, que chamei Hesper e que foi chamada pelos antigos da Terra "O Jardim das Hespérides".

"Sim, Phylos, a vida significa mais para mim que para ti. Contemplo sua majestosa marcha e vejo o batalhão de seres em que sou apenas um humilde soldado, progredindo ao redor das sete esferas, entre as quais apenas Marte, Terra e Vênus são matéria que a percepção terrena pode conhecer; vejo a raça humana encarnando progressivamente em cada um dos seus planetas peculiares, cerca de oitocentas vezes para cada ego, em cada mundo, a cada vez que a raça a ele chega; o que também ocorre sete vezes, perfazendo quarenta e nove épocas de encarnação mundana. Cada ego tem, dessa forma, períodos de encarnação e desencarnação em número aproximado de quarenta mil. E dessa forma, começando como criação irresponsável, longe de ser humana, bem distante do que definirias a palavra "humano", e terminando no Homem Perfeito que entra no repouso do Nirvana, que o esquema do Eterno Pai Incriado se aperfeiçoa. Sim, em verdade o homem peca, mas à medida que progridem suas encarnações, ele compensa cada vírgula, cada título. O carma é a penalidade pelo mal feito, e é a lei de Deus, o carma desconhece abatimentos, não aceita preços menores, sendo o fiel carcereiro da prisão que é a vida-ação; quem nela é atirado não sairá antes que o último centavo seja pago. Atenta, pois, para as más ações, pois deves suportar a penalidade, tu

sozinho. Em verdade a vida se torna muito longa com esse pagamento; é melhor nada dever!*

"Passemos agora a uma visão da verdade segundo a qual o espírito proveio do Pai e retornou a Ele após ter cumprido a lei dos profetas; viveu nos mundos da causa por um breve período e por muito tempo nos mundos dos efeitos, pois a proporção da passividade para a atividade é de mais ou menos oitenta para um e as vidas são muitas, são como as contas do colar de cada ego individual.

"Por último, o ego que provém do Pai não tem sexo-, não é homem, nem mulher, é assexuado. Quando entra na vida torna-se duplo, de modo que na terra há o homem e há a mulher, e embora os corpos e almas animais e as almas humanas sejam diferentes, seu espírito é um só e o mesmo. As vezes os dois, sendo de um só espírito, também são marido e mulher. No mais das vezes não o são, pois a era da harmonia ainda não chegou. Foi a respeito dessa unidade de espírito que a Bíblia falou: "O que Deus uniu, nenhum homem pode separar". Nenhum homem poderia fazê-lo, mesmo que desejasse. Entretanto, essa máxima não se refere ao casamento carnal mas à união espiritual, exclusivamente. Esta não tem luxúria. Mas quando as duas almas, depois dos milhões de anos que se estendem entre o Cristo não esotérico e o Nirvana, vierem a conhecer a lei da vida, então a união será como era antes da separação. Não podes realmente compreender esta verdade agora, mas quando finalmente tiveres te livrado da vida terrena, lembrarás e saberás. Não agora. Mas te digo uma verdade: os companheiros em Deus não podem conhecer um ao outro como tal antes que escolham vivenciar a regra de Sua Estrada, que nada tem de carnal. "Estreita é a Porta e o Caminho que leva para a Vida, e poucos o encontram". Até então, não encontrarão um ao outro nem se libertarão da encarnação".

Mol Lang levantou-se após seu longo discurso no qual tinha feito uma breve descrição das obras de Deus. Ele disse:

"Já te respondi. Venha, vamos continuar e conhecerás meu filho, minha filha e meu lar."

Ele pôs a mão em minha frente e me senti adormecer; quando voltei à consciência estávamos num imenso jardim e à nossa frente estava uma casa que me impressionou imediatamente

* Veja nota na página 245.

como sendo um verdadeiro lar. Digo isto porque o estudo do oculto havia de alguma forma parecido ser estranho à vida e influência do lar. O quanto ambos são totalmente compatíveis será visto no final desta história.

Verifiquei ao me familiarizar com a casa que ela confirmava perfeitamente minha primeira impressão, pois era o mais genuíno lar que poderia existir, sendo típico de toda a vida humana no mundo da Causa, Hesper. Era o lar de seres humanos glorificados, de estudantes do oculto encarnados numa vida causal elevada.

Perguntas como qualquer parte da raça humana poderia ter se afastado tanto quanto o contingente hesperiano? A resposta é que suas naturezas sétuas tinham sido tão aperfeiçoadas pelas tribulações a que o estudo do oculto sujeita seus iniciados, que tinham se tornado seres iluminados e responsáveis; tinham bebido da taça que Jesus perguntara aos filhos de Zebedeu se tinham a capacidade de beber dela, e como consequência foram dadas a eles as chaves do reino do espírito que nenhuma mente natural pode compreender. Eles tinham aprendido o caráter sétuplo de suas naturezas, que o homem é um ser composto e tem sete principios, ou seja: o EU SOU, ou ego; o corpo do espírito ou corpo-espiritual; a alma humana; a alma animal; o reflexo astral dos dois princípios inferiores, a força vital e o corpo terreno por ela animado. Até agora, pesa-me dizer, a massa da humanidade não se desenvolveu muito além de sua alma animal; uma minoria brilha com a alma humana; mas somente os adeptos do oculto desenvolveram o Sexto corpo ou corpo espiritual, e ninguém que o mundo conheça, com exceção de Jesus e Buda, é perfeito no Espírito do Pai! !•■■',,,...

Ali estava eu com Mol Lang, contemplando seu lar em Vênus, o mundo para o qual os filhos da Terra virão, deixando-a deserta até que uma nova série os devolva, embora num plano mais elevado, o do amor perfeito, "à maior coisa do mundo". Hesper é atualmente o planeta do amor Crístico, seu lar no curso da natureza e do desenvolvimento do homem. Mas nem todos para aqui virão, infelizmente!

"Phylos" -disse Mol Lang -"meu filho tem quase o mesmo número de anos que tu; minha filha Phyris tem a mesma idade que tu. Ambos te falarão de verdades ocultas, como eu o fiz; nem eles nem eu, mas somente as intuições de teu próprio Espírito dado por Deus poderão te instruir. Se uma alma não traz em si a per-

cepção de Deus e Suas obras, nenhum homem poderá ensiná-la, pois tendo ouvidos para ouvir e olhos para ver, ele ouve e vê, mas não comprehende. A mim foi ordenado por Deus que te mostre e te fale das coisas que muitos profetas e homens justos desejaram ver e ouvir, mas não o fizeram. Benditos sejam teus olhos, porque vêem, e teus ouvidos, porque ouvem. Não obstante, volta-rás para a terra e olvidarás, e inquietamente ansiarás por um estado melhor, que não encontrarás por muitos anos. Ó Phylos, meu filho, se pudesses conhecer tudo isso agora!/Mas o carma te persegue, buscando compensação.!O carma cobrará o devido, e só então ficarás livre. Oremos a Deus agora, pois não falarei mais dessas coisas; eu já disse o que devia dizer. Daqui por diante Phyris falará e mostrará, aqui em minha morada".

E lá, no jardim hesperiano, nos ajoelhamos e Mol Lang repetiu aquela eloquente laia das eras, a tão antiga e sempre tão nova oração de nosso Senhor. Creio que havia lágrimas em nossos olhos quando nos levantamos. Ao me voltar, vi uma encantadora mulher.

"Phyris, minha filha, ele chegou! Phylos, esta é minha filha sobre quem te falei."

Eu tinha ficado tão surpreso em ouvir um homem que tinha o que a fantasia ignorante chama de poder divino falando de seus filhos, que Mol Lang me disse, como comentário:

"Phylos, julgas que porque tenho uma sabedoria que pensas-te que só Deus possui, não sou humano? Filho, sou muito mais completa e verdadeiramente humano porque desta forma me aproximo de Deus. As massas da terra ainda não se desenvolveram no princípio humano; suas vidas, ações, paixões, estão centralizadas na Quarta alma, ou alma animal, e só os mais elevados alcançam o desenvolvimento do humano em seu interior. Quando o homem abraçar completamente sua humanidade, a Terra não será mais o seu planeta, pois ele virá viver aqui. Tem sempre em mente que tudo que vires em Hesper é humano, para que saibas mais sobre o que o Homem é, que ser glorioso ele é. O homem só é parcialmente humano, não está preenchido pelo Pai, nem tomou posse de seu corpo Espiritual, portanto deve se casar e viver no casamento, para que a raça não pare de se reencarnar. Cada ego deve pagar suas dívidas. Muitos morrerão devedores Dele."

Nós três, pai, filha e hóspede, entramos por um dos largos pórticos na mansão de cor castanha, de estilo semelhante ao do

Partenon, e nos sentamos num lugar de onde podíamos ver a profusão de flores nos amplos jardins. Era tão lindo o cenário que me contentei em ficar olhando, imóvel. Aqui não era o devachan, não havia cenas de efeitos, e sim uma vida ativa num mundo causai.

A vida ali diferia da vida da terra por ser mais abrangente, mais perfeita, mais gloriosa do que poderia ser na terra, no presente. A vida comum em Hesperus é tudo que a mais elevada forma de vida pode ser na terra; assim têm sido todos os maravilhosos desenvolvimentos que existem no seio das fraternidades ocultas e secretas da Terra. É impossível expressar adequadamente que perfeição de vida existe em Hesperus. Mas é uma perfeição de natureza física, em ambientes ideais que preparam o homem animal para trabalhar para o homem humano, e este para o homem Espírito, o EU SOU, o ego. Dessa forma o ego progride pela matéria. Não é sublime o pensamento de que a reencarnação não signifique transmigração de almas? A primeira impele o homem para o alto; a segunda, que é falsa até em teoria, é apenas uma noção pervertida da primeira, e poderia significar progresso, embora na maioria dos casos seria um retrocesso; e no Universo isto não existe. A reencarnação é apenas uma oportunidade de expiar os erros da vida, o principal dos quais é não dominar e conter o Eu. Não o queres pagar? Então estás perdido!

A A A

CAPITULO V

VIDA HUMANA EM VÊNUS

"É bom estar em casa de novo" -disse Mol Lang. "Amo minha casa porque aqui estão meus amigos e aqui existe a atmosfera apropriada para a espiritualidade. Vejo à minha volta o ambiente de minha última encarnação objetiva, que é a atual. Para mim não haverá outro renascimento nem morte do corpo, a não ser pela transição para o Logos. Aqui passei pela prova da mudança e estou me tornando androgino, sendo que em mim agora coabitam o masculino e o feminino; sou inteiro, não sou mais só a metade, e eu e meu companheiro egóico formamos um só indivíduo. Nós dois somos um e viemos para o Espírito no sentido expresso pelo Salvador quando disse: "Sede portanto perfeitos, como vosso Pai do Céu é perfeito". E tu, meu filho Phylos, certamente alcançarás esta mesma glória, pois assim reza o teu carma. Sim" -disse ele, voltando ao primeiro pensamento - "é bom estar de novo em casa".

O ancião levantou da cadeira e começou a andar de um lado para outro da varanda com majestosa atitude. "Ancião?" Sim, pela contagem da idade feita na terra; em termos de Pertoz, ele estava em plena forma, não tendo ainda alcançado a idade de duzentos anos, pois para tanto faltavam uns quarenta e oito meses. Além disso, a idade nunca mais o afetaria, pois ele tinha chegado à condição de não-morte, à imortalidade do corpo. A ele, e a muitos outros, referem-se as palavras de João (São João xvii, 21-26). Naquele momento ele estava em sua forma astral, estando seu corpo físico dormindo no quarto, onde o havia deixado para poder cruzar o espaço interplanetário comigo. Curioso pensamento! Um habitante de Vênus capaz de visitar a Terra à vontade! Contudo, isto não é realmente difícil. Simplesmente significa deixar o corpo e o plano físico em um ponto e entrar no astral ou plano psíquico. Deste último é tão fácil retornar ao estado causai em qualquer ponto, seja Alcyon, chefe da "Plêiade, cintilando em suas eternas profundidades", ou mais longe, além do alcance do telescópio, como é fácil retornar ao local da partida. Toda a dificuldade reside em deixar o plano físico, o que para o esoterista adiantado é o mesmo que nada, porque o estado normal de

sua alma está sempre no astral ou psíquico e não no físico. A dificuldade no caso do estudante é a repugnância que ele sente pelo pensamento de voltar a um estado inferior de ser, como é a vida na terra. Mas a Vida do Amor é "Eu sirvo". E assim, retornamos.

O fato de estarmos no estado astral, desincorporados, não impedia Phyris de nos perceber pois, como todos os hesperianos, tinha a visão anímica como a nossa visão comum, na forma de um poder usual. Seus olhos, como na verdade os de todas as almas naquele elevado estado de ser, têm a clarividência psíquica como qualidade normal, embora não sejam menos dotados da visão física corrente. Assim como fora no longínquo passado na Terra, seus olhos continuavam a ser calmos, cinzentos, como os que possuía Jesus de Nazaré. Eram as janelas de sua alma pura, que parecia estar por trás deles, olhando para fora. A esguia e graciosa jovem não era um ideal devachânico, embora não fosse suficientemente grosseira para ser visível a olhos acostumados somente à percepção dos estados objetivos, terrenos, da matéria; suas feições doces e graves, seu riso leve quando Mol Lang dizia certas coisas, sua perfeição de vida física, tudo transpirava o fato de sua existência objetiva e comprovava a verdade de que sua regra de vida era a obediência à lei. Contudo, duvido, meu amigo, que teus olhos pudessem vê-la. Nenhum telescópio revelará a existência de vida humana em Vênus; não que ela não esteja presente lá, apenas suas formas são feitas da Substância Una afetada por uma faixa de força ou energia que a torna imperceptível aos olhos terrenos. Não penses que o ar seja menos material, a eletricidade menos real, só porque teus olhos não podem vê-los. Teus olhos têm uma faixa de alcance visual muito limitada; se a Substância Una vibra mais ou menos rapidamente que uma pequeníssima duração de tempo, produzindo comprimentos de onda de força correspondentemente mínimos, teus olhos não conseguem reconhecer essas vibrações. O mesmo se aplica a teus ouvidos e à tua audição. Se teus olhos e ouvidos não fossem tão limitados, verias todos os sons e ouvirias cada raio de luz. Todos os arco-íris seriam vocais, enquanto o calor, que no momento só sentes, forneceria grande quantidade de sons e imagens. Assim ocorre com o povo hesperiano: suas pessoas não conseguirias ver, suas vozes não conseguirias ouvir, mas elas não seriam igualmente limitadas com relação à tua pessoa e tua voz. Mas enquanto pensares que, porque tens olhos, podes ver tudo que existe para ser visto, e que teus ouvidos podem ouvir tudo que existe para ser ouvido, conti-nuarás dependendo desses órgãos e adquirirás a espécie de falsas idéias sobre o Universo, que necessariamente provêm da total

ignorância de tudo a não ser o pequenino pedaço da criação que ocupas. Da mesma forma, enquanto dependeres do telescópio para que te revele verdades sobre outros mundos, permanecerás à caça de evidências de vida humana nos planetas mais próximos, mas não encontrarás nada até que deixes de esperar que a matéria revele a alma; ela não poderá fazê-lo, pois o finito não pode revelar o infinito. Age ao contrário-, roga à alma que se revele e revele a matéria, e todos os mundos se aproximará de ti, mostrá- rão sua fervilhante atividade vital, e toda a natureza revelará tesouros que a faminta alma da ciência jamais encontrou.

Phyris teve a capacidade de examinar meu passado, as outras vidas que eu ainda teria que aprender a recordar. Ela tomou conhecimento de cada feito, pensamento e motivação do mesmo. Tinha ela se dado ao trabalho de analisar esta história? Nenhum temor existia em minha mente, pois eu mesmo não conhecia meu passado e essa ignorância preservava minha paz mental. Não tentei analisar a razão para meu ardente desejo de causar uma boa impressão na jovem. Se o tivesse feito, teria me considerado um tolo presunçoso. Do jeito que as coisas estavam, eu me sentia contente com a consciência de minha pureza de propósitos.

Embora minha alma estivesse dissociada da vida terrena, seu desenvolvimento era bem pouco maior do que antes. Para mim, portanto, Phyris parecia uma espécie de deusa e, estimá-la somente como perfeito ser humano e seus maravilhosos poderes ocultos, teria sido uma impossibilidade para mim. Descobrir que eu estava apaixonado por ela teria me assustado. Considero afortunado que eu naquela oportunidade tenha sido poupadão de tal pensamento. Mas no fundo de minha alma isso era uma verdade, que estava fermentando secretamente. Um maior conhecimento não teria o efeito de diminuir sua exaltada posição, mas deveria conduzir-me à compreensão de que aqueles poderes psíquicos eram atributos da natureza humana, pois em si mesma a natureza humana é essencialmente divina.

Por falar nisso, qual é a idéia mundana de Deus? Dizes que Deus é onipotente, onipresente, eterno. Muito bem. Mas a idéia terrena dessas coisas é muito estreita. Suas concepções nunca podem subir mais alto que sua fonte e segue-se que Deus, embora seja um nobre ideal, não é tão grande para o mundo como o é para Hesperus. Dizes que sou incoerente negando minhas próprias elevadas reivindicações em favor do Homem, e que estou virtualmente negando a declaração de que as concepções só

podem se elevar ao nível de sua fonte? Respondo que o Pai limita a altura da fonte. O que quero dizer com isto? Que Ele fala para a alma humana parcialmente desenvolvida no plano da terra a partir do nível do princípio humano a Seu respeito, não de um plano mais alto. Portanto, a concepção terrena Dele é o de uma Pessoa perfeita, toda-poderosa, ubíqua, eterna, mas uma pessoa, quando na verdade Ele é impessoal. Mas para o hesperiano, Deus fala de Si Mesmo e Suas obras a partir do nível do Espírito, que está acima da alma; é o nível da Sobre-Alma de Emerson. Espero que estudes essa afirmação, pois nada do que eu já disse significa mais ou é mais importante do que isto em todo este livro.

Eu disse que as concepções terrenas de onipotência, onipresença e eternidade são estreitas. É verdade. A primeira significa apenas o mais extravagante exercício ou suspensão de leis conhecidas, mas pesquisa a existência de leis temíveis, maravilhosas, desconhecidas. Onipresença significa para a mente não-oculta uma variedade de idéias vagas e impraticáveis, com poucos reconhecendo-a como imanência e constante auto-inserção e criação. Finalmente, a eternidade; a mente facilmente concorda com o tempo ilimitado e sem fim, mas fica consternada com um simples decílhão, quase se recusando a crer. Entretanto, uma é para o outro o que o tudo é para o nada.

Na ocasião de meu primeiro encontro com Phyris minhas idéias sobre Deus eram igualmente limitadas, e quando a vi exercendo poderes que nenhum homem terrestre poderia imaginar que o próprio Deus possuísse, fiquei verdadeiramente consternado. Amá-la? Não naquela oportunidade. Respeitá-la, adorá-la, como um hindu faz com a imagem de seu Deus, sim. Mas a semente tinha sido plantada e certamente cresceria.

Mol Lang deixou-me na grande sala de visitas de sua casa, para onde tínhamos ido, e quando só Phyris estava ali comigo, imediatamente me vi restringido por um certo temor e timidez. Embora ela logo dispersasse esse sentimento, senti alívio quando um rapaz entrou e ela me apresentou a. ^ .

"Meu irmão, Sohma."

Olhando para os dois e lembrando a aparência de Mol Lang, pensei: "Que físico esplêndido tem essa gente, que graciosa e perfeita é cada linha; é como se o corpo fosse moldado pela alma, perfeito em cada contato físico".

"Sim, estás correto em teus pensamentos" -disse Sohma. Ele estava respondendo o meu pensamento, como Mol Lang e Phyris tinham feito: "Tens razão. Fazemos nossa vida física corresponder à nossa rígida aderência à lei, embora essa aderência seja para nós uma segunda natureza, que não é onerosa, sendo quase que inconscientemente aplicada. Excessos, intemperança, indulgências para com a natureza que são tão agradáveis aos sentidos animais, não têm atração para'nós, ao contrário nos são repugnantes. Estritamente vegetarianos, jamais tirando a vida para qualquer propósito egoísta, será estranhável que nosso corpo tenha a forma de nossa alma?"

"Verdadeiramente não", - respondi - "mas em meu caso como poderia a conformidade com a lei mudar a aparência de uma maturidade pouco atraente? Meu corpo já terminou de crescer, completou-se em obediência às leis que não foram estrita e sabiamente seguidas. Vejo-vos possuidores de sabedoria oculta, coisa que não sou, e acho difícil lembrar o que ouvi a respeito dela-, quanto a tornar prático esse conhecimento, impossível!"

"Phylos, meu irmão, o adepto do oculto nasce, não é feito. Seu conhecimento é do interior, não do exterior. A ti será entregue a chave do Espírito e eis que o Conhecedor de Tudo entrará em tua alma-, e embora nenhum homem ou livro te instrua, percebe-rás todas as coisas, pois todas as coisas são do Pai, que é o Espírito (São João XVI, 13)- Mas antes que o Espírito penetre, a casa deve ser varrida; irmão Phylos, gostaria que não tivesses que suportar essa prova. Contudo, o oculto que conhece todas as coisas nasce de muitas vidas, e nelas houve o mal. Nasceste para o oculto; é o carma."

Mol Lang tinha voltado, portando seu corpo material; só eu estava no astral, contudo não estava solitário no sentido de me sentir só, pois meus amigos não estavam separados de mim como resultado de nossas diversas condições físicas. É verdade que eu não podia me revestir de minha forma material, pois estava em Vênus e meu corpo num planeta distante. Essa condição era o reverso da incapacidade, entretanto, já que para ir de um ponto a outro bastava que eu desejasse estar no mais longínquo lugar para lá me encontrar, embora esse poder só me permitisse ter essa capacidade em Hesper, criando consequentemente um senso de restrição. O descontentamento estava crescendo em minha alma; eu já me sentia um estranho nesse elevado plano anímico em que meus amigos tinham nascido. Conquanto eu nada soubesse da

Terra porque meu Eu terreno estava no Sach aos cuidados de Mendocus, tinha uma desconfortável sensação de ser um estrangeiro; a sensação de que alguma condição anterior e diferente, em algum lugar, não era estranha, e tive o desejo de me encontrar novamente naquele ambiente conhecido. Pobre de mim!

A A A

CAPÍTULO VI

UMA RESPOSTA INDIRETA

Um eminent autor disse que "os temas literários são necessariamente limitados; os autores não podem criar como ficção uma coisa que não tenha uma contraparte no fato". Isto é absolutamente verdadeiro. A literatura está restrita a falar de ocorrências de amor, ódio, desespero, ambição, indiferença, inveja, toda a gama das emoções humanas, afinal. Quando essas emoções são apresentadas em seus aspectos trinos de tragédia, comédia ou tragi-comédia, percorre-se a escala e as únicas variações adicionais possíveis são as luzes ou sombras da intensidade ou debilidade da emoção.

Talvez na mente do leitor surja o pensamento de que nesta história aparecerá uma nova fase ou de que o Teo-Cristianismo tem alguma nova fase a apresentar. Essa idéia está fadada a causar desapontamento. Na realidade, verifica-se que o ocultismo exclui certos potentes fatores terrenos da literatura -os de natureza animal inferior - porque eles não têm um lugar na vida humana. Inveja, cobiça, ódio, não têm lugar numa natureza que está intimamente ligada com aquela alma do amor, Jesus. Indiferença, preguiça, desespero, não cabem numa alma que examina uma vista tão absorvente como a que se abre diante de Mol Lang, uma alma tão amorosa que, como Jesus e Gautama, teve o perfeito desejo de afastar os olhos dessa sublime recompensa para guiar seus irmãos até ela. Podes dizer que um amor como esse não é animal, enquanto eu digo que não é humano. Certo. Mas ele é espiritual; é aquele amor que só conhecem os que começaram a palmilhar a Senda, conhecendo em sua alma o advento do Espírito. Se che-gares a sentir que não te encolherás diante disso, mesmo que o carma também exija que demonstres a verdade de que "o homem que possui o maior amor é o que dá sua vida por seu amigo", então, irmão, irmã, conheceste o nascimento do Espírito em teu interior e serás bendito.

Ninguém tem o direito de esperar que relatando coisas fantásticas eu lhe oferte meia hora de diversão; não é esse o meu propósito. Este é um livro de amor, escrito para uma finalidade sa-

grada. A segunda vinda de Cristo está para acontecer no mundo, não como um acontecimento que chegará para todos simultaneamente, mas para cada alma quando estiver preparada para recebê-Lo em seu coração e realizar Sua obra (Lucas XXI, 34, 35, 36). Ele está disponível agora, no sentido de que se abrires tua alma para receber Seu espírito, Ele entrará. Verdadeiramente, quanto ao momento em que Ele chegará para os Seus, ninguém pode dizer o dia ou a hora; contudo eu digo, não te demores a esperar por Ele como um homem ou um espírito exterior, mas como o Espírito Crístico infundindo teu próprio ser. Ele não esperará o momento de chegar como um homem, mas virá como Espírito do Amor Divino, assim que estiveres pronto para fazer Dele tua regra de vida; e assim como o Cristo e o Pai são Um, aquele que ouve e espera será glorificado e no momento devido se elevará e partirá deste mundo para penetrar na Vida. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça. E então Ele virá com grande poder e glória (Marcos XIII, 26).

Certamente tenho estranhas coisas para relatar, mas nada sobrenatural, irreal ou sensacional. O que eu digo vem de meu Pai e pode levar o ouvinte atento ao Caminho indicado pelo Cristo. O que eu digo se refere a uma medida mais vasta da vida, Hesper, o planeta do Amor Divino. Espero revelar uma idéia mais ampla do que já dei até agora sobre o alcance, espécie e duração da vida oculta. Até este momento falei apenas de regras; agora dou o resultado do seu fiel cumprimento. Espero mostrar que glorioso ser o homem se torna obedecendo a lei oculta, a lei do Espírito de que dou testemunho. Ascendendo ao longo das eras, sem nunca descer, o Homem prossegue na gloriosa marcha que culminará fazendo dele um com o Pai - mais do que Homem finito, Homem infinito! Angelical!

Mas minha pena se adianta em muitos anos à minha visita a Hesper. Devo voltar àquele tempo para evitar que minhas palavras sejam isso, apenas palavras, erguidas como os modernos edifícios, com seus muitos andares.

Meu desejo de investigar as verdades do oculto não diminuiu por causa do rápido crescimento de minha vontade de ter uma vida mais familiar. Mas muitas e muitas vezes me surpreendi querendo descobrir pelo estudo se a verdade psíquica não poderia ser investigada em algum lugar, ah! Em meio a... bem, um conjunto de condições menos rigorosas quanto aos instintos animais em luta dentro de mim e que me colocavam tão abaixo de meus

amigos. Melhor tentar misturar óleo e água do que estudar o oculto em meio à influência terrena, não espiritual!

Como preceptor, Sohma contentava-se em me falar de princípios e não de maravilhas, para evitar que, perseguindo prodígios, eu perdesse de vista as causas, pois o fruto de uma árvore tende a ser sempre mais atraente para o ignorante do que a própria árvore. Esta é uma verdade importante para guiar o estudo do oculto: deves dar menos importância às maravilhas ou à magia, e toda a atenção às leis, pois as leis são a árvore. Aquele que faz maravilhas é o menor dos irmãos, que não comprehende as leis do Pai para usá-las vantajosamente. Estuda as leis, sabendo que as maravilhas são apenas incidentais; se não conheceres as leis, só os prodígios, não O estarás seguindo, nem herdarás Seu reino, mesmo que possas fazer prodígios maiores que Quong, Mendocus ou o próprio Mol Lang. Isso representava a posse de menor valor para eles. Deves pensar da mesma forma.

Durante um passeio pelo jardim, perguntei a Sohma o que quisera dizer ao observar que embora eu recebesse a chave da sabedoria oculta, não receberia os detalhes. "Sohma, dizes que os detalhes são omitidos e também os efeitos, e que só as leis gerais me serão ensinadas. Ora, minha natureza parece incapaz de aprender muito dessa forma. Sinto que um método diferente é necessário, um método nascido de . . ." - nesse ponto passei a mão na testa com perplexidade, pois as memórias terrenas não estavam me dando apoio. "Bem, não sei exatamente como explicar. Parece que tenho uma vaga idéia sobre uma vida passada em algum lugar, em que outros métodos de aprendizagem eram usados. Não sei o que dizer agora, irmão. Fiquei perdido".

"Não, Phylos, não estás perdido, mas apenas desorientado com relação ao teu lugar usual na vida. Estás fazendo referência à filosofia analítica, que raciocina a partir dos efeitos para chegar a uma causa comum. Não é um processo seguro, como testemunha a condição da ciência química naquela vida que recordas apenas vagamente. A química é uma nobre ciência, embora esteja prejudicada por processos analíticos falhos. Ela não consegue sequer definir o que é um grão de areia."

De repente meu conhecimento de químico voltou à minha memória, em obediência à vontade de Sohma, embora as circunstâncias do ambiente onde havia sido adquirido estivessem sendo ocultas. Com o retorno desse conhecimento tornei-me imediatamente argumentativo, e respondi a Sohma-.

"Peço desculpas, mas a química pode dizer isso. A areia é silício, ácido silícico e é composta do elemento silício e oxigênio do ar, na proporção de dois de oxigênio para um de silício."

"Exato, mas na realidade nada me disseste-, estás tão longe de uma definição quanto antes. Dizes que a areia é composta por dois elementos primários?"

"Com certeza."

"Sendo primários, não podem ser reduzidos?"

"Não, não podem" -disse eu, mas lembrando de certas coisas maravilhosas que eu havia testemunhado, estava começando a ficar nervoso.

"Não! Tens certeza?" -perguntou ele, com persistência. E eu, sentindo uma certa teimosia despertada por sua atitude e pela determinação de ser leal à minha ciência, repliquei:

"Tenho certeza!"

"Phyios, se eu não percebesse que tua teimosia está temperada por uma admirável fidelidade ao princípio, eu diria que a sabedoria morrerá em ti. Teu sistema de química, meu amigo, com seus sessenta e tantos "elementos básicos" e suas "mônadas, dia-des, tríades" e assim por diante-, seus compostos simples, biná-rios, terciários e tantos outros, nada é senão uma excelente hipótese, bem adaptada para produzir o resultado que produziu, mas porque não abrange toda a verdade química, nunca será capaz de alcançar a inteireza de resultados que marca a sublime constituição da natureza. Longe de conduzir à verdade, essas teorias têm o efeito oposto; ensinam a multiformidade da matéria, quando ela é verdadeiramente uma. Como eu disse, entretanto, os químicos da terra têm uma boa hipótese de trabalho, que servirá até que o melhor método seja descoberto."

Sohma fez uma pausa e aproveitei para perguntar qual era esse método melhor. Ele não me respondeu diretamente, preferindo colocar em minha tela mental um laboratório onde muitos tipos de instrumentos e máquinas, em construção ou quase prontas, estavam em mesas e bancos. Vi um relógio e mais adiante uma máquina de escrever de modelo antigo; haviam relógios-pon-to e ferramentas combinadas, além de muitos mecanismos in-

tricados cuja aparência não revelava para que serviam. Um pouco mais distante, numa mesa, estava uma massa confusa de peças avulsas de máquinas. Ele disse:

"Phylos, podes juntar todas estas coisas? Nesta pilha há partes de relógios, máquinas de escrever, fechaduras e assim por diante. Dizes que não és um mecânico e por isso não podes lidar com elas. Essas peças não me são desconhecidas, pois sou entendido em máquinas. Com todas as peças que aqui estão, não poderias construir um relógio ou outro mecanismo. Mas suponhamos que desmontes cuidadosamente um relógio que está funcionando corretamente e estudes bem suas relações, não só por meio de um mas de vários destes instrumentos, então o todo se tornará familiar para ti; e embora desmontar um relógio não te ensine grande coisa, repetir isso muitas vezes te levará a reunir as peças novamente, tal como estavam antes. Este é o processo da análise, dedução e síntese; acontece praticamente o mesmo com a física, a mecânica e a química."

"Mas, meu amigo", -disse eu aborrecido -"não posso realizar essas ações, pois nunca tive oportunidade de fazer tais experimentos".

"É este o meu ponto, Phylos. Vou mostrar o melhor método a que me referi. Diante de nós está uma invenção minha; praticamente sou seu criador e por isso eu a comprehendo. Aqui vemos uma máquina idêntica, mas num estado separado; suas partes são uma pilha confusa. Nada sabes da mecânica; eu tenho esse conhecimento e te apontarei as peças principais da máquina, que está em condições de trabalhar. Observa!"

Sohma foi até a máquina que era um primor mecânico, com suas rodas prateadas, molas, parafusos, correias, etc, aparecendo sob a armação quadrangular transparente. Ele falou diante de uma espécie de bocal enquanto explicava o funcionamento da máquina. Disse que ficaria perto do bocal para que suas palavras fossem registradas, impressas e colocadas em forma de livro. Enquanto falava ele desapertou um parafuso.

"Um diafragma microscópico coloca em operação fortes correntes elétricas. Elas só agem quando minha voz impressiona o diafragma vocal, por meio do qual, como podes ver, discos de carbono fecham outros circuitos e operam alavancas que têm tipos gráficos em suas extremidades. Observa que o diafragma vocal é feito

de cordas de aço sonante como as do piano, e seu número corresponde aos tons e oitavas vocais. Em nosso alfabeto há o mesmo número de letras e nossa linguagem escrita consiste no arranjo adequado dessas letras, sob forma de tipo gráfico em caso de impressão, ou de quirografia simbólica em caso de escrita. Com os sons vocais que pronunciamos bem perto de um instrumento como este podemos "pronunciar" um volume impresso. Os tons congregados afetam cada um sua corda correspondente; sua vibração comprime os discos de carbono, aciona a corrente elétrica instantaneamente, a alavanca com os tipos faz o seu trabalho, o papel avança um espaço de cada vez, o tipo seguinte o imprime, e assim por diante até que a voz pare de emitir sons. O espaçamento entre as palavras é feito automaticamente; e enquanto eu falo com as pausas normais, é feita uma utilização do retorno do disco de carbono de seu estado ativo comprimido, fazendo a mola mover o carro do papel um espaço para cada minúscula pausa na fala, dois espaços para os parágrafos, mas não é suficiente para mais do que um movimento de espaçamento duplo. Quase terminei de falar, e agora moverei esta alavanca para cima, liberando a força acumulada causada pelo movimento das partes, especialmente deste pesado volante. Não será feita nenhuma impressão adicional, mas a força de reserva será mantida, fazendo cortes e encadernando o que falei; feito isso, o restante da força acumulada, igual em todos os casos ao trabalho especial que está sendo feito, exaure-se totalmente ao soar uma sineta que significa o fim da tarefa."

Embora Sohma parasse de falar, o instrumento continuou operando e, quase que em menos tempo do que leva para diagramar esta sentença, a sineta soou e, incrível!, as palavras de Sohma em formato de livro caíram numa pequena caixa acoplada à máquina. O instrumento ficou imóvel e pela primeira vez seu pequeno tamanho me chamou a atenção; media apenas dezoito polegadas de altura por dois pés de largura e três de comprimento, contudo tinha realizado todo aquele espantoso trabalho.

"Poderias desmontar este instrumento e montá-lo de novo?" -foi a surpreendente pergunta; surpreendente porque pensei que ele tivesse a intenção de me dar aquela tarefa. "Não, meu irmão, não poderias; mas como seu inventor, que conhece seus pontos mais obscuros, minha compreensão desta e de outras máquinas, e também de verdades não mecânicas mas cientificamente psíquicas, representa o verdadeiro espírito do conhecimento; e observa que farei este espírito entrar em tua mente, ao menos no que se refere a este mecanismo. Contempla-o e conhece-o".

Por estranho que pareça, eu, que antes quase nada sabia dessas coisas, tive a impressão de conhecer instantaneamente todo o complexo aparato, como o relojoeiro conhece o relógio que fabricou. Sohma, percebendo isso, disse:

"Esta, Phylos, é a chave para toda a sabedoria de que falei. Deus, criador de todas as coisas, um dia te infundirá. Então teu espírito, que é um raio de Seu espírito, introduzido na escuridão por Ele, reunir-se-á com Ele. E porque Ele cria pelo Logos perene todas as coisas e todos os estados do Ser, e está imanente em tudo, conhecendo tudo, quando Ele entrar em tua alma conhece-rás igualmente todas as coisas e também serás um criador, embora em medida menor. Saberás que, num sentido químico, só existe um elemento operado pela Força. Todos os "elementos", como os conheces, serão vistos como diferentes velocidades da formação molecular do Único Elemento, causadas por graus diferentes da Força Una; e verás que a luz, o calor, o som e todas as substâncias líquidas, sólidas e gasosas não são diferentes em seu material, mas em suas velocidades apenas.

"Este conhecimento é subjacente a toda vida, à química, à física, aos sons, ao calor, às cores, à eletricidade e todos os demais aspectos possíveis da natureza. Esta é a suprema lei de Deus, que é natureza, embora a natureza não seja Deus. Outra lei é a da compensação; posso falar-te dela?"

Respondi que ficaria muito feliz em ouvi-lo, pois suas palavras revelavam Deus em todas as coisas, elevadas e inferiores. Ele continuou:

"Esta lei não só governa toda a matéria, mas também o Espírito de que a matéria é um reflexo, e o reino da alma. Basta que eu dê um único e breve exemplo de natureza material -o plano de um parafuso. Se esse plano tem uma inclinação maior ou menor, sua ação será rápida ou poderosa, mas nunca as duas coisas ao mesmo tempo. Se a ranhura da rosca for pouco profunda, o corpo do parafuso progredirá lentamente através da porca, mas a força de esmagamento será enorme; ao contrário, se a ranhura for profunda, o parafuso se moverá rapidamente, como o tipo de parafuso que pode penetrar na madeira com o auxílio do martelo e que gira ao entrar nela.

No reino da alma, se um ser humano se contenta com a ranhura fácil, gradual, do plano ascendente da pura vida cotidiana, com

tentações diárias para agir erroneamente e com freqüentes quedas, seu progresso para o alto será lento, mas muito seguro. Se, ao contrário, estiver ansioso por progredir rapidamente, deverá enfrentar em poucas horas toda a esmagadora força das tentações de pecar e errar que o homem comum enfrenta ao longo de muitas e muitas encarnações que cobrem eras, um tempo impossível de contar. No primeiro caso o Pai dá em suficiente medida o pão de cada dia (força) aos homens para que possam progredir lentamente mas com segurança. No outro caso, toda a esplêndida reserva de resistência de um verdadeiro Deus é necessária, pois nem todo o poder de Lúcifer, aquele espírito de elevada natureza que foi encarnado no planeta que se fragmentou na faixa solar de aste-róides após o colapso de sua Alma, nem todo esse glorioso poder conseguiu levá-lo à vitória, e por isso ele caiu. Só o Deus-Cristo em ti pode vencer essa batalha. Verdadeiramente, nenhum simples ser humano, enquanto permanecer Homem, poderá ter essa tentação; nem tu, nem meu pai Mol Lang, nem Gautama foram sujeitados a uma prova tão severa quanto o foi aquela sublime alma, Lúcifer, a não ser de forma relativa. Digo relativa, pois deve-se considerar: se uma mosca ou uma formiga fosse sujeitada a tudo que pudesse suportar, sua dor seria tão severa quanto a de um homem impelido ao seu ponto máximo de resistência. Como Jesus e Gautama foram tentados ao máximo e não caíram, sua vitória foi maior do que o fracasso de Lúcifer; e quando enfrentares uma prova semelhante, sem dúvida terás êxito, embora haja a possibilidade de falhas. Só há *um* Guia; *segue-O* e vencerás; se não o seguires, fracassarás (João XVI, 13). Para ti é novo o conceito de que há um ego impulsidnador, um espírito do mundo, ima-terial, em cada estrela, cada planeta, cada corpo estelar; assim como há uma alma individual em cada corpo humano, animal ou vegetal. Mas isto é uma verdade. Também é verdade que os espíritos dos homens progredirão, enfrentarão a suprema tribulação e, se passarem por ela vitoriosos, entrarão naquele longo repouso, o céu, o devachan, o Nirvana como quiseres chamá-lo. Mas esse não é o fim, pois a vida tem um começo e também tem um fim. O ego humano perfeito, finalmente emergindo do Nirvana, o longo devachan de todas as encarnações, não emerge como Homem; não vive mas É, e sua existência pós-vida é um estado de Ser que nenhuma mente humana pode compreender a não ser por infe-rência, pelo conhecimento de que aquele estado está para a Vida como o ancião está para o menino. Ali então há *a prova da transfiguração*; para ela veio meu pai, eu não. Se falhamos, esta é a segunda morte (Rev. XX, 13, 15), mas temos de enfrentá-la, a humanidade precisa fazê-lo. Isto levará ainda muito tempo, pois não

acontecerá antes que a alma se aperfeiçoe e esteja pronta para deixar seu estado infantil de Vida Humana, para ser julgada de acordo com suas obras para Aquele que tudo criou. Entedio-te, Phylos?"

Respondi que não, embora tivesse a impressão de entender o que ele queria dizer para logo em seguida perder o fio da meada. Não obstante, eu estava ansioso por ouvi-lo falar, achando que comprehendia, assim como todas as pessoas que eu e tu conhecemos gostam de pensar que seu entendimento de assuntos abstrusos é perfeito. Sohma sorriu e disse que, quando terminasse, tudo que eu tivesse adquirido seria psiquicamente gravado para favorecer meu progresso, pois eu estava fadado a esquecer as idéias que imaginava estar absorvendo. Ele continuou:

"Desejo que observes o seguinte: se pensas que o dia do julgamento, quando segundo suas obras tua alma será denunciada por teu espírito, que é Deus em ti; se pensas que por esse dia estar num remotíssimo futuro tens ampla oportunidade de procrastinar e errar, advirto que este é um erro fatal. Pois se no dia do julgamento qualquer homem falhar, foi porque negligenciou suas oportunidades diárias em suas muitas vidas, por omissão ou come-timento. Esses sofrerão a segunda morte e serão lançados no "lago de fogo"; em outras palavras, seu Espírito se separará de sua alma e irá para o Pai, e a alma será absorvida pela soma da força, o elemento "Fogo", que é a soma de todas as formas-forças menores das quais surge a vida, o calor e a vibração. Isto só acontecerá depois que cada ser que falhou tenha passado de sua alma para o seu espírito. Portanto, a "segunda morte" não é a do pecador; é o cortar fora de todo o trabalho perdido ou errado, e a oportunidade de recomeçar, de construir melhor; nosso Pai não condena Seu filho e sim o trabalho imperfeito, a alma pecadora. Em nossa biblioteca poderás encontrar um livro trazido da Terra para Hesper, que se refere a uma ordem Rosicrux, no qual se fala desse Fogo supremo. É o mesmo Fogo que outrora foi chamado Maxin, na Terra.

"Tu, Phylos, pássaras pela prova da Crise antes que outros homens; ninguém sabe se vencerás ou não, além daqueles que por ela já passaram."

Quando Sohma parou de falar, olhei em volta e vi que os relógios e máquinas de escrever, fechaduras e outros instrumentos tinham desaparecido, menos a impressora vocal; esta era uma atua-

lidade, o resto apenas conceitos que Sohma tinha me induzido a ver. Minha mente não estava suficientemente treinada para continuar seguindo por tanto tempo uma linha especial de pensamento, e embora eu imaginasse que tinha uma idéia clara de tudo que meu companheiro havia dito e me sentia feliz com essa noção, se por acaso tentasse naquele momento lembrar seu significado, teria tido a tristeza de verificar que eu só tinha dele uma vaga idéia. Não tentei esse experimento mas, feliz com a suposição que fizera, minha mente flutuou para outro tema e perguntei a Sohma se os hesperianos não tinham achado possíveis as naves aéreas, entre tantos triunfos por eles obtidos. Ele se voltou para mim e, olhando por cima de meu ombro, sorriu ao responder.-

"Devo deixar que Phyris fale disso-, tenho que ir a um outro lugar."

Fiquei feliz com o novo acontecimento, mas a timidez imediatamente se fez presente e fiquei vexado com esse fato, o que só serviu para aumentar minha sensação de acanhamento. Não tomndo conhecimento disso, comq supus, ela disse:

"Raramente voamos, a não ser astralmente. Poucas vezes temos vontade de usar nossas naves aéreas, mas as possuímos. Pode ser que tu. . . se eu te tratar por "tu" ficarás menos tímido em minha presença? Dizendo isto, Phyris me fitou com um olhar divertido; um olhar que, embora me causasse o mais delicioso prazer, efetivamente me confundiu de maneira definitiva, pensei.

"Talvez," -disse ela, depois de rir suavemente de meu desajeitado acanhamento - "talvez penses que nós hesperianos podemos transportar nosso corpo físico de um lugar para outro por algum processo oculto ou de outro tipo. Por exemplo, sendo todas as formas de matéria idéias divinas revestidas da Substância Una, é possível desintegrar a forma material, preservando a idéia psíquica, e transportá-la como se transportam os pensamentos, por esforço da vontade, e depois reabilitá-la como matéria. Dessa forma artigos da Terra podem ser trazidos até nós. Mas se pensas que podemos fazer o mesmo com nosso corpo estás errado, pois somos idéias corporificadas. É verdade que podemos sair do corpo e viajar por um breve tempo de uma para outra estrela. Mas não podemos transportar um corpo físico ao mesmo tempo. Se deixamos para trás o corpo que temos, podemos colocá-lo num estado cataléptico, em condições de ser novamente ocupado quando retornamos. Mas se o deixamos e formamos um novo corpo, em todos os respeitos igual ao primeiro, este templo abando-

nado perece. Poderíamos fazê-lo, mas não precisamos e consequentemente também tu não precisas. Tudo em tua volta é matéria, diferente apenas em sua velocidade molecular. O ar é matéria; a eletricidade é matéria. Vou te mostrar. Desejo um prato, ou vários pratos, xícaras, feicas e garfos, então os imagino (crio) sob forma mental ou psíquica. Podesvê-los? Os olhos da Terra não podem, mas estás temporariamente dotado com a visão hesperiana".

Diante de mim estava uma pilha de delicados objetos de mesa, com diferentes padrões de decoração em cada um.

"Estes artigos são apenas formas-pensamento-, nenhum olho que seja incapaz de perceber um pensamento podevê-los. Mas presta atenção, eu atraio a mais elevada freqüência de velocidade, a força adicional que faz ar a partir da Substância Una, e a força que deixo é a de vários minerais com que desejo que minha louça seja "feita"; nota que aquele prato ali é de rubi, o real cristal de alumínio; aquele outro é de pérola, outros são de diferentes pedras preciosas, como aquela xícara e seu pires que são de cristal de carbono, portanto cada uma é um diamante. Na Terra essas louças valeriam milhões de dólares, mas aqui só são avaliadas por sua utilidade e beleza. Como vês, Phylos, conheço os termos de tua língua e as idéias transmitidas por suas palavras. Mas agora preciso ir, como Sohma, pois devo fazer o jantar, para usar os pratos, xícaras e pires que acabei de criar, como criarei muitos outros. E por que não? Pensas que o ocultista está sempre perdido em especulações abstrusas? Estás muito errado. Podes ir à biblioteca, onde poderás encontrar alguma coisa que te interesse."

Fui para a biblioteca e podes vir mentalmente comigo se quiseres, e examiná-la. Não faças restrições dizendo que os objetos hesperianos são irreais só porque eu disse que ninguém poderá ver a vida de Vênus com olhos terrestres. A realidade não implica necessariamente na solidez terrena.

Pelo menos quarenta mil volumes enchiam as prateleiras; alguns tinham capas simples, outros muito trabalhadas. Em minha primeira visita àquele local, descobri que os livros estavam todos impressos com a escrita hesperiana, mas numa mesa vi um volume cuja capa trazia em letras douradas, em língua anglo-saxônica, o título e o nome da editora. Ao examiná-lo, o poder de memória da Terra me voltou por um breve período. A inscrição era:

"MIL MILHAS SUBINDO O NILO"

A. B. Edwards Publicado por
Longmans & Co. - 1876

O volume tinha sido transportado por muitos milhões de milhas pelo espaço interplanetário através das "correntes", do mesmo modo como Phyris tinha "feito" sua louça; apenas no caso do livro ela não tinha criado as idéias que ele continha; tinha desintegrado a matéria, preservando o astral - a única realidade envolvendo qualquer objeto - e depois de trazê-lo da Terra para Hesper, tinha refeito o envoltório material. Olhei em volta e vi outros volumes, um deles intitulado-.

"OS ROSACRUZES"

Por Hargrave Jennings

Encontrei exemplares das obras de Milton, dos primeiros poesias de Tennyson, de Moore, e uma pilha com vários pés de altura contendo outras obras bem conhecidas; em cima estavam os "Ensaios de Emerson" sobre o qual apareceu um pedaço de papel branco e, enquanto eu olhava, palavras se formaram como se estivessem se precipitando do ar:

"Phylos, trouxe esses livros da distante Terra para ti. Fiz isso para que os comparasses com nossas obras hesperianas. Considera o seguinte: Nós que somos iluminados pelo Espírito do Criador, pouco utilizamos livros ou outros métodos grosseiros de ensino semelhantes; só os valorizamos como espécimes dos trabalhos de almas em certos planos. Não temos necessidade nem desejo de lê-los, servem apenas como textos, pois quando desejamos aprender, retiramo-nos para o interior de nossas almas e ouvimos o espírito Onisciente."

A mensagem estava assinada por Phyris. Estava escrita em inglês. Escrita? Não, fora precipitada no papel e terminada minha leitura, desapareceu como tinha aparecido, sem que qualquer mão a removesse, pois só eu me encontrava ali. Com o seu desaparecimento, também deixei de ter lembranças do mundo de onde eu viera. Fiquei pensando no que deveria fazer e então Phyris entrou e disse:

"Temos aqui um invento de Sohma que aumentará o teu prazer-, sei que tua alegria é sempre grande quando há muitos livros por perto."

Ela pegou um livro da Terra, de Shakespeare, e colocou-o num instrumento que virava automaticamente as páginas, uma forte

luz elétrica incidia nas páginas, seus raios refletidos numa placa metálica. Engrenagens invisíveis giravam dentro de uma caixa e uma voz saía de um objeto em forma de funil. Para meu prazer, ouvi a leitura de página após página daquela grande jóia literária inglesa, no tom apropriado para cada personagem. Fiquei ouvindo, absorto, e Phyris saiu; passou-se um bom tempo antes de eu notar sua ausência. Penso que deveria ter ido procurá-la ou então Sohma -Mol Lang tinha ido para muito longe a chamado do dever, deixando o corpo adormecido no quarto. Mas quando eu estava a ponto de sair da biblioteca, uma mão de mulher passou por cima de meu ombro e uma voz suave disse:

"Cobre os olhos com isto."

Era Phyris, que me deu o que parecia um par de óculos. Eram efetivamente óculos que nem toda a fortuna da Terra poderia obter. Como ela se preocupava com meu prazer! Quando os coloquei, todas as prateleiras de livro sumiram e um livro foi colocado em minhas mãos; e sei disso por retrospecção, pois naquela ocasião eu não sabia, e me encontrei em meio a cenas de aspecto muito familiar. Todas as imagens mentais invocadas pela atenta leitura do poema de Scott, "A Dama do Lago", todas as personagens foram vistas e ouvidas como se eu estivesse no local onde o poema era recitado. Fui transportado por meio daquelas mágicas lentes para o trabalho mental de Walter Scott. O que ele havia escrito, como por exemplo,

"Existia em volta de uma nuvem, Um
mundo que ele não podia ver".

era por mim visto com a visão da imaginação criativa.

O poema completo foi apresentado em poucos momentos, pois o pensamento é mais veloz do que os sentidos, e quando o Rei prendeu suas douradas cadeias no pescoço de Malcolm e pôs a corrente nas mãos da bela Ellen, sem esperar pelo resto Phyris tirou os maravilhosos óculos de meus olhos e disse-.

"Eles eliminam o ambiente terrestre e conduzem o leitor diretamente para os reinos imaginários do autor, seja qual for o seu livro; mas não servem para qualquer leitor, pois só sentidos humanos refinados e em desenvolvimento, não controlados pelo lado animal, podem utilizá-los. Isto porque são uma espécie de magne-to sensível, unindo fatos psíquicos mas não coisas materiais. Bem,

não sei mais do que isso sobre eles e deves perguntar ao meu pai se quiseres saber mais. Sou apenas uma jovem e preciso aprender mais, antes de ter a presunção de ensinar. Eu ficaria triste em dar explicações errôneas. Tua boa opinião a meu respeito diminuiria, o que me causaria mortificação. . . bem, esquece" -disse ela, com um delicado rubor se espalhando em seu rosto. "Vem comigo; penso que não faz bem ficar muito tempo num só conjunto de influências como o ambiente literário".

Sim, muita coisa que vi em Hesper era desconhecida para mim. Mas aquele suave rubor me fez pensar e minhas idéias se confundiram num turbilhão estático. O que significava? Denotaria uma reciprocidade de afeto?

"Verdadeiramente sim" -disse ela, em resposta à minha muda pergunta. "Mas seu significado está além do teu conhecimento. Agora me vês como uma mulher de pouca idade. Teu amor me contemplará como mulher. Falo por enigmas? Só o tempo poderá resolvê-los. Estás comigo e eu contigo, e nossas idades não têm uma grande diferença. Tens pouca compreensão; eu tenho mais; ambas são imperfeitas, contudo o Espírito nos fará completos. Se eu te perguntasse agora "que é o poder da vontade?", não poderias responder adequadamente. Mas posso te dizer e minhas palavras irão fundo e te guiarão para mim. Digo erroneamente que estás comigo, pois só o estás na visão do Pai no princípio, mas não agora. Entretanto, virás um dia e quando eu perguntar "que é a vontade?", responderás com teu próprio conhecimento "vontade é o fiat da consciência". Se for a vontade da alma animal, o resultado será apenas um pensamento subjetivo que energizará músculos para fazer uma realidade objetiva se conformar ao plano subjetivo. Se for a vontade da alma humana, será mais nobre e de maior intensidade, mas ainda será o cérebro, através dos músculos, que deverá exercer o fiat na forma material. Mas se for o fiat de nossos Espíritos, e bem treinados, diremos a toda força material "Obedece-me" e ela obedecerá. Porque nossos Espíritos são do Pai e uns com Ele, a Vontade do Espírito não precisará de cérebro nem de músculos como intermediários, e terá todos os poderes naturais servindo-o diretamente, sendo essa a fé de que Jesus falou. Por isso, meu caro Phylos, eu te respondi mas tu, embora tenhas ouvidos, não ouves. Por que não? Porque nosso Pai ainda não está manifesto em ti. Quando tu, tendo ouvido comprehenderes, nós dois seremos um, pois assim está escrito no Livro da Vida".



rare <

Crescimento mágico de plantas

Quando ela parou de talar tínhamos chegado a uma horta onde cresciam alimentos para nosso uso. Ela colheu alguns, mas ela desejava outros que não havia por ali. Abaixando-se, Phyris desenhou no solo uma figura que me pareceu familiar mas eu não podia dizer onde a tinha visto antes. Era assim: 0 , e o leitor lembrará que é a mesma que descrevi Quong desenhando quando fez a Vita Mundi se transformar numa chama enquanto ele se mantinha dentro do círculo. Era um fogo criativo nas mãos de Phyris, embora Quong não o tivesse exibido da mesma forma. No espaço interno Phyris plantou sementes e depois, completando o símbolo, as chamas subiram acima da área semeada.

"Olha Phylos! Se eu tão-somente tiver o grão a planta crescerá segundo a sua espécie (Gênesis I, 12). Mas se não tenho a semente, minha pobre sabedoria de alma humana não pode fazer as plantas crescerem. Mol Lang poderia, pois é transfigurado. Tendo a semente, posso trazer o Fogo Vivido de Deus para auxiliar em sua germinação. Olha, já está brotando; continua observando -seu crescimento é visível."

Fiquei espantado ao ver crescerem brotos verdes e botões se abrirem como flores de primula; flores, muitas flores, a planta subindo tão depressa quanto se estendem as sombras da noite que cai; vi bojos de sementes se formando, formadas; e os frutos maduros pendendo em cachos na radiante chama da Vita Mundi, que subia até minha própria altura, ali onde há pouco só havia terra nua. E aquela menina que declarava não ser ainda uma mulher, exercendo aquela magia como se fosse a mais corriqueira das coisas! Aquele era um poder inerente do Princípio Humano, meus amigos, e será comum também para vós quando vos desen-volverdes no Humano. O homem terreno está apenas no início de sua humanidade em alguns poucos casos, e a maioria continua em sua animalidade. A maior parte da humanidade é apenas animal, não humana, a não ser por cortesia. Contudo, a gloriosa aurora da nova era está próxima e, quando estiver em sua plenitude, Cristo retornará e entrará no coração dos Seus; o Pai é que entrará, pelo Messias. Preparai-vos para a vinda do Espírito, pois nenhum homem sabe o dia e a hora em que isso sucederá.

A A A

CAPITULO VH

O DESERTO ESTÁ DIANTE DE TI

Assim foram passando os dias. Pelo calendário local, fazia mais de duas semanas que eu estava no ambiente hesperiano. Nesse tempo, cresceu a saudade da vida passada; as poucas ocasiões em que Mol Lang, Sohma ou Phyris tinham me feito ter vividas recordações da Terra, tinham sido gravadas por meu astral pertozia-no, e dessa forma cada evento renovava minha certeza de que tivera um passado onde tudo que me cercava era familiar. Phyris se entristecia ao perceber que todas as vezes em que eu ficava sozinho meus pensamentos se voltavam para o passado com o desejo cada vez mais forte de regressar. As vezes, um forte esforço de minha própria vontade conseguia trazer para diante de mim, trazer efetivamente, meu astral terreno da Terra até onde eu estava, o astral que era a soma de minhas experiências e memórias da Terra. Estando em Vênus, eu então me sentia um estrangeiro, um homem da Terra, e minha saudade da América, do meu país, crescia. Era o meu lar, ah, muito mais que um lar embora eu não tivesse parentes vivos, tendo todos partido para o repouso do de-vachan; nem amigos que pudesse comparar com aqueles que eu tão estranhamente encontrara em Hesper. Caro leitor, é a alma que está acorrentada, não o corpo do homem. Libertai as almas, irmãos, e buscai conhecer as coisas do céu, da elevada vida com Deus, e tudo o mais vos será dado por acréscimo-, sim, até a capacidade de explorar pessoalmente as estrelas. Minha alma estava presa à Terra pelo amor ao meu torrão natal. Logo esses momentos de lembrança vivida da Terra cessavam, porque minha força de vontade não era suficientemente poderosa para manter meu astral terreno comigo, e este gravitava de volta ao seu nível próprio, o mundo da Terra. Novamente eu ficava ignorante da vida da Terra, ponderando sobre aquela charada até que alguém da família de Mol Lang bania o estado mental que a produzia! Não, não é que eu fosse uma alma que só se sentia em casa na Terra; ali eu me encontrava num plano superior e poderia ter nascido no nível de Hesper após o devachan, mas era cada vez mais patente que isso ainda não acontecera.

Era um prazer para mim sentar-me à mesa quando meus airú-

gos faziam seus simples repastos, pois embora eu não pudesse comer, nem precisasse de alimentos, era bom estar com eles quando estavam assim reunidos.

No dia seguinte àquele em que vi Phyris fazer crescer frutos para comer, eu estava com a família na hora do jantar quando Mol Lang, falando com o filho, disse:

"Sohma, será prudente transmitir tanta filosofia ao nosso hóspede quanto tu e tua irmã têm feito e pretendem ainda fazer?"

"Por que manter secreta a verdade, meu pai?"

"Meu filho, porque Phylos deve voltar para a Terra, como está escrito. Ele não pode saber essas coisas, pois ver e ouvir não é saber. Ele não tem faculdades desenvolvidas que lhe permitam esse conhecimento, e nem eu nem tu podemos introduzir permanentemente o nosso conhecimento em sua alma. Jesus de Nazaré, mesmo entrando na alma de Seus ouvintes como num templo, nada conseguiu lhes dizer; Caifás, o Sumo-Sacerdote, e todos os israelitas que ouviram o Salvador com seus ouvidos e O viram com seus olhos, eram não obstante cegos e surdos, e nada compreenderam. Mas ele entrou no templo dos que eram Seus discípulos e seguidores, e eles viram e aprenderam. O Mestre despertou o Espírito neles e eles seguiram a Palavra como Jesus a seguia. Quanto ao mundo, teve que ler Suas Palavras por muitos séculos e, embora muitos acreditassesem, nem um, nem um só, foi iluminado pelo Espírito como Paulo. O que tu e Phyris dizem a Phylos virá a ele em forma astral quando começar a sentir saudades de Hespe-rus, assim como seu astral terreno vem até ele e o faz sentir falta da Terra. Tendo esquecido Pertoz e também nós, ainda assim ele falará do oculto em pequenos fragmentos e sofrerá por isso. Sofrerá porque alguns de seus ouvintes ficarão desconfiados, outros ironizarão e ninguém, inclusive Phylos, conseguirá explicar ou compreender."

"Sim, meu pai, falas com sabedoria. Mas devo dizer que ele falará sobre a verdade. A verdade é poderosa e prevalecerá. Se por algum tempo ele não for compreendido, ainda assim haverá algum efeito tanto do que falar como do que ouvir. Não preciso dizer que pensamentos são coisas, pois todas as coisas são pensamentos. Até a pedra é um conceito mental do Espírito Eterno, e o que os olhos comuns vêem é apenas a externalização da idéia. Se Phylos pensar e seus ouvintes pensarem no que ele disser, isto

será uma ação, tornando o autor da ação responsável. Se for um pequeno pensamento, será uma pequena ação e seu carma em breve se extinguira. Mas se for um grande pensamento, fará com que o autor da ação seja seu próprio legatário; e então? Agora falo também para ti, Phylos -o herdeiro de suas próprias ações descobrirá que a ação torna-se parte do carma coletivo-, é ele o responsável por sua fruição, porque "enquanto não passar o céu e a terra, não desaparecerá da lei um só pingo ou um só traço sem que tudo seja cumprido" (Mateus V, 18). Só assim Phylos poderá voltar para nós."

"Falaste bem, meu Alho!" -comentou Mol Lang.

Sohma então disse, dirigindo-se a mim-. "Phylos, meu irmão, não existe um só homem ou mulher que no passado e no presente não tenha feito um grande mal a um ou mais seres, homens ou animais. Aquilo que o homem semeia, ele colhe. Nosso Pai ordenou que na vida subsequente àquela que testemunhou os maiores pecados, aquele que os cometeu deverá fazer sua remissão, praticando o bem em igual medida. De outra forma, ninguém entra no Reino. Esta é a lei do carma".

Ao deixar a mesa fui com Sohma até os aposentos dele para ver um quadro que adornava uma parede. A pintura media três pés e meio por seis, e estava emoldurada com rubis, safiras, diamantes, pérolas e outras gemas incrustadas em argamassa; pedras preciosas que na Terra valeriam centenas de milhões de dólares, mas não em Hesperus, pois tinham sido produzidas pelo mesmo método mágico com que Phyris produzira seus pratos. O quadro, porém, ultrapassava a moldura, sendo uma produção de arte mágica que nem todo o dinheiro da Terra poderia comprar.

Vi um ilimitado oceano e suas vagas explodiam em tempestuosa fúria, e haviam aves marinhas voando como flechas perto das cristas ou no espaço acima. Parecia ser um pôr-do-Sol sobre o mar profundo, pois raios avermelhados brilhavam através das nuvens, iluminando gloriosamente o cenário após uma tempestade. Bem perto, tão perto que era possível ver a ansiosa intensidade de diferentes emoções em seus rostos, haviam dois homens e um menino agarrados a um remo. Um dos homens estava sendo segurado pelos outros companheiros, enquanto agitava os braços loucamente para um navio que estava bem no centro do Sol rubro; sua silhueta destacando-se claramente contra o monstruoso disco.

"Esta paisagem poderia valer a soma em que pensei há pouco?"

Na verdade, seria supérfluo apor um preço a algo que nenhum dinheiro poderia comprar. Mas o que pensarás se eu te disser que as ondas do quadro subiam e desciam como no mar real? E que o vento atingia as enormes vagas e fazia a espuma erguer-se no ar a uma altura que parecia ter centenas de pés? As procelárias e gaivotas que tocavam a água com os pés deixavam pequenas ondulações quando novamente se erguiam no ar. Nuvens se moviam no horizonte e quando ficavam em frente ao Sol eram iluminadas por sua luz rubra, enquanto o brilhante orbe ia mergulhando sua orla inferior nas águas. O grande navio tinha navegado até o limite do Sol e vi uma bandeira ser levantada e abaixada como que respondendo aos naufragos. Logo um bote, um pequeno ponto na distância, foi baixado. Mas os naufragos estavam impedidos de ver essas coisas e, quando o Sol desapareceu totalmente de vista, um deles ergueu os braços, tomado pelo desespero, e escorregou da verga para o seu túmulo nas profundezas do mar. Depois de algum tempo a luz da lua cheia substituiu a luz do Sol, as nuvens se afastaram e, na pálida e prateada luz, vi o bote que se aproximava, procurando os homens perdidos no mar. Eu o vi, pois agora flutuava em um lado da tela, mas os que o procuravam, não. Eles remaram de um ponto ao outro e finalmente tiveram êxito. Puxando o homem e o menino para o bote, dirigiram-se para onde as luzes do navio brilhavam na noite. Então, a grande extensão de água ficou vazia quando o bote desapareceu na penumbra, na direção do navio que, enquanto eu observava, navegou para um lado do quadro, como se a cena fosse vista por uma janela aberta e o barco tivesse desaparecido além do quadro da janela. A tela lentamente embranqueceu e logo ficou perfeitamente limpa de cores e figuras.

Continuei olhando e no lado direito da moldura apareceu um ponto negro, que entrou em meu campo de visão, subindo e descendo. Surgiram ondas verde-escuras por toda a tela, e Sohma disse:

"O quadro vai se repetir. Se observares, verás tudo outra vez. É a cena de um naufrágio no Oceano Atlântico, na distante Terra. Assim que é completado fica branco e então se repete. Este é outro exemplo do poder de uma mente oculta sobre a matéria; a vontade do artista muda a velocidade da cor e a reduz ou aumenta para que as vibrações que formam o vermelho sejam aumentadas e passem por todas as graduações da energia cromática,

sempre exatamente em harmonia com a imagem astral inserida na tela pelo poder criativo do artista oculto. "Quem pintou este quadro, queres saber?" Foi Phyris. Ela o pintou antes que chegas-ses em Hesperus, no dia em que resgataste uma mulher de uma vida ignominiosa. Esta cena é profética. Refere-se a um tempo lá na Terra, quando aquela mulher que salvaste se perderá no mar, dentro de alguns anos. Mas olha para o quadro."

Olhei e vi que embora a tempestade ainda fosse apenas uma ameaça, o belo navio tinha aparecido em primeiro plano, a uma meia milha de mim, ao que me pareceu. No mastro principal flutuava a bandeira americana, a bandeira da União. A visão trouxe meu astral até mim e lembranças da terra e de meu país encheram meus olhos de lágrimas. Sohma afastou o sentimento de tristeza, deixando-me apenas parcialmente consciente de meu passado. Pude ver um marinheiro ir até o sino do navio e dar o toque que indicava as quatro horas da tarde. Pude ver mas não ouvir, obviamente. Mal o marinheiro acabou de tocar o sino, um homem apareceu no convés e deu o aviso de "fechar velas". Muitos homens se dirigiram para as velas e cordame, e obedeceram; pelas ações deles entendi quais ordens tinham sido dadas. Voltando para o convés, os homens fecharam todas as escotilhas e cuidaram de tornar o barco seguro. Foi bem na hora, porque logo uma nuvem tapou o Sol, depois uma cortina negra ao norte obscureceu a vista. Eu podia ver precariamente que as coisas a bordo começaram a ser batidas pelo vento e logo o belo barco adernou para estibor-do por causa da violência das aterrorizantes vagas. Então, com o mastro principal pendendo para um lado, o barco começou a correr na frente do demônio da tormenta. Eu podia vê-lo subindo e mergulhando na enlouquecida fúria e tive a impressão de que o navio estava se movendo com grande velocidade, parecendo voar. Logo um esquadrão de homens atravessou o convés para ir até as bombas, nas quais trabalharam com a energia do desespero. Uma mulher saiu pela única escotilha que tinham deixado aberta como passagem abaixo do convés e, enrolando as cordas do mastro partido em volta de seu esguio corpo, animou os homens que trabalhavam desesperadamente. Eles abateram o que restava do mastro e atiraram para o mar. O barco estava enchendo mais depressa do que eles conseguiam bombar a água e houve uma corrida para os botes salva-vidas. Um por um estes se perderam, virados pela violência da água, e finalmente só restou um. Sobraram dois homens que de modo algum caberiam no bote, além do capitão e da mulher, que ficaram no navio. Aparentemente o bote não havia percorrido cem pés quando o elegante barco

pinoteou para a frente, a proa mergulhou na água e afundou. Um remo que flutuava perto do bote foi a salvação de alguns passageiros da frágil embarcação, que eu vi virar nas turbulentas ondas. Por um momento vislumbrei seus rostos lívidos, pois o bote estava no primeiro plano. Vi o rosto da mulher quando ela afundou, e a distância era suficiente para que eu visse, não terror, mas um sorriso sereno em suas feições. Então vi dois homens e um menino agarrados ao remo, e a cena chegou à lase de repetição, pois foi naquele remo, passados (aparentemente) dois dias, que eu os vi, tal como descrevi no *Início* deste relato. "Aparentemente?" Sim, porque a tela mostrava o negror da noite, a luz sombria no dia seguinte, e mais uma noite e um dia. A cena levava duas horas para ser completamente apreciada.

Sohma nada mais disse sobre a sabedoria oculta. Ele sabia que minha mente, ignorante da filosofia da vida superior, não estava em contato com sua significação e sabia que eu me fotigava com isso, como uma criança se cansa dos estudos escolares; aquelas ocupações abstrusas não apresentavam uma conexão real com os fatos de seu pequeno mundo.

Mol Lang ensinou-me mais uma coisa em Hesper, dizendo que era para minha orientação e que não seria esquecida por mim. Estávamos na margem do grande rio que passava a algumas centenas de metros de sua casa. Sentei nos seixos da praia; Mol Lang um pouco acima, perto de mim. Ele plantou uma semente e manteve as mãos abertas sobre o local, com as palmas para baixo. A planta cresceu velozmente e logo estava da altura dele. Frutos parecidos com bananas pediam entre suas largas folhas. Ele colheu alguns desses frutos e os comeu.

"Atenta, Phylos, assim é a vida vegetal. Perguntaste: "Por que não tirar a vida de animais para nutrir nossos corpos?" e "se é errado tirar a vida dos animais, não será também errado tirar a vida das plantas?" Meu filho, onde existe qualquer forma, mineral, vegetal ou animal, também há uma entidade criada pelo Espírito; a forma-matéria nada mais é que uma roupagem para o astral e este é um envoltório para a alma. Existem almas vegetais, animais e humanas, e todas são filhas de nosso Pai, mas não podem evoluir de uma para outra em um determinado período da atividade planetária; mas tudo progride para o Criador, assim como as plantas crescem na direção do Sol. Nenhum homem pode fazer sequer uma alma de planta existir. Mas se ele conhecer a lei, pode encontrar uma alma de planta e dar-lhe um corpo de forma ve-

getal, se esse corpo for de tipo mais elevado do que a planta tinha antes. Ele pode -eu posso -fazer encarnar essa alma de planta. É um experimento simples; começa com o germinar da semente, o jovem corpo cresce, amadurece, brota, floresce, dá frutos e foz amadurecerem novas sementes - sete ações simples. Posso apressar esse processo para uns poucos minutos. Então terei dado à alma da planta sua pequena experiência. Se fosse deixada ao seu próprio destino, não teria outras e morreria, e essa seria a última experiência em sua encarnação. Pois bem-, tomo seu corpo, mas não interrompo nenhum processo importante. Ele é virtualmente meu corpo, minha carne, pois eu o emprestei à alma da planta. A força para isso proveio de mim. Revertendo o processo, como a planta, e minha própria força retorna para mim. Mas nenhum homem poderia prever as experiências que cada dia, hora e minuto oferece a uma alma animal, todas elas necessárias para seu crescimento na direção do Eterno; e cada experiência é um elo responsável, tornando-a um karma que levará sua alma animal para uma próxima vida encarnada. Mata-a e não poderás compensá-la pelas oportunidades perdidas. Mas com a planta, poderás. Compensação é uma lei de Deus. Se fazes uma coisa e não podes fazer compensação por ela, estás cometendo um pecado; mas se podes estabelecer o devido equilíbrio, então não cometes pecado. Assim, o Mestre de Nazaré não pecou ao encher as redes dos pescadores; mas tu terias pecado se fizesses o mesmo, pois em ti o espírito manifesto não é ainda Um contigo. Como não podes compensar uma alma animal por sua vida corporal, pecas matando-a. E sua carne é amaldiçoada por causa desse pecado. Ouve, pois em verdade te digo, se cometeres esse pecado, colherás sua penalidade; nenhum carniceiro verá Deus em Seu Reino-, ele deverá deixar de ser carniceiro antes que possa ter a esperança de conhecer o reino oculto, que é esse Reino."

Mol Lang levantou-se e eu também. Colocando o braço em volta de meus ombros ele disse:

"Meu filho, o deserto está diante de ti. Suas areias ardentes queimarão a sola de teus pés, mas atenta para tua própria intuição (São João XVI, 13) que revela Deus em tua alma, e sairás do deserto. Sê fiel até a morte e terás uma coroa de vida dada pelo Pai. Que Deus esteja contigo e te proteja; Eu também te protegerei."

Meus amigos, anos se passaram antes que eu revisse Mol Lang, exaustivos anos de tristeza e provação. Ele me deixou ali na beira do rio, onde Phyris me encontrou pouco tempo depois.

Logo se reuniram em volta outras pessoas jovens, inclusive algumas crianças. Em Hesper, o Sétimo Princípio tem um bom início de crescimento; e quanto à perfeição física, qualquer hesperiano tem uma graça e beleza quase divinas. Mas para ilustrar que grande é a altura daquele plano superior a qualquer coisa terrena, e quantos poderes aparentemente milagrosos lá se tornaram características da humanidade -a herança comum de cada ego lá encarnado -ouve o seguinte: Uma criança pequena de apenas quatro anos, mas muito madura em seu modo de ser, embora essencialmente infantil em muitas coisas, aproximou-se e ficou parada perto de mim. Ainda que a criança risse e proseasse comigo, se a princípio me inclinei a considerá-la demasiado infantil, logo -nu-dei de opinião. Jovem como era e naturalmente desconhecendo profundas leis ocultas, contudo filha de um ramo da humanidade evoluído ao perfeito plano humano e próximo do portal do espiritual, ela provavelmente estivera lá por incontáveis encarnações. Como herdeira dessas muitas vidas, a pequena possuía espantosos poderes que homens e mulheres primitivos terão ainda que adquirir por um lento processo de estudo de muitos anos.

Primeiro estuda para dominar a natureza animal, depois medita sobre os princípios que, para aqueles que têm o desejo de saber, estão nestas páginas. Age somente de acordo com o que eles indicam. Segue o Caminho. Há Um que guia todos os que diligentemente O procuram, mesmo antes do Dia do Homem.

Tendo ficado aparentemente satisfeita com minha aparência (lembra que eu teria sido invisível para olhos não clarividentes, mas não para a visão psíquica que ela recebera por herança), a pequenina comentou em doce confidencia:

"Meu pai falou-me muitas vezes de um numeroso ramo da raça humana, comparados com o qual nós pertozianos somos como as folhas de uma única árvore em comparação com as de uma floresta. Ele apontou para o planeta onde esses humanos vivem; eu nunca tinha visto um desses seres humanos inferiores até te ver. Não é estranho? Ele também me disse que nem tu nem a massa dessas pessoas já chegou a ter conhecimento do carma ou dos poderes ocultos, na verdade riem disso. É estranho. Mas tu, e também eles, crescerão em conhecimento. Deus assim o exige. Então tua aparência pessoal ficará mais agradável" (!)

Fiquei completamente aturdido. Ouvir uma simples criança dizer essas coisas e concluir com a observação de que eu cresceria

- bem, cresceria em graça - era muito surpreendente. Também era agradável, pois embora mostrasse o grande abismo existente entre o homem da Terra e a espiritualidade de Hesper, também descortinava as possibilidades humanas com uma clareza que ninguém antes tinha conseguido. O homem precisa de comparações para poder julgar valores relativos. A Igreja de São Pedro em Roma é o maior edifício que o mundo de hoje conhece. Mas grandes construções precisam ser comparadas com outras, também grandes, para que a mente humana possa compreender o quanto são vastas. O mesmo ocorre com as verdades espirituais: até aquela criança fazer sua revelação, eu não tivera mais que uma vaga concepção das exaltadas verdades que ouvira. As maravilhosas ações de Mol Lang, as de Sohma e até as de Phyris, tinham me impressionado como sendo ações de seres superiores, aos quais eu jamais me igualaria. É verdade que Mol Lang dissera que tinha chegado àquele ponto pelo estudo e pela fé no Pai. Mas meus olhos não tinham acompanhado seu progresso e só tinham visto sua consecução; eu também não tinha visto aquela criança adquirir sua posição, mas minha alma podia reconhecer o fato de seu crescimento ainda estar em andamento. Em lugar de vagos desejos, comecei a sentir a agitação da esperança e o conhecimento de que também poderia crescer. Até aquele momento eu tinha aceito as afirmações de meus amigos de que eu poderia crescer até o nível deles. O conhecimento agora substituía a fé. Através daquela pequena criança minha vida fora elevada e ligada à vida superior de Pertoz, a vida do homem perfeito. Eu estava pronto para dizer sinceramente: "Delas é o reino do céu".

Os doze ou mais amigos ali presentes me pediram que contasse a história de minha vida, para que, ouvindo minha voz ao vivo, pudessem estudar-me enquanto eu falava. Concordei. Quando terminei, tinha contado minhas esperanças de vida, que eram muito altas, eram nobres esperanças como aquelas que tomam conta de nosso peito e sobrepujam nossa natureza animal, quando ouvimos uma música cujos acordes agitam a alma e a impelem a desejar e a trabalhar pela alta recompensa de ouvi-Lo dizer: "Estou satisfeito, meu bom e fiel servidor".

Phyris então me dirigiu a palavra, falando devagar, e com uma docura que só conhece alguém que já afastou todas as máculas da alma humana. Notei que ela não estava mais usando o tratamento íntimo, tendo voltado ao estilo mais solene, embora continuasse a empregar a língua inglesa que me era familiar.

"Phylos, falaste de tua vida, relatando tudo que dela sabes. Eu sei muito mais e falarei disso, mesmo sabendo que vais voltar para a Terra e me esquecerás, junto com minhas palavras."

"Não digas isso, Phyris, jamais poderei te esquecer!" - disse eu tristemente.

"Sim, Phylos, vais me esquecer, porque só tua memória hespe-riana me conhece e ela deverá dar lugar ao teu astral terreno quando voltares. Mas essas lembranças ficarão apenas adormecidas, elas não perecerão, até que novamente governem tua vida. Quando os anos do teu carma tiveram passado, virás para cá outra vez e então não mais terás saudades da Terra, como agora. Minha alma gêmea, eu gostaria de manter-te aqui comigo mas não posso, pois o carma está contra isso e o carma é a lei de Cristo, que disse: "O que o homem semeia ele deve colher". Embora esqueças Hesper, terás um registro astral que às vezes voltará à tua memória, da mesma forma que os registros da Terra te perturbam aqui; e isso será uma coisa estranha, pois não os reconhecerás como sendo a tua própria história, visto que parecerão se referir a uma outra pessoa.

"Contaste tua vida tanto quanto a conheces; mas já te foi dito que viveste miríades de outras existências. Nessas eu também estive envolvida. Isto é natural, pois meu espírito é também o teu espírito, embora nossas almas não estejam atualmente juntas como estiveram no passado. Eu poderia te contar muitas coisas relativas a esse incomensurável passado que foi teu e que conheces-te, e depois esqueceste; uma página após outra, à medida que o Anjo da Morte ia virando as folhas do livro da vida. Mas nada te direi, Phylos, embora eu possa recordar essas coisas escritas naquele eterno e vivo registro da causa e do efeito, da ação e reação das formas de vida materiais; é o registro astral, o "Livro da Vida" do Pai. A memória é o poder da alma de ler esse grande registro astral. Tenho esse poder, mas tu não o tens; nada te contarei, deixando que descubras tudo por ti mesmo, conhecendo esse passado através de tua própria e iminente sabedoria. Então saberás que sou una contigo. Nesse tempo, então, escreverei a longa história de nossas vidas, desde o remoto passado quando tu e eu vivemos na antiga Lemúria, entes que a Terra viesse a conhecer o continente da Atlântida, ou a era glacial dos geólogos - aquela foi a idade de ouro. Iremos mais além do que isso, inclusive até o tempo em que a Terra não existia, nem Vênus, nem Marte, nem o Sol e as estrelas. Mas não tentarei falar dessas coisas; não porque

não possam ser contadas, mas porque ninguém poderia compreender o tempo em que o Homem era uma raça que ainda não se tornara a raça do Homem. Quando digo homem, refiro-me também a todos os animais, pois toda sorte de ser que vive na Terra é Homem, havendo homens e animais que são homens menores. Não, alguém que ouvisse estas palavras de forma alguma compreenderia seres que não eram animais, nem plantas nem minerais, mas que não obstante existiam. Por consequência, farei referência somente à época mais recente que veio antes da última era glacial, e da posterior que foi o tempo de Zailm e de quando ele, que és tu próprio -pois meu Phylos é Zailm reencarnado -retornou do devachan."

levantei a cabeça que eu tinha abaixado enquanto ouvia Phyris falar. Estábamos a sós, os outros do grupo haviam se afastado. Phyris continuou:

"Escreverei a respeito de Anzimee e, portanto, de mim mesma: também escreverei a respeito de outros. Agora, devo falar de nós.

"Quando o Homem veio de Marte para nascer na Terra, como ele um dia sairá da Terra para nascer em Hesper, esse fato serviu de base para a alegoria de Adão e Eva, mas antes deles vieram os irmãos menores, os animais da terra, do ar e do mar. Antes do nascimento da raça, existiram as raças de marte e, antes disso, vidas em dois outros planetas, nenhum dos quais tem uma matéria que possa ser percebida pelos olhos da Terra. Neles já não existe o processo da vida, as almas desses mundos estão repousando, como também os de Marte. Falei, pois, de quatro dos sete planetas aos quais a raça humana faz visitas cíclicas, indo do Primeiro para o Segundo, para o Terceiro, para o Quarto (que é a Terra), para o Quinto (Hesper), para o seguinte aonde o homem irá após seu tempo em Hesper, e desse para o Sétimo ou Mundo Sa-bático. Os dois últimos, como os dois primeiros, são imperceptíveis aos olhos da Terra. Os mundos são sete e sete vezes a raça do homem tem seu ciclo neles. O Homem já completou a série e chegou em massa ao quarto ciclo, o atual. Eis que falo de todas essas vidas de raças, Phylos: da Terra, de Hesper, de Marte e todos os outros planetas humanos, na terminologia usual. Entretanto, aquele que desejar poderá ir com nosso Grande Mestre, escapando dos Ciclos e daquela Vida. Mas essa vontade, esse desejo é raro e poucos encontrará esse Caminho. Esses são alguns sinais ao longo da Senda: ouve, registra e me encontrarás: Faz uso de todas as coisas sem abusar de nenhuma. Remédios, apenas

como remédios; comida, sem glutonaria; bebida, sem excessos; sociedade, como um estudo; casamento, como um Caminho e a continência como a Sua Estrada Principal (I Cor. VII -1 a 9; também 29, 31, 32, 36, 37 e 38). A maioria de nossa raça deverá seguir o caminho inferior, pois o Caminho Elevado lhe provoca vertigens; só podem palmilhá-lo aqueles cujas mãos Ele segura; e poucos Lhe permitirão fazê-lo, pois são tentados pelos desejos. Mas os que recusam aquela Vida, como a encontrarão de novo? Não conseguirão e desaparecerão com o mundo. Então se cumprirá o que está escrito: "Haverá um tempo e uma vez e meia esse tempo". Assim será. Uma mensagem desse julgamento será transmitida por ti num dia que não está distante. Estando na metade de sua jornada na Terra, a raça está em meio a uma experiência de vida que já dura um período vasto demais para a tua compreensão."

"Não vais me dizer?" -perguntei. "Estou curioso".

"Dizer-te? Sim, e em palavras que possas apreender, mas os números só podem te dar uma vaga idéia, pois não sabes o que todo o período já viu acontecer. Estes são os números". Phyris solenemente expressou um período de tempo que minha mente confrontou com espanto, perdendo-se em pensamentos. "Mas não deves passar adiante este conhecimento antes que nossa remissão esteja terminada. Esse é o lapso de Tempo desde que o Universo estava informe e vazio, e as trevas cobriam a face das profundezas. Cada homem que vemos, com exceção dos que já foram transfigurados, é apenas um semi-ego; e cada mulher é o mesmo; e cada dois desses tem um só espírito. Quando chegar o tempo, todas as metades se reunirão, cada um com sua contraparte - eis que esse é o "casamento feito no céu". Mas antes virá o Julgamento, a Crise da Transfiguração".

Perguntei: "E se uma alma não passar, o que acontecerá? E se sua metade, o seu gêmeo, fracassar, ela também falhará?"

"Ó meu companheiro! Se uma alma não passar, será porque os erros de suas muitas vidas terão cortado as asas de sua força, impedindo-a de voar acima das concentradas tentações dessa prova. Isso é uma parte de todos os fracassos nesse supremo teste. E se falhares, pessoalmente falando? Tua alma sofrerá a Segunda Morte e por causa disso também a minha, pois nós e todos os companheiros egoicos lutamos nessa última batalha com nossas forças combinadas. De mim depende tua vida eterna; em ti re-

pousa minha esperança; mas todos os nossos mútuos anseios repousam no Espírito. Não poderemos encontrá-Lo se não seguirmos a Senda que nos foi mostrada pelo Cristo; se não o procurarmos, Ele não nos buscará. A menos que Cristo esteja conosco, não venceremos essa temível prova. Mas vem agora, Phylos, e contempla a Terra tal como era nos dias de Zailm e Anzimee; observa aquele tempo no agora."

Assim dizendo, ela ficou de pé e me tocou, e percebi pela primeira vez que ela, como eu, estava em sua forma astral. Pareceu-me que adormeci imediatamente, contudo eu tinha consciência do movimento, a espécie de movimento que sentimos quando passamos do sono profundo para o estado de vigília repentinamente. Assim ocorreu a passagem de Hesperus para a Terra. A sensação que tive deveu-se ao fato de que meu presente astral era de alguma forma material; como eu nem sequer tinha um astral quando viera da Terra, e portanto nada de material, não podia estar consciente da transição ocorrida. A inconsciência parecida com o sono devia-se a Phyris, que desejava desviar minha atenção de suas palavras -e também dela.

Novamente surgiram cenas da Terra. Vi a vastidão do Atlântico. Phyris disse:

"O nome é apropriado; este é o Oceano Atlântico onde se encontrava o Continente da Atlântida. Vamos descer até ele; suas águas agora estão acima e em volta de nós. Elas não nos farão mal, pois nosso psiquismo é superior ao delas. Contempla o registro psíquico do passado, a história concreta do mundo, impereciável até que o Tempo não exista mais. Gostarias de ler a respeito da primeira destruição de Poseid? Procura a descrição na Bíblia, e verás que foi o dilúvio de Noé. Isso aconteceu milhares de anos antes do tempo de Zailm, ou da história que seu povo conheceu. Gostarias de ler sobre a destruição dos lemurianos, o grande povo que esteve na Terra antes da Idade do Gelo, quando o mundo não conhecia frio, nem neve, nem geadas, e que antecedeu Poseid em muitas eras? Volta-te para o Livro de Jó e vê como "a profundezza ferveu como um caldeirão", e aprenderás por essa leitura que a Lemúria pereceu pelo fogo vindo das profundezas interplanetárias. Assim, um ciclo da humanidade terminou pelo fogo e o seguinte pela água. A próxima novamente perecerá pelo fogo. As raças ora existentes na Terra, num futuro ainda distante, perecerão pelo fogo; a Terra será calcinada e se enrolará como um pergaminho - encontrarás esta profecia no segundo Livro

de Pedro, III: 10. O conhecimento sobre isto não provém de mim, apenas falo dele. E agora, minha outra metade, eu te conduzo para onde, por mais algum tempo, deveras cumprir, a lei dos profetas e o teu carma. Aguardarei teu retorno para mim; vamos despedir-nos agora -olha, aqui está o Sagum, ali adiante Mendo-cus. Sim, meu amado, separamo-nos, mas será por pouco tempo, e depois ficaremos juntos pela eternidade. Deixa que uma vaga lembrança minha desperte em tua mente e suavize tua vida, guian-do-te sempre para o alto. Minha paz, a paz que tenho, esteja contigo e te guarde!"

Ela me abraçou por um longo tempo e ficamos olhando um para o outro, tentando ver a outra metade de nossa alma nesse olhar. Então seus lábios encontraram os meus por um extasiante momento e. . . ela desapareceu.

A A A

CAPITULO vm

ANTIGOS MESTRES FALAM DE DEUS

Despertei num dos menores quartos do Sagum; não me pareceu estranho, embora até aquele momento eu só tivesse visitado o salão maior. Mendocus estava sentado ao meu lado. Eu tinha a sensação de ter perdido alguma coisa, o que me dava imensa tristeza, embora eu não soubesse o que era. Eu me sentia restringido, como se minha liberdade tivesse ficado menor. Também me sentia fraco, como depois de uma longa doença. Mendocus colocou a mão sobre meus olhos e adormeci.

Quando voltei a ter consciência, o cansaço tinha desaparecido, mas o sentimento de perda e de liberdade restringida não se fora totalmente. Uma coisa era perder a percepção de lembrança e de acontecimentos, ter esquecido totalmente Hesperus e Phyris, Mol Lang e Sohma, como tinha me acontecido; mas outra totalmente diferente e impossível era esquecer ou colocar de parte o crescimento de minha alma durante minhas cinco semanas de ausência da Terra. Sim, cinco semanas, pois a despeito dos meses aparentemente passados no devachan e em Pertoz, só uma parte em mil de minha ausência tinha sido passada em Hesperus -cinco semanas do tempo da Terra.

Teria sido impossível para mim ficar em Pertoz e ser feliz. Seria impossível para vós, meus amigos. Por quê? Porque é um plano de alma tão elevado, tão acima de nossa conhecida Terra que só o crescimento pode introduzir a alma naquele mundo; crescimento lento, por vezes doloroso, mas não obstante crescimento. Para mim, naquela ocasião, ou para ti, agora, a transferência irrevogável para tão elevado plano de vida seria uma punição terrível: todos os nossos poderes comuns de vida, toda a nossa personalidade atual colocada de lado, um conjunto totalmente diverso de sensibilidade e um novo, desconhecido e não testado Eu colocado em seu lugar. . . O conhecimento para o uso de tudo isso a alma desterrada teria de adquirir por longos e tristes anos, entre fenômenos inteiramente estranhos e leis não conhecidas. É uma bênção divina para a humanidade que a transição súbita de um plario para outro mais alto seja tão impossível quanto qualquer retrocesso real.

Sentei-me e depois fiquei de pé com a ajuda de Mendocus, pois sentia-me tonto e fraco. Fiquei no Sach vários dias, sendo informado de diversas ocorrências e tomando várias decisões e resoluções. Perguntei por Quong e soube que ele morrera; não lembrando nada do que acontecera nas últimas cinco semanas, recebi a notícia com profundo pesar.

Mendocus me disse que eu era um homem ainda possuído por apetites e paixões terrenas, embora tivesse passado os últimos tempos num lugar onde a humanidade era de ordem celestial, pelos padrões da Terra; um lugar não invadido pela sensualidade, ainda que os habitantes não fossem austeros, nem sua vida destituída de prazer.

Concordei por cortesia, sem saber de quem ou de que ele falava, assim como agiria alguém que jamais viajou e nada conhecesse a respeito da África. Ele percebeu minha ignorância e se calou.

Não senti que suas observações sobre pecado social se aplicassem a mim, pois embora eu me relacionasse com o povo deste mundo, não pecava no sentido por ele usado. Eu podia não estar livre do ambiente terreno, mas desses erros eu estava livre, isso sem qualquer auto-engrandecimento farisáico.

Por falar nisso, onde estaria a jovem realmente nobre e doce que eu tentara elevar e que, devido aos meus esforços, tinha ido para Melbourne? Os interesses da vida estavam me chamando de novo. A alma animal estava se firmando e lutando, com a força que lhe permitia sua fraca personalidade, contra a alma humana e o espírito nascente que não pode pecar nem errar, por que é uno com a Alma Superior e por isso sempre atrai a alma humana para cima, enquanto a animal a puxa para baixo.

Mendocus então me disse:

"Sr. Pierson, os pecados que condenas em teus irmãos já foram cometidos por ti, e se condenas os pecadores, podes tornar-te novamente um deles. Podes julgar, mas não estás livre do perigo de cometimento de erros. Não julgues para não seres julgado. Nestas cinco semanas uma luz foi colocada em tua alma, uma lâmpada de Deus. Não a ocultes; deixa-a brilhar para que ilumine os pecadores que não têm luz alguma. Deves ter piedade deles, deplorar seus erros, mas se os condenares não estarás seguindo Aquele que disse "nem eu te condeno; vai e não peques mais"."

Mol Lang tinha feito uma avaliação correta de meus poderes, recusando tornar irrevogável minha ascensão ao plano hesperia-no. Eu estivera pronto para com a chama do desejo incendiar meus terrenos navios. Se eu pudesse ter conhecimento de minha escapada, teria me sentido grato. Do jeito que as coisas eram, Hesper tinha se tornado um nome sem significado e os navios não foram queimados. Contente como um menino, eu tinha ido para o plano devachânico, onde todas as coisas que a criança desejara em termos de experiência, por mais tolas que fossem, aparentemente tinham acontecido. Tendo sido confrontada pelo grave fato de que leis inexoráveis governam todo o reino do ser, a criança tinha ficado ferida, magoada com seu próprio fracasso: tinha voltado à sua própria esfera e - abençoada misericórdia! - recebera a bênção de esquecer tudo, até que o fermento daquelas cinco semanas tivesse feito crescer o todo e o retorno fosse possível, como a volta de alguém para o seu próprio lar. Amigo, nunca assumas uma atitude infantil perante o sublime - poderás não escapar com tanta facilidade quanto eu. Calcula o custo, ou então caminha lentamente com as massas. Ambos os caminhos levam ao objetivo-, um é curto mas inexprimivelmente espinhoso, e o outro é longo e - ai de nós! - bastante árido também. Não é um paradoxo dizer que o caminho mais curto é o mais longo; a vida nem sempre pode ser medida por anos - algumas vidas duram apenas uns poucos deles - mas as amarguras e também as não de todo impossíveis alegrias nelas inseridas exigiriam mil anos de outras existências menos intensas.

Antes de eu deixar o Sagum, Mendocus impôs regras esotéricas para me guiarem nos dias que estavam por vir; dias em que eu só poderia depender do meu conhecimento dessas regras, uma vez que não teria nenhum esoterista para me aconselhar.

"Sr. Pierson," -disse o grande e velho sábio -"tenho aqui uma Bíblia. Eu li o Antigo Testamento oitenta e sete vezes e o Novo, mais vezes ainda. No entanto, sempre descubro novas belezas neste Livro. Também tenho aqui os Livros de Manu e os Vedas. Todos tiveram a aprovação do espírito-Crístico, sob diferentes nomes humanos e em diferentes eras. Todos são mais ou menos alegóricos; sem isso, sérios erros poderiam surgir, como já surgiram antes no mundo com entristecedora freqüência e uma persistência incansável.

"Portanto, declaro que eles podem ser teus guias. Bate e a porta se abrirá. Mas deves bater com a vontade do Espírito, pois a mente pode bater eternamente e o Caminho não se abrirá.

"Pede e te será dado. Mas embora o homem animal possa pedir eternamente, não obterá resposta, significando isto que o pedido deve ser feito pelo Espírito em ti, visando as Verdades de Deus, e não visando coisas terrenas; estas últimas seguem-se àquelas como a sombra segue o Sol.

"Tudo que for pedido ao Pai em nome do Cristo, Ele concederá. Mas considera que pedir em nome do Cristo é pedir as coisas de Seu Reino. Com a dádiva dessas coisas, todas as coisas menores virão por acréscimo - alimento, agasalho e tudo que o corpo necessite. Isto é difícil para a mente natural compreender. Ele não te deixará perecer, embora morras de fome.

"Tudo que o homem semear deverá colher. E o carma e a lei, que deve ser cumprida até o último detalhe. O homem é uma criatura de muitas encarnações; cada vida terrena é uma personalidade presa ao fio inquebrável de sua individualidade egóica, que vai do perene ao perene, do Leste para o Oeste.

"Nenhuma exigência do carma pode ser ignorada; tudo deverá ser pago no decurso das vidas.

"Portanto, faz aos outros o que gostarias que te fizessem e lembra, o que fazes ao menor de teus irmãos o fazes ao Pai e ao Salvador, e voltará para ti em igual medida.

"Guarda todos os mandamentos e assim chegarás ao eterno, onde tudo é sabedoria."

Aquela noite saí daquele sagrado local e voltei à cidade.

Lá Gquei sabendo de várias coisas. Meus sócios na mina tinham resolvido comprar minha parte sem maiores exigências. Com a venda, recebi quase trezentos mil dólares, a serem pagos em parcelas trimestrais de quase quarenta e três mil dólares-ouro cada uma.

Tendo tomado as providências junto aos meus banqueiros em Washington para o depósito dessas quantias quando vencessem, fui tomado pelo desejo de viajar. Esse desejo e os meios que eu tinha para gratificá-lo me levaram a quase todas as terras civilizadas. Nenhum objetivo a não ser a inquietação me impeliram a essa vida nômade.

Quase dois anos se passaram após ter eu deixado a cidade de cenário de minhas experiências esotéricas. Finalmente me encontrei na Noruega, longe do grande mundo, numa aldeia próxima a um famoso fiorde, onde tinha chegado na véspera. Meu guia e famoso auxiliar geral falava um inglês pelo menos compreensível. Ele tinha sido marinheiro no navio que eu tomara em minha primeira viagem, e voltara ao seu país para trabalhar atendendo as necessidades dos viajantes, no que seu conhecimento de anglo-saxão era de grande utilidade. Ele ficou muito contente em me ver e o sentimento foi recíproco. Seu nome? Hans Christison.

Hans me contou que quatro ou cinco outros viajantes estavam na aldeia. "Um dos turistas é uma jovem, louca por pincéis e tintas -acho que é uma artista" -disse ele com seu pesado sotaque.

Uma semana transcorreu antes que eu encontrasse a jovem e nesse meio tempo Hans me serviu de guia, remando o pequeno bote que levava minha arma e minha vara de pescar. Certa tarde peguei o bote e fui sozinho até uma rocha que se projetava do fiorde, onde cresciam várias bétulas de graciosa beleza. Amarrei a embarcação e então acomodei-me num local por mim escolhido para ler a correspondência que tinha chegado de Nova Iorque.

Ouvi um leve ruído atrás de mim, como se uma pessoa estivesse ali na pequena elevação. Olhando para trás, vi uma mulher. Larguei a carta e fiquei de pé num pulo. Eu estava surpreso demais para fazer um cumprimento com o boné ou dizer alguma coisa, e ela também me olhou com espanto. Finalmente eu disse uma única palavra:

"Lizzie!"

"Sr. Pierson!" -respondeu ela.

"Como veio parar aqui?" -perguntamos ao mesmo tempo. Contei a ela minhas viagens sem destino fixo e ela me contou sua vida desde que nos separamos em..... De Melbourne ela tinha ido para Nova Iorque e em seguida para Washington. Lá, tinha comprado uma casa e estabelecido um ateliê de pintura, assumindo o nome de Harland. Ela tinha revelado pouca coisa às pessoas sobre seu passado, dando a entender que era uma jovem vívida australiana com moderada situação financeira. Os dois verões que se seguiram à sua mudança para a capital tinham sido passados no exterior. Aquele era o terceiro verão que ela passava na

Noruega. Seus quadros tinham vendido bem e ela tinha reposto o total do que havia gasto do meu "empréstimo", como ela o chamava. Elizabeth insistiu em devolver aquela soma, mas eu ri, concordando sem muito empenho e dizendo: "Antes de eu partir, se você insiste". Fiquei quatro semanas lá, até ouvi-la dizer de passagem que partiria dentro de poucos dias, para passar uma pequena temporada na região dos lagos da Escócia. Sem nada dizer à Sra. Harland, fiz Hans me levar à noite até o vapor que visitava a aldeia a cada quinze dias, paguei por seus serviços e acrescentei uma boa gorjeta. Quando as amarras estavam sendo soltas, eu disse:

"Hans, comunique à jovem senhora que fui embora; se ela perguntar para onde, diga-lhe que fui para São Petersburgo. Adeus, Hans."

Fui para a Capital do Czar, onde me demorei uma semana. Depois voltei a Paris, segui até Londres e após mais uma semana voltei a Nova Iorque, de onde me dirigi para Washington.

Um ano se passou. Uma tarde, ao passear pela Pennsylvania Avenue, vi-me frente a frente com Elizabeth Harland. Paramos, conversamos e então voltei sobre meus passos, andando ao lado dela. Antigas lembranças voltaram para nós dois; lembrei os dias da Califórnia e depois, com mais ternura, o tranquilo mês na Noruega; e foi então que passei a realmente acreditar que amava aquela moça, não só por sua radiosa beleza e doce feminilidade, mas também por seu tremendo esforço em triunfar sobre o erro e por seu bom êxito, pois ela tinha saído pura e refinada dessa batalha, como o ouro temperado pelo fogo.

Antes de nos separarmos fiquei sabendo seu endereço e resolvi fazer uma visita assim que se apresentasse uma oportunidade apropriada.

Na tarde do dia seguinte um mensageiro do banco veio à minha casa e deixou um pacote. Continha duzentas notas, valendo cem dólares cada uma, e uma carta. Abri o envelope ansiosamente e li:

3 de setembro de 1869.

Caro Sr. Walter Pierson:

Estou devolvendo o que lhe devo. Queira aceitar minha profunda gratidão. Agora podemos ser amigos. Você será sempre bem-vindo ao lar de sua sincera amiga,

Elizabeth Harland.

Pensei na situação e, quando chegou o momento de decidir, eu o fiz com rapidez. Coloquei o dinheiro devolvido em minha carteira, peguei o chapéu e, tendo me vestido apropriadamente, saí à rua e chamei um coche. Entrei e dei o endereço de Elizabeth ao condutor.

Era um local bonito. Quando toquei a campainha, ela mesma atendeu a porta. Sua atitude foi cordial mas tive a impressão de que estava um pouco constrangida.

Na parede da sala de visitas pendia uma tela de raro mérito. Um homem, cuja atitude e expressão facial transmitia a divindade, tanto quanto o poder da tinta e dos pincéis seja capaz de revelar, olhando para uma mulher com o rosto oculto pelas mãos. Na poeira aos seus pés havia letras escritas. O ambiente fazia lembrar a Terra Santa. Na parte inferior do quadro, com metade do tamanho natural, estava escrito: "São João VII: 11".

Sentei na cadeira que ela indicou e ficamos em silêncio por algum tempo. Ela falou primeiro, dizendo:

"Recebeu o dinheiro, Sr. Pierson?"

"Sim" -Tirei-o do bolso e obedecendo minha decisão, dispensando qualquer observação introdutória, falei:

"A menos que você venha junto com este dinheiro, não sairei com ele daqui. Quer ser minha mulher, Elizabeth?" -perguntei, ajoelhando-me ao seu lado.

Os olhos dela fitaram os meus por alguns instantes e ela respondeu:

"Por mim mesma, porque me amas, e para apagar o passado com o sucesso do presente?" -Haviam lágrimas em seus olhos e em sua voz.

"Sim, querida!"

Com um convulsivo soluço ela se deixou envolver por meus braços e chorou como se seu coração fosse se partir.

"O mundo inteiro vale menos do que este sincero amor."

Nosso casamento foi discreto e após a cerimônia fizemos uma curta viagem de núpcias para a Inglaterra, voltando logo para nossa casa.

A A A

CAPÍTULO IX

AQUELE QUE OUVE ALCANÇA A PAZ

Certa vez, em minhas andanças antes do casamento, eu estava no Hindustão e lá encontrei um homem de aparência pouco atraente. Mal seus olhos de cor desbotada me viram, ele falou:

"Tu és aquele de quem Mendocus me falou e me recomendou, dizendo-me: "Deves transmitir-lhe certas coisas por mim". É o que farei. Amigo, tua vida será triste e amarga na Terra, mas feliz depois. Acontecerão coisas devido às quais tua alma animal humana se rejubilará, dizendo: "Isto é felicidade". Mas imediatamente a silente voz da alma humana em ti, dirá: "Esta felicidade é um fruto de Sodoma", e nesse momento saberás que é verdade. A partir de então sempre haverá uma guerra entre tua alma animal, que é depravação inata, e teu espírito, que é Deus, Brahma, o Uno. Podes ver essa guerra na alegoria de Adão e Eva e o pecado original; este atrai tua alma humana para a terra; O Espírito atrai a alma humana para o alto. Ouve suas palavras; eu as pronunciarei para ti:

"Antes que teus olhos possam ver Deus, devem se tornar incapazes de derramar lágrimas por qualquer sofrimento pessoal. Antes que teus ouvidos possam ouvir, devem ter perdido a sensibilidade. Tua voz não pode falar da eterna sabedoria antes que perca o poder de ferir. Antes que teu Eu possa ir à presença do Eterno, teus pés devem ter sido banhados pelo sangue do sofrimento, da dor, da compensação. Deves, pois, matar a ambição de bri-lhares nos pobres caminhos da Fama. Deixa de considerar esta vida como teu melhor bem.

"Então trabalha para Deus com o mesmo empenho com que outros trabalham para Mamon; respeita tua vida como respeitam-na aqueles que a prezam como um tesouro; e sé feliz como os que vivem para a felicidade. No coração de todos está a fonte de todo erro, no discípulo como no homem de desejo. Estuda a mostarda, observa seu crescimento e suas flores. Se a cortares impedindo-a de produzir sementes, verás uma estranha coisa: ela brotará de novo e crescerá ao longo dos anos, embora não frutifique.

E isto apesar de ser ela apenas uma forma material. Mas se uma alma humana não for cortada, e não entrar na vida como criadora porque não o deseja, o Espírito da vida eterna entrará nela e ela conterá a si mesma, e portanto viverá para sempre. Estuda a vida da mostarda. Só os que são fortes em Deus podem agir de acordo com este ensinamento e conter a natureza inferior. Os fracos devem aguardar sua maturidade, e então chegará sua batalha. Ela tentará afastar seus pés da Senda - e poderá ter êxito. Mas se por uma vez todo o seu poder for destruído; se por uma vez fizeres a vontade do Pai com empenho, como Seu filho obediente, isto será a remissão, pois te dará forças para realizar todas as obras do Criador do Ser. Isso parecerá tomar a própria vida, porque toma a alma animal e a estrangula. Mas a alma humana se recuperará e o Espírito entrará nela. Esse é o tempo do Silêncio da Alma. Então ficará claro para ti como são trevosas as vidas dos que te cercam e não têm o objetivo da união com o Espírito a que devem se dirigir. Eis que verás e conhecerás o carma. Também verás que por causa de tuas encarnações passadas teu carma está inextricavelmente interligado com o carma do mundo. Esta foi a resposta que o Nazareno deu quando Lhe perguntaram: "Quem é o meu próximo?". Walter Pierson, se fores capaz de conhecer uma só vez o Silêncio da Alma, aprenderás sobre todas as coisas que te cercam, pois a terra é de Brahma, e tudo nela fala de Suas obras."

Fiquei surpreso ao ouvi-lo dizer meu nome e fazer menção a Mendocus. O velho continuou:

"Se tua alma conhecer essa Paz uma vez, nenhum tormento de pecado ou tristeza conseguirá desviar-te para muito longe da Senda, pois seu conhecimento é uma Sabedoria permanente. Atenta também para as palavras de Mendocus; lê a Bíblia, os Vedas e Manu; continua a estudar. Isto será um bordão em tua mão e uma lâmpada aos teus pés. A paz esteja contigo."

"Paz para ti também" -respondi, vendo-o voltar-se e caminhar para a multidão, pois estávamos junto a uma fonte pública.

'Tendo encontrado Elizabeth e me casado com ela, ponderei profundamente essas coisas que ouvira na linguagem do oculto. Não que ela tivesse alguma ligação com isso, mas porque com o passar dos anos percebi que ela pouco sabia e pouco interesse tinha por esses estudos abstrusos, o que não era o meu caso. Por causa disso nossas vidas foram se afastando. Ela não tinha a menor noção desse fato, o que me alegrava. Tinha suas atividades

na igreja e eu a ajudava em seus afazeres caritativos. Tivemos duas encantadoras filhas, o maior tesouro de nossa vida; elas foram cuidadosamente instruídas sobre a vida e protegidas de seus perigos. Enquanto nossas pequenas estiveram conosco, eu me senti contente. Contudo eu sentia, com uma indefinida tristeza, que as experiências da Terra eram apenas frutos de Sodoma. j

Por vezes minhas horas de solidão eram perturbadas por uma estranha voz que sussurrava em minha consciência interior. Com o passar do tempo ela foi ficando mais forte e um dia surgiu diante de mim como um espectro. A Forma falou. O que ela me disse me fez desejar ouvir mais, por isso a cultivei. Tornou-se dali por diante uma visita regular e com o tempo passou a estar sempre presente quando eu estava a sós. A Forma falava de um distante planeta chamado "Pertoz", outras vezes chamado "Hesperus" ou "Vênus". Falava de pessoas cujos nomes me eram estranhos, chamando uma de "Mol Lang", outra "Sohma" e uma terceira "Phyris". Descrevia essas pessoas e eu ouvia com ânsia. Quem eram e que alma humana era aquela que tinha ido para Vênus? O fantasma se parecia extraordinariamente comigo. No entanto eu adormecia profundamente à noite, como se as visitas não existissem. 1,

Eu o chamava de meu fantasma. Como era inconscientemente verdadeiro tudo o que ele me relatava sobre minha estada com Mol Lang em Vênus! O que ele me dizia atraía o olho de minha mente para aquele cenário psíquico no fundo do Atlântico. Ele me falou de uma visita ao Sol na companhia de Sohma, que eu esqueci de mencionar na devida seqüência. Resumindo, Sohma foi comigo para o Sol e me mostrou que era um corpo vibrante de tamanho menor do que os astrônomos acreditam, mas de enorme densidade. Vi seus oceanos, mais pesados que os de Mercúrio. Mas ali não existiam formas de vida que eu reconhecesse. No entanto, existe vida de alguma espécie em toda parte. Talvez não vida animal ou vegetal; mas, do elevado ponto de vista dos que conhecem as obras do Pai, formas que nenhum homem terreno chamaría vida são, não obstante, vida. Devo dizer que o Sol é uma força com uma pulsação vibratória tão poderosa que nem meu sutil corpo astral escapou de ser afetado por ela. Sohma disse a esse respeito:

"Observa o centro imediato de nosso sistema solar. Poderias chamá-lo dinamo, o grande dinamo do sistema. Estarias certo e ao mesmo tempo errado. A tentativa de definir o Sol como aná-

logo a uma máquina dínamo-elétrica tem sua razão de ser. Mas defini-lo como idêntico a um dinamo é errôneo. O problema com essa teoria é o mesmo que está na base de todas as outras teorias que tentam explicar o calor do Sol e sua luz, e as enfraquece. É o fato de que essa ciência não atribui um valor suficientemente grande ao Sol. A teoria da combustão é inválida; a contraditória teoria da massa solar só é parcialmente defensável, e as chuvas de meteoros não o explicam melhor do que as duas anteriores, nem o faz a teoria do eletro-dínamo. Na verdade, esta última explica como o calor e a luz solares podem coexistir sem desarmo-nia com o imponderável grau de frio que existe entre a Terra, os planetas e o Sol. Isto explica aquilo que nega a simples combustão tão completamente, ou seja, que quanto mais nos afastamos do centro da Terra, subindo num balão ou a uma alta montanha, mais o ar fica frio e escuro, de modo que o espaço interestelar está a centenas de graus abaixo de zero e é negro como a meia-noite, e ali o Sol é um disco luminoso e sem raios. Mas a teoria do dinamo não explica o espectro solar, as faixas dos espectros, as "chamas" da coroa, as "manchas solares" ou os eclipses do Sol e da Lua."

Essas afirmações foram feitas por Sohma, como o leitor deve lembrar, enquanto eu ainda me encontrava no astral de Hesperus, quando estava inconsciente da existência terrena anterior. Por isso, eu não lembrava o conhecimento mundano e meu julgamento das observações de meu amigo não estava prejudicado pelo preconceito. Ele tinha se calado após falar nos "eclipses". Esperei que continuasse, mas ele não o fez e finalmente o interrogei: "Bem, o que explica tudo isso? Qual é a verdade?". Ele respondeu:

"Eu disse que o calor atribuído ao Sol pelos astrônomos é muito baixo. Vendo fogo, eles tentaram explicar o Sol em função disso. Vendo que era inviável e sabendo que uma massa em contração emite calor, tentaram então explicar com base nessa hipótese. Mas essa não é a explicação, como não o são as chuvas de me-teoritos, nem qualquer hipótese haseada nos latos atualmente conhecidos, pois todas passam longe da solução; o Infinito não pode ser explicado pelo finito, nem pode o menor explicar o maior; o fogo é energia, a eletricidade é energia e Deus é energia. O fogo, entretanto, não responde a interrogação "Que é Deus?", mas Deus explicará as perguntas anteriores, pois a soma das partes é igual ao todo. Como o homem não conhece o número total das partes, a soma parcial que ele conhece não explica Deus."

Sohma novamente calou-se, mas eu, perseguido por uma memória terrena fugidia, não lhe dei descanso; estava ansioso demais para esperar e disse:

"Entretanto, isso não me esclarece o enigma solar."

"Es muito impaciente, meu irmão; aprende, então, o que em certo tempo já foi sabido na Terra, mas está esquecido há muitas eras: a Natureza tem um aspecto dual, duplo, sendo positiva e negativa; o grande lado positivo é o lado conhecido pela ciência mundana, mas o lado negativo, o "Lado Noite" ou, como já foi chamado na Terra pelos antigos habitantes da Atlântida, "Navaz", é um lado totalmente desconhecido e só vagamente adivinhado nos mais exaltados vôos da especulação; mantido em segredo por uns poucos que não sabem que estão lidando com um anjo, uma sabedoria angelical que dentro de um século (ou quem sabe menos!) superará a maior parte das coisas terrenas, permitirá a existência de naves aéreas e outras coisas que foram conhecidas pe-* os homens da Atlântida de quem falei. Compreendes?"

Respondi que não; que pensava estar ele se referindo a algum domínio de forças físicas ainda não conhecidas. Mas o que tinha isso a ver com o Sol?

"O seguinte: os sóis dos sistemas são centros das forças do Lado Noite da Natureza das quais falei, e são energias e matéria em grau maior que os planetas e satélites, assim como a água acima de uma catarata é água, mas, estando acima e imóvel, flui para baixo e desenvolve energia. Em outras palavras, do frio, escuro e negativo lado, o "Lado Noite", emergem forças, atraídas para a polaridade positiva que constitui o efluvio chamado Natureza e em sua *queda* desenvolvem magnetismo, eletricidade, luz, cor, calor e som em ordem descendente, até chegar à matéria sólida, que é filha e não mãe dessa energia. Quando as forças do Navaz descem ao nível da luz, se as ondas de luz entrarem num es-pectroscópio, emergirão como cores; estas correspondem as várias faixas do espectro e, com a progressão da descida, dão as linhas do espectro solar, como a grande linha "B" do oxigênio, a conspícua linha "1474" e as brilhantes faixas "H" e "K" do violeta."í

Julguei finalmente enxergar a verdade, mas só via uma parte dela; uma grande vista ainda estava para se descortinar. Eu a vi quando meu companheiro continuou:

"Por isso a evidência de chamas, metais em fogo e tudo o mais que leva os astrônomos a pensarem que o Sol e as estrelas são infernos chamejantes. Entretanto esses fogos não diminuem, pois o Pai é imanente e as forças do "Navaz" são perpetuamente alimentadas por Ele. A figura gráfica de um "Sol extinto" é um sonho que jamais será concretizado. Chegará novamente o dia na terra em que serão construídos instrumentos como os que a Atlântida conheceu, e então será descoberto que os raios prismáticos do espectroscópio são uma fonte de calor e de som, de tal modo que as chamadas "chamas" do Sol e das estrelas produzirão música de divina harmonia *Qô XXXVIII,7*). Mais do que isso: na escala descendente, o espectro solar verde escuro do ferro será coagido a fornecer ferro para ser usado nas artes, e o mesmo acontecerá com as outras faixas; os verdes, azuis e azuis-esverdeados fornecem cobre, chumbo, antimônio, e assim por diante. É através dessas correntes do Navaz que a circulação do universo é mantida, como o sangue nas artérias do homem. Os sóis são corações sistêmicos. Mas estás cansado, meu irmão, senão eu explicaria mais coisas, como, por exemplo, que os planetas que recebem todas essas correntes devem retribuir de forma equivalente. Esse tema abriria um novo e vasto campo para tua consideração. Explicaria o que tanto preocupa a ciência da Terra: o interior da terra que é mole, derretido. Isso também é em parte um erro. Todos os fenômenos que parecem confirmar que o interior da terra é líquido não são comprovados; tudo aponta para as correntes de retorno, as positivas; tudo mostra as correntes venosas de nosso universo, voltando para seus respectivos corações."

Sohma concluiu com uma apóstrofe muito bonita, dirigida às mentes líderes da Terra:

"Ó Ciência da Terra, em ti repousa a esperança do mundo, quando te tomares um instrumento de Deus. Olha para o alto, valoriza profundamente as obras Dele e lerás claramente muitas coisas que hoje te deixam tristemente perplexa. És José, a Religião é Maria -ambos juntos revelarão a Luz da Vida. Bendita sejas."

Quando meu "fantasma" me recontou essa conversação, peguei meu chapéu e saí para olhar o Sol e ponderar se tudo aquilo era verdade, e para me perguntar, perplexo, "quem é esse Sohma?"

O enigma cresceu e meu descontentamento com a vida também; a massa estava fermentando. Quanto mais eu estudava a verdade da planta de mostarda, mais claras ficavam minhas percepções e

eu comprehendia que nunca feria grande progresso enquanto estivesse naquele meu corpo, pois, em nossa vida conjugai, Elizabeth e eu não tínhamos atentado para a planta da mostarda, assim escrevendo mais um capítulo cármino.

Por algum tempo, meu "fentasma" aquiesceu à minha vontade em suas idas e vindas; mas depois pareceu entrar e amalgamar-se comigo. Eu não o via nem o ouvia mais, mas freqüentemente me sentia uno com ele, vendo e ouvindo suas visões e percepções como se fossem as minhas próprias. Como sabes, isto era um fato. Eram na realidade o registro de minha visita a Pertoz e dos detalhes de minha vida naquele lugar.

Freqüentemente minha alma se sentia dilacerada pelos constantes deveres da vida, conforme indicado por Mendocus. Nessas ocasiões, minha única escapatória era me permitir repousar no astral hesperiano, excluindo o da Terra. Quando isso acontecia, eu revivia meu tempo com Phyris e os entes queridos de Pertoz. Elizabeth se entristecia com essa aberração, como ela a considerava; e minhas bem-amadas filhas então achavam seu papai "engraçado" e me olhavam com certo temor. Não era uma experiência agradável, amigo. Minha esposa olhava tristemente para mim e sei que chorava às escondidas quando eu, distraído, a chamava "Phyris". Na verdade, Elizabeth era a pessoa mais parecida com Phyris que eu pudesse encontrar na Terra. Por causa de tudo isso fiquei magro e pálido, vagando de um lado para outro sem destino, tomado por um enorme desgosto pelos interesses ou distrações deste mundo; cheio de angústia por causa da tristeza que o mundo me causava, ansiando pelo elevado plano que eu finalmente sabia não ser uma simples fantasia; o mundo onde estavam Phyris, Sohma e Mol Lang. Mas eu não podia ir para lá; e eles não podiam vir até onde eu estava, por isso estudei as regras da Senda - sentindo-me dilacerado quando a natureza inferior triunfava e eu caía em pacaminoso erro, embora sempre me levantasse depois de cada deslise. Finalmente o efeito que isso causava em minha doce e amorosa esposa ficou claro para mim. Estava eu agindo como gostaria que agissem comigo? Não. Tomei uma firme resolução e dominei minhas angústias, fazendo de minha natureza uma ferramenta da alma, não a minha mestra.

Então voltei a sorrir e a ter o peso e a cor normais. Elizabeth voltou a ficar feliz. E quanto a mim? Tinha finalmente encontrado a verdadeira Senda, o Serviço. Não chorei mais por mim; meus ouvidos deixaram de ser tão sensíveis e minha língua não mais

magoou quem quer que fosse com suas palavras ferinas; como maior triunfo de todos, meus pés foram banhados no sangue da natureza animal e passei a viver sem egoísmo, com todo o meu ser fazendo o melhor, vivendo feliz pela felicidade em si, com tanto empenho como se perseguisse motivações ambiciosas. Foi então que chegou a Paz do Silêncio e esperei que o Salvador me infundisse, lutasse em mim e fizesse Seu trabalho com minhas mãos. O Paraclete tinha infundido minha vida.

Sofri um rude golpe com a morte de minhas filhas por escarla-tina, no ano de 1875- A partir disso, usei minha vida para confortar a doce mulher cujo sopro vital quase se extinguiu com essa cruel perda. Penso que Elizabeth não se importou com mais nada, a não ser com minha amorosa devoção. Eu a dei, sabendo que Phyris gostaria que assim fosse, e fiquei na Terra apenas para tornar a vida suportável para a mulher que eu tinha jurado amar e proteger. Ela aspirava pelo momento de reunir-se às suas filhas no céu, e nessa espera dedicou todo o tempo e energia com febril empenho, a fazer o bem que pudesse, usando nosso ilimitado dinheiro para esse fim. Como fiquei exultante por saber que aquele dinheiro tinha vindo das minas e não de devedores angustiados!

Menos de dois anos depois que Dora e Maydie, nossas meninas, tinham ido para a Terra do Verão, Elizabeth também partiu.

Eu tinha sentido a necessidade de uma mudança radical em meu modo de vida, tendo em vista minha saúde, e, usando um nome falso, consegui um emprego de imediato num navio americano, um esplêndido barco. Meu propósito era me expor ao duro trabalho da vida no mar por uma temporada, com a idéia de me recuperar por esse meio.

Elizabeth não se conformou, a não ser que embarcasse no mesmo navio como passageira, recusando-se a me deixar viver sem os seus cuidados. O capitão sabia que ela era minha mulher, bem como a tripulação, de modo que receberam-na com naturalidade como passageira.

Perto das Bermudas uma terrível tormenta aconteceu e eu ordenei que se recolhessem as velas; então a tempestade se abateu sobre nós, o navio começou a fazer água, as bombas se mostraram

impotentes e todos os botes salva-vidas viraram tão logo foram baixados, com exceção de um. Neste foi a tripulação e tentei colocar Elizabeth nele, mas os homens, vendo que o bote estava já lotado, saíram remando e a deixaram para trás, juntamente com o Capitão Washburne e eu, entregues ao nosso destino. Nem cinco minutos se passaram antes que nossa nobre embarcação mergulhasse de proa nas enormes vagas, levando-nos junto.

Eu tinha me amarrado às cunhas do convés para evitar ser arrastado para a água e assim fiquei condenado a morrer - e feliz com isso. Quando as águas me cobriram, minha alma clamou: "Phyris! Finalmente estou indo!". Vi Mendocus no momento de perder a consciência e, quando voltei a mim, encontrei-me no Sa-gum da Califórnia. Mas meu corpo tinha naufragado na costa das Bermudas! Ali estava Phyris e . . . sim! Mol Lang. Não se passou muito tempo antes que eu dissesse adeus a Mendocus e, com Phyris e Mol Lang, voltasse para casa, para Pertoz - o plano que eu havia conquistado - e a "Terra e seus escuros e terríveis males" fosse abandonada para sempre, mas não a Terra com seus poderosos segredos de vida. Pois a Terra, embora insignificante, é o ponto a partir do qual a alma Humana se volta para o ilimitado universo sideral e formula suas leis, e as aprende. Eu finalmente deixava a Terra onde tinha conhecido tantas encarnações.

*Foi um momento
De lembranças e lágrimas. Nas silentes,
profundas câmaras do coração,
Um nebuloso espectro, cuja voz tinha
As sábias modulações do Tempo,
Provindo da Tumba das Eras, apontou
Seu frio dedo com solenidade
Para as belas e santas visões do passado,
Que não deixaram sequer a sombra
De seu encanto na desolada vastidão da vida.
Aquele é o espectro que levanta a tampa
Do sepulcro da Esperança, da Alegria e do Amor.*

Ó Terra!, apenas um ponto no céu, mas um resumo de todo o universo estelar. . .

Devo descer aos números por um momento? Devo falar de números quase inconcebíveis? Sim, eu o farei. Por um instante, pensa sobre o que aprendemos nas escolas da Terra, pensa em nos-

sa civilização terrena que nos permite novas compreensões; vê o paralelo entre como medimos o tempo e a distância e como o faz o índio, que mede o tempo pelas "luas", a outra pelas "aparências" - o primeiro medido pelo intervalo entre uma lua cheia e a seguinte; a segunda, medida pelo alcance da visão - a que distância ela consegue distinguir um homem. O homem civilizado mede por anos e milhas, a ciência por "anos-luz". Quanto é um ano-luz? No tempo de um segundo a luz viaja cento e noventa e duas mil milhas, aproximadamente. Em um ano há trinta e um milhões, quinhentos e cinqüenta e seis mil, novecentos e vinte e nove segundos; segue-se que a distância de um ano-luz é o produto de um número vezes o outro, ou seja, a inconcebível distância de sessenta trilhões, quinhentos e cinqüenta e três bilhões, um milhão e cinqüenta mil milhas. Tudo isso! E contudo vemos uma estrela do céu do norte que se diz estar a cento e oitenta e um anos-luz da Terra, em torno da qual gira o nosso próprio Sol, um de seus satélites, como a Lua é satélite da Terra. Assim é o universo material, uma infinitude, uma das Obras de Deus — apenas uma - um mecanismo compreensível que, do ponto de vista material, não se compara ao valor de *uma única alma* do Homem. Por que divago assim? Amigo, para saberes que nobre posição o Homem ocupa. Pensa na quase interminável distância até Arcturus e reflete no fato de que aquele radiosso membro de uma constelação está bem próximo em termos do ilimitado universo! E um vasto volume de matéria, que pode ser visto a urna distância que é quase cento e vinte milhões de vezes maior do que a distância entre a Terra e o Sol. Que grandeza tem o seu volume? Fazendo-se uma avaliação comparativa, é de mais da metade de mil milhões de vezes maior do que a massa combinada da Terra, Vênus, Marte, Saturno, Netuno e Mercúrio. Ainda assim, a mente humana penetra nessa coisa quase infinita chamada universo e lida com-preensivamente com seus problemas de matéria, energia, tempo, espaço, eternidade, infinitude! *Laus Deo!* Vista dessa forma, a estrela Arcturus é nossa referência para medir o universo sideral, que se encontra numa das "muitas moradas", entre as quais há uma para a qual chamei tua atenção, a mansão da Alma. A Alma não é material e umente querido, que abandone teu lar e vá para o "País Desconhecido", se distancia mais de ti do que Arcturus, pois passa para outra condição de ser. Magnífico privilégio! Estás no umbral, pois és filho encarnado do Criador. Podes aprender Seus Caminhos e ir para onde teus amados foram; ou podes deixar a matéria para trás e dirigir-te para a mansão psíquica, reentrando na matéria quando quiseres; poderás estar no

Mundo num momento, no astral no momento seguinte, no próximo em Arcturus. Estas não são palavras vãs -quem tiver ouvidos que ouça.

Eu tinha deixado o mundo para entrar numa nova vida, numa nova situação. Até então eu tinha vivido uma vida puramente de sacrifício ao dever, no caso meu dever para com Elizabeth, e nos últimos tempos eu soubera, através de meu outro astral, que estava longe de casa, de Phyris e do conhecimento. Mas minha libertação tinha chegado; meu sacrifício por Elizabeth tinha sido completado minha caridade havia coberto uma multidão de pecados; muitos muitos mais! Do que eu poderia saber no tempo em que o sacrifício terminou. Contudo, eu não havia ainda compensado por todos os erros de encarnações passadas. Mas estava quase livre, quase livre!

Enquanto eu ainda vivia com Elizabeth, minha obediência às regras de que falei e outras das quais não falei, recebidas de Mol Lang e Mendocus, tinham me dado um vislumbre relativo do passado Dessa maneira eu tinha aprendido alguma coisa sobre a personalidade conhecida do leitor como Zailm, de Poseid. Eu sabia que o espírito de Zailm, sua alma humana, sua individualidade, eram parte de mim; que eu, Pierson, tinha sido Zailm. Pude recordar mais ou menos claramente a vida de Zailm, seus acontecimentos, seus amigos. Eu sabia que as ações e pecados por ele cometidos eram minha herança e que eu era responsável por isso, porque embora a personalidade dele não fosse a minha, sua individualidade o era, e ainda é. Embora eu não soubesse quem fora Lolix nem que ela existira, era minha obrigação remir meu pecado (o pecado de Zailm) com ela. Compensar esse pecado perante quem, de que forma? Perante qualquer pessoa da Terra que eu pudesse servir como CRISTO ao declarar: "Mesmo ao menor deles". Servi com o sacrifício de minha felicidade pessoal ao dever contraído com Elizabeth, vivendo por ela, morrendo em meu navio para que ela tivesse a oportunidade de escapar. Eu a havia

resgatado de uma vida inominável na Cidade de.....

conduzindo-a para a fé salvadora em JESUS, O CRISTO. Se como Zailm eu havia caído com Lolix, eu, como Walter Pierson, tinha me elevado com outra (?) alma para a salvação. O car-ma ficou em equilíbrio nesse ponto. O carma, o destino autocrata-do compromete a alma a fazer a reparação por seus pecados durante uma ou mais vidas. Eu havia sido submetido a esse compromisso e havia pago minha dívida. O carma te prende por débitos contraídos em algum tempo e lugar, e ainda assim não queres

seguir a Senda e, após saldar o débito, seres livre para sempre? A caridade é grande: seu menor aspecto é o de dar esmolas, "pois mesmo que eu dê tudo que tenha aos pobres e não tenha a caridade (que é amor), de nada isso me servirá".

Eu disse que minha esposa, Elizabeth, dava pouca importância aos meus estudos esotéricos. Mas inferir que ela nunca se interessou absolutamente pelo assunto seria um erro. Certa vez ela me encontrou na biblioteca, usando uma agulha oculta. Era uma barra de aço com sete polegadas de comprimento, quadrada, com um terço de polegada de espessura, formando pontas com cobertura de ouro. O objeto estava numa caixa de vidro suspensa por um fio acima do símbolo.

Se o leitor tivesse o dom da clarividência e tivesse olhado para mim da mesma forma que Elizabeth me olhou ao me encontrar na biblioteca, teria visto a agulha suspensa imóvel, e em volta dela uma luz ou aura dourada. De cada extremidade saía um raio dessa luminosidade ódica, um raio dirigido para mim, outro para o espaço. Acompanhando este último, poderia ver um homem onde o raio terminava, de pé ao lado de um aparador, numa sala de jantar; em sua mão, uma taça de conhaque. O homem era um querido amigo meu que tinha um grave defeito, a embriaguez. Quando ele levantou o copo para beber, eu disse firmemente:

"Não! Não deves tocar, nem mesmo provar! Nem agora nem nunca mais! Ouvi minha voz ou não entrarás no Reino do Céu."

Willis Murchison, o homem que estava prestes a tomar a bebida, deixou a taça cair ao chão, onde se quebrou em mil pedaços. Alguns dias mais tarde eu o encontrei e ele me relatou que tivera uma visão, que ouvira a voz de Deus dizendo que não devia beber mais para não perder a chance de ir para o céu. Ele nunca mais tocou em álcool. Ouvira a misteriosa voz e a obedecera, embora não tivesse ouvido os conselhos dos amigos. Por meio do segredo oculto da agulha com pontas de ouro, cujo poder invocava o serviço de espíritos que não eram humanos, eu exercera um poder mesmérico sobre ele. Nisso reside o perigo de se deixar as massas conhecer tais coisas, pois se eu fosse inescrupulo-so, sem respeito à lei, um feiticeiro, poderia facilmente ter induzido Murchison a cometer qualquer crime.

Elizabeth me perguntou o que eu fazia ali no escuro. Tendo alcançado o meu objetivo com relação ao meu amigo, respondi à

minha mulher: "quero te contar algumas coisas". Falei a Elizabeth sobre a lei do karma e de muitos outros assuntos. Quando estava quase terminando, usei a vontade para lazer a agulha ligar a mente dela fisicamente com a minha. Foi estabelecida uma linha de luz entre nós dois, e então murmurei:

"Olha! Contempla tua vida passada na Terra e conhece-a. Depois conta-me o que viste, para não esqueceres o que aprendeste".

Ela ficou em silêncio por alguns momentos, depois sua respiração passou a ser como a de alguém que está adormecido, e ela falou:

"Um nobre e maravilhoso homem está me guiando. Vejo-o revelar o que parece ser uma época muito remota do mundo; é o tempo de uma poderosa nação, que cruza os ares no que as pessoas chamam de "vailx". Vejo-me numa esplêndida cidade. Agora estou num vasto templo; o interior está ornamentado com estalactites de verdade. Estou de pé ao lado de um grande cubo de cristal de quartzo, sobre o qual queima uma estranha chama que não precisa ser alimentada. Vejo um casal de jovens que um homem de aparência grave e sacerdotal está unindo em casamento. Ah, parece-me que amo o jovem que está para se casar mais do que minha própria vida! Imploro a um dos presentes que parece ser o governante da nação que proíba o casamento. Então o sacerdote olha para mim e . . . oh, meu Deus! Seu olhar me imobiliza na morte! Tenho a impressão de elevar-me acima da cena, contudo meu corpo continua de pé, em pétreia rigidez..... Sinto que um certo tempo transcorreu e vejo o jovem que estava se casando. Também vejo o Monarca, ambos estão no Templo. O rapaz levanta o..... meu corpo de pedra e deixa-o cair na luz sobre o grande cubo de quartzo, e ele desaparece imediatamente. Mas um pé se quebrou e o jovem o esconde em seu manto e o leva consigo. Parece que tudo aquilo foi causado por algum mal cometido por ele e por mim, que o fizera por amor a ele. Eu . . . a-h-h-h!"

Elizabeth suspirou e voltou a ter consciência do ambiente. Acendi a lâmpada de mesa e ela me observou curiosamente, e subitamente disse:

"Ora, meu marido, o jovem que vi. . . eras tu! Oh, agora acredito em todas as coisas que me contaste, coisas que só agora posso crer!"

Essa experiência teve um grande efeito sobre ela, que passou a se interessar cada vez mais por esse estranho conhecimento; como resultado, redobrou seus esforços para fazer o bem no mundo. Dessa forma ela observou as Escrituras, "agí segundo a palavra, não sede apenas ouvintes", pois por estranho que esse conhecimento pareça, não o é para os Esoteristas Cristãos, mas apenas para os meros ouvintes e, em menor medida, para os que agem no plano exterior do serviço cristão. E assim eu, que tinha desviado Lolix do bom caminho, trouxe Elizabeth de volta à Sua Senda mais interior. Para poder ser seu guia, antes tive de palmilhá-la. Isso ocorreu somente alguns meses antes de sua última viagem comigo, o passeio para as Bermudas. Mas ela tinha aprendido o suficiente para saber que devíamos morrer no naufrágio e quando tentei colocá-la no bote salvavidas, disse:

"Walter, meu marido! Não vou entrar nesse bote, pois através do passado aprendi que mudamos. Aprendi que seguindo esotericamente Sua palavra e não nos limitando a ouvi-la é que encontramos a Vida. Estou vendo outra vez um tempo passado. Tu e eu estamos juntos e há uma criancinha diante de nós, chorando. Tu a tomas nos braços, toda coberta de sangue como está e me abraças ao mesmo tempo. Então clamás pelo perdão de Deus. Generosamente assumes toda a culpa, mas eu também violei a lei e devia partilhar a penalidade. Então Aquele que verdadeiramente era o Cristo, embora na oportunidade não o soubéssemos, falou: "Portanto, num dia futuro fareis uma triste colheita de tristezas e com-pensareis todas as vossas dívidas. Numa vida futura, novamente juntos, quando estiverdes prontos para partir para o Navazzimin, ficareis livres da Terra para sempre". Meu querido, meu amigo, devemos morrer agora; não sinto medo, pois voltaremos a nos encontrar com certeza. Adeus, meu amor, até a vista. Beija-me. Não está o meu carma totalmente compensado, à altura do erro de Lolix, ou quem sabe até além disso? O Cristo não está pronto a receber-me agora?"

E eu disse: "Sim, minha querida esposa, deve ser assim! Adeus e que Deus te abençoe, pois é certo que nos encontraremos de novo, do outro lado do profundo Rio, com Ele". Foi assim que, na hora da morte, eu a abracei com força.

Leitor, ainda te espantas com o sorriso feliz dela, no quadro tão verdadeiro da cena da morte no naufrágio, executado por Phyris? E eu, amigo? O crime particular de Zailm não tinha sido espiado, já que eu a conduzira ao conhecimento da lei de Deus,



O naufrágio e a morte de Pierson

do carma, tornando minha vida um sacrifício por ela e, finalmente, morrendo na tentativa de salvá-la para que encontrasse a felicidade e a iluminação - não estava minha culpa remida, compensada e a vontade de Jesus, o Cristo, cumprida? Pecados, maldades, mentiras, roubos, adultérios, até assassinatos, em si mesmos nada mais são que sombras de vidas que se afastaram de Deus e escolheram as trevas exteriores; são os elos defeituosos da corrente do caráter; locais assimétricos que Cristo, o Senhor, deseja que sejam perfeitos como Ele é perfeito. Pois Nele, o Perfeito, não existem essas coisas, essas sombras. Ele nos pede, dizendo: "Sede igualmente perfeitos". "Vinde a Mim os que estão fatigados e eu vos darei repouso".

E assim, em Seu divino amor, Ele toma para si essas sombras que para nós são horrivelmente reais. Por nós mesmos nada podemos saber, pois se desfazemos o mal ao longo das eras, também praticamos novas maldades. Ele é a Luz do mundo. E as sombras que divisamos quando nos afastamos de Seu caminho deixarão de existir se nos voltarmos para Ele. Se obedecemos todas as leis a partir da juventude, isto é apenas o não-cometimento do pecado do cometimento. Atrás de nós está uma eternidade não remida. Mas, irmãos, o tempo é curto (Cor. V1I:29). Ele tomará esses pecados e para nós será como se pegássemos, de um sótão, uma caixa cheia de sombras e a abrissemos aos raios do meio-dia. Embora os pecados sejam remidos por Ele e ainda que os dias se multipliquem em anos, se o que foi vítima de roubo ou mentira, ou foi de outra forma injuriado, descobre que as leis do Pai o compensarão se também O conhecer, ainda assim temos um trabalho a fazer. Jesus, o Grande Mestre, tudo assumiu quando nós, fatigados, Lhe pedimos. Mas nós caminhávamos nas trevas enquanto cometíamos esses crimes. A árvore de nossa vida nada produzia a não ser galhos frágeis, folhas pálidas, flores mal formadas, frutos manchados, naquela escuridão da alma. Podemos ter parecido justos a outros; podemos até ter clamado "Senhor, Senhor!", com nossos lábios. Mas se nossas ações não estavam em harmonia com Ele, estávamos fazendo nossa árvore crescer com um tronco de bela casca, mas apodrecida por dentro. Assim, depois que Ele assumiu nossos pecados e eles cessaram, nós, com o rosto voltado para Ele, vemos nossa árvore do caráter pálida, doentia, com poucas folhas, sem frutos, banhada pela luz cármica de Deus. Trabalharemos para criar folhas verdes e abundantes frutos? Se O seguirmos, sim. Pois Ele sempre disse, em linguagem muito clara para os que têm ouvidos para ouvir, que só aqueles que obedecessem a lei do Pai, a VONTADE de Deus, poderiam ter esperan-

ça de ganhar a salvação. Ele afastará nosso fardo; mediará e perdoará, mas *nós* é que temos de desfazer os erros com a força que Ele nos dá; cada um deve tomar sua cruz e segui-lo; e Ele, o Bom Pastor, nos levará para Casa, para as imortais altitudes onde não há morte, nem pecado, nem sofrimento, nem separação. Nele, todos nós temos tempo, força, oportunidade de desfazer o mal, depois que Ele fez a remissão e mostrou o caminho. Ele é o caminho. E nós, deixando que Ele habite em nós, fazemos de nossa vida a Senda. Não podemos ir para casa enquanto não nos tornarmos nossa própria Senda, Nele. Se houvesse outro caminho, eu te falaria a respeito. Pois eu vim antes da Sua segunda vinda, que está próxima. Toma tento, para que a noite não te encontre ocioso. Não digas que eu não o Conheci, nem como Zailm nem como Pierson. Conhece-Lo só superficialmente é uma coisa; conhe-cê-Lo pela vida vivida como Ele nos indicou, é outra. Tendo vivido, agora falo: "Agi segundo a Palavra, não sede apenas ouvintes".

A A A

CAPITULO X

DEPOIS DE ANOS, O RETORNO

Deixando de lado os detalhes, como era a aparência de Phyris após a passagem dos anos? Quando eu partira, Phyris era uma jovem bela, cheia de vida, na flor da idade, dotada com a divina glória espiritual que caracteriza a mais elevada raça do grau humano perfeito. Como ela estava agora? Diferente, mas só nas curvas mais maduras de seu corpo de mulher, na plenitude que em Vê-nus não fenece com a idade, porque lá o animal é dominado; não há excessos, indulgências, nem a febril cobiça por coisas inatingíveis que marcam os habitantes do plano humano de hoje. Phyris, a jovem de cabelos escuros e olhos brilhantes como estrelas, que se tornara mais que uma moça, uma mulher divinamente bela, estava novamente diante de mim. Novamente pude contemplar a atitude tão docemente natural e digna, que me lembrava a primeira vez que vi Mol Lang, o ar de tranqüilo e ao mesmo tempo maravilhoso poder. Realçada por essas qualidades, como uma jóia é realçada pelo seu engaste, brilhava sua personalidade pura, aquele doce espírito que em Phyris era divino, mas que não perdia nenhuma das características humanas que tornaram Jesus tão querido pela humanidade. O espírito estava ali, o perfeito ser humano também, mas o animal, a natureza do Homem na Terra, estava reduzido a um plano de servidão. Quando revi a encantadora e bela *mulher* fiquei embaracçado. Naquele momento o mar dos anos inundou minha alma e me deixou intimidado. Algumas vezes eu tinha sabido de Phyris quando o astral hesperiano me controlava. Mas nos últimos anos, anos de dever, esse astral não se apresentara muitas vezes e, mesmo então, eu conhecia Phyris como um ideal, e os atributos desse ideal eu tentei encontrar em Elizabeth, e não conseguir isso foi uma agonia para mim.

Admirativamente, totalmente encantado, olhei para Phyris e não encarei como falta de bons modos que ela me beijasse, murmurando: "De volta para casa", com os olhos iluminados pela tranqüila alegria refletida de meu olhar.

Não havia paixão em mim, nenhuma tendência a ser sentimental -não, isso tinha fenecido junto com o febril sonho da Terra.

Como todas as coisas me pareceram familiares quando finalmente voltei para casa! Durante seis meses hesperianos (cerca de 112 dias terrestres. O ano solar de Vênus equivale a 224,7 dias da Terra) nada fiz além de vagar em forma psíquica neste Elí-sio, este jardim estelar das Hespérides. Da outra vez, a maior parte de minha visita tinha sido passada na companhia de Sohma ou Mol Lang. Mas agora Sohma estava ocupado com outras coisas. Mol Lang também estava empenhado no trabalho que mais o atraía, o de guiar, instruir e ajudar a humanidade, coletiva e individualmente. Sem que tomassem consciência de que Mol Lang influenciava os assuntos humanos, os homens da Terra continuavam com seus afazeres, julgando que estavam fazendo tudo sozinhos. Quão pouco a humanidade da Terra sabe que é guiada dessa forma! Contudo, nosso Pai permite a Seus filhos ocultos o privilégio de guiar seus irmãos menores, assim como ele o permitiu a Jesus, um dos Filhos da Luz, mais elevado que qualquer outro, o que foi uma encarnação do Cristo. Talvez os atos humanos não fossem, não sejam, guiados individualmente, como regra, mas existem exceções. Entretanto, os atos de um homem dependem dos atos de outros, que dependem dos atos de outros, até que finalmente pareça que a massa é influenciada no todo e que cada indivíduo da massa tenha seus atos inconscientemente controlados pelo que se denomina circunstância, destinos adversos ou propícios, inexoráveis, correndo pelas ranhuras feitas para eles, como ocorre com as balas de um revólver. Isto quer dizer que a humanidade é comandada em sua ação pelo que podemos chamar de Car-ma Universal. Enquanto os homens tatearem no escuro, ignorantes das leis ocultas, produzirão esse inexorável carma. Ó destino, autogerado, correndo de uma vida para outra, de encarnação em encarnação, inevitável, porque nasce da infração às leis do Criador! Mesmo Mol Lang antes de passar pela Crise e triunfar, a Crise por que eu logo iria passar e que ele havia superado um século antes, estivera sob o controle do grande Carma Universal. Mas, após vencer aquela tribulação, ele passara da vida finita para a vida perene, tornando-se uma lei em si mesmo. Então, livre do Carma, ele retornara para ministrar aos que estavam presos pelas circunstâncias. Mol Lang tornara-se mais do que homem. Ele tinha provado da Árvore do Conhecimento e também da Árvore da Vida. Seres como ele utilizam os dementais, os poderes não-humano-nos, não-corpóreos do ar. Eles encontram na humanidade a tendência para o pecado e a usam de modo que os pecadores subam por degraus, cada degrau um erro superado. Os grandes movimentos religiosos, as guerras, os campos do comércio, todos fornecem experiências para a humanidade. Alguns parecem maus, cruéis,

mas cada um é parte do esquema do Criador, cada um é uma ferramenta nas mãos de Seus ministros; e todos ensinam que a menos que o homem, como parte do Eterno Todo, trabalhe para esse Todo, subjugando o animal egoísta que nele habita, não poderá retornar ao Pai.

"A não ser através de Minha Senda" -diz o Salvador.

Já que Sohma e Mol Lang não podiam mais me fazer companhia, quem poderia? Phyris. Ela tornou-se minha tutora, minha guia e me levou mais adiante, para mais perto do ponto onde em breve eu deveria tomar a Chave e entrar sozinho na terrível batalha, apenas com minha fé em Deus para me sustentar.

Um dia Mol Lang disse: "Phylos, vem comigo".

Fui até seus aposentos particulares e lá ele me disse:

"Até agora só tiveste um corpo astral, mas de hoje em diante necessitas de um corpo físico como base de ação, pois deves aprender por ti mesmo. Dorme, para que eu reúna os átomos materiais que envolvem teu astral."

Adormeci imediatamente no diva onde ele me mandara deitar. Quando acordei ele estava olhando para mim e, confuso por um momento, sentei-me.

"Levanta" - disse Mol Lang. Obedeci e me vi revestido com um corpo de carne. Assim tornei-me um hesperiano. Eu aparentava a mesma idade de Phyris, o que aparentemente me tirara uns vinte e cinco anos. Antes que passasse muito tempo, brilhou em mim um pouco da natureza do Espírito e, como o mesmo ego brilhava em Phyris, aumentamos nossa mútua semelhança. Por causa desse Espírito interior, a Natureza tinha se tornado um livro aberto e o conhecimento oculto me acometia por todos os lados. Logo eu podia sair do meu corpo à vontade. Outros passos se sucederam e eu passei a conhecer com grande rapidez muitas das coisas menores reservadas pelo Pai e Seus Filhos dotados de aspiração.

Em mim habitava uma Voz (São João XVI: 13) e, quando me fazia perguntas, eu respondia e sabia. Um dia ela perguntou:

"Que é a hereditariedade?"

Respondi com a voz do espírito, sabendo o que dizia:

"Hereditariedade é a soma da experiência que a alma do homem carrega de uma vida para o devachan e dali para a nova encarnação. Não é de forma alguma transmitida de pais para filhos; seu traço marcante é atraído pelo traço semelhante nos pais. Os traços menores são desenvolvidos pelo cultivo, ou então permanecem dormentes, de acordo com o ambiente."

A Voz novamente falou:

"Nem tudo está completo; tu que colheste, agora deves plantar. Sou o Espírito Eterno em ti; obedece-me. Agora podes estar de pé em minha presença; podes ver; podes ouvir; podes ralar; dominaste o desejo, conquistaste o autoconhecimento. Viste tua alma em sua floração, ouviste a voz da Paz. Agora vai e lê o que escrevi na sala do Aprendizado, as Minhas obras. Lê.

"Permanecer ereto -é ter confiança. Ouvir ~é ter aberto a porta de tua alma. Ver -é ter alcançado a percepção de Minhas Obras. Falar -é ter obtido o poder de ajudar outros. Ter conquistado o desejo -é ter adquirido o controle do Eu. Ter autoconhecimento -é ter vindo para Mim, onde podes imparcialmente olhar o homem pessoal que foste. Ter visto tua alma em sua floração - é ter tido o vislumbre momentâneo daquela transfiguração que eventualmente fará de ti mais que um Homem.

"Fica de parte na iminente batalha e, embora lutes, não sejas o guerreiro. Procura por Mim, deixa que Eu lute em ti. Obedece Minhas ordens de batalha. Obedece como se Eu fosse tu. Minhas ordens são teus desejos - pois Eu sou tu, embora infinitamente mais que tu. Procura por Mim; que a febre da batalha não te impeça de me encontraras. Não te reconhecerei se não Me conheceres. Se tua súplica chegar até Mim -ah! -então lutarei em ti e preenchererei o vazio que há em ti. Então não terás mais cansaço. Sem Mim fracassarás; comigo não podes falhar, porque Eu sou o Espírito.

"Ouve agora a canção da vida em teu coração. Não digas: "ela não está ali". Ouve com mais atenção. Essa cantiga está no peito de cada um; pode ser obscura, mas está ali. Está mesmo no mais miserável proscrito, pois todos são filhos do Pai, que sou Eu. Ouve Minha Canção, pois como és apenas o homem, não falarei contigo continuamente e tua força deve às vezes se fazer presente

em memória de Mim. Pergunta à Matéria-terra, ao ar, à água, ao vento e busca os tesouros da neve. Dou-te a Minha Paz."

Pude finalmente ver e ouvir; meu amigo que me lês, eu feio. Minhas palavras se multiplicam pelos tipos gráficos e depois, atra vés de miríades de exemplares viajam pelo mundo, para aqueles que "vendo, vêem e comprehendem". Com cada exemplar vai meu amor e, mais que isso, meu olho notará cada buscador sedento de verdade e, seja no palácio ou na cabana, lá também estarei, /

Eu tinha ido a um ponto solitário na montanha para ouvir a Voz e, enquanto caminhava, um Ser que não era um Homem veio se juntar a mim. Sua presença era de luz, glória e bondade. Com ela veio Mol Lang, dizendo:

"Este Ser é um dos Seres do Bem. Phylos, a Casa de nosso Pai tem muitas Mansões onde há Seres criados por Ele-, Seres dotados de volição como o Homem, mas que não são humanos, nunca foram e nem serão. O homem será perfeito quando o Espírito do Pai nele entrar. Então ele conhecerá todas as coisas e será completo. O que é a perfeição? Absoluta harmonia com Sua Infinita Criação. Portanto pode haver homens perfeitos e também Seres perfeitos que não são Homens, como este que aqui está presente. Este é um Ser do Bem. Mas existe um oposto nas coisas da Criação. Há perfeitos Seres Maus, que da mesma forma não são, nunca foram nem serão humanos. O que são eles? Estão em perfeita harmonia com as leis da existência deles; leis e condições que são absolutamente opostas às nossas e ao bem. Por isso são prejudiciais à nossa vida e portanto maus. Contudo sua espécie não nos procura, nem nós a procuramos. No esquema da Criação, bem e mal estão muito bem equilibrados. O que perturba nossa harmonia, consequentemente os perturba pelo desajustamento desse equilíbrio. Portanto eles não buscam nosso prejuízo. Mas Satã, será que o conhecemos? Ele era um Anjo de Luz, caído, e foi grande sua queda porque era imensa a sua altura (São Lucas XII; 48). Ele é um rebelde, e não está em harmonia.

"A Vida, Phylos, é limitada, pois é apenas a ação na Mansão do ambiente humano. Mas a existência não é limitada. Portanto, este Ser do Bem que está aqui conosco não pertence à Vida, mas à Existência. Olha, este é o seu símbolo e o nome de Sua Mansão. A Quando tuas provações forem das mais pesadas, desenha no chão, à tua volta esta figura e permanece dentro dela, sem sair,

e clama pelo Pai. Ele enviará seus Seres A em teu auxílio. Que a Paz esteja contigo."

Mol Lang desapareceu e eu fiquei sozinho.

Os homens temem muito essas insidiosas doenças que não atacam abertamente, e procuram o ponto mais fraco e menos protegido. Assim, na parte final da Tribulação da Crise, eu seria igualmente atacado pelas hostes satânicas. A Terra me tentou por muitas vidas; agora estava para chegar uma provação maior do que a da Terra. Os ataques do mero erro humano diferem dos ataques bem organizados e inteligentes daqueles para quem o mal se tornou uma coisa natural, como Lúcifer e seus companheiros de rebelião.

De que natureza é essa Provação da Crise? Ela decide se na longa série de vidas encarnadas a alma aperfeiçoou suas oportunidades de alcançar o bem; se, de uma maneira geral, ela seguiu a Sen-da que Jesus apontou. Em caso afirmativo, ela tem ou recebe a força para lidar com os mais denodados esforços do satânico inimigo. Em caso negativo, ela deve cair e sofrer a segunda morte (Apocalipse). Sua vida encarnada tornou a alma pronta a perdoar todos os erros, esquecer os interesses egoístas, auxiliar os que têm menos luz, mais tristeza, sofrimento e pecado? Tornou-se ela como o Homem da Dor, cheio de fé, esperança e caridade? Então é porque ouviu a Voz e não fracassará. Mas se não é assim, a alma, mesmo que tenha a visão profética e conheça todas as coisas, será muito parecida com Satã e pior será o seu destino.

"Vai para o Sagrado Recinto!"

Eu, tendo aprendido a obediência, dirigi-me para uma câmara de pedra, que fora construída separada da casa. Então me vi na Presença, na ocasião em que eu, como Zailm, vira o Sacerdote Mainin ser destruído. Era a presença do Cristo vivo. Homem, mas mais que isso, pois era o Espírito, tão mais que homem quanto o Sol é mais que um vagalume. Uma Voz magnifica então disse:

"Não temas; sou Eu."

Em volta do Sagrado Recinto haviam formas de fogo. Palavras escritas só podem dar uma pálida idéia do que vi. Olha para as imagens com tua mente e tenta ver, com minha ajuda. O raio brilhava como uma coisa feita de fogo, como também a Grande Estrela

e todas as estrelas menores. A Folha parecia viva e a cruz, o Caminho aberto para a Casa onde o Anel (Círculo) simboliza o Ser Eterno, infinito, sem começo. O Livro era a Palavra e ardia com avermelhadas e cintilantes chamas. Acima de tudo isso, uma Presença Personificada era o Olho, o Eterno, incansável, onipotente e onisciente Supervisor. E ali fiquei, na presença do Pai que se tornara manifesto para mim. E ali ficando, soube todas as coisas de Sua Obra, pois o Espírito ali havia penetrado. Mas não para ficar, pois a Tribulação ainda estava por acontecer.

Passei semanas no Recinto Sagrado, não saindo nem para comer ou beber, pois era sustentado pelo espírito. No dia da Grande Paz esse Espírito devia penetrar ali e eu estar Nele e Ele em mim para todo o sempre. Mas nenhum guia podia ali existir, nenhuma lei aplicável à Tribulação, só minha força acumulada em muitas eras. O próprio Espírito estaria velado durante aquela provação.

A A A

CAPITULO XI

TEXTO: SÃO MATEUS IV

"Ser ou não ser, eis a questão."
HAMLET

Essa era realmente a questão quando levantei certa manhã e fiquei sabendo que o evento da Crise decidiria naquele dia se eu obteria ou não a Vida Eterna, se eu pertenceria ao Espírito ou à Segunda Morte.

Levantei e me dirigi para a solidão das montanhas, acompanhado por um animal doméstico que se parecia um pouco com uma corça e que me acompanhava por toda parte. Numa campina que existia entre as partes cobertas de árvore da montanha, tracei corri meu cajado o símbolo A, que imediatamente se tornou um fogo rubro que saltava e caía, sem interrupção, sem se desfazer em fa-gulhas. Eu estava dentro do símbolo, a corça pastava calmamente a grama que por ali crescia. Depois que fiz o símbolo A, senti que o Ser do Bem, com quem Mol Lang me fizera encontrar, estava ali comigo, falava comigo e eu com Ele. Ele disse:

"Eis que chegou o momento em que Eu A devo deixar-te, embora me agradasse ficar, mas é que nenhum ser pode suportar no lugar de outro a penosa Provação, nem dar-lhe auxílio enquanto ela dure. Contudo Eu A te digo, Eu A acredito que vencerás, pois não é verdade que te conheço há muitas eras? Entretanto tua Tribulação chegou e teu passado, todos os dias e todas as vidas que conheceste se levantarão e por eles serás julgado, para que se saiba se te tornarás perfeito e teu nome será Phylos -fj ou se fracassarás e terás que novamente provar todas as agruras da vida pelos séculos vindouros. O Pai disse pela voz do Espírito: "De toda palavra vã que os homens pronunciam, terão de prestar contas". O que se poderia então dizer de suas ações?"

Ouvi em silêncio, pois não sabia o que tinham os registros contra mim. Poderiam ser maus, bons ou, o que seria pior, poderiam conter aquela tepidez que o Espírito não ama, preferindo o calor ou o frio da natureza.



A figura do tentador

"Não temas" -disse Ovias A, "pois não viveste em vão. Nem esperes ver um registro escrito a teu respeito. Saiba isto: que os princípios inculcados pelo Espírito Crístico que ofusca Buda e os mais poderosos da Terra - encarnado em cada um e sendo Ele Mesmo Filho de Deus, e não eles, até que pela união com Ele se tornaram Filhos de Deus -sabem que se fizeste desses princípios a urdidura e a trama de teu caráter, nada tens a temer. Pois essa espécie de tecido é forte e foi isso que Jesus quis dizer ao falar e repetir, como Eterno que é; "Eis que estarei sempre convosco até o fim do mundo". Nenhum ato individual será convocado para acusar-te e, sim, todo pensamento, palavra e ação de todas as tuas muitas encarnações - pois isso formou teu caráter. Foi esse caráter tecido com o fio provido por Cristo, exemplificado pela Divina personalidade de Jesus, do iluminado Buda, e Zoroastro, Moisés, Manu e outros Salvadores? Se foi dessa espécie a tua urdidura, então certamente vencerás! Mesmo que ninguém sirva de arrimo ao teu braço. Mas se a urdidura não é essa, fracassarás e nem mesmo Eu A poderei ajudar-te. Devo partir. Sê bravo e que o grande Confortador esteja contigo. Paz".

Durante todo aquele dia fiquei ali e não senti cansaço. Chegou a noite. Por volta da meia-noite meu animal de estimação soltou um berro de terror e veio aos saltos para perto de mim. Quando se aproximou, eu o fiz parar antes de alcançar o A; ele ficou do lado de fora, tremendo. Mas nada vi que pudesse assustá-lo, a não ser Mol Lang que vinha em minha direção. Ele não demonstrou qualquer hesitação, parecia a ponto de cruzar a linha de fogo, como se pudesse fazê-lo mas estivesse preocupado com minha perigosa posição. Então eu disse:

"Alto! Se és Mol Lang, entra. Mas se és somente uma forma que vem me tentar, pobre de ti se cruzares esta linha, pois o A te punirá como só um imortal é capaz de punir."

Ele não veio; ao invés disso, deixou de ter a aparência de Mol Lang para assumir outra. O tentador disse:

"Se és imune a mim, que me parecia tanto com teu amado preceptor, então és vencedor da morte e do pecado. Não tenho poder sobre ti, que estás livre para entrar na vida eterna onde não haverá mais encarnações. Devo partir."

A Forma se afastou, mas a Voz de minha alma sussurrou:

"Tem cautela por mais um pouco."

Permaneci ali sem ser molestado até que percebi que havia cochilado e, sabendo que essa era a fadiga da carne, lamentei não enfrentar a Tribulação na forma astral.

"Não deves pensar assim" -murmurou a Voz -"todos os teus elementos físicos e psíquicos devem estar presentes aqui".

Mas novamente cochilei e me obriguei a acordar, pois o cenário à minha volta tinha mudado. A campina da montanha desaparecera e em vez de noite parecia ser dia. O que eu aparentemente vi era uma cena em que todas as raças humanas e os imortais estavam reunidos diante de minha visão expandida. Tive a sensação de ter conquistado aquele reino e um ser de bela figura, parecendo um deus, era o meu guia. Por precaução, protegi-me dos pés à cabeça com a chama do A, como se vestisse uma armadura; isso fez meu guia sorrir, mas ele nada disse. Ele me transportou com a velocidade do pensamento, o que me deu a impressão de que saltávamos de estrela em estrela, ora cruzando vastos espaços interestelares, ora chegando a novos reinos. Todos esses reinos eram habitados por criaturas de forma humana, ou pelo menos tinham atributos humanos. Diante de mim, todas se curvaram e prestaram reverência, pois meu guia lhes disse: "Contemplai vosso senhor". Fora disso, essas criaturas se empenhavam na busca do prazer. Entregavam-se às múltiplas paixões do homem da Terra, sem temer punição. Meu belo guia me disse:

"Essas são as almas nas quais criei certas paixões e apetites; devo puni-las por se entreterem sem freios com tendências que eu lhes dei? Dize-me, por que toda a criação não haveria de ter ampla licença para obter o prazer que possa? Minhas criaturas a têm. Não coloco qualquer restrição à busca de coisas carnais, desejos, apetites. Olha, elas são felizes! Por um certo tempo, entrego o controle delas a ti. Pela indulgência de suas paixões, elas geram uma espécie de magnetismo vital e, como governante que agora és, isso te faz vibrar como o vinho novo."

Enquanto meu guia falava, o ver e sentir toda aquela licenciosidade realmente me provocou uma sensação de êxtase e estava me afetando com um delirante prazer carnal. Afastei a sensação, recusando-me a senti-la. Diante disso o belo Ser falou:

"Oh, estás cego! Olha, estes reinos serão teus, com absoluta autoridade, tua palavra representará vida ou morte para essas pessoas, conforme queiras. Para aqui, para esta eterna alegria, podes

trazer Phyris e para sempre fazer com ela o que desejas, e o que ela desejar, sem que nenhuma penalidade seja requerida por isso. É uma oferta pela qual não peço nenhum pagamento. Aceita!"

Oh, onde estava o conhecimento que eu havia reunido em tantas vidas e recebido da Voz? Tinha sumido! Sumido, ou então eu teria sabido imediatamente que não devia aceitar a tentadora oferta. Tudo estava sendo oferecido de graça, o que violava a lei divina que nunca permite que se troque alguma coisa por nada. Envolvi-me melhor com minha armadura A, pois aquele Ser, tão belo e generoso, podia não ser realmente bom e seu toque nesse caso poderia ser fatal. Então falei:

"Deves ter vestido a roupagem do céu para melhor servir Satã. Demônio, ofereces aquilo que sujeita todos os seres destes reinos à tua vontade. Este reino é governado pelo prazer, pela paixão, pelo desejo, todos sentimentos egoístas; e nenhuma punição é imposta contra essa louca licenciosidade. Essas carnalidades também me conquistariam se eu aceitasse... a mim, que estou para me tornar imortal, mais que Homem, liberto do Carma. Estes prazeres são egoístas. O prazer obtido dessa forma é a essência do egoísmo. Realmente deves ser o criador de tudo isso, que são coisas egoístas. Isto te pertence, como poderia passar a ser meu? Sim, poderia ser meu, mas então reinarias sobre mim. Não sou teu súdito agora, nem o serei. Somente o Deus Desconhecido é meu Senhor. Afasta-te de mim!"

A cena se desfez lentamente, como a névoa ao Sol. Caiu a paz e esperei que a batalha estivesse terminada, pois sentia-me fatiga-do. Eu me vi de volta na campina, com o A de fogo saltando, tremulando em pulsações rubras nas linhas do triângulo. Nada podia desfazer a chama-guardiã, pois esta era um símbolo do perfeito estado de ser de uma outra raça, não humana. Só a perfeição poderia apagá-la. A perfeição do bem ou a perfeição do mal; contudo, esta última ainda não fizera nenhum ataque contra a chama. Eu até duvidei da existência de qualquer perfeição do mal. Afinal, que oferta tinha sido feita a mim, a não ser de coisas que me pertenciam por razão de ser filho de Deus? Deus dá a seus filhos o controle sobre o bem e sobre o mal, pela influência mental. Que soberania mais absoluta pode existir do que o amor, quando exercida como Ele comandou? Nenhuma. Enquanto eu assim refletia, uma suave e encantadora visão apareceu e eis que Phyris estava diante de mim.

"Tu és Phyris?" - perguntei.

"Poderia outra além de Phyris ultrapassar a chama A que te cerca?" -respondeu ela, atravessando a barreira e chegando perto de mim. Devia ser verdade, pois Ovias A era um ser perfeito em Sua própria condição. Só a perfeição pode se reunir à perfeição.

Finalmente ouvi Phyris suspirar tristemente. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

"Por que essa tristeza, Phyris?"

"Queres saber, Phylos? Eu te respondo. É porque tenho uma confissão a lazer. Também estou passando por uma tribulação. Tenho uma triste história de pecados. Será minha desgraça se me condenares por isso". Ela hesitou.

"Continua" -respondi, apreensivamente.

"Pois então ouve. Num tempo muito antigo em Poseid, quando minha personalidade se chamava Anzimee e a tua se chamava Zailm, lembras? Sim, e ainda com tristeza! Quando partiste em teu vailx, fugindo da lembrança de Lolix, sofri profundamente. Eu não sabia onde estavas. Quando vi que não voltavas, enlouqueci e fui procurar Mainin, o Incalix. Ele se espantou com minha agitação e me perguntou:

"Amas Zailm, Rainu?"

"Com toda a minha alma, Incalix."

"Isto me surpreende. Mas não importa. Queres ajuda para encontrá-lo? E se souberes que também te amo, eu que fiz voto de celibato? E se eu, com meu conhecimento, te disser que Zailm nunca mais voltará?"

"Então, Phylos, supliquei por ti como o faria por minha própria vida! Implorei a piedade dele. Finalmente as linhas inflexíveis de seu resto relaxaram e ele disse, com bondade: "Não pretendia separar-vos; estava só testando teu amor por ele. Contudo, minha ajuda deve ser compensada. Não quero dinheiro, nem jóias, nem poder, tenho tudo isso em abundância. Só há uma coisa que está em teu poder me conceder; ouve: no passado, quando vim a conhecer os mais profundos segredos da Natureza, fiquei curioso para experimentá-los e pedi o auxílio de um demônio, súdito de Satã, pois estava convencido de meu poder de subjugar meu

servo. Mas eu estava errado e acabei submetido, uma vítima. Um dia minha alma será entregue a Lúcifer para pagar meu débito que está sempre crescendo. Só há um modo de evitar isso; entregar uma outra alma, mesmo que seja menos experiente, em lugar da minha. Antes que caia a noite uma jovem e seu amado virão me procurar na hora do culto para que eu solenize o casamento deles, com os proclamas já publicados. Mas terei saído, de propósito. Deveras estar lá, só tu e o casal. Eles são fracos, mas nunca pecaram.

"A natureza deles se inclina para o erro. Tudo que peço é que quando eles perguntarem por mim, digas que saí e pergunta: "Vies-tes para o casamento?" e então deves dizer, sorrindo: "Somente pessoas simplórias tornam pública sua união; os inteligentes nunca se casam, embora na verdade estejam casados". Nada mais deves dizer. Se eles aceitarem tua delicada sugestão, perecerão e perderão suas almas; e eu, o grande Incalix, estarei salvo. De qualquer forma trarei Zailm de volta, pois é possível que tua insinuação não seja aceita".

"Mainin se calou e eu me encolhi de horror. Estava prestes a responder com uma recusa quando ele disse: "Lembra, só tu podes salvar Zailm".

"Considerei-o demoníaco. Depois pensei: "É natural que ele queira salvar a própria alma, mesmo às expensas de outras". Ah, eu desejava tanto que meu Zailm regressasse! Soluçando e chorando, minha alma sussurrou o quanto aquilo era errado, mas meu coração me suplicou que ficasse cega ao bem e ao mal por aquela única vez, e então cedi, dizendo: "Farei o que pedes".

"Eu o fiz. Mas, sendo falso para com Incal, Mainin foi falso comigo e não trouxe Zailm de volta. Quando Rai Gwauxln me contou a morte de Zailm, quase morri de vergonha e de dor. O homem e a mulher, que haviam aceito minha sugestão, morreram depois de alguns anos de negro e bem oculto pecado. E eu, Phylos? Consentindo em fazer a vontade de Mainin, vendi minha alma para o Arqui-Demônio, senhor de Mainin. Minha vida está perdida, a menos que eu receba ajuda. Minha alma está em perigo, por mais que eu tenha adquirido conhecimento, por mais duramente que eu tenha lutado para agir corretamente e me redimir. Foi em vão! Mas tu, minha alma gêmea, tu podes me salvar. Se não me salvares, a Eterna Lei me fará passar pela segunda morte. Minha alma será aniquilada, meu Espírito, que não pôde unir-se à

minha alma, voltará para a Fonte, nosso Pai. E então, sendo uma alma, mas sendo teu Espírito também o meu Espírito, deveras igualmente perecer. Portanto, salvando-me também te salvas."

"Como?" - perguntei, com a alma rasgada até as profundezas, sofrendo tão lacerante infelicidade que quase perdi a vida. Eu me senti mortalmente ferido por ver que Phyris, meu outro Eu, meu puro anjo, estava em perigo mortal, presa num poço fatal de areia movediça, ameaçada com a morte da alma. E se ela estava em perigo, também eu estava, pois nosso Espírito era o mesmo.

"Como?" -perguntei novamente, com um fio de voz.

"Assim! O homem que eu destruí, como Anzimee, encarnou várias vezes desde então, vindo cada vez pior, até que agora, na forma de um homem na Terra, está a ponto de enfrentar uma tentação que, se o vencer, direcionará seu curso definitivamente para o mal e para a morte de sua alma. Se ele não ceder, poderá escapar ou não, mas o adiamento o colocará fora de nosso alcance e certamente morreremos. Sim, morreremos se não agirmos agora. Se a alma dele se perder agora, certamente escaparemos; foi o que disse Mainin, que foi banido para as trevas exteriores, mas que é meu devedor; é a única, embora tênue esperança. Oh, Phylos, pensa, pensa! De um lado a vida eterna, a luz e a oportunidade de redimirmos todos os nossos pecados, quem sabe até de salvarmos esse homem, e do outro morte, as trevas exteriores, o eterno estado de demônios."

No silêncio da noite ela me pediu que agisse em seu favor, torcendo as mãos, os olhos chorosos, com uma agonia terrível de se contemplar. Agir em favor dela e em meu favor; salvar nossas vidas para que tudo fosse resolvido. Como? Usando meu poder oculto para influenciar um homem já tomado pelo pecado, num planeta distante, um homem que poderia não dominar seu temperamento mesmo que eu não o influenciasse. Fazer o quê? Influenciá-lo para que assinasse seu nome, como Governador de um grande estado, negando o perdão para dois homens que estavam para ser executados por assassinato, mas que eram inocentes. Eu sabia, o Governador sabia, pois já tinha pecado horrovelmente usando sua posição, seu dinheiro e seu poder para tecer uma teia de provas circunstanciais que levariam à força seus dois inimigos por um crime cometido por ele mesmo. Dentro de uma hora, ele assinaria ou deixaria de assinar o fatal documento, pois finalmente sua coragem estava enfraquecendo. Tendo mergulhado tanto no

pecado, seria provável que ele pudesse um dia deixar o caminho do mal pelo do bem? Pouco provável. Entretanto, cabia a mim usar a psicologia para convencê-lo a deixar passar a oportunidade e completar seu duplo assassinio, para salvar Phyris, que eu tanto amava, cujo Espírito era meu Espírito; a destruição de cuja alma significaria a destruição da minha. Era uma coisa tão fácil de fazer!

Todos os crimes são fáceis. Mas ao mesmo tempo que a agonia do desespero me congelava, surgiu um raio de esperança, com a pergunta: aquele ato realmente nos salvaria? Não tinha Deus falado: "Não matarás"; e aquele duplo assassinio não recairia tanto sobre mim quanto sobre o Governador? Então me levantei e disse, com calma -uma calma terrível e desesperada:

"Ouve. Mesmo que ambos devamos morrer nas trevas exteriores, não farei tal coisa. Tu, que és mais preciosa para mim do que minha própria vida, não me peças tal coisa! Nosso Pai disse: "Aquele que fizer o mal, dele será cobrada a penalidade, trinta, sessenta e até cem vezes". E se eu, se nós, enviarmos uma alma para as trevas, pensas, ó minha companheira espiritual, julgas que não seremos igualmente enviados para lá? Pois então, ainda que estas palavras decidam minha morte e a tua, recuso-me a pecar. Não farei tua vontade. Não errei tanto quanto tu, mas posso estender minha mão e, com o auxílio do Espírito Crístico, impedir o progresso de teu pecado e poderás voltar ao tempo, espaço e lugar onde tua alma errou, e reencarnar na Terra tantas vezes quanto seja necessário para purgar e remir teu ato pecaminoso. Eu esperarei por ti no ponto para onde minha alma progrediu, por anos, mesmo que sejam milhares deles, até que possas reunir-te a mim, já purificada. A não ser pelo fato de que devo ficar e servir como guia, eu voltaria contigo para a Terra. Devo ficar para que minha luz permaneça clara. Tudo isto eu farei e, se fosse possível no Universo remir os pecados de outrem, eu iria em teu lugar. Mas condenar um homem na Terra e nós dois com ele, não! Não posso cometer tal pecado."

Com um estremecimento convulsivo e um desespero no olhar que me feriu tanto que clamei por Deus em minha agonia, Phyris disse num lutooso lamento de alma perdida:

"O Phylos, pensa bem; pode bem ser que estás sendo pressionado pela espécie de correção que faz os Anjos chorarem e o Demônio sorrir!"

"Phyris, minha amada, está decidido. Não mudarei de idéia."

Ela se afastou com as mãos cobrindo seu rosto contorcido de dor, soluçando com intenso desespero. Quando chegou junto ao fogo A, ela disse:

"Phylos, consegui entrar. Agora não tenho mais poder, não posso sair; afasta a chama."

Olhei para ela de onde eu estava, quase morrendo de dor e verifiquei que estava fraco demais para levantar a barreira. Então olhei para dentro de meu ser e vi que a Luz do espírito não estava mais dentro de mim. Naquele instante descobri o significado do angustiado apelo de Jesus, quando Ele, na temível tensão de sua tribulação Humana da Crise, gritou: "Eloi, Eloi, Lama Sabacthani". Como Ele, gritei pelo Pai e no mesmo instante-a Luz retornou; e com o troar de um poderoso trovão a escuridão se desfez, a noite que me envolvia se afastou e pude ver que o Sol estava bem alto no céu e que só eu estivera envolto em sombras. A chama A empalideceu e "Phyris" estava ajoelhada diante de mim implorando misericórdia. Foi então que eu soube que Phyris não estivera perto de mim. E soube que Deus o Pai havia penetrado em mim para ali ficar para sempre, e que a perfeição do mal falhara em seu mais sutil, horrível e insidioso ataque, sua tentativa, final de abrir a porta da destruição para mim. Minha força pro-vinda de muitas vidas tinha suportado o ataque e, desfalecente, chegara ao Cristo. Todo o penoso caminho fora por mim percorrido e, enquanto o percorría, fazia expiação. Agora meu carma estava eliminado e a Vida Eterna estava em mim. Gloria in Excelsis! Laus Deo! A canção que ouvi era a canção das hostes estelares de Deus.

A Voz então falou: "Tua provação terminou; estou satisfeito. Está escrito na sagrada Escritura: "Deves nascer outra vez, da água e do Espírito". Dessa forma acabas de renascer - da água, que é o mundo da matéria. E do Espírito, que sou eu. Mas a morte do corpo carnal e o renascimento no corpo novo, nada mais é que a noite seguindo-se ao dia e o dia seguindo-se à noite. A Escritura não faz referência a esses sucessivos dias e noites da Alma. Nasceste muitas vezes na terra e de cada vez teu corpo carnal morreu. Mas o renascimento não foi o renascimento das águas e de mim. Aquelas encarnações apenas te prepararam para sair das águas da materialidade e vir a Mim. Agora nasceste delas e de Mim, e te tornaste Filho da Luz, uno com o Pai, semelhante ao Nazareno. Leva Minha Palavra a todos os homens, para que eles também venham a Mim como tu, que seguindo o primeiro Homem que veio a Mim, a Mim vieste".

Quando vi Physis se aproximando, tive certeza de que era a verdadeira. Ela também tinha passado pela Tribulação e enfrentado tentações semelhantes. Todas tinham sido rechaçadas, mas isso acontecera noventa séculos antes. Podes dizer: "Pensei que almas gêmeas tivessem de enfrentar ao mesmo tempo a batalha final, e agora dizes que isso aconteceu com nove mil anos de intervalo?" Amigo, o tempo é apenas a medida da energia gasta. Fizemos o mesmo trabalho, portanto, estivemos juntos. Está Paulo mais salvo do que a última alma que se regenerou? Contudo, Paulo conheceu Jesus Cristo quase dois mil anos antes. Para nós dois a Grande Crise parece ter durado séculos. Para nós, estreitamente abraçados, veio uma gloriosa Visão e a Voz falou:

"Olhai para o extenso passado. Quando terminardes, olhai para a Terra e vede como efetuar o trabalho de oferecer ao povo da Terra a história de vossa vida. Isso tomará apenas um momento de vosso tempo, um momento que parecerá anos a teus agentes terrenos. Olhai novamente; sou vossa Voz e vosso Espírito. Vossas almas se unirão. Em breve não tereis mais dois corpos mas um só, um corpo de Espírito. Meu Espírito, pois sem Mim nada sois. A Paz vos pertence para todo o sempre."

Amigo, podes sentir dificuldade em compreender essa estranha união. Mas pondera profundamente, pois terás a/mesma experiência um dia, se fores fiel ao teu Salvador e O seguires, bebendo da taça em que Ele bebeu e saindo triunfante da Grande Provação.

A A A

LIVRO TERCEIRO

CAPÍTULO I

COLHERÁS O QUE SEMEASTE. A PERCEPÇÃO

Suponhamos que eu perdesse a batalha e o veredito fosse "Me-ne Mene Tekel Upharsin". Nesse caso o meu -o nosso -destino teria sido o mesmo de Mainin, de Caiphul. Para mim, que conheço o seu pavoroso significado, tal destino é muitíssimo mais terrível de contemplar do que para ti. Significa ser irmão dos demônios, a sujeição a Satã, que tenta da maneira astuciosa e perversa como nos tentara e, quando vence, faz da vítima um servo, sempre a acumular mais carma. O carma criado pelo serviço a Satã num único momento é mais terrível do que o carma que o mais maléfico dos homens poderia acumular em uma vida muito longa. Significa servidão até. . . quando? Para sempre? Até o fim das coisas materiais. Então, quando os céus se enrolarem como um pergaminho e derreterem no fervente calor, Satã (Lúcifer) com sua coorte será arrojado ao lago de fogo que é a segunda morte, significando que a força, a energia dos rebeldes que os tornara almas distintas, potentes, no extenso passado, tornar-se-á despersonalizada e desindividualizada, fundida no conjunto do Fogo dos Elementos que formam as forças da Natureza, os ventos, as energias ódicas e magnéticas. Mas não haverá aniquilação, não haverá morte, embora ocorra uma mudança de tal ordem que constituirá a destruição da união entre alma e Espírito, com o retorno da primeira à grande e impessoal Vis Natura, e o retorno da segunda Àquele que criou a vida. Então, após milhões de anos o Pai reunirá os férvidos elementos em nebulosas, plasma estelar, sóis, mundos, sistemas e um "novo céu e uma nova terra" surgirão. E a hoste rebelde despersonalizada começará a reencarnar na vida protoplásica e evoluirá ao longo de miríades de encarnações, até que, após uma eternidade sendo matéria, chegue novamente às condições humanas; até enfrentar uma nova Crise em que terá de perder ou ganhar e repetir como Sísifo o fatigante curso, ou herdar a duramente obtida condição de Ser incondicional. Não há nem pode haver nenhuma morte do Espírito, só da individualidade. Estuda bem isto, amigo, pois essa é a sorte dos maus que se vendem a Satã, essa é a parte de Satã. Nosso Pai

providenciou um Caminho. E a senda estreita e afiada como o fio da navalha, onde todas as coisas se equilibram de tal forma que não há como se voltar para a esquerda nem para a direita, onde é preciso seguir firmemente para a frente. E a Senda onde aqueles que assim caminham se contêm em todas as coisas, no comer e no beber, no dormir e em tudo que causa os cuidados deste mundo. Os que forem julgados dignos de conseguir a ressurreição do corpo da materialidade, sem a necessidade de futuras encarnações, não se casarão nem serão dados em casamento, devendo receber o Reino de Deus enquanto ainda forem crianças pequenas. Entretanto, aqueles que assim não agirem não terão isso eternamente contado contra eles, porém, terão de reencarnar. E as coisas dos sentidos que são uma ofensa ao Espírito ocorrerão, mas o infortúnio cármico visitará o ofensor até que ele encontre a-Senda e a palmilha. Ouve, se podes ouvir e compreender, pois estas são as palavras do Mestre.

A A A

CAPITULO H

JÓXXXVII:7

Contemplando a vitória do Pai em nós, cantamos uma canção para responder à que os Filhos de Deus, que eram nossos companheiros, entoaram. Finalmente perfeitos, em harmonia com a lei cumprida, sem carma, imortais, ao lado de Jesus, sem mais a necessidade de encarnar -a Vida terminada, mas o Ser apenas começando. Paradoxal? Em todo o decorrer do tempo tivemos Vida, mas o Ser não tem começo nem fim e não está sob o domínio do tempo, e cada ego esteve sempre com o Pai. Enquanto que a Vida teve começo e portanto deve ter um fim; e termina. Se suas condições são bastante fortes para a acorrentarem indefinidamente, a alma é desviada de seu ego para as trilhas da Vida e torna-se herdeira da morte. Só se a alma não perder sua ligação com o Ser - com o seu ego - para a Vida é que não morrerá? O pecado é afastar-se do Ser e entregar-se à Vida, cuja sombra é a morte. A alma que peca e não abandona a vida finita e suas condições, morrerá.

Em todos os reinos de luz ecoaram louvores, como quando as "Estrelas da manhã cantaram em coro e os Filhos de Deus exclamaram de alegria".

A A A

CAPITULO IH

"Belas formas e velhos profetas de passadas eras, todos em um só vasto sepulcro."

Por algum tempo Phyris e eu não nos tornamos uma entidade completa e nos entregamos à retrospecção. Abraçados, caminhamos lentamente até chegarmos ao regato murmurante, em cuja margem nos sentamos. Então eu disse-.

"Minha alma gêmea, examinemos o passado; afastemos a cortina das eras para vermos o registro do Livro da Vida, espelho de todos os acontecimentos, vistas, sons, formas, tudo. Podemos fazer isso porque não temos mais carma; somos imunes à morte, somos unos com o Pai do Ser, vendo e conhecendo como Ele porque Ele está em nós."

Observamos as cenas de nossa vida atlante e vi a doce e malfadada Princesa Lolix, para quem eu representara o ideal. Para onde tinha ido sua alma depois que seu corpo fora petrificado por Mainin? No indelével registro vimos que a sua linha de vida cruzava a nossa. Em seu devachan poseidano, ela tinha realizado (aparentemente) o sonho de sua vida. Renascendo para uma vida ativa, novamente a linha de sua existência cruzou a minha, seu legado foi ao seu encalço e ela o conquistou, pois a individualidade de Lolix era Elizabeth (minha esposa). Seu crime em Poseid fora expiado e também o meu. Esse carma fora compensado.

A caminhada do homem para Deus é tão cega, tão sem conhecimento, tão instintiva quanto a da trepadeira que cresce na direção do Sol. No Sagum, com a mesma confiança, dei um passo que seria irrevogável se não fosse por Mendocus. Depois, novamente caí em cego desespero, escuridão, mas me mantive instintivamente fiel à lei e a Elizabeth, objeto de meus esforços -e fui me elevando até alcançar as imortais altitudes. O mesmo tinha feito Phyris, meu alter ego. Lá embaixo estavam os desertos da vida e os frutos de bela aparência, os frutos envenenados de Sodo-ma. Essas cinzas são benéficas porque fazem a alma buscar as alturas.

Poseid e todas aquelas vidas tinham nos imposto uma grande quantidade de frutos amargos, mas nossos erros os requeriam e o carma é um credor inflexível.

O pecado gerou o karma e o karma exigiu compensação. Assim eu (pois não estou contando a história de Phyris) desisti de minhas esperanças e de minha felicidade, como alguém que abre as veias no deserto do Sahara para matar, a sede de um amigo (São João XV. 13). Com essa abdicação perdi minha vida e de novo a encontrei. O karma, conforme mostrou o longo registro, nem sempre exige pagamento; por toda boa ação que pratiquei, recebi total compensação, representada pelas alegrias e benefícios da vida. Não existem acasos. Se admitirmos que alguém pode morrer "por acaso", nenhum homem poderá ter certeza de que a noite seguinte não encontrará a terra engolida pelo Sol ou sendo atirada para longe dele; ou, olhando o Sol se pôr, poderá ter certeza de que este surgirá de novo no céu. Todas as coisas grandes e pequenas obedecem a uma ordem. Nem sempre essa ordem vem de uma encarnação preexistente; às vezes surge como fruto da ação de ontem ou do ano passado. Em suma, vimos que a lição da vida é: "o que o homem planta, deve colher", causa e efeito. Existem aqueles que argumentam capciosamente dizendo que "existem coisas accidentais e nem tudo está sujeito à ordem". Não discuto com eles, pois sei que "os que têm ouvidos para ouvir" compreenderão. Não podemos ver uma cadeia de montanhas a menos que tenhamos subido ao mais alto pico. Para a visão expandida, o acaso é apenas um detalhe do quadro e a desordem é apenas um detalhe dentro da ordem.

A A A

CAPITULO IV

A QUEDA DA ATLÂNTIDA

Novamente contemplamos a Atlântida e vimos muitas outras coisas. A época de Zailm tinha um peculiar interesse. Vi aquele nebuloso e distante passado, que já era antigo na Terra quando esta era ainda uma criança colocada no berço do tempo. A raça atlante, a principal das raças pré-históricas, abrangendo em Po-seid e nas colônias estrangeiras quase trezentos milhões de almas. Atlântida, conhecida por toda a Terra daquele remoto passado como a "Rainha dos Mares", seu povo conhecido como os "Filhos de Incal", ou seja, "Filhos do Sol" e "Filhos de Deus". Como os poderosos caem! Pois agora vejo sua antiga localização como parte do leito de um mar agitado, coberta de limo, só podendo ser vista como habitação humana através da visão clara de olhos treinados na leitura dos registros astrais. Novamente o quadro se apresentou e pude vê-lo como tinha sido contemplado pelos olhos de minha pobre, fraca e lamentável personalidade de Zailm. Ali estava a majestosa Caiphul, a cidade Real; na distância, menos majestosa, estendia-se Marzeus, suas torres, chaminés e grandiosos edifícios mostrando o ponto onde existira um dos maiores centros industriais da Atlântida, cujas fabricas e usinas tinham fornecido a Poseid vaitx e naims e toda sorte de máquinas e instrumentos, produtos têxteis, cereais e uma infinidade de artigos, inclusive objetos de arte. Para ali, mais de um milhão de artesãos durante o dia e uns cinqüenta mil durante a noite, se dirigiam de vailx ou de carro, saindo de suas casas localizadas entre cinqüenta e cem milhas dali, numa viagem de poucos minutos. E tudo aquilo tinha perecido por causa da iniqüidade do homem, poucos séculos depois. Aqui e ali vi o brilho dos canais que distribuíam a água de rios naturais de geradores como o que Zailm usara em seus últimos dias em Umaur.

Vimos o mundo como Zailm o vira: Suern com seus milhões de habitantes; Necropan com seus noventa milhões de almas; a Europa, na época uma terra selvagem, com apenas um sexto de sua área atual; e a Ásia, não tão extensa quanto hoje, abrigando meio milhão de pessoas. Mas a rútila, brilhante civilização que se comparava com vantagem às mais orgulhosas nações de hoje,

era a gloriosa Atlantida. Mais de um bilhão de pessoas, civilizadas ou semicivilizadas, e aproximadamente o mesmo número espalhado pelo continente e ilhas eram bárbaros -esse era o mundo de Zailm, visto de maneira geral. A população humana, especialmente seu aumento ao longo de várias gerações, tem preocupado os pessimistas. Mas o maior dos pessimistas, Malthus, não teria se alarmado se lá estivesse, porque:

*"O mundo sobe, o mundo desce,
E a luz do Sol segue-se à chuva."*

Sempre houve um número variável de habitantes no mundo; às vezes mais, às vezes menos; pois quando uma alma vem para a Terra (tendo estado no devachan), uma alma vai da Terra para o devachan. Ou então duas vêm enquanto só uma vai, ou duas vão enquanto uma vem, proporcionalmente. Aparentemente, ou o mundo ultrapassa os limites das fontes de suprimento, ou então a oferta excede a demanda. Contudo, um número fixo de Raios Humanos emanou do Pai e só esses têm Vida ou a terão. Esses vêm e vão como as marés, estando ora na Terra, ora no Céu. Os malthusianos nada têm a temer.

Zailm tinha sido minha personalidade.

Contemplamos a ilha como era mais ou menos trinta séculos mais tarde, muito, muito mudada. Caiphul tinha perdido alguma coisa. Não a matéria tangível, visível aos olhos humanos; não, esta não tinha desaparecido. Mas os homens que vimos não eram os homens de elevada e nobre alma que Zailm e Anzimee tinham conhecido. Quando a linhagem dos homens entra em decadência e degradação, toda a natureza que com eles convive se altera sensivelmente para pior. Marzeus, a cidade das artes da manufatura, não mais existia; tinha ruído sob o peso da corrupção. As artes não tinham sofrido tanto quanto as ciências. Mas a ciência que utilizava as misteriosas forças da natureza - o "navaz" - tinha desaparecido tão completamente que as naves aéreas tinham sido esquecidas ou transformadas em histórias semimitológicas. O mesmo acontecera com outros instrumentos que Zailm tinha conhecido - os naim, os maravilhosos transmissores de imagens e sons que não utilizavam fios. E também os vocalígrafos, os instrumentos de clarividência e os geradores de água - todos perdidos na noite do tempo. Os homens do século vinte os reencontrarão. Vinte e oito décadas de séculos se passaram e logo será proclamado:

"A noite e a manhã são o sétimo dia". Vós que ouvis minha mensagem sois os homens e mulheres deste novo dia e herdareis para sempre todas as coisas de nosso Pai. E a noite do dia que está para chegar vos verá sendo levados "para os céus", para esca-pardes do fim de todas as coisas quando a Terra e todas as obras que há nela serão queimadas. (São Pedro II -111:10)

Mas devo falar do passado, não do futuro. As sementes da corrupção plantadas no coração dos homens pelo Demônio, mestre de Mainin, germinaram e cresceram e então deram início, alguns séculos depois do tempo de Zailm e Gwauxln, a uma longa e firme descida que enfraqueceu o respeito próprio dos homens e mulheres de Poseid, perda essa revelada de muitas formas, culminando na depravação e ruína nacionais.

Foi numa dessas fases de ruína que pousamos os olhos em seguida. Vimos uma mulher em cujo rosto havia uma luz quase divina pelo poder de sua gloriosa beleza. Seu delicado corpo parecia pertencer mais ao Céu que à Terra. O longo vestido cinzento que ela usava flutuava ao vento, as longas madeixas do cabelo castanho, soltas, eram empurradas pela brisa para trás do rosto maravilhoso em que estavam estampados a piedade e o desespero, misturados a um brilho radioso de agoniada esperança de que alguém pudesse ouvi-la e afastar-se do curso que estavam todos seguindo. Seu apelo tomou a mais perigosa forma, a da denúncia sem restrições. Ela denunciou publicamente o pavoroso sistema de sacrifícios de sangue como sendo diametralmente contrário ao direito, a Deus, ao homem, e responsável pela corrupção do povo. Diante disto, os sacerdotes que estavam entre a multidão emitiram rouscos gritos de raiva. O registro astral do som de sua voz, que ainda soa e soará para todo o sempre, para os que têm ouvidos para ouvir essas tonalidades psíquicas, nos disse o que ela bradava, postada no pedestal do monumento, a vinte pés do nível da rua, para as pessoas cujos rostos estavam voltados para cima:

"Ó todos vós! Pensais que Incal aceitará o sangue de animais inocentes para apagar vossos crimes? Quem afirma tal coisa mente! Deus jamais aceita sangue seja pelo que for, nem qualquer espécie de ação simbólica que coloque um inocente no lugar de um culpado! E o Incalithlon, o Local Sagrado e a Luz do Maxim são desonrados cada vez que um sacerdote coloca um animal na Pedra Teo e com sua faca abre-lhe o peito e arranca o coração para atirá-lo em sacrifício na Luz Perene. Sim, a Luz Perene o des-trói instantaneamente, é verdade. Mas pensais que isso prova que



A queda de uma civilização. Apedrejamento de

uma virgem

Incal está satisfeito? O corja de serpentes, vós sacerdotes sois char-latães e feiticeiros!"

Um íncali cheio de ira abaixou-se quando ela disse estas palavras e pegou uma pedra cheia de pontas. A frente dele estava uma liteira carregada por escravos de feições tristes. Dentro dela, reclinada em macias almofadas de seda, estava uma mulher de lân-guida beleza, a perfeita personificação da mais vergonhosa falta de pudor. Na tépida atmosfera tropical, ela se apresentava sem qualquer vestimenta e só as pesadas ondas do seu cabelo ocultavam em parte sua nudez. A vergonhosa visão não atraía a atenção por ser tão impudica; a atenção que lhe dispensava a densa e exasperada multidão era de sensual admiração. Cenas como essa eram comuns naqueles últimos tempos da Atlântida. Vendo o sacerdote pegar a pedra, a mulher disse:

"Que vais fazer com isso?"

"Nada" - respondeu o sacerdote.

"Pois sim! Sei que atirarias a pedra na jovem que blasfema, se tivesses coragem!"

"Coragem não me falta" -foi a mal-humorada resposta.

Uma voz em meio à multidão gritou que a jovem que blasfemava contra a religião devia ser sacrificada na Pedra Teo e seu coração oferecido ao Maxim.

"Ouve isto! O povo e o íncali ficariam a teu favor" - disse a mulher.
"Joga a pedra para ver se por acaso não consegues acertar o alvo".

O sacerdote levou o braço para trás e posicionou a pedra, e os que estavam por perto olharam com interesse. Então o pontu-do projétil voou pelo ar na direção da bela jovem lá em cima. Ela poderia ter evitado ser atingida se tivesse visto a pedra, mas, como não a viu, esta a atingiu em cheio na testa. Com um grito de dor ela levantou as mãos, cambaleou e caiu para a frente e para baixo, no duro pavimento vinte pés abaixo. A multidão, que tinha silenciado por um instante, começou a emitir raivosos rugidos e os que estavam mais próximos correram para a vítima do covarde sacerdote. Alguns que pertenciam à casta sacerdotal levantaram o pobre corpo e o carregaram, segurando-o pelos pés, pelos bra-

ços e pelos cabelos, para o Incalithlon cuja forma piramidal se erguia não muito distante dali, como se tudo tivesse sido preconcebido e não que fosse obra de um miserável malvado.

"Olha!" -exclamou Phyris -"o primeiro sacrifício humano em Caiphul! Até a mim eles mataram por tentar deter a onda de de-pravação e criminalidade sacerdotal. Repeti para eles a profecia do Maxim, mas eles não me ouviram, preferiram matar-me. Essa mulher sacrificada foi a minha personalidade quando reencarnei três mil anos depois que tu, como Zailm, deixaste Anzimee, que era eu".

Com um estranho êxtase criminoso, os sacerdotes, praticamente sem fazer uma só pausa, colocaram a vítima ainda inconsciente na pedra Teo. Então o grão-sacerdote, também na época chamado Incalix, saiu do Ponto Sagrado, que *tinha* sido sagrado. Ele parou ao lado da vítima e profanou, não Deus mas o homem, com uma prece a Deus - pois homem algum pode injuriar Deus a não ser injuriando o Homem. Então ele abriu a veste cinzenta e desnudou o alvo peito da jovem. Com um gesto rápido, levantou a afiada lâmina e golpeou. Um estremecimento sacudiu a vítima que estava voltando a si. O assassino então arrancou o coração pulsante e atirou-o na Luz Perene, onde desapareceu sem deixar sinal. A carne do corpo foi dividida em pequenos pedaços e oferecida à multidão ululante, junto com as roupas ensanguentadas. A maior parte do sangue tinha escorrido para uma depressão na pedra Teo, planejada para colher o sangue dos sacrifícios. Os sacerdotes adicionaram licor a esse sangue e, com frenética agitação, sorveram a mistura colocada em taças de ouro. A cena era revoltante, senti meu próprio ser se contorcer de repulsa! E aquela pobre mulher assassinada, uma virgem que tinha dado sua vida para salvar seu país do pecado, fora aquela que séculos antes tinha sido Anzimee; agora Phyris, parte de mim e eu parte dela, pois nosso Espírito era um. Pude perdoar o crime que tinha presenciado, pois os criminosos não sabiam o que faziam, e pagaram por seu pecado e ainda sofrerão por ele, pois é o seu carma. Quando a Morte, a conquistadora de todos os mortais, fez sua colheita na Atlântida, aquelas almas que tinham semeado o pecado e cultivado o joio foram colhidas pela Grande Ceifeira, e o joio foi semeado junto com o trigo quando elas reencarnaram. E elas tiveram que arrancar e limpar o campo o melhor que puderam, e deverão continuar a arrancar as ervas daninhas até que nenhuma reste. Só então terão remido seus pecados diante de Deus. Ó amigos, tendes muito tempo e muitas vidas para isso, mas não os desperdiceis!

Depois daquele sacrifício humano, a sede de sangue que se manifestara no povo tornou-se insaciável. Eles exigiram a vida do sacerdote que apedrejara a jovem, pois ainda não estavam acostumados com os direitos que os Incali tinham tão recentemente se arrogado, o direito de fazer sacrifícios humanos. Disseram que ele tinha assassinado a mulher, que não estavam preparados para ir tão longe e por isso ele devia morrer. O tumulto se tornou tão violento, a insurreição tão iminente, que o infeliz sacerdote foi arrastado e oferecido em sacrifício por seus colegas, como o fora a mulher. Quando o grão-sacerdote se voltou para atirar o coração da segunda vítima no Maxim, cambaleou como se tivesse recebido um golpe e caiu inconsciente! A alongada chama da Luz Perene se apagou! O livro do Maxin desapareceu! Em seu lugar apareceu a forma humana de um Filho da Solitude. Na mão esquerda ele trazia uma espada, na direita uma pena.

"Eis que o dia da destruição que foi profetizado há muitas eras está próximo! Em breve a Atlântida não estará mais ao alcance da luz do Sol, pois o mar engolirá todos vós! Aguardai!"

A assustadora visão desapareceu mas a Luz Perene não voltou a brilhar. O povo fugiu, lamentando-se, deixando o sacerdote desmaiado no chão onde caíra. Quando alguns mais corajosos se aventuraram a entrar no Incalithlon muitos dias depois, encontraram-no no mesmo lugar, morto. Tendo um conhecimento maior, pois por perverso que fosse era o grão-sacerdote, ele soubera, por ser um mago, que efetivamente um poder corretivo viria abater a corrupção de Poseid e destruir o horrendo pecado que escravizava a nação. Diante desse conhecimento, sua alma abandonara o corpo, tangida por um medo desesperado, para não mais voltar.

Mas o estúpido sensualismo das massas, verificando alguns dias depois que nada de terrível acontecera, gradualmente levou o povo a decair ainda mais que antes, pois sacrifícios humanos tornaram-se comuns; a lascívia, a glutonaria e a embriaguez corriam soltas e a mais profunda obscuridade moral envolveu-os estreitamente.

Um homem e sua família que viviam à parte não participavam da devassidão geral. E verdade que ele e sua companheira, como as pessoas comuns, não eram casados, embora vivessem uma relação monogama como certos animais. Seus filhos e respectivas esposas não eram do melhor nível, mas negavam-se a fazer sacrifícios de sangue. Quando o monarca proclamou que todos deve-

riam fazer o culto de acordo com o novo padrão, sacrificando crianças e mulheres, esses homens de gigantesca estatura, cada um deles mais forte do que uma dúzia dos corrompidos escravos do Rai, recusaram-se a obedecer o mandato. Fariam oferendas de frutos e tesouros, mas não de sangue. O pai, Nept, num dia em que se afastara dos demais, teve uma revelação que veio dos Filhos da Solitude -estes nunca tinham se desviado das antigas regras, mas Nept pensou que a revelação era feita diretamente por Deus. Tratava-se de uma repetição da profecia da destruição, mas como o conhecimento da mesma tinha sido negligenciado por muitos séculos, teve para Nept a força de uma nova revelação. Dessa forma ele ficou sabendo da iminente destruição da Atlânti-da e falou com os filhos. Estes então puseram-se a pensar numa forma de escapar. Os vailx eram desconhecidos. Nept e oá filhos não eram bons construtores, mas receberam instruções de Filhos da Solitude que lhes apareceram em forma astral. Assim, esses homens atlantes de melhor qualidade começaram a construir uma grande embarcação. Era desajeitada, mas segura, e tinha espaço para receber várias espécies de animais úteis que existiam na Atlântida; para o ignorante Nept, esses eram os únicos animais da Terra, pois nada conhecia sobre nações no além-mar, mal sabendo da existência das províncias de Incalia e Umaur, pois naqueles últimos tempos as comunicações não eram mais rigorosamente mantidas. Seus vizinhos e amigos zombaram, chamaram-no de blasfemo e acusaram seus filhos de serem loucos. Passaram-se os anos e a grande arca de refúgio cresceu e um belo dia foi terminada. Então Nept e os filhos a estocaram com amplas provisões e tiraram os animais dos cercados onde os tinham prendido nos últimos anos e os levaram para a arca. Na verdade, a maioria dos animais tinham nascido em cativeiro e eram mansos-, Nept tinha trabalhado muito tempo, sem saber quando a terrível profecia seria cumprida. Os preparativos finais foram concluídos a tempo. Poucos dias passaram antes que a terra começasse a tremer de uma forma apavorante. Rios saíram de seus leitos ou desapareceram em enormes fendas na terra; montanhas foram sacudidas e se transformaram em colinas e

"Curvaram suas cabeças tão altas para o planalto".

Uma fenda se abriu perto do barco de refúgio e o rio de cinqüenta milhas de largura, que fluía por ali para o mar, derramou-se com um grande rugido na abertura. A terrível convulsão continuou por três dias. Veio um homem pedindo para ser admitido, mas Nept respondeu.- "Não, tu não acreditaste antes. Eu te dis-

se que esta terra iria afundar no mar e tu zombaste de mim. Agora segue teu caminho e diz a quem encontrares que Nept falou a verdade".

Três dias e três noites de horror. A Morte sobrevoou a Terra, pois as montanhas caíram nas planícies e as inundações ocorreram sem restrição. Na manhã do quarto dia, parecia que a chuva iria afogar tudo, enquanto os trovões e as convulsões não davam trégua. As comportas do céu e do mar ainda não tinham sido abertas, e o continente e, sim, grande parte do mundo, ainda não tinham afundado. As pessoas que ainda não tinham sido destruídas eram miríades e estavam reunidas nos lugares mais altos. De repente, foi como se as fundações do mundo tivessem sido retiradas, pois, com um movimento aterrorizante e universal, as terras ainda não inundadas começaram a afundar. Sem uma pausa nessa nauseante sensação, todas as coisas afundaram, cada vez mais, mais, mais -um, dois, doze pés! Houve então um período de descanso. A chuva que viera como uma cascata, as selvagens rajadas de vento em fúria, o movimento de afundamento -tudo parou, enquanto os homens contavam os minutos. Um, dois, três, nada. As desgraçadas pessoas, escondidas onde puderam encontrar algum abrigo, começaram a respirar com mais alívio - quem sabe a terrível destruição tinha finalmente terminado! Mas não! Um ligeiro tremor pouco perceptível depois da loucura dos últimos três dias e, então, com um rápido mergulho para a morte, o grande continente da Atlântida afundou como uma pedra nas profundezas! Não uns meros doze pés ou cem pés -mas quase uma milha num só trágico impulso!

E quanto a Nept? No meio do terceiro dia, sua embarcação tinha flutuado na direção do oceano numa corrente formada pela inundaçāo e de lá os ventos a impeliram-, e quando a Atlântida sossobrou e morreu, Nept e sua arca açoitada pelos elementos estavam a umas duzentas milhas de distância. Outras poucas pessoas também tinham sido impelidas para o mar e, depois de dificeis semanas, finalmente chegaram ao promontório sul da África, depois vagaram para o nordeste e desembarcaram na costa oeste de Umaur. Ali também a destruição só tinha deixado alguns míseros sobreviventes. Mas foram essas poucas centenas que fundaram a raça que, após povoar aquela terra, foi encontrada por Pizarro, depois de muitos séculos. Assim, aqueles poucos se tornaram muitos. Eles não permitiam sacrifícios de sangue e, como Nept, faziam oferendas de frutos a Incal e retiveram seu nome, modifi-cando-o ligeiramente para Inca, nome que davam a seus dirigen-

tes. Uns poucos sobreviventes aportaram mais ao norte e povoaram a terra conquistada por Cortez, o Espanhol, faz poucos séculos. Esses não tinham aprendido a lição, pois logo que desceram naquelas desoladas terras sacrificaram uma mulher para agradecer por estarem salvos. E Nept? Por muitos dias sua embarcação flutuou nos silenciosos mares e só o rugido da chuva incessante no teto quebrava a quietude. Finalmente a arca encostou em terra. Ele não sabia onde estava, pois era um homem ignorante. Mesmo que não o fosse, o aspecto das coisas tinha mudado totalmente. Quando finalmente desceu e soltou sua carga viva de animais, estava na Ásia, embora não soubesse disso. Aquela terra não tinha sido tão castigada quanto as outras, embora a inundação ainda cobrisse toda a sua parte ocidental. As partes orientais e o que restava da Europa e da América não tinham permanecido inundadas após a rápida retirada do enorme macaréu de mil e trezentos pés de altura, que tinha se precipitado da região da Atlântida como consequência do engolfamento do continente. A cena então se fechou para nós. O grande dilúvio tinha terminado.

Phyris e eu examinamos então outras lases do misterioso passado. Embora não fossem menos interessantes, não entrarão nestas páginas. Rai Gwauxln tinha renascido como Mendocus e Rai Ernon de Suern estava conosco na atualidade como Mol Lang. Sohma era o Filho da Solitude que eu levara em meu vailx para fora de Suern, quando ainda era Zailm. E assim vimos a trama da linha de nossas vidas. Depois vimos o que acontecera com a alma perdida, Mainin, desde as remotas eras em que a Atlântida ainda era desconhecida na Terra, quando ele já era um homem carregado de pecados. Encontramo-lo servindo Satã, um exilado da espécie humana, banido por aquele Filho de Deus, "primeiro fruto daqueles que dormiam (ou tinham reencarnado) ".

Observando, vimos aquele antigo Rai de Poseidon, o da Pedra Maxin e da Luz Perene, o Legislador. Nós o conhecemos como o Cristo, iluminando os homens de então, mais tarde como Buda e depois como aquele maior que Buda, o Nazareno. "Antes que Abraão fosse, Eu sou". Todo aquele em quem penetra e habita o Espírito Crístico torna-se um Filho de Deus, um igual de Gauta-ma; mas ele não penetrará em quem não caminhe pela Senda. Aquele poderoso ser destruirá Mainin. Contudo, vimos que, por Mainin ter cruzado nossa vida no passado, eu fora feito instrumento de misericórdia para com ele pelo Cristo, numa ocasião que ainda estava por acontecer.

Muito antes do tempo de Zaim, observamos uma cena no grande continente da Lemúria, ou Lemorus. Vimos uma grande casa feita de pedra, num extenso relvado numa planície, na qual havia um grande rebanho de gado e estranhos cavalos de pequena estatura, com três dedos em cada pata e quartos dianteiros altos. Na distância, no leste, havia uma cadeia de montanhas azuladas e, além delas, um grande oceano. Entre o relvado e as montanhas brilhava um lago prateado. Dentro da casa haviam muitos serviçais para atender duas únicas pessoas, uma mulher e seu filho. Havia uma sombra em todos os rostos, a sombra do sangue. O filho estava dando ordens a um chefe dos seus subordinados. Esse escravo, mal-encarado, feroz, uma encarnação viva da crueldade, atraiu minha atenção. Sua pele era morena-escura, as mãos pareciam garras. Vestia apenas uma tanga. Tendo recebido suas ordens ele desapareceu, mas voltou logo, arrastando duas pessoas que estavam amarradas e que obviamente eram de uma raça diferente da local. Um dos prisioneiros era um rapaz esguio, ereto, de aparência bastante altiva, cabelos castanhos e feições simétricas; aquela individualidade de vinte e três mil anos atrás agora é Sohma. O outro cativo era uma bela moça, irmã do jovem, pela aparência. Tinha uma beleza delicada, mas voluptuosa. Os ardentes e cruéis olhos, brilhando como carvões acenos por baixo das grossas sobrancelhas do dono da casa, iluminaram-se de admiração ao ver a moça. A complexão pesada, o maxilar forte, tudo contribuía para confirmar sua autoridade de amo da casa. Ele estendeu a mão como se quisesse tocar a cativa. Ela se encolheu de horror e em seguida assumiu uma postura ereta e de rígido desprezo.

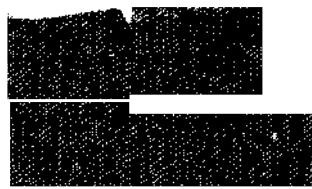
"Ah! Sempre inacessível!" -disse o homem. "Veremos".

Ele fez um sinal para o feitor de escravos, que jogou o rapaz sobre uma espécie de altar, ao lado, e amarrou-o. A vítima disse com firmeza: "Minha irmã, não cedas; deves preferir a morte". Os olhos dela faiscaram com a luz de um grande horror.

"Impeça-o de falar" -exclamou o senhor da casa. O feitor, sem hesitar, cortou-lhe a língua.

"Fera selvagem!" - disse a jovem, dirigindo-se ao senhor da casa.

"Ah!" -respondeu este. "Provarei que isto é verdade". E atingiu o peito do pobre rapaz, de língua cortada, com sua própria adaga e, arrancando o coração, jogou-o aos pés da jovem. Um coágulo de sangue foi retirado e a mãe do mestre da casa -uma sa-



l

Sacrificio lemuriano

cerdotisa - que estava ao lado do altar, pegou-o, examinou-o e depois disse:

"Os deuses dizem que a moça também deve morrer."

"Eles dizem isso? Por todos os poderes, não obedecerei" -gritou o senhor do lugar. "Nem que minhas tropas fracassem e que o Rei seja vencido!"

"Meu filho", -disse a sacerdotisa -"não podes evitar este sacrifício e continuar vivendo, dizem os deuses".

"Não? Então que os deuses sejam servidos. Dá-me aquela faca."

Ele testou o agudo fio da lâmina e depois perguntou, sem tirar os olhos da arma. "Os deuses ainda dizem a mesma coisa?"

"Sim, ainda."

"Amarrem a jovem" -e suas ordens foram obedecidas, embora a jovem tivesse desmaiado. O executor encostou o ouvido no peito dela; um leve sorriso relaxou suas feições e, em sua alma, ele disse -"Ela está morta". Encostando a mão no peito da cativa, endireitou o corpo e disse:

"Aceitai, ó deuses, este sacrifício."

Por um instante a adaga brilhou acima dele e no momento seguinte estava enterrada em seu próprio peito. Foi assim que um coração que não conhecera a misericórdia tinha cedido ao amor; o inflexível guerreiro estava morto. Os deuses queriam sangue, ele oferecera o seu próprio. Que personalidade era a sua? E teria a jovem morrido de horror? Era eu mesmo! E Phyris!

A A A

CAPITULO V

"A DESUMANIDADE DO HOMEM PARA COM O HOMEM"

Mais uma vez o passado já morto revelou outra cena. Eu me vi na pessoa de um escravo malnutrido e maltratado, sempre com fome, infeliz demais para sentir ressentimento. Acabei morrendo de fome e depois tive um devachan de aparente realização de meus desejos. Depois outro renascimento e, por um carma que não deve ser explicado aqui, esse novo homem teve facilidades, riqueza, abundância. Mas um carma físico o perseguia e ele sempre tinha fome em meio à abundância, e sentia preguiça quando a ação era necessária. Esse estado gerou a doença e o produto de sua vida anterior, "a desumanidade do homem para com o homem", causou-lhe um câncer no estômago. Isso matou seu feroz apetite e o sibarita, livre dele, passou a trabalhar para curar-se. Percebendo que iria falhar, procurou consolo na religião e foi para a solidão, para se tornar um eremita. Mas a vida de eremita é inútil para a humanidade. Naquele estado solitário minha individualidade perdeu oportunidades de cultivar a força moral pelo contato mundano e eis que depois da morte voltei à vida como Zailm, fraco o bastante para pecar com Lolix e gerar um carma que durou, com novo vigor, até há poucos anos, punindo-me mais duramente que a morte, como bem sabes. Zailm passou por sofrimentos, mas também teve alegrias. Portanto, todo carma de vida é feito de luz e sombra. "Dente por dente?" Sim! Mas também "Beijo por beijo".

A A A

CAPITULO VI

POR QUE A ATLÂNTIDA PERECEU

Olhando a seqüência das vidas passadas, tornou-se óbvia a razão por que as admiráveis consecuções de Poseid cessaram e não deixaram sinal; por que a Atlântida, que metaforicamente mantinha o mundo iluminado pela luz da ciência, tinha desaparecido sob as águas e se ocultado nas profundas, misteriosas cavernas, para se envolver num desconhecimento maior do que o que tinha escondido Pompéia e Herculano dos séculos subseqüentes.

Decadência natural, diria a história. Nos séculos que se sucederam ao tempo do grande Rai Gwauxln, que foram dez, vinte e mais que vinte, a nação alcançou uma glória ainda maior na mecânica, na ciência e na condição física do que o tempo de Gwauxln conhecera. Os sábios foram descobrindo, um a um, que aquelas coisas, que sempre tinham sido possíveis só através de dispositivos mecânicos, eram realizadas mais facilmente por meios puramente psíquicos; aprenderam que era possível se despojar da carne e ir com o corpo astral onde quisessem, e percorrer com a rapidez da corrente elétrica qualquer distância. Aprenderam que podiam executar ações materiais quando se projetavam dessa forma. Foi então que os métodos mais rudes, como vailx e naim e coisas semelhantes, foram caindo no semi-esquecimento próprio dos Suernis. Exatamente como eles, também as massas de Poseid dependiam do sacerdócio para tudo isso. Poucas mentes mais elevadas podiam penetrar o lado-noite mais profundo da Natureza; a maioria tinha que permanecer nos degraus mais baixos. Foi inevitável que acontecesse a corrupção do poder; havia uma minoria de mestres e uma maioria sem recurso, porque o mestre na arte psíquica é invulnerável às leis físicas impostas por homens menos hábeis que ele.

Foi então, na verdade, que houve o ponto de maturação da Terra e do povo. A pera madura não pode se manter perfeita; em seu centro inicia-se a putrefação, que se espalha para a polpa e em seguida para o resto da fruta. Também em Poseid a podridão começou a partir do centro para fora. Esse centro era a educação do povo. Sempre que as nações da Terra param de edu-

car a nova geração, começa a decadência do povo. Em Poseid, uns poucos tinham alcançado um conhecimento tão alto das forças naturais que a maioria não podia ter esperança de alcançar. Então, descontentes com a educação comparativamente inferior que recebiam, viram todas as suas maravilhas desaparecerem. Por consequência, quase trinta séculos depois de Gwauxln, a raça po-seidana tinha se igualado à raça Suern; porém, uma maior corrupção, sensualidade, paixão e poder tinham se apossado fatalmente do povo mais orgulhoso que a Terra já conhecera. Dificilmente compreendes, ao leres nas escrituras hebraicas a narrativa da destruição das cidades do Planalto, que se trata do relato da morte de Marzeus e Terna, destruídas pelas forças do Navaz que elas não sabiam mais controlar. Aquela destruição foi o aviso da morte do continente, que ocorreria *nove* séculos depois. Oh! Poseid subira a alturas que nem os mais ousados sonhos da ciência previram para o mundo moderno; subiu, floresceu e decaiu, na plenitude dos ciclos do tempo. A América é Poseid rediviva, reencar-nada, e verá seus cientistas repetirem, num plano ainda mais alto, as consecuções da Atlântida. Com o passar dos séculos, ela verá as sucessivas encarnações das almas que fizeram a Atlântida orgulhosa, tremendamente orgulhosa. E íará ainda mais, pois a América desenvolveu aquele elemento-alma que, quando seu povo era poseidano, foi traçado pela primeira vez. E assim, pela repetição, fará mais - terá todas as maravilhas da Atlântida fundidas com a gloriosa alma prevista pelo Homem de Nazaré. Ela florirá muito e quando cumprir seu tempo, decairá. Entretanto, isso não acontecerá antes quatro e meia décadas centuriais.

A A A

CAPITULO vn
A TRANSFIGURAÇÃO

Eu poderia apresentar muitas outras cenas de diferentes vidas. Mas estas já bastam. Voltemos para o presente.

A reunião dos semi-egos é um acontecimento em que, após a forte prova da Grande Crise, as almas dos elementos feminino e masculino alcançam o mesmo plano; ambas são perfeitas. É este o casamento feito no céu. E ocorre que cada uma pensa, quer e expressa-se da mesma forma e simultaneamente; os dois alter egos tornam-se um, possuindo um aspecto feminino, negativo, e um aspecto masculino, positivo. Esses dois potenciais se unem e recebem o Espírito, ou EU SOU, que é indivisível e que ilumina as duas almas igualmente. Essa é, pois, a união final. Physis sou eu, vivendo, sendo imanente, e transmitindo esta mensagem comigo; ela sou eu e, contudo, é misteriosamente ela mesma! Da mesma forma, eu sou ela e ao mesmo tempo sou eu. Eu falo e é ela quem fala; ela fala e sou eu quem fala; pois somos um ser, um espírito, androgino, perfeito. Mas não perfeito como o nosso Pai, pois Ele é perfeito como Ser Incondicional, enquanto nossa perfeição é a de uma parte, porque somos todos parte de Deus, mas Ele não é parte de nenhum de nós. Se isto não fosse verdade, então nossa obtenção da perfeição, a obtenção de Jesus dessa perfeição, ou a de qualquer filho do Pai, encontraria a aniquilação em sua realização. Mas só a alma que peca é lançada à segunda morte, presa à ronda de Sísifo até que tenha êxito. A perfeição pode ser incondicional em todos os respeitos, exceto pelo fato de que não é aquela do Todo. E porque todos nós somos partes, somos eternamente atraídos para o Pai, que é a soma de todas as partes. E somos sempre atraídos para as outras partes, tanto para as que são iguais como para as que são menores. E porque a parte é constantemente atraída para a soma, não há morte, a não ser quando desafia e abandona a ligação com o Todo. A perfeição de uma parte a aproxima do Todo e a perfeição do Todo O compelle a depender de cada uma de Suas partes. Pode haver mudança; não há morte. E pode haver extinção da personalidade; a alma que erra pode perecer e ela e suas ações serem aniquiladas, mas o Espírito do Pai não morre. Se desejas que tua alma

tenha a vida eterna; se não desejas que tua alma, esse produto de incontáveis eras, perca-se na Segunda Morte, e tu, filho de nosso Pai, sejas condenado a recriar outra alma para apresentar diante do Senhor como uma oferenda aceitável, então, submete-a, submete tua alma, redime-a para Deus através de Jesus Cristo, nosso Senhor, reconhecendo que ela é Dele e Lhe foi dada por Deus, feita por ti para servir o Criador. Se fizeres tua alma servir-te em Seu serviço, tê-la-á eternamente. Mas se a servires, tu a perderás e terás de formar outra no decorrer das próximas eras.

Seguirás então a Senda que, como te indiquei, leva ao Reino? Deves estar seguro de ti mesmo antes de abraçares o estudo do oculto, para que ele não se mostre uma verdadeira Ponte de Mirzah, cheia de armadilhas fatais. Melhor renunciar à Sabedoria Secreta do que fracassar, pois é estreita a porta e o caminho que leva ao Ser e são poucos os que o encontram.

Julgas conhecer-me? Uma boa árvore não pode dar maus frutos, só a má árvore. Pretendes me abater e me jogar no fogo, a mim que testemunho o Espírito? "Nem todo que clama "Senhor, Senhor", entrará no Reino dos Céus, e sim aquele que faz a vontade de meu Pai no Céu". O tempo é curto.

Estas são minhas palavras. A paz esteja contigo.

A A A

NOTA DO AUTOR

Amigos, treze anos se passaram desde que as palavras deste livro foram ditadas; a publicação do mesmo foi propositalmente adiada para que as afirmações nele contidas adquirissem mais peso pelo cumprimento de muitas de suas predições; predições que naquela época não tinham comprovação e além disso foram consideradas químéricas pela ciência. A profecia seria impossível num universo sem Deus; e se a vibração não fosse a lei das leis, nenhuma mente poderia entrar em sintonia com o Criador e qualquer de Seus ministros; cada ser vivo é um ministro da criatura que lhe é imediatamente inferior. O dia de hoje é testemunho da fé daqueles que acreditaram serem minhas palavras marcadas pelo conhecimento; grande número de predições se realizaram; todas as outras se realizarão. E por isso hoje, na metade do último ano do século, acrescento

O PODEROSO CLÍMAX

É chegada a Divisão do Caminho; a Hora da Meia-Noite do Ciclo, Que Mais que Qualquer Outro Formou o Grande Divisor da Vida, Acaba de Soar. Quando comecei a ditar este livro, ainda faltavam, por assim dizer, alguns segundos para o término do Sexto Dia. Mas agora, faz alguns segundos, foi realizada a iniciação das palavras Daquele que está sentado em seu trono: "Eis que renovo todas as coisas". Chegou a Hora. Agora "aquele que venceu herdará todas as coisas e eu serei seu Deus e ele será meu filho". Esta é a mensagem para aqueles que puseram as mãos no Arado e os pés no Campo de cultivo e *não olharam para trás, durante o Sexto Ciclo.* "Quanto aos covardes (uma pausa entre duas opiniões) e os descrentes (em tudo que esteja acima das coisas terrenas, finitas), e os abomináveis, os assassinos, os servidores da paixão e da lascívia, feiticeiros, idolatras e mentirosos, sua parte é (o Grande Carma do Mundo) a segunda morte". Enquanto as tolas saíram para comprar óleo, o noivo chegou e os que estavam preparados entraram na festa com ele e a porta foi fechada. Quando as virgens tolas voltaram, a porta não lhes foi aberta. Amados amigos, lembrai destas palavras ditas pelos apóstolos do Cristo; na Ultima Vez antes do fim da Era "haverá os que zombam, perseguindo seus desejos ímpios (6). Esses verdadeiramente blasfe-

mam contra coisas que não compreendem; mas naquilo que conhecem naturalmente, como os animais irracionais, são corrompidos (16). São aqueles que se separam na Divisão do Caminho, tomando a direção do finito, destituídos do Espírito (7), e são usados como exemplo, tendo que suportar a justiça retributiva do fogo que encerra uma era".

Muitas foram as referências à América como sendo a Atlântida renascida; muito foi dito, de forma geral, sobre o início, o crescimento e a destruição daquele antigo protótipo; foi feita em diversos pontos uma insinuação, mais por inferência que por afirmações específicas, no sentido de que a América deve ser igual e até maior que a Atlântida e, sendo a Atlântida que retorna num plano mais elevado, deve sofrer seus infortúnios e não só gozar as suas glórias. A penalidade imposta a Poseid foi a sentença máxima naquela Era. Séculos após séculos se passaram na majestosa marcha do Tempo, desde que a luz do Sol pousou sobre a infindável vastidão do oceano onde até poucos dias antes estivera a regia Ilha-Continente. Mais um ciclo tinha chegado ao fim, tendo soado sua última hora. Tudo que é imperfeito no Sexto Dia que acaba de se encerrar, é trazido a julgamento, de maneira solene, ponderada, mas inexorável; julgamento pautado pelo padrão da Verdade. Nenhuma mácula pode ter a esperança de se manter diante dele. Nada mais pode ser corrigido de modo a escapar da penalidade cármica, pois o selo do tempo decorrido o impede. "Aquele que agiu injustamente, que continue injusto, que o imundo permaneça imundo; aquele que agiu com correção, que continue correto, e o santo que continue santo. Venho sem demora, e a recompensa está comigo, para dar a cada um conforme suas obras". O Grande Carma infalivelmente impele o causador do mal ao ponto atingido antes que as forças animais rebeladas assumissem o controle do humano. Portanto, aqueles que no Sexto Ciclo perderem a supremacia sobre seu eu inferior, não terão um lugar no Sétimo. Nos últimos anos do ciclo ora encerrado, aquele que abandonou sua esposa desamparada, na realidade, abandonou seu direito de nascer na Nova Era. Outro, sendo de vontade fraca, procurou afogar as mágoas na bebida, mas só afogou os méritos de sua alma. Uma esposa foi infiel aos seus votos; a Porta do Novo Tempo fechou-se para ela. O que o ladrão rouba? Apenas as recompensas de sua vida. Há o que matou outro e assim apagou seu nome da lista de chamada do DIA DE HOJE. Outro jurou manter uma promessa e quebrou o juramento muitas vezes; neste Novo Dia, depois que a sepultura reclamar seu ser físico, ele não despertará, por ter lhe faltado força de vontade. Um homem foi en-

terrado com honras, após ter impiedosamente engordado sua conta bancária as expensas de seu próximo; teve um mausoléu tão rico quanto o ouro pôde pagar, mas embaixo dele ficaram enterradas suas esperanças de ressurreição. Aquela vendeu o corpo; vendedora e comprador formam uma dupla pecaminosa nas catacumbas do Passado, de onde não sairão para ver a luz do Presente até que, depois de muitos ciclos, "a morte e o inferno liberem seus habitantes". Esse é um rápido vislumbre do Registro Encerrado. Voltemos a página. Vemos alguém que agiu com amor; os que amam e se doam vivem por todos os dias, para sempre. Outro sorriu quando o sorriso representava um ato heróico, trazendo ânimo às almas desalentadas; aquele visitou doentes e prisioneiros; este vestiu um estranho que estava nu; aquela deu metade do último alimento que tinha a um cão faminto. Em verdade, todos esses receberão sua recompensa no Dia que está raiando. Os maus não são totalmente maus, nem os bons são totalmente bons. Aquela que viveu uma existência vergonhosa, mas manteve a esperança em coisas melhores ardendo em seu coração e aguardou a morte como uma libertação, porque os homens não

"Viram além da sombra dos últimos impuros anos O longínquo planalto onde brilha uma rádios a luz"

em verdade ela será punida e renovada, na glória do Hoje; mas a punição é uma difícil prova e leva tempo. Assim como o Grande Carma se aplica a ela, aplica-se a outros, pois ele é a misericórdia do Cristo que cura todas as feridas da alma.

Durante muitos e muitos séculos a profecia falou do fim da Era como de um inimigo terrível e pintou pavorosas cenas de horror. Terei vindo para dizer que todas essas previsões falharão? Que o Apocalipse é uma simples alegoria? Antes fosse! Assim como a era de Poseid foi tragicamente encerrada, assim também esta que acaba de passar deve ser encerrada. Enfrentará a América, a gloriosa, junto com o resto do mundo, idêntico destino? Ah, será pior, embora não pela água nem pelo fogo. Será tudo exterminado, deixando o planeta em ruínas? No final do período de total obediência e da chegada da total harmonia com a lei divina, será aplicado o castigo; nenhuma palavra poderia descrever os acontecimentos. Esta é a Mensagem do Fim da Era:

"O dia da vingança está em meu coração e o ano de minha redenção está próximo" - Isaías. "Eis o dia. . . que queima como um forno" - Malaquias.

Soou a Hora. Contudo, em tudo isso há um mistério, nenhuma penalidade sobrenatural, nenhuma aflição caprichosa por parte de um Deus pessoal ofendido, nada de "necessidade do homem, oportunidade de Deus". Tudo é produto do próprio homem. Ele se afastou do Caminho e substituiu a natureza Divina nele, que deveria ter reverenciado e nutrido, pela adoração do seu Eu e de Mammon; expulsou o Amor e colocou a violência, o desejo e a cobiça e todo o rebelde animalismo no governo de sua vida. *O homem é seu próprio juiz e executor.* O homem é o tipo, o universo é a impressão; a natureza segue o padrão do homem, não o homem o padrão da natureza. Ele, sendo um ser dotado de livre-arbítrio, tornou inevitáveis todos os sofrimentos do julgamento iminente; ele deve suportar as consequências, colher o que plantou.

Ó, Homem! Esquecido do Amor, da Misericórdia, do Direito; criador do Ódio, da Crueldade e da desumanidade que fez e ainda faz milhões chorarem, é possível que tenhas estado cego ao que está escrito nos muros? Sim, é verdade! Desmedido é o espírito do egoísmo, da cobiça e da busca implacável de lucro; sua mão guia os trens e navios, bate nas teclas dos telégrafos, opera telefones e cabos, torna a liberdade de expressão uma farsa, acorrenta a imprensa para que só divulgue o que não ofenda seu senhor; toda empresa humana, todas as políticas nacionais e comitês internacionais, todas as coisas, inclusive as igrejas, são vassalos conscientes desse demônio, o EU. E qual o resultado? Ruína por todos os lados, com a raça humana e as criaturas inferiores vitimadas por ela. Os pedreiros que fazem um alto muro gritam quando um tijolo cai: "Afastem-se!"

Sim, é preciso afastar-se, o mundo está caindo! Não torneis mais numerosas as injustiças raciais e individuais que já clamam por expiação; já é difícil avaliar o Grande Carma sem que se aumente seu aparentemente infindável comprimento. Aflitos homens e mulheres, meninos e meninas, livres só de nome, estão ameaçados de inanição. Famintos, com frio, mal vestidos, a maioria sem teto, vendo negada a oportunidade de trabalhar por mais que o desejem, pois as máquinas das grandes companhias competem com eles e os esmagam com monopólios e trustes. Este desumano quadro é a regra, não a exceção. Sabeis disto muito bem. Nada digo de novo a este respeito, pelo contrário, os terríveis fatos foram minimizados e não exagerados por mim. Todas essas coisas, embora num grau muito, mas muito menor, foram assim no final de cada era, foram assim em Poseid e agora estão se re-

petindo. Mas nunca serão assü\
TECE A DIVISÃO DO CAMINHO¹⁸ d'fatera> Pois ^Qm ^CON-
breviverão os da Sexta Era. MT"1 !e,d sobreviveu; também so-
colheita e não haverá nenhuiu , d o , tempo a Ceifeira fará sua
irredutíveis de coração. Mas & "gar de refúgio¹⁰ Para os que são
contrário nenhuma carne perT* duracao sera abreviada, pois do
do das hostes armadas deve s^{nan}«f»a viva- Afastai-vos! O rugi-
dos tempos. Não há mais or> sucedf aos poderosos resmungos
que chega (embora possa pa de de evitar a retribuição
as causas fizeram seu trabalho?"? ^vidamente adiada), pois dificar o
resultado no desvio d? *; tarde demais inclusive para mo está no leme. Um
breve mas C direcao aquele Espírito cuja mão da imaginação, já começa a
tir/tnenSO conflito> sanguinário além citos treinados, milhões de hq^{8!!!} vermelho o
horizonte. Exér-do a febre da guerra, em brev!menS o* ativa e da reserva, sentin-rão
junto com seus entes que⁶j° tempo e relativ «) se submete-magados sob o tacão
dessa c"dos a Serem estrangulados ou es-que, sendo meramente o frum^{o1sa}
organizada chamada Capital, deixa de ser um princípio an^{natura}j° egoísmo, nem
por isso poucos a serem senhores de C**/ sedeloso> compelindo alguns na
segundo a qual todos os i^{uaos} negando a declaração divi-transformando-a
numa giganter^{5"16"5} São cnados livre s e iguais, dos treinados se voltarão com
mentra_ L^og^o milhões de solda-ricos e prósperos em termos m^{jCUS}
^Presentantes visíveis, os mais responsáveis do que ser"nC^{anOS} que na "«lidade
não são Força que está por trás de toq SCUS atacante's pela Inexorável tarde,
eles se dividirão em banl^o emp^{re}ndimento humano. Mais ção de tendências
ismaelitas, c* sem *ei> voltados para a satisfa-contra seus semelhantes.
Entã[^] m^{po} de cada um e¹⁴ armada egoísmo, cultivados por eras de ° °T^u contido> a
selvageria e o ne animalismo, se abaterão CQ egotismo governado por um infre-
mundo em nenhuma das eras mo Uma torme^{nta} jamais vista no das por
incontáveis milhares q^{ue} pude examinar; eras esqueci-início àquilo que, com a
NaturJ anOS - *f se conflito odioso dará rá um ser vivo onde agora há r*.
com Pj^{etan}do a obra, só deixa-após o conflito humano virão t , ^ apidii e
^Piedosamente, da a Terra, quando ninguém f^encias sem paralelo varrer to
até que o mal esteja terminado⁶ delCra para enterrar
tos pelas pestes serão milharef nem mesmo entao. P^ois os mor Tudo isso porque
o amor que | pafa Cada morto P⁴^ violência, ção dos homens, fazendo-os * ena
enfeitar e suavizar o cora-secou e tornou-se uma farsa nc^{^!!!}! Por todos e todos por
UI! «. xando apenas alguns oásis esa,,?TM¹ do Clelo 9^{ue} terminou, dei-outros. A
os mortos

Natureza segue o hcC °f^{multo} ^^tcs uns dos
item. Portanto, as águas da Terra

secarão, as chuvas serão interrompidas, ciclones se abaterão e virá um terremoto como jamais houve desde que o homem surgiu na Terra; sim, estou lembrando de Poseid, mas tudo isto ocorrerá por causas exclusivamente naturais, em consonância com o egoísmo, a lascívia, a cobiça, o ódio e a depravação geral do Tipo. Assim como esses sentimentos ardem no coração humano, assim também o ar, seco e sem qualquer umidade sob os céus, desenvolverá os calores solares mais violentos da história. Na terra queimada, quente como uma fornalha, montanhas de mortos se elevarão e as pestilências grassarão sem controle. O vós! Cegos ao que está inscrito nos muros, palavras que ainda brilham, embora tenham sido escritas para um ciclo que já passou. É preciso ler, enquanto a última badalada da meia-noite ainda soa.

Os discípulos perguntaram ao Grande Mestre: "Mestre, quando acontecerão estas coisas"? E ele respondeu: "... Quando Jerusalém estiver cercada de acampamentos, então sabereis que a desolação está próxima... Pois esses serão os dias da vingança, para serem cumpridos por todos os julgamentos".

Amigos, sabeis o significado do nome Jerusalém? Que ele significa "Visão de Paz"? Pois esta é a verdade. Com o passar do tempo, todos os sinais do fim da Era foram cumpridos, menos um; mas esses foram somente "o começo das aflições", pois o Espírito da Liberdade ainda habitava, aqui e ali, no coração dos que amavam seu próximo. O Espírito envolveu-se nas glorioas dobras da bandeira de Listras e Estrelas e proclamou a imperecível declaração da igualdade humana, concedendo a todos a liberdade que os americanos tinham exigido para eles mesmos. Mas agora a "Visão da Paz" está finalmente cercada por exércitos, com o último espaço livre sendo ocupado com *soldados de uniforme azul* colocando à força os grilhões de Mammon em povos indígenas das ilhas tropicais. Ah, a Bandeira Estrelada está tristemente erguida a baixa altura por sobre o direito à liberdade vendido por um prato de sopa. Meu Povo, ó meu Povo! O que semeastes, deveis colher. A Visão da Paz Espiritual foi totalmente obscurecida pelo pó dos exércitos acampados. "E então virá o fim".

"Afastai-vos! Buscai o abrigo daquela Cruz."

Em todos os tempos de expiação, deverão os que nunca pensaram no mal sofrer? Ah, nunca pensaram no mal... Em todas as vidas, sejam elas de ateus, crentes ou meros ignorantes de qualquer doutrina, sempre chega um tempo em que o Espírito inter-

no implora à alma que se eleve. Suplica reiteradas vezes, enquanto existir a mais tênue esperança. A omissão também requer punição. "Como escaparemos se negligenciamos tão grande salvação?" foi um eco ouvido por toda a Era passada. O fogo queima os dedos de uma criancinha tanto quanto os de um adulto. Houve e há os que vivenciaram e vivenciam a Cruz. Esses não sofrerão, mesmo que a morte do corpo os arrebate; eles não têm carma a ser expiado. /

O que é a Cruz? O que é Cristo? Eu o disse há muito tempo e vou repetir:

O Divino rio da Vida, o Indefinível Deus, esse é o braço mais longo da Cruz Viva. A Vontade Humana dirigida, dotada de propósito, é o braço mais curto da Cruz. Esse poder da vontade é que nos permite chamar o Seu Nome, que nunca deixa de responder. Jesus, o Homem de Nazaré, deu-nos o padrão. Ele sacrificou o Eu por nós. E disse: "Segue-me", e também que "Aquele que desejar seguir-me que renuncie a *si mesmo*, tome *sua* cruz e me siga". Esse Eu renunciado é o Eu inferior, o ser animal. Todos os animais estão presentes no homem. Nenhuma hiena é mais traiçoeira, nenhum tigre tão feroz, nenhum javali tão brutal, nenhuma doninha mais destrutiva; nenhuma criatura animal é tão perfeita em sua natureza particular quanto o homem quando faz com que se rebelam todas essas características animais dentro dele. Isso porque sua alma está escravizada ao animal, que é apenas força não dirigida, exista ou não em um corpo. Dirigida, guiada pela vontade, deixa de ser animal. Mas ao ceder a esse direcionamento, deve renunciar à sua liberdade sem lei, algo que nunca é agradável e freqüentemente é doloroso. Sempre representa um sacrifício. Seu símbolo é a Cruz. Ele sacrificou-se por nós na Cruz do Incessante e Divino Fluxo que contém todas as coisas e flui, ninguém sabe de onde para onde. Eu não procuraria diminuir o Calvário - é muito, muito real e um grande e eterno fato! "Segue-me". Nessa mesma Cruz, a cada dia, a cada momento, usando nossa vontade como Ele ensinou, para podermos crescer e ser semelhantes a Ele, devemos sacrificar nosso Eu, sacrificar o animal em nós, ou seja, no serviço de Deus nunca devemos deixar de dirigir essas forças errantes que, quando soltas sem rumo, transformam a Terra num verdadeiro inferno e suplantam o Amor pelo Eu. Está escrito que "uma criança os liderará". Em verdade, a "criancinha" do Espírito no Novo Tempo reinará sobre as tendências animais do homem e este será capaz, como Quong, o chinês, de dominar qualquer animal exterior a ele. Esse é um vasto po-

der. E por causa dele, no Novo Tempo nenhuma fera, em forma humana ou animal, ou em forma aparente como uma forte tempestade ou uma doença, terá liberdade para fazer o mal.

Quando o Espírito no Homem chegar à sua maturidade, "ele comandará com uma vara de ferro" essas rebeldes forças. Ele as comandará para o bem delas; afastá-las-á como Quong afastou o puma antes que fizesse o que pretendia. Ele destruirá o animal até então indomado, convertendo-o através da Cruz num servidor do Pai. Todas as coisas devem tornar-se novas HOJE, porque em breve as condições mudarão tanto que o antigo nada encontrará na Natureza, e em outras partes, que ceda a seus antigos pode-res.

Neste exato ponto, entre todos, não serei vago ao me expressar. O Sétimo Ciclo é o do Espírito. A existência no HOJE exigirá olhos e ouvidos espirituais e que todos os sentidos sejam elevados às Alturas. Nem os meios de lidar com a Natureza serão grosseiros, tornando-se como os de Hésperus, e só serão manuseados por aqueles que, usando a Cruz em todos os atos da vida, nunca se desviarem do caminho, jamais cometendo o menor erro mesmo que disso possa advir o bem, sabedor de que ele nada traz além de dor e punição. Ninguém pode se perder, mesmo os que fazem o mal, pois Deus não desperdiça. Ele converte todas as coisas, elevando-as do mais baixo para o mais alto, inexorável e firmemente. Alguns devem suportar a justiça retributiva do Grande Carma; sim, a maioria deve vivenciar em maior ou menor grau esse fogo da transfiguração; a ira de Deus é a severidade do Amor.

Então virão os tempos em que "todas as coisas serão renovadas". E o que pensais que isto seja? A América, e o resto do mundo, será mais gloriosa do que jamais sonhaste. Sim, em verdade Ela não terá a grande população que os técnicos em censo imaginam. Haverão poucos onde haviam muitos, dezenas em lugar de milhares. Mas a grandeza e a magnificência não estão na quantidade; lembrai os salenses e o Rai Ernon; quem era maior, o Rai ou aquela malfadada hoste? Contudo, nenhuma alma se perderá; Deus tem lugar para todas elas.

Está escrito que depois de mil anos Satã será solto por um curto período. Isto é bom, pois a Raça possuidora de tão espantosos poderes, embora pequena, será o povo; contudo haverão alguns que terão obtido esses poderes apenas pelo intelecto; estes abusarão de seus privilégios, por não possuírem o Espírito; esses peca-

dores serão atacados pelo Perfeito no Mal, para que o karma os sobrepuje. Tendo recebido muito, muito deverão dar, portanto sua expiação cármica será mais intensa do que seja possível descrever com palavras.

A ira de Deus é a severidade do Amor. Tudo será convertido de inferior em superior.

*Em época por vir, uma glória resplandecente,
A glória de uma raça feita livre e pujante.
Vista por poetas, sábios, santos e videntes,
Num vislumbre da aurorainda distante.
Junto ao mar do Futuro, uma praia cintilante
Onde cada homem seus pares ombreará,
em igualdade, e a ninguém o joelho dobrará.
Desperta, minh'alma, de dívidas e medos te desanuvia;
Contempla da face da Manhã toda a Magia
E ouve a melodia de prodigiosa suavidade
Que para nós flutua de remota e áurea graça —
E o canto coral da Liberdade
E o hino lírico da vindoura Raça.*



BIBLIOTECA ROSACRUZ

A Biblioteca Rosacruz consiste em muitos livros interessantes que vão relacionados nas páginas seguintes e que podem ser adquiridos na Seção de Suprimentos

da

GRANDE LOJA DA JURISDIÇÃO DI;
LÍNGUA PORTUGUESA, AMORC
CAIXA POSTAL 307 80001-
970 - CURITIBA - PARANÁ

**GRANDE LOJA DA JURISDIÇÃO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

RELAÇÃO DE LIVROS

PERGUNTAS E RESPOSTAS ROSACRUZES (COM
A HISTÓRIA COMPLETA DA ORDEM ROSACRUZ,
AMORC)

H. Spencer Lewis, F.R.C., Ph.D.

MANSÕES DA ALMA

H. Spencer Lewis, F.R.C., Ph.D.

LUZ QUE VEM DO LESTE

Mensagens Especiais Rosacruzes (em 4 volumes)

ANTIGOS MANIFESTOS ROSACRUZES Joel
Disher F.R.C.

ALGUMAS REFLEXÕES MÍSTICAS G. R.

S. Mead

INTRODUÇÃO À SIMBOLOGIA

O UNIVERSO DOS NÚMEROS

JACOB BOEHME-O PRÍNCIPE DOS FILÓSOFOS
DIVINOS

LUZ-VIDA-AMOR

(Mensagens de H. Spencer Lewis, F.R.C, Ph.D.)

O HOMEM - ALFA E ÔMEGA DA CRIAÇÃO (em 4
volumes)

GLÂNDULAS - O ESPELHO DO EU

Onslow H. Wilson, F.R.C, Ph.D.

O RETORNO DA ALMA

O LEGADO DO SABER

Max Guilmot, F.R.C.

SAÚDE

CÓDIGO ROSACRUZ DE VIDA
Christian Bernard, F.R.C.

O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO
Horatio W. Dresser

FRAGMENTOS DA SABEDORIA ORIENTAL (em 3 volumes)

A VIDA MÍSTICA DE JESUS H.
Spencer Lewis, F.R.C, Ph.D.

MOMENTOS DE REFLEXÃO
Charles Vega Parucker, F.R.C.

CONHECE-TE A TI MESMO (em 4 volumes)
Walter J. Albersheim

ALESSANDRO CAGLIOSTRO (em 2 volumes)
Ana Rímoli de Faria Dória

INICIAÇÃO À ASTRONOMIA (em 2 volumes) S
Euclides Bordignon

A VÓS CONFIO

A VERDADE DE CADA UM ,
João Mansur Júnior, F.R.C.

AS GRANDES INICIADAS
Hélène Bernard

DOCUMENTOS ROSACRUZES

O PROCESSO INICIÁTICO NO EGITO ANTIGO Max
Guilmot

O ROMANCE DA RAINHA MÍSTICA Raul
Braun

A VIDA ETERNA
(Baseado nos escritos de John Fiske)

OS SONHOS Phyllis
Pipitone X

ARTE ROSACRUZ DE CURA A DISTÂNCIA E
CHAVE PARA A ARTE DA CONCENTRAÇÃO E DA
MEMORIZAÇÃO
H. Spencer Lewis, F.R.C., Ph.D. e Saralden

VOCÊ MUDOU?
Charles Vega Parucker, F.R.C.

REALIZAÇÃO ESPIRITUAL Gary
L. Stewart, F.R.C.

EDUCANDO PARA A IMORTALIDADE Ana
Rímolli de Faria Dória, F.R.C.

AERADE AQUARIUS
Ary Mediei Arduíno e Rosângela A. G. Alves Arduíno

AUTODOMÍNIO E O DESTINO COM OS CICLOS DA VIDA H.
Spencer Lewis, F.R.C. Ph.D.

MANUAL ROSACRUZ
H. Spencer Lewis, F.R.C. Ph.D.

PRINCIPIOS ROSACRUZES PARA O LAR E OS NEGÓCIOS H.
Spencer Lewis, F.R.C. Ph.D.

AS DOUTRINAS SECRETAS DE JESUS H.
Spencer Lewis, F.R.C. Ph.D.

A DIVINA FILOSOFIA GREGA
Stella TeUes Vital Brazil, F.R.C.

O ESPÍRITO DO ESPAÇO
Zaneli Ramos, F.R.C.

ANSIEDADE - UM OBSTÁCULO ENTRE O HOMEM E A
FELICIDADE Cecil A. Poole, F.R.C.

LEMURIA, O CONTINENTE PERDIDO DO PACIFICO W.
S. Cervé

ENVENENAMENTO MENTAL H.
Spencer Lewis, F.R.C., Ph.D.

MIL ANOS PASSADOS
H. Spencer Lewis, F.R.C., Ph.D.

VIDA SEMPITERNA
Marie Corelli

HERMES TRISMEGISTO

A MAGIA DOS SONHOS
Adilson Rodrigues

ALQUIMIA MENTAL
Ralph M. Lewis

AS MANSÕES SECRETAS DA ROSA-CRUZ
Raymond Bernard

UMA AVENTURA ENTRE OS ROSACRUZES
Franz Hartmann

INTRODUÇÃO À PARAPSICOLOGIA Pedro
Raul Morales

ESCLARECIMENTO

Devido aos freqüentes pedidos de esclarecimento sobre a Ordem Rosacruz, AMORC, e as obras que ela publica, aproveitamos este espaço para informar que a Ordem é uma organização tradicional não-sectária, dedicada ao estudo e à aplicação construtiva das leis naturais que regem a vida humana, com vistas ao auto-aprimoramento de cada indivíduo. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos, assim reconhecida no mundo inteiro. Desde 1915, ano de seu ressurgimento para um novo ciclo de atividades externas, ela vem se desenvolvendo e realizando sua obra em todos os continentes, contando hoje com elevado número de estudantes.

Dada a natureza de sua própria filosofia, a Ordem se exime de toda discussão ou atividade de caráter político, deixando aos seus Membros a livre escolha pessoal nessa área.

Analogamente, recomenda que seus estudantes reflitam com mente aberta sobre os ensinamentos rosacruzes, mas tirem suas próprias conclusões, rejeitando livremente aquilo que não esteja em consonância com suas convicções pessoais. Assim, a afiliação rosacruz não faz objeção às convicções e práticas religiosas do estudante, que permanece livre para decidir a este respeito.

O símbolo tradicional da Ordem Rosacruz - uma cruz com uma única rosa vermelha no centro - não tem significado sectário ou religioso, pois a Ordem não é uma seita nem uma religião. Seus ensinamentos, que não contêm dogmas, abrangem o conhecimento prático das leis naturais, principalmente psíquicas e espirituais, aplicáveis ao desenvolvimento e aperfeiçoamento do ser humano.

As obras publicadas pela Ordem, na Biblioteca Rosa-cruz, tratam dos mais diversos assuntos, a maioria dos quais refere-se a questões filosóficas, psicológicas, espirituais, místicas, esotéricas e tradicionais.

Os autores assumem inteira responsabilidade por suas idéias, como opiniões pessoais, mesmo em se tratando de altos representantes da Ordem. Podem, portanto, escrever sobre assuntos que não estão incluídos nos ensinamentos rosacruzes e, ao fazê-lo, exprimem uma interpretação puramente pessoal.

Julgar a Ordem Rosacruz, AMORC, ou comentar seus ensinamentos, suas preocupações e atividades, a partir das obras destinadas ao público, pode conduzir a conclusões parciais e errôneas. Essas obras não representam, necessariamente, a posição oficial da Ordem sobre os assuntos de que tratam.

Aqueles que desejarem conhecer a proposição de estudo e desenvolvimento pessoal feita pela AMORC, a fim de considerarem sem compromisso sua conveniência de se afiliar à Ordem, poderão solicitar o livreto informativo gratuito "O Domínio da Vida", escrevendo para:

Ordem Rosacruz, AMORC
Caixa Postal 307 80001-
970-Curitiba-Pr

